

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
JOÃO HENRIQUE STUMPF

**DIACONIA DO ENCONTRO:
O FENÔMENO DO ENCONTRO DA COMUNIDADE COM CONTEXTOS DE
SOFRIMENTO COMO ACONTECIMENTO PRIVILEGIADO PARA O DESPERTAMENTO
DA SENSIBILIDADE E CONSCIÊNCIA DIACONAL**

São Leopoldo

2021

JOÃO HENRIQUE STUMPF

DIACONIA DO ENCONTRO:

**O FENÔMENO DO ENCONTRO DA COMUNIDADE COM CONTEXTOS DE
SOFRIMENTO COMO ACONTECIMENTO PRIVILEGIADO PARA O DESPERTAMENTO
DA SENSIBILIDADE E CONSCIÊNCIA DIACONAL**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Pessoa Orientadora: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S934d Stumpf, João Henrique
Diaconia do encontro : o fenômeno do encontro da comunidade com contextos de sofrimento como acontecimento privilegiado para o despertar da sensibilidade e consciência diaconal / João Henrique Stumpf; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.
391 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2021.

1. Diaconia - História. 2. Sofrimento. 3. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - História. I. Gaede Neto, Rodolfo, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOÃO HENRIQUE STUMPF

**DIACONIA DO ENCONTRO: O FENÔMENO DO ENCONTRO DA COMUNIDADE
COM CONTEXTOS DE SOFRIMENTO COMO ACONTECIMENTO
PRIVILEGIADO PARA O DESPERTAMENTO DA SENSIBILIDADE E
CONSCIÊNCIA DIACONAL**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 13 de agosto de 2021

PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (PRESIDENTE)
Participação por webconferência

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (EST)
Participação por webconferência

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (EST)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a MARCIA ELIANE L. DA PAIXÃO (UFSM)
Participação por webconferência

PROF. DR. ARNO VORPAGEL SCHEUNEMANN
Participação por webconferência

AGRADECIMENTOS

Uma multidão de pessoas estão nos bastidores desta pesquisa. Algumas contribuíram diretamente, participando ativamente das discussões apresentadas nesta tese, outras contribuíram indiretamente, participando da minha vida nesses últimos quatro anos. Porém, todas, sem nenhuma exceção, foram absolutamente importantes para a execução de cada etapa desse trabalho.

Manifesto minha mais profunda gratidão a todos os meus amigos e minhas amigas, sem os quais não seria possível suportar o peso dos dias difíceis, tampouco celebrar a alegria dos dias festivos. Agradeço de forma especial o Henrique Echeverria e o Henrique fake, a Bina, a Jaia, o Célio, o Pablito, o Joabe, o Jason, o Mateus, a Dani, o Louis, o Jean, o Hélio, o Rodolfo Fucs, a Fernanda, o Edgar, o Ismael e o Paulo.

Minha mais profunda gratidão a todos os e as docentes, funcionários e funcionárias da Faculdades EST, os e as quais foram extremamente importantes neste processo. Gratidão especial a secretária do PPG, minha conterânea Carla, ao secretário acadêmico Walmor, ao professor Flávio, ao Roberto e ao Valério.

Minha mais profunda gratidão ao meu orientador Rodolfo, pelo companheirismo, pela parceria e pela amizade.

Agradeço de forma especial ao seu Arlindo (meu pai) e a d. Soeli (minha mãe). Seu Arlindo foi e continuará sendo meu maior professor e d. Soeli sempre foi e continuará sendo minha maior professora. Por meio deles Deus me ensinou a força que o amor tem.

Meu maior agradecimento vai ao mestre dos encontros. Sem Deus nada do que aqui está escrito faz sentido. Gratidão a Ele por cada sílaba, cada palavra, cada frase que compõe essa tese. Que ela seja um instrumento de Deus a serviço da comunhão, da solidariedade e do amor

*Aqui é o estrado para teus pés, que repousam aqui,
onde vivem os mais pobres, mais humildes e
perdidos.*

*Quando tento inclinar-me diante de ti, a minha
reverência não consegue alcançar a profundidade
onde os teus pés repousam, entre os mais pobres,
mais humildes e perdidos.*

*O orgulho nunca pode se aproximar desse lugar
onde caminhas com as roupas do miserável, entre
os mais pobres, mais humildes e perdidos.*

*Meu coração jamais pode encontrar caminho onde
fazes companhia ao que não tem companheiro,
entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.*

Rabindranath Tagore

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma análise de conjuntura acerca da diaconia comunitária na IECLB, e explora o *fenômeno do encontro* da comunidade com contextos de injustiça e sofrimento, como acontecimento potencialmente desencadeador da sensibilidade e consciência diaconal dos membros e comunidades desta igreja. A pesquisa explora aspectos da história da diaconia comunitária na IECLB, compreende a forma como a diaconia comunitária se organiza e se articula nesta igreja, identifica e analisa as principais expressões diaconais comunitárias, os atores diaconais e o perfil predominante da diaconia comunitária na IECLB. Por fim, a partir da análise de conjuntura desenvolvida nos três primeiros capítulos, identifica o fenômeno do encontro da comunidade com contextos de injustiça e sofrimento como o principal achado potencialmente desencadeador da sensibilidade e consciência diaconal dos membros e comunidades da IECLB. A hipótese inicial de que a diaconia tende a ocupar um lugar periférico nas comunidades da IECLB se confirmou. Foi possível concluir que, desde o período congregacional da IECLB até os dias atuais, o perfil predominante da diaconia comunitária articulada na IECLB passou por poucas mudanças. Seus traços principais continuam sendo marcados pelo assistencialismo, espontaneísmo, geralmente compreendida dentro da dimensão do serviço subserviente *intra-comunitário*. Nesse contexto, o achado do fenômeno do encontro ao mesmo tempo em que oferece uma explicação para o atual quadro da diaconia comunitária na IECLB, ao sustentar que um dos obstáculos ao desenvolvimento da diaconia comunitária é a distância existente entre membros e comunidade com contextos de injustiça e sofrimento, representa uma proposta promissora no horizonte do despertar da sensibilidade e da consciência diaconal dos membros da IECLB. Em termos metodológicos, a pesquisa constitui-se como bibliográfica e documental mesclada com a pesquisa social descritiva e explicativa, de abordagem qualitativa, com respaldos quantitativos.

Palavras chave: Diaconia Comunitária. IECLB. Fenômeno do Encontro. Despertamento Diaconal.

ABSTRACT

This research presents an analysis of the situation regarding community diakonia in the IECLB and explores the phenomenon of the *community encounter* with contexts of injustice and suffering, as an event that potentially triggers the sensitivity and diaconal awareness of the members and communities of this church. The research explores aspects of the history of community diakonia in the IECLB, understands how the community diakonia is organized and articulated in this church, identifies and analyzes the main community diaconal expressions, diaconal actors and the predominant profile of community diakonia in the IECLB. Finally, based on the analysis of the situation developed in the first three chapters, it identifies the phenomenon of the community encounter with contexts of injustice and suffering as the main finding potentially triggering the sensitivity and diaconal awareness of IECLB members and communities. The initial hypothesis that diakonia tends to occupy a peripheral place in the communities of the IECLB was confirmed. It was possible to conclude that, from the congregational period of the IECLB to the present day, the predominant profile of the community diakonia articulated in the IECLB has undergone few changes. Its main features continue to be marked by assistentialism, spontaneism, generally understood within the dimension of subservient intra-community service. In this context, the finding of the phenomenon of encounter, while offering an explanation for the current framework of community diakonia in the IECLB, by sustaining that one of the obstacles to the development of community diakonia is the distance between members and community with contexts of injustice and suffering, represents a promising proposal in the horizon of awakening the sensitivity and diaconal conscience of the members of the IECLB. In methodological terms, the research is constituted as bibliographical and documental mixed with descriptive and explanatory social research, with a qualitative approach, with quantitative support.

Keywords: Community Diakonia. IECLB. Encounter Phenomenon. Diaconal Awakening.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Questionário aplicado aos representantes sinodais com assento no CONAD.	89
Figura 2 - Quadro de Ministros da IECLB segundo relatório do Concílio de 2018.....	103
Figura 3 - Organograma	131
Figura 4 - Número de grupos diaconais na IECLB em 2018 (Fonte Coordenação de Diaconia).....	133
Figura 5 - Porcentagem dos respectivos tipos de grupos de diaconia na IECLB em 2018, segundo dados da Coordenação de Diaconia (2018).....	134
Figura 6 - Iniciativas diaconais existentes nos Sínodos	135
Figura 7 - públicos alcançados pelos grupos diaconais comunitários.....	136
Figura 8 - Públicos com os quais as comunidades têm dificuldades de articular ações diaconais	137
Figura 9 - Ações diaconais promovidas pelas comunidades da IECLB durante o período de 26 de março de 2020 até 06 de agosto de 2020	144
Figura 10 - Número de ações diaconais por Sínodo	145
Figura 11 - Tipos de ações diaconais assumidas na pandemia	146
Figura 12 - Destinatários das ações na pandemia.....	147
Figura 13 - Evolução do número das ações durante a pandemia.....	147
Figura 14 - Envolvimento dos membros e comunidades com ações de combate ao COVID-19.....	149
Figura 15 - Comprometimento dos membros com a diaconia comunitária.....	150
Figura 16 - Perfil das pessoas que mais se envolvem com a diaconia na IECLB	150
Figura 17 - Comprometimento dos ministros e ministras com a diaconia comunitária	161
Figura 18 - Nível de consciência e sensibilidade diaconal dos membros ativos dos respectivos sínodos.....	174
Figura 19 - Participação regular dos membros em ações diaconais	175
Figura 20 - Elementos que dificultam ou impedem um envolvimento maior dos membros com a diaconia.....	178
Figura 21 - Elementos para um maior desenvolvimento da diaconia comunitária.....	179

Figura 22 - Tipos de preconceitos dos membros luteranos 180

Figura 23 - Principais elementos que motivam os membros para a ação diaconal 185

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 O CONCEITO DE DIACONIA E A HISTÓRIA DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB	25
2.1 AS ORIGENS DO CONCEITO DE DIACONIA E SUA COMPREENSÃO NA IECLB	25
2.1.1 ORIGENS DO CONCEITO DIACONIA.....	25
2.1.2 AS COMPREENSÕES DO CONCEITO DIACONIA NAS PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES E DOCUMENTOS NORMATIVOS DA IECLB	31
2.1.3 DIACONIA INDIVIDUAL, DIACONIA COMUNITÁRIA E DIACONIA INSTITUCIONAL	39
2.2 OS PRIMÓRDIOS E O DESENVOLVIMENTO INICIAL DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB	41
2.2.1 CONTEXTO DOS PRIMEIROS IMIGRANTES GERMÂNICOS NO BRASIL	41
2.2.2 ASPECTOS SOBRE O CONTEXTO DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES PROTESTANTES NO BRASIL.....	43
2.2.3 PRIMÓRDIOS DA DIACONIA NA IECLB	45
2.2.4 OASE, DIACONISAS E O PROTAGONISMO DIACONAL FEMININO NA IECLB	50
2.2.5 AS DIACONISAS FORMADAS NA ALEMANHA E A INCUMBÊNCIA DIACONAL.....	53
2.2.6 UMA CASA MATRIZ DE DIACONISAS NO BRASIL.....	57
2.3 DESENVOLVIMENTO DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	62
2.3.1 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1960.....	63
2.3.2 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1970.....	65
2.3.3 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1980.....	67
2.3.4 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1990.....	68
2.3.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB DE 1960 ATÉ A ATUALIDADE	73
3 A DIACONIA COMUNITÁRIA NO CONTEXTO DA ESTRUTURAÇÃO DA DIACONIA NA IECLB	81

3.1 A ORGANIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB	81
3.1.1 CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA – CONAD E OS CONSELHOS SINODAIS.....	84
3.1.2 DEPARTAMENTO E COORDENAÇÃO DE DIACONIA	91
3.1.3 AS DUAS COMUNHÕES DIACONAIS DA IECLB.....	96
3.1.4 A PROPOSTA DO MINISTÉRIO COMPARTILHADO	98
3.2 A FORMAÇÃO	109
3.2.1 SEMINÁRIO BÍBLICO-DIACONAL.....	109
3.2.2 A ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA - ADL	111
3.2.3 FACULDADES EST E A FORMAÇÃO SUPERIOR EM DIACONIA.....	114
3.3 INCIDÊNCIA E FOMENTO	117
3.3.1 CASA MATRIZ DE DIACONISAS APÓS 1970	117
3.3.2 SERVIÇO DE PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO (SPD).....	121
3.3.3 FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA (FLD)	126
3.3.4 PARCERIAS DA DIACONIA NA IECLB	128
3.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A DIACONIA COMUNITÁRIA NO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO	130
4 AS INICIATIVAS DIACONAIS EXISTENTES NAS COMUNIDADES E O PERFIL DA DIACONIA COMUNITÁRIA DA IECLB	133
4.1 PRINCIPAIS INICIATIVAS DIACONAIS EXISTENTES NAS COMUNIDADES	133
4.2 OS PRINCIPAIS TEMAS E PÚBLICOS ALCANÇADOS E NÃO ALCANÇADOS.....	135
4.2.1 VISITAÇÃO.....	138
4.2.2 AÇÕES DIACONAIS DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19.....	140
4.3 OS ATORES DIACONAIS	150
4.3.1. OS ATORES E AS ATRIZES DIACONAIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....	154
4.3.2 A DIACONIA ASSUMIDA PELO PÚBLICO JOVEM	155
4.3.3 A DIACONIA ASSUMIDA PELOS MINISTROS E MINISTRAS.....	160

4.4 O PERFIL DAS COMUNIDADES DA IECLB E A DIACONIA COMUNITÁRIA	164
4.5 PERFIL GERAL DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB	169
5 DIACONIA DO ENCONTRO: O FENÔMENO DO ENCONTRO DA COMUNIDADE COM CONTEXTOS DE SOFRIMENTO COMO ACONTECIMENTO POTENCIALMENTE DESENCADEADOR DA SENSIBILIDADE E CONSCIÊNCIA DIACONAL	173
5.1 O ENVOLVIMENTO DIACONAL GERAL DAS PESSOAS MEMBROS DA IECLB	173
5.2 OS OBSTÁCULOS DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB	177
5.3 OS PRINCIPAIS ELEMENTOS QUE MOTIVAM OS MEMBROS PARA A AÇÃO DIACONAL	185
5.4 O FENÔMENO DO ENCONTRO DA COMUNIDADE COM CONTEXTOS DE SOFRIMENTO COMO OPORTUNIDADE PARA O DESPERTAMENTO DIACONAL.....	191
5.5 A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA DA DIACONIA DO ENCONTRO	195
5.6 AS CONTRIBUIÇÕES DO FENÔMENO DO ENCONTRO PARA A SUPERAÇÃO DE OBSTÁCULOS DA DIACONIA COMUNITÁRIA	202
5.7 AS CONTRIBUIÇÕES DO FENÔMENO DO ENCONTRO PARA A EDUCAÇÃO CRISTÃ E A LITURGIA	205
5.7.1 O FENÔMENO DO ENCONTRO E A FORMAÇÃO	205
5.7.2 O FENÔMENO DO ENCONTRO E A LITURGIA	207
6 CONCLUSÃO	211
REFERÊNCIAS	215
ANEXO 1: ENTREVISTA FERNANDA.....	225
ANEXO 2: ENTREVISTA SABRINA	245
ANEXO 3: ENTREVISTA JAIANE	265

ANEXO 4: ENTREVISTA CÉLIO.....	285
ANEXO 5: ENTREVISTA RODOLFO.....	309
ANEXO 6: ENTREVISTA ISABELLA.....	333
ANEXO 7: ENTREVISTA TAIANA.....	347
ANEXO 8: ENTREVISTA IVÂNIA.....	375

1 INTRODUÇÃO

É estranho, em plena pandemia do COVID-19, em que o distanciamento e o isolamento social são as estratégias mais eficazes de prevenção, defender uma tese que explora justamente as possibilidades que o fenômeno do encontro representa para o despertar da sensibilidade e consciência diaconal dos membros e das comunidades da IECLB. Esse estranhamento, porém, acontece somente no primeiro momento do contato do leitor com a tese, pois as formas de encontrarmos as pessoas vão muito além dos limites da física. De igual modo, os muros que nos separam geralmente não são feitos de concreto.

A diaconia comunitária na IECLB é marcada historicamente pelos mais variados tipos de encontros, aliás, onde se vive a comunhão cristã os encontros são fartos. A própria história institucional desta igreja, a qual surge da união de centenas de comunidades teologicamente diversas, e posteriormente da agremiação de quatro sínodos que formam em 1949 a Federação Sinodal, tem na comunhão que agrega a diversidade uma de suas mais profundas marcas. Por outro lado, a história da diaconia comunitária também é marcada por desencontros, por guetos comunitários, por preconceitos, discriminações, racismos, entre outros.

A presente pesquisa é fruto de uma caminhada de bem mais de quatro anos. No entanto, ela começa a ser gestada de forma intencional quando comecei a suspeitar que a centralidade que a diaconia teve no ministério de Jesus Cristo e na vida das comunidades dos primeiros séculos não se repetia nas comunidades da IECLB. Nesse contexto, surgiu a principal pergunta que norteou o início da pesquisa: por que, em geral, a diaconia ocupa um lugar periférico na vivência das comunidades da IECLB? Logo após o início do doutorado, eu e meu orientador compreendemos que minhas suspeitas iniciais careciam de uma fundamentação confiável. Até então não existia no âmbito da IECLB, especialmente dentro de um quadro de 15 anos, uma pesquisa que trabalhasse diretamente a importância que a diaconia ocupa dentro das comunidades de fé filiadas à IECLB. Neste quadro, achamos coerente dar um passo atrás. Primeiro era necessário constatar a veracidade da hipótese a respeito do suposto lugar periférico habitado pela diaconia no âmbito comunitário, para depois encontrar os motivos que poderiam explicar tal situação. Era necessário primeiro construir uma análise de conjuntura a respeito da diaconia comunitária na IECLB. E é justamente sobre essa análise de conjuntura que se assenta a principal tese defendida por esta pesquisa.

A tese principal defendida por essa pesquisa não foi diretamente perseguida desde o início do período do doutorado, pelo contrário, o achado do *fenômeno do encontro* da comunidade com contextos de injustiça e sofrimento, como acontecimento potencialmente desencadeador do despertar diaconal, foi emergindo paulatinamente conforme a análise de conjuntura acerca da diaconia comunitária da IECLB foi se desenvolvendo. Essa tese inicialmente soou como surpresa, pois nem eu e nem meu orientador esperávamos. Especialmente eu estava conformado em fazer apenas uma análise de conjuntura acerca da diaconia comunitária, sem, no entanto, destacar ou aprofundar um tema em específico. Mas conforme a pesquisa social foi se desenvolvendo o fenômeno do encontro foi se mostrando extremamente promissor. Seus fundamentos mostravam-se, dia após dia, mais sólidos, bem como suas possibilidades de diálogos com outros temas ligados à realidade da diaconia. Por fim, não foi mais possível negar a oportunidade de perseguir essa pista, mesmo na fase tardia do processo da construção da tese.

Dentro desta perspectiva, deve ser compreendida a estruturação deste trabalho, o qual visa alicerçar a tese principal sob os principais limites e possibilidades da diaconia comunitária na IECLB na atualidade. Por esse motivo, os três primeiros capítulos têm como objetivo compreender a forma como a diaconia comunitária se organiza, se articula e se expressa no contexto luterano. Por fim, o quarto capítulo compreende, discute e explora o principal achado da pesquisa social.

Pelo fato de que toda realidade é fruto de um processo histórico, composto por uma série de eventos e circunstâncias, o primeiro capítulo dedica-se à tarefa de analisar a trajetória da diaconia comunitária na IECLB. Prezando por uma clareza conceitual na discussão, o capítulo inicia definindo e discutindo o conceito de diaconia, para, posteriormente, apresentar aspectos históricos ligados à trajetória da diaconia comunitária na IECLB. A análise de conjuntura, propriamente dita, inicia no segundo capítulo, o qual foca sua atenção para compreender a forma como a diaconia comunitária se estrutura e se organiza no âmbito geral da IECLB. Apesar deste capítulo se distanciar um pouco da tese central desta pesquisa, a discussão feita por ele é importante para compreendermos quais são os limites e as possibilidades postos à diaconia comunitária, no tocante à sua articulação e organização a nível nacional. Tais desafios e possibilidades ali identificados representaram parte da base sobre a qual a tese principal será alicerçada, como, por exemplo, os limites ligados à formação diaconal. Por sua vez, o terceiro capítulo apresenta e discute as principais expressões

diaconais comunitárias, bem como analisa e busca identificar um perfil predominante da diaconia comunitária na IECLB.

Metodologicamente falando, a pesquisa constitui-se como *bibliográfica e documental* mesclada com a *pesquisa social descritiva e explicativa*, de abordagem *qualitativa, com respaldos quantitativos*. Segundo Gil, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.¹ Tal pesquisa é um dos pilares do trabalho aqui apresentado. Pelo fato deste trabalho analisar “documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico [...]”,² como as atas das reuniões do CONAD, ele também pode ser definido como uma pesquisa documental. Por meio da pesquisa documental e bibliográfica, buscou-se identificar elementos históricos ligados à diaconia comunitária na IECLB, analisar a conjuntura atual da diaconia comunitária na IECLB, bem como dialogar com os dados colhidos pela pesquisa social de campo.

Gil define a pesquisa social “como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”.³ As pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população e fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.⁴ A pesquisa aqui proposta, ao buscar apresentar um diagnóstico, mesmo que panorâmico da diaconia comunitária na IECLB, enquadra-se como uma pesquisa descritiva. No entanto, neste trabalho é perguntado pelos bastidores da diaconia comunitária, busca-se compreender quais são as explicações para a constituição do atual cenário da diaconia comunitária, identificado e descrito pela pesquisa social descritiva. Por isso, ela se enquadra também como uma pesquisa social explicativa que, segundo Gil, “tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”.⁵

Conforme sustenta Pedro Demo, qualquer realidade ou fenômeno social é formado por elementos quantitativos e qualitativos, ou, se preferirmos, extensos e intensos, lineares e não lineares. As metodologias quantitativas privilegiam os elementos extensos e lineares da realidade. Por sua vez, as metodologias qualitativas privilegiam os elementos intensos e não lineares. Nas palavras de Kaufmann, “os métodos qualitativos têm como função compreender

¹ GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994. p. 71.

² GIL, 1994, p. 71.

³ GIL, 1994, p. 43.

⁴ GIL, 1994, p. 45.

⁵ GIL, 1994, p. 46.

mais do que descrever sistematicamente ou medir”.⁶ Pedro Demo sustenta que é coerente “fundamentar a pesquisa qualitativa, não como dicotômica à quantitativa, mas como complementar e necessária para dar conta das dinâmicas intensas, complexas, não lineares da realidade”.⁷ Cientes de que a realidade da diaconia comunitária não foge à regra, sendo composta por dinâmicas extensas e intensas, e, por isso, necessitando de metodologias quantitativas e qualitativas, buscamos, na medida do possível e da conveniência, mesclar ambas as metodologias, priorizando as abordagens qualitativas, deixando as abordagens quantitativas em caráter secundário.

A pesquisa social assumida por esta pesquisa está composta por duas partes. A primeira parte da pesquisa teve como base um conjunto de oito (08) entrevistas semiestruturadas, enquanto a segunda se fundamentou na aplicação de questionários estruturados aos representantes da diaconia comunitária com acento no CONAD⁸ de todos os dezoito (18) sínodos da IECLB. Todos os conselheiros responderam ao questionário que foi enviado a eles através de seus respectivos e-mails. A riqueza do material coletado pelas duas partes da pesquisa ofereceu a possibilidade de diversos recortes. Tendo em vista e delimitação de espaço da presente pesquisa, optou-se por um recorte a partir do foco principal da pesquisa, a saber a realidade da diaconia comunitária na IECLB e os elementos responsáveis pelo despertar diaconal nesta igreja.

A primeira parte da pesquisa social, composta exclusivamente por entrevistas, aconteceu por meio de videochamadas, exceto em duas ocasiões nas quais foi possível um encontro seguro com as pessoas entrevistadas, tendo em vista que as entrevistas foram feitas em plena pandemia do *Novo Corona Vírus – COVID 19*. A dinâmica das entrevistas seguiu os pressupostos fundamentais da chamada *Entrevista Compreensiva*,⁹ metodologia que permitiu estabelecer um equilíbrio entre o necessário rigor científico com a necessária flexibilidade, essencial para o desenvolvimento da entrevista no horizonte de seus objetivos. Esta primeira parte da pesquisa teve como base um conjunto de cinco (05) entrevistas feitas com pessoas que atuam em espaços estratégicos ligados a diaconia comunitária. Os critérios para a escolha dos pesquisadores e pesquisadoras foram dois: ter publicações em temas e áreas que dialogam com a diaconia comunitária na IECLB e ter um bom trânsito entre comunidades e instituições diaconais desta igreja. Por tal motivo optou-se em denominar esse público de *pesquisadores e*

⁶ KAUFMANN, Jean Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013. p. 56.

⁷ DEMO, Pedro. **Praticar ciência**: metodologias do saber científico. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 103.

⁸ Conselho Nacional de Diaconia – CONAD.

⁹ KAUFMANN, 2013.

pesquisadoras entrevistadas, os quais receberam nomes fictícios. Foram feitas ainda três (03) entrevistas com representantes dos três principais grupos constituídos no âmbito da IECLB, a saber a OASE, LELUT e JE¹⁰, tais representantes não são necessariamente seus respectivos coordenadores e/ou presidentes. Também estes receberam nomes fictícios.

Atendendo a esses critérios, foram selecionados dez (10) nomes e desses foram sorteados cinco (05).¹¹ A análise destas cinco (05) entrevistas nos permitiu olhar para a diversidade da diaconia comunitária na IECLB, a partir das perspectivas dos pesquisadores e pesquisadoras entrevistados, a fim de aproximar-se do objeto de pesquisa. A entrevista com os pesquisadores e pesquisadoras nos ofereceu uma visão mais estrutural da diaconia na IECLB. Por sua vez, as entrevistas com as pessoas representantes das organizações de homens, mulheres e jovens da IECLB nos deram suporte para compreender como a diaconia é refletida e praticada nos respectivos âmbitos.

A segunda parte da pesquisa social teve como base a aplicação de um questionário estruturado aos dezoito (18) membros do CONAD, ou seja, representantes sinodais da diaconia comunitária da IECLB. Esta parte nos ofereceu uma visão mais detalhada e pontual a respeito de alguns aspectos que envolvem a diaconia refletida e praticada no interior dos 18 Sínodos que formam a IECLB. Os dados colhidos pelas entrevistas e pelos questionários foram cruzados e interpretados, principalmente, a partir de referenciais teóricos da teologia, mas também da sociologia, filosofia e psicologia.

¹⁰ **OASE** (Ordem das Senhoras Evangélicas) é a principal organização que reúne as mulheres no contexto da IECLB. **LELUT** (Legião Evangélica Luterana) é a principal organização que reúne homens no contexto da IECLB. **JE** (Juventude Evangélica) é a principal organização que reúne jovens no contexto da IECLB.

¹¹ Tal sorteio foi acompanhando pelo orientador da pesquisa, Dr. Rodolfo Gaede Neto.

2 O CONCEITO DE DIACONIA E A HISTÓRIA DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB

Conforme apontado na introdução da pesquisa, a principal tese desse trabalho surge a partir de uma análise de conjuntura acerca da realidade da diaconia comunitária na IECLB. Sabe-se que a realidade da diaconia foi construída a partir de uma longa história, por tal motivo não é algo dado, acabado, mas em franco processo de transformação. Diante disso, o primeiro capítulo busca situar a compreensão conceitual acerca da diaconia comunitária na IECLB, bem como apresentar os principais elementos históricos determinantes para compreender o cenário atual da diaconia comunitária na IECLB. Nesse sentido, são objetivos do primeiro capítulo discutir e apresentar os principais fundamentos bíblicos e teológicos do conceito de diaconia, a compreensão do conceito nos documentos normativos da IECLB e, especialmente, analisar aspectos do desenvolvimento histórico da diaconia comunitária nesta igreja.

2.1 AS ORIGENS DO CONCEITO DE DIACONIA E SUA COMPREENSÃO NA IECLB

2.1.1 ORIGENS DO CONCEITO DIACONIA

As origens do conceito diaconia devem ser buscadas no grego do mundo contemporâneo do Novo Testamento. Comumente, o substantivo *diakonia* foi e vem sendo traduzido como *serviço humilde*, e o verbo *diakonein* como *servir*, enquanto o termo *diakonos* como aquela pessoa que motivada pela fé cristã *serve*.¹² Esses três termos derivados da raiz *diak* aparecem 101 vezes no Novo Testamento (*diakonein* 37 vezes; *diakonia* 34 vezes e *diakonos* 30 vezes).¹³ Em relação à raiz *diak*, há certa insegurança referente à origem e ao seu uso nos textos do Novo Testamento, bem como no mundo contemporâneo às comunidades de fé do cristianismo das origens.¹⁴

¹² NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998. p. 273. Ver também GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 288.

¹³ NORDSTOKKE, 1998, p. 273.

¹⁴ STARNITZKE, Dierk. **Diaconia**: fundamentação bíblica, concretizações éticas. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013. p. 13.

O debate em relação às origens e significados do conceito de diaconia ganhou outros enfoques a partir da obra do australiano John N. Collins, publicada em 1990.¹⁵ Segundo ele, a convencional tradução do substantivo *diakonia* como ministério ou serviço são algumas das possibilidades de tradução, mas não são as únicas. Em sua obra, Collins sustenta que os termos de raiz *diak* estavam ligados a um trabalho voltado para as relações externas das comunidades cristãs, para a comunicação, mobilidade e mediação entre grupos e setores. Em termos gerais, para Collins, ao lado das traduções convencionais de diácono como servo, a tradução como *mediador* seria uma possibilidade coerente, dependendo do contexto da perícope.¹⁶ Isto é, o uso das palavras com a raiz *diak* é intercambiável ao longo do Novo Testamento.

O teólogo protestante alemão Dierk Starnitzke analisa os termos provenientes da raiz *diak* nos principais blocos do Novo Testamento, a saber, nas cartas canônicas de Paulo, nas deuteropaulinas e nos Evangelhos. Levando em consideração as teses de Collins, Starnitzke critica e ratifica algumas delas. Para o teólogo alemão, o emprego do termo diakonos é relativamente uniforme nas cartas canônicas de Paulo e nas deuteropaulinas.

Trata-se primordialmente de uma definição funcional e organizatória da tarefa de determinadas pessoas especialmente incumbidas e qualificadas para tal. Ela consistia, em primeiro lugar, em locomover-se entre diferentes localidades, intermediando entre pessoas e comunidades cristãs; em segundo lugar, assim procedendo, confirmar a fé e transmitir o evangelho.¹⁷

No tocante à avaliação das cartas paulinas e deuteropaulinas, Starnitzke confirma a tese de Collins: “[...] o significado básico de mediador, nas diferentes conotações, tais como ‘mensageiro, enviado, missionário, catequista’, parece ser o sentido mais lógico do termo no *Corpus Paulinum*”.¹⁸ A Análise de Starnitzke evidencia a falta de indícios nas cartas paulinas e deuteropaulinas para sustentar que os diáconos, nas respectivas comunidades cristãs, exercitavam prioritariamente atividades de cunho caritativo e de serviço. Suas atividades cumpriam mais um papel missionário e catequético entre as pessoas e comunidades cristãs dos primeiros séculos.¹⁹ Os *diakonoí* serão entendidos na patrística da mesma forma que nos escritos canônicos de Paulo.

¹⁵ COLLINS, John N. **Diakonia**: re-interpreting the Ancient sources. New York: Oxford University Press, 1990.

¹⁶ COLLINS, 1990, p. 77-95.

¹⁷ STARNITZKE, 2013, p. 30.

¹⁸ STARNITZKE, 2013, p. 30-31.

¹⁹ STARNITZKE, 2013, p. 30.

Eles são mensageiros de comunidades que acompanham Inácio, ao menos em parte, para Roma, em sua trajetória para o martírio, possibilitando, assim, indo e vindo, o contato entre Inácio e suas respectivas comunidades. Ao mesmo tempo, eles lhe anunciam nessa situação a palavra de Deus e acompanham-no poimenicamente. Portanto a tradição das cartas paulinas e deuteropaulinas tem sua continuidade aqui.²⁰

Tais teses não podem ser aplicadas ao contexto dos evangelhos. Enquanto nas cartas de Paulo e nos Pais da Igreja os *diakonos* referem-se a determinadas pessoas com funções específicas de mediação, no contexto dos evangelhos “o termo aparece, por um lado, no meio de textos narrativos e, por outro, designa uma determinada postura que vale ou deveria valer para todos os cristãos”.²¹ Neste contexto, a tradução convencional de *diakonein* como servo é apropriada. No evangelho de Lucas, “os termos *diakonein* e *diakonia* quase sempre estão relacionados com o serviço à mesa”.²²

A conhecida versão do termo *diakonos* por “servo” é possível e tem lógica, especialmente nos evangelhos. O termo designa, por um lado, alguém que serve à mesa, o que pode incluir perfeitamente a ideia de Collins no sentido de ir e vir entre os comensais e a cozinha. Por outro lado, o termo designa especialmente uma postura existencial de recolhimento e dedicação pessoal, que passa a ser o diferencial dos crentes.²³

Passagens como a de Marcos 10.45²⁴ e paralelos, e Jo 12.26, fundamentam essa postura de dedicação e serviço, para o qual todos os crentes são chamados, a partir do próprio exemplo de Cristo: “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos (Mc 10.45). [...] fica evidente que essa postura está fundamentada na existência paradoxal de Jesus Cristo e no seguimento a ele”.²⁵ Pode-se afirmar que toda diaconia cristã tem como fundamento “a diaconia realizada por Jesus Cristo, que, em nome de Deus, entrega a totalidade da sua existência em favor da redenção do mundo”.²⁶ O principal fundamento bíblico-teológico da diaconia encontra-se na própria obra salvífica de Cristo, Jesus é, acima de tudo, aquele que serve à humanidade com seu amor, e, por isso, é o maior

²⁰ STARNITZKE, 2013, p. 42.

²¹ STARNITZKE, 2013, p. 31.

²² STARNITZKE, 2013, p. 36.

²³ STARNITZKE, 2013, p. 37.

²⁴ Todas as citações bíblicas referenciadas nesta pesquisa têm como base a seguinte versão: A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Almeida Ferreira ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

²⁵ Para Starnitzke, nesse contexto reside um dos limites da tese de Collins, o qual destaca a função mediadora dos *diakonoi*. É difícil de sustentar a tradução de *diakonoi* como mediador nesse contexto. STARNITZKE, 2013, p. 37.

²⁶ GAEDE NETO, 2008, p. 288.

dos diáconos.²⁷ A IECLB reconhece isto em uma afirmação presente em seu primeiro posicionamento referente ao tema, em 1988:

A característica básica do serviço de Jesus consiste em ter dado sua vida. Todo viver de Jesus foi doação. É o que compromete, também, a diaconia de seus discípulos. Não se resume em atividade beneficente qualquer. Na verdade, só se pode falar em diaconia se algo de sacrifício e doação espontânea lhe for inerente.²⁸

Posteriormente, a IECLB reafirma tal posicionamento no seu Plano de Ação Missionária (PAMI): “Deus nos serve, por isso servimos. O nosso servir e todas as nossas ações são frutos do amor de Deus em nós”.²⁹

A diversidade de compreensões e significados dos termos derivados da raiz *diak*, a saber, o substantivo *diakonia*, o verbo *diakonein* e o termo *diakonos*, presente nos escritos do Novo Testamento, não se mostra, necessariamente, conflitante. A compreensão de *diakonos* referindo-se a determinadas pessoas com funções de mediação específicas entre grupos e comunidades cristãs, conforme a tradição de Paulo e Inácio, é complementar à compreensão de *diakonos* como *servos* de Cristo, no sentido de assumirem uma postura existencial de serviço, conforme destacada pelos evangelhos. A afirmação de *diakonos* como mediadores não significa negar que exercessem atividades ligadas ao cuidado às pessoas necessitadas. Em última análise, pode-se afirmar que:

[...] as designações diácono, diácona e diaconisa indicavam, no cristianismo primitivo, pessoas que também prestavam auxílio social. No entanto, uma concentração exclusiva nesse aspecto não se encontra nos textos cristãos primitivos. Pelo contrário, essa compreensão possivelmente se desenvolveu com tanta clareza apenas na moderna diaconia a partir do sec. XIX.³⁰

As análises propostas por Collins e Starnitzke representam contribuições importantes para auxiliar compreensões modernas referentes à diaconia que a assumem apenas como ajuda social e cuidado caritativo, muitas vezes restritas ao próprio âmbito eclesial/comunitário. Suas análises lembram que “um dos sentidos fundamentais da diaconia consiste, desde o início até os dias atuais, em estabelecer para a igreja relações externas junto àquelas pessoas que não se encontram na igreja”.³¹ Neste sentido, ao lado da compreensão convencional de

²⁷ GAEDE NETO, 2008, p. 288.

²⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1988, p. 02.

²⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 46.

³⁰ STARNITZKE, 2013, p. 44.

³¹ STARNITZKE, 2013, p. 46.

diaconia, como serviço ou ministério, deve ser incorporada a dimensão mediadora, articuladora, reconciliadora e transformadora.

Gaede Neto descreve algumas atribuições ligadas ao cuidado, assumido pelos diáconos e diáconas da Igreja dos primeiros séculos:

Em cidades litorâneas era comum encontrar cadáveres abandonados, vítimas de naufrágios. Cabia aos diáconos procurá-los, vesti-los, enfeitá-los e enterrá-los. Também o cuidado pelo cemitério e sua administração têm feito parte das tarefas dos diáconos nos primeiros séculos. Zeferino, bispo de Roma (198-217), incumbiu Calisto da administração do cemitério. Ambrósio escreve, no século IV, que os diáconos são guardas do cemitério dos mártires.³²

Sissi Georg descreve as principais iniciativas diaconais assumidas pela igreja dos primeiros séculos da era cristã:

Muitos foram os gestos diaconais concretos, visíveis e perceptíveis das primeiras comunidades. A partir do ágape, trabalhava-se a consciência das implicações da vida comunitária cristã: exercer a hospitalidade, socorrer famintos e sedentos, ofertar recursos para dar suporte material a famílias e pessoas que precisam, planejar a visitação, cuidar dos doentes e idosos, educar e criar órfãos, consolar os desanimados, enlutados e presos, e ainda amparar outras comunidades em necessidade.³³

A descrição oferecida por Georg nos leva a compreender que a diaconia, praticada pelas primeiras³⁴ comunidades cristãs, contemplava tanto os de dentro quanto os de fora da *eclesia*. Em outro momento, a autora reconhece as dimensões *intra* e *extra-ecclesiais* da diaconia na igreja nos primeiros séculos: “[...] a diaconia dos cristãos não se destinava apenas para os batizados (intra-ecclesial), mas também dirigia-se aos não cristãos (extra-ecclesial)”.³⁵ Em coerência com a descrição feita por Georg, Starnitzke conclui sua análise salientando o cuidado que a diaconia dos primeiros séculos tinha para com aqueles e aquelas que estavam fora do âmbito comunitário cristão.

Nas comunidades cristãs primitivas, diaconia significava especialmente o cuidado com contatos fora da comunidade – isso fica comprovado não só pelas primeiras cartas de Paulo. Como já vimos na unidade anterior, também em textos neotestamentários posteriores (principalmente nas cartas atribuídas a Paulo, bem

³² GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 55, n. 2, 2015. p. 330.

³³ GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: EST/CRL, 2006. p. 44-45.

³⁴ Para aprofundar: GAEDE NETO, 2015; TEIXEIRA, Helio Aparecido. **Antropofagapia**: a public-idade cívica da prática social cristã. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014. p. 80-85.

³⁵ GEORG, 2006, p. 58.

como nas cartas de Inácio) sempre surgem pessoas caracterizadas como diáconas e cuja tarefa consistia em manter contato justamente com aquelas pessoas que estavam distantes da comunidade.³⁶

Essa orientação da diaconia como função mediadora externa, fica evidenciada a partir da análise de textos como o de Mateus 25.31s, nos quais os membros das comunidades são encorajados a se engajarem no cuidado às pessoas necessitadas,³⁷ muitas das quais não podem estar presentes nas reuniões comunitárias. É o caso das pessoas presas, doentes, mortas, entre outras. “Portanto o mandamento típico da diaconia não é só o amor ao próximo, mas o amor ao distante”.³⁸ Este direcionamento externo da diaconia encontrada nas comunidades dos primeiros séculos encontra ressonância naquilo que alguns autores entendem ser o cerne do trabalho diaconal: o encontro com Cristo acontece simultaneamente na comunhão com o que estão de fora: o faminto; o presidiário; o sedento; o estranho... O Cristo celebrado em comunidade a impulsiona para um novo encontro, as pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento passam a ser sacramentos de Cristo, meios pelos quais Cristo se revela à igreja: “O reconhecimento da presença do próprio Cristo junto às pessoas em situação de vulnerabilidade e que clamam por libertação lembra que diaconia e espiritualidade são inseparáveis”.³⁹ Tal compreensão permite afirmar que a diaconia não só pode ser vista como atividade mediadora entre pessoas, grupos, comunidades e lugares, mas também cumpre a função de mediação entre o sagrado e o humano, entre o imanente e o transcendente.⁴⁰ O fenômeno do encontro da comunidade com as pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento costura em si a dimensão da diaconia como serviço, ao servir concretamente as pessoas necessitadas, a dimensão da diaconia como mediação, ao construir pontes e possibilidades de comunicação entre a comunidade e as pessoas necessitadas, e a dimensão da espiritualidade, ao reconhecer nas pessoas necessitadas a presença do próprio Cristo. Eis aqui o fundamento de uma *diaconia do encontro*.

³⁶ STARNITZKE, 2013, p. 48-49.

³⁷ Entendemos pessoa necessitada de acordo com a definição que, segundo Teixeira, estava presente no ethos neotestamentário, a saber, a pessoa necessitada era aquela que “surgia ao cristão como alguém que precisava de socorro”. TEIXEIRA, 2014, p. 84.

³⁸ STARNITZKE, 2013, p. 51.

³⁹ GAEDE NETO, Rodolfo; STUMPF, João Henrique; OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. Diaconia e teologia da libertação: aportes para a construção de uma metodologia diaconal libertadora. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 59, n. 2, 2019. p. 567-568.

⁴⁰ STARNITZKE, 2013, p. 51; 76.

2.1.2 AS COMPREENSÕES DO CONCEITO DIACONIA NAS PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES E DOCUMENTOS NORMATIVOS DA IECLB

A diaconia comunitária representa a diaconia refletida e articulada pelas comunidades de fé. O âmbito social dentro do qual a pesquisa será desenvolvida são as comunidades filiadas à IECLB. Na atualidade, pode ser observada no âmbito das comunidades da IECLB a existência de vários grupos e iniciativas diaconais. Mesmo antes da diaconia na IECLB se organizar em órgãos e instituições, ao nível paroquial, sinodal e nacional, a diaconia fazia parte das comunidades de fé da IECLB, pelo simples fato de ela ser um dos elementos fundamentais da fé cristã. Especialmente a partir dos anos de 1960, a diaconia na IECLB inicia um processo de maior organização em nível paroquial, regional e nacional. Atualmente a diaconia comunitária na IECLB se organiza dentro das instâncias organizativas oficiais desta igreja.

O recorte dentro do qual a diaconia será analisada nesta tese são as comunidades de fé da IECLB. Por tal motivo é imprescindível que a pesquisa busque compreender a forma como esta Igreja compreende a diaconia, para isso é fundamental analisar suas principais manifestações/posicionamentos⁴¹ acerca da temática, e especialmente, analisar as compreensões do conceito diaconia em seus documentos normativos.⁴² A pesquisadora Sissi Georg destaca a importância de contemplar formulações adequadas a respeito do conceito de diaconia nos documentos teológicos e normativos da Igreja:

Deixar o caráter diaconal da igreja mais claro requer, inclusive, que se busque contemplá-lo adequadamente na formulação de seus documentos teológicos e

⁴¹ “As lideranças da Igreja com representatividade nacional emitem **manifestos, declarações, posicionamentos e cartas pastorais**. Apresentam para a opinião pública a perspectiva evangélica de confissão luterana sobre temas da realidade. Subsidiaram os membros com reflexões que possibilitam a formação de opinião e embasam a sua postura e o seu testemunho pessoal dentro da sua realidade de vida. [...] Ao longo das últimas décadas os Concílios, o Conselho de Igreja, a Presidência e os/as Pastores/as Sinodais manifestaram-se sobre assuntos diversos. Estes documentos estão marcados pela conjuntura em que foram redigidos. Apresentam o modo pelo qual procuraram (a)firmar uma posição evangélica de confissão luterana para questões internas da Igreja e/ou da sociedade e do país”. IECLB. Manifestações da Igreja: a palavra da Igreja. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/manifestacoes-da-igreja>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

⁴² “A Constituição, o Regimento Interno, o Ordenamento Jurídico-Doutrinário e o Estatuto do Ministério com Ordenação da IECLB e o Guia Nossa Fé Nossa Vida são normas nacionais, eclesiasticamente válidas para todos. [...] Acima desses documentos está o mandato de Deus, tendo como base a Bíblia e os Escritos Confessionais. [...] Todos os demais documentos, inclusive estatutos e regimentos internos de Sínodos, Paróquias e Comunidades, são elaborados a partir dos princípios constantes nesses documentos e a eles estão sujeitos eclesiasticamente. [...] A aprovação desses documentos nacionais é feita pelos delegados e delegadas sinodais no Concílio da Igreja, a quem é submetida proposta elaborada a partir das manifestações de Assembleias Sinodais”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Documentos Normativos nacionais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/documentos-normativos-nacionais-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

normativos. A palavra oficial da instituição é importante para a comunidade no que tange a caminhada da diaconia⁴³.

O primeiro posicionamento da IECLB acerca do tema *diaconia* foi emitido em 1988. Derivado da discussão e aprovação do então Conselho Diretor da IECLB, o referido posicionamento demonstra razoável coerência com a compreensão de diaconia como serviço e mediação, embora não assumindo nem citando a possibilidade de tradução do conceito *diaconia* como mediação,⁴⁴ como proposta por Collins e Starnitzke. O documento enfatiza compreensões de diaconia como busca pela justiça estrutural, como misericórdia, solidariedade e assistência aos e às vítimas das forças opressoras da sociedade, como ação política em favor do bem comum. A seguinte citação do documento deixa ainda mais clara a noção de diaconia também como mediação junto às pessoas, grupos e realidades externas à Igreja:

É claro que a diaconia evangélica se destina a todas as pessoas, independentemente de raça, credo ou cultura. Ainda que os membros da própria comunidade sejam os mais próximos e os primeiros destinatários, o bem deve ser feito a todos os homens e a todas as mulheres (conforme Gl 6.10). Diaconia não faz acepção de pessoas. [...] Considerando a magnitude do campo diaconal e a missão comum de todos os cristãos, a ação diaconal procurará a cooperação ecumênica, sim, em sentido amplo, a cooperação de todas as pessoas de boa vontade.⁴⁵

Segundo o documento, o objetivo da diaconia cristã é salvar vidas:

O objetivo da diaconia se resume em salvar vidas. Foi o que o próprio Jesus Cristo quis (conforme Mc 3.4). Isto significa: Diaconia tratará de restabelecer o bem-estar das pessoas e de melhorar a qualidade de vida. Vai empenhar-se na superação e eliminação de sofrimento. Estão aí incluídos a cura de doenças físicas e psíquicas, a reconciliação de pessoas, grupos e povos, bem como o combate à fome, ao desemprego, à angústia, à solidão, desespero. Diaconia quer ver as pessoas alegres, em situação de bem-estar e de saúde integral. É porque vai engajar-se na luta contra todo sofrimento inútil e estúpido.⁴⁶

A compreensão de “salvar vidas” é entendida de forma ampla pelo documento:

A razão de tal afirmação está numa concepção abrangente do que seja saúde humana. Inclui, necessariamente, elementos do que a tradição bíblica chama de salvação. Toda riqueza, todo bem-estar físico e social não bastam para assegurar às pessoas vida plena e integral. Sem a capacidade de crer e de amar, tudo isso se reduz a nada. Não o sujeito que se "auto-realiza", mas, sim, a pessoa que agradece, sendo,

⁴³ GEORG, 2006, p. 225.

⁴⁴ A não citação da tradução de diaconia também como mediação pelo documento é justificada pelo fato do primeiro a propor essa tradução tenha sido John N. Collins em 1990, ou seja, dois anos após a publicação do referido posicionamento.

⁴⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1988, p. 08.

⁴⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1988, p. 03-04.

por isso, capaz de servir, é a que a diaconia tem em vista, que salvação e bem-estar estão mais próximos um do outro do que normalmente se supõe. Somente em conjunto constituem a saúde humana.⁴⁷

A partir dessa compreensão ampla de saúde humana, o documento sustenta uma íntima ligação entre ação social e espiritualidade, diaconia e liturgia:

O específico da diaconia evangélica reside, sobretudo, em sua motivação e seus objetivos. Está embasada no Evangelho e tem, no culto, sua meta, o que, naturalmente, mostrará reflexos na sua práxis. E porque não podem ser separadas a ação diaconal e o testemunho evangélico. Embora não idênticas, deverão permanecer correlacionadas. Nem sempre a correlação precisa ser explícita. Diaconia se corrompe ao transformar-se em evangelização forçada. Deve permanecer gratuita, abster-se de fazer imposições e cuidar para não criar novas dependências. E, todavia, ficará em débito com as pessoas, se sua obra que é limitada não apontar para o amor ilimitado de Deus e deixar de ser para ele transparente.⁴⁸

O posicionamento vislumbra ainda uma diaconia capaz de conjugar em sua práxis a dimensão da justiça e da misericórdia. Por um lado, a compaixão possibilita a prática e reflexão de uma diaconia que priorize o cuidado com as necessidades imediatas das pessoas, por outro, a noção de justiça possibilita o exercício de uma diaconia atenta à causa das opressões e sofrimentos, preocupada com uma sociedade mais justa e igualitária.

Seria fatal se misericórdia e justiça fossem colocadas em termos excludentes, alternativos. Devem complementar-se. Misericórdia desinteressada na justiça corre o risco de se reduzir a uma questão puramente sentimental. Será cega para os brutais mecanismos estruturais com que em nossa sociedade se produz sofrimento. Vai prejudicar a eficácia de sua ação. Inversamente, justiça sem misericórdia periga tornar-se desumana. Será altamente fria. Ilude-se ao pressupor que esteja em condições de eliminar globalmente as causas do sofrimento. Vai ficar devendo às pessoas muito auxílio imediato. Na ação diaconal do cristão, a misericórdia e a justiça devem permanecer unidas.⁴⁹

A perspectiva diaconal defendida pelo posicionamento mostra-se coerente tanto com a perspectiva de diaconia como serviço caritativo atento as demandas internas da comunidade, mas também aberta à perspectiva de diaconia como mediação, ao compreender que a vocação da diaconia é atender também os que estão fora da comunidade de fé, mediando o cuidado da igreja para toda a sociedade, no horizonte da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A perspectiva diaconal assumida pelo posicionamento do Conselho Diretor da Igreja será assumida pelo Departamento de Diaconia, criado também em 1988, que ficará responsável por gerir o Serviço de Projetos de Desenvolvimento, o qual era na prática o

⁴⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1988, p. 08.

⁴⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1988, p. 07.

⁴⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1988, p. 05-06.

principal braço diaconal da IECLB estendido também para fora de suas demandas diaconais internas. “Na prática, era a primeira vez na história da IECLB que a ação diaconal e o apoio a projetos de desenvolvimento eram integrados sob uma mesma jurisdição”.⁵⁰ Com vistas a reafirmar a legitimidade da incorporação do SPD ao Departamento de Diaconia, sob a justificativa de que ambos os órgãos buscam promover a diaconia cristã, o posicionamento afirma:

Ainda outras formas de diaconia são imagináveis, entre elas, sem dúvida, os projetos de desenvolvimento. Não há necessidade de entrar em detalhes. Importante é que nenhuma forma exclui a outra. Pelo contrário, elas se mesclam e devem cooperar, ainda que esta ou aquela possa merecer prioridade em determinada situação.⁵¹

A integração do SPD sob a jurisdição do Departamento de Diaconia e a legitimação desta incorporação feita pelo posicionamento deixava clara uma perspectiva diaconal aberta às demandas da sociedade brasileira da época, perspectiva que combina a perspectiva de diaconia como serviço e como mediação.

No texto base do Plano de Ação Missionária da IECLB - PAMI, texto este que orienta a tarefa missionária da IECLB, a diaconia é compreendida como uma das quatro dimensões fundamentais da missão da Igreja no mundo. Ao lado dela, encontram-se a comunhão, a evangelização e a liturgia. Para um dos pesquisadores entrevistados, a presença do tema da diaconia no PAMI, como uma das dimensões da missão da Igreja, abre um leque de possibilidades para o fortalecimento da diaconia:

Acho que um dos pontos fortes da Diaconia na IECLB que acho que é um ganho, que a Diaconia está dentro do plano de ação missionária da Igreja como uma das dimensões né. Acho que isso da... garante né que cada Comunidade precisa no seu planejamento missionário refletir sobre o que é Diaconia né, e prever ações para isso. O que a gente precisa é qualificar sua reflexão lá na base, quando estão fazendo planejamento né, porque muitas vezes a gente vê ações assim bem pouco refletidas ou só reafirma aquilo que a Comunidade já desenvolve né. Então, mas isso é um ponto forte né que [...] potencializa a diaconia na Igreja.⁵²

A compreensão do PAMI em relação à diaconia não difere, em termos gerais, da compreensão apresentada pelo posicionamento do Conselho Diretor da IECLB de 1988. A

⁵⁰ ARMANI, Domingos; SCHMITT, Cláudia; CARVALHO, Isabel. IECLB Serviço de Projetos de Desenvolvimento. **Diagnóstico participativo do Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD) da IECLB**: relatório geral: diaconia e desenvolvimento, identidade e perspectivas do gerenciamento de projetos na IECLB. Porto Alegre: IECLB, 1999. p. 38.

⁵¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1988, p. 07.

⁵² SABRINA. Nome fictício. Pesquisadora da diaconia comunitária na IECLB. Entrevista realizada via videoconferência no dia 02 de Julho de 2020. Cf. ANEXO 2.

compreensão de diaconia como serviço e mediação também aqui está presente, e torna-se evidente em afirmações como essa:

Nossas comunidades podem trabalhar em parceria com o poder público e a iniciativa privada em atividades diaconais que oferecem alento e fazem desabrochar flores de vida na muralha do sistema dominante, como bem assinalava o PAMI 2000-2007: “A ação diaconal ultrapassa as fronteiras internas e externas. Une-se ecumenicamente e coopera com órgãos governamentais, a fim de promover a justiça através da cura dos males sociais”(PAMI, 2000-2007, p. 14).⁵³

Em outro momento o documento afirma:

A comunidade missionária que serve é aquela que se aproxima das pessoas, que luta pela vida digna, não só da comunidade, mas também do mundo. Seu serviço ultrapassa fronteiras [...]. A comunidade missionária que serve é aquela que promove ações efetivas e que questiona as situações de injustiça, de opressão e exclusão.⁵⁴

Esse direcionamento da diaconia também para fora da comunidade de fé, com vistas a alcançar as vítimas da sociedade, construir pontes, questionar as estruturas opressoras, com a disposição para dialogar e articular ações com outros atores sociais, é característica da compreensão de diaconia expressa pelo referido documento, a qual encontra-se contempladas no conceito de diaconia como mediação.

A compreensão dos dois documentos acerca do conceito *diaconia* apresenta razoável coerência com os fundamentos bíblicos e teológicos do conceito. No mundo contemporâneo do Novo Testamento, as variantes transitam entre as possibilidades de tradução de diaconia como *serviço* (especialmente nos evangelhos) ou como *mediação* (especialmente nas cartas de Paulo e na patrística). A grande maioria das compreensões acerca do conceito diaconia, apresentada nos dois documentos reúne tanto a perspectiva de serviço como a de mediação. Mesmo assim, o foco está no serviço e a mediação aparece de forma mais periférica.

Até aqui foi possível verificar em dois importantes documentos da IECLB uma razoável coerência entre sua compreensão atual do conceito diaconia e suas raízes neotestamentárias. A definição mais completa encontrada no conjunto dos dois documentos encontra-se no texto base do PAMI, que assim define o que entende por diaconia: “é a ação de serviço, a partir da identidade cristã, que se dá num contexto de sofrimento e injustiça com a finalidade de transformar, que chamamos de diaconia”.⁵⁵ Pelo fato desta definição mostrar

⁵³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 13.

⁵⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 47.

⁵⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 48.

uma razoável coerência com os fundamentos teológicos e bíblicos do conceito diaconia, demonstrar continuidade com as compreensões manifestadas pelo posicionamento do Conselho Diretor, e ainda ser assumida como compreensão oficial da IECLB em seu principal documento de missão, ela será assumida como definição conceitual desta pesquisa. Ora, se o recorte social dentro do qual o objeto de pesquisa será analisado é a IECLB nada mais coerente do que assumir as compreensões oficiais desta igreja.

Em termos conceituais, o objeto de pesquisa está delimitado. No entanto, resta-nos identificar quais são as atribuições práticas da diaconia segundo o entendimento oficial da IECLB? Quais são as subáreas dela, quais são as atividades, ações, projetos e iniciativas que podem ser enquadradas como diaconais. Quais são os critérios objetivos, específicos, utilizados para enquadrar aquilo que é ou não diaconia? Essas informações os dois documentos analisados não fornecem.

Por tal motivo, torna-se necessário analisar todos os documentos normativos desta igreja. São cinco os documentos considerados normativos para a IECLB: *Constituição, Regimento Interno, Ordenamento Jurídico-Doutrinário, Estatuto do Ministério com Ordenação da IECLB - EMO* e *Guia Nossa Fé Nossa Vida*.⁵⁶

A Constituição da IECLB reúne o conjunto de normas e preceitos que orientam a instituição IECLB, enquanto “organização religiosa, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos [...]”.⁵⁷ O documento, a exemplo do texto base do PAMI, pressupõe a diaconia como uma das dimensões da missão da Igreja, porém, em nenhuma parte, dedica-se a analisar separadamente qualquer especificidade ligada à diaconia, menos ainda busca definir em termos práticos, ou mesmo teóricos, o que entende por diaconia, tampouco faz isso com os outros ministérios específicos. A mesma avaliação serve para o Ordenamento Jurídico-Doutrinário (OJD)⁵⁸ e o Regimento Interno:⁵⁹ nenhum dos documentos descrevem as atribuições práticas que compõem a diaconia.

⁵⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Documentos Normativos nacionais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/documentos-normativos-nacionais-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil>>. Acesso em: 05 maio 2020.

⁵⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Constituição. 2010. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb->>. Acesso em: 05 maio 2020.

⁵⁸ “O Ordenamento Jurídico-Doutrinário (OJD) rege as questões de natureza disciplinar, de conflitos e de divergência doutrinária na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB [...]”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Ordenamento Jurídico-Doutrinário. 2008. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/ordenamento-juridico-doutrinario-da-ieclb>>. Acesso em: 05 maio 2020.

O Estatuto do Ministério com Ordenação (EMO)⁶⁰ e o Guia Nossa Fé Nossa Vida apresentam as atribuições específicas dos diáconos, diaconas e diaconisas, ou seja, apresentam as atribuições práticas do ministério diaconal com ordenação. Assim afirma o Art. XVIII do EMO:

O exercício do ministério diaconal consistirá no testemunho prático da fé cristã e se expressará através do serviço à pessoa, visando a sua cura e o bem-estar integral, cabendo-lhe especial responsabilidade: I - no incentivo à prática do amor e no serviço à pessoa necessitada; II - no despertamento e na promoção de uma espiritualidade diaconal entre os membros; III - na criação de grupos de solidariedade ou de serviço na Comunidade; IV - em atividades diaconais desenvolvidas em instituições diaconais, a exemplo de hospitais, ancionatos, creches; V - nos movimentos ecumênicos em proteção à dignidade humana ou em favor de causas justas, apoiadas pela Comunidade; VI - em iniciativas da Comunidade que visem prevenção e cura do sofrimento humano e a eliminação de suas causas; VII - na implementação de projetos de apoio social.⁶¹

O Guia Nossa Fé Nossa Vida assim define as funções específicas dos integrantes do ministério diaconal com ordenação.

A diácona, o diácono e a diaconisa, credenciados pela Igreja, são chamados pelo conselho paroquial, por outro órgão diretivo da Igreja ou instituição diaconal, para exercer, segundo o ministério compartilhado, o testemunho prático da fé cristã, promovendo o bem-estar integral de pessoas e do meio ambiente. Empenham-se na prevenção e cura do sofrimento humano, trabalhando pela eliminação das causas dos males. Dedicam atenção especial à formação e ao acompanhamento de pessoas colaboradoras leigas.⁶²

A preocupação desses dois documentos, como já afirmado, é elencar as funções específicas dos quatro ministérios reconhecidos e ordenados pela IECLB. Tais atribuições cumprem funções meramente organizativas, conforme destaca o EMO:

⁵⁹ O “Regimento Interno é norma complementar à Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, adiante denominada IECLB, e tem a finalidade de regulamentar as funções de seus órgãos de forma integrada e a preservação da unidade doutrinária e identidade confessional em toda a Igreja”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Regimento Interno. 2015. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/regimento-interno-da-ieclb>>. Acesso em: 05 maio 2020.

⁶⁰ “Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO é norma complementar à Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, adiante denominada IECLB, e regula o exercício público do ministério com ordenação, visando o cumprimento dos objetivos fundamentais da Igreja”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Estatuto do Ministério com Ordenação. 2014. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 06 maio 2020.

⁶¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2014.

⁶² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Nossa Fé – Nossa Vida. 2010. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/nossa-fe-nossa-vida>>. Acesso em: 06 maio 2020.

A distinção de ministérios específicos tem razão somente funcional, seguindo o propósito de assegurar competência no exercício das atribuições respectivas, cuja meta consiste na capacitação para a vivência do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, na formação de lideranças, bem como na manifestação pública da palavra de Deus, na sociedade.⁶³

As respectivas atribuições dos quatro ministérios dialogam com as respectivas áreas que visam promover, ou seja, o ministério ordenado diaconal dialoga com aquilo que a IECLB entende por diaconia, o ministério ordenado pastoral com a área do pastorado, e assim por diante. Essa constatação, embora pareça de imediato óbvia, é importante, pois ao que parece as atribuições dadas aos quatro ministérios ordenados não estão estritamente restritas as suas respectivas áreas. Um exemplo são as atribuições do pastor: Segundo o *Guia Nossa Fé Nossa Vida*, as atribuições específicas do pastor são três: a) pregação pública do Evangelho; b) administração dos Sacramentos e; c) a prática do aconselhamento pastoral.⁶⁴ No entanto, para alguns autores conhecidos no âmbito da IECLB, como o Christoph Schneider-Harpprecht, o aconselhamento pastoral deve ser integrado no trabalho diaconal da comunidade.⁶⁵ Surge a questão: por que é tarefa específica do pastor fazer algo que está no campo da diaconia? Mesmo exemplo serve para as atribuições específicas dos integrantes do ministério missionário. Segundo o *Guia Nossa Fé – Nossa Vida*, as atribuições dos missionários estão ligadas especialmente à evangelização, especialmente para além dos muros das comunidades constituídas. No entanto, segundo o texto base do PAMI, a evangelização é apenas uma das quatro dimensões daquilo que o documento afirma ser a missão da IECLB, esta por sua vez, vai muito além das atribuições práticas do ministério missionário.

Questionamentos semelhantes apareceram nas entrevistas feitas com os e as pesquisadoras da diaconia comunitária na IECLB:

E eu nunca concordei muito com essas caixinhas, por exemplo: está lá no Estatuto do Ministério com Ordenação que visitação está no pastorado mas como assim? É um dos pilares da diaconia né, sepultamento é uma das sete obras de misericórdia no Novo Testamento, diáconos que faziam sepultamento [...].⁶⁶

Neste sentido, as pessoas integrantes do ministério missionário, diaconal, pastoral e catequético assumem somente determinadas funções de suas respectivas áreas. Seria impossível assumir a totalidade das obrigações ligadas as suas respectivas áreas, visto que não

⁶³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2014.

⁶⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2011, p. 11.

⁶⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005. p. 293.

⁶⁶ FERNANDA. Nome fictício. Pesquisadora da diaconia comunitária na IECLB. Entrevista realizada via videoconferência em 08 de Julho de 2020. Cf. ANEXO 1.

é possível estabelecer com objetividade os limites das quatro áreas, onde termina uma e começa a outra. Todas elas se interligam, intercalam em algum momento. Aqui torna-se importante um esclarecimento básico: O ministério diaconal ordenado dialoga com o ministério da diaconia enquanto dimensão da missão da igreja, mas eles não podem ser confundidos. Pode-se afirmar que as atribuições específicas dadas a cada ministério com ordenação não representam necessariamente aquilo que a IECLB compreende como a totalidade da composição dos ministérios enquanto dimensões da missão da igreja.

Em nenhuma manifestação ou documento normativo foi encontrada uma descrição objetiva de diretrizes que sirvam para enquadrar precisamente as ações como sendo ou não diaconais. Diante dessa ausência, e sem julgar a necessidade da Igreja criar ou não uma lista objetiva, tendo em vista a dificuldade de delimitar áreas que na realidade se sobrepõe,⁶⁷ a presente pesquisa vai trabalhar a partir das definições conceituais a respeito do seu objeto de pesquisa, que é a definição dada pelo PAMI.⁶⁸

2.1.3 DIACONIA INDIVIDUAL, DIACONIA COMUNITÁRIA E DIACONIA INSTITUCIONAL

A diaconia cristã pode ser classificada em três níveis: individual, comunitário e institucional. A classificação é orientada pela “diversidade de expressão e de atores envolvidos”.⁶⁹

A expressão mais básica da ação diaconal acontece no âmbito individual (diaconia individual), de forma espontânea, no dia a dia da vida das pessoas, na forma de ações concretas de serviço, de ajuda e de misericórdia, a partir da fé, e em favor de outras pessoas e grupos em alguma situação de necessidade. [...] Num segundo nível, a diaconia pode ser organizada como uma resposta comunitária e como um esforço coletivo, como expressão prática da fé. Neste nível (diaconia comunitária), a diaconia requer alguma organização e coordenação, mesmo que se expresse, em geral, como compromisso voluntário das pessoas envolvidas. Por meio dela, a comunidade de fé busca atender e responder a diferentes necessidades de pessoas e/ou grupos, da própria comunidade e/ou da sociedade envolvente. [...] Num terceiro nível, a diaconia pode ser organizada como uma resposta mais estruturada, contínua e profissional mediante a constituição de uma organização que assuma o serviço

⁶⁷ Possivelmente é por tal motivo que a Igreja dos Primeiros Séculos também não definiu especificamente, em termos práticos, os componentes pontuais das determinadas áreas de seu ministério. Por tal motivo é possível encontrar, especialmente nos escritos paulinos e de Pais da Igreja, diáconos exercendo tarefas ligadas à evangelização e à catequese.

⁶⁸ “É a ação de serviço, a partir da identidade cristã, que se dá num contexto de sofrimento e injustiça com a finalidade de transformar, que chamamos de diaconia”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 48.

⁶⁹ MENEZES, Marilu Nörnberg; BOCK, Carlos Gilberto. Diaconia Institucional. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 2012, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 1, p. 610-620, 2012. p. 610.

diaconal como sua missão específica. A diaconia institucional nasce a partir de um compromisso comunitário em resposta a desafios e necessidades concretas em seu contexto de atuação. O seu alcance de atuação pode ser local, regional, nacional e internacional, considerando-se o seu mandato e finalidade.⁷⁰

O objeto de pesquisa desta tese é o segundo nível da diaconia, mesmo assim é fundamental aprofundarmos a relação existente entre os três níveis.

A razão de ser de todas essas expressões diaconais é a fé cristã, por tal motivo se relacionam constantemente. No entanto, há sempre o risco de haver falta de comunicação e isolamento entre elas. “A instituição diaconal sempre corre o risco de perder o contato com a comunidade local. Isso traz consequências negativas, não só para a instituição, mas também para a comunidade”.⁷¹

O motivo da IECLB, ao longo dos anos, ter promovido e apoiado a criação e manutenção de instituições diaconais está relacionado à existência de desafios diaconais complexos, que exigem uma atuação mais especializada, contínua e ampla, que nem sempre pode ser promovida por uma comunidade de fé. Estas raramente possuem condições e estruturas para uma atuação sistêmica, contínua, que exige um certo grau de profissionalismo, como por exemplo na atuação junto a jovens e adolescentes em estado de risco social, idosos com dificuldade e limitações físicas, alcoolistas e dependentes químicos, entre outras situações e públicos. Com vistas a dialogar e responder a tais desafios diaconais surgiu às instituições diaconais.⁷²

Após definirmos o que a IECLB entende por diaconia comunitária, torna-se oportuno analisarmos aspectos da história da diaconia nesta igreja.

⁷⁰ MENEZES, BOCK, 2012, p. 611.

⁷¹ NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.) **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 244.

⁷² “A diaconia institucional [...] passa a ser constituída legalmente sob um formato jurídico autônomo. [...] No Brasil, o formato jurídico possível são as associações e as fundações. As iniciativas coletivas de geração de trabalho e renda podem vir a ser constituídas sob a forma de cooperativas”. MENEZES, BOCK, 2012, p. 611; NORDSTOKKE, 2011, p. 243.

2.2 OS PRIMÓRDIOS E O DESENVOLVIMENTO INICIAL DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB

2.2.1 CONTEXTO DOS PRIMEIROS IMIGRANTES GERMÂNICOS NO BRASIL⁷³

A imensa maioria dos imigrantes que chegaram ao Brasil, a partir de 1824, ou até mesmo antes como sustenta o teólogo Marlon Ronald Fluck,⁷⁴ não pertencia à elite social e econômica da sociedade germânica da época, pelo contrário, fazia parte de camadas e grupos vítimas de fenômenos naturais e sociais que assolavam alguns países da Europa no início do século XIX, conforme descreve o historiador Martin N. Dreher:

Tais imigrantes eram vítimas do empobrecimento no meio rural alemão, suíço e luxemburguês, da explosão demográfica, da crise econômica dos artesãos urbanos por causa do surgimento da indústria (1840), de más colheitas, da divisão da terra e da lei de herança.⁷⁵

O historiador Hans J. Prien sustenta que em alguns lugares, como Hamburgo e Mecklemburgo, a emigração foi vista como uma oportunidade pelo Estado, para eliminar de seu território presos, pessoas sem domicílio e desempregados.⁷⁶ Do outro lado do Atlântico, o governo brasileiro não abriu as fronteiras para o imigrante germânico por pura benevolência, mas sim por interesses nacionalistas, conforme especifica Dreher:

Usou-o em sua política de branqueamento de raça, assentou-o em áreas estratégicas para a defesa de fronteiras nacionais, valeu-se dele para a formação do exército nacional, usou-o para a construção, conservação e proteção de estradas, valeu-se dele para o apoio a núcleos urbanos, para a valorização fundiária, para a obtenção de mão-de-obra barata, para a criação de uma classe média brasileira. Não raras vezes

⁷³ “A historiografia alusiva à imigração alemã no Brasil privilegiou em seus registros os acontecimentos em espaço público, com protagonismo masculino, a partir de um centro de interesses, em correspondência à cultura que se sobrepunha, na qual o devir histórico se dava a partir do bom desempenho do homem/marido/chefe de família. Com isso, relegou ao segundo plano a participação das mulheres”. DREHER, Scheila dos Santos. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. 2016. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/em-memoria-delas-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

⁷⁴ O Referido teólogo sustenta que a primeira comunidade, da atual IECLB, surgiu em 20 de agosto de 1819 em Nova Friburgo - RJ e não em 1824 conforme sustenta a historiografia oficial da IECLB. Afirma Fluck: “a historiografia da IECLB precisa ser corrigida. O surgimento da primeira comunidade evangélica da igreja tem de ser na chegada dos colonos suíços em Nova Friburgo. Somente mais tarde os alemães podem ser considerados. Em 21 de agosto de 1819 foi fundada a primeira comunidade da igreja hoje conhecida como IECLB”. FLUCK, Marlon Ronald. **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: início, missão e identidade**. Curitiba: Calebe, 2005. p. 13.

⁷⁵ DREHER, Martin Norberto. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 223.

⁷⁶ PRIEN, Hans Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teutoevangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 26-27.

os imigrantes foram usados para eliminar nações indígenas. Em São Paulo, quando da criação do sistema de parceria, foram substitutos para a mão-de-obra escrava.⁷⁷

O itinerário enfrentado por boa parte das pessoas migrantes foi povoado por inúmeras situações de dificuldades e risco: deixar a terra natal, romper laços com entes queridos, enfrentar meses em alto mar em embarcações por vezes precárias, chegar a uma terra totalmente desconhecida povoada por inúmeros perigos e adversidades, eram fases obrigatórias de um itinerário, que não os conduziria a um paraíso na Terra, pelo contrário, segundo informações de documentos publicados, a vida da primeira e segunda geração dos imigrantes no Brasil foi extremamente difícil. Além dos sofrimentos e dificuldades derivados da própria inserção numa terra desconhecida, o governo brasileiro, mesmo os utilizando para suprir suas próprias demandas e interesses, garantia a marginalização religiosa dos imigrantes protestantes em sua própria Constituição, no Art. 5º, promulgada em 1824: “a religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”.⁷⁸

O fato de serem apenas tolerados lhes assegurava uma situação de marginalização religiosa no Império.⁷⁹ Esta situação promovida pelo governo brasileiro não estava relacionada somente às questões de fé e religião, mas se manifestava também em outras áreas, conforme escreve Dreher:

Por serem imigrantes e protestantes, eram estrangeiros e acatólicos. Não gozavam do direito a voto, nem eram elegíveis. Até 1860 seus matrimônios não eram válidos [...]. Os mortos luteranos não podiam ser sepultados em cemitérios públicos [...]. Seus templos não podiam ter forma exterior que denunciasses sua finalidade. Tudo isso levou ao isolamento, que se aliava ao isolamento geográfico, étnico e linguístico.⁸⁰

Além disso, deve ser lembrado que a partir de 1824 o trabalho braçal, que até então era assumido exclusivamente pelos escravos negros, passa a ser feito também pelos imigrantes. Dreher sustenta que, ao passo que os imigrantes assumiam esse tipo de trabalho

⁷⁷ DREHER, 1999, p. 223.

⁷⁸ CONSTITUIÇÕES DO BRASIL. 2.ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1958. p. 12.

⁷⁹ “Contudo, pelo menos já a partir das décadas de 1850/1860, os protestantes foram infringindo o artigo 5º da Constituição Imperial, colocando pequenos ornamentos externos e até torres com sinos em seus templos”. WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil: trajetórias e desafios. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. [180]-206, 2009. p. 182.

⁸⁰ DREHER, 1999, p. 225.

como meio de sobrevivência, passavam automaticamente a ser considerados pessoas de segunda categoria pela elite brasileira.⁸¹

Por fim, pode-se afirmar que a situação política, econômica e social das primeiras duas gerações no Brasil foi marcada pela exclusão e marginalização social. Nessa linha, o teólogo Rodolfo Gaede Neto recupera um ditado criado pelos migrantes naquele contexto: “Für die ersten der Tod, für die zweiten die Not, für die dritten das Brot (Para a primeira geração, a morte; para a segunda, a miséria; e para a terceira, o pão)”.⁸²

2.2.2 ASPECTOS SOBRE O CONTEXTO DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES PROTESTANTES NO BRASIL

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes evangélicos alemães organizaram a construção de escolas e comunidades de fé, estas últimas, na grande maioria das vezes, sem o auxílio ou motivação de pastores ordenados.

A motivação dos colonos terá sido um anseio mais ou menos consciente. Psicologicamente, a “lembrança do domingo no povoado pátrio” deve ter desempenhado “um papel importante”. “Há anseio pelo som do órgão e o dobrar dos sinos, por canto comunitário e pregação”. Uma vez construídas a igreja, a escola e a casa pastoral com as próprias mãos e o pastor sendo remunerado com recursos próprios dos colonos – isso transmite “uma sensação de unidade”, que se manifestava em palavras como “nossa” igreja e “nossa” escola, mas também, como mencionado acima, “nosso” pastor no sentido de “nosso empregado!”.⁸³

As primeiras comunidades evangélicas no Brasil, que mais tarde formariam a IECLB, eram caracterizadas pela independência entre elas e pelo desamparo em relação à igreja alemã, conforme aponta Fischer, ao escrever sobre a realidade dos evangélicos no Rio Grande do Sul: “No aspecto eclesiástico, durante 40 anos os alemães evangélicos no Rio Grande do Sul estiveram completamente à mercê de si mesmos. Durante esse período nenhum órgão eclesiástico da Alemanha se preocupou com eles”.⁸⁴ Para a pesquisadora Angela Froemming, “até a década de 1860 as comunidades evangélicas permaneciam de forma bastante autônoma, sem qualquer vínculo com alguma organização sinodal. As próprias

⁸¹ DREHER, Martin N. Transformações do luteranismo brasileiro. *Estudos Teológicos*, v. 24, n. 1, p. 4-26, 1984. p. 06.

⁸² GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia na IECLB e na Faculdades EST: um breve relato.** Visita da delegação da Igreja da Noruega à Faculdades EST, 26 e 27 de agosto 2015. (Texto avulso) p. 01.

⁸³ PRIEN, 2001, p. 71.

⁸⁴ FISCHER, Joachim. A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX. In: FISCHER, Joachim (Org.) **Ensaio Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil.** São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 34.

comunidades tinham pouca relação entre si”.⁸⁵ Tais comunidades eram heterogêneas em relação à confessionalidade, isto porque “os membros imigrantes vinham de Igrejas Luteranas, Reformadas (Calvinistas) e Unidas. Trouxeram consigo sua bagagem cultural e sua fé”.⁸⁶ Em decorrência disso, “nas comunidades, uniram-se luteranos e reformados. Costumavam designar-se de Comunidade Evangélica ou Comunidade Evangélica Alemã”.⁸⁷ Mesmo assim, Wachholz suspeita que entre os primeiros imigrantes evangélicos cerca de 80 a 90% eram de confessionalidade luterana.⁸⁸ Para Fischer, a repressão do Estado aos protestante é um dos elementos que explica o surgimento das comunidades unidas.

No contexto brasileiro, com a Igreja Católica Romana como religião do Império, não se achou adequado criar comunidades luteranas e reformadas (calvinistas) separadas. Adotou-se o modelo de comunidades unidas, integradas por luteranos e reformados. Presumo que tenha predominado o luteranismo.⁸⁹

Também entre os pastores desse período, comumente caracterizado como período congregacional,⁹⁰ é possível verificar uma variedade de orientações teológicas, confessionais e pastorais.⁹¹ Somado a isto, pode-se observar no período congregacional uma grande escassez numérica de pastores, conforme observa Fischer:

Os pastores evangélicos que entre eles atuaram simultânea ou sucessivamente de 1824 até início de 1864, vieram todos por iniciativa própria ao Brasil, não tendo sido enviados por Igreja Territorial alguma. [...] A disponibilidade de tempo e capacidade de trabalho dos poucos pastores nem de longe bastava para atender a todos os evangélicos com a Palavra de Deus.⁹²

⁸⁵ FROEMMING, Angela Brandalise. **Migração e identidade**: formação de comunidades evangélicas nas colonizações mistas de Três de Maio, Horizontina e Dr. Maurício Cardoso no século XX. São Leopoldo, 2009. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009. p. 49.

⁸⁶ FISCHER, Joachim. Identidade Confessional: lições da história. **Estudos Teológicos**, v. 43, n. 1, p. 29-42, 2003. p. 31.

⁸⁷ FISCHER, 2003, p. 32.

⁸⁸ WACHHOLZ, 2009, p. 182.

⁸⁹ FISCHER, 2003, p. 33.

⁹⁰ “Aos poucos, as comunidades foram se unindo em estruturas eclesiásticas: o Sínodo Riograndense (1886), o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados, mais conhecido como Sínodo da “Caixa de Deus” (1905), a Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina (1911) e o Sínodo Evangélico Brasil Central (1912). Esses Sínodos constituiriam a Federação Sinodal em 1949, isto é, a IECLB”. WACHHOLZ, 2009, p. 183.

⁹¹ FISCHER, 2003, p. 33. O quadro de pastores tornar-se-ia mais homogêneo a partir de 1961, quando diversas entidades evangélicas, tanto da Suíça como da Alemanha, enviariam pastores e missionários para as terras brasileiras. “Foram os missionários e pastores que contribuíram decisivamente para uma definição mais clara da confessionalidade das comunidades. Deles partiram também as iniciativas para a criação de Igrejas regionais, chamadas de Sínodos”. FISCHER, 2003, p. 33-34.

⁹² FISCHER, 1986, p. 34-35.

Devido à falta de pastores ordenados, as primeiras comunidades foram obrigadas a assumir um protagonismo coletivo, promovendo iniciativas próprias para se manterem fiéis à antiga confessionalidade, resistindo à pressão para se tornarem católicas.⁹³ É importante lembrar que o principal destino dos imigrantes chegados entre 1824 e 1834 é o Rio Grande do Sul,⁹⁴ e é neste contexto que surgem os pastores não ordenados, conforme explica Dreher: “Sem pastores, não querendo converter-se ao catolicismo, as comunidades do Rio Grande do Sul começaram a designar leigos do seu próprio meio para exercer as funções pastorais”.⁹⁵ Esses pastores leigos foram rotulados, especialmente pelos pastores ordenados, de forma pejorativa, como pseudo-pastores. Wachholz sustenta que, na maioria das narrativas sobre a imigração alemã, os pastores não ordenados são avaliados negativamente: Nesses relatos, a “maioria dos pastores não-ordenados foi descrita como sendo constituída de aventureiros que emigraram, em parte, por necessidade, por leviandade ou por terem sido expulsos pela família”.⁹⁶ Witt reconhece que nesse grupo de pastores não ordenados, existiam tanto pessoas com boas intenções como também pessoas de má índole, que se aproveitavam da boa vontade dos membros para benefícios próprios.⁹⁷

2.2.3 PRIMÓRDIOS DA DIACONIA NA IECLB

A sobrevivência nas primeiras décadas na nova pátria só foi possível graças aos laços de solidariedade que se criaram entre famílias teuto-brasileiras. Sempre que necessário, homens e mulheres organizavam mutirões: para o plantio e para a colheita, para a construção das casas ou do “prédio” que abrigaria a escola e/ou a igreja, para o preparo dos festejos nas comunidades evangélicas.⁹⁸

Os materiais publicados sobre vivências de fé no período congregacional são escassos. Mesmo assim é possível garimpar em alguns escritos elementos históricos que nos permitem visualizar posturas, iniciativas e outros elementos ligados a diaconia presente já nos primeiros anos pós-imigração, entre as comunidades protestantes que mais tarde se uniriam para formar a IECLB.

⁹³ DREHER, Martin Norberto. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 53.

⁹⁴ HENNIG, Martin. Os auxílios de entidades evangélicas na Alemanha em prol dos evangélicos no Brasil, dos seus primórdios até o ano de 1900. In: FISCHER, Joachim. A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX. In: FISCHER, Joachim (Org.) **Ensaio Luteranos**: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 85.

⁹⁵ DREHER, 2003, p. 52.

⁹⁶ WACHHOLZ, Wilhelm. “**Atravessem e ajudem-nos**”: a atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 497.

⁹⁷ WITT, Osmar Luiz. **Igreja na imigração e colonização**: a pregação itinerante no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 61.

⁹⁸ DREHER, 2016.

Nesse período, pode-se observar uma forte vivência comunitária e solidária entre os membros das comunidades de fé⁹⁹ em meio a contextos de muita escassez.

Dentro da precariedade em que viviam centenas de homens, mulheres e crianças foram criadas associações de ajuda mútua que procuravam suprir as mais diversas carências. Ênfase especial foi dada à educação e à saúde. Isso porque não foram cumpridas as promessas feitas pelos governos aos imigrantes, de que haveria escolas para todos. O atendimento à população na área da saúde era igualmente precário e exigia ações efetivas.¹⁰⁰

Os imigrantes protestantes ensaiaram formas de organização social baseada na partilha, no cooperativismo e na reciprocidade. Hoch afirma que “o espírito de solidariedade fraterna e o cuidado com a saúde estavam presentes, desde o início, entre as comunidades luteranas”.¹⁰¹

Não demorou para que a solidariedade ganhasse contornos de organização. Após chegarem ao solo brasileiro, os imigrantes, em muitos lugares, construíram escolas e igrejas, pouco depois, surgiram pequenos hospitais e as caixas de solidariedade, popularmente conhecidas como “caixas de cobras”.

Merece destaque neste período o importante trabalho das parteiras. Sobre este período escreve Hoch:

Quando os primeiros imigrantes luteranos chegaram ao Brasil [...], construíram sua escola e sua igreja e não tardou para que, em muitos lugares, construíssem também um pequeno hospital. A necessidade de assistência médica era grande nas regiões isoladas em que foram habitar e onde o poder público geralmente era omissivo. Parteiras foram preparadas para assistir as parturientes e criadas caixas de solidariedade, por exemplo, para prestar socorro a pessoas picadas por cobras.¹⁰²

Gaede Neto e Roelke comentam sobre a lógica e a dinâmica das chamadas *caixas de solidariedade* ou *caixas de cobra*: “No Estado do Espírito Santo, surgiram as *Schlangenkassen* (Caixas de Cobras), com o objetivo de socorrer as vítimas das picadas de cobras”.¹⁰³ Helmar R. Roelke explica a dinâmica dessa iniciativa diaconal, que com o passar dos anos foi sendo melhor organizada e articulada.

⁹⁹ BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 47, n. 1, 2007. p. 146.

¹⁰⁰ SCHÜNEMANN, Rolf. História da Diaconia no Sínodo Sudeste. 2006. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-da-diaconia-no-sinodo-sudeste>> Acesso em: 16 de Jun. 2020.

¹⁰¹ HOCH, Lothar Carlos. A diaconia na IECLB: o despertar da Igreja para um ministério esquecido. **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 1, 2005. p. 22.

¹⁰² HOCH, 2005, p. 22.

¹⁰³ GAEDE NETO, Rodolfo. A Igreja veste avental. **Jorev Luterano**, ano 39, dez. 2010. p. 13.

Na área eclesiástico-diaconal – e diante das características das regiões onde a imigração se deu, com parte da Mata Atlântica ainda conservada e com a abundância da fauna, inclusive de cobras -, a Igreja criou associações que compravam soro antiofídico do Instituto Butantã, de São Paulo. Eram as “Caixas de Cobra”: em cada córrego, pessoas da região eram preparadas para aplicar o soro antiofídico – o que passou a poupar das longas caminhadas até o médico aqueles que precisavam de socorro.¹⁰⁴

Gaede Neto ainda destaca a prática dos mutirões, ainda hoje frequentes em algumas comunidades da IECLB, especialmente nas cidades do interior do Brasil. Tais iniciativas eram organizadas para realizar tarefas comunitárias ou ajudar membros das comunidades em situações de emergência.¹⁰⁵ Um dos lugares onde a prática dos mutirões era mais frequente foi no Estado do Espírito Santo, entre os pomeranos: “[...] os pomeranos passaram a lançar mão dos mutirões – para construir casas, caminhos e estradas; estradas e templos; ou mesmo para carregar até o socorro médico, durante horas e horas, pessoas doentes em macas improvisadas em varas de bambu”.¹⁰⁶

Além da diaconia essencialmente comunitária, colocada em prática pelos membros leigos das comunidades, Gaede Neto chama a atenção para a diaconia praticada pelos pastores e suas esposas, que colocavam seus conhecimentos técnicos à disposição das necessidades da comunidade. Por meio dessas pessoas, “muitos casos de doenças, de acidentes, de partos puderam ser atendidos nas residências das famílias, salvando vidas”.¹⁰⁷ Marlon R. Fluck chama a atenção para o engajamento diaconal dos obreiros enviados pela Sociedade Missionária da Basileia que atuaram nas comunidades de fé protestantes. Segundo seu relato, alguns pastores atuaram paralelamente na área médica, outros se envolveram na causa dos órfãos, resultando na criação do Asilo Pella-Bethania.¹⁰⁸ Teve ainda obreiros que se engajaram na luta contra os males da escravidão no Brasil: “além da consciência da própria situação similar à escravidão negra em que os alemães se encontravam, alguns fizeram algo concreto em favor do negro”.¹⁰⁹ Walter J. Schlupp lembra do episódio protagonizado pelo pastor Johann Leonhardt Hollerbach, por volta do ano de 1880:

¹⁰⁴ ROELKE, Helmar Reinhard. **Construção da cidadania em comunidades luteranas na região serrana do Espírito Santo** – um desafio ético para a Igreja. Monografia de Especialização. São Leopoldo: EST, 2006. p. 23.

¹⁰⁵ GAEDE NETO, 2010, p. 13.

¹⁰⁶ ROELKE, 2006, p. 23.

¹⁰⁷ GAEDE NETO, 2015, p. 01.

¹⁰⁸ FLUCK, 2005, p. 27.

¹⁰⁹ SCHLUPP, Walter J. **Vasos de barro ou Deus caça mesmo com gatos**. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1983. p. 76-77. A utilização da terminologia “negro” como referência para a população Afro-descendente não se mostra mais coerente para os dias atuais.

[...] passava a cavalo perto de uma fazenda e viu um preto amarrado a uma árvore, que estava sendo açoitado por ordem do fazendeiro. Apeou-se e soltou o homem, advertindo o fazendeiro (que não era da sua igreja), lembrando-o que não é assim que se trata uma criatura de Deus, pela qual também Cristo morreu.¹¹⁰

Deve ser destacada a atuação de vários pastores também como professores nas escolas comunitárias. Além disso, a própria situação econômica e social da maioria dos pastores no período congregacional, que tinham sérias dificuldades tanto no trabalho pastoral quanto para o próprio sustento,¹¹¹ nos permite afirmar que sua própria atuação se caracterizava como uma autêntica expressão diaconal. É o que se pode depreender do testemunho pessoal do pastor Hollerbach, escrito em 1862, pouco depois de chegar na região de Mucuri-MG:

Somente a minha firme convicção me impele a continuar no serviço da igreja e escola, apesar do risco dos assim chamados livres pensadores, apesar do escárnio e das caçadas dos espíritos “fortes”, apesar da aparente esterilidade do campo. Preciso de toda a minha força da fé para abrir a boca, dando testemunho do pecado humano e da graça divina, estas duas pedras de tropeço.¹¹²

A partir da atuação solidária tanto de pastores, como de pessoas leigas das comunidades e ainda daquelas com conhecimentos técnicos, provindas da Alemanha, é possível identificar o embrião da diaconia na IECLB, composto por fé, resistência, necessidade, solidariedade e espontaneidade. No período congregacional, a diaconia é caracterizada pelo espírito comunitário e espontâneo, embora em alguns lugares o aparecimento de pequenos hospitais, caixas de solidariedade (caixas de cobras) e escolas testemunhem uma diaconia mais organizada, mas que se mantém essencialmente comunitária.

Com pouquíssimas exceções, como a do pastor Hollerbach, a diaconia no período congregacional aconteceria dentro do gueto dos imigrantes, podendo ser definida como uma diaconia interiorizada, voltada para as demandas diaconais internas das próprias comunidades, conforme destaca o pastor e pesquisador luterano Rolf Schünemann, ao referir-se às comunidades que bem mais tarde formariam o atual Sínodo Sudeste. “Num primeiro momento a ação voltou-se para as famílias dos imigrantes alemães chegados ao Brasil no século XIX e inícios do século XX”.¹¹³

A perspectiva interiorizada da diaconia comunitária neste período não foge à regra da perspectiva missionária das comunidades do período congregacional, isto porque, conforme

¹¹⁰ SCHLUPP, 1983, p. 77.

¹¹¹ SCHLUPP, 1983, p. 75.

¹¹² HOLLERBACH *apud* SCHLUPP, 1983, p. 74-75.

¹¹³ SCHÜNEMANN, 2006.

sustenta a diácona Sissi Georg, o perfil da diaconia comunitária geralmente reflete o perfil da comunidade que a desenvolve.¹¹⁴ Gottfried Brakemeier discute o perfil missionário das comunidades da época: “a condição de minoria ‘herética’ inibia a missão das comunidades evangélicas, produzindo um trauma ainda hoje perceptível”.¹¹⁵

A condição de minoria herética não explica por completo a perspectiva de missão interiorizada das comunidades neste período. Fluck chama a atenção para um elemento presente na história dos imigrantes europeus. Segundo ele, a realidade de opressão e marginalidade experimentada, especialmente em seus países de origem, deixaria marcas inclusive na forma destes vivenciarem a fé no território brasileiro.

Em decorrência das condições adversas, ocorreu uma inibição de iniciativas evangelizadoras fora do grupo étnico, limitando-se, na maioria das vezes, a conquistar espaço para sobreviver. Muitos imigrantes haviam introjetado uma timidez quanto à exteriorização da fé em virtude de perseguições religiosas decorrentes das trocas constantes de orientação religiosa do príncipe eleitor (todos os súditos eram forçados a adotar a religião do príncipe ou procurar outra região para moradia).¹¹⁶

Somado a isto, o quadro de isolamento geográfico a que alguns grupos de imigrantes foram submetidos nos ajuda a entender a razão da diaconia ser vivenciada quase que exclusivamente dentro do próprio gueto étnico. No contexto do Estado do Espírito Santo, onde os pomeranos foram alocados, a situação era especialmente mais aguda.

Receberam lotes na parte marginal da Província – o que inviabilizava um contato mais próximo com a população local, já existente na faixa litorânea. A partir dessa marginalidade geográfica que resultou numa espécie de isolamento, os imigrantes passaram a se organizar sozinhos, conservando língua, cultura, costumes e referências religiosos.¹¹⁷

Numa época em que o trabalho manual com a terra era algo reservado aos escravos, não sendo considerado um trabalho digno para o branco, o fato dos pomeranos se dedicarem ao trabalho manual fazia com que fossem considerados como “diferentes” pela população local. A religião “protestante luterana” praticada pelos pomeranos acentuava ainda mais o fosso do isolamento, “[...] os imigrantes eram vistos como comungantes de formas estranhas

¹¹⁴ GEORG, 2006, p. 224.

¹¹⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. O ministério compartilhado: Origem, História e Teologia. 2013. **Portal Luteranos**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/o-ministerio-compartilhado-origem-historia-e-teologia>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

¹¹⁶ FLUCK, 2005, p. 19.

¹¹⁷ ROELKE, 2006, p. 23.

de exercitar a fé. Reuniam-se em casas, cantavam e liam sua bíblia em língua estranha”.¹¹⁸ O idioma, a religião, os hábitos e costumes diferentes serviam para reafirmar tal estigma. Por outro lado, os pomeranos consideravam a população afro-descendente como preguiçosa, visto que não tinha o costume de estocar alimentos.¹¹⁹ “O negro era visto como grosseiro, matador e perigoso”.¹²⁰ Neste contexto, Roelke conclui: “diante desses choques étnicos, culturais e religiosos, também os negros e os luso-brasileiros passaram a se isolar dos imigrantes”.¹²¹ Tais questões configuraram um quadro de marginalidade e isolamento dos pomeranos, o qual marcou profundamente sua organização eclesial e sua prática de fé em terras brasileiras.

A história de censura religiosa sofrida pelos imigrantes tanto em sua terra natal quanto também no Brasil, os meios de transportes e de comunicação rudimentares, os choques culturais, o isolamento geográfico, linguístico e étnico em terras brasileiras, e ainda o cultivo de uma teologia pensada na Europa que pouco dialogava com os desafios diaconais do contexto brasileiro, parecem servir para explicar a característica interiorizada da diaconia nesse período. As críticas à diaconia neste período precisam levar em consideração tais elementos, e talvez se preocupar mais com o fato de que, embora o contexto social, político, cultural e religioso mudaria com o passar dos anos, a práxis diaconal comunitária da IECLB teria, de modo geral, sérias dificuldades para ultrapassar seus próprios muros.

2.2.4 OASE, DIACONISAS E O PROTAGONISMO DIACONAL FEMININO NA IECLB

Desde os primórdios da tradição cristã, as mulheres assumiram o papel de protagonistas. Sabemos que muitas foram discípulas de Jesus, muitas foram curadas por Ele, ofereceram suas casas para acolher o messias, o seguiram, ficaram no pé da cruz até sua morte, foram as primeiras testemunhas da ressurreição, depois novamente abriram a porta de suas casas para acolher a Igreja dos primeiros séculos. Para Baeske, esse protagonismo se repetiu também no protestantismo de imigração.¹²² Foram elas as responsáveis por inúmeras iniciativas diaconais desde as primeiras décadas das comunidades protestantes no Brasil. Atuaram como parteiras, visitadoras, participaram de mutirões, auxiliaram em outras demandas comunitárias, mais tarde diaconisas atuaram como enfermeiras, cuidadoras, professoras de jardim de infância, entre outras funções. Diante disso, não causa estranheza a

¹¹⁸ ROELKE, 2006, p. 25.

¹¹⁹ ROELKE, 2006, p. 23.

¹²⁰ ROELKE, 2006, p. 23. A utilização da terminologia “negro” como referência para a população Afro-descendente não se mostra mais coerente para os dias atuais.

¹²¹ ROELKE, 2006, p. 23.

¹²² BAESKE, Sibyla (Org.). **Retalhos no tempo**: 100 anos da OASE. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 11.

informação de que foram elas as responsáveis por conduzir a diaconia luterana no Brasil a um novo patamar, tanto em nível regional como nacional, a partir da década de 1880. O surgimento da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE) no Brasil, um dos maiores grupos organizados de mulheres na América Latina,¹²³ que já comemorou seus 120 anos, inaugurou um novo tempo para a diaconia nas comunidades oriundas do protestantismo de imigração.

Scheila dos Santos Dreher esclarece aspectos relacionados a nomenclatura assumida pelas mulheres da IECLB:

A nomenclatura OASE foi utilizada, pela primeira vez, no ano de 1941 numa prestação de contas do Sínodo Riograndense e assumida pelas mulheres, oficialmente, somente no ano de 1949, tornando-se cada vez mais usual a partir de então. Décadas depois do seu surgimento, a OASE constava nos relatórios como um setor de trabalho da IECLB. A OASE foi o primeiro espaço reconhecido de atuação das mulheres no seio das comunidades evangélicas no Brasil.¹²⁴

Dreher descreve também elementos relacionados à importância da OASE na IECLB e às atividades assumidas por elas.

Os grupos de OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – possibilitaram reunir mulheres teuto-brasileiras evangélicas e ampliar o poder diaconal e de decisão que elas já exerciam entre suas famílias e nas comunidades evangélicas antes, ainda, da sua existência. Nesse sentido, entre suas muitas atividades, constam: a organização do espaço do culto, o cuidado com familiares, vizinhos e vizinhas doentes, os cuidados no parto e no período pós-parto, a participação nas reuniões da comunidade, ainda que com restrições quanto ao seu poder de decisão, a preservação dos festejos de datas cristãs como Natal, Páscoa e Pentecostes na família e na comunidade e a manutenção dos valores morais e cristãos.¹²⁵

Ao analisar a história da OASE, Sisi Blind sustenta que o comprometimento diaconal é elemento medular deste grupo: “antes de existir a entidade, veio o serviço, revelando seu objetivo, sua intencionalidade. Movidas pela fé, as mãos das mulheres se misturam à massa que dá consistência às necessidades da vida em cada realidade específica”.¹²⁶ Ricardo Fiegenbaum reitera a afirmação de Blind quando sustenta: “[...] a OASE nasceu para a prática voluntária, a partir do evangelho, há um século”.¹²⁷

¹²³ BLIND, Sisi. **Ecos de uma história silenciosa**: grupos de OASE da IECLB. São Leopoldo, 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009. p. 13.

¹²⁴ DREHER, 2016.

¹²⁵ DREHER, 2016.

¹²⁶ BLIND, 2009, p. 19.

¹²⁷ FIEGENBAUM, Ricardo. OASE muito mais que demais. **Revista da OASE - IECLB**, São Leopoldo, maio 2002. p. 2.

A data que marca a fundação da OASE no Brasil é 15 de Agosto de 1899, “quando foi criada a Sociedade de Senhoras Evangélicas de Rio Claro, em São Paulo”.¹²⁸ Mesmo assim, é difícil precisar exatamente o início das atividades da OASE, uma vez que conforme afirma Blind, “muito antes da fundação, as mulheres já exerciam tarefas e funções. A OASE se reunia antes de haver OASE instituída”.¹²⁹ Em todo caso, em termos oficiais, a nomenclatura OASE só foi assumida em 1949.

As raízes da OASE se encontram na Alemanha do século XIX, no contexto dos subprodutos das guerras napoleônicas e da revolução industrial. Por um lado, as guerras promovidas por Napoleão condenaram muitos agricultores à miséria social e econômica;¹³⁰ por outro, a substituição de pessoas por máquinas, nas fábricas, teve como consequência imediata o desemprego e posteriormente a miséria econômica. É nesse contexto, de muitas necessidades e sofrimentos, que mulheres evangélicas se dispuseram a atuar e preparar outras para o serviço social junto a pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade e sofrimento.¹³¹

A ênfase auxiliadora, no entanto, não se restringe apenas a uma ação social. As sociedades de mulheres na Alemanha se constituem com objetivo de despertar e capacitar as mulheres para as tarefas de amor cristão nas comunidades. É união da ação ao testemunho. A sua motivação para a ação é potencializada como ação voltada para a espiritualidade.¹³²

Para João Klug, a formação dos grupos de senhoras na Alemanha influenciou o surgimento dos grupos de mulheres no Brasil, mais tarde denominados como OASE. Grupos de senhoras alemãs e a própria Igreja da Alemanha auxiliaram vários grupos de mulheres surgidos no Brasil inclusive financeiramente.¹³³ A partir de 1899, vários grupos de OASE foram surgindo, cada qual com suas prioridades decorrentes dos respectivos contextos:

Cada grupo foi sendo constituído em diferentes contextos e com uma diversidade de ênfases muito rica. Alguns com uma preocupação fortemente diaconal, voltada para as questões da saúde, especialmente ao atendimento às mulheres parturientes e com a formação das mulheres para assumirem as tarefas domésticas, como foi na região de Blumenau. [...] Na região de Novo Hamburgo, RS a luta foi pela construção de escola. [...] Em Florianópolis, a Associação de Senhoras mantinha como principal

¹²⁸ BLIND, 2009, p. 20.

¹²⁹ BLIND, 2009, p. 20.

¹³⁰ DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 33.

¹³¹ BLIND, 2009, p. 21.

¹³² BLIND, 2009, p. 21.

¹³³ KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-livro, 1994. p. 195-196.

preocupação o apoio para as necessidades de saúde, com enfermeiras atuantes e o cuidado com o hospital e a assistência social.¹³⁴

Martin Dreher assinala que um importante impulso para o desenvolvimento da OASE foi dada pelo Superintendente Geral da Igreja Evangélica na Westfália, P. Wilhelm Zöllner, que numa viagem ao Brasil, em 1910, visitou várias comunidades luteranas e incentivou a promoção da OASE. Os grupos de OASE deveriam dar suporte para o trabalho das Irmãs proveniente de Wittenberg que chegariam ao Brasil a partir de 1913. “[...] Por isso foram criadas as OASEs, cuja atuação era considerada ‘diaconia em tempo parcial nas Comunidades locais’, que dava sustentação ao trabalho diaconal de tempo integral das irmãs”.¹³⁵ Para Dreher, o P. Zöllner é decisivo para o desenvolvimento posterior da OASE, que até sua visita ao Brasil reduzia-se a uns poucos grupos de mulheres com pouca organização e articulação entre elas.¹³⁶ Zöllner havia sido diretor da Casa Matriz de Diaconisas de Kaiserswerth de 1897 até 1905.¹³⁷

Atualmente a OASE continua sendo o principal espaço de organização de mulheres dentro da IECLB. Segundo um levantamento feito por essa pesquisa, o qual será apresentado no terceiro capítulo, são as mulheres com mais de 55 anos que mais assumem a diaconia nas comunidades. Muito provavelmente a OASE está por trás desse dado, como o principal grupo organizado na IECLB propulsor da diaconia comunitária.

2.2.5 AS DIACONISAS FORMADAS NA ALEMANHA E A INCUMBÊNCIA DIACONAL

A vida dos imigrantes protestantes logo após chegarem ao Brasil era povoada por muitas carências, dificuldades e necessidades. Sentiam falta de pessoas responsáveis por coordenar as celebrações litúrgicas, administrar os sacramentos, acompanhar poimenicamente as pessoas, entre outras tarefas comumente atribuídas aos líderes eclesiásticos. Suas necessidades, porém, iam muito além do campo religioso. Gisela Beulke chama a atenção para a necessidade que as primeiras comunidades tinham de ter pessoas preparadas para trabalhar na área da saúde e da educação, especialmente das crianças. Quando algumas

¹³⁴ BLIND, 2009, p. 23-24.

¹³⁵ GAEDE NETO, 2010, p. 13.

¹³⁶ DREHER, Martin N. Vida religiosa consagrada no protestantismo brasileiro. **Estudos Teológicos**, v. 25, n. 2, p. 185-197, 1985. p. 193.

¹³⁷ BRAKEMEIER, Ruthild. **Um ramo na videira: a Casa Matriz de Diaconisas**. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 43.

comunidades descobriram que na Alemanha havia diaconisas sendo preparadas para trabalhar, justamente nessas duas áreas, tiveram interesse em tê-las aqui no Brasil.¹³⁸

Ao mesmo tempo, notícias sobre dificuldades e necessidades enfrentadas pelas igrejas provenientes da imigração alemã na América Latina chegavam ao conhecimento de lideranças da Igreja Evangélica Alemã.¹³⁹ Na época em que Zöllner era diretor da Casa Matriz de Kaiserswerth (1897-1905), havia recebido correspondências de comunidades brasileiras que manifestavam o interesse em receber diaconisas. “Ele sabia que, entre os imigrantes no Brasil, faltavam realmente profissionais”.¹⁴⁰

O interesse, no entanto, não foi o suficiente para trazer as diaconisas de forma imediata para o Brasil.

Zöllner pensou em enviar diaconisas ao Brasil. Mas não seria conveniente enviar isoladamente uma e outra que estivesse disponível. [...] Por isso a primeira coisa a ser feita seria fundar uma casa matriz, que formasse um grande número de diaconisas ao mesmo tempo. [...] Ele considerou ser possível fundar uma casa matriz de diaconisas no Brasil. Mas achou conveniente que se fundasse primeiramente uma casa matriz na Alemanha, com boa sustentação para o exterior.¹⁴¹

Por meio de doações de pessoas que se associaram a Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior, e organizações como a Obra Gustavo Adolfo, foi fundada na cidade de Münster a Casa Matriz para o Exterior, em 1908. A OASE da Alemanha foi criada para dar apoio à Casa Matriz. Devido à falta da estrutura necessária para seu funcionamento, que resultava num processo de dispersão não favorável à comunhão da irmandade, a sede foi transferida para a cidade de Wittenberg no ano de 1912. Com essa transferência, o objetivo inicial de formar diaconisas exclusivamente para atuar no exterior caiu por terra. Algumas demandas de cidades e províncias alemãs absorveram boa parte das egressas. Mesmo assim, o trabalho diaconal no exterior continuou sendo visto como prioridade pela instituição, de forma que orientava a formação.¹⁴² Martim Dreher chama a atenção para um elemento importante na formação dessas diaconisas:

Interessante é que todas as irmãs que vão ser formadas em Münster e em Wittenberg recebem a formação de parceiras. Esta formação se deve à grande miséria na qual

¹³⁸ BEULKE, 2007, p. 146.

¹³⁹ DREHER, 1985, p. 192.

¹⁴⁰ BRAKEMEIER, 2019, p. 44.

¹⁴¹ BRAKEMEIER, 2019, p. 44-45.

¹⁴² BRAKEMEIER, 2019, p. 45-47.

vive a mulher na América do Sul: tem seus filhos sem assistência médica, morrendo, muitas vezes, em consequência da falta de assistência médica.¹⁴³

Brakemeier destaca outros aspectos importantes da formação oferecida para as diaconisas formadas em Wittenberg: “fazia parte desse preparo: a formação teórica e prática para uma ou duas habilitações profissionais, o treinamento para o cargo de chefia numa instituição e a integração na comunhão da irmandade”.¹⁴⁴

As primeiras diaconisas chegadas ao Brasil eram as primeiras egressas da Casa Matriz de Wittenberg, que foi a primeira instituição a enviar diaconisas para o Brasil, seguida anos mais tarde por outras instituições do mesmo gênero.¹⁴⁵

Como afirmado acima, eram especialmente as comunidades eclesiais que ansiavam pela chegada das diaconisas. Esse também era o projeto inicial da *Ordem Auxiliadoras de Senhoras para o Exterior*, apoiadora da *Casa Matriz de Wittenberg*. Seria incumbência dessas profissionais servir às comunidades através de seus dons e competências, passando seus conhecimentos técnicos para as demais pessoas membros das comunidades, cooperando para a articulação, organização e desenvolvimento da diaconia comunitária,¹⁴⁶ conforme pode-se deduzir da mensagem passada pelo pastor Paul Cremer, secretário-geral da Sociedade Auxiliadora Evangélico-Eclesiástica,¹⁴⁷ no dia 23 de fevereiro de 1913, data da consagração das primeiras 13 irmãs egressas: “[...] lembrou às irmãs que sua tarefa não consistiria apenas em praticar a diaconia, mas também em orientar mulheres e jovens nas comunidades na prática diaconal”.¹⁴⁸ Porém, as muitas carências e demandas na área da saúde e da educação, presentes no Brasil como um todo, obrigaram as diaconisas a dividirem a atenção, priorizando também outros espaços de atuação além das comunidades de fé, exercendo o diaconato em diversos hospitais, e também na área da educação, trabalhando em escolas e outros centros de formação.¹⁴⁹ Muitas delas, porém, atuaram nas comunidades, dedicando-se, prioritariamente a visitar as famílias, especialmente das parturientes.¹⁵⁰

Números informados pela diaconisa Brakemeier afirmam uma brusca redução na porcentagem das diaconisas que continuavam envolvidas na diaconia comunitária, vinte e três

¹⁴³ DREHER, 1985, p. 193.

¹⁴⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 47.

¹⁴⁵ BEULKE, 2007, p. 148.

¹⁴⁶ BEULKE, 2007, p. 148.

¹⁴⁷ BRAKEMEIER, 2019, p. 56.

¹⁴⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 47.

¹⁴⁹ BEULKE, 2007, p. 148.

¹⁵⁰ GAEDE NETO, 2005, p. 02.

anos depois da chegada delas ao Brasil: Se em 1914, 54% delas atuavam em comunidades, essa porcentagem caiu para um pouco mais de 5%, em 1937.¹⁵¹

Se a atuação das diaconisas formadas na Alemanha não foi tão impactante, em termos numéricos para as comunidades, o mesmo não pode ser dito quando se tem em vista a atuação delas nos hospitais e escolas. Beulke identifica alguns dos frutos da atuação e comprometimento dessas diaconisas nesses espaços:

Jardins de infância tiveram continuidade e serviram de base para o surgimento de escolas, como, por exemplo, o Colégio Bom Jesus em Joinville e o Ginásio da Paz em Porto Alegre. Mesmo assim, foi dada uma contribuição importante à formação diaconal pelos hospitais em que atuavam diaconisas. Um exemplo é o Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, que foi a sede das diaconisas alemãs oriundas de Wittenberg e Kaiserswerth. Logo no primeiro ano do seu funcionamento, em 1927, cria-se junto a esse hospital um Curso de Enfermagem, não só para atender às necessidades do próprio hospital, mas também para servir à sociedade em geral, formando profissionais na área da saúde. Mais tarde, o curso e os estágios também foram oferecidos para quem se sabia vocacionado para o ministério diaconal na IECLB.¹⁵²

Destaca-se a avaliação feita por Brakemeier referente ao trabalho desenvolvido pelas irmãs provenientes de Wittenberg:

O trabalho que as irmãs ligadas a Wittenberg realizaram no Brasil foi extraordinário. Elas vieram profissionalmente bem preparadas e trouxeram consigo muito idealismo e espírito de sacrifício. Nos lugares em que trabalharam, contribuíram para aliviar o sofrimento, oferecendo ajuda para autoajuda. No âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, lembraram a importância do ministério da diaconia, ao lado do ministério da palavra. Trabalhando em estreita ligação com as agremiações das mulheres, como a OASE, mostraram uma forma ideal de trabalho comunitário feminino: a vinculação da diaconia voluntária com a diaconia profissional.¹⁵³

Por fim, é importante destacar que nem sempre foram os valores puramente evangélicos que motivaram a atuação de lideranças da Igreja Alemã e instituições diaconais ligadas a ela. Por meio da análise de alguns discursos, percebe-se que em alguns momentos valores e interesses nacionalistas alemães foram determinantes para a manutenção da política de envio de diaconisas a determinados países. É o que se depreende de parte do relatório escrito pelo P. Martin Cremer, diretor na Irmandade de Wittenberg, em 1922, referente ao jardim de infância de Petrópolis, RJ:

¹⁵¹ BRAKEMEIER, Ruthild. **O surgimento de um modelo de diaconato feminino, sua implantação no Brasil e perspectiva para o futuro**. 1998. 323 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998. p. 130ss.

¹⁵² BEULKE, 2007, p. 149.

¹⁵³ BRAKEMEIER, 2019, p. 71.

Naquela colônia alemã mais antiga, existe o grande perigo de as crianças aprenderem a falar e pensar em português já na sua mais tenra juventude. Daí se faz necessário reuni-las no jardim de infância, a fim de influenciá-las fortemente no espírito alemão-evangélico. [...] Além disso, nosso maior desejo é que o objetivo principal do trabalho da irmã, ou seja, o de levar os pequeninos ao grande Amigo das crianças, não seja desleixado.¹⁵⁴

A existência de valores e interesses nacionalistas entre algumas lideranças da Igreja da Alemanha e de instituições ligadas não desmerece a importância da atuação de dezenas de diaconisas alemãs no Brasil, tampouco de todas as lideranças alemãs; no entanto, a ciência desses elementos de bastidores nos ajuda a construir uma visão menos romantizada a respeito de determinados contextos, situações e personalidades que por vezes são idealizadas.

2.2.6 UMA CASA MATRIZ DE DIACONISAS NO BRASIL

Após vinte e seis anos do início do envio de diaconisas formadas na Alemanha para o Brasil, em 17 de Maio de 1939, é fundada a Casa Matriz de Diaconisas (CMD), em São Leopoldo-RS. A decisão pela criação dessa instituição foi tomada pela OASE do então Sínodo Riograndense, com o apoio do então presidente deste Sínodo. O início das reflexões que levaram a posterior decisão pela fundação desta instituição aconteceu em 1935, quando o pastor Johannes Raspe escreveu um artigo intitulado “*Caminhos Novos*” publicado no Boletim Informativo da Sociedade Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior. No artigo, o pastor Raspe expõe sua preocupação com a continuidade do trabalho diaconal em terras brasileiras. O pastor alemão havia chegado ao Brasil em 1928 e, na época, ocupava o cargo de pastor conselheiro das diaconisas alemãs que atuavam no Brasil, constatando três questões fundamentais: um crescimento significativo da demanda por diaconisas no Brasil; a Casa Matriz de Wittenberg após enviar grande número de diaconisas ao Brasil chegara ao seu limite; e um despertar de forças diaconais em terras brasileiras.¹⁵⁵ “Havia uma conscientização geral de que era necessário motivar mais decididamente as jovens teuto-brasileiras para a diaconia”.¹⁵⁶

O então pastor do Sínodo Riograndense Hermann G. Dohms, em 1936, a exemplo do pastor Raspe, manifestou o apoio e incentivo à possibilidade de construir uma Irmandade no Sínodo Riograndense. A partir de então, com o apoio de determinadas lideranças, “a OASE do Sínodo Riograndense tornou-se a grande propulsora das causas das diaconisas no

¹⁵⁴ CREMER, Martin. Daheim und Draussen, v. 12, p. 3, 1923 *apud* BRAKEMEIER, 2019, p. 62.

¹⁵⁵ BRAKEMEIER, 2019, p. 75-79.

¹⁵⁶ BRAKEMEIER, 2019, p. 75.

Brasil”.¹⁵⁷ Brakemeier lembra que a decisão de fundar uma Casa Matriz de Diaconisas no Brasil não contou com o apoio da *OASE para o Exterior*, tampouco do *Departamento para o Exterior* da *Igreja Evangélica da Alemanha*, isto porque os sentimentos nacionalistas dos alemães encontravam seu apogeu na época.¹⁵⁸

No Congresso da OASE do Sínodo Riograndense, acontecido em 1938, a referida organização assumiu a fundação e manutenção da irmandade evangélica. A decisão teve o apoio de grupos de OASE de outros Sínodos, mesmo que a responsabilidade pela construção e manutenção da irmandade tivesse ficado a cargo da OASE do Sínodo Riograndense. Uma pesquisadora entrevistada pela presente pesquisa esclarece alguns pontos a respeito da relação histórica dos grupos de OASE com a CMD:

Durante alguns anos o apoio foi essencial dos grupos de OASE, financeiramente né, mas também houve um entendimento de que as duas, Casa Matriz e OASE, se complementam, porque a OASE é espontânea, é a diaconia espontânea e a Diaconia profissional. A profissional precisa da diaconia espontânea pra apoiar, isso foi desde o início muito acentuado e a Casa Matriz também procurou as OASE, sempre essa ligação né. [...] Então a Casa Matriz teve acento na Diretoria Nacional... A diretora da Casa Matriz era, fazia parte da diretoria nacional da OASE, até que num congresso ou numa assembleia isso foi questionado: “porque a Casa Matriz tem representação e os outros não?” Eu ainda defendi, mas aí caiu por terra. [...] “Não, não precisa porque outros grêmios também não estão representados”. E aí parou a consciência de que as duas coisas se complementam.¹⁵⁹

No entanto, o vínculo da CMD com as comunidades luteranas não estava apenas ligado ao fato dos grupos de OASE terem assumido a sua fundação e manutenção.¹⁶⁰ Para Raspe, na época pastor conselheiro da OASE, o primeiro objetivo da Casa Matriz no Brasil “não seria a formação de enfermeiras, e sim ‘diaconisas a serviço das comunidades’”.¹⁶¹ Tal argumento foi utilizado pelo pastor Raspe para rejeitar a proposta que sustentava a construção da Casa Matriz junto às instalações do Hospital Alemão, na cidade de Porto Alegre. “A meta que se proclamava era ousada: ‘Para cada comunidade no Brasil uma irmã evangélica!’”.¹⁶² Ou seja, os objetivos afirmados pela *OASE para o exterior* em 1908 eram ratificados décadas mais tarde para justificar a construção da Casa Matriz de Diaconisas no Brasil.

¹⁵⁷ BRAKEMEIER, 2019, p. 77.

¹⁵⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 76-77.

¹⁵⁹ TAIANA. Nome fictício. Pesquisadora da diaconia comunitária na IECLB. Entrevista realizada em São Leopoldo, RS, no dia 24 de Junho de 2020. Cf. ANEXO 7.

¹⁶⁰ BRAKEMEIER, 2019, p. 79-80.

¹⁶¹ RASPE, Johannes. Erinnerungen. Folhas datilografadas, acervo da Casa Matriz de Diaconisas, p. 6. *Apud*: BRAKEMEIER, 2019, p. 80.

¹⁶² RASPE, Johannes. Das Mutterhaus der Evangelischen Schwesternschaft in São Leopoldo. *In*: STOSCH, Martin (ed.) *Daheim und Draussen*, v. 28, p. 29, 1939 *apud* BRAKEMEIER, 2019, p. 93.

Se a atuação da referida instituição conseguiu manter a coerência com a vinculação e a promessa originária somente uma análise mais aprofundada conseguirá responder. Os números referentes à quantidade de diaconisas atuando em comunidades da IECLB, mais de duas décadas após a fundação, em 1962, representam 4% do total das diaconisas formadas pela CMD de São Leopoldo.¹⁶³ Para uma pesquisadora entrevistada, um dos elementos que explicam o baixo número de diaconisas atuando em comunidades está no contexto das próprias comunidades e não na má vontade das diaconisas.

[...] é porque também deviam dar sustento né. [...] e como no interior a questão dinheiro era sempre muito problemático né: [...] “pagar uma pessoa para trabalhar aqui, fazer o quê?” quer dizer, “nós não temos tantos doentes”, a não ser que a região seja grande que ela vai atender né. Mas esse era um ponto né, porque as instituições elas tinham como pagar uma profissional, né.[...] a não ser para uma Comunidade maior que nem Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, Santa Cruz, né. Ali realmente as Irmãs foram pra Comunidade, pra Comunidade, trabalho comunitário.¹⁶⁴

Em outro momento da entrevista, a pesquisadora afirma:

[...] as Comunidades estavam contentes com o Pastor, com a pregação e deu né. [...] Desde que tem ensino confirmatório e os ofícios, “estamos servidos ...” “O que, que a Irmã vai fazer aí? Nós fizemos nós gostaríamos que ela fizesse?”, mesmo precariamente, mas esse precário não, não existia, nós fizemos do nosso jeito e dá né, se acostumaram a viver assim.¹⁶⁵

É bem provável que a mesma justificativa sirva para explicar o baixo número das diaconisas alemãs trabalhando nas comunidades. Ora, se a diaconia não era vista como prioridade pela maioria das comunidades, não fazia sentido contratar diaconisas. Somado a isso, as muitas dificuldades financeiras que faziam parte das primeiras comunidades luteranas no Brasil não permitia o investimento de seus recursos financeiros escassos em áreas que não fossem consideradas prioritárias.

Apesar disso, levando em conta tanto a diaconia institucional como a diaconia comunitária, o pastor e pesquisador emérito Lothar Carlos Hoch sustenta que a criação dessa instituição é o fato mais importante da história da diaconia na IECLB, pois ela “é a origem ou a matriz de grande parte da ação diaconal que viria a se desenvolver posteriormente na IECLB”.¹⁶⁶

¹⁶³ BRAKEMEIER, 2019, p. 100-101.

¹⁶⁴ TAIANA, cf. ANEXO 7.

¹⁶⁵ TAIANA, cf. ANEXO 7.

¹⁶⁶ HOCH, 2005, p. 22.

Basicamente a Casa Matriz de Diaconisas em São Leopoldo foi fundada para melhor integrar a formação diaconal feminina com as demandas diaconais das comunidades do Sínodo Riograndense¹⁶⁷ e para suprir a carência de diaconisas alemãs no Brasil, mesmo que a fundação não tivesse o total o apoio da Casa Matriz de Wittemberg. Brakemeier destaca que algumas irmãs, provenientes da Alemanha, tiveram dificuldades em aceitar as novas diaconisas brasileiras. Tal situação iria mudar com o passar do tempo.

No decorrer dos anos, as irmãs de Wittemberg/Kaiserswerth e as irmãs de São Leopoldo estreitaram laços e também aprenderam trabalhar em parceria. As irmãs brasileiras foram assumindo trabalho em conjunto com as irmãs alemãs e, mais tarde, também de forma independente.¹⁶⁸

A divulgação da nova Casa Matriz, assumida especialmente pelos grupos da OASE, resultou num número crescente de aspirantes à irmandade. “Durante os primeiros dez anos, a casa recebeu 45 candidatas à irmandade, das quais 27 permaneceram”.¹⁶⁹ Gaede Neto afirma que “em 1959, encontravam-se Diaconisas atuando nas instituições de São Leopoldo, Estância Velha, Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, Porto Alegre, Montenegro e Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul, Braço do Trombudo e Pomerode, em Santa Catarina, Petrópolis e Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro”.¹⁷⁰ Tais informações apontam para a dimensão expressiva do trabalho desenvolvido pelas diaconisas.

Em relação à dinâmica de formação inicial da CMD, Brakemeier comenta:

A formação profissional propriamente dita deveria iniciar após um ou dois anos de vivência na Casa Matriz. O ramo que se oferecia era o da enfermagem, porque eram os hospitais que clamavam por profissionais. Mas também em outros campos de serviço, como comunidades ou lares de idosos, a irmã precisava ter conhecimento nessa área.¹⁷¹

Beulke também comenta sobre a formação oferecida pela CMD na época:

A Casa Matriz de Diaconisas oferece a formação bíblico-teológica e diaconal, após, as jovens irmãs fazem um curso que as habilita profissionalmente na área das ciências humanas. A maioria das diaconisas faz o curso de enfermagem no Hospital Moinhos de Vento. Algumas seguem os estudos, frequentando o curso superior de Enfermagem. Outras se preparam para atuar na área da educação, em especial na educação infantil, ou na área da nutrição.¹⁷²

¹⁶⁷ BRAKEMEIER, 2019, p. 93.

¹⁶⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 84.

¹⁶⁹ BRAKEMEIER, 2019, p. 86.

¹⁷⁰ GAEDE NETO, 2010, p. 13.

¹⁷¹ BRAKEMEIER, 2019.

¹⁷² BEULKE, 2007, p. 149.

Além da formação convencional destinada para as aspirantes à irmandade, em 1954 foi dado início a um curso destinado a jovens das comunidades da IECLB. “O objetivo foi proporcionar, para adolescentes, a oportunidade de sair de casa por um ano, a fim de adquirir experiências em convivência e práticas domésticas e no cuidado a idosos”.¹⁷³ A iniciativa foi intitulada de Ano Diaconal e chegou a contar com a participação de 12 alunas.

No final da década de 1960 e início de 1970, surgem algumas vozes dentro da IECLB que salientam a necessidade da Casa Matriz de Diaconisas se abrir, ainda mais, para os anseios das comunidades, buscando promover a diaconia, dentro dos muros da IECLB, nas comunidades de fé, pois até aquele momento a diaconia na IECLB era vista como algo confiado exclusivamente às diaconisas.¹⁷⁴ Conforme afirmado anteriormente, provavelmente, tal situação não era consequência da negligência da Casa Matriz em relação às demandas da diaconia comunitária, mas sim, fruto do baixo número de diaconisas em relação às grandes demandas comunitárias. Nas palavras de Brakemeier, “esses poucos recursos humanos eram como uma gota d’água em pedra quente”.¹⁷⁵ Somado a isso, observa-se o crescimento de um processo de conscientização de lideranças da IECLB em relação ao aumento das injustiças sociais na sociedade brasileira, conforme observa Hoch: “a migração de milhares de agricultores do campo para a cidade e o crescente empobrecimento da população brasileira exigiam uma presença diaconal mais arrojada, tanto na periferia das grandes cidades, quanto em novas áreas do Norte e do Nordeste brasileiro”.¹⁷⁶

Rolf Schünemann destaca que o trabalho da IECLB junto aos pequenos agricultores, povos indígenas e periferias de grandes centros urbanos, somada à abertura da direção da igreja ao debate ecumênico, que nessa época se ocupava com questões ligadas às injustiças sociais, como a problemática da fome, da guerra, do desenvolvimento, foi fundamental para o despertar de sua consciência social e de seu compromisso diaconal frente a tais questões emergentes.¹⁷⁷

Nos anos sessenta vivia-se o clima da guerra fria entre os blocos oriental e ocidental. As igrejas tornaram-se sensíveis mais do que nunca para a realidade social. Dizia-se

¹⁷³ BRAKEMEIER, 2019, p. 103.

¹⁷⁴ BEULKE, 2007, p. 150.

¹⁷⁵ BRAKEMEIER, 2019, p. 113.

¹⁷⁶ HOCH, 2005, p. 23.

¹⁷⁷ SCHÜNEMANN, Rolf. **Do Gueto à Participação**: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992. p. 71ss.

que seria um mau testemunho cristão deixar as questões sociais apenas para socialistas e comunistas.¹⁷⁸

O autor conclui em outra obra que “os desafios colocados pela realidade social e política estavam postos nas mesas das lideranças eclesiais”.¹⁷⁹ Como consequência, muitas diaconisas são enviadas para as mais distintas regiões brasileiras para trabalhar na área da saúde e educação, em aldeias indígenas e com crianças empobrecidas.¹⁸⁰

2.3 DESENVOLVIMENTO DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

No período histórico que vai do século XIX até o final da 2ª Guerra Mundial construíram-se escolas e hospitais que estavam voltados prioritariamente para os alemães e seus descendentes. Membros das comunidades integravam diretorias e conselhos destas instituições beneficentes e educacionais. Na maioria dos casos, pastores e/ou diaconisas atuavam de forma decidida como diretores, professores, enfermeiras, parteiras. [...] A Segunda Guerra Mundial abalou profundamente as atividades educacionais e assistenciais. Muitas associações se dissolveram. Outras foram privatizadas ou continuaram de forma independente sem vínculo com a igreja.¹⁸¹

A história conhecida sobre a diaconia comunitária na IECLB afirma que até início da segunda metade do século XX ela se encontra com pouca organização e articulação a nível nacional. Tal afirmação encontra ressonância no fato de que até 1949, ano da criação da Federação Sinodal, a própria IECLB carecia de uma organização e articulação a nível nacional. Até esse período, além de iniciativas em nível local e regional, como caixas de solidariedade, escolas, hospitais, entre outras iniciativas diaconais, a Casa Matriz de Diaconisas era a grande responsável pela promoção de ações e iniciativas supraparociais e suprassinodais. Esse quadro ganharia novos atores a partir de 1950.

Durante toda a segunda metade do século XX, várias iniciativas diaconais vão surgindo nas comunidades da IECLB, muitas dessas ações diaconais carecem de nomenclatura, tampouco são definidas como ações diaconais e estão restritas ao contexto de comunidades específicas. Por tal motivo, é difícil mensurar com exatidão a dimensão da diaconia comunitária da IECLB neste período. Iniciativas pautadas na medicina alternativa, trabalhos com alcoolistas, grupos de apoio a enlutados, grupos de visitação, brechós

¹⁷⁸ SCHÜNEMANN, 2006.

¹⁷⁹ SCHÜNEMANN, Rolf. 50 Anos da Criação do Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD). **Portal Luteranos**. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/50-anos-da-criacao-do-servico-de-projetos-de-desenvolvimento-spd>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

¹⁸⁰ BEULKE, Gisela. **Diaconia em situação de fronteira**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 37.

¹⁸¹ SCHÜNEMANN, 2006.

solidários, iniciativas voltadas para pessoas portadoras de deficiência, crianças e adolescentes em estado de risco social, público feminino residente em bairros pobres de grandes cidades, público idoso, agricultores e agricultoras sem terra, e tantos outros que envolvem as áreas da saúde, educação, poimênica, combate à extrema pobreza, nos oferecem uma noção da diversidade da diaconia comunitária na IECLB.¹⁸²

2.3.1 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1960

A criação da então Associação Diacônica Luterana (ADL) em 1956, que se consolida como uma importante instituição diaconal na década de 1960, será importantíssima para a organização e articulação da diaconia, especialmente no Estado do Espírito Santo. Nesse período, cresce o número de projetos diaconais financiados por organismos estrangeiros, conforme se observa no número de representantes de entidades estrangeiras e internacionais na 1ª Consulta de Diaconia acontecida em 1967.¹⁸³ O Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD), criado em 1966, será o grande braço diaconal institucional da IECLB voltado também para fora dos muros das comunidades da IECLB, dialogará com os desafios diaconais provindos do contexto brasileiro. No entanto, não é possível afirmar que o nascimento do SPD deriva unicamente do crescimento da consciência diaconal das comunidades de fé ou da direção da IECLB. A conclusão da equipe que elaborou o Diagnóstico Participativo do SPD¹⁸⁴ é de que “o SPD foi criado muito mais como uma demanda da Federação Luterana Mundial do que como uma necessidade da IECLB”.¹⁸⁵ Esta constatação não permite afirmar que o surgimento do SPD em meados da década de 1960 é um indício do despertar da consciência diaconal das comunidades, lideranças ou da direção da IECLB. A perspectiva diaconal assumida pelo SPD em seus primórdios, fortemente assistencialista e desenvolvimentista, está alinhada com a posição dominante da IECLB nesta época. A posição de inércia da direção da IECLB frente aos abusos da ditadura militar pode ser constatada através das palavras do pastor Dieter Fritz Hecht, um dos idealizadores do Grupo 01.¹⁸⁶

¹⁸² BEULKE, Gisela (Org). **Diaconia**: um chamado para servir. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

¹⁸³ IECLB. **Primeira consulta de diaconia e ação social das Igrejas Luteranas**: serviço de projetos de desenvolvimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Linha Brasil, Nova Petrópolis, abril 1967. Porto Alegre: IECLB, 1967.

¹⁸⁴ O objetivo da elaboração do Diagnóstico Participativo foi fazer uma análise de conjuntura do SPD, com vistas a identificar os principais obstáculos e possibilidades deste serviço ao final da década de 1990. ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999.

¹⁸⁵ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 38.

¹⁸⁶ Uma descrição deste grupo será apresentada no tópico 1.3.5.

Os militares não admitiam que se lhes contradissesse. Quem protestava publicamente e se envolvia na política corria o risco de ser preso. Muitos foram torturados, mortos e/ou desapareceram. Mesmo assim houve oposição e resistência. Sindicatos, Pastores, Padres, Freiras, Leigos engajados, pequenos grupos de oposição, mas também igrejas protestaram. Da parte de nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana ouvimos pouco, quase nada.¹⁸⁷

Posição será questionada pela própria FLM, anos mais tarde, nos inícios da década de 1970.¹⁸⁸ Nos últimos da década de 1960, vozes internas da IECLB, que defendiam a necessidade da Igreja se posicionar diante da realidade sociopolítica brasileira, se mobilizam. A consciência de que a IECLB, agora como uma Igreja presente em todo território nacional, deveria assumir o compromisso pela transformação social vai ganhando força ao final da década de 1960. As injustiças sociais, que serão impulsionadas pelo intenso processo de urbanização e industrialização da sociedade brasileira da época, exigiram a necessidade da igreja tomar partido. Nessa direção, segue a afirmação do cientista social Tarcísio Vanderlinde: “a conjuntura social brasileira da segunda metade do século XX pressionaria a Igreja Luterana a encontrar uma forma que se identificasse mais como uma Igreja luterana brasileira”.¹⁸⁹ Tudo isso, no entanto, não bastaria para alterar a posição dominante da IECLB.¹⁹⁰

A posição dominante na IECLB, neste período, parece ter estado mais fortemente centrada, no entanto, na conscientização individual do membro evangélico e na busca de um espaço institucional na sociedade brasileira, secundando e até evitando o questionamento das estruturas socioeconômicas e políticas do País. Uma postura pouco crítica do regime militar e à adesão a um discurso desenvolvimentista e modernizante tornou-se, assim, a marca principal da atuação da Igreja no Brasil neste período.¹⁹¹

Em última análise, a diaconia na década de 1960, especialmente nos últimos anos deste período, ficou marcada pelo início da tomada de consciência do compromisso social por parte de lideranças da IECLB e pelo aumento de projetos diaconais, agora coordenados pelo SPD. Em relação aos anos anteriores, a década de 1960 representa um divisor de águas, os desafios sociais colocados pela sociedade brasileira começam a ser percebidos pela IECLB. “A partir da década de 1960, as Comunidades receberam maior atenção, especialmente no que se refere ao trabalho com crianças em situação de pobreza. Os campos de trabalho em

¹⁸⁷ HECHT, Dieter Fritz. **GRUPO ZERO UM – IECLB: breve história do trabalho pastoral no Espírito Santo – Brasil (1969-1978)**. São Leopoldo: OIKOS, 2020.

¹⁸⁸ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 27-28.

¹⁸⁹ VANDERLINDE, Tarcísio. **Entre dois reinos: a inserção luterana entre os pequenos agricultores no sul do Brasil**. Cascavel: Edunioeste, 2006. p. 276.

¹⁹⁰ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 28.

¹⁹¹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 28.

Ceilândia/DF e Alvorada/RS são exemplos dessa caminhada”.¹⁹² A consolidação do aumento da consciência e da responsabilidade diaconal por parte da IECLB, inclusive da direção da igreja, acontecerá na década de 1970: “É somente nos anos 70, no entanto, que a função diaconal passa a ganhar uma maior visibilidade da Igreja como um todo”.¹⁹³

2.3.2 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1970

Uma moção do III Concílio da Região Eclesiástica I, de 1973, afirma o seguinte: “a diaconia da Igreja não deve limitar-se às formas tradicionais de Diaconia feminina e masculina. A comunidade deve despertar para a prática da Diaconia cristã, no lugar onde vive e trabalha”.¹⁹⁴ Essa afirmação serve para suspeitarmos que até esse período histórico, pelo menos área geográfica alcançada pela Região Eclesiástica I com sede no Rio de Janeiro, a diaconia comunitária carecia de mobilização, articulação e organização.

Buscando dialogar com situações similares a essa, surgiram iniciativas importantes durante a década de 1970. A criação do Seminário Bíblico-Diaconal; a fundação da Comunhão dos Obreiros Diaconais; a criação do Conselho da Obra Diaconal, que seria “o órgão assessor do Conselho Diretor em assuntos de diaconia”,¹⁹⁵ além de outras iniciativas.¹⁹⁶ Tais iniciativas conduziram a diaconia comunitária na IECLB a uma nova dimensão em termos de articulação e organização a nível nacional.

A Teologia da Libertação, a qual havia sido sistematizada pela primeira vez em 1971 na obra do teólogo católico peruano Gustavo Gutiérrez,¹⁹⁷ influenciou fortemente a diaconia comunitária na IECLB na década de 1970 e 1980.

A influência da Teologia da Libertação no âmbito da Igreja Luterana nos anos 70 também se fez sentir na prática diaconal da IECLB. Ao lado de uma diaconia de caráter institucional, surgiram, nesse período, diversas ações concretas que apontavam para a construção de uma diaconia libertadora e socialmente engajada. Esta nova prática diaconal passa a estabelecer um diálogo permanente com diferentes disciplinas do conhecimento, buscando superar o viés assistencialista e vinculando a fé e a espiritualidade ao processo de transformação da sociedade.¹⁹⁸

¹⁹² GAEDE NETO, 2010, p.13.

¹⁹³ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 38.

¹⁹⁴ Cf. Carta de Rolf Droste aos membros do Conselho da Obra Diaconal de 19.11.73. Acervo da casa Matriz de Diaconias – Pasta “Conselho da Obra Diaconal” *apud*: BRAKEMEIER, 1998, p. 276.

¹⁹⁵ BRAKEMEIER, 1998, p. 276.

¹⁹⁶ O Conselho da Obra Diaconal cumpria uma função semelhante a função do atual Conselho Nacional de Diaconia, guardadas as proporções evidentemente.

¹⁹⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teología de la Liberación**: perspectivas. Salamanca: Sígueme, 1972.

¹⁹⁸ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 37.

Para uma pesquisadora entrevistada, a Teologia da Libertação contribuiu para um maior desenvolvimento da diaconia na IECLB, a tornou mais sistêmica, no entanto, provocou alguns exageros em lideranças e ministros ordenados:

Nós tivemos líderes, Pastores que receberam grande impulso da teologia da libertação: a visão para os necessitados e as estruturas que oprimem e marginalizam, e aí falta reflexão por parte dos líderes, mas alguma coisa eles conseguiram passar, repassar. A Teologia da Libertação perdeu força, aí também acho que houve exageros e aí por isso oposição [...]. Se aqueles líderes tivessem sido mais cuidadosos e fazer as suas propostas mas não de uma forma tão radical, acho que teriam, nós teríamos ido melhor [...].¹⁹⁹

Para a equipe que elaborou o Diagnóstico Participativo, a criação do Departamento de Diaconia em 1988 auxiliou no fortalecimento desta perspectiva libertadora da diaconia na IECLB, “possibilitando, ao mesmo tempo, que um amplo número de ações que, até então, ficavam restritas ao nível local, passassem a se articular em diferentes linha de atuação, algumas delas ganhando, inclusive, uma expressão nacional”.²⁰⁰

Considerando a reflexão teológica, foi alcançado um avanço importante com a publicação de documentos como o *Manifesto de Curitiba* (1970) e o documento do Concílio de Joinville: *Nossa Responsabilidade Social* (1978). Apesar de representarem marcos históricos, no que diz respeito ao posicionamento da instituição IECLB frente ao contexto social e político do Brasil, tais documentos não tiveram o impacto nas comunidades de fé que alguns esperavam, tampouco representaram a posição da maioria dos pastores e membros desta igreja. É o que sustenta Rolf Schünemann ao analisar o documento *Nossa Responsabilidade Social*:

Enquanto instrumento de trabalho, “Nossa Responsabilidade Social” serviu para os setores da IECLB que procuravam avançar numa proposta pastoral que conjugava fé e vida. [...] A maioria dos pastores e leigos, porém, não viam como prioritária a atuação da Igreja na área sócio-política. Assim também a massa dos membros não foi atingida pelo documento nem pelas discussões que ocorreram depois. Os membros não acompanharam a procura por um posicionamento frente à realidade brasileira. Estavam acostumados a ver na Igreja uma entidade neutra e apolítica e a encarar a fé como um assunto particular.²⁰¹

A tese de Schünemann é a de que a discussão teológica referente à necessidade de uma atuação diaconal mais forte e profética da igreja frente ao contexto sociopolítico não chegou a aterrissar no contexto das comunidades de fé, mas sim, envolveu apenas um grupo

¹⁹⁹ TAIANA, cf. ANEXO 7

²⁰⁰ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 37.

²⁰¹ SCHÜNEMANN, 1992, p. 118.

de lideranças engajadas. Na mesma direção vai a afirmação da diaconisa Ruthild Brakemeier ao analisar a diaconia comunitária nesse período histórico:

Realmente, a grande maioria dos membros da IECLB, nos anos 70, não estava disposta a colaborar num programa de mudanças de estrutura sócio-política, conforme intenção de algumas lideranças eclesiais. Isto criou forte polêmica no seio da Igreja. Havia os que condenavam a “diaconia tradicional”, como “puro assistencialismo” e, portanto, instrumento para sustentar as injustiças sociais, em vez de combatê-las. As lideranças desta diaconia não puderam concordar com esse julgamento, mas também não conseguiram incluir as denúncias públicas ao sistema socioeconômico e político vigente no seu projeto diaconal.²⁰²

Para Brakemeier, a ausência de um apoio mais contundente ao documento estava ligada à falta de base diaconal nas comunidades. “Faltava vontade para o engajamento, mas também uma estratégia adequada para se fazer frente aos enormes problemas que se apresentavam”.²⁰³

Diante disso, pode-se concluir que a diaconia na IECLB, nessa década, foi marcada pelo surgimento de importantes instituições e organizações, uma melhor estruturação e organização da diaconia a nível nacional, pelo fortalecimento de um grupo de lideranças que apostava na promoção de uma diaconia profética capaz de denunciar as estruturas sociopolíticas injustas, mas ao mesmo tempo se percebe uma diaconia comunitária marcada pelo assistencialismo e pela consciência de que a Igreja é uma instituição neutra e apolítica, que diz respeito somente às questões particulares da fé.

2.3.3 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1980

No final dos anos setenta e inícios dos anos oitenta o Brasil vive o processo de redemocratização. Novos ventos sopram sobre o país e na sociedade civil brasileira emergem inúmeros movimentos sociais. Este fenômeno incidirá profundamente sobre a discussão e reflexão sobre os trabalhos diaconais das igrejas. Buscam-se e implementam-se ações que contribuam para as transformações estruturais da sociedade.²⁰⁴

Será na década de 1980 que o processo de organização e articulação a nível nacional se consolidará, com a criação de Conselhos Regionais de Diaconia e do Departamento de Diaconia, o qual funcionará junto à Secretaria Geral da IECLB. Várias iniciativas e grupos de caráter diaconal se desenvolveram nesse período. “No final da década de 70, surgiram os primeiros grupos de idosos nas comunidades. Na de 80, através da organização de seminários

²⁰² BRAKEMEIER, 1998, p. 276.

²⁰³ BRAKEMEIER, 1998, p. 280.

²⁰⁴ SCHÜNEMANN, 2006.

de preparação de lideranças, o número de grupos cresceu bastante”.²⁰⁵ O processo de aprofundamento teológico sobre a temática da diaconia continuaria se desenvolvendo desembocando na publicação de um documento do Conselho Diretor em 1988, denominado: *Diaconia Evangélica: Síntese e Proposta*. O documento se posiciona a favor de uma diaconia profética e transformadora, não assistencialista, que saiba equilibrar o cuidado às pessoas que sofrem com a atenção às estruturas, sistemas e lógicas que conferem sofrimento as pessoas.²⁰⁶ Esse posicionamento servirá como orientação para a atuação do Departamento de Diaconia, criado no mesmo ano.

Devem ser destacadas as várias manifestações e posicionamentos de caráter genuinamente diaconal publicados e enviados às comunidades nesse período: Entre os principais estão: o *Manifesto sobre AIDS* (1989); *Manifesto sobre Discriminação* (1988); *Manifesto em defesa da Amazônia* (1988); Igreja e Política (1988) e a Carta Pastoral da Presidência: *Igreja e Política* (1988).²⁰⁷ Além dessas manifestações públicas, o tema do ano de 1983, “*Terra de Deus, terra para todos*”, foi ao encontro de uma das principais bandeiras levantadas pelos grupos orientados por uma perspectiva diaconal libertadora, a qual denunciava as injustiças fundiárias no Brasil e defendia a promoção da reforma agrária.

2.3.4 A DIACONIA COMUNITÁRIA NA DÉCADA DE 1990

Com a queda do Muro de Berlim em 1989 e a derrota da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva para a presidência do Brasil os movimentos sociais brasileiros passam por uma crise e uma profunda revisão. Emergem com mais intensidade reflexões e práticas que realçam a promoção da cidadania a partir de iniciativas de organizações sociais privadas em parceria ou não com o poder público. Este novo cenário se refletirá em todos os trabalhos diaconais em maior ou menor grau. Esta fase faz com se estabeleçam novas parcerias entre as entidades e instituições diaconais e fundações, empresas e poder público.²⁰⁸

Conforme a análise de Schünemann, o final da década de 1980 e início de 1990 será impactada por alguns eventos que impactaram o cenário mundial e nacional. Pelo fato de boa parte dos projetos diaconais desenvolvidos pela IECLB serem patrocinados por agências estrangeiras, tais impactos tiveram implicações importantes no contexto dos projetos diaconais luteranos. Em termos internos, a década de 1990 será marcada, a nível nacional,

²⁰⁵ BRAKEMEIER, 1998, p. 280.

²⁰⁶ O presente documento foi apresentado na parte inicial deste capítulo. CONSELHO DIRETOR DA IECLB. *Diaconia Evangélica - Síntese e Proposta: Um posicionamento do Conselho Diretor da IECLB*. Portal Luteranos. 1988. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/diaconia-evangelica-sintese-e-proposta>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

²⁰⁷ IECLB. *Manifestações da igreja: A Palavra da Igreja*. 2017. Portal Luteranos. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/manifestacoes-da-igreja>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

²⁰⁸ SCHÜNEMANN, 2006.

pela importante atuação do Departamento de Diaconia. Devido à atuação do Departamento, muitos trabalhos e iniciativas se desenvolveram. O diagnóstico participativo apontou para a importância da atuação do departamento de diaconia na formulação dos princípios norteadores da metodologia da ação diaconal.

A formulação de alguns princípios orientadores de uma metodologia da ação diaconal tem tido grandes avanços nos últimos anos, especialmente no que tange à motivação para a ação, à importância dada à necessária sensibilidade humano-pessoal com relação àqueles que sofrem situações de injustiça, à necessidade de desenvolver um bom conhecimento da realidade concreta na qual se atua e, ainda, no desafio à ação articulada com outros e à interdisciplinaridade. Tais avanços têm sido promovidos especialmente através dos seminários nacionais do Departamento de Diaconia, dos inúmeros seminários sinodais, da ação formativa do projeto de multiplicadores de diaconia, da capacitação em RH para a área de Pessoas Portadoras de Deficiência, etc.²⁰⁹

Dos vários trabalhos desenvolvidos pelo Departamento, dois merecem destaque. O fortalecimento do trabalho junto ao público idoso e o serviço junto às pessoas com deficiência, que se desenvolveu a partir de 1992.²¹⁰ Nessa década, foi dada uma atenção também “à criança e ao adolescente empobrecidos, à saúde comunitária, à formação diaconal, à divulgação da diaconia”.²¹¹

Destacam-se também nesse período alguns eventos promovidos pelo Departamento de Diaconia, são eles: *Seminário Nacional de Diaconia – Igreja que serve, serve* (1995); *Seminário Nacional da Terceira Idade - Aqui também você tem lugar* (1997); *Seminário Nacional da Pessoa com Deficiência – Pessoa Portadora de Deficiência: Construindo Lugar e Cidadania* (1999); *Seminário Nacional Saúde Integral do Ser Humano* (1999).²¹² Além desses eventos, vários posicionamentos foram emitidos por parte da direção da IECLB, sobre temas fundamentalmente diaconais. Nesse horizonte, destacam-se manifestações sobre os transgênicos, homossexualidade, solidariedade com as pessoas nordestinas e com os povos originários, aborto, racismo, entre outros.²¹³

Na avaliação de Ruthild Brakemeier, as manifestações emitidas pela direção da IECLB, bem como o apoio aos projetos diaconais promovido por ela, foram fundamentais

²⁰⁹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO. 1999, p. 51.

²¹⁰ BRAKEMEIER, 1998, p. 281.

²¹¹ DEPARTAMENTO DE DIACONIA; SERVIÇO DE PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO. Relatório de atividades de projeto BRA 9510-028 – janeiro a dezembro de 1996 *apud* BRAKEMEIER, 1998, p. 281.

²¹² IECLB. **Coordenação de Diaconia 30 anos**. 2018. Apresentação em Power Point disponibilizados pela Coordenação de Diaconia.

²¹³ Conferir Portal Luteranos. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/manifestacoes-da-igreja>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

para o maior desenvolvimento e organização da diaconia luterana a partir da década de 1970.²¹⁴

O que surpreende é que apesar de várias iniciativas para melhor organizar e articular a diaconia a nível nacional e regional, as várias manifestações públicas da igreja referentes a temas diaconais, do reconhecido crescimento da diaconia institucional no âmbito nacional da IECLB a partir de 1970, um diagnóstico encomendado pelo Departamento de Diaconia em 1998 identificou várias carências e limites no âmbito da diaconia comunitária na IECLB: “o diagnóstico identificou que a diaconia ainda era praticamente desconhecida nas comunidades, a prática era pouco reflexiva e marcada pelo assistencialismo e pela espontaneidade”.²¹⁵ Um pouco antes, em 1994, Kjell Nordstokke já havia feito um diagnóstico parecido:

Constata-se na maioria das comunidades da IECLB uma supervalorização da palavra, do discurso, em detrimento de ações diaconais. Esta supervalorização da palavra tem seu ponto alto no “pastor-centrismo”. Por isso o trabalho diaconal é quase sempre visto como algo “secundário”, algo “periférico”, e que por isso mesmo não merece maior atenção ou consideração na comunidade.²¹⁶

Em outra parte da obra por ele organizada, Nordstokke pontua mais alguns elementos:

É necessário refletir com urgência sobre a dicotomia PALAVRA X SERVIÇO, existente em muitas comunidades da IECLB. Pessoas bem falantes, bem articuladas em seu discurso, sempre têm facilidade para ditar a caminhada de uma comunidade. [...] Fora os encontros que emocionam, a comunidade é quase morta. O pouco que acontece em termos de diaconia é feito por uns poucos abnegados ou por alguém, além do pastor, que a comunidade paga para “prestar serviço”.²¹⁷

O parecer de Nordstokke é confirmado pelo diagnóstico participativo o qual pontua alguns limites e desafios postos a diaconia comunitária na IECLB ao final do século XX.

A despeito dos esforços do Departamento de Diaconia por ampliar e qualificar a ação diaconal, observa-se que, nos documentos recentes sobre diaconia que foram consultados, são frequentes as constatações de que a ação diaconal em muitos lugares simplesmente não existe, ou que esta se dá de forma espontânea, ou ainda que sua qualidade e resultados deixam muito a desejar. Isto tem a ver com o fato de que, na sua maior parte, a ação diaconal ainda se dá com base na atividade voluntária e relativamente espontânea de membros das comunidades luteranas em todo o país. Há aí um enorme espaço para o apoio e a qualificação destes

²¹⁴ BRAKEMEIER, 1998, p. 282.

²¹⁵ HERTEL, Hildegart (Coord.). **Planejando as ações diaconais da comunidade:** e como que se faz isso? Porto Alegre: IECLB-Departamento de Diaconia, 2001. p. 5.

²¹⁶ NORDSTOKKE, 1996, p. 42.

²¹⁷ NORDSTOKKE, 1996, p. 48.

colaboradores voluntários, conferindo mais organização e sistematização às suas ações, sem tirar-lhes, porém, sua criatividade e energia.²¹⁸

Conclusões semelhantes foram tiradas das entrevistas e questionários aplicados pela equipe do Diagnóstico Participativo aos Sínodos e ao Conselho da Igreja. “Nas palavras de um dos respondentes do Conselho da Igreja, ‘a teoria é boa [mas] a prática deixa a desejar’”.²¹⁹ Ao mesmo tempo em que a prática diaconal deixa a desejar, elas são marcadas pelo espontaneísmo que por vezes carece de maior organização, articulação e base teórica: “[...] tudo indica que o grau de incidência dos avanços recentes na sistematização teórica sobre diaconia no plano da prática diaconal ainda é bastante limitado”.²²⁰ Outras conclusões do diagnóstico também apontam para uma inconsistência teórica da diaconia comunitária na IECLB, pelo menos no final do século XX: “[...] há que se admitir que ainda é muito incipiente o processo de definição conceitual da diaconia na IECLB. Há muitas visões diferentes da diaconia na Igreja, tornando tal processo bastante complexo e demorado”.²²¹

Neste contexto, o Diagnóstico Participativo identificou dois desafios medulares a serem assumidos pela diaconia comunitária na IECLB. “[...] um dos desafios fundamentais da diaconia na IECLB parece residir na insuficiente integração da problemática do desenvolvimento social à concepção e prática da diaconia”.²²²

Uma primeira questão tem a ver com a limitada reflexão e sistematização da concepção de desenvolvimento mais adequada à consecução dos objetivos da ação diaconal na Igreja. [...] há um enorme espaço aqui para a reflexão sobre questões e estratégias de desenvolvimento específicas, a qual pode dar um sentido muito mais claro a maior densidade estratégica às ações de desenvolvimento/diaconia na IECLB.²²³

Um segundo desafio apontado pelo diagnóstico, o qual relaciona-se com o primeiro, diz respeito à qualificação da metodologia diaconal: “uma segunda questão diz respeito à necessidade de qualificar a metodologia da ação diaconal em consonância com a concepção e estratégias de desenvolvimento consideradas”.²²⁴

É de observar-se, porém, a limitada ênfase em relação, por exemplo, (a) à fundamental importância do planejamento mais rigoroso das ações (com objetivos, metas, estratégias claras de ação, etc.) e a correspondente necessidade de um sistema

²¹⁸ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 52-53.

²¹⁹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 52-53.

²²⁰ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 52.

²²¹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 48.

²²² ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 50.

²²³ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 50.

²²⁴ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 51

integrado de planejamento monitoramento e avaliação do trabalho; (b) a orientações mais concretas sobre como contribuir para que os 'beneficiários' da ação venham efetivamente a se tornar sujeitos dela e as implicações disto para a relação entre igreja e sociedade, e (c) ao imperativo de construir visibilidade pública para as ações, atores e propostas, de forma a disputar posições na opinião pública e na influência sobre o poder público.²²⁵

O parecer feito pelo Diagnóstico aponta caminhos para a prática diaconal superar o assistencialismo, articulando-se dentro de uma perspectiva sistêmica, que vise superar as estruturas, lógicas e sistemas que oprimem e tornam pessoas e o meio ambiente vulneráveis. Além dessa carência metodológica, o Diagnóstico identifica que em algumas comunidades a diaconia é praticamente desconhecida. A prática diaconal não é estimulada e valorizada.

[...] a falta de estímulo e não valorização desse tipo de iniciativa é apontada como a principal dificuldade por 6 dos 11 sínodos que responderam ao questionário. Isto pode estar indicando que, mesmo com a existência de recursos e capacitação, ainda assim o desenvolvimento de projetos sociais pelas comunidades teria que superar a pouca sensibilidade para este tipo de ação. Este fator parece apontar para uma cultura de promoção/desenvolvimento social ainda incipiente nas comunidades luteranas.²²⁶

Diante disso, um dos desafios postos ao final do século XX é encontrar os entraves que dificultam ou/e impedem o despertar da consciência diaconal e da diaconia em si nas comunidades de fé, mas também continuar investindo em iniciativas que visem a organização e planejamento estratégico da diaconia em consonância com uma concepção de desenvolvimento social sustentável e relativamente clara. Por fim, destacamos as recomendações feitas pelo Diagnóstico Participativo para a diaconia comunitária na IECLB ao final do século XX:

Recomenda-se que a IECLB realize um trabalho de revisão dos fundamentos da sua contribuição ao desenvolvimento social e do papel do gerenciamento de projetos pelo SPD. Isto se daria como resultante de um processo de atualização e sistematização da relação conceitual e prática entre sua vocação missionária e diaconal e seu apoio a projetos de desenvolvimento.[...] Deve-se buscar definir com maior clareza o que se entende por projetos de missão, por ação diaconal e por projetos de desenvolvimento, buscando definir em que medida uns e outros se identificam, se diferenciam e se complementam.[...] Deve-se também estabelecer com maior clareza qual é a visão de desenvolvimento preconizada pela IECLB, e nela, qual a contribuição específica da Igreja. [...] Recomenda-se que o Departamento de Diaconia, em coordenação com os sínodos, busque formas de intensificar e aprimorar sua contribuição à qualificação da metodologia da ação diaconal nas bases da Igreja. Para tal, é importante que se criem espaços e condições para a reflexão sistemática sobre a prática concreta, especialmente nos sínodos, e

²²⁵ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 51-52

²²⁶ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 83-84.

que haja mais relação e colaboração entre Departamento de Diaconia e sínodos neste âmbito.²²⁷

2.3.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB DE 1960 ATÉ A ATUALIDADE

A pesquisa até aqui desenvolvida demonstra que há um crescimento importante da diaconia na IECLB a partir da segunda metade do século XX, especialmente no que tange à organização e articulação a nível interparoquial, intersinodal e nacional. A partir de então, surgiram várias iniciativas, projetos e instituições que assumiram demandas diaconais para além das paróquias. A Atuação do SPD, da ADL, da CMD e do Departamento de Diaconia contribuiu sobremaneira para promover a diaconia da IECLB a um novo estágio. A partir de então, a diaconia ganhou uma dimensão nacional, sendo pensada e articulada também em instâncias sinodais e nacionais. É também a partir do final da década de 1960 que se percebe um despertamento da consciência diaconal de lideranças da IECLB frente às injustiças políticas, sociais e econômicas, que se tornavam visíveis a partir do aumento da desigualdade social, aumento da violência, êxodo rural, escândalos cometidos pela ditadura militar, crescimento urbano desordenado, entre outros fenômenos que, para um grupo, desafiavam a fé cristã.

Um estudo desenvolvido pelos pesquisadores Rudolf von Sinner e Rodrigo Gonçalves Majewski, o qual se embasou em Atas dos Concílios Gerais da Igreja, em Cartas Pastorais emitidas pela Presidência, em Relatórios dos Pastores Presidentes, em Boletins Informativos e no Jornal Evangélico Luterano, relativos ao período de 1975 até 2002, sustentou que, neste período a igreja teve “uma posição firme e coerente frente ao exercício da cidadania e da democracia”.²²⁸

A IECLB teve importante papel no Brasil, conscientizando seus membros da necessidade de participação no espaço público como agentes de transformação, manifestando as exigências da fé evangélica frente às autoridades. Mostrou admirável continuidade ao pronunciar-se em momentos importantes da vida política do país, na busca do fortalecimento da cidadania. Foi coerente ao insistir igualmente na cidadania interna, procurando ser uma igreja inclusiva e participativa também para mulheres, negros e negras e indígenas.²²⁹

²²⁷ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 123-124.

²²⁸ SINNER, Rudolf Eduard von; MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. A contribuição da IECLB para a cidadania no Brasil. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 1, 2005. p. 57.

²²⁹ SINNER; MAJEWSKI, 2005, p. 59-60.

A ressalva feita pelos referidos autores é que essa conclusão reflete a posição “da liderança da igreja, bem como de intelectuais ligados aos seus diversos setores e à Escola Superior de Teologia”.²³⁰ Os autores afirmam ainda que houve durante as três décadas pesquisadas uma espécie de disputa entre duas perspectivas teológicas e sociopolíticas diferentes, uma mais ligada à esquerda, a qual prevaleceu nos principais documentos emitidos no período, e outra mais conservadora.

Os dados indicam que houve um grupo de vanguarda, uma “esquerda” da igreja, que exigia uma participação ativa da IECLB. Esta tendência pode ser vista no *Jornal Evangélico*, em vários artigos nas décadas de 70, 80 e 90. Havia também uma tendência mais “conservadora”, menos visível nos documentos pesquisados, mas pode-se notar que existia através de cartas que chegavam ao *Jornal Evangélico*, criticando duramente a atuação sociopolítica da IECLB.²³¹

O grupo denominado pelos autores como “conservadores” foi influenciado teologicamente pelo movimento de avivamento norte-americano que se fez presente no Brasil a partir de 1965, com a chegada de missionários provindos dos EUA. Tal grupo ganhou expressão, em termos de articulação e organização, com o surgimento do Movimento Encontrão, surgido no início da década de 1980, que continua atuando até os dias atuais.²³² O núcleo teológico do movimento, que pressupõe a experiência pessoal com Cristo, visando o despertar espiritual, enfatizando a importância do crente “aceitar a Cristo”, aponta para uma fé bastante individualista e por vezes desconectada dos desafios políticos, econômicos, sociais e culturais que a sociedade coloca para a igreja. Dentro desse contexto, deve-se entender as duras críticas, emitidas por essa ala, às manifestações e a atuação sociopolítica da IECLB, nos anos 1980 e 1990. As contribuições dessa ala para a diaconia na IECLB são modestas, uma vez que a diaconia não é encarada como prioridade no quadro de suas preocupações missionárias.

A atuação do segundo grupo, a ala de “esquerda”, será fundamental para as manifestações sociopolíticas da IECLB nesse período, mas especialmente na década de 1980. A identificação teológica do grupo com a Teologia da Libertação, que articula o fazer teológico a partir da perspectiva e da realidade latino-americana, assumindo o compromisso com a libertação histórica das pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade e

²³⁰ SINNER; MAJEWSKI, 2005, p. 57.

²³¹ SINNER; MAJEWSKI, 2005, p. 58.

²³² MOVIMENTO ENCONTRÃO. História. **Site ME**. Disponível em: <<https://me.org.br/historia-2/>>. Acesso em: 02 maio 2019.

sofrimento,²³³ conferiu uma identidade teológica profundamente diaconal a essa ala. Além de influenciar até mesmo a direção da IECLB, a atuação desse grupo resultou em inúmeras iniciativas diaconais, dentro de uma perspectiva profética, articuladas no interior da IECLB. Nesse horizonte, destaca-se o envolvimento de estudantes de teologia com trabalhadores de fábricas no final dos anos 1970, o envolvimento de estudantes de teologia, ministros/as e lideranças eclesiais com movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), o surgimento do grupo de pastores no interior do Estado do Espírito Santo denominado de Grupo 01 em meados da década de 1970, o surgimento da Pastoral Popular Luterana (PPL) em meados da década de 1980, entre outras iniciativas.

Sem poder descrever todas as iniciativas desse caráter surgidas entre a década 1970 e 1980, restringimos nossa atenção a duas delas: Grupo 01 e PPL. O Grupo 01 consistia inicialmente num grupo de pastores e estudantes de Teologia que, a partir de 1975, se reunia regularmente para discutir os dramas e sofrimentos no Distrito Sul do Espírito Santo sob a luz da fé cristã, dentro de uma perspectiva libertadora. De forma democrática, com a participação dos membros, que se dava especialmente nos grupos comunitários de reflexão, os quais se reuniam na casa dos membros, o grupo encontrou formas de concretizar ações diaconais de caráter profético, as quais tinham em vista melhorar e transformar as realidades injustas dos pomeranos, holandeses e brasileiros daquela região, as quais eram permeadas por condições precárias de trabalho, extrema pobreza, abandono do poder público e exploração por parte de comerciantes locais. Entre diversas ações, destacam-se a promoção de um processo democrático de empoderamento de grupos e pessoas da zona rural em situação de vulnerabilidade social; a viabilização de associações de agricultores para reunir e comercializar os produtos agrícolas, superando assim a exploração dos comerciantes; a confecção de abaixo-assinados como forma de exigir melhorias sociais junto às autoridades políticas.²³⁴ Para um dos idealizadores dessa iniciativa, pastor Dieter Fritz Hecht,

[...] não é a igreja que deve dizer para as pessoas como elas vivem, quais os seus problemas no dia a dia, quais as soluções. A igreja deve ouvir e estar atenta para o

²³³ São muitas as obras publicadas que buscam identificar e desenvolver os elementos medulares da Teologia da Libertação, citamos alguns: BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Teologia da Libertação no debate atual**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985; GALILEA, Segundo. **Teologia da libertação**: ensaio de síntese. São Paulo: Paulinas, 1978; TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). **Teologia da libertação**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 1991; GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teología de la liberación**: perspectivas. Lima: CEP, 1971.

²³⁴ HECHT, 2020.

que as pessoas dizem e estar ao seu lado para acompanhá-las solidariamente, transmitir-lhes a força e a esperança que brota do Evangelho.²³⁵

Observando de forma retrospectiva o período, Hecht conclui:

Essa foi uma época empolgante e cheia de entusiasmo. Um novo espírito, de compreensão, de responsabilidade mútua, e por aquilo que era comum a todos, crescia entre as pessoas. Essa nova realidade chamou a atenção de muitos e constantemente recebíamos visitas para conhecer o trabalho. Nos grupos, que continuavam a encontrar-se com regularidade, cresceu a confiança entre as pessoas, prestava-se atenção ao que o outro tinha a dizer, e refletia-se em conjunto sobre como se ajudar nas dificuldades diárias.²³⁶

Possivelmente a maior expressão em termos de organização e articulação a nível nacional que o grupo teve foi com o surgimento da PPL, cujo objetivo era articular, promover e organizar iniciativas diaconais transformadoras e proféticas, priorizando a participação de lideranças, obreiros/as e demais membros da IECLB em pastorais sociais e movimentos sociais.²³⁷

A consciência sociopolítica demonstrada pela direção da IECLB a partir de meados de 1970 e pela ala mais à esquerda da igreja destoa em boa medida da consciência predominante das comunidades de fé.²³⁸ No entanto, conforme sustenta uma pesquisadora entrevistada, a sustentação desta afirmação e de sua atualização necessita de um embasamento em alguma pesquisa de opinião ampla, a qual não existe no âmbito da IECLB, por enquanto.²³⁹

O início do século XXI será marcado por bastante entusiasmo em relação à diaconia comunitária na IECLB, conforme sustenta uma diácona entrevistada: “Então ali foi um

²³⁵ HECHT, 2020.

²³⁶ HECHT, 2020.

²³⁷ A Pastoral Popular Luterana surge a partir do envolvimento de membros e ministros ordenados da IECLB nos movimentos e lutas sociais em contextos marcados pelos subprodutos da ditadura militar, pelo aumento de êxodo rural, pelo crescimento da miséria nos grandes centros urbanos, pelo aumento da desigualdade social, pelo aumento de agricultores sem-terra, entre outros problemas e injustiças sociais que marcam o final da década de 1970 e início da década de 1980. “A Pastoral Popular Luterana não possui uma data certa para seu surgimento. Ela aparece num momento histórico compreendido entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, em algumas comunidades do sul do Brasil, espalhando-se depois por vários estados do sul até o Espírito Santo, Mato Grosso, Rondônia, Pará. Seus participantes inicialmente eram somente pastores, pastoras, mas logo de início, em torno de 1984, ela contou com a participação de leigos engajados em lutas sociais”. PASTORAL POPULAR LUTERANA. Surge uma Pastoral Popular Luterana. **Site PPL**. 2017. Disponível em: <<http://pastoral.org.br/site/quem-somos/>>. Acesso em: 15 fev. 2019. Diante disso, com o objetivo de promover uma reflexão teológica encarnada na vida concreta das pessoas, lembrar as comunidades de seu compromisso, proveniente do Evangelho, com a justiça nos âmbitos sociais, políticos, culturais e ambientais, a PPL promove diversos eventos, priorizando sempre a formação e a promoção de uma espiritualidade libertadora. Depois de uma profunda crise, que teve seu ápice em 2006, que quase levou a sua extinção, a entidade vem se fortalecendo nos últimos anos.

²³⁸ SINNER; MAJEWSKI, 2005, p. 58-60.

²³⁹ JAIANE. Nome fictício. Pesquisadora da diaconia comunitária na IECLB. Entrevista realizada via videoconferência no dia 08 de Julho de 2020. Cf. ANEXO 3.

momento que muitas ações aconteceram, muitas pessoas se formaram”.²⁴⁰ Após um longo processo de discussão, a tão sonhada ordenação para diáconos e diáconas é alcançada logo no início do novo século. O sonho havia se transformado em realidade. Para se adaptar às mudanças, acontecem ajustes na formação de ministros e ministras ordenadas. A formação diaconal, agora confiada à Faculdades EST, será tema de inúmeras discussões, as quais se estendem até os dias atuais.²⁴¹

Em 2006, o Departamento de Diaconia é extinto para dar lugar à Coordenação de Diaconia, tal mudança representou um enfraquecimento na atuação do órgão, determinado pela diminuição dos recursos humanos e financeiros à sua disposição. Tal mudança, segundo a análise da pesquisadora Sabrina, resultou num processo de desarticulação da diaconia comunitária, especialmente no nível sinodal e nacional.²⁴²

Depois com toda a mudança do departamento para coordenação, redução da equipe [...], algumas coisas não foi possível dar o mesmo acompanhamento, dá para dizer assim que teve uma desarticulação né, de algumas questões. Então aí se retomou depois a formação. [...] E aí se viu de novo a necessidades que a Secretaria Geral oferecesse formação né, e articulasse isso, então teve um tempo aí de reajustes.²⁴³

Para alguns pesquisadores e pesquisadoras entrevistados, é possível identificar nos últimos 20 anos um processo de aprofundamento da reflexão acerca do conceito de diaconia, o qual é mais discutido aprofundado nas comunidades, fica mais conhecido, vários cursos são oferecidos na área. Essa é a tese do pesquisador Célio:

É, eu percebo assim que o tema da diaconia, [...] a palavra diaconia ela vem fazendo mais conhecida [...] pelas pessoas, já não é mais um mistério falar em diaconia [...] como era talvez dez anos atrás. Então assim, eu vejo nesse sentido em termos de estrutura, se avançou em termos de reflexão [...] as comunidades começaram a conhecer mais o que é a diaconia, ainda que talvez em nível muito... é... que tem que sair um pouco do assistencialismo, [...] mas as comunidades começaram a desenvolver o tema.²⁴⁴

A ponderação das pesquisadoras Fernanda e Sabrina vão na mesma direção: “Então, olhando a nível de comunidades eu vejo que temos tido avanços, eu acho que as comunidades

²⁴⁰ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁴¹ A discussão acerca da formação para o ministério compartilhado será desenvolvida no 2º capítulo dessa pesquisa.

²⁴² SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁴³ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁴⁴ CÉLIO. Nome fictício. Pesquisador da diaconia comunitária na IECLB. Entrevista realizada via videoconferência no dia 23 de Junho de 2020. Cf. ANEXO 4.

estão refletindo mais diaconia, tem muitos ministros e ministras refletindo mais diaconia em comunidade né”.²⁴⁵

Acho que o fortaleceu foi essa questão da formação, os cursos de formação Multiplicadores de Diaconia, o Vida no Limiar da Morte, que é uma outra área que fortaleceu bastante, que a gente vê que criou várias lideranças, e ainda há a saudade da formação como ela era realizada. [...] Eu acho que também todo esse movimento de reflexão que vem de fora, via FLM, de documentos, o Diaconia em Contexto... Acho que ele é um documento que marcou e ajudou bastante na reflexão.²⁴⁶

Neste processo de aprofundamento acerca do conceito de diaconia, a pesquisadora Fernanda destaca a importância que o Plano de Ação Missionária da IECLB tem, o qual foi lançado no ano 2000, o qual considera a diaconia como uma das quatro dimensões da missão da IECLB: “então o PAMI nesse sentido ele fundamenta e ajuda bastante né, então alguns documentos que foram lançados ajudaram [...]”.²⁴⁷

Ao mesmo tempo em que a reflexão teórica a respeito da diaconia torna-se mais presente nas comunidades, o pesquisador afirma que a diaconia perde força na dimensão prática.

[...] por outro lado, perde um pouco de espaço na prática, é... porque enfim as mudanças de legislação, a mudança no currículo bacharelado por exemplo... Eu como Diácono, “ah se eu não tiver um serviço social eu não vou poder assumir alguma instituição, responder por ela legalmente né”.[...] nós perdemos um pouquinho daquela, é... todo o viés mais prático mesmo... Talvez foi pra um extremo, foi pra outro, fica nessa gangorra, talvez é hora de um equilíbrio.²⁴⁸

A análise retrospectiva acerca dos últimos 20 anos da pesquisadora Fernanda segue a mesma direção de Célio: “[...] eu acho que a gente enfraqueceu muito assim. [...] eu acho que a gente deveria ter tido um protagonismo maior nesse período né...”.²⁴⁹ Ao mesmo tempo que a referida autora reconhece uma espécie de culpa do próprio grupo de lideranças da diaconia, especialmente aquelas ordenadas, por essa falta de protagonismo, ela destaca que a estrutura hierárquica da IECLB dificulta um protagonismo maior.²⁵⁰

Por fim, para alguns pesquisadores, nos últimos anos a diaconia comunitária na IECLB apresenta sinais de crescimento e rearticulação. Para Sabrina, as centenas de ações diaconais surgidas em meio a pandemia do COVID-19 revelam que a diaconia ainda está na

²⁴⁵ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

²⁴⁶ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁴⁷ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

²⁴⁸ CÉLIO, cf. ANEXO 4.

²⁴⁹ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

²⁵⁰ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

essência das comunidades,²⁵¹ porém a compreensão diaconal assistencialista continua sendo a predominante.²⁵² Enfim, essas reflexões esboçadas nessas últimas páginas serão aprofundadas nos capítulos que seguem.

²⁵¹ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁵² CÉLIO, cf ANEXO 4.

3 A DIACONIA COMUNITÁRIA NO CONTEXTO DA ESTRUTURAÇÃO DA DIACONIA NA IECLB

O presente capítulo busca apresentar a forma como a diaconia comunitária se estruturou e se organizou dentro da estrutura nacional na IECLB, levando em conta um recorte histórico. Tal análise é imprescindível tendo em vista que a estruturação e organização da diaconia comunitária a nível nacional dialoga direta e constantemente com as expressões diaconais comunitárias. Além disso, os desafios e possibilidades aqui identificados dialogam com as implicações que a tese a respeito do fenômeno do encontro representa para a diaconia comunitária como um todo. O capítulo, mesmo tendo seu foco direcionado para a diaconia comunitária, por vezes analisa aspectos ligados à diaconia institucional. Isto acontece porque em determinados contextos a diaconia comunitária e a institucional se intercalam, não sendo coerente realizar uma análise que busque separar os dois tipos de diaconia.

Na atualidade, pode-se observar no âmbito das comunidades da IECLB a existência de vários grupos e iniciativas diaconais. Mesmo antes da diaconia na IECLB se organizar em órgãos e instituições, em nível paroquial, sinodal e nacional, a diaconia fazia parte das comunidades de fé da IECLB, pelo simples fato dela ser um dos elementos fundamentais da fé cristã. Especialmente a partir de meados da década de 1960, a diaconia na IECLB inicia um processo de maior organização em nível paroquial, sinodal e nacional. Atualmente a diaconia comunitária na IECLB se organiza dentro das instâncias oficiais desta igreja, nas comunidades e paróquias por meio de comissões e setores de trabalho, nos Sínodos por meio de conselhos e em nível nacional a partir do Conselho Nacional de Diaconia (CONAD) e Coordenação de Diaconia.

3.1 A ORGANIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB

Segundo as estatísticas oficiais da IECLB, do ano base de 2016, a IECLB é constituída por 1808 comunidades de fé, reunidas em 483 paróquias, que se organizam dentro de 18 Sínodos espalhados por todo território nacional.²⁵³

A mais recente reestruturação da IECLB foi aprovada em 1997: “é a visão de uma Igreja sinodal, portanto nem congregacionista nem episcopalista com o que segue

²⁵³ IECLB. Estatísticas da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil com base no ano de 2016. Apresentação de Power Point. 2016. Consultado em: 07 abr. 2021.

fundamentais princípios da Reforma luterana”.²⁵⁴ O ex-pastor presidente da IECLB, Gottfried Brakemeier, destaca os ganhos obtidos com a última reestruturação:

A reestruturação de 1997 salvou a antiga estrutura de sérios impasses, recuperando para a IECLB a operacionalidade. A proliferação de subdivisões distritais e regionais, o conseqüente inchaço do Concílio Geral e do Conselho Diretor, o empurrar das decisões às instâncias superiores, além de mais outros problemas, prejudicavam a vida da Igreja na época. Por isto mesmo, descentralização tem sido um dos grandes objetivos da revisão estrutural.²⁵⁵

Tal reestruturação da IECLB como um todo repercutiu diretamente na organização e estruturação da diaconia comunitária. Alguns pesquisadores e pesquisadoras entrevistadas identificam alguns impasses provenientes da reestruturação na interface com a diaconia comunitária. Para Sabrina, a reestruturação ainda não foi totalmente assimilada pela igreja.

[...] acho que o que assim desarticulou foi esse nosso processo enquanto Igreja de estruturação, acho que vínhamos numa caminhada de Distrito, Regiões, depois Sínodos, daí tem uma área muito grande, principalmente alguns Sínodos, as enormes distâncias. E agora a gente tá completando [...] 25 anos dessa nova estrutura, mais ou menos, não estou bem lembrada, e então assim é um processo novo que ainda em muito está se estruturando, nem todos os Sínodos tem uma estrutura viável, e isso tem fragilizado principalmente na questão de formação [...].²⁵⁶

Na antiga estrutura, as Regiões e os Distritos Eclesiásticos tinham maior autonomia no processo de articular e promover formações. Com a reestruturação, a responsabilidade pela oferta de formações é transferida para a Secretária Geral. No entanto, não cabe a ela propor temas e discussões para os Sínodos, apenas responder as demandas colocadas por eles.

[...] então [para] os assuntos da Secretaria Geral chegarem até os Sínodos na verdade quem tem que pedir são os Sínodos, por exemplo, os assuntos ligados a diaconia. Quer formação em diaconia? Tem que vir lá do Sínodo, mandar uma carta pra Secretaria Geral, então tem todo um caminho novo a ser respeitado né.²⁵⁷

Para alguns pesquisadores e pesquisadoras, reside aí um dos principais impasses que envolvem a articulação da diaconia comunitária a nível nacional: Existem temas e discussões que não são demandados pelos Sínodos, não porque elas não são necessárias, mas porque não são percebidas, ou quando percebidas por vezes são ignoradas.

²⁵⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. Estrutura. **Portal Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estrutura>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

²⁵⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. Estrutura. **Portal Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estrutura>> Acesso em: 07 de Abr. 2021.

²⁵⁶ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁵⁷ CÉLIO, cf ANEXO 4.

[...] no início tinha aquela compreensão que as coordenações, as diversas coordenações da Secretaria Geral, não poderiam criar demanda de formação para os Sínodos, mas responder a uma demanda, uma solicitação. Só que a gente sabe que principalmente na área da Diaconia, inclusão, acessibilidade, você precisa sensibilizar, despertar para que tenha a demanda de formação, porque é um trabalho que a gente diz que é da margem né. É preciso dar visibilidade.²⁵⁸

Em outra parte da entrevista, a pessoa entrevistada, a qual é ligada à Coordenação de Diaconia, retoma o assunto:

Então sempre que a gente recebe a demanda a gente vai ao encontro dela e busca responder, busca acompanhar, mas nem sempre isso vem tão diretamente [...]. E algumas temática a gente sabe também [que] não vão vir. Né, que nem esse ano a gente como CONAD, a gente ia refletir sobre a questão do racismo, isso a gente sabe que nas Comunidades isso acontece mas ninguém quer puxar isso e trazer como uma demanda, então ali você realmente, tem temas assim que você precisa de formas de estar articulando pra que a reflexão aconteça né.²⁵⁹

A partir das ponderações de pesquisadores e pesquisadoras entrevistadas, percebe-se que há um impasse em relação à função da Secretaria Geral concernente à tarefa de propor e provocar determinados temas. A importância de uma instância externa responsável por propor e provocar temas diaconais foi sustentada na pesquisa de doutorado da diácona Sissi Georg: Ela afirma: “observando o processo que se desencadeou na diretoria do grupo das mulheres durante o período de minha inserção, concluo que a diaconia necessita de motivação vinda de fora. Parece que às vezes é preciso que alguém dê a ideia, sugira uma ação possível”.²⁶⁰ Georg identificou na prática diaconal comunitária efeitos destes impulsos provindos da direção da IECLB. “A reflexão a respeito das rampas de acesso à igreja também é uma proposição externa. Veio da IECLB, nos anos 90”.²⁶¹ Neste quesito, a autora também destaca a importância que a palavra oficial da Igreja teve através do Departamento de Diaconia no trabalho junto às pessoas portadoras de deficiência. Foi somente quando a IECLB abraçou a causa através do Departamento que aconteceram ações mais sólidas.²⁶²

O principal meio pelo qual dialogam as demandas comunitárias, paroquiais e sinodais e a Secretária Geral é o Conselho Nacional de Diaconia (CONAD). Devido a sua importância na articulação nacional da diaconia comunitária, dedicaremos um tópico para apresentá-lo e discutir problemáticas relacionadas à sua atuação.

²⁵⁸ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁵⁹ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁶⁰ GEORG, 2006, p. 204.

²⁶¹ GEORG, 2006, p. 204.

²⁶² GEORG, 2006, p. 225.

3.1.1 CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA – CONAD E OS CONSELHOS SINODAIS

A IECLB é constituída por 18 Sínodos espalhados por todo o território nacional. Cada Sínodo possui uma pessoa que representa a diaconia sinodal no Conselho Nacional de Diaconia (CONAD), surgido em 2003,²⁶³ que é a principal instancia de deliberação, organização e articulação da diaconia comunitária da IECLB, a nível nacional. Antes do surgimento do CONAD, existiam grupos de trabalho que refletiam sobre determinadas demandas diaconais, os quais foram incorporados pelo Conselho. Sobre isso, afirma a pesquisadora Sabrina:

[...] acho que antes do CONAD já tinha os grupos de trabalho vinculado ao departamento de Diaconia, então tinha grupo de trabalho na área da criança e adolescente, na área da pessoa idosa, na área das instituições, que quase tinha o mesmo papel que o CONAD, mas eram por grupos de trabalho que também se reuniam, pra refletir, ver quais as demandas e propor ações. E depois então passou para o Conselho Nacional de Diaconia que tenta trazer esses temas específicos também, e ser a partir de Sínodos. Na área da inclusão da pessoa com deficiência nós tínhamos o grupo de apoio nacional né, então formado por pessoas com deficiência ou pessoas que refletiam na área e tinham experiência na área né, que também foi incorporado depois no Conselho Nacional de Diaconia.²⁶⁴

Na atualidade, o CONAD é formado por dezoito representantes sinodais da diaconia, mais representantes da Secretaria Geral da IECLB, e ainda representantes convidados de determinadas instituições diaconais desta igreja. No apoio às decisões e iniciativas propostas pelo CONAD, atua a Coordenação de Diaconia, a qual está inserida dentro da Secretaria de Ação Comunitária da IECLB. Em constante diálogo com o CONAD, a Coordenação de Diaconia busca fortalecer e integrar iniciativas diaconais comunitárias, além de outras atribuições.²⁶⁵

Em 17 de Julho de 2003, o Conselho da Igreja aprovou o regulamento e homologou a composição do CONAD. Mesmo assim, demorou anos até que surgisse a clareza necessária para o bom funcionamento do Conselho. “Não estava claro quem fazia parte do CONAD, quais eram as atribuições e tarefas de cada conselheiro”.²⁶⁶ Na mesma direção, comenta um dos pesquisadores entrevistados:

²⁶³ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2010.

²⁶⁴ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁶⁵ BOCK, 2013.

²⁶⁶ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2010.

[...] eu vejo um CONAD bem estruturado só partir de 2011/12 [...], quando as pessoas já entendiam o que estavam fazendo ali, quais eram as propostas né, precisou talvez as pessoas participarem de um, dois, três, quatro CONADs pra a ideia pegar e multiplicarem isso nos seus Sínodos também.²⁶⁷

Um dos motivos para a reunião anual ordinária do CONAD de 2009 não acontecer foi a falta da clareza necessária, por parte dos membros do conselho, sobre algumas questões fundamentais do Conselho.²⁶⁸ A partir de 2010, pode-se observar um amadurecimento do Conselho, maior clareza por parte dos membros a respeito da sua própria função e uma regularidade em suas assembleias anuais.

Em aspectos gerais, a atuação do CONAD é orientada pelo Plano de Ação Missionária (PAMI): “[...] o planejamento do CONAD precisa estar de acordo com o Plano de Ação Missionária (PAMI) da IECLB que tem como objetivo transformar as situações nas comunidades, gerar unidade na igreja, ou seja, o que o CONAD também quer”.²⁶⁹ A missão, visão e valores do CONAD são os seguintes:

Missão: Vivenciar e propagar o Evangelho de Jesus Cristo através da Diaconia com a finalidade de transformar realidades de sofrimento e injustiças. Visão: Ser reconhecido como conselho que, consciente do contexto em que vive, fortalece e articula a Diaconia para que todas as pessoas tenham vida em abundância. Valores: Dignidade e Cidadania, Inclusão e Acessibilidade, Respeito à diversidade cultural, étnica e sexual; Justiça de gênero; Justiça socioambiental e política.²⁷⁰

As prioridades assumidas pelo Conselho foram mudando com o passar dos anos, conforme pode-se observar nas atas das suas reuniões anuais ordinárias. Nos anos posteriores a 2013, aparece como prioridade a necessidade da diaconia dar uma importância particular ao público idoso. Tal prioridade vai ser recorrente em praticamente todas as reuniões do CONAD até 2019, ano da última ata analisada. É possível afirmar ela como o tema prioritário do Conselho Nacional de Diaconia, no período analisado.

Um segundo público que apareceu por diversas vezes nas reuniões, especialmente a partir de 2016, foram as juventudes. “CONAD decidiu apoiar e fortalecer o diálogo e a parceria com a juventude para desenvolver ações diaconais nos sínodos”.²⁷¹ O projeto “Juventude e Diaconia: livres para transformar o mundo – Pessoas não estão à venda”, foi o principal projeto apoiado voltado para esse público, o qual mobilizou representantes jovens da diaconia

²⁶⁷ CÉLIO, cf ANEXO 4.

²⁶⁸ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2010.

²⁶⁹ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2018.

²⁷⁰ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2018.

²⁷¹ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2016.

nos 18 sínodos. Estes representantes foram desafiados a pensar e articular iniciativas diaconais em seus respectivos contextos.²⁷² Possivelmente influenciadas por tal projeto, nos últimos anos, a temática da diaconia e temas direta e indiretamente direcionados estiveram bastantes presentes nos eventos promovidos pelos grupos de Juventude Evangélica (JE), em nível paroquial, sinodal e nacional. Nos últimos anos, a JE é o grupo da IECLB que mais tem trabalhado o assunto da diaconia em seus encontros de formação.²⁷³

De forma um pouco mais tímida, a partir de 2015, cresceu a consciência da IECLB com a problemática gerada pela atual crise migratória.²⁷⁴ Prova disso é a recomendação feita pelo CONAD, no ano de 2016, às comunidades da IECLB:

O CONAD recomenda à Igreja que incentive às comunidades para o acolhimento às pessoas imigrantes e refugiadas. Também a realização de um encontro com pessoas, ministros e ministras que estão desenvolvendo alguma atividade junto às pessoas imigrantes e refugiadas.²⁷⁵

Ainda deve ser citada a preocupação manifestada pelo CONAD com o acolhimento do público LGBTQI+.

Sobre o tema LGBTs, o CONAD recomenda maior estudo sobre o tema e que se inicie o diálogo com as comunidades. Sentimos a urgência de falar sobre o tema na igreja, nos posicionar e buscar maior compreensão, porque não podemos fazer acepção de pessoas. Precisamos, pelo menos, conversar sobre o assunto: LGBT e o documento Família, Matrimônio e Sexualidade. Que a reflexão seja com ministros e ministras, lideranças e centros de formação teológica.²⁷⁶

Também a partir de 2016, o CONAD vem demonstrando preocupação com a formação em diaconia e com a forma como o ministério compartilhado vem sendo assumido pela IECLB. “O CONAD se preocupa especialmente com a formação diaconal pela demanda de trabalho nos dias atuais. Igualmente, com a definição de campos ministeriais para o ministério diaconal”.²⁷⁷ Por fim, em 2020 o Conselho assumiu a temática do racismo como temática central à ser trabalhada em suas assembleias.²⁷⁸

Diante disso, percebe-se que o CONAD, além de representar as demandas sinodais da diaconia, consolidando-se como a principal voz dos Sínodos que ecoa na direção da IECLB, tem buscado fomentar e provocar a discussão sobre alguns temas que não são

²⁷² IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2017.

²⁷³ Essa temática será aprofundada no terceiro capítulo desta pesquisa.

²⁷⁴ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2015.

²⁷⁵ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2016.

²⁷⁶ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2016.

²⁷⁷ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2016.

²⁷⁸ SABRINA, cf. ANEXO 2.

propostos de forma direta pelos Sínodos, como o cuidado com as pessoas migrantes, com o público LGBTQI+, e ainda a necessária discussão relacionada ao racismo.²⁷⁹

Apesar de o CONAD ter provocado discussões sobre temas diaconais importantes nos últimos anos, uma pesquisadora ligada ao CONAD e à Coordenação de Diaconia identifica um obstáculo que dificulta a relação entre paróquias – sínodos – CONAD – Coordenação de Diaconia, comprometendo a necessária comunicação entre essas instâncias. Para a pesquisadora, o cerne da questão está na falta de conhecimento, que determinados conselheiros e conselheiras tem, da realidade da diaconia do seu respectivo Sínodo. Sem ter uma visão ampla a respeito da práxis e das demandas diaconais dentro do Sínodo que representa, a própria atuação do CONAD e da Coordenação de Diaconia fica parcialmente comprometida. Afinal, como é possível representar algo que não se conhece?

[...] eu percebo uma enorme dificuldade de ouvir as demandas que vem das Comunidades né, o Conselho Nacional de Diaconia tem esse papel de ser a voz do seu Sínodo né, o que a gente percebe é que também [há] uma fragilidade na questão dos próprios conselheiros e conselheiras, de ter a noção do todo do seu Sínodo, e poder trazer as demandas do seu Sínodo né, muitas vezes o conselheiro a conselheiro ela é nomeado indicado pelo Sínodo porque se está numa ação diaconal que a sua Comunidade desenvolve o projeto diaconal, e então envia essa pessoa para ser representante, mas não dá condições ou capacidades pra ela estar realmente falando em nome do Sínodo. Muitas vezes ela fala daquilo que ela conhece e tem condições de acompanhar no seu Sínodo né. Então o que a gente percebe que o Conselho quer... é pra ser a voz dos Sínodos, os Sínodos não estão fazendo uso né, não tão vendo ali o espaço deles colocarem a sua reflexão, as suas demandas, as suas críticas em relação a diaconia na IECLB. Então aí eu vejo uma fragilidade né, de realmente a gente tá respondendo a demanda da comunidade né.²⁸⁰

Em outro momento da entrevista, a pesquisadora reafirma sua percepção como um dos principais obstáculos que dificultam a articulação a nível nacional da diaconia comunitária:

[...] eu acho que essa questão da gente não ter realmente o contato direto com a Comunidade, e ter uma ausculta realmente de quais são as demandas né, então a gente precisa melhorar essa questão da comunicação, conselheiros com seu Sínodo, com a Coordenação de Diaconia né, melhorar essa comunicação interna que isso para mim hoje é uma, eu vejo como uma fragilidade né, tanto de repassar aquilo que

²⁷⁹ Em reunião ordinária do CONAD de 2018, foi construído um planejamento que vai orientar a atuação do Conselho para os próximos anos. O planejamento foi construído com base em seis ações esperadas e as respectivas atividades para alcançar êxito. Seguem as ações: “Promover e fortalecer os Conselhos Sinodais de Diaconia; [...] promover a comunicação e visibilidade da Diaconia; [...] elaborar Subsídios; [...] promover a Formação Diaconal para o exercício do sacerdócio de todas as pessoas que creem; [...] promover e fortalecer a Formação Diaconal para o Ministério com Ordenação; Realizar Fórum Nacional de Diaconia”. IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2019.

²⁸⁰ SABRINA, cf. ANEXO 2.

o conselho refletiu, articulou, pensou né, quanto também poder ser a voz dos Sínodos, comunidades né.²⁸¹

A pesquisadora Fernanda identifica o mesmo problema citado por Sabrina:

Eu acredito que muitos sínodos, e é o que a gente vê, enviam pessoas que [...] nem entendem assim sobre diaconia ou que não tem envolvimento. Então se envia alguém assim porque tem que ser enviado né, e por outro lado tem pessoas altamente preparadas e tudo, mas que também já tem uma carga tão grande de outras coisas né, funções acumuladas que daí não conseguem articular no sínodo tudo que precisa ser feito.²⁸²

Para Sabrina, as possibilidades para se superar esse problema interno do CONAD passam pela oferta de capacitações para as pessoas que ocupam espaços estratégicos na IECLB e pelo aperfeiçoamento da comunicação interna na igreja.

[...] aí precisa tentar uma formação né, a gente já tem refletido isso, já vários anos a questão de capacitar lideranças para atuação nos espaços estratégicos da igreja né. E melhorar a comunicação como um todo na Igreja né, então isso sim, porque a gente [...] percebe que várias ações que são realizadas nas muitas comunidades não tem o conhecimento de tais ações né, então acho que a questão de formação, comunicação né, é uma das fragilidades.²⁸³

No contexto dessa problemática, a formação aparece com uma necessidade para que a comunicação efetivamente aconteça. Além dessa questão, a pesquisadora entrevistada Sabrina suspeita que outro elemento que impede ou dificulta uma atuação mais propositiva do CONAD está ligado ao baixo número de pessoas jovens que compõe o Conselho. “[...] o público na qual o Conselho é formado é uma geração diferente, eu sempre brinco assim, ‘tá se eu tivesse alguns jovens no Conselho Nacional de Diaconia talvez ia dar um ritmo diferente né’, mas é uma outra geração, é uma outra forma de atuação né [...]”.²⁸⁴

A composição do CONAD parece refletir o público mais envolvido com a diaconia nas paróquias e Sínodos da IECLB. Segundo um levantamento que será apresentado no terceiro capítulo dessa pesquisa, são as mulheres com mais de 55 anos o público mais envolvido com a diaconia comunitária. Tal dado explica de imediato o fato de pelo menos 14 Sínodos têm mulheres como suas representantes no CONAD. Tais dados confirmam a representatividade do CONAD. Por outro lado, o baixo número de pessoas jovens no CONAD dificulta que o Conselho consiga representar as demandas diaconais provenientes

²⁸¹ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁸² FERNANDA, cf. ANEXO 1.

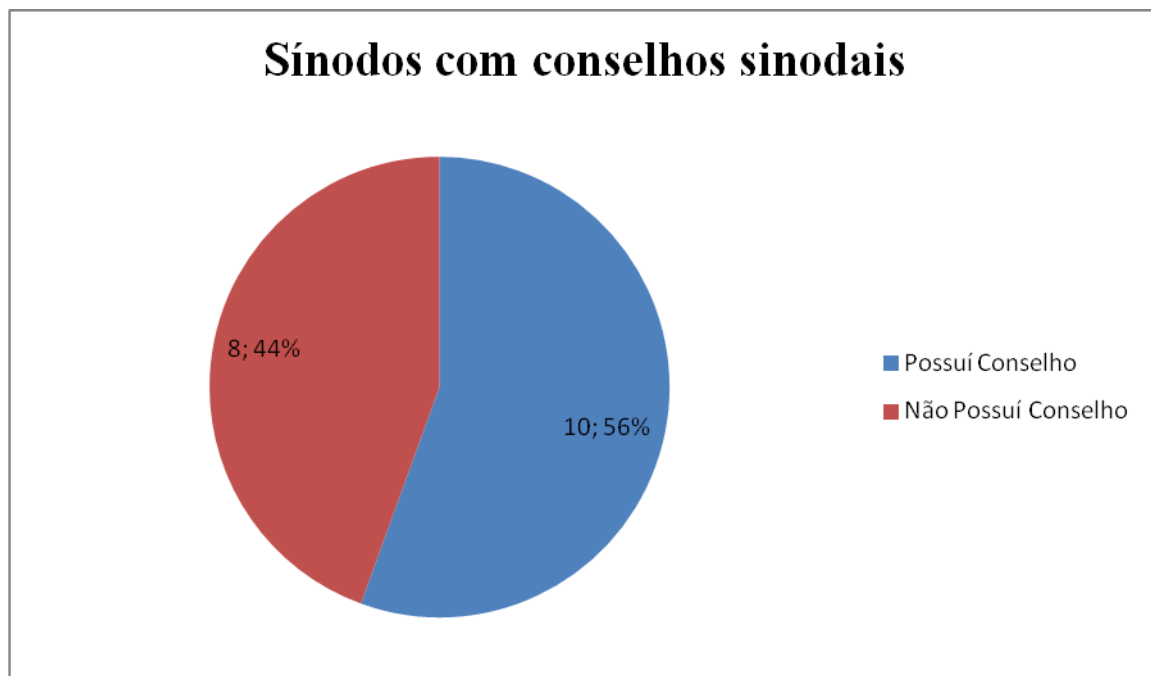
²⁸³ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁸⁴ SABRINA, cf. ANEXO 2.

deste público específico, fato que coopera para o não envolvimento do jovem na práxis diaconal comunitária. Diante disso, pode-se afirmar que o CONAD tem em seu horizonte o desafio de conciliar a representatividade dentro de uma perspectiva intergeracional.

Fernanda destaca que um dos elementos necessários para que o CONAD cresça em termos de representatividade passa pela existência de Conselhos de Diaconia em cada Sínodo. “O CONAD por exemplo né, ele também só funciona, e ele é bom, e tem ideias e pode contribuir, se cada sínodo tem um conselho sinodal de diaconia e isso funciona [...]”.²⁸⁵ Se todos os Sínodos tivessem um conselho de diaconia formado, responsável por identificar e discutir as demandas, as práxis diaconais, as iniciativas que estão em desenvolvimento na sua região, caberia ao conselheiro ou conselheira apenas levar as informações e reflexões ali trazidas e discutidas para a reunião do CONAD. No entanto, segundo levantamento feito por esta pesquisa, dos 18 sínodos que formam a IECLB, apenas dez têm um conselho sinodal de diaconia constituído, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Questionário aplicado aos representantes sinodais com assento no CONAD



Fonte: o autor

Conforme os dados apresentados, que traz dados de 2018, em 56% por cento dos Sínodos a diaconia comunitária conta com um Conselho e em 44% dos Sínodos a diaconia comunitária não conta com uma articulação a nível sinodal. Em dez Sínodos a diaconia é

²⁸⁵ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

representada no Conselho Sinodal, ou seja, possui assento. Nos Sínodos que não têm um Conselho de Diaconia Sinodal constituído, o representante do Sínodo no CONAD ocupa essa cadeira.²⁸⁶

Há mais de duas décadas circula um anseio por partes de lideranças da diaconia comunitária em ter um conselho de diaconia ativo em cada Sínodo da IECLB. É o que se pode constatar na fala de uma das pessoas entrevistadas, quando ela se refere à atuação da primeira coordenadora do Departamento de Diaconia na IECLB: “[...] no início eu lembro que com a Irmã Hildegart tinha todo um sonho que cada Sínodo tivesse um Conselho Sinodal de Diaconia, que fosse o guarda-chuva das ações do Sínodo né, alguns lugares isso foi viável outros não [...]”.²⁸⁷ É possível identificar tal anseio também nas memórias do CONAD de 2011.²⁸⁸

A pergunta que permanece sem resposta é o porquê da dificuldade da diaconia comunitária não conseguir se organizar nos oito Sínodos que permanecem sem um conselho de diaconia constituído. Se a diaconia é uma das quatro dimensões fundamentais da missão da IECLB no mundo, o que explica a falta de uma instância de organização e articulação a nível sinodal em quase metade dos Sínodos?

A principal problemática apresentada neste tópico refere-se à dificuldade tanto do CONAD quanto da Coordenação de Diaconia de ter uma visão mais ampla e aprofundada das práticas e demandas diaconais existentes nos Sínodos, paróquias e comunidades. A ausência de tal visão impede o desenvolvimento de um diálogo mais produtivo entre as diferentes instâncias da IECLB, elemento necessário para a articulação da diaconia comunitária a nível nacional. O trabalho da Coordenação de Diaconia, por estar balizado diretamente pelas demandas percebidas pelo CONAD, também fica parcialmente comprometido. Propor iniciativas diaconais sem ter claro quais são as demandas é como tatear no escuro. A dificuldade do CONAD representar efetivamente a visão dos Sínodos a respeito da diaconia e ser mais propositivo, ao que tudo indica, tem suas raízes em três fatores que se inter-relacionam: a) ausência de uma visão mais sistêmica a respeito da prática da diaconia comunitária sinodal por parte de determinados conselheiros e conselheiras sinodais; b) baixa representatividade intergeracional do Conselho; e c) ausência de conselhos diaconais em oito

²⁸⁶ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2018.

²⁸⁷ SABRINA, cf. ANEXO 2.

²⁸⁸ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2011.

dos dezoito Sínodos da IECLB. Sem recuperar a representatividade e efetividade do CONAD, o processo de articulação nacional da diaconia na IECLB fica parcialmente comprometido.

3.1.2 DEPARTAMENTO E COORDENAÇÃO DE DIACONIA

Com o objetivo de promover a diaconia nas instituições e comunidades da IECLB, através do assessoramento a iniciativas diaconais dessas, acompanhar os dois centros de formação diaconais ativos da até a década de 1990, e ainda preocupar-se com a criação de uma segunda comunhão diaconal, surge, em 1973, o Conselho da Obra Diaconal.²⁸⁹ Este seria o primeiro ensaio de organização da diaconia, na IECLB, a nível nacional. Deste período em diante, a diaconia ganha uma nova expressão na IECLB, conseguindo articular e organizar ações de forma conjunta a nível nacional.

Três anos após o surgimento deste Conselho, surge a Comunhão dos Obreiros e Obreiras Diaconais (COD), a partir de então as duas comunhões, COD e Irmandade, organizam-se para buscar um lugar para a diaconia na Secretária Geral da IECLB. Como resposta a esse anseio, é criado o Departamento de Diaconia em 1988. “A tarefa do Departamento de Diaconia é coordenar, articular e acompanhar a tarefa diaconal no âmbito da IECLB”.²⁹⁰ O Departamento de Diaconia também assumiu a responsabilidade pela coordenação do Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD), que estava sob responsabilidade da Secretária Geral.

O departamento de Diaconia tinha à sua frente a importante tarefa de articulação, capacitação e promoção das diferentes linhas de ação diaconal já em andamento na Igreja. Somava-se a isso a necessidade de fomentar novos projetos, inovadores e capazes de fortalecer a prática diaconal desenvolvida nas comunidades.²⁹¹

Durante a sua existência, o Departamento de Diaconia se consolidou “enquanto um polo de reflexão e integração das múltiplas iniciativas diaconais desenvolvidas no âmbito da IECLB”.²⁹² A diaconisa Gisela Beulke lembra algumas iniciativas e prioridades assumidas pelo departamento:

Paralelamente ao empenho de formar lideranças comunitárias, o Departamento de Diaconia investe no apoio às comunhões diaconais na busca por reconhecimento do seu ministério na IECLB. Sob a coordenação do Departamento, acontecem encontros periódicos dos Conselhos das duas comunhões, mas também encontros de

²⁸⁹ BEULKE, 2007, p. 155.

²⁹⁰ HOCH, 2005, p. 24.

²⁹¹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 38.

²⁹² ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 38.

Obreiros e Obreiras Diaconais, com o objetivo de integrar e fortalecer iniciativas conjuntas.²⁹³

Hoch também especifica algumas das iniciativas, atividades e prioridades do Departamento, que foi extinto em 2006, cedendo lugar para a atual Coordenação de Diaconia:

[...] o Departamento promove seminários, consultas, encontros e fóruns com representantes de órgãos públicos, Organismos Não-Governamentais e lideranças de comunidades. Dentre suas áreas de atuação se destacam o trabalho com pessoas idosas, pessoas portadoras de deficiência, com menores empobrecidos, com mães sozinhas e com pequenos agricultores. Ênfase crescente vem sendo dada a formação de lideranças voluntárias para o acompanhamento de pessoas doentes e moribundas.²⁹⁴

Além dessas temáticas e públicos, Carlos G. Bock ainda destaca a atenção do Departamento a outros públicos e questões, como na área da “saúde comunitária, HIV/AIDS, [...] voluntários de missão (programa de acompanhamento a estudantes alemães) e formação de multiplicadores e multiplicadoras em diaconia”.²⁹⁵ O Departamento priorizou ainda elaboração e publicação de materiais com vistas a apoiar e subsidiar iniciativas diaconais desenvolvidas no âmbito das comunidades da IECLB.²⁹⁶

Para Carlos G. Bock, o trabalho com pessoas com deficiência foi uma das áreas que recebeu maior atenção do Departamento, levando a criação em 1992, do setor Diaconia Inclusão,²⁹⁷ setor especialmente dedicado ao trabalho com pessoas com deficiência.²⁹⁸ O Departamento instituiu também o Dia Nacional da Diaconia²⁹⁹ e a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência, que acontece de 21 a 28 de agosto. Além disso, através do Departamento “estimula-se a criação de conselhos de diaconia nas comunidades, paróquias,

²⁹³ BEULKE, 2007, p. 156.

²⁹⁴ HOCH, 2005, p. 24.

²⁹⁵ BOCK, Carlos Gilberto. Fortalecendo a diaconia comunitária em rede - 25 anos de caminhada da diaconia na IECLB. **Portal Luteranos**. 2013. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/fortalecendo-a-diaconia-comunitaria-em-rede-25-anos-de-caminhada-da-diaconia-na-ieclb>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

²⁹⁶ HOCH, 2005, p. 24.

²⁹⁷ “Um dos primeiros registros de trabalho nesta área é de 1959”. JANDREY, Carla Vilma. 21 anos do Programa Diaconia Inclusão. 2013. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/21-anos-do-programa-diaconia-inclusao>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

²⁹⁸ BOCK, 2013.

²⁹⁹ “O Dia Nacional da Diaconia, que tem sido realizado desde 1997, tem como objetivo promover a reflexão sobre a Diaconia como algo que faz parte da essência da Igreja e que, como resposta de fé ao serviço de Jesus em favor da humanidade, leva à mudança de mentalidades, à transformação de situações de injustiça em justiça, de indignidade em dignidade”. COORDENAÇÃO DE DIACONIA. Dia Nacional da Diaconia – Retrospectiva. 2013. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/dia-nacional-de-diaconia-retrospectiva>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

sínodos e em nível nacional da IECLB e cria-se oficialmente o CONAD (Conselho Nacional de Diaconia), que se reúne anualmente”.³⁰⁰

As ações promovidas pelo Departamento de Diaconia tiveram a intenção de fortalecer a diaconia comunitária na IECLB, especialmente a partir do fomento, organização e articulação desta.

Estas e outras iniciativas fazem parte de uma estratégia mais ampla do Departamento de Diaconia, visando o fortalecimento da ação diaconal nas Regiões Eclesiásticas (hoje Sínodos), à elaboração de políticas específicas para as diferentes áreas de atuação diaconal e à capacitação de recursos humanos para o trabalho nas comunidades.³⁰¹

Na avaliação de Hoch, a atuação do departamento de diaconia foi fundamental para que a diaconia comunitária ganhasse maior visibilidade, tanto dentro como fora dos muros da IECLB. “A criação do Departamento de Diaconia e a ação engajada e decidida da sua equipe coordenadora têm o mérito de ter tornado a diaconia bem mais conhecida no âmbito das comunidades da IECLB e no meio ecumênico brasileiro”.³⁰²

Em 2006, no processo de reorganização da Secretaria Geral, o Departamento de Diaconia foi transformado em Coordenação de Diaconia. E, desde 2008, a Coordenação de Diaconia está abrigada sob a coordenação da Secretaria de Ação Comunitária, juntamente com a Coordenação de Gênero, Diaconia Inclusão e Voluntários de Missão.³⁰³

A extinção do Departamento resultou na dissolução da coordenação específica da inclusão e na diminuição de recursos humanos à disposição do trabalho. A pesquisadora Sabrina esclarece que o argumento oficial utilizado para a dissolução da coordenação específica de inclusão foi a falta de demanda dos Sínodos na área. O questionamento já feito em tópicos anteriores é se é suficiente apenas a preocupação em responder as demandas colocadas de forma espontânea pelos Sínodos. Para a própria pesquisadora entrevistada, esse argumento é frágil, uma vez que a coordenação existia justamente para provocar demandas, provocar a reflexão sobre o tema da inclusão:³⁰⁴ “[...] são áreas que precisam criar demandas né, sensibilizar para que realmente a comunidade seja inclusiva, acessível [...]”.³⁰⁵ Na avaliação do pesquisador entrevistado Célio, a extinção da coordenação específica de

³⁰⁰ GAEDE NETO, 2015, p. 03.

³⁰¹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 39.

³⁰² HOCH, 2005, p. 25.

³⁰³ BOCK, 2013.

³⁰⁴ SABRINA, cf. ANEXO 2.

³⁰⁵ SABRINA, cf. ANEXO 2.

inclusão, e sua acoplagem junto à Coordenação de Diaconia, resultou em perda de espaço da temática da inclusão na estrutura central da Igreja.³⁰⁶

Por sua vez, os argumentos para a extinção do Departamento de Diaconia estão relacionados à tentativa de enxugar a equipe e as despesas, e ainda diminuir a autonomia do trabalho desenvolvido pelo Departamento, buscando assim promover uma melhor sincronia com as ações da Secretária Geral. Soma-se a isso um contexto onde os Sínodos eram supostamente os responsáveis pela formação.³⁰⁷

[...] era uma realidade onde o Sínodo era responsável pela formação, então não se justificava, não tinha porque ter um departamento pensando amplamente essa área se era papel do Sínodo. Só que hoje se comprova que isso não é uma realidade, o Sínodo não consegue desenvolver esse papel como talvez foi sonhado.³⁰⁸

Para Célio, a passagem do Departamento de Diaconia para a Coordenação de Diaconia representou prejuízos para a incidência e divulgação da diaconia, mas por outro lado, significou ganhos na sua organização, ao promover um processo de descentralização. “[...] quando muda pra Coordenação se perde um pouco dessa quantidade de eventos e a expressividade dos eventos, mas se descentraliza a diaconia”.³⁰⁹ Sabrina destaca que, com a mudança, a Coordenação passa a ser abrigada sob a responsabilidade da Secretaria de Ação Comunitária, junto com as demais Coordenações, contexto que facilita um processo de interdisciplinaridade, uma vez que o tema da diaconia perpassa e é discutido por outras Coordenações também.³¹⁰ Por outro lado, Sabrina destaca os prejuízos que a passagem do Departamento para a Coordenação promoveu para a diaconia comunitária.

Quanto a relação do departamento pra coordenação aí gente realmente teve uma perda de visibilidade, e de autonomia, e de empoderamento. Porque departamento é o que a gente diz hoje que é uma secretaria né, tinha quase status de secretaria. E então isso se fragilizou né, de uma equipe de 3, 4 pessoas, passou ter uma equipe de uma coordenadora de Diaconia, uma [da] área da inclusão e outra voluntariado, mas se juntou com juventude né. E hoje só temos realmente uma pessoa pra Diaconia e inclusão. [...] essa mudança para mim de departamento para coordenação fragilizou, deixou de ter a visibilidade que tinha, o protagonismo e o poder, o poder ser visto, de estar presente.³¹¹

³⁰⁶ CÉLIO, cf ANEXO 4.

³⁰⁷ SABRINA, cf. ANEXO 2.

³⁰⁸ SABRINA, cf. ANEXO 2.

³⁰⁹ CÉLIO, cf ANEXO 4.

³¹⁰ SABRINA, cf. ANEXO 2.

³¹¹ SABRINA, cf. ANEXO 2.

Fernanda concorda com Sabrina quando afirma: “[...] dentro da [...] própria secretaria, o departamento de diaconia tinha uma voz mais ativa, era mais reconhecida, saíam bem mais publicações [...]”.³¹²

Com uma autonomia menor e recursos reduzidos, a Coordenação buscou dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo Departamento de Diaconia. Ao fazer uma análise retrospectiva, tanto da Coordenação quanto do Departamento, o pesquisador Célio destaca a importância histórica destes órgãos para a diaconia ao propor e provocar temas para os Sínodos, paróquias, comunidades e instituições diaconais.

[...] o Departamento, a Coordenação de Diaconia sempre foi muito [...] pró-ativo nesse sentido né, vários assuntos que antes eram tabus agora são colocados em pauta: o tema da do HIV Aids, por exemplo, é um deles né, enquanto que a Igreja nem pensava em falar no assunto [...], o assunto também não era nem tão difundido na sociedade, a Igreja já trazia isso pra assunto de [...] mesa, da mesma forma a diversidade étnico-racial embora tem ganhado espaço mais nos últimos anos.³¹³

Para o pesquisador Célio, os principais temas e públicos que foram promovidos pela coordenação de diaconia da IECLB nos últimos anos são quatro: pessoas com deficiência; público idoso; diversidade étnico-racial; o tema da criança e adolescente em situação de vulnerabilidade social. A assimilação deste último aconteceu como consequência e influência da Rede de Diaconia e geralmente é trabalhado em parceria com outras instituições participantes da Rede. Célio reconhece que o tema da pessoa com deficiência perdeu espaço nos últimos anos na estrutura central da igreja, isto se deu especialmente quando a coordenação específica de inclusão foi acoplada junto à Coordenação de Diaconia. Sabrina, que se encontra mais ligada à Coordenação de Diaconia do que Célio, descreve mais detalhadamente as prioridades assumidas pela Coordenação nos últimos anos:

Então aí, desde, eu vou me perder na data, acho que 2015, então o Conselho Nacional de Diaconia pegou o tema [...] da pessoa idosa né, e refletiu aí sobre a questão envelhecimento populacional, mesmo envelhecimento na IECLB a partir das estatísticas, então, isso é um tema que tem que a Coordenação de Diaconia tem se ocupado, visitação sempre é um tema que está presente. Instituições diaconais, acho que toda atuação aí junto com da Rede de Diaconia né, junto com a FLD, é algo que tem ganhado cada vez mais visibilidade e a importância de dar esse acompanhamento [...]. Também o tema da psicotraumatologia, dando uma formação via projeto da Alemanha (incompreensível). E... então essa questão dentro da temática “cuidar de quem cuida” né, também tá voltada aí para profissionais e instituições de possibilitar um conhecimento para lidar com suas situações de stress, trauma para bem cuidar do público da sua instituição...né.[...] E... aí junto a isso

³¹² FERNANDA, cf. ANEXO 1.

³¹³ CÉLIO, cf ANEXO 4.

depois veio também mais uma outra técnica que é algo agora bem atual na técnica de redução de stress, o TRE.³¹⁴

Na compreensão de Célio, a promoção desses temas pela Coordenação de Diaconia não significa que eles foram assimilados pelas comunidades de fé:³¹⁵

[...] agora falando especificamente das pessoas idosas né, não sei o quanto que as comunidades aceitam [que] o seu perfil é de pessoas idosas.[...] É... acho que ainda precisa avançar um pouco mais, tem alguns casos que se tentou tratar sobre o tema das pessoas idosas nas comunidades e “não quero tratar envelhecimento”, “não é comigo essa história”, “não quero me envolver com isso”, então existe um pé atrás. Quando se trata de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade aí já é um pouco mais porque criança sempre sensibiliza.³¹⁶

Para o referido pesquisador, a temática relacionada a pessoas com deficiência também encontra dificuldades em ser assimilada pelas comunidades: “[...] acho que a Comunidade ainda é devedora desse assunto das pessoas com deficiência”.³¹⁷ Neste sentido, para o entrevistado a promoção de temáticas pela Coordenação não significa assimilação imediata por parte das comunidades, por outro lado, a história da atuação tanto da Coordenação quando do Departamento atestam para a importância de propor, provocar e insistir em algumas discussões relacionadas a determinados temas diaconais nas comunidades e instituições.

3.1.3 AS DUAS COMUNHÕES DIACONAIS DA IECLB

Desde muito cedo, a diaconia praticada e vivenciada tanto pela Casa Matriz de Diaconias como pela Associação Diacônica Luterana teve como marca e fundamento a comunhão entre seus membros e participantes. No âmbito da CMD constituiu-se a Irmandade: [...] “ a Irmandade constitui uma comunhão de fé, vida e serviço, para o fortalecimento mútuo”.³¹⁸ Nesse sentido, o surgimento da primeira comunhão diaconal da IECLB, a Irmandade, está ligada de maneira intrínseca ao surgimento do projeto da CMD.

O surgimento da Comunhão dos Obreiros e Obreiras Diaconais (COD) será favorecida pelo surgimento do Seminário Bíblico-Diaconal, em 1973, conforme pode-se deduzir da análise de Circulares da Comunhão de Obreiros Diaconais em comemoração ao seu jubileu de 25 anos:

³¹⁴ SABRINA, cf. ANEXO 2.

³¹⁵ CÉLIO, cf ANEXO 4.

³¹⁶ CÉLIO, cf ANEXO 4.

³¹⁷ CÉLIO, cf ANEXO 4.

³¹⁸ NORDSTOKKE, 1996, p. 58.

Mal tinha iniciado o 2º ano do Seminário Bíblico-Diaconal, e já se manifestava a preocupação com uma organização ou entidade que acolhesse, acompanhasse e promovesse as futuras assistentes comunitárias. Por isso, já em janeiro de 1975, em Serra Pelada, ES, obreiras e obreiros diaconais, bem como candidatas e candidatos ao ministério das duas instituições em Serra Pelada e São Leopoldo se ocuparam com o esboço de uma ordem comum para seus membros.³¹⁹

Neste sentido, a COD, surgida em 31 de Outubro de 1976, será fruto da parceria entre candidatas do *Seminário Bíblico-Diaconal* e dos egressos e egressas da *Associação Diaconal Luterana (ADL)*. Ruthild Brakemeier destaca alguns pontos referentes à atuação da COD ao longo dos anos:

No decorrer dos anos houve muitos encontros, nos quais se refletiu sobre assuntos de interesse comum, como: a importância da diaconia, a equiparação dos ministérios, a formação diaconal e a representação da diaconia brasileira nos órgãos nacionais e internacionais.³²⁰

Historicamente as duas comunhões, que mantêm suas identidades próprias, se aliaram para a construção e legitimação de pautas e projetos importantes para a diaconia da IECLB.

[...] as comunhões diaconais abraçaram juntas muitas causas diaconais. As décadas de setenta e oitenta estão marcadas pela busca conjunta de maior eficiência e valorização da diaconia. Muitos encontros tiveram como objetivo o fortalecimento da unidade e a formação continuada de seus membros. Uma temática constante foi a organização da diaconia na IECLB e o resgate do lugar do ministério diaconal na Igreja.³²¹

A pesquisadora Fernanda, ao fazer uma análise referente aos últimos 20 anos da atuação das comunhões diaconais, identifica um processo de desarticulação, especialmente após a mudança nas instituições responsáveis pela formação dos obreiros e obreiras diaconais e da aprovação da proposta do ministério compartilhado.

Eu acho que [...] as comunhões diaconais ficaram meio perdidas no meio disso, porque elas tem uma, elas tinham pelo menos uma forma de articulação muito grande né, um envolvimento muito grande, e elas tiveram esse protagonismo quando foi criado o ministério compartilhado e depois elas ficaram de escanteio né, então ali acho que ali se perdeu um pouco, hoje até a gente se pergunta qual é a função das comunhões diaconais [...].³²²

³¹⁹ Comunhão de Obreiros e Obreiras Diaconais, COD – IECLB. Circulares 01, 02, e 03 de 2001.

³²⁰ BRAKEMEIER, 2019, p. 120.

³²¹ BEULKE, 2007, p. 154.

³²² FERNANDA, cf. ANEXO 1. Por questões de delimitação e foco não será possível aprofundar a análise da afirmação feita por Fernanda. A ratificação ou rechaço de tal afirmação poderá ser feita por pesquisas posteriores.

Atualmente o ingresso nas comunhões acontece da seguinte forma: Às mulheres é dado o direito de optar entre uma ou outra comunhão. Ao participarem da Irmandade, serão denominadas diaconisas; porém, se aderirem à COD serão diáconas. “Os homens farão parte da COD como diáconos. E todos serão chamados de obreiros e obreiras diaconais”.³²³

3.1.4 A PROPOSTA DO MINISTÉRIO COMPARTILHADO

Desde os primórdios das comunidades protestantes no Brasil, que mais tarde viriam formar a IECLB, pode-se observar uma predominância do ministério pastoral. Tal predominância é compreensível, uma vez que a missão para além dos próprios muros eclesiais não fazia parte do quadro de suas preocupações iniciais.

A missão ainda estava fora da perspectiva. Os evangélicos de tradição luterana, unida e reformada não vieram como missionários. Nos primeiros tempos se deram por satisfeita com a tolerância, mesmo parcial, que lhes havia sido assegurada pelo império [...].³²⁴

A preocupação maior no campo religioso era com as celebrações litúrgicas e a administração dos sacramentos. Vai ao encontro dessa tese o fato de que todos os diáconos enviados por sociedades missionárias da Alemanha ao chegar ao Brasil assumiram funções pastorais.³²⁵

A situação mudaria com o passar das décadas. Reflexões a partir da década de 1980 começariam a questionar as atribuições do ministério pastoral, sua predominância e a exclusividade de sua ordenação, conforme destaca R. Brakemeier: “O assunto ‘ministérios’ já estava na pauta dos concílios. Pois se lamentava a falta de espírito missionário de muitas comunidades, sua mentalidade ‘clubista’ e o ‘pastorcentrismo’, que dificultava o trabalho em equipe com outros ministérios”.³²⁶ G. Brakemeier destaca outros problemas provenientes da predominância do ministério pastoral na IECLB.

Na raiz do ministério compartilhado está o desconforto com a predominância do ministério pastoral na IECLB que vinha restringindo o espaço de outros ministérios. Até mesmo ameaçava asfixiar o sacerdócio dos crentes. [...] Falou-se até mesmo

³²³ NORDSTOKKE, 1996, p. 58.

³²⁴ BRAKEMEIER, 2013.

³²⁵ BEULKE, 2007, p. 152. Ver também: NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 51.

³²⁶ BRAKEMEIER, 2019, p. 142.

num atrofiamiento do ministério dos leigos na Igreja e se denunciava o pastorcentrismo.³²⁷

Tais inquietações levariam a presidência da IECLB a emitir uma Carta Pastoral em dezembro de 1992 destacando “a necessidade de repensar a estrutura do ministério na IECLB por estar demasiadamente centrada no pastorado. Fazia-se urgente a ampliação de espaços para outras categorias ministeriais sob pena de a igreja sofrer prejuízo”.³²⁸ A discussão sobre o ministério compartilhado estaria presente em todos os concílios até a aprovação do documento que previa a ordenação em equidade para os quatro ministérios específicos em 2002.

A caminhada para o reconhecimento e a equiparação de diferentes ministérios ordenados na IECLB exigiu muita capacidade de diálogo e de negociação. Em 1994, com a aprovação do programa Ministério Compartilhado, a IECLB deu um importante passo rumo à equiparação dos ministérios pastoral, catequético e diaconal. Tal decisão, sem dúvidas, representou um avanço muito importante para o reconhecimento do ministério diaconal. Em 1998, se incluiu ainda o ministério missionário no elenco dos ministérios compartilhados.³²⁹

A última etapa foi a aprovação do novo Estatuto do Ministério com Ordenação (EMO),³³⁰ o qual integrou as especificidades dos quatro ministérios.³³¹ A aprovação desse novo documento, que regulamentou oficialmente a nova configuração do ministério com ordenação na IECLB,³³² aconteceu na cidade de Santa Maria do Jetibá-ES, no ano de 2002.

³²⁷ BRAKEMEIER, 2013.

³²⁸ BRAKEMEIER, 2013.

³²⁹ BOCK, 2013.

³³⁰ De acordo com o seu artigo 1º o EMO “[...] é norma complementar à Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, adiante denominada IECLB, e regula o exercício público do ministério com ordenação, visando o cumprimento dos objetivos fundamentais da Igreja”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Estatuto do Ministério com Ordenação da IECLB. 2002. **Luteranos**. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>. Acesso em: 31 mar. 2020.

³³¹ “O ESTATUTO DO MINISTÉRIO COM ORDENAÇÃO se refere aos ministérios específicos, criados pela IECLB e que são o ministério pastoral, o catequético, o diaconal e o missionário. Estes são os ministérios com ordenação, cujo campo de ação se estende por toda a IECLB e para além dela. Ministérios criados em outros âmbitos também necessitam de regulamentação”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2002.

³³² De acordo com o seu Estatuto do Ministério com Ordenação, a IECLB entende dessa forma o ministério com ordenação: “a comunidade pode criar uma grande variedade de ministérios. Ela pode organizar serviços específicos de que tem necessidade para o bom desempenho de sua missão, conforme os dons dados pelo Espírito Santo, dos quais fala o apóstolo Paulo em 1Co 12. De ministérios falamos quando uma pessoa exerce uma atividade em caráter permanente, sendo para tanto capacitada e encarregada. Distinguimos assim o serviço espontâneo do ministério. A comunidade aceitará os membros ordenados como enviados a ela por Deus. Por outro lado, a ordenação não confere mais direitos aos ministérios específicos, antes uma maior quota de responsabilidade, principalmente no que se refere ao respeito ao sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, o reconhecimento de dons na comunidade e a criação de espaço para eles”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2002.

O EMO aprovado neste ano buscou articular a unidade e a diversidade ministerial que o compõe, a partir dos seguintes termos:

O regulamento dos ministérios com ordenação procura fazer jus à unidade e diversidade do ministério eclesiástico. A ordenação necessariamente confere o direito à pregação pública da palavra e à administração dos sacramentos. A responsabilidade teológica dos ministérios, portanto, é a mesma. A diferença está nas áreas de atuação, que são diversas. As diferenças deverão ser respeitadas. Mas elas não devem suprimir a unidade do ministério. Por isto, os direitos e deveres no fundo são idênticos, a despeito das legítimas diferenças. O ministério é um só, com diversas ramificações.³³³

Neste sentido, a razão que explica as distinções específicas de cada ministério é meramente funcional. Tais distinções visam assegurar o bom desempenho das respectivas atribuições, “cuja meta consiste na capacitação para a vivência do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, na formação de lideranças, bem como na manifestação pública da palavra de Deus, na sociedade”.³³⁴ O EMO apresenta as atribuições específicas do ministério diaconal:³³⁵

Art. 19. O exercício do ministério diaconal consistirá no testemunho prático da fé cristã e se expressará através do serviço à pessoa, visando a sua cura e o bem-estar integral, cabendo-lhe especial responsabilidade:

- I - no incentivo à prática do amor e no serviço à pessoa necessitada;
- II - no despertamento e na promoção de uma espiritualidade diaconal entre os membros;
- III - na criação de grupos de solidariedade ou de serviço na Comunidade;
- IV - em atividades diaconais desenvolvidas em instituições diaconais, a exemplo de hospitais, ancionatos, creches;
- V - nos movimentos ecumênicos em proteção à dignidade humana ou em favor de causas justas, apoiadas pela Comunidade;
- VI - em iniciativas da Comunidade que visem prevenção e cura do sofrimento humano e a eliminação de suas causas;
- VII - na implementação de projetos de apoio social.³³⁶

A pesquisadora Sissi Georg recorre a registros da Igreja dos primeiros séculos para afirmar qual deveria ser o horizonte da atuação do ministério diaconal ordenado, o qual deve se articular no horizonte de promover o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, conceito que afirma que a diaconia quer ser assumida como resposta da fé de cada pessoa crente:

³³³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2002.

³³⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2002.

³³⁵ Cf. Cap. IV, seção II, art. 16: “Aos diversos ministérios são atribuídas áreas de atuação precípua, ainda que não exclusivas, havendo, no que diz respeito às incumbências fundamentais, igualdade entre as ministras e os ministros, observado o disposto no art. 7º, do Regimento Interno da IECLB”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2002.

³³⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2002.

A Igreja Antiga muito cedo instituiu o cargo do diaconato. Pelos registros históricos referentes aos dois primeiros séculos, percebe-se que o diaconato tinha funções comunitárias que incluíam funções litúrgicas. Mas seu papel não eliminou a atuação das demais pessoas batizadas. O cargo do diaconato era responsável por tarefas específicas, mas não assumia a diaconia da comunidade.³³⁷

A ponderação feita pelo pesquisador Kell Nordstokke segue a mesma direção de Georg:

É importante frisar que a diaconisa ou o diácono não estão na comunidade para assumir o diaconato sozinhos. O objetivo não é monopolizar, mas motivar e mobilizar a comunidade para a obra diaconal. A/O obreira/o diaconal, por sua vez, tem uma formação profissional que coloca à disposição da comunidade. Esta capacidade profissional deve ser compartilhada para que o trabalho diaconal possa ser mais objetivo e refletido.³³⁸

Nordstokke e Georg chamam a atenção para o risco da diaconia, enquanto tarefa de toda a comunidade cristã, ser transferida unicamente para o ministro ou ministra diaconal.

Do mesmo modo, a departamentalização da diaconia dentro da comunidade pode favorecer essa transferência. A comunidade pode achar que já fez a sua parte, criando um grupo de diaconia que se preocupa com assuntos diaconais. Essa ideia necessita ser questionada. O grupo de diaconia ou a diácona, o diácono, devem ser facilitadores, articuladores, motivadores e promotores da diaconia da comunidade.³³⁹

Em todo caso, o processo de reflexão que levou a decisão conciliar de 2002 foi povoado por inúmeras discussões, embates e atritos, conforme pode se depreender da crítica feita pelo pastor Valdir Steuernagel, ainda no processo de discussão da proposta do ministério compartilhado. Para o referido pastor, o corporativismo de determinados pastores que, com medo de perderem seu espaço privilegiado, se fechavam à proposta, era um dos principais elementos que dificultava o desenvolvimento da discussão.

O desvio do corporativismo pode ser observado na apatia que os pastores têm demonstrado no que se refere à discussão do documento sobre “Ministério Compartilhado”. Afinal, por que compartilhar o ministério se nem o nosso próprio está garantido e se já há tantas paróquias com dificuldades financeiras? É melhor, então, fechar o acesso ao mercado religioso e proteger-se mutuamente.³⁴⁰

³³⁷ GEORG, 2006, p. 231.

³³⁸ NORDSTOKKE, 1996, p. 10.

³³⁹ GEORG, 2006, p. 232.

³⁴⁰ STEUERNAGEL, Valdir. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) rumo ao ano 2000. **Estudos Teológicos**, v. 36, n. 1, p. 82-93, 1996. p. 92.

O contexto no início do século XXI foi bastante favorável à proposta do ministério compartilhado. A pesquisadora Fernanda, que vivenciou esse período ao ingressar na Faculdades EST em 2002, destaca alguns elementos desse contexto.

[...] nós pegamos no auge assim, então era todo um movimento na igreja, tinha um folder, eu recebi na época um folder do próprio departamento de diaconia, um folder da EST, tenho guardado até hoje assim, e era um movimento. Agora a gente não vê assim nem na EST mais esse movimento, mas na época era... estava muito legal assim, tanto na educação quanto na diaconia, a igreja estava refletindo bem mais o ministério compartilhado e tudo né. E aí também que afloraram mais os estudos, então o professor Rodolfo com todas as publicações dele, a irmã Gisela, o Kjell não fazia muito tempo que ele tinha lançado aquele o "Fé em Ação"... Então nós pegamos um momento da igreja assim que a gente foi contagiado por isso né... de abraçar esse ministério assim e o que hoje a gente não vê tão forte né, uma pena...³⁴¹

O ex-pastor presidente da IECLB Gottfried Brakemeier destaca que a ordenação para os quatro ministérios específicos em equidade é algo inédito, tanto no mundo ecumênico como entre as próprias igrejas luteranas: “O ministério compartilhado representa um passo pioneiro da IECLB sem reais paralelos em outras igrejas”.³⁴²

São quatro os ministérios com ordenação, com o que a IECLB se distingue de outras igrejas luteranas no mundo. Existem paralelos para a ordenação de diáconos na história da igreja. O próprio Lutero, em 1525, ordenou alguém ao diaconato. Também a ordenação de missionários, enquanto pastores, não é propriamente uma novidade. Enquanto isso, não há precedentes para a ordenação de catequistas. Mesmo assim, a IECLB está convicta de não abandonar as bases da confessionalidade luterana. Pelo contrário, lança um desafio às suas igrejas irmãs, encorajando-as a flexibilizar as estruturas do ministério. Pois a intenção da proposta é a diversificação do ministério e o engajamento de um número maior de pessoas no mesmo.³⁴³

Segundo o relatório do XXI Concílio, ocorrido em 2018, atualmente a IECLB conta com 73 ministros e ministras de ênfase diaconal em atividade, número que corresponde a 9% do total de ministras e ministros ordenados. Enquanto isto, o ministério catequético conta com 39 ministros e/ou ministras (5%), ministério missionário conta com 37 ministros e/ou ministras (4%), e, por sua vez, o ministério pastoral mostra-se predominante quantitativamente, com 681 ministros e/ou ministras (82%), conforme a Figura 2.³⁴⁴

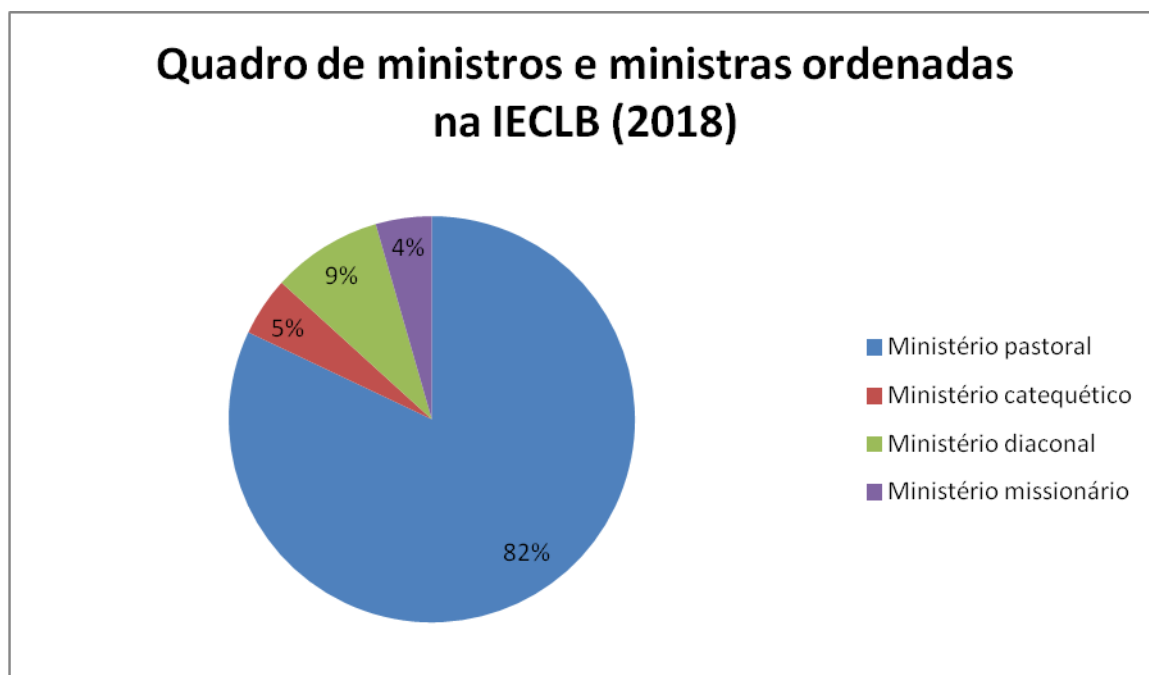
³⁴¹ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

³⁴² BRAKEMEIER, 2013.

³⁴³ BRAKEMEIER, Gottfried. O ministério na IECLB - sua teologia e práxis. 2011. **Luteranos**. Disponível em <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/o-ministerio-na-ieclb-sua-teologia-e-praxis>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

³⁴⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. XXXI Concílio Geral da IECLB - Relatório 2016-2018 - Conselho da Igreja, Presidência e Secretaria Geral. 2018. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/concilio/xxxi-concilio-geral-da-ieclb-relatorio-2016-2018-conselho-da-igreja-presidencia-e-secretaria-geral>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

Figura 2 - Quadro de Ministros da IECLB segundo relatório do Concílio de 2018



Fonte: o autor

A ordenação para diáconos e diáconas não significaria, pelo menos de forma automática e imediata, que a decisão seria acolhida de forma efetiva pelos pastores e pastoras, lideranças eclesiais, pelas paróquias, Sínodos e demais instâncias e instituições da IECLB. Pelo contrário, na época poucos apostariam que a decisão conciliar demoraria tanto para ser assimilada e acolhida de forma autêntica. Décadas depois ainda é possível perceber a predominância e, em alguns lugares, o monopólio do ministério pastoral. É isso que se pode concluir das palavras de Fernanda, quando ela se refere à realidade do ministério diaconal em relação ao ministério pastoral no contexto das comunidades e paróquias: “[...] ela é vista como: ‘Uai a gente faz diaconia se sobra dinheiro, a gente faz diaconia se tem tempo, a gente contrata um diácono se tem tempo né’, ou se tem no caso um segundo campo, e por aí vai né”.³⁴⁵ Na compreensão de Taiana, a decisão conciliar ainda não aterrissou nas comunidades.³⁴⁶ Para Fernanda, a proposta do ministério compartilhado passou por um processo de desarticulação logo após 2002. Em sua opinião, um dos motivos para isso se encontra na diminuição do comprometimento da direção da igreja com a proposta.

[...] eu acredito assim que faltou, na minha visão, em algumas gestões da igreja, da direção da igreja, uma maior reflexão e abraçar de forma mais firme o ministério

³⁴⁵ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

³⁴⁶ TAIANA, cf. ANEXO 7.

compartilhado. Foi aprovado, aí ali por uns quatro anos se trabalhou bem em cima disso, se delegou a formação pra EST e aí depois meio que ficou pendurado assim sabe, eu não senti assim um amparo muito forte e nem político em termos da direção da igreja, e a gente tá herdando isso agora né. Nós continuamos nas comunidades com aquela visão é [...] pastorcêntrica, e infelizmente com esses novos tempos, é comunidade muito machistas né. [...] Então eu acredito assim que teve o declínio, tem a ver com a própria política na igreja, a própria articulação, os próprios concílios e enfim [...].³⁴⁷

A ponderação de Sabrina segue a mesma linha de Fernanda: Para ela, faltou uma política mais consistente de implementação da proposta por parte da direção da IECLB.

[...] o ministério compartilhado é uma boa proposta, mas ele não teve implementação, não teve nenhuma política para implementação, então quem divulgava Ministério Diaconal compartilhado foram as pessoas da minha época que saíam com uma outra ênfase ministerial, então era a Sabrina chegando lá no seu PPHM dizendo [...] o que era diaconia, o que era ministério compartilhado. Para as Comunidades que tiveram essa experiência de ter pessoas de outro ministério, ter alguém do Ministério Diaconal, com certeza isso fortaleceu a Diaconia comunitária [...] mas ficou restrito a Comunidade que tiveram essa experiência [...]. faltou em nível de Igreja uma política de implementação, de divulgação, de possibilidade que cada Comunidade pudesse ter além do ministério pastoral uma pessoa de outro ministério. Tem lá uma moção que recomenda que a partir do segundo campo tem alguém do outro ministério né, mas isso é algo frágil né.³⁴⁸

Em 2016, na ocasião do XXX Concílio da IECLB, realizado na cidade de Brusque-SC, seis Sínodos apresentaram propostas referentes a desafios encarados pelas diferentes ênfases ministeriais que atuam na IECLB. A maior parte dessas moções referiam-se às dificuldades enfrentadas por diáconos e diáconas, catequistas, e missionários e missionárias. A principal delas dizia respeito à falta de oportunidades de vagas e campos ministeriais disponíveis³⁴⁹ para a atuação dessas três ênfases.³⁵⁰ A diácona Gisela Beulke traz uma breve reflexão sobre a problemática:

Leis brasileiras atuais impossibilitam que verbas públicas sejam canalizadas para trabalhos diaconais de Igrejas. A fim de garantir sua continuidade, ações e instituições, originalmente diaconais, são transformadas em Organizações Não Governamentais, ONGs. A partir disso, há comunidades que não mais reconhecem nem abraçam a instituição ou trabalho diaconal que nascera em seu meio como expressão de sua fé cristã. Com isso, diminui também o número de campos religiosos ou ministeriais para obreiros/as diaconais. Esses/as precisam atuar num

³⁴⁷ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

³⁴⁸ SABRINA, cf. ANEXO 2.

³⁴⁹ “A diaconia sempre ultrapassou os muros das comunidades e instituições eclesiais, atuou em periferias, em situações de fronteira. Contudo, em décadas passadas isso não era um foco de problema. Diaconisas e diáconos trabalhavam em hospitais municipais, em instituições diversas e outros trabalhos sociais/diaconais e continuavam sendo reconhecidas/os como obreiras/os, dando o seu testemunho cristão lá onde atuavam. Hoje isso mudou, e é preciso tornar a encontrar caminhos que reconheçam que ações diaconais são caminhos imprescindíveis para a missão da Igreja no mundo”. BEULKE, 2007.

³⁵⁰ IECLB. Subsídios para reflexão sobre o ministério com ordenação na IECLB. Grupo de Trabalho – Ministério Compartilhado, 2019. p. 01.

campo ministerial para manter seu vínculo com a IECLB. O que fazer para sair do impasse? Caminhos novos precisam ser procurados e encontrados.³⁵¹

Para buscar responder a tais desafios, o Concílio constituiu um Grupo de Trabalho que se ocupou por dois anos com a reflexão referente às problemáticas envolvendo o Ministério Compartilhado para, posteriormente, no Concílio de 2018, apresentar uma proposta.³⁵²

No intervalo entre o XXX e o XXXI Concílio (2016-2018), o Grupo de Trabalho reuniu-se em três oportunidades. Na primeira reunião, o GT buscou se apropriar dos elementos históricos fundamentais da proposta do Ministério Compartilhado, bem como, ouviu e debateu experiências de representantes dos quatro ministérios com ordenação. Dois meses após a primeira reunião, aconteceu a segunda. Na ocasião, o Grupo tomou conhecimento das vagas em Campos de Atividade Ministerial na IECLB e refletiu sobre temas centrais do debate em torno do Ministério Compartilhado, como sacerdócio geral, ministério com e sem ordenação, entre outros. Além dos fundamentos teóricos da proposta do ministério compartilhado, o grupo debateu sobre a natureza funcional deste, e sobre os variados cenários de comunidade e mercado religioso. Na ocasião, o Grupo tomou conhecimento sobre as metas missionárias da IECLB, que haviam sido propostas no seminário de missão que aconteceu em junho de 2017.³⁵³ “A partir desta reunião, foi encaminhada ao Conselho da Igreja a proposta de publicação de vagas ministeriais *sem a definição da ênfase ministerial*. Esta proposta foi acolhida e aprovada na reunião do Conselho da Igreja em abril de 2018”.³⁵⁴ A partir de então, todas as vagas publicadas pelas paróquias devem estar abertas a inscrições de candidatos e candidatas das quatro ênfases ministeriais. É evidente que fica a critério da paróquia avaliar e selecionar o perfil de candidato (a) e de ministério que mais lhe agrada, mesmo assim a proposta auxilia na democratização do processo de inscrição, não necessariamente na contratação.³⁵⁵

³⁵¹ BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. 2007. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/a-historia-do-ministerio-diaconal-na-ieclb>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

³⁵² IECLB, 2019, p. 01.

³⁵³ IECLB, 2019, p. 09.

³⁵⁴ IECLB, 2019, p. 09.

³⁵⁵ A diácona Gisela Beulke propõe duas alternativas para a IECLB lidar com tal problemática: “1° As comunidades assumem seu papel profético, inclusive em instituições públicas, criando ‘campos religiosos’. Ao aceitarem esse desafio, poderiam contratar obreiros/as diaconais, devidamente preparados/as para ajudá-las nessa tarefa. 2° A direção da Igreja encontra uma maneira de reconhecer como obreiros/as diaconais também as pessoas que não estão trabalhando num campo declarado ‘religioso’, mas em instituições públicas ou privadas, como hospitais, lares, escolas, centros infantis ou centros sociais, entre outros”. BEULKE, 2007.

A terceira reunião do Grupo aconteceu em maio de 2018. Na ocasião, “representantes das quatro ênfases e dos centros de formação teológica conveniados com a IECLB apresentaram suas considerações sobre o Ministério Compartilhado, sua viabilidade e implicações para a formação teológica”.³⁵⁶ Na oportunidade, o GT sistematizou as reflexões até ali ocorridas, bem como, elaborou propostas para a apresentação no XXXI Concílio da IECLB. As proposições enviadas ao Concílio foram divididas em três áreas: Formação para o sacerdócio geral; formação para o ministério com ordenação em vista das ênfases; nomenclatura e questões práticas. No tocante à formação para o sacerdócio geral, o documento afirma: “embora existam iniciativas, há evidências da necessidade de intensificar os investimentos e as ações de formação na perspectiva do Sacerdócio Geral”.³⁵⁷ Em relação à formação para o ministério com ordenação, o documento propõe uma revisão:

O modelo de Ministério Compartilhado das pessoas ordenadas requer revisão, tendo em vista que a atual proposta não encontrou espaço ou acolhida da forma como foi idealizada. A formação também se tornou inviável nesta modalidade, principalmente para as ênfases catequética e diaconal, considerando o baixo número de estudantes.³⁵⁸

Por fim, o documento sugere uma mudança na nomenclatura dos ministérios específicos: “o Grupo de Trabalho sugere que se anteponha a nomenclatura comum ‘Pastor’/‘Pastora’ às ênfases ministeriais (para as pessoas que doravante forem ordenadas, e seja concedida livre escolha para as pessoas já ordenadas)”.³⁵⁹

Após analisar as recomendações do Grupo de Trabalho, o Concílio fez três encaminhamentos:

Que o texto supracitado seja encaminhado aos Sínodos para conhecimento, análise e estudo, juntamente com as deliberações deste Concílio.

Que seja dada continuidade ao Grupo de Trabalho para aprofundamento dos estudos das propostas apresentadas, incluindo nas discussões representantes das lideranças leigas e outros envolvidos com o assunto e abrindo espaço para ouvir as bases.

Que o Grupo de Trabalho apresente para o próximo Concílio proposta concreta e detalhada para implementação das proposições ou de outras que forem julgadas mais convenientes, a partir do aprofundamento da reflexão. A proposta deverá ser encaminhada às Comunidades, Paróquias, Sínodos, Ministros e Ministras e Instituições confessionalmente vinculadas para análise, estudo e eventuais proposições até o final de fevereiro de 2020.³⁶⁰

³⁵⁶ IECLB, 2019, p.09.

³⁵⁷ IECLB, 2019, p. 11.

³⁵⁸ IECLB, 2019, p.11-12

³⁵⁹ IECLB, 2019, p. 11-12.

³⁶⁰ IECLB, 2019, p.10.

Conforme o próprio documento informa, o XXXII Concílio da IECLB, que se realizou na segunda metade de 2020, iria decidir quais as preposições que seriam implementadas, a partir da consulta feita às comunidades, paróquias e Sínodos. No entanto, não houve qualquer encaminhamento relacionado ao assunto, os motivos para isto possivelmente estão ligados ao contexto extraordinário no qual ocorreu o referido Concílio de forma virtual, contexto gerado pela pandemia do COVID-19.

Por fim, Taiana destaca a importância da manutenção do esforço na aposta no Ministério Compartilhado.

[...] eu desejo que aconteça ainda a integração da Diaconia na estrutura eclesial, isso é de suma importância nesse Ministério Compartilhado, nós temos que segurar o ministério compartilhado e não achar que o Ministério Pastoral cobre tudo, nós precisamos do Ministério como uma formação de lideranças que tem uma visão diaconal e ajuda as Comunidades a serem diaconais [...].³⁶¹

2.1.5 Rede de Diaconia

O foco desta pesquisa não é a diaconia institucional, mesmo assim foi dada uma atenção especial à Rede de Diaconia pelo fato da sua atuação incidir diretamente na diaconia comunitária, ao promover um diálogo direto e intencional entre as duas instâncias de diaconia existentes na IECLB, a saber, a institucional e a comunitária. Torna-se fundamental recuperar os elementos que estão nos bastidores da criação da Rede de Diaconia:

As instituições diaconais, ligadas a IECLB, ao perceberem as mudanças em seu papel no cenário de atuação das organizações da sociedade civil, entenderam ser emergente a criação de uma articulação nacional em rede que pudesse de forma coletiva e continuada analisar o contexto, os cenários, as tendências, oportunidades e riscos para sua atuação, assim como superar os efeitos negativos do sentimento de isolamento manifestado pelas instituições na relação entre si e com a própria igreja. Assim, nasceu a Rede de Diaconia.³⁶²

Para uma pessoa entrevistada, a qual está ligada à Fundação Luterana de Diaconia, os principais avanços nos últimos anos na área da diaconia institucional estão relacionados diretamente com o surgimento da Rede de Diaconia.

Na diaconia institucional acho que os avanços mais perceptíveis para nós enquanto Fundação desde 2000 é o processo agora recente de criação da Rede de Diaconia, com apoio da Secretaria Geral tanto no âmbito da sustentabilidade da gestão, entrou

³⁶¹ TAIANA, cf. ANEXO 7.

³⁶² MENEZES, Marilu Nörnberg; AGUIAR, Rogério Oliveira de. Diaconia institucional em movimentos de reforma. In: KUSS, Cibele (Org.). **Fé, justiça de gênero e incidência pública: 500 anos da reforma e diaconia transformadora**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2017. p. 100.

na pauta com apoio da Federação Luterana Mundial. [...] a FLD coordena esse processo do ponto de vista programático e financeiro [...].³⁶³

A Rede de Diaconia, originada a partir de uma parceria entre a FLD, Secretária Geral da IECLB e determinadas instituições diaconais, atualmente organiza-se nacionalmente através de quatro regionais. Por meio de representantes das diversas entidades e órgãos que a constituem, a Rede promove:

[...] encontros presenciais de diálogo e formação, ações de visibilidade e processos participativos de gestão [...]. O projeto envolve, ainda, o acompanhamento às instituições e aos projetos de avaliação e planejamento institucional. A intenção é que as instituições se sintam provocadas e animadas a repensar, ressignificar e atualizar sua atuação a partir de processos participativos de avaliação e planejamento que respondam de forma mais efetiva aos desafios impostos pelo contexto.³⁶⁴

Além de todas as ações voltadas diretamente para as instituições diaconais, a Rede de Diaconia objetiva promover um diálogo mais efetivo entre as instituições e as comunidades de fé. Na avaliação da pesquisadora Jaiane, nos últimos anos, através da atuação da Rede de Diaconia, foi possível promover uma aproximação entre realidades envolvendo a diaconia institucional e comunitária,³⁶⁵ bem como fazer circular temas diaconais importantes entre as comunidades.

Eu penso que no encontro entre a diaconia institucional e as comunidades, houve um avanço, pelo menos é o que nós sentimos na Fundação né, através da rede também há toda uma construção de promover [...] essa reaproximação né, eu penso também que inserimos também nesses últimos anos aí temas importantes [...] pra diaconia,

³⁶³ JAIANE, cf. ANEXO 3.

³⁶⁴ MENEZES; AGUIAR. 2017, p. 100.

³⁶⁵ Através da análise de algumas entrevistas e outros documentos como memórias de reuniões a atas, a presente pesquisa identificou que há um distanciamento excessivo entre as comunidades e instituições diaconais. É isso que pode se constatar em falas como da Fernanda: “eu acho que tem um afastamento muito grande né assim... isto é histórico também porque as comunidades apressaram, criaram as instituições, a hora que estavam prontas deixamos lá, né e daí elas tem que se virar. Isto tem das duas, tem responsabilidade das duas partes, tanto da comunidade que então a criou instituição e agora deixa, ela que faz, e por outro lado as instituições também se isolaram e esqueceram a sua confessionalidade né, ou quem ajudou [...]”. FERNANDA, cf. ANEXO 1. Tal afastamento é problemático para as duas esferas, conforme destaca o pesquisador Valério Schaper: “se, porém, a diaconia migrar definitivamente da comunidade será muito cômodo para todos nós. Teremos uma grande instituição que daria prestígio à comunidade e uma instituição que conta com alguma contribuição financeira da comunidade. Isso, porém, seria uma traição ao evangelho que entende que o mandato diaconal é de toda a comunidade. Essa traição lavra o atestado de óbito da instituição como concretização do mandato diaconal dirigido à comunidade. De um lado, teremos uma comunidade espiritualmente pobre: uma fé sem concreticidade. De outro lado, teremos uma instituição de vida muito curta com crise permanente de sentido, pois desapareceria do seu serviço aquele amor desinteressado e autêntico ao outro, que dá a identidade cristã à diaconia”. SCHAPER, Valério Guilherme. DIACONIA - O NOSSO “NEGÓCIO”: Uma reflexão sobre horizontes. 2012. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/diaconia-o-nosso-neg-cio>>. Acesso em: 12 jun. 2021. Devido à delimitação e foco da presente pesquisa não será possível dar a devida atenção para a discussão da referida problemática. A ratificação ou rechaço das suspeitas expostas acima poderão ser feitas por pesquisas posteriores.

tanto via Conselho Nacional de Diaconia, quanto também o trabalho do departamento de diaconia junto com os conselhos sinodais, apesar de não estarem atuando de uma forma mais fortalecida, alguns temas estão circulando mais né, tornando então a diaconia atualizada, a diaconia também precisa se atualizar assim como a teologia né. Então eu acho que nesses últimos anos a gente avançou nessa perspectiva.³⁶⁶

3.2 A FORMAÇÃO

3.2.1 SEMINÁRIO BÍBLICO-DIACONAL

Até o início da segunda metade do século XX, as muitas carências, especialmente na área da saúde e educação, no âmbito público brasileiro, absorveram a maioria da força de trabalho das diaconisas no Brasil. Esse elemento as afastou, em boa medida, do projeto inicial que contemplava os anseios diaconais das comunidades de fé. Um simples levantamento dos campos de trabalho ocupados pelas diaconisas no início da década de 1960 já serve para demonstrar que das 88 diaconisas em atividade na época, apenas 3 estavam atuando em comunidades de fé.³⁶⁷ Já havia algum tempo que a direção da Casa Matriz vinha se preocupando com esta situação. A iniciativa do curso *Ano Diaconal*, em 1954, tinha como objetivo ir ao encontro das demandas da diaconia comunitária. No entanto, ainda era insuficiente.

No final da década de 1960 e início da década de 1970, a CMD percebeu a necessidade de uma formação mais ampla, direcionada também para as jovens das comunidades de fé que não se adaptavam ao estilo de vida das irmãs. Simultaneamente, o número de comunidades que necessitavam de lideranças para desenvolver, articular e coordenar trabalhos diaconais aumentava consideravelmente, a tal ponto que o número de pedidos por diaconisas era muito maior do que o número de diaconisas disponíveis.³⁶⁸ Com a aposentadoria do pastor Johannes Raspe em 1966, o pastor Rolf Droste, então pastor orientador da OASE do Sínodo Riograndense, foi nomeado pastor das diaconisas e também da diaconia. “Ao aceitar o cargo de pastor das diaconisas, ele uniu mais uma vez os dois ramos da diaconia feminina na IECLB: a diaconia voluntária e a diaconia profissional”.³⁶⁹ Fato é que o primeiro pastor da diaconia na IECLB foi simultaneamente pastor da CMD (Irmandade) e orientador da OASE Rio-Grandense. Eis aqui um forte indício de que até essa época o principal papel de articulação da diaconia a nível nacional estava nas mãos da CMD,

³⁶⁶ JAIANE, cf. ANEXO 3.

³⁶⁷ BRAKEMEIER, 2019, p. 100-101.

³⁶⁸ BEULKE, 2007, p. 150. Ver também: BRAKEMEIER, 2019, p. 113.

³⁶⁹ BRAKEMEIER, 2019, p. 106.

era ela a principal instituição capaz de propor novos rumos à diaconia pensada e articulada pelas comunidades de fé.

Em todo caso, torna-se importante recuperar as palavras do então presidente da IECLB, Ernesto Schlieper na ocasião da investidura do pastor Droste, nos respectivos cargos:

Além de assumir a direção da Casa Matriz de Diaconisas, o pastor da diaconia terá a tarefa específica de incentivar, aconselhar e coordenar o trabalho diaconal no âmbito da igreja, a fim de que ela seja uma testemunha autêntica do Evangelho de Jesus Cristo. Ao instituir o cargo de pastor da diaconia, a igreja reconhece o trabalho diaconal como sua tarefa legítima, a fim de ser igreja daquele que veio para servir, buscar e salvar, enviando também os seus discípulos.³⁷⁰

As palavras do então pastor presidente da IECLB marcam esse momento inicial da articulação da diaconia comunitária a nível nacional, para o qual a CMD exerce um papel fundamental. A vinculação entre a direção da CMD e a diaconia comunitária da IECLB, na pessoa do pastor Droste, provavelmente foi determinante para o nascimento do Seminário Bíblico-Diaconal que, juntamente com a atuação da Associação Diacônica Luterana, será a base da formação e articulação diaconal na IECLB pelas próximas duas décadas.

Após a investidura do pastor Droste, algumas problemáticas evidenciaram-se com maior clareza: a) falta de um curso oficial de teologia para as diaconisas; b) escassez de lideranças na área da diaconia de modo geral; e c) diminuição do número de diaconisas frente ao aumento de demandas pelo trabalho delas.³⁷¹ Nesse contexto, é formado em 1972 um grupo de estudo que objetivava refletir e indicar caminhos para a formação diaconal na IECLB. A conclusão que o grupo alcançou apontava para a necessidade de ampliar e diversificar a formação diaconal, a qual não poderia ficar restrita somente às irmãs diaconisas.³⁷² Na “Conferência de Diaconisas” que aconteceu no ano de 1973, foi tomada a decisão pela fundação do *Seminário Bíblico-Diaconal* nas dependências da CMD. No dia 05 de março de 1974, o Seminário foi inaugurado, com a presença de 20 alunas.³⁷³

No relatório enviado para a Assembleia da Associação Irmã Sophie Zink,³⁷⁴ fica evidente um dos principais objetivos do Seminário, a saber, dar suporte para a diaconia comunitária, suprimindo em parte a demanda por diaconisas: “com a criação do Seminário

³⁷⁰ DROSTE, Rolf; MAIER, Magda. Der Festtag. In: FRICK, Robert. Brasilnachrichten, v. 51, n.30, p.25, 1967 *apud* BRAKEMEIER, 2019, p. 106.

³⁷¹ BRAKEMEIER, 2019, p. 112-113.

³⁷² BEULKE, 2007, p. 150.

³⁷³ BRAKEMEIER, 2019, p. 113.

³⁷⁴ Nome jurídico adotado pela Casa Matriz de Diaconisas no ano de 1952, com objetivo de se adequar a legislação da época. DREHER, 2016.

Bíblico-Diaconal pensa-se em atender parcialmente muitos pedidos por irmãs, encaminhando para aqueles serviços as ‘assistentes comunitárias’”.³⁷⁵ Para responder a tais objetivos, o Seminário oferecia uma formação para o público feminino, tendo a duração de três anos, e sendo reconhecido pela IECLB como formação oficial para a habilitação ao ministério diaconal. “Essa formação, além da fundamentação bíblico-teológica e diaconal, tem três enfoques: o trabalho em comunidades eclesiais, o trabalho com idosos e o trabalho com crianças em idade pré-escolar (educação infantil)”.³⁷⁶ Em 1981, o curso recebeu reconhecimento oficial em nível de 2º grau. “Isto significava que, ao concluírem o seminário, as alunas tinham o 2º completo”.³⁷⁷ Hoch lembra que esse curso será a primeira formação diaconal, no âmbito da IECLB, reconhecida pelo Estado: “Trata-se da primeira escola a oferecer uma formação diaconal com um certificado oficialmente reconhecido pelo Estado. Isso evidencia que a Diaconia na IECLB estava se dando conta de que precisava atuar de forma mais decidida junto esfera pública”.³⁷⁸

A busca por se adaptar às exigências dos órgãos públicos e o desafio permanente da sustentabilidade ocasionaram várias mudanças curriculares, bem como, celebrações de parcerias com outras instituições, como o colégio Sinodal e a Escola Superior de Teologia, atual Faculdades EST, no decorrer das sucessivas décadas. Depois de muitas mudanças, 18 anos após o início de suas atividades, o Seminário começou a aceitar o público masculino.³⁷⁹ O Seminário Bíblico-Diaconal foi extinto em 1999, quando a Faculdades EST assumiu a responsabilidade pela formação diaconal, agora em nível superior.

Nos anos de 1990, lideranças da IECLB refletiram sobre a importância do ministério diaconal ao lado do ministério pastoral. Após longos debates, chegou-se à conclusão de que os ministérios deveriam ser equiparados. Isso naturalmente teria consequências para a formação diaconal, que deveria passar para o nível de 3º grau. A partir dessas reflexões surgiu a ideia de transferir a formação diaconal para a Escola Superior de Teologia.³⁸⁰

3.2.2 A ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA - ADL

A primeira instituição no âmbito da IECLB que oferecerá uma formação diaconal para o público masculino será a Associação Diacônica Luterana (ADL). Deve ser lembrado porém, que a formação diaconal na Alemanha não estava restrita somente às mulheres. Beulke

³⁷⁵ BRAKEMEIER, 2019, p. 115.

³⁷⁶ BEULKE, 2007, p. 150-151.

³⁷⁷ BRAKEMEIER, 2019, p. 116.

³⁷⁸ HOCH, 2005, p. 23.

³⁷⁹ BEULKE, 2007, p. 151.

³⁸⁰ BRAKEMEIER, 2019, p. 118.

lembra que no século XIX surgiram várias instituições de atuação e formação diaconal para homens na Alemanha, algumas delas inclusive, a pedido de comunidades protestantes brasileiras, enviaram diáconos para atuar em comunidades protestantes no Estado do Espírito Santo. No entanto, todos assumiram funções pastorais em detrimento da atuação diaconal,³⁸¹ “dos 35 diáconos que haviam vindo num período de 60 anos, praticamente nenhum continuou atuando na área diaconal”.³⁸²

Um novo momento para a diaconia luterana no Brasil surgiria a partir de uma iniciativa do pastor alemão Artur Gustav Schmidt e de sua esposa Käthe Scheuchl, que fundaram em 1956 uma escola bíblica, no distrito de Serra Pelada, zona rural do município de Afonso Claudio – ES. Diante da ausência de escolas na região, e da falta de lideranças capacitadas para atuar nas comunidades luteranas, o casal pensou uma escola em regime de internato. O objetivo era formar diáconos, que tivessem uma formação básica geral, para atuar de forma competente nas comunidades de fé.³⁸³ Nesse contexto, a *Escola Bíblica Evangélica Luterana do Espírito Santo*³⁸⁴ iniciava suas atividades em 22 de fevereiro de 1956.³⁸⁵ “Os jovens, a maioria filhos de agricultores, recebiam orientação bíblico-teológica e eram preparados para o atendimento das paróquias e das comunidades”.³⁸⁶ Visando a esta preparação, o casal dentro da residência pastoral, oferecia “aulas de música, teatro, conhecimentos bíblicos, matemática, língua portuguesa e alemã, bem como agricultura e trabalhos manuais”.³⁸⁷

Ao longo de sua de história, a Associação Diacônica Luterana (ADL), denominada nestes termos desde 1979,³⁸⁸ foi se reinventando a partir dos desafios diaconais/missionários colocados às comunidades da IECLB, especialmente aquelas localizadas no Estado do Espírito Santo.

³⁸¹ BEULKE, 2007, p. 152.

³⁸² NORDSTOKKE, 1996, p. 58.

³⁸³ SCHMIDT, Artur Gustav. **Diakonie im Kontext der Kirche**. Augsburg: FDL/ Verlag Augsburg, 1992. p. 188.

³⁸⁴ Ao longo dos mais de sessenta anos de história, essa instituição sofreu várias mudanças em sua nomenclatura: “Escola Bíblica Evangélica Luterana do Espírito Santo” (Evangelisch-Lutherische Bibelschule von Espírito Santo), Ordem Caritativa dos Diáconos Evangélico-Luteranos do Brasil (Evangelisch-Lutherisches Brüderhaus in Brasilien), Fundação Diacônica Luterana –FDL, Ginásio Diacônico Luterano-GDL e Associação Diacônica Luterana-ADL. Esses são os nomes pelos quais, durante 60 anos, a atual ADL foi reconhecida”. ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA. História. **ADL**. 2018. Disponível em: <<https://www.adl.org.br/historia>>. Acesso em: 15 fev. 2019. A tradução de *Evangelisch-Lutherisches Brüderhaus in Brasilien* como *Ordem Caritativa dos Diáconos Evangélico-Luteranos do Brasil* está equivocada. Literalmente significa *Casa de Irmãos evangélico-luteranos no Brasil*.

³⁸⁵ ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA, 2018.

³⁸⁶ ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA. 60 anos. **Revista da ADL**. Afonso Cláudio: ADL, 2016. p. 14.

³⁸⁷ ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA, 2018.

³⁸⁸ NORDSTOKKE, 1996, p. 58

De 1956 a 1998, a entidade preparou uma legião de homens e mulheres para o diaconato. No final dos anos 90, a formação de obreiras e obreiras diaconais é transferida para a Escola Superior de Teologia, atual Faculdades EST. Nesse sentido, a ADL adapta sua formação, a partir de 2007 reformula seu curso, caminhando mais próxima da educação cristã e música, sem perder a diaconia como foco.³⁸⁹

Na atualidade, a ADL prioriza a promoção de uma educação crítica dentro de um viés diaconal, voltada para a promoção humana integral, que seja parceira na construção de cidadãos e cidadãs conscientes e solidários aos desafios diaconais postos pela sociedade, oferecendo instrumentais para a atuação também fora das comunidades de fé, em instituições diaconais e demais setores e organizações da sociedade civil.

Atualmente a organização busca complementar a educação regular (oferecida na escola pública), reforçando as áreas da ética, da cidadania, desenvolvimento comunitário, artístico e do protagonismo juvenil. Para isso, oferecem referenciais da filosofia, teologia, saúde popular, agricultura, sociologia, expressão corporal, comunicação e das artes. Destacam as aulas/oficinas de música, Bíblia, catequese, diaconia, regência, percepção musical, teoria musical, teatro, corpo em expressão, boas maneiras, dinâmica de grupo, práticas pedagógicas etc. Esses conhecimentos e vivências são distribuídos durante quatro anos, no qual buscam inspirar, capacitar e empoderar jovens para a prática do voluntariado social e protagonismo comunitário.³⁹⁰

Na avaliação do ex-pastor presidente da IECLB, Nestor Paulo Friedrich, o testemunho diaconal promovido pela ADL em sua história e sua contribuição para a organização e articulação da diaconia a nível nacional foi fundamental para o desenvolvimento da IECLB:

A ADL despertou um número incontável de jovens para servir e cuidar em espírito diaconal. Carregam a marca da ADL lideranças engajadas em presbitérios, atuantes na política, no ensino, na música, na visitação em asilos e orfanatos, onde pessoas aguardam a mão que ampara e o abraço que sustenta. Expressivo e significativo para toda a IECLB também é o rol de jovens que, tendo passado pela vivência comunitária-diaconal da ADL, ingressaram no ministério com ordenação. [...] Ademais, o papel da formação na ADL foi fundamental para que a IECLB tomasse a decisão de nomear e incluir a ação diaconal no ministério com ordenação. Portanto, impulsos para o que a diaconia é hoje na IECLB vieram não somente pela história da ADL, mas a ADL e sua história estão no alicerce da importância e da atuação diaconal em nossa igreja, bem como na nossa contribuição sobre Diaconia onde participamos.³⁹¹

³⁸⁹ ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA, 2018.

³⁹⁰ ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA, 2018.

³⁹¹ FRIEDRICH, Nestor Paulo. 60 anos da ADL. In: ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA. 60 anos. **Revista da ADL**. Afonso Cláudio: ADL, 2016. p. 04.

3.2.3 FACULDADES EST E A FORMAÇÃO SUPERIOR EM DIACONIA

Logo no início da década de 1990, a Casa Matriz de Diaconisas percebeu que a formação diaconal, que estava a cargo dela e da ADL, deveria fazer parte do plano geral de formação teológica para os ministros e ministras da IECLB. Para a direção da CMD, estava claro que a formação de uma área tão fundamental da missão da igreja não poderia ficar a cargo somente de dois grupos específicos. É isso que deixa transparecer uma carta enviada pela CMD à direção da IECLB em 1991:

Solicitamos que a responsabilidade por esta formação seja assumida pela IECLB, na sua estrutura ampla, significando que a responsabilidade deixará de ser de apenas de um pequeno grupo de pessoas que se identifica com a Casa Matriz de Diaconisas ou/e a ADL.[...] Não é o lado financeiro que nos leva a pedir pela maior integração da formação diaconal na IECLB. Nosso principal motivo é a convicção de que a diaconia não é assunto particular de algumas pessoas, de preferência mulheres, mas de toda a Igreja.³⁹²

Anos depois, a reivindicação da CMD foi atendida. Em 1999, a responsabilidade da formação diaconal é confiada às Faculdades EST. A formação que até então era de nível médio passa a ser de nível superior. Com essa mudança, o Seminário Bíblico-Diaconal é extinto e a ADL repensa seu projeto de formação.

Em 1999, no contexto de uma profícua discussão em torno do Ministério Compartilhado na IECLB, a EST assumiu a tarefa de oferecer formação teológica com três ênfases diferentes: para os ministérios pastoral, catequético e diaconal. A formação diaconal em nível técnico, oferecido pela Casa Matriz de Diaconisas, foi incorporada ao projeto curricular da EST. A matriz curricular previa um bloco de formação teológica comum às três ênfases, perfazendo 75% das atividades, e um bloco específico para cada ênfase, com 25% da carga horária.³⁹³

Gaede Neto, atualmente docente da Faculdades EST, destaca que em 2002 a referida instituição inaugurou a primeira cátedra de Diaconia no Brasil. Em 2003, formou-se a primeira bacharela em Teologia, com ênfase em Diaconia.³⁹⁴ O investimento na diaconia por parte da EST e da IECLB não ficaram restritos somente ao âmbito da graduação. Era necessário investir também na pesquisa e na extensão. Pode-se observar a partir do início do século XXI um aumento considerável no número pesquisas e publicações ligadas, direta ou indiretamente, à área da diaconia.

³⁹² BRAKEMEIER, Ruthild; CREUTZBERG, Alfred M. [Carta à direção da IECLB]. São Leopoldo, 7 nov. 1991. Pasta Correspondência IECLB, Casa Matriz de Diaconisas, São Leopoldo, 1991.

³⁹³ GAEDE NETO, 2015, p. 04.

³⁹⁴ GAEDE NETO, 2015, p. 04.

[...] foi criada também uma Linha de Pesquisa, apoiada por um Grupo de Pesquisa em Diaconia no Programa de Pós-Graduação, denominado *Práxis Social da Igreja*, que tem a tarefa de promover a pesquisa, as publicações e os eventos acadêmicos na área da Diaconia.³⁹⁵

Nesta mesma direção, Carlos Bock destaca o aumento numérico e qualitativo da produção acadêmica e bibliográfica na área da diaconia, a qual foi promovida pela Faculdades EST.

Na década de 2000, se ampliou também o número de estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado) que passaram a pesquisar temas com ênfase diaconal. Desta forma, ampliou-se igualmente a produção de bibliografia especializada sobre diaconia, de autoria nacional.³⁹⁶

Não há dúvida em relação à importância que a EST representou e representa para a formação e pesquisa em diaconia no âmbito da IECLB, especialmente a partir do final do século XX e início do século XXI. No entanto, especialmente em relação à formação voltada para o ministério compartilhado, a instituição enfrentou e enfrenta sérias dificuldades, sendo que a maior de todas parece ser a escassez de estudantes, e o conseqüente problema de ordem financeira. Embora coerente, a partir das demandas teóricas e práticas das referidas ênfases, a composição curricular original mostrou-se financeiramente insustentável no decorrer dos anos, pois o número de alunos matriculados era insuficiente para manter a despesa financeira que a reforma curricular representava. A proposta inicial foi substituída por um curso de Especialização *Lato Sensu*, mudança esta que, segundo Gaede Neto, não mudou significativamente a situação.³⁹⁷

A queda gradativa de candidatas e candidatos ao curso de teologia esvaziaram as ênfases dedicadas aos ministérios minoritários a tal ponto que se tornaram financeiramente insustentáveis, razão pela qual foram suprimidas na última reforma curricular. Seu deslocamento para um curso de Especialização *Lato Sensu* não alterou o quadro.³⁹⁸

O próprio grupo de trabalho que atualmente se ocupa com a problemática do Ministério compartilhado reconhece a inviabilidade da proposta de formação diaconal assumida pela EST. “A formação também se tornou inviável nesta modalidade,

³⁹⁵ GAEDE NETO, 2015, p. 04. Atualmente o grupo de pesquisa *Práxis Social da Igreja* é composto por nove pesquisadores e pesquisadoras, sete deles desenvolvendo pesquisas no mestrado e doutorado, além de dois doutores.

³⁹⁶ BOCK, 2013.

³⁹⁷ GAEDE NETO, 2015, p. 05.

³⁹⁸ GAEDE NETO, 2015, p. 05.

principalmente para as ênfases catequética e diaconal, considerando o baixo número de estudantes”.³⁹⁹

Para Gaede Neto, a diminuição de candidatos para o ministério diaconal ordenado não significa necessariamente a falta de interesse pela diaconia cristã. Pelo contrário, o crescimento no número de pesquisas, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, a quantidade de estudantes do bacharelado em Teologia construindo seus trabalhos semestrais e TCCs na área diaconal, indicam que a ausência de candidatos não tem a ver com a falta de interesse pelo tema da diaconia.⁴⁰⁰ Quando dialogamos com aspirantes ao ministério ordenado, boa parte deles afirmam que a escolha pelo ministério ordenado pastoral em detrimento de outros deriva da percepção de que existem mais campos ministeriais abertos para a contratação de pastores e pastoras, ao invés de diáconos e diáconas. A referida percepção vai ao encontro de uma preocupação expressada pelo CONAD em sua reunião anual ordinária de 2017: “o CONAD se preocupa [...] com a definição de campos ministeriais para o ministério diaconal”.⁴⁰¹ Dois encaminhamentos foram feitos pelo Grupo de Trabalho do Ministério Compartilhado para driblar essa questão, são eles: proposta de publicação de vagas ministeriais sem a definição da ênfase ministerial e introdução da nomenclatura *pastor* ou *pastora* antes da ênfase ministerial.⁴⁰² O efeito que tais mudanças irão provocar somente uma análise posterior conseguirá identificar.

Por fim, pode-se afirmar que a tarefa assumida pela EST de manter-se fiel à responsabilidade da formação diaconal a ela confiada e ainda dar conta do ônus financeiro dessa formação tem representado um desafio permanente para a instituição. Neste contexto, Gaede Neto entende que é fundamental repensar o modelo de diaconato e encontrar formas para sensibilizar as pessoas para o ministério diaconal. Tais tarefas precisam ser assumidas numa parceria especial entre EST e IECLB: “É hora de uma parceria especial entre EST e IECLB para a urgente tarefa de repensar o modelo de diaconato e sensibilizar pessoas para o ministério do amor ao próximo na IECLB”.⁴⁰³

Por tudo isso, a formação diaconal na atualidade é uma das preocupações manifestadas pelas pessoas entrevistadas nesta pesquisa. Tal preocupação pode ser percebida também na fala de Jaiane, a qual embora sendo pastora trabalha e pesquisa na área diaconal:

³⁹⁹ IECLB, 2019, p.11-12

⁴⁰⁰ GAEDE NETO, 2015, p. 05.

⁴⁰¹ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2017.

⁴⁰² IECLB, 2019, p. 09 -12.

⁴⁰³ GAEDE NETO, 2015, p. 05.

E também a própria questão da formação diaconal que é uma discussão ampla que tá assim [...] num momento muito difícil e preocupante. Isso tudo nos afeta, isso tudo afeta as instituições diaconais da igreja, demais, demais, demais. Então traz pra nós aí uma insegurança muito grande né...⁴⁰⁴

A mesma preocupação encontra-se na fala de Sabrina: “[...] precisamos olhar pra formação para os ministérios né, que aí é uma fragilidade que não tem nada muito claro hoje”.⁴⁰⁵ Por fim, as palavras da diácona Sissi Georg servem como provocação e incentivo para que a IECLB e a Faculdades EST não desistam de pensar e articular uma formação que contemple as demandas do ministério diaconal:

A formação diaconal é imprescindível para todo o clero já desde a vida na instituição de ensino teológico. Ela deve deixar clara a responsabilidade social da igreja. Será fundamental expor os estudantes a modelos de comunidades diaconais, a fim de que as tenham como referenciais. Na formação teórica, é importante incluir a diaconia como princípio transversal das disciplinas que compõe o currículo. Não há justificativa para o silêncio sobre a perspectiva da diaconia no âmbito da teologia sistemática, da Bíblia e da história eclesial, por exemplo. Na disciplina de Culto Cristão, o caráter diaconal e comunitário do culto nas suas diferentes formas deve ser explicitado [...]. Tanto os obreiros em funções paroquiais quanto aqueles em tarefas supraparociais necessitam de formação diaconal que deve prolongar-se na forma de educação continuada. Aguçadas a sensibilização e a conscientização diaconal, os obreiros poderão mais facilmente perceber as situações que surgem como desafios à ação diaconal comunitária, bem como estimular iniciativas diaconais que nascem na própria comunidade e a partir dela para fora dos muros eclesialísticos.⁴⁰⁶

3.3 INCIDÊNCIA E FOMENTO

3.3.1 CASA MATRIZ DE DIACONISAS APÓS 1970

A CMD será, pelo menos até a segunda metade do século XX, a expressão mais articulada e organizada da diaconia na IECLB. Durante boa parte da história da IECLB, ela teve uma importância fundamental na incidência, articulação, organização e formação diaconal. Tal afirmação não nega as várias ações e iniciativas diaconais comunitárias pontuais que sempre ocorreram nas comunidades de fé. No entanto, torna-se até mesmo difícil imaginar como estaria a diaconia na IECLB hoje, não fosse a atuação da CMD no processo de articulação e organização a nível nacional.

Na busca por construir um panorama histórico sobre a atuação da CMD, a diaconisa Ruthild Brakemeier nos auxilia ao afirmar que:

⁴⁰⁴ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁴⁰⁵ SABRINA, cf. ANEXO 2.

⁴⁰⁶ GEORG, 2006, p. 228.

Até a década de 1980, as irmãs da Casa Matriz de Diaconisas de São Leopoldo foram solicitadas, quase exclusivamente, pelos hospitais que iam surgindo, também em cidades do interior. Para esses hospitais no interior não era fácil conseguir pessoal qualificado. Além disso, as comunidades evangélicas queriam garantir o caráter evangélico de sua instituição, ao contratar diaconisas.⁴⁰⁷

A partir da década de 1970, o trabalho assumido pelas irmãs torna-se mais diversificado.⁴⁰⁸ De 1967 até 1980, a prioridade da CMD foi canalizada para a criação do Seminário Bíblico-Diaconal e a formação de irmãs.⁴⁰⁹ A partir de 1980, vários outros campos de trabalho foram sendo assumidos pela Irmandade. Além da presença histórica nos hospitais, a Irmandade atuou também em lares pra mães solteiras, junto a povos indígenas, em projetos sociais em periferias de grandes cidades, educação infantil, lares de pessoas idosas, projetos de saúde alternativa e na divulgação da diaconia.⁴¹⁰ Destacam-se iniciativas junto a comunidades de fé, como as protagonizadas pela irmã Gerda Nied junto aos migrantes no Estado de Rondônia, no Maranhão, Pernambuco, Santa Catarina; pela irmã Hildegart Hertel⁴¹¹ junto a pessoas empobrecidas em bairros da cidade de Novo Hamburgo-RS, além de muitas outras. Várias outras iniciativas foram assumidas inicialmente pela Irmandade e depois assumidas por outras instituições e/ou comunidades.⁴¹²

Para R. Brakemeier, os motivos que contribuíram para a diversificação nas frentes de trabalho da Irmandade, a partir da década de 1970, são variados, entre eles destacam-se alguns: “a fundação do Seminário Bíblico-Diaconal levou algumas irmãs a se dedicarem ao trabalho nas áreas do idoso e da educação infantil. A mudança de regras, como a abolição do princípio do envio e do celibato, também teve a sua influência”.⁴¹³

Apesar da grande demanda pela atuação das diaconisas, o número de irmãs foi decrescendo paulatinamente a partir de 1973.⁴¹⁴ Na década de 1980, a Irmandade buscou estabelecer um maior diálogo, por meio de reuniões e questionários, com a direção da IECLB, com obreiros e obreiras dessa Igreja, e com grupos de OASE, a fim de perceber melhor as demandas diaconais e a imagem externa da Irmandade. A ideia era buscar uma aproximação das comunidades de fé. Esse diálogo apontou que a maior dificuldade que a CMD tinha era seu condicionamento ao passado. Com o objetivo de se libertar dos pontos negativos do

⁴⁰⁷ BRAKEMEIER, 1998, p. 283.

⁴⁰⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 129.

⁴⁰⁹ BRAKEMEIER, 2019, p. 120.

⁴¹⁰ BRAKEMEIER, 1998, p. 285-286. Ver também: BRAKEMEIER, 2019, p. 129-134.

⁴¹¹ Hildegart Hertel foi convidada e assumiu o Departamento de Diaconia criado em 1988.

⁴¹² BRAKEMEIER, 2019, p. 130-131.

⁴¹³ BRAKEMEIER, 2019, p. 129.

⁴¹⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 123.

excessivo condicionamento à tradição, melhor dialogar com o mundo moderno e assumir alguns dos desafios contemporâneos colocados às comunidades de fé, foram tomadas algumas decisões, como o abandono do antigo hábito e a adoção de um novo, mais atual e prático.⁴¹⁵

A mudança de hábito foi apenas uma das muitas que ocorreram após a década de 1980. R. Brakemeier descreve outras mudanças promovidas pela Irmandade nas últimas décadas.

Durante os últimos 45 anos, aconteceram muitas mudanças na irmandade. A mais visível foi a abolição do hábito. Um pouco menos visível foram as mudanças que modificaram a estrutura da comunhão, como: a criação do sistema financeiro de autogerenciamento, a abolição do celibato como condição para o ingresso e a aceitação de outros ministérios e profissões. [...] Nos últimos anos, a Irmandade tornou-se mais ‘multiforme’ do que quando se formou. Agora, mais do que nunca, o grande desafio para o seu testemunho é viver a unidade na diversidade.⁴¹⁶

Em 2011, a Irmandade começou a incluir mulheres de outros ministérios ordenados além do diaconal em seu corpo, essa foi a última mudança substancial ocorrida em seu estatuto.⁴¹⁷ Na atualidade, a Casa Matriz de Diaconisas “continua sendo um importante centro de comunhão e convivência das Irmãs”.⁴¹⁸ No entanto, ela não oferece mais formação para as diaconisas. Tal formação acontece em instituições seculares, de acordo com a especialidade de cada curso. É importante lembrar que “os campos de atividade das irmãs situam-se em vários estados brasileiros. Na sede, a Casa Matriz de Diaconisas mantém dois setores de trabalho: o Lar Moriá e o Centro de Retiros Hospedagem e Eventos”.⁴¹⁹

Ao longo de sua história, a Irmandade e a CMD tiveram uma importância extraordinária na incidência, articulação, organização e formação da diaconia comunitária e institucional. Ao enviar diaconisas para atuação diaconal na linha de frente em hospitais, lares pra mães solteiras, junto a povos indígenas, em projetos sociais em periferias de grandes

⁴¹⁵ “As irmãs eram identificadas pelo uso do hábito, este caracterizado por tecidos incorporados, mangas compridas, um grande avental para proteger o vestido e, por fim, a touca. Segundo muitos, isso dava uma impressão de distanciamento, já que a realidade social estava ficando cada vez democratizada. Mas, mesmo uma Casa de Irmãs se sente confrontada com uma nova realidade histórica, sociológica e prática. [...] As novas vestimentas foram pensadas para três situações: o dia-a-dia, o social e o solene. Tudo isso com o objetivo de tornar as Irmãs mais contemporâneas aos anos oitenta e *iguais* às pessoas com quem trabalhavam”. A decisão pela substituição desse hábito ocorreu numa convenção de Irmãs ocorrida no ano de 1986. ANIELLE et al. A História dos 79 anos da Casa Matriz de Diaconisas de São Leopoldo. **UNISINOS**. 2018. Disponível em <<https://medium.com/@diaconisas79/hist%C3%B3ria-da-casa-matriz-de-s%C3%A3o-leopoldo-e4226d2c1b06>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

⁴¹⁶ BRAKEMEIER, 2019, p. 176-177.

⁴¹⁷ CASA MATRIZ DE DIACONISAS. Nossas Raízes – Aspectos Históricos. **Casa Matriz de Diaconisas**. 2019. Disponível em: <<http://www.diaconisas.com.br/irmandade>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

⁴¹⁸ CASA MATRIZ DE DIACONISAS, 2019.

⁴¹⁹ CASA MATRIZ DE DIACONISAS, 2019.

idades, educação infantil, lares de pessoas idosas, projetos de saúde alternativa e comunidades de fé, a CMD incidiu diretamente na práxis da diaconia institucional e comunitária. A atuação de diaconisas no próprio Departamento de Diaconia e a consolidação da CMD como, provavelmente, o principal centro de encontro das pessoas envolvidas com a diaconia na IECLB, foi fundamental no processo de articulação e organização da diaconia comunitária na IECLB. Seu protagonismo na construção e manutenção do Seminário Bíblico-Diaconal por mais de 25 anos marcou sua importância também no âmbito da formação diaconal. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que dentro de uma perspectiva histórica, a CMD sempre em parceria com a Irmandade, foi a instituição mais importante para a construção da realidade da diaconia comunitária da IECLB que observamos na atualidade.

Por outro lado, se analisarmos a diaconia comunitária na IECLB somente no século XXI, a conclusão feita acima, acerca da importância da atuação CMD para a incidência, organização articulação e formação da diaconia em nível nacional, deve ser revista. Nos últimos 20 anos, outros atores entram no cenário. A suspeita é que a CMD se retire paulatinamente do cenário nacional de articulação, organização e formação diaconal a partir de meados da década de 1990 para dar lugar a outros atores. Tal suspeita baseia-se na carta emitida pela direção da CMD à direção da IECLB em 1992, na qual ela pede para que a incumbência pela formação diaconal não fique somente a cargo dela e da ADL. Uma pesquisadora entrevistada ligada diretamente à CMD reconhece essa diminuição na incidência e volume de ações diaconais assumidas pela CMD nos últimos anos, ao mesmo tempo em que justifica tal postura:

Nós não [es]tamos olhando pro bairro, fazendo nada, nós [es]tamos ajudando nossos funcionários aqui, temos um lar que precisamos sustentar que não é nada fácil. Gostaríamos que esse lar fosse assim um exemplo de Diaconia, de respeito à dignidade das pessoas até o final. Então é isso que nos ocupa, com as poucas forças que nós temos, nós não temos muitas forças, as nossas Irmãs estão fora e o que nós podemos fazer? são também Irmãs aposentadas aqui né, [...] não vai longe, então nós não podemos fazer, começar um trabalho de bairro. E aí fica [a] consciência né: nós deveríamos, mas não fazemos.⁴²⁰

Ao mesmo tempo que a CDM se retira parcialmente do cenário de organização, articulação e formação da diaconia em âmbito nacional, outros atores como, a Fundação Luterana de Diaconia (FLD), o CONAD, a Rede de Diaconia e a Faculdades EST assumiram uma importância maior no cenário diaconal da IECLB. Só é possível compreender a natureza

⁴²⁰ TAIANA, cf. ANEXO 7.

e a atuação da FLD se antes tomarmos conhecimento do Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD), o qual foi sucedido pela FLD.

3.3.2 SERVIÇO DE PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO (SPD)

O SPD foi um serviço criado pela IECLB para fazer a intermediação entre comunidades e grupos, com as agências de apoio europeias, com o objetivo de captar recursos para a viabilização de projetos diaconais e de desenvolvimento social e econômico. Nos anos 2000, ele será substituído pela FLD. Para compreendermos a razão do seu surgimento e a sua importância para a promoção da diaconia comunitária, é fundamental analisarmos aspectos de sua história.

No contexto pós-guerra, especialmente a partir de 1950, observa-se a emergência de um conjunto de iniciativas ligadas à cooperação entre os países mais desenvolvidos em favor dos chamados países subdesenvolvidos.⁴²¹

O novo ciclo de expansão capitalista, que se inaugura no pós-guerra, será caracterizado pela constituição de toda uma rede de organismos multilaterais e bilaterais, governamentais e privados, que terão, como objeto de intervenção, o combate à pobreza, à fome, e à suposta estagnação econômica e social dos países do então Terceiro Mundo.⁴²²

Nesse contexto, surgem várias agências de apoio ao desenvolvimento, tanto governamentais quanto privadas, algumas destas ligadas à Igreja Católica, Igrejas Protestantes e também ecumênicas. Neste período, vão surgir agências que serão parceiras, anos mais tarde, do SPD e também de outras iniciativas da IECLB, como a *Brot für Welt* (1959), *Evangelische Zentralstelle für Entwicklungshilfe* (1962), e especialmente o Serviço de Desenvolvimento Comunitário da Federação Luterana Mundial (1961), o qual estará diretamente ligado ao surgimento do SPD, anos mais tarde. Por meio deste organismo, a FLM avaliava os projetos de cunho social e econômico pertencentes, relacionados ou aprovados por Igrejas Luteranas. Se fossem aprovados, a Federação encaminhava-os para as agências doadoras.⁴²³

Além desses elementos externos, questões ligadas ao processo de institucionalização da IECLB, na segunda metade do século XX, nos ajudam a compreender o pano de fundo da criação do SPD. Embora o marco da fundação da IECLB esteja posto junto à criação da

⁴²¹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 21.

⁴²² ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 21.

⁴²³ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 22-24.

Federação Sinodal (1949) sua história inicia muito antes, com a vinda dos imigrantes europeus para o Brasil, a partir de 1819. O processo rumo à unidade das diversas comunidades de imigrantes protestantes germânicos ganharia novos capítulos com a criação dos quatro antigos sínodos: Riograndense (1886), Luterano (1905), Evangélico (1911) e Brasil Central (1912). Mas foi somente em 1949 que tais sínodos se uniram para formar a Federação Sinodal, formando pela primeira vez uma estrutura nacional, porém é na década de 1960 que a IECLB atinge o ápice do seu processo de institucionalização, quando no Concílio de 1968, ocorrido em Santo Amaro (SP), “os sínodos deixaram de ser pessoas jurídicas e formaram um só corpo eclesiástico, a IECLB”.⁴²⁴

A extinção dos (antigos) sínodos, em 1968, e o surgimento da IECLB enquanto corpo eclesiástico e jurídico, foram, na verdade, o ponto culminante de um longo processo de integração nacional da Igreja, que se inicia em 1946 com a fundação da Escola Superior de Teologia, avança em 1949 para a formação da Federação Sinodal e tem como sequência a anexação da designação “Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil” ao nome da Federação Sinodal em 1962. A IECLB, enquanto tal, só seria constituída, no entanto, efetivamente, em 1968.⁴²⁵

Nesse contexto, a IECLB carecia de um serviço para fazer a intermediação com as agências de apoio europeias, com vistas obter financiamento para projetos diaconais. Com esse objetivo, surge em 1966 o Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD), fruto de uma iniciativa do Conselho Diretor da IECLB com apoio da Federação Luterana Mundial (FLM).⁴²⁶

É nesta conjuntura, de crescente interesse pela ação para o desenvolvimento na América Latina por parte da FLM que será criado, em 1966, por iniciativa do Conselho Diretor da IECLB, e em consenso com a Federação Luterana Mundial, o Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD), com o objetivo de atender ao trabalho de estudo, avaliação e intermediação de projetos de desenvolvimento e acompanhamento na execução dos projetos e no assessoramento de auditoria.⁴²⁷

É importante lembrar que mesmo antes do surgimento do SPD já havia projetos de comunidades luteranas na área social sendo financiados por agências europeias. “Eram os

⁴²⁴ PISKE, Meinrad; GIERUS, Friedrich; LINDNER, Clovis Horst. NOSSA HISTÓRIA - Federação Sinodal inicia história da IECLB. **O Caminho**. 2009. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=70&cadernoId=7¬iciaId=3461>> Acesso em: 26 jan. 2019.

⁴²⁵ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 27.

⁴²⁶ SCHÜNEMANN, 2016.

⁴²⁷ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 25.

próprios pastores que viajavam para a Alemanha, entravam em contato com as agências e apresentavam seus projetos locais”.⁴²⁸ A partir de 1966, o SPD vai centralizar este trabalho.

A perspectiva de desenvolvimento assumida pelo SPD em seus primeiros anos de funcionamento seguiu a tendência da posição predominante da IECLB da época, assumindo uma perspectiva assistencialista e acrítica aos modelos desenvolvimentistas capitalistas hegemônicos.

O SPD assumiu uma linha fortemente assistencialista, incentivando experiências que buscavam vencer os “obstáculos estruturais à modernização”, combatendo o “atraso” através da incorporação de novas tecnologias e de melhorias em infraestrutura, saúde e educação.⁴²⁹

“Nos primeiros 10 anos foram aprovados e executados 185 projetos, distribuídos em 18 estados brasileiros (incluindo o território de Rondônia), 65% dos quais procediam de comunidades luteranas”.⁴³⁰ Schünemann lembra que a maior parte dos investimentos foram utilizados “para a construção de escolas, hospitais e centros sociais, para a implantação de centros de treinamento profissional urbanos e rurais”.⁴³¹ Tais recursos geralmente eram repassados como fundo perdido aos beneficiários.⁴³²

Embora vinculado à IECLB, com todos os membros da Comissão de Projetos pertencentes à comunidade luterana, em seus primeiros dez anos de funcionamento o SPD gozou de um considerável grau de autonomia no que tange a seu funcionamento. Com orçamento próprio, até 1974 ele funcionou em espaços cedidos pela IECLB em sua sede. Após, migrou para um escritório próprio, também localizado em Porto Alegre.⁴³³

Os contatos com a direção da IECLB, ainda que permanentes, não envolviam, ao que tudo indica, uma discussão mais permanente dos projetos, a não ser em caso especial, cuja execução envolvesse, por exemplo, a realização de convênios com agências do Estado.⁴³⁴

A autonomia do SPD em relação à direção da IECLB não significava necessariamente um distanciamento em relação às comunidades luteranas. “Os prazos e

⁴²⁸ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 26.

⁴²⁹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 28.

⁴³⁰ SCHÜNEMANN, 2016.

⁴³¹ SCHÜNEMANN, 2016.

⁴³² ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 29.

⁴³³ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 29-30.

⁴³⁴ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 30.

normas do SPD tornavam-se conhecidos pelas comunidades luteranas através de cartas circulares enviadas às paróquias”.⁴³⁵

Após 12 anos do início de suas atividades, o escritório do Serviço de Projetos encerrou suas atividades. Não é possível identificar com precisão os fatores que levaram ao fechamento do escritório do SPD em 1978. Entre as possíveis explicações estão: a diminuição do volume de recursos das agências financiadoras destinados à cooperação com o Sul do Brasil, a extinção do apoio orçamentário para a manutenção do SPD que era sustentado por agências financiadoras, movimento de algumas agências para criar canais diretos com os grupos beneficiários dos projetos sem a intermediação da FLM e SPD, o descompasso entre a crítica da FLM em relação à violação dos direitos humanos protagonizados pelas ditaduras militares na América Latina e a posição acrítica da IECLB frente ao regime militar no Brasil,⁴³⁶ e a indisposição da IECLB em assumir uma maior parcela dos custos financeiros do SPD. Mesmo com o encerramento das atividades do escritório do SPD, os projetos em andamento continuaram sendo acompanhados por uma pessoa do SPD, subordinada à Secretária Geral da IECLB. Por um período que não pode ser identificado com precisão, a IECLB deixou de trabalhar com novos projetos.⁴³⁷

Após um período sem apoio a novos projetos, “verifica-se, no início dos anos 80, um aumento expressivo do volume de recursos destinados à Região Norte do Brasil e a retomada da importância, em meados da década, dos financiamentos no Sul do Brasil [...]”.⁴³⁸ Para a equipe que elaborou o Diagnóstico Participativo do SPD, há uma mudança significativa no perfil dos projetos apoiados pelas agências do exterior.

A nova safra de projetos aprovados destinava-se, principalmente, a atividades de formação e conscientização, fortalecendo movimentos populares, sobretudo no campo, bem como a formação de equipes de profissionais dedicadas à implantação de projetos alternativos em “agricultura alternativa”, “saúde preventiva”, “educação popular”. É nesse período que surgem os CAPAS (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor).⁴³⁹

Se nos dez primeiros anos do SPD o perfil dos projetos apoiados seguia uma perspectiva assistencialista e desenvolvimentista capitalista, agora é possível perceber uma

⁴³⁵ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 30.

⁴³⁶ O referido descompasso entre o posicionamento crítico da FLM frente aos regimes autoritários na América Latina e a omissão da IECLB na denúncia dos abusos e crimes cometidos pela Ditadura Civil-Militar no Brasil levou a transferência da V Assembleia da FLM, que estava marcada para acontecer em Porto Alegre nos inícios dos anos 1970, para a cidade de Evian – França.

⁴³⁷ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 33-34.

⁴³⁸ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 34.

⁴³⁹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 35.

mudança radical. Na avaliação da equipe do Diagnóstico Participativo, essa mudança de perspectiva, que orienta o apoio aos projetos, reflete uma mudança ocorrida dentro da IECLB.

Este redirecionamento dos eixos norteadores da cooperação para o desenvolvimento, implementada nos anos 80 no âmbito da IECLB, tinha suas raízes em mudanças concretas que vinham ocorrendo dentro da Igreja, não sendo, portanto, um mero reflexo do posicionamento das agências. A voz de todo um grupo de pastores, obreiros e leigos inspirados pela Teologia da Libertação, dedicados ao trabalho junto às camadas mais pobres da população vinha, a partir dos anos 70, encontrando uma maior permeabilidade e influência nas instâncias de decisão da Igreja, traduzindo-se em posicionamentos da Presidência da Igreja e de seu Conselho Diretor. No ano de 1982 o lema “Terra de Deus, Terra para Todos”, escolhido pelo Conselho Diretor da Igreja, colocaria a reforma agrária como tema de discussão nas 1.424 comunidades luteranas existentes, então, no Brasil.⁴⁴⁰

Os projetos apoiados na década de 1980 refletiam essa tomada de consciência, por parte da direção da IECLB, em relação aos problemas sociais e econômicos existentes no Brasil, bem como sua responsabilidade, como Igreja neste contexto, de promover a transformação das estruturas sociais e econômicas injustas. Um marco desse novo rumo foi a aprovação do documento *Diretrizes para Projetos de Desenvolvimento*, que definiu diretrizes e critérios para orientar a seleção dos projetos que seriam apoiados.⁴⁴¹ “A rigor, todos os setores excluídos da sociedade brasileira eram considerados como sendo público potencial das ações de desenvolvimento indicadas pelas ‘diretrizes’”.⁴⁴²

O reconhecimento desse amplo campo de ação, promovido pela aprovação do novo documento, contrastava com a ausência de recursos humanos e materiais à disposição do SPD. Havia apenas um funcionário que deveria dar conta de todo esse novo universo que se abria.⁴⁴³ Era necessário pensar formas de viabilizar uma resposta às novas demandas.

Em 1988, o SPD passa a ser integrado ao recém-criado Departamento de Diaconia, fundado neste mesmo ano. A partir dessa nova configuração, o SPD deixa de ser coordenado pela Secretária Geral e passa a ser incorporado à Secretária de Missão, na qual o Departamento de Diaconia estava inserido. “Na prática, era a primeira vez na história da IECLB que a ação diaconal e o apoio a projetos de desenvolvimento eram integrados sob uma mesma jurisdição”.⁴⁴⁴ Para Carlos Bock, “a criação do Departamento de Diaconia, [...] promoveu maior colaboração e sinergia entre a diaconia e os projetos de desenvolvimento,

⁴⁴⁰ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 35.

⁴⁴¹ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 35-36.

⁴⁴² ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 36.

⁴⁴³ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 36.

⁴⁴⁴ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 38.

resultando na integração do Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD) sob a supervisão do Departamento”.⁴⁴⁵

Após a integração do SPD ao Departamento de Diaconia, foi tomada uma série de decisões com o objetivo de qualificar este serviço. Destacam-se duas delas:

Em 1988 foi constituída, pelo Conselho diretor da IECLB, a Comissão de Projetos, que passou a analisar e avaliar todos os projetos de desenvolvimento submetidos à IECLB pelas organizações beneficiárias. [...] As diretrizes da IECLB para o financiamento a projetos de desenvolvimento foram revistas e atualizadas em 1989 e 1995, em encontro envolvendo representantes de diferentes instâncias da Igreja.⁴⁴⁶

Na avaliação da equipe responsável pelo Diagnóstico Participativo, a inserção do SPD ao departamento de Diaconia fortaleceu as relações entre o SPD e as agências financiadoras europeias. A Comissão de Projetos instalada em 1988 conseguiu manter um funcionamento regular, embora sofresse com a grande rotatividade de seus membros, fato que atrapalhou o acompanhamento aos projetos.⁴⁴⁷ O SPD permaneceu integrado ao Departamento de Diaconia até a criação, no ano 2000, da Fundação Luterana de Diaconia.⁴⁴⁸

A expressividade dos projetos diaconais viabilizados pela atuação do SPD não permite que sua história seja esquecida. Sua atuação marcada pela mediação entre a igreja com setores, instituições, grupos e movimentos da sociedade civil, afirma sua perspectiva diaconal mediadora. Pode-se afirmar que, enquanto ele existiu, foi seguramente o principal braço diaconal articulado dentro da perspectiva de diaconia como mediação.

3.3.3 FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA (FLD)

Devido ao número expressivo de instituições diaconais filiadas à IECLB, não será possível fazer uma apresentação detalhada de todas elas. Diante disso, pelo fato da FLD dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo SPD e ainda representar uma importância central dentro da Rede de Diaconia, principal iniciativa da IECLB visando o fortalecimento da diaconia institucional e a aproximação desta à diaconia comunitária, ela receberá uma atenção especial nesse tópico.

O Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD) permaneceu integrado ao Departamento de Diaconia até o ano 2000, quando foi criada a Fundação Luterana de

⁴⁴⁵ BOCK, 2013.

⁴⁴⁶ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 41.

⁴⁴⁷ ARMANI; SCHMITT; CARVALHO, 1999, p. 41-42.

⁴⁴⁸ SCHÜNEMANN, 2016.

Diaconia (FLD).⁴⁴⁹ Com isso, “o Serviço de Projetos recebe uma personalidade jurídica e assume o papel de intermediação de recursos de apoio a grupos e projetos voltados para o apoio a grupos socialmente vulneráveis e comunidades empobrecidas em todo o território brasileiro”.⁴⁵⁰ Carlos G. Bock esclarece aspectos relacionados à natureza da FLD e sua função: “a FLD é uma instituição autônoma de direito privado, criada por decisão do Conselho da IECLB, para suceder ao SPD na tarefa de ampliar e qualificar a mobilização de recursos e a gestão de projetos sociais em âmbito nacional”.⁴⁵¹ O estatuto da instituição descreve a sua finalidade:

A Fundação tem por finalidade a promoção do desenvolvimento transformador, através do apoio e acompanhamento a projetos de grupos organizados da sociedade civil e da execução de serviços, projetos e benefícios socioassistenciais e de programas no campo dos direitos indígenas e no campo da agroecologia e da agricultura familiar.⁴⁵²

Nos últimos anos, a Fundação experimentou importantes mudanças. Em 2016, ela recebeu a certificação de Entidade Beneficente, fato que levou à incorporação do COMIN e do CAPA à FLD. A incorporação foi homologada no dia 29 de março de 2017.⁴⁵³ Além dessas mudanças, uma pessoa ligada à FLD destaca que nos últimos anos a referida instituição se esforçou para evidenciar com mais clareza sua identidade diaconal:

Então a própria FLD também nesses últimos anos assumiu mais sua identidade diaconal né, então acho que esse é um grande avanço. Nós também assumimos mais a nossa identidade diaconal, estamos também fazendo mais formação né. E estamos também fortalecendo os próprios espaços de governança pra compreenderem né que políticas públicas, política de incidência está amparada teologicamente pela diaconia né, então todas as políticas institucionais nos últimos anos, todas foram introduzidas a partir de uma narrativa teológica diaconal.⁴⁵⁴

A pesquisadora Jaiane lembra ainda que a Organização acentuou seus trabalhos de formação em diaconia transformadora para suas equipes de trabalho:

[...] esse é uma debate que nós estamos fazendo com as próprias equipes né, mais formação em diaconia transformadora, mais relação entre essa identidade diaconal e os temas né da agroecologia, da agricultura familiar, direitos dos povos indígenas,

⁴⁴⁹ SCHÜNEMANN, 2016.

⁴⁵⁰ SCHÜNEMANN, 2016.

⁴⁵¹ BOCK, 2013.

⁴⁵² FLD. Estatuto da Fundação Luterana de Diaconia. **Site FLD**. 2020. Disponível em: <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Estatuto_FLD.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

⁴⁵³ FLD. Incorporação do COMIN e do CAPA à FLD é aprovada em assembleia. **Site FLD**. 2017. Disponível em: <<https://fld.com.br/todas/2017/%E2%80%8Bincorporacao-do-comin-e-do-capa-a-fld-e-aprovada-em-assembleia/>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

⁴⁵⁴ JAIANE, cf. ANEXO 3.

direitos dos povos e comunidades tradicionais, justiça de gênero, trabalho com catadoras e catadores né, enfrentamento do racismo, e principalmente no âmbito também do acompanhamento as mulheres e as juventudes no campo da agricultura familiar e da agroecologia, é o enfrentamento da violência de gênero e dos preconceitos e discriminações e violências LGBTQI+.⁴⁵⁵

A perspectiva diaconal transformadora que orienta a atuação da organização, torna-se evidente através das características dos projetos apoiados e assumidos, dos debates e formações promovidas, dos temas e áreas incorporadas pelos projetos, mas também através de manifestações públicas assinadas pela organização nos últimos anos.⁴⁵⁶

Para a referida pesquisadora, o relativo baixo número de projetos provenientes de comunidades da IECLB recebidos pela FLD está ligado “[...] a quantidade enorme [...] de criminalização e de *Fake News* que continua circulando [...]”.⁴⁵⁷ O alto número e intensidade dos ataques sofridos pela FLD, e outras instituições que trabalham dentro da perspectiva da diaconia profética e transformadora, nos últimos anos, levantam a suspeita do crescimento de vozes e pautas conservadoras e antidiaconais nos bastidores da IECLB. O suposto aumento no número de membros IECLB defendendo temas e pautas categoricamente antidiaconais, como pena de morte, criminalização de movimentos sociais, flexibilização das leis referentes ao armamento civil, redução da maioria penal, extinção de políticas de redistribuição de renda, entre outros, levanta uma série de indagações referentes à consciência e sensibilidade diaconal de nossos membros e comunidades, ao mesmo tempo que explicam, pelo menos em parte, a origem dos ataques sofridos pela instituição. Algumas dessas questões serão trabalhadas com maior profundidade no capítulo 3 e 4 dessa pesquisa.

3.3.4 PARCERIAS DA DIACONIA NA IECLB

É difícil prever como teria sido a história da diaconia na IECLB, tanto em nível institucional quanto em nível comunitário, sem o apoio quase que constante de organismos e

⁴⁵⁵ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁴⁵⁶ Tais manifestações nem sempre foram ou são aceitas de forma harmoniosa e pacífica. Algumas manifestações, que tinham como pano de fundo a defesa dos direitos humanos, da democracia, da política de justiça de gênero, de suas relações ecumênicas e inter-religiosas, foram fortemente atacadas, por pessoas e grupos das alas mais conservadoras da IECLB. Tais ataques circularam especialmente em redes sociais. Em alguns casos, a instituição fez interpelações judiciais. É o caso do ataque sofrido pela instituição no segundo semestre de 2016: “No segundo semestre de 2016, a FLD foi criminosamente atacada nas redes sociais, acusada de fraude, corrupção, desvio de recursos e financiamento de partido político, com opiniões odiosas contra a sua política de justiça de gênero, suas relações ecumênicas e inter-religiosas e posições públicas sobre democracia e direitos humanos. As calúnias e difamações extrapolaram o limite da crítica, tão necessária à democracia e ao princípio da liberdade de expressão. Na oportunidade, a FLD emitiu nota pública sobre as acusações – disponível em <http://bit.ly/2sdkXNW>” FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. Retratação Pública. Site FLD. 2017. Disponível em: <<https://www.fld.com.br/blog/retratacao-publica/>>. Acesso em: 28 jan de 2019.

⁴⁵⁷ JAIANE, cf. ANEXO 3.

entidades nacionais e internacionais, que foram parceiros de várias iniciativas e projetos diaconais na IECLB. Desde seu período congregacional, com o envio de obreiros pelas sociedades missionárias, passando pela atuação de diaconisas alemãs, formadas pela Casa Matriz de Wittemberg, chegando à atualidade, com inúmeros apoios de várias naturezas, a diaconia na IECLB contou com o apoio de muitas pessoas e organizações.

A história testemunha que até meados do século passado as parcerias diaconais estavam ligadas especialmente ao contexto protestante alemão. É o caso das várias entidades que enviaram pastores, diáconos e diaconisas para atuarem nas comunidades protestantes brasileiras. Uma das principais e mais antigas parcerias da diaconia brasileira foi a Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior, responsável pela fundação da Casa Matriz de Diaconisas de Wittenberg. Seu apoio se estendeu em terras brasileiras custeando várias iniciativas assumidas pela Casa Matriz de Diaconisas do Brasil.

Muitos marcos alemães (DM) foram investidos no Seminário Bíblico-Diaconal, principalmente em forma de bolsas de estudos. Muitos marcos e, mais tarde, euros também foram investidos em construções, aquisições e melhorias da Casa Matriz, além de projetos de irmãs e diáconas [...].⁴⁵⁸

Na atualidade, o quadro das parceiras da diaconia tornou-se mais plural. Muitas das parcerias diaconais celebradas atualmente pertencem ao mundo ecumênico e só acontecem graças à disposição da IECLB em dialogar e cooperar com organizações e igrejas que também mantêm uma perspectiva ecumênica. Para Marcelo Schneider, a disposição ecumênica que a IECLB mantém é fundamental para que ela se engaje em debates em torno dos direitos humanos.

Muitas igrejas ao redor do mundo somente se engajaram em temas mais amplos por conta de sua participação no movimento ecumênico. Não foi diferente com a IECLB. É através do movimento ecumênico que a igreja recebe endosso moral e político e apoio para suas iniciativas ligadas aos Direitos Humanos.⁴⁵⁹

Na compreensão de Célio, os impulsos provenientes da FLM foram fundamentais para a IECLB compreender a importância da diaconia em sua missão:

Um dos fatores que eu acho que é, [...] sempre o que vem de fora cutuca a gente um pouco mais, o próprio fato de que a FLM começa a olhar para o diaconia com olhos

⁴⁵⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 153.

⁴⁵⁹ SCHNEIDER, Marcelo. A influência das questões candentes contemporâneas para a identidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 241-251, 2009. p. 246-247.

mais, [...] com de insistir pra que a Igreja tenha, então diaconia precisa ser pauta de nossas, das Igrejas filiadas[...].⁴⁶⁰

Além da participação no movimento ecumênico, a IECLB também integra e participa de vários organismos ecumênicos, conforme descreve Carlos Bock:

A relação entre diaconia e desenvolvimento se expressa também, de forma ecumênica, através da participação da IECLB na DIACONIA, de Recife, criada em 1967, e na Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), cuja sede fica em Salvador. A CESE foi fundada em 1973, mas a adesão da IECLB se efetivou somente em 1983. Adicionalmente, em âmbito internacional, a IECLB integra a Diakonia of the Americas and Caribbean (DOTAC), participa de e colabora com as iniciativas diaconais, de ajuda humanitária e de desenvolvimento da Federação Luterana Mundial (FLM) e do Conselho Mundial de Igrejas (CMI).⁴⁶¹

Existem também as parcerias celebradas entre instituições ligadas à IECLB com organizações internacionais. A Fundação Luterana de Diaconia é um exemplo deste fenômeno.

A FLD é membro de Action by Churches Together (ACT), uma aliança que reúne várias organizações ligadas a igrejas e ecumênicas na área do desenvolvimento e relacionadas às igrejas-membro do Conselho Mundial de Igrejas que desenvolvem trabalho humanitário ao redor do mundo. É também através da FLD que a IECLB está presente nessa coalizão ecumênica organizada nas edições do Fórum Social Mundial. Tal coalizão tem a capacidade de reunir diferentes iniciativas ao redor do mundo e criar um sentido de unidade ao longo desse evento, que é uma das maiores expressões de iniciativas que procuram destacar a necessidade por uma agenda social mais efetiva e o respeito à vida e à dignidade humana hoje.⁴⁶²

3.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A DIACONIA COMUNITÁRIA NO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO

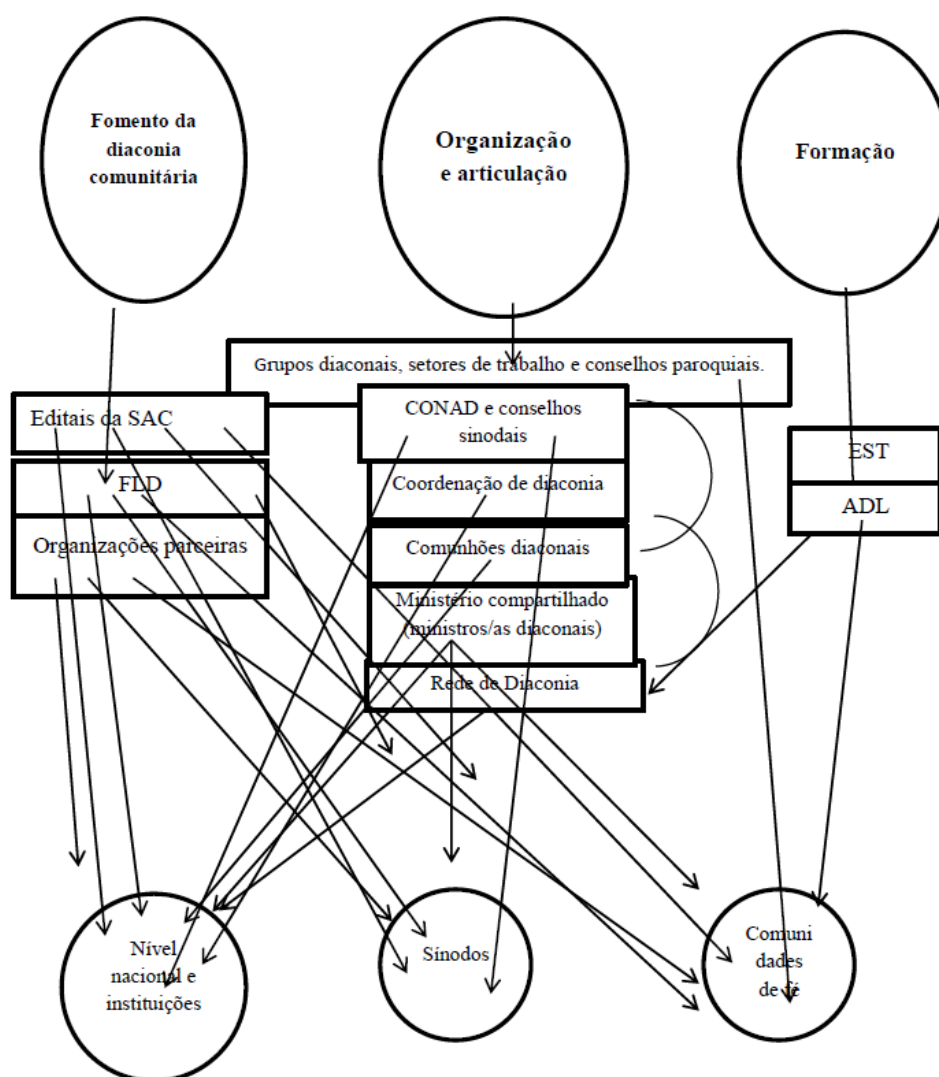
O presente capítulo apresentou um panorama geral da estruturação da diaconia comunitária na IECLB na atualidade, a qual pode ser visualizada no esquema abaixo. As classificações e separações propostas pelo esquema têm como finalidade apenas auxiliar na compreensão do leitor, uma vez que na realidade empírica os vários elementos que formam a estrutura da diaconia comunitária se intercalam. Setores que ocupam uma função na organização, podem em determinado contexto exercer funções ligadas mais a formação, articulação ou até mesmo fomento da diaconia. Por tudo isso, a preocupação do esquema abaixo, na Figura 3, é somente didática.

⁴⁶⁰ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁴⁶¹ BOCK, 2013.

⁴⁶² SCHNEIDER, 2009, p. 249.

Figura 3 - Organograma



Fonte: o autor

A atual estruturação que organiza a diaconia comunitária na IECLB não se constituiu de forma imediata e automática, mas é resultado de um longo processo histórico, protagonizado por vários atores e atoras. A estrutura não tem um fim em si mesma, pelo contrário, sua razão de ser encontra-se na sua funcionalidade para a práxis da diaconia comunitária, seu objetivo é promover a diaconia nas comunidades. Logo, se a mesma não está alcançando seu objetivo, ela precisa ser repensada, remodelada, transformada. Mas o critério

que a avalia é sempre o mesmo: A reflexão e a prática da diaconia nas comunidades, a esta que a estrutura serve.

4 AS INICIATIVAS DIACONAIS EXISTENTES NAS COMUNIDADES E O PERFIL DA DIACONIA COMUNITÁRIA DA IECLB

O presente capítulo apresenta e analisa ações diaconais protagonizadas pelas comunidades filiadas à IECLB na atualidade, descrevendo e discutindo as frentes diaconais mais recorrentes, os atores diaconais, os principais temas e públicos alcançados e não alcançados, e o perfil predominante da diaconia comunitária na IECLB. A base para a análise é o conjunto das oito entrevistas, os questionários aplicados aos membros do CONAD, memórias das reuniões ordinárias anuais do CONAD e obras publicadas que analisam e aprofundam aspectos da realidade da diaconia comunitária.

4.1 PRINCIPAIS INICIATIVAS DIACONAIS EXISTENTES NAS COMUNIDADES

Os dados de 2018, conforme a Figura 4, apresentados pela Coordenação de Diaconia, revelam números relacionados à quantidade e ao perfil dos grupos diaconais que se articulam no âmbito das comunidades da IECLB.

Figura 4 - Número de grupos diaconais na IECLB em 2018 (Fonte Coordenação de Diaconia)

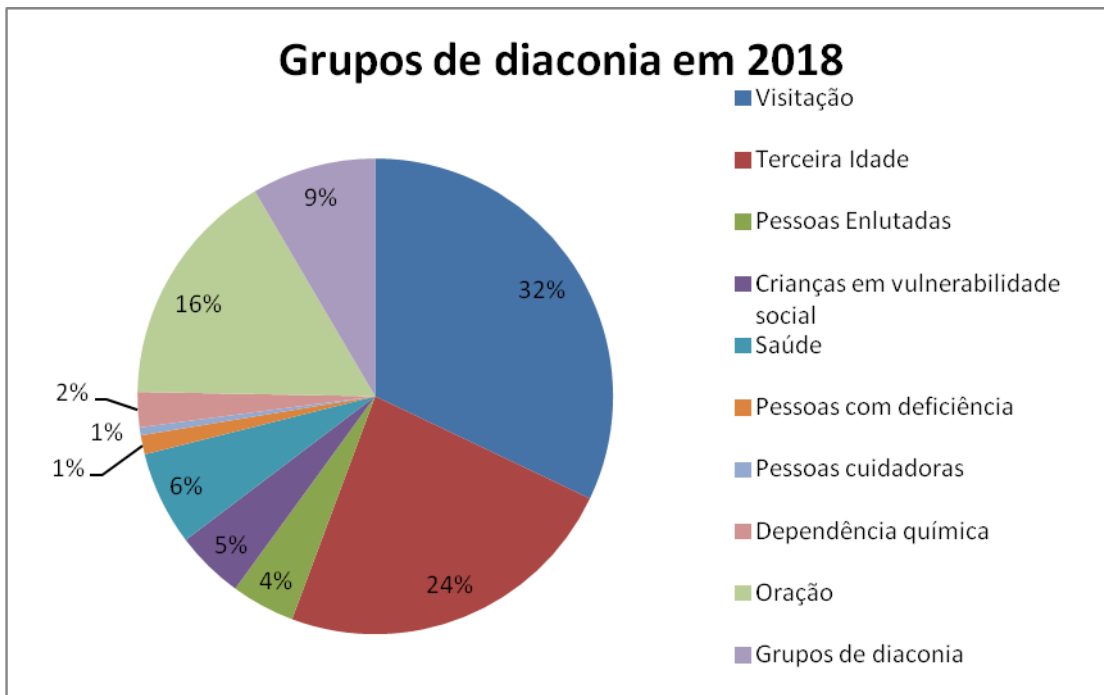
Iniciativas	Grupos
Visitação	296
Terceira Idade	218
Pessoas enlutadas	40
Crianças em vulnerabilidade social	43
Saúde	59
Pessoas com deficiência	12
Pessoas cuidadoras	5
Dependência química	22
Oração	150
Grupos de diaconia	78

Fonte: o autor

Segundo o levantamento, os grupos de visitação são os mais numerosos, seguidos pelos grupos de terceira idade, grupos de oração, grupos de diaconia, grupos envolvidos na área da saúde, grupos que se ocupam com a problemática das crianças em situação de vulnerabilidade social, grupos que atuam no apoio a pessoas enlutadas, com dependentes

químicos, pessoas com deficiência e por último, grupos de pessoas cuidadoras. A Figura 5 auxilia na visualização:

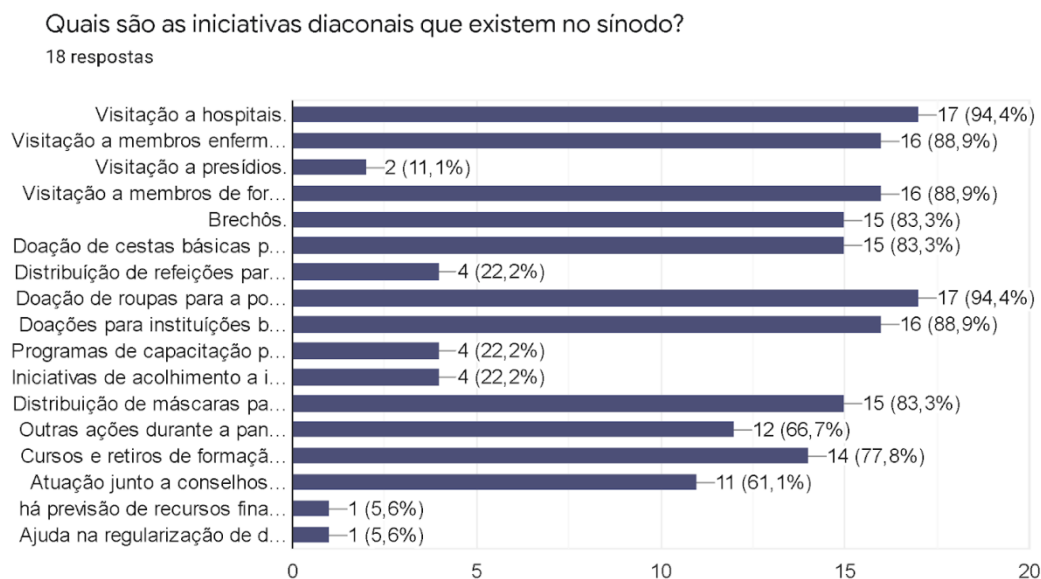
Figura 5 - Porcentagem dos respectivos tipos de grupos de diaconia na IECLB em 2018, segundo dados da Coordenação de Diaconia (2018)



Fonte: o autor

O levantamento apresentado pela Coordenação de Diaconia apresenta pelo menos uma informação segura: a visitação aparece como a frente diaconal mais recorrente no âmbito das comunidades filiadas à IECLB. Por outro lado, o levantamento deixa várias questões em aberto, como por exemplo: os grupos de Terceira Idade são constituídos por pessoas idosas, ou suas ações são direcionadas ao público idoso, ou ainda, é constituído por pessoas idosas com o objetivo de promover ações para esse mesmo público? Perguntas semelhantes poderiam ser feitas a outras categorias apresentadas pelo levantamento. Há uma falta de clareza em relação à constituição das categorias e das ações diaconais promovidas por elas, o que impossibilita uma clareza maior a respeito da realidade da diaconia comunitária.

Devido a isso, para termos um retrato mais preciso da diaconia comunitária na IECLB, consultamos por meio de um questionário os 18 representantes da diaconia comunitária na IECLB. Todos responderam. Uma das perguntas, quando comparada ao levantamento da Coordenação de Diaconia, oferece informações novas. Os conselheiros foram perguntados a respeito dos tipos de iniciativas diaconais que existem em seu respectivo Sínodo. Segue o resumo das respostas na Figura 6:

Figura 6 - Iniciativas diaconais existentes nos Sínodos

Fonte: o autor

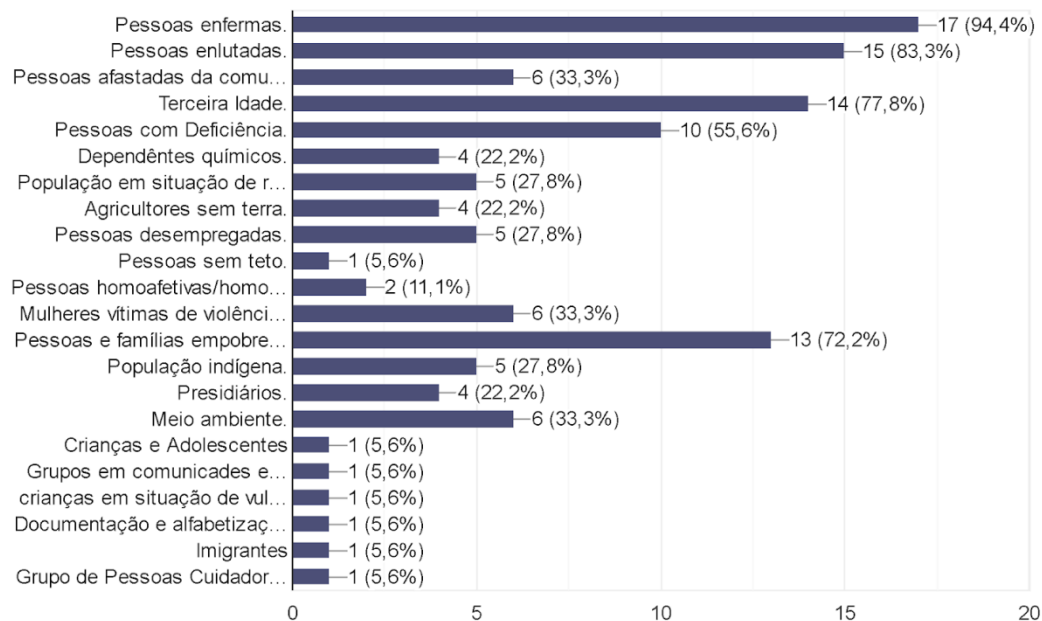
O levantamento feito por esta pesquisa confirma a principal informação apresentada pelo levantamento da Coordenação, a saber, a visitação é a principal frente de ação diaconal assumida pelas comunidades da IECLB. Entre os públicos e contextos visitados pelos grupos de visitação destacam-se os hospitais (ações existentes em 17 Sínodos), membros enfermos e enlutados (ações existentes em 16 Sínodos) e ainda visitação a membros de forma geral (ações existentes em 16 Sínodos). Ainda chama especial atenção pela recorrência em quase todos os Sínodos a prática de doações de roupas para a população empobrecida (ações existentes em 17 Sínodos), doações para entidades beneficentes (ações existentes em 16 Sínodos), a promoção de brechós solidários (ações existentes em 15 Sínodos), doações de cestas básicas para a população empobrecida (ações existentes em 15 Sínodos), doações de máscaras para prevenção da COVID-19 (ações existentes em 15 Sínodos) e outras ações de enfrentamento ao COVID (ações existentes em 15 Sínodos), além dos cursos e retiros de formação diaconal (ações existentes em 14 Sínodos).

4.2 OS PRINCIPAIS TEMAS E PÚBLICOS ALCANÇADOS E NÃO ALCANÇADOS

Os principais públicos alcançados pelas ações diaconais podem ser visualizados na Figura 7:

Figura 7 - públicos alcançados pelos grupos diaconais comunitários

Os grupos diaconais e iniciativas diaconais existentes entre as comunidades e paróquias do seu sínodo estão voltadas para qual público ou destinatário? Assinale todas as alternativas corretas.
18 respostas



Fonte: o autor

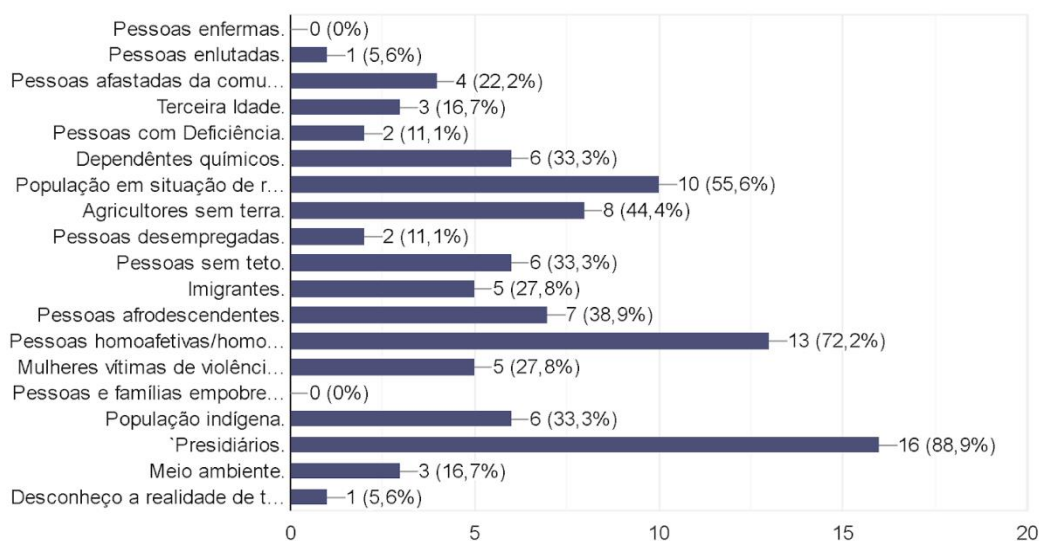
Conforme a Figura 7, os três principais públicos alcançados pelas ações diaconais são as pessoas enfermas, pessoas enlutadas e a terceira idade. Ao que tudo indica, esses três públicos são alcançados especialmente por meio da visitação, que é a principal frente da diaconia comunitária na atualidade. O quarto público alcançado são as pessoas e famílias empobrecidas, as quais provavelmente devem ser atendidas por meio de doações de alimentos e cestas básicas, confecção de brechós solidários e campanhas de agasalho. Em quinto lugar, aparece o público das pessoas com deficiência, as quais provavelmente são acompanhadas por meio da visitação, promoção de atividades recreativas e de formação, e ainda doações e campanhas para compra de equipamentos e outros.

A pesquisa baseada nos questionários identificou também públicos que não são, ou são pouco alcançados pelas ações diaconais comunitárias. A Figura 8 apresenta o resumo das respostas do questionário a respeito deste assunto:

Figura 8 - Públicos com os quais as comunidades têm dificuldades de articular ações diaconais

É possível perceber algum público ou destinatário com os quais os membros e as comunidades do sínodo têm dificuldades em oferecer ajuda?

18 respostas



Fonte: o autor

O público com o qual as comunidades têm mais dificuldade em articular ações diaconais é a população carcerária, seguido pela população homoafetiva/homossexual, pela população em situação de rua, agricultores sem terra, e em quinto lugar, a população desabrigada. A suspeita, a qual será discutida no próximo capítulo, é de que a dificuldade que os membros e comunidades encontram com alguns públicos está ligada à existência de determinadas barreiras que impedem a comunhão e o encontro dos membros e das comunidades com pessoas em situação de sofrimento e injustiça, tais barreiras na maioria das vezes é formada por estigmas e preconceitos.

Pelo fato da visitação ser a ação diaconal mais frequente nas comunidades da IECLB, e ainda por ter como característica intrínseca a promoção de encontros entre pessoas, iremos aprofundar a discussão sobre a sua importância no cenário geral atual da diaconia comunitária da IECLB. Posteriormente, cientes da importância de analisarmos o contexto histórico atual marcado pela pandemia do COVID-19, dedicaremos um tópico para analisarmos a atuação diaconal da IECLB em meio à atual crise sanitária do Coronavírus.

4.2.1 VISITAÇÃO

O evangelista Lucas, ao definir a vida e obra de Cristo, cita uma profecia de Zacarias: “Bendito, seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiou o seu povo (Lc. 1.68). Para o evangelista, por meio de Jesus Cristo, o próprio Deus visitou o seu povo. Além disso, a visitação tornou-se uma marca do próprio ministério de Cristo. Jesus visitou Marta e Maria (Lc 10.38,42), Zaqueu (Lc 19.5,9), Levi (Lc 5.29,32), Simão (7.36 ss), Jairo (Lc 8.41,42), Lázaro (Jo 11.11,16), além de várias outras pessoas e grupos. Fato   que a visita o foi uma forma encontrada por Jesus Cristo para levar consolo, cura e salva o às pessoas.

A importância conferida   visita o por Jesus   tamanha que ela torna-se um dos principais critérios para o último julgamento: “porque tive fome, e me deste de comer, tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me”(Mt 25.35,36). “No grande julgamento, haveremos de ser perguntados se demos de comer aos faminto, se vestimos os nus e se visitamos os enfermos e presos”.⁴⁶³ A partir das palavras e exemplo de Jesus Cristo, a visita o passa a ser uma das marcas da atua o da pessoa e das comunidades cristãs no mundo.⁴⁶⁴

Em última análise, a importância extraordinária que a visita o teve no ministério de Jesus sugere que a diaconia de Jesus tem na inclusão, no acolhimento, na hospitalidade, na comunhão, na convivência e no encontro, seus aspectos medulares.⁴⁶⁵

As primeiras comunidades cristãs desde suas origens compreenderam a importância da visita o. Iluminadas e motivadas pelo próprio exemplo de Cristo, enxergaram e encararam a visita o como uma de suas principais estratégias de missão.

A Igreja Antiga estava atenta às demandas diaconais existentes. A visita o foi importante para conhecer a realidade das pessoas batizadas. A partir da visita o e dos ágapes, a Igreja Antiga consolava desanimados, atendia enlutados e presos, cuidava dos doentes e idosos, criava e educava órfãos, dava suporte a viúvas, hospedava viajantes e amparava comunidades cristãs mais pobres.⁴⁶⁶

⁴⁶³ IECLB. Secretaria de Forma o. **Manual para presbíteros e presb teras n. 9:** visita o. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 01.

⁴⁶⁴ IECLB; SECRETÁRIA DE FORMA O, 1998, p. 01.

⁴⁶⁵ Cf. GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia no contexto afro-brasileiro:** um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 215.

⁴⁶⁶ GEORG, 2006, 228-229.

A importância da visitação para a missão diaconal da Igreja não ficou restrita ao ambiente das primeiras comunidades cristãs, ela continua sendo pertinente para os desafios atuais da igreja. Em relação a isso, comenta a diácona Sissi Georg:

Entre as consequências imediatas para as comunidades cristãs de hoje está a necessidade de se ter uma visão geral da situação dos membros, conhecendo os idosos, as pessoas com necessidades especiais, os dependentes químicos, os mal aposentados, as mães sozinhas, os desempregados, entre muitos outros que requerem acompanhamento. Uma rede de visitantes pode ser uma estratégia eficiente para manter os vínculos entre a liderança da comunidade e os membros, uma via de mão dupla. O conhecimento interno da comunidade agilizará decisões importantes em seu âmbito.⁴⁶⁷

A visitação, além de ser uma ferramenta que possibilita conhecer e analisar a realidade dos membros, representa também a oportunidade de encontrar, de forma concreta e direta, as pessoas necessitadas dentro e fora da comunidade. A visitação entendida e articulada desta forma oferecerá possibilidades para que a ação diaconal supere o nível do mero assistencialismo, alcançando um nível de maior comprometimento entre os membros da comunidade, que ao conhecerem as necessidades uns dos outros poderão manifestar sua solidariedade. Por outro lado, a visitação quando ultrapassa os muros institucionais da própria comunidade possibilita que a comunidade conheça as realidades de sofrimento e injustas que a cerca, podendo incorporar tais contextos em suas reflexões e práticas diaconais.

O dado mais seguro apresentado no tópico anterior é que a visitação é a frente diaconal mais recorrentes no âmbito da IECLB. Diante disso, é possível afirmar que a visitação é um dos pontos forte da diaconia comunitária, o que não significa que ela dispense atenção e esforços para seu aperfeiçoamento constante. Compreender a visitação como uma forma privilegiada de construir uma visão geral a respeito do contexto dos membros e, ao mesmo tempo, reconhecer nela um caminho de encontro direto com as pessoas necessitadas, abre um conjunto de possibilidades para que a diaconia comunitária seja fortalecida. Nesse horizonte, a visitação igualmente abre um leque de possibilidades para a articulação de outras iniciativas diaconais que possam surgir a partir do momento em que as comunidades tenham clareza a respeito dos contextos de necessidades e potencialidades de seus membros e outras pessoas em situações de sofrimento. Além disso, o contato direto entre os membros com situações de sofrimento, o qual é viabilizado pela visitação, é, possivelmente um acontecimento privilegiado para o despertar da sensibilidade e da consciência diaconal

⁴⁶⁷ GEORG, 2006, 229.

dos membros e das comunidades. Tal suspeita será aprofunda no último capítulo desta pesquisa.

4.2.2 AÇÕES DIACONAS DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19

No dia 29 de abril de 2021, o Brasil alcançou o terrível número de 400 mil óbitos gerados pela pandemia do Coronavírus, 100 mil somente nos últimos 36 dias.⁴⁶⁸ Segundo a Fundação Oswaldo Cruz, o Brasil passa pela maior crise sanitária e hospitalar de sua história.⁴⁶⁹ É sem dúvidas a maior pandemia que a IECLB está enfrentando ao longo de sua história. Em todo caso, não é a primeira vez na história que a Igreja precisa conviver com calamidades públicas geradas por pandemias. Desde os primeiros séculos da era cristã, a igreja articulou iniciativas diaconais em tais contextos. Em meio ao caos gerados por pandemias, a comunidade cristã cuidou das pessoas doentes, distribuiu alimentos aos famintos, acolheu os órfãos, assistiu as viúvas, consolou as pessoas enlutadas e sepultou os mortos.

Muitos cristãos morreram nesses cuidados, inclusive presbíteros, leigos e diáconos. Tomavam os moribundos no colo e no momento da morte “fechavam-lhes os olhos e a boca”. Preparavam os corpos com banho e os enterravam, e, muitas vezes, os sucediam na morte.⁴⁷⁰

É evidente que a ciência não oferecia ferramentas para que as pessoas cristãs identificassem o poder de contágio de determinadas doenças. Movidas pela fé e pela compaixão, colocavam suas próprias vidas e de seus familiares em risco. No entanto, se em alguns contextos, a fé, a compaixão e a falta de conhecimentos científicos representaram mortes, é igualmente verdadeiro que a atuação diaconal da igreja salvou muitas vidas e, até mesmo foi fundamental para controlar algumas epidemias. É isso que aconteceu quando, a partir de 312, uma epidemia invadiu a Ásia Menor com enorme violência. Alguns anos depois, a epidemia já tomava conta do norte da África até chegar em Cartago em 353. Os cadáveres se amontoavam pela cidade, servindo de alimento para as aves de rapina. Neste contexto, o Bispo Cipriano convocou a comunidade a organizar sua atuação diaconal,

⁴⁶⁸ JORNAL NACIONAL. Brasil chega a 400 mil mortes por Covid. **G1**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/29/brasil-chega-a-400-mil-mortes-por-covid.ghtml>>. Acesso em: 03 maio 2021.

⁴⁶⁹ JORNAL NACIONAL. Brasil passa pela maior crise sanitária e hospitalar da história, diz Fiocruz. **G1**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/17/brasil-passa-pela-maior-crise-sanitaria-e-hospitalar-da-historia-diz-fiocruz.ghtml>>. Acesso em: 03 maio 2021.

⁴⁷⁰ GAEDE NETO, 2015, p. 319.

cuidando dos cristãos e dos não cristãos.⁴⁷¹ E é justamente neste contexto que a ação diaconal da igreja fez toda a diferença, inclusive para controlar a epidemia.

Nessa situação, os cristãos, diferentemente dos não cristãos, procuram cumprir a sétima obra de misericórdia, observada no Antigo Egito: sepultar os mortos. Sepultavam não apenas os achegados, mas toda pessoa morta que encontravam. Com esse trabalho sistemático de sepultamento, os cristãos alcançaram algo que estava fora de sua compreensão: controlaram a epidemia, porque o enterro se tornou uma medida de higiene pública.⁴⁷²

O reformador Martim Lutero também viveu numa época fortemente marcada por uma epidemia gravíssima, a qual ficou conhecida como Peste Negra. Em relação ao contexto gerado pela epidemia, o historiador eclesiástico Wilhelm Wachholz comenta:

A peste impactou profundamente na vida social e individual da humanidade medieval. Não se conhecia sua origem. Em poucos dias, uma pessoa sadia atingida pela peste, especialmente a variante septicêmica, poderia morrer. Por essa razão o temor da morte iminente e horrível povoava o imaginário do ser humano medieval.⁴⁷³

É verdade que Lutero não vivenciou o apogeu da peste, a qual acontecerá em meados do século XIV, onde, segundo registros, cerca de 50% a 70% de populações europeias faleceram.⁴⁷⁴ No entanto, o reformador experimentou a manifestação de novas variantes da doença em sua época, as quais de igual modo, deixaram rastros de morte e pânico entre a população europeia do século XVI.

No ano de 1527, a pedido de um líder da reforma chamado João Hess, Lutero sistematizou uma reflexão acerca do compromisso cristão diante da Peste Negra e seus efeitos. No escrito *ob man vor dem Sterben fliehen möge* (Se é permitido fugir diante da ameaça de morte), o reformador fez uma reflexão ponderada acerca do testemunho cristão no contexto daquela doença contagiosa, da morte e do luto. Em termos gerais, Lutero defende que a conduta cristã deve ser balizada pelo amor ao próximo, o qual se traduz como cuidado e comprometimento em contextos onde a vida é ameaçada. Logo, não é lícito fugir movido pela indiferença quando pessoas precisam de sua ajuda, tampouco permanecer, colocando-se em risco e contribuindo para favorecer o contágio, quando a sua presença naquele lugar não for útil no horizonte do cuidado ao próximo. Em suma, o reformador compara a atuação da igreja

⁴⁷¹ GAEDE NETO, 2015, p. 320.

⁴⁷² GAEDE NETO, 2015, p. 320.

⁴⁷³ WACHHOLZ, Wilhelm. “Se é permitido fugir diante da ameaça de morte”: Lutero e a epidemia da peste em Wittenberg. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 372-389, 2020. p. 374.

⁴⁷⁴ McEVEDY, Colin. **Atlas de história medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 94.

como a de um hospital.⁴⁷⁵ É nesse contexto que Lutero insiste que só se pode servir a Cristo servindo o próximo.

Queres servir o próprio Cristo e ser seu cuidador, pois bem, então tens diante de ti o teu próximo doente. Vai a ele e serve-o, assim certamente encontrarás Cristo nele, não na Sua pessoa, mas segundo a Sua Palavra. Mas se não queres e não gostas de servir teu próximo, crê deveras: se Cristo mesmo estivesse ali, tu farias a mesma coisa e o abandonarias [...] Ele se tornaria assim culpado da morte de seu próximo e, diante de Deus, um assassino. Deveras, tais pessoas seriam como aquelas que, quando uma casa na cidade pega fogo, não combatem o fogo, mas deixam o fogo alastrar-se, de forma que toda a cidade pegue fogo e ainda dissessem: Se Deus quer, Ele pode proteger a cidade sem água e sem combate ao incêndio.⁴⁷⁶

Em suma, Lutero pressupõe um agudo senso de comprometimento coletivo. Por isso, não autoriza que os profissionais essenciais para o enfrentamento à doença fujam, movidos pelo desejo de se salvarem, abandonando para isso outras pessoas que precisam ser cuidadas. Por outro lado, insiste que o mesmo compromisso com o próximo que determina a permanência de determinadas pessoas, deve determinar o isolamento de outras, quando a presença desta naquele lugar não contribui para a prevenção e superação da peste e seus efeitos. O horizonte da discussão deve ser sempre o cuidado com o próximo, no qual o próprio Cristo está manifestado.

Essa breve introdução a respeito da diaconia em contextos de epidemias na igreja dos primeiros séculos e também em Lutero, lança algumas luzes para a ação diaconal da IECLB no contexto atual, igualmente marcado pela existência de uma pandemia extremamente grave. É possível constatar pelo menos dois aspectos que iluminam a práxis da diaconia comunitária hoje. A primeira lição é que em contextos nos quais a vida é ameaçada a igreja não pode ficar indiferente, pelo contrário, ela é convocada pelo Evangelho a testemunhar o amor de Deus de forma concreta, através do cuidado as pessoas. Testemunhos ligados ao cristianismo dos primeiro séculos foram radicais neste sentido, mártires surgiram na esperança de salvar vidas. Lutero é categórico ao afirmar que abandonar alguém que necessita da sua ajuda é sinônimo de abandonar a Cristo. No cenário atual, não basta jogar-se de qualquer jeito, as características da atual crise pandêmica exigem uma preparação especial por parte dos membros e das comunidades. As informações científicas disponíveis acerca do poder de transmissão do Coronavírus e dos meios de prevenção, são elementos que não estavam à disposição das primeiras comunidades cristãs. Lutero percebe as contribuições da ciência de seu tempo,

⁴⁷⁵ LUTHER, Martin. **Ob man vor dem Sterben fliehen möge**. In: ALAND, Kurt (Hrsg.). *Gesammelte Werke*. Bd. 6. p. 336-337 *apud* WACHHOLZ, 2020, p. 383-384.

⁴⁷⁶ LUTHER *apud* WACHHOLZ, 2020, p. 383-384.

manifestada através dos remédios, autoriza e incentiva sua utilização.⁴⁷⁷ Da mesma forma, cabe às pessoas cristãs de nossa época utilizá-las da melhor maneira possível. Se na época era necessário arriscar a própria vida para cuidar das outras pessoas, hoje esse risco diminuiu drasticamente, mesmo assim ele existe em alguns contextos, como nos vividos pelos profissionais de saúde, especialmente antes da chega das vacinas. Essas categorias e outras, a exemplo dos funcionários públicos, pastores e médicos na época de Lutero, precisam atuar na linha de frente para ajudar a sociedade enfrentar a pandemia. Para elas, a insistência de Lutero em afirmar que não se pode fugir mesmo diante da ameaça da morte quando o próximo depende dos seus cuidados é especialmente válida.

A segunda lição ensinada a nós pela igreja dos primeiros séculos e também por Lutero é a necessidade de buscarmos a interrupção no processo de transmissão. O cristianismo conseguiu isto ao cumprir a sétima obra da misericórdia. Atualmente, sabemos que as formas mais seguras de bloquearmos o processo de transmissão é mantermos o isolamento social, fazermos uso dos EPIs indicados, bem como mantermos as mãos limpas e livres de superfícies compartilhadas por outras pessoas. Cabe à igreja, enquanto compromisso diaconal, conscientizar e sensibilizar seus membros e a sociedade de modo geral, para que os protocolos de prevenção sejam cumpridos e pressionar as instâncias governamentais para agilizar o processo de vacinação. Além disso, a igreja pode promover campanhas para arrecadar alimentos para a população empobrecida, confeccionar e doar máscaras, arrecadar e distribuir materiais de higiene a limpeza, consolar as pessoas doentes e familiares por meio das mídias disponíveis, se aliar as organizações, instituições e demais forças presentes na sociedade para encontrar possibilidades de dar assistência para a população, entre outras iniciativas possíveis que manifestem de forma concreta o cuidado.

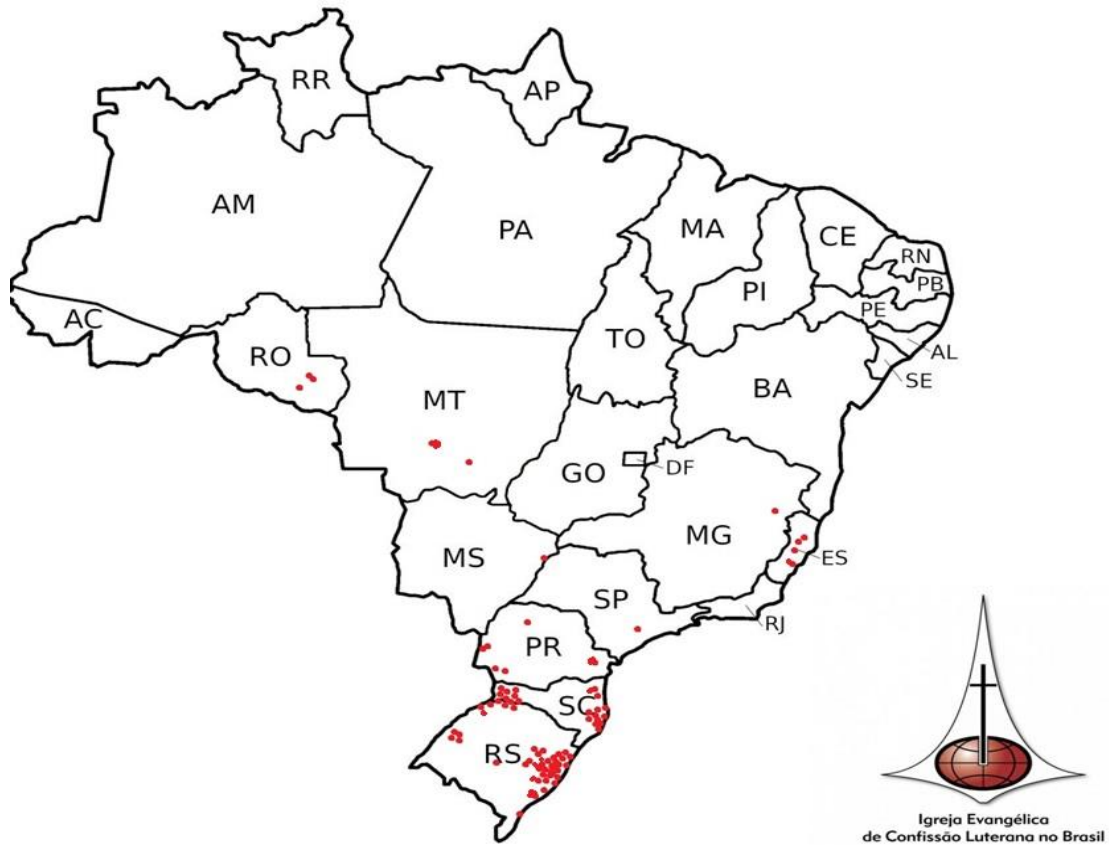
Em todo caso, dados colhidos pela presente pesquisa afirmam que as comunidades filiadas à IECLB desenvolveram e estão desenvolvendo várias ações diaconais voltadas para o enfrentamento da epidemia. Com o objetivo de visualizar o envolvimento diaconal da IECLB frente a pandemia do COVID-19 fizemos um levantamento e mapeamento das ações diaconais publicadas,⁴⁷⁸ ocorridas desde o dia 26 de março de 2020 (primeira ação diaconal frente a pandemia) até 06 de agosto de 2020, ou seja, o levantamento diz respeito aos primeiros 131 dias da pandemia. Neste período, foram identificadas 89 ações diaconais, as

⁴⁷⁷ LUTHER *apud* WACHHOLZ, 2020, p. 383-384.

⁴⁷⁸ Foram consultados os seguintes meios de divulgação: *Site Luteranos*; *página do Facebook “diaconia na IECLB*, *página da OASE*, *página da JE*, *páginas dos Sínodos*; *site dos sínodos*, e foi feito uma análise parcial de canais do *You Tube*.

quais aconteceram em diversas partes do território nacional, conforme pode ser visualizado no mapa da Figura 9:

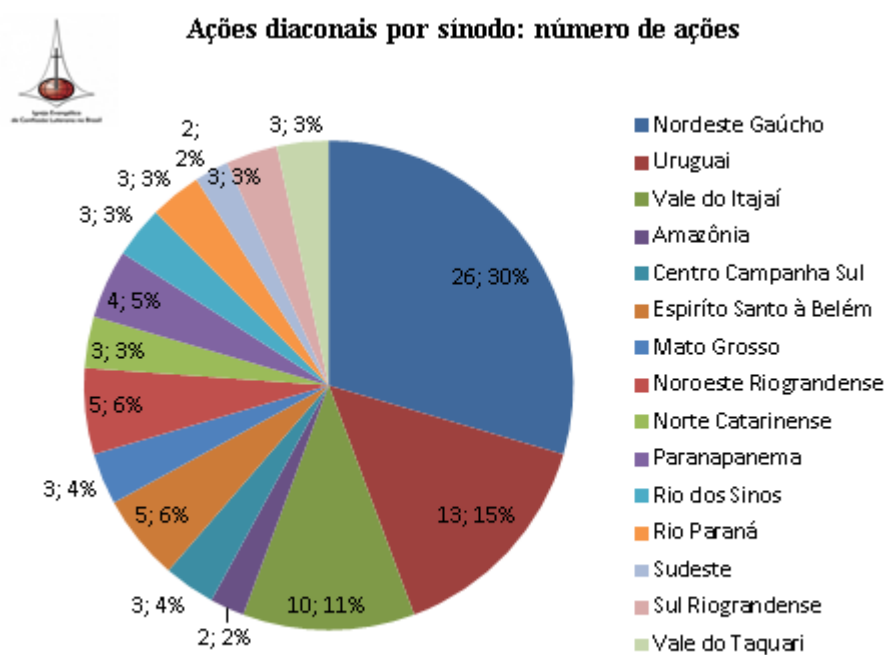
Figura 9 - Ações diaconais promovidas pelas comunidades da IECLB durante o período de 26 de março de 2020 até 06 de agosto de 2020



Fonte: o autor

A Figura 10 detalha os números de ações diaconais protagonizadas por cada Sínodo da IECLB.

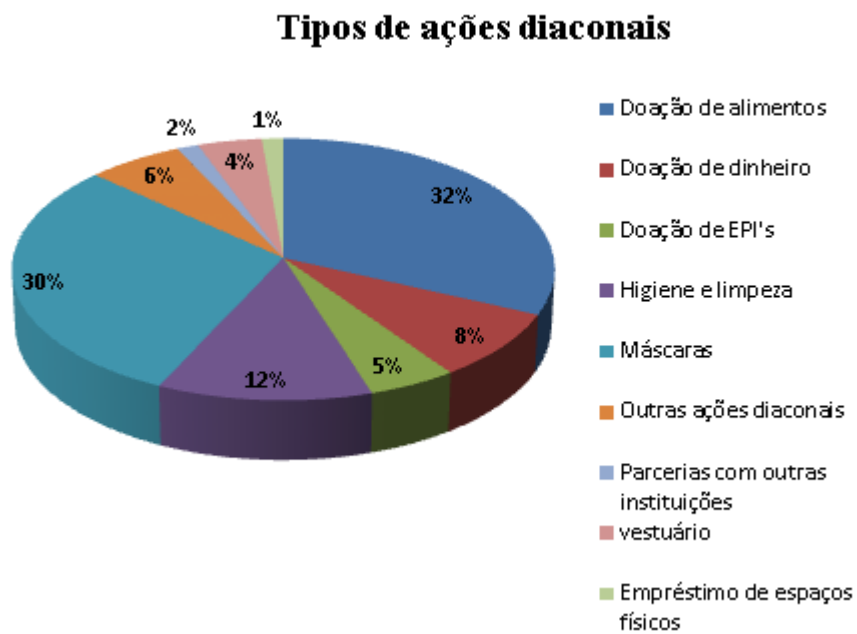
Figura 10 - Número de ações diaconais por Sínodo



Fonte: o autor

Os principais tipos de ações diaconais desenvolvidas foram os seguintes, conforme Figura 11:

Figura 11 - Tipos de ações diaconais assumidas na pandemia

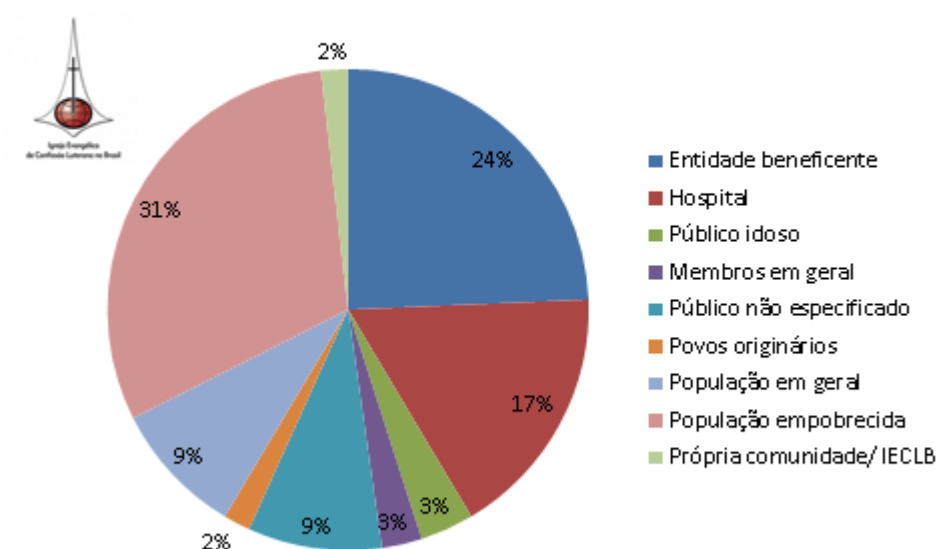


Fonte: o autor

Os destinatários das ações foram os seguintes públicos e contextos, conforme a Figura 12:

Figura 12 - Destinatários das ações na pandemia

Destinatários das ações (porcentagem aproximada).

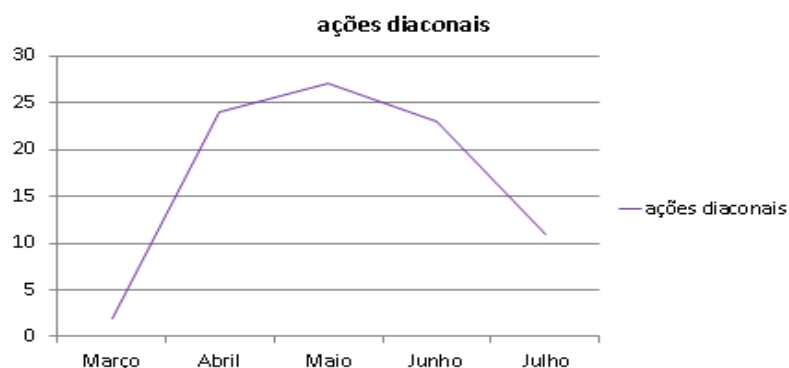


Fonte: o autor

Evolução do número de ações diaconais durante os primeiros 131 dias da pandemia pode ser visualizada na Figura 13:

Figura 13 - Evolução do número das ações durante a pandemia

Evolução do número das ações durante a Pandemia



Fonte: o autor

É interessante perceber que é nos dois primeiros meses da pandemia que as comunidades articulam o maior número de ações diaconais. Isso não levando em conta o mês

de março porque a preocupação com a pandemia só surge nos últimos dias daquele mês.⁴⁷⁹ É no início do mês de abril que as comunidades percebem a gravidade da situação e se mobilizam diaconalmente, neste mês são publicadas nos meios pesquisados notícias relativas a 24 ações diaconais, no mês de maio os números chegam a 27 ações, a partir do mês de junho os números começam a cair chegando a 23 ações, e por fim, o mês de julho concentra 11 ações. Esse quadro demonstra que a igreja conseguiu manter uma boa mobilização nos três primeiros meses.

A diminuição do número das ações diaconais no mês de julho aponta para a dificuldade que a igreja tem de se manter mobilizada por um período maior de tempo. Enquanto a pandemia era uma novidade, a mobilização foi maior, com o passar do tempo o quadro extraordinário da pandemia foi se tornando habitual. Ao que tudo indica os membros se acostumam com a crise e são fortemente influenciados pela inércia da realidade. Diante disso, ficam algumas perguntas: É possível manter a igreja num estado permanente de mobilização para atender as demandas diaconais? Quais são os elementos que auxiliam na mobilização, sensibilização e conscientização diaconal das pessoas membros?

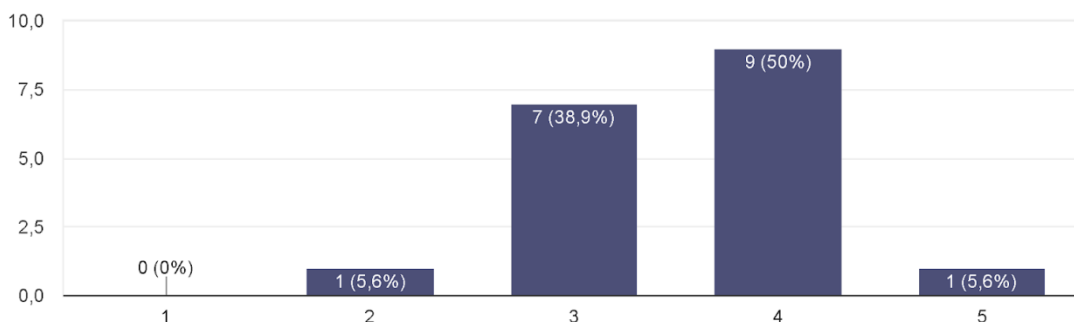
Os conselheiros sinodais da diaconia foram perguntados a respeito de como eles avaliavam o envolvimento de membros e comunidades nas ações de combate à pandemia do COVID-19. O Resumo das respostas pode ser visualizado na Figura 14:

⁴⁷⁹ O primeiro anúncio de morte por COVID-19 no Brasil aconteceu no dia 17 de março de 2020, na cidade de São Paulo-SP. A vítima foi Manoel Messias Freitas Filho, de 62 anos. SP1. Primeiro anúncio de uma morte por Covid-19 no Brasil completa um ano. **G1**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/17/anuncio-da-primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-completa-um-ano.ghtml>>. Acesso em: 04 maio 2021. A primeira ação diaconal de uma comunidade da IECLB que foi publicada aconteceu dia 23 de março de 2020, a qual foi promovida pela comunidade de Teófilo Otoni- MG (Sínodo Sudeste), a qual fez uma doação de 1500 máscaras para um hospital. COMUNIDADE EVANGÉLICA DE TEÓFILO OTONI. Sobre Pandemia - Confecção de máscaras em Teófilo Otoni/MG. **Luteranos**. 2020. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/eventos/teofilo-otoni/sobre-pandemia>>. Acesso em: 04 maio 2021. Naquele mês de março, foi publicada apenas mais uma ação diaconal acontecida na Comunidade de Rio Grande (Sínodo Sul Riograndense). COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFESSÃO LUTERANA DE RIO GRANDE. Atitude de solidariedade em tempos de coronavírus. **Luteranos**. 2020. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/noticias/atitude-de-solidariedade-em-tempos-de-coronavirus>>. Acesso em: 04 maio 2021.

Figura 14 - Envolvimento dos membros e comunidades com ações de combate ao COVID-19

Como você avalia o envolvimento de membros e comunidades do sínodo em ações de combate à pandemia do Corona Vírus (COVID-19).

18 respostas



Fonte: o autor

Segundo a Figura 14, a metade dos conselheiros sinodais da diaconia avaliaram como bom o envolvimento diaconal dos membros frente aos efeitos da pandemia, enquanto aproximadamente 39% deles avaliaram tal envolvimento como razoável. Apenas um conselheiro avaliou o envolvimento como ruim e da mesma forma, apenas um avaliou o comprometimento como excelente.⁴⁸⁰

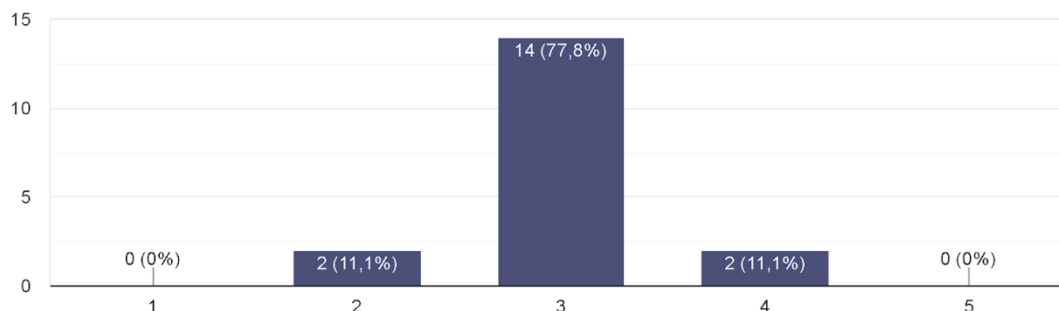
Se compararmos os dados da Figura 14 os da Figura 15, que demonstra o comprometimento diaconal dos membros e comunidades em tempos de normalidade, será possível identificar que o contexto extraordinário promovido pela pandemia teve um papel mobilizador, ou seja, os membros e comunidades se envolveram mais diaconalmente no período da pandemia do que em outros tempos e períodos. Quando os conselheiros sinodais foram perguntados a respeito do comprometimento diaconal dos membros em tempos de normalidade a grande maioria deles classificou tal comprometimento como razoável, conforme demonstra a Figura 15.

⁴⁸⁰ Os questionários foram respondidos pelos conselheiros diaconais dentro do período de 01 de Novembro de 2020 até 20 de Dezembro de 2020. Por tal motivo as avaliações têm como base o envolvimento dos membros e comunidades no período de Março de 2020 (início da pandemia) até o mês de Novembro de 2020 (data do início das respostas aos questionários).

Figura 15 - Comprometimento dos membros com a diaconia comunitária

De uma nota de 1 a 5, avalie o comprometimento dos membros em geral do sínodo com a diaconia comunitária.

18 respostas



Fonte: o autor

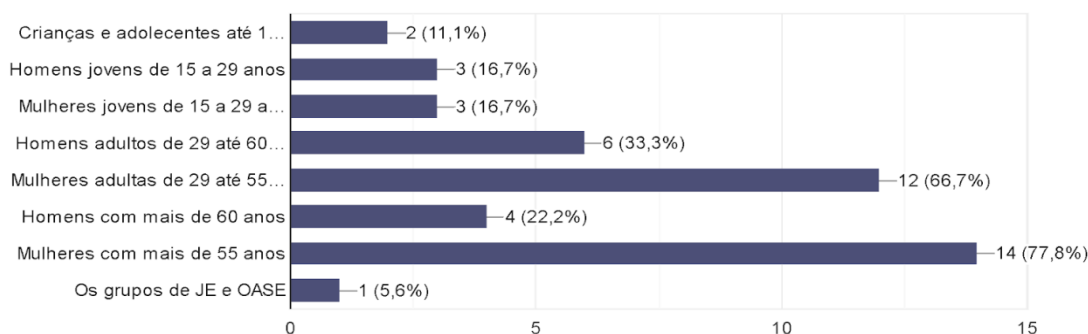
4.3 OS ATORES DIACONAIIS

Neste tópico, a atenção se concentra nas pessoas e grupos que fazem a diaconia comunitária acontecer. A Figura 16 descreve o perfil das pessoas e grupos etários que mais se envolvem com a diaconia nas comunidades de fé.

Figura 16 - Perfil das pessoas que mais se envolvem com a diaconia na IECLB

Qual é o perfil das pessoas que mais se envolvem com a diaconia no sínodo?

18 respostas



Fonte: o autor

Os dados mostram-se claros ao afirmar que o principal grupo de pessoas que se envolve com a diaconia comunitária na IECLB são as mulheres com mais de 55 anos (resposta dada por 14 Sínodos), o qual é seguido pelo grupo das mulheres adultas de 29 até 55 anos (resposta dada por 12 Sínodos). Os homens adultos de 29 a 60 anos ocupam o terceiro

lugar (resposta dada por 06 Sínodos) enquanto os homens com mais de 60 anos ocupam o quarto lugar (resposta dada por 04 Sínodos).

As informações colhidas pelos questionários são categóricas em afirmar que, na grande maioria dos Sínodos, são as mulheres que mais se dedicam a diaconia. Essa informação encontra ressonância no fato de que são os grupos de mulheres, especialmente grupos de OASE, que mais promoveram ações diaconais nos primeiros 4 meses da pandemia. O mesmo quadro se confirma quando comparamos o número de mulheres que ocupam as cadeiras do CONAD em relação ao número de homens. Dos 18 representantes sinodais da diaconia 14 são mulheres, enquanto 3 são homens.⁴⁸¹ No horizonte desse conjunto de dados, é possível afirmar que a diaconia comunitária na IECLB na atualidade é predominantemente assumida pelas mulheres. Também em nível da articulação, organização e reflexão em nível nacional, papel exercido especialmente pelo CONAD, com o apoio da coordenação de diaconia, que também tem na direção uma mulher,⁴⁸² a situação se repete.

A representante da OASE avalia positivamente o comprometimento diaconal das mulheres que participam dos grupos comunitários de OASE.

A maioria se envolve, não se envolve talvez pessoalmente. Por exemplo, “ah tá, nós vamos visitar fulana de tal, eles estão com dificuldade de comprar remédio”. Não é que a pessoa vai junto visitar, mas ela auxilia na compra do remédio. [...] Então existe várias maneiras de auxiliar, lógico, como em todo lugar né, existe pessoas que também não cooperam né, [...] mas isso eu diria que é um mínimo, o mínimo.⁴⁸³

As conclusões da diácona Sissi Georg em sua pesquisa de doutorado vão ao encontro do quadro exposto acima. A referida pesquisadora identificou que as mulheres geralmente dedicam-se mais à diaconia do que os homens.

As mulheres têm os traços de ajuda recíproca que se caracteriza pela troca de favores [...]. Elas também investem a maior fatia do seu orçamento na própria comunidade. Entretanto, as mulheres incluem ações diaconais na pauta de suas reuniões e no seu orçamento ordinário e extraordinário.⁴⁸⁴

A conclusão de Georg vai ao encontro da percepção emitida pelo representante da LELUT durante a entrevista. Ao ser perguntado se os homens em geral acatam as propostas

⁴⁸¹ Segundo a lista de conselheiros e conselheiras do CONAD que a pesquisa teve acesso, o Sínodo Amazônia esteve sem representante no ano de 2020, o qual deveria ser indicado. Por tal motivo só contabilizamos 17 conselheiros e conselheiras sinodais.

⁴⁸² A Diac. Ms. Carla Jandrey ocupa o cargo de Coordenadora de Diaconia e Inclusão desde 2015.

⁴⁸³ IVÂNIA. Nome fictício. Representante da Ordem das Senhoras Evangélicas - OASE. Entrevista realizada via videoconferência no dia 08 de Julho de 2020. Cf. ANEXO 8.

⁴⁸⁴ GEORG, 2006, p. 206.

de ações diaconais pontuais, ele respondeu: “[...] com muita dificuldade, muita dificuldade [...]”.⁴⁸⁵ Por fim, a diácona conclui: “enquanto os homens, de um modo geral, priorizam o trabalho voltado à comunidade, as mulheres intensificam o trabalho diaconal sem prejudicar o seu trabalho na comunidade”.⁴⁸⁶

Uma das explicações encontradas por Georg para a diferença do comprometimento diaconal entre mulheres e homens está localizada no papel desempenhado pelas respectivas agremiações que reúnem as mulheres e os homens na IECLB. A autora identificou que instituição OASE desenvolve com mais eficiência um processo contínuo de motivação para a prática da diaconia em seus grupos comunitários: “O próprio nome que designa o grupo de mulheres acaba sendo uma lembrete contínuo de que elas devem ser ajudadoras [...]. Tereza, a zeladora, referiu-se a isso, quando disse: ‘se nós não ajudar, porque nós somos OASE então?’”.⁴⁸⁷

A instituição OASE igualmente desempenhou o papel de motivador externo. A insistência da OASE sinodal de que os grupos de mulheres devam desenvolver trabalhos diaconais foi fortemente responsável pela articulação das senhoras do Várzea. Isso ficou ainda mais evidente com a situação que se criou por causa das críticas feitas pela OASE sinodal ao relatório do grupo, relatório de 2000. Poderia arriscar que faz parte da cidadania “oasiana” desenvolver trabalhos diaconais. O grupo que não o fizer, sofre um desmerecimento e “despatriamento” diante dos demais grupos.⁴⁸⁸

Ao passo que a agremiação das mulheres tem na diaconia a sua identidade, a agremiação dos homens, a LELUT, tem na manutenção da comunidade sua prioridade. Ou seja, enquanto a OASE assume a diaconia como uma de suas prioridades missionárias, a LELUT identifica que seu papel é amparar a comunidade como um todo.⁴⁸⁹ O resultado é que a instituição OASE cumpre com maior eficácia seu papel de motivadora diaconal externa em comparação com a LELUT.

A avaliação de que na atualidade, são predominantemente, não exclusivamente, as mulheres que assumem a tarefa diaconal da igreja está em consonância com a própria história da fé cristã, da igreja e da diaconia na IECLB. Para a teóloga Ivoni Richter Reimer, é possível perceber o protagonismo das mulheres já no ministério de Jesus Cristo:

⁴⁸⁵ RODOLFO. Nome fictício. Representante da Legião Evangélica Luterana - LELUT. Entrevista realizada cidade de Estância Velha – RS, no dia 11 de Julho de 2020. Cf. ANEXO 5.

⁴⁸⁶ GEORG, 2006, p. 208.

⁴⁸⁷ GEORG, 2006, p. 204.

⁴⁸⁸ GEORG, 2006, p. 204.

⁴⁸⁹ RODOLFO, cf. ANEXO 5.

Maria de Magdala vivenciou, junto a Jesus, a libertação de todas as formas de opressão e dominação: ela foi totalmente curada e salva! A partir de então, passou a segui-lo, juntamente com Suzana, Joana e muitas outras mulheres, que tudo abandonaram para tanto. Acompanharam Jesus desde os inícios, na Galileia, até o final na cruz em Jerusalém e o novo recomeço como testemunhas de sua morte e ressurreição (Mc 15,40 – 16,11), na função de “apóstolas dos apóstolos” (Mt 28,7; Lc 28,8-10; 20,18).⁴⁹⁰

O protagonismo feminino se repete na vida das primeiras comunidades cristãs. Para a teóloga Schüssler Fiorenza, a mulher exercia um papel fundamental na celebração dos ágapes, principal celebração litúrgica-diaconal da igreja dos primeiros séculos. Enquanto que nas celebrações judaicas as mulheres eram, até mesmo, proibidas de acessar alguns espaços do templo, nas celebrações cristãs elas eram por vezes as anfitriãs, possivelmente presidindo algumas reuniões.⁴⁹¹ Deve ser registrado, porém, que devido às relações assimétricas de poder entre homens e mulheres, que perdurou ao longo da história da sociedade e da igreja, relações estas determinadas por uma sociedade machista e patriarcal, a importância das mulheres para a fé cristã foi sendo ofuscada, apagada e conseqüentemente esquecida.

Sabemos, por exemplo, que houve mulheres discípulas de Jesus (Mt 27,55; Mc 15,41). Sabemos também que mulheres foram as primeiras testemunhas da ressurreição (Mc 16,9; Mt 28,1ss.; Lc 24,1ss.; Jo 20). No entanto, nenhuma mulher faz parte do círculo dos doze. Jesus curou mulheres, teve conversas com elas, trata delas e de seu mundo em muitas parábolas, mas em nenhuma parte dos evangelhos nos é relatada com detalhes a vocação de uma mulher. Parece que só homens são vocacionados. A mulher entra na base do jeitinho no discipulado... Os evangelhos sabem que mulheres são as primeiras a descobrir o sepulcro vazio na manhã da Páscoa, mas, para eles, as verdadeiras testemunhas são homens. A mulher é mero pingente do homem. Em Marcos, capítulo 14,3-9, nos é narrada a cena da mulher que unge a Jesus, proclamando-o como o Cristo. No v. 9 é dito: “Onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.” A triste realidade, porém, é que não sabemos qual o seu nome. Foi esquecido... era mulher.⁴⁹²

O fato de serem especialmente as mulheres com mais de 55 anos o grupo mais comprometido com a diaconia comunitária na IECLB, isso representa possibilidades, mas também riscos e indicativos. Georg identificou na comunidade por ela pesquisada uma gradativa transferência da responsabilidade diaconal e da tarefa diaconal do presbitério para as mulheres. Para Georg “elas assumem o que, aos olhos do Presbitério, é secundário”.⁴⁹³

⁴⁹⁰ RICHTER REIMER, Ivoni. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres**: textos, interpretações e história. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2013. p. 76.

⁴⁹¹ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. Tradução: Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009. p. 197.

⁴⁹² DREHER, Martin N. O Novo Testamento escrito por homens, e a mulher na história da Igreja. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 30, n. 3, p. 273-287, 1990. p. 276-277.

⁴⁹³ GEORG, 2006, p. 195.

1) O presbitério pode omitir-se gradativamente de sua tarefa diaconal, afastando ainda mais a possibilidade de ser criador e cooperador na ação diaconal comunitária. 2) pode estar embutida a ideia de que a diaconia é algo secundário, não prioritário dentro de uma comunidade cristã. 3) Sendo secundária, assim como as outras coisas consideradas secundárias, a ação diaconal passaria a ser delegada para as mulheres.⁴⁹⁴

A tese levantada por Georg de que a diaconia é majoritariamente assumida pelas mulheres porque o presbitério, em sua maioria composto por homens, a considera secundária, vai ao encontro da argumentação desenvolvida por Marilu Menezes e Carlos G. Bock, quando os mesmos analisam realidades pertencentes à diaconia institucional na IECLB.

Na relação entre governança e gênero encontramos outro dado revelador: as diretorias são formadas majoritariamente por homens (60%) e as equipes de colaboradoras são formadas por uma ampla maioria de mulheres (70%). A rigor, a maior presença masculina em instâncias de decisão e a maior presença feminina em espaços de atuação prática não se restringem tão somente à diaconia, mas se aplicam às diferentes dimensões da vida da igreja. Estamos ainda diante de um quadro em que o público pertence aos homens e o privado às mulheres. Suspeitamos que estes dados aplicam-se também às demais igrejas brasileiras e latino-americanas, e eventualmente à ecumene global. Assim, uma futura política de gênero aplicada à diaconia deverá buscar condições para que as mulheres assumam cada vez mais espaços de gestão e que cada vez mais homens venham a se envolver nas tarefas cotidianas de servir.⁴⁹⁵

Não é objetivo desta pesquisa aprofundar a temática relativa à relação entre diaconia e gênero, a delimitação não nos permite. Mesmo assim, com o objetivo de conhecermos com maior profundidade o perfil dos atores e atoras diaconais, bem como as características das ações diaconais assumidas por eles, analisaremos as diferenças e semelhanças entre a diaconia assumida pelas mulheres e pelos homens nas comunidades da IECLB.

4.3.1. OS ATORES E AS ATRIZES DIACONAIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Para Sissi Georg, além de serem as mulheres que mais se envolvem com a diaconia, há uma flagrante diferença no perfil da diaconia articulada pelos dois grupos. Na compreensão da autora, as mulheres têm maior facilidade em propor e articular ações diaconais para fora do âmbito eclesial local, enquanto que as ações articuladas pelos homens geralmente focam a manutenção da própria comunidade. Além disso, “[...]as mulheres são mais acolhedoras com pessoas novas que chegam ao grupo”.⁴⁹⁶ Neste contexto, a autora concluiu que “os homens parecem necessitar de um trabalho mais intensivo sobre

⁴⁹⁴ GEORG, 2006, p. 209.

⁴⁹⁵ MENEZES, BOCK, 2012, p. 617.

⁴⁹⁶ GEORG, 2006, p. 206-207.

diaconia para que se disponham a oferecer seus dons também para fora do âmbito eclesialístico”.⁴⁹⁷

Há também uma diferença em relação à percepção sobre as demandas diaconais provindas da realidade externa à comunidade:

As lideranças masculinas pouco refletem sobre a realidade externa, a não ser para mencionar a violência, ou quando chega uma solicitação de alguém “de fora”. Elas procuram romper o limite entre o “dentro” e o “fora”, reunindo alimento, confeccionando objetos e doando-os a pessoas de fora da comunidade, desconhecidas. Assim, as mulheres acabam por estabelecer vínculos com instituições pública, como a casa de saúde local, e com instituições eclesialísticas, algumas via pagamento de carnê.⁴⁹⁸

A percepção relacionada à realidade externa é fundamental para a articulação de uma diaconia que vai além dos muros da própria comunidade. Sem o conhecimento a respeito das misérias da sociedade, das pessoas famintas, desabrigadas, abandonadas, enlutadas, entre tantas outras, dificilmente a comunidade será despertada para a necessidade de entender a sua ação diaconal aos de fora. O acesso ao conhecimento acerca das realidades externas passa também por um processo continuado de formação. A suspeita de Georg é que a diferença na forma como os homens e as mulheres da IECLB assumem a diaconia, está ligada ao diferente processo de formação oferecido aos dois grupos.

A discrepância existente entre a formação que as mulheres e os homens recebem na igreja pode ajudar a explicar as diferenças referidas acima. O fato de as mulheres pertencerem à Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas e, com isso, terem mais oportunidades de realizarem estudos bíblicos, reflexões temáticas, intercâmbio com outros grupos, de receberem continuamente “empurrões” para ações de misericórdia e de justiça, certamente faz muita diferença.⁴⁹⁹

Em suma, para Georg a formação, experimentada especialmente a partir das agremiações, explica em parte a diferença no perfil da diaconia assumida pelas mulheres e pelos homens.

4.3.2 A DIACONIA ASSUMIDA PELO PÚBLICO JOVEM

Na compreensão da representante da JE, a juventude tem em si uma inclinação natural para a diaconia, a qual tem a ver com a faixa etária: “[...] a juventude [...] é motivada sempre a partir da ação né, isso não só na juventude da Igreja da IECLB, mas num todo né,

⁴⁹⁷ GEORG, 2006, p. 208.

⁴⁹⁸ GEORG, 2006, p. 208.

⁴⁹⁹ GEORG, 2006, p. 209.

juventude é aquela faixa etária da vida que o pessoal quer sempre fazer alguma coisa, se mobilizar, enfim”.⁵⁰⁰ Por outro lado, na compreensão de Isabella, os grupos de JE tem uma necessidade maior de contar com motivadores diaconais externos estimulam os grupos constantemente: “[...] a gente sente que precisa ter um estímulo constante [...]”.⁵⁰¹ Nesse contexto, o CONAJE⁵⁰² desempenha o importante papel de propulsor externo, com vista a motivar os grupos de JE para a práxis diaconal, especialmente através de atividades de formação e vivências.

Entre todos os públicos que participam da IECLB, é o público jovem que mais tem refletido intencionalmente o assunto da diaconia nos últimos anos. Neste contexto, propostas articuladas pela sua coordenação nacional, em parceria com outros conselhos como o CONAD e a Coordenação de Diaconia, movimentaram a discussão relacionada a temas da diaconia entre grupos de jovens de todo o Brasil. Neste quesito, destaca-se a campanha *Juventudes e Diaconia*, a qual foi lançada em julho de 2016 durante o XXIII Congrenaje, principal evento nacional da Juventude Luterana. O projeto que esteve dentro de um conjunto de ações em comemoração aos 500 anos da reforma luterana, teve como objetivo inserir a discussão sobre diaconia nos encontros dos grupos de jovens da IECLB. O projeto propôs para os grupos de JE a articulação de ações diaconais em rede, tendo como objetivo que todos os grupos articulassem pelo menos uma ação diaconal até o dia 31 de outubro de 2017, data da comemoração dos 500 anos da reforma Protestante.⁵⁰³ A pessoa representante da Juventude Evangélica descreve a campanha dentro de um recorte histórico:

[...] essa campanha [...] iniciou em 2015 e a gente caminhou com ela mais ou menos então até 2017 [...]. O Congrenaje de 2018 foi mais ou menos o fechamento dela né. Nós fizemos (incompreensível) uma formação a nível nacional com jovens de todos os Sínodos, nossa intenção era trabalhar com a juventude de todos os Sínodos, englobar a juventude de todos os Sínodos, apenas um Sínodo que não participou dessa formação a nível nacional. Então a gente pode dizer que os outros dezessete Sínodos foram alcançados, pelo menos uma pessoa. [...] trabalhamos com pessoas de dezessete Sínodos da IECLB sobre o que é Diaconia, o que é motivação então da Diaconia né [...]. [...] as pessoas que vieram pra formação voltaram para seus Sínodos [...] então motivaram as comunidades que pensassem junto, que não só o grupo de jovens (incompreensível), mas a comunidade como um todo em conjunto,

⁵⁰⁰ ISABELLA. Nome fictício. Representante da Juventude Evangélica - JE. Entrevista realizada via videoconferência no dia 29 de Setembro de 2020. Cf. ANEXO 6.

⁵⁰¹ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵⁰² Coordenação Nacional da Juventude - CONAJE.

⁵⁰³ IECLB. *Juventudes e Diaconia: Livres para transformar o mundo*. 2017. **Luteranos**. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/juventude-evangelica/informativo-juventudes-e-diaconia>. Acesso em: 10 jun. 2020.

também ações diaconais. [...] alguns Sínodos então desenvolveram ações muito interessantes e outros Sínodos não avançaram tanto [...].⁵⁰⁴

Os resultados da campanha Juventudes e Diaconia foram bem avaliados, o que motivou as lideranças da Juventude da IECLB a encontrar uma campanha que pudesse dar continuidade a ideia central do projeto. Surge aí a campanha Juventudes e Pessoas Idosas. “[...] nessa campanha ‘Juventudes e Pessoas Idosas’, que é também um segmento da campanha ‘Juventude e Diaconia’ né, nós vimos bastante ações [...] de cuidado com a pessoa idosa e olhar pra pessoa idosa [...]”.⁵⁰⁵ A principal motivação para essa campanha deriva da percepção de lideranças juvenis sobre o proporcional envelhecimento da população brasileira e dos membros da IECLB, bem como das implicações que o fato representa na prática:

Motivos para estudar o tema não faltam, a começar pelas mudanças demográficas que o mundo está passando. No Brasil, o processo de envelhecimento está ocorrendo de forma acelerada: segundo projeções do IBGE, até 2050 uma em cada três pessoas no país terão mais de 65 anos. Até o ano de 2000, era uma em cada doze pessoas! Esse fenômeno também é observado entre as pessoas membro da IECLB. É cada vez mais predominante a participação de pessoas idosas em cultos e outras atividades comunitárias.⁵⁰⁶

Para Célio, a Juventude Evangélica se destaca, entre todos os outros grupos existentes na IECLB, quando o critério é o esforço e a capacidade de assumir temas diaconais em suas formações nacionais e sinodais e no comprometimento em executar ações diaconais em suas respectivas comunidades. “Então a JE sim tem comprado as ideias e daí localmente executando as suas ações né”.⁵⁰⁷

Quando visualizamos as temáticas diaconais trabalhadas pela JE em seus encontros nacionais e sinodais e as comparamos com as temáticas diaconais trabalhadas pelo grupos da OASE, por exemplo, é possível perceber uma diferença substancial no perfil destas ações. No Congrenaje de 2018, o qual é o principal evento em nível nacional da JE, foram trabalhados nas mesas temáticas temas como o saneamento básico, direito a água, direito e acesso a comunicação, direito a terra, justiça de gênero, a questão da justiça ambiental, entre outros.⁵⁰⁸ Ou seja, boa parte dos temas diaconais, para não dizer a maioria deles, está ligada à perspectiva de uma diaconia profética, transformadora, que busca superar os limites

⁵⁰⁴ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵⁰⁵ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵⁰⁶ GENEHR, Ana Paula; et al. **Juventudes e Pessoas Idosas**: uma continuação do Projeto Juventudes e Pessoas Idosas: livros para transformar o mundo. Porto Alegre: FLM/Secretária de Ação Comunitária da IECLB, 2020. p. 05.

⁵⁰⁷ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁵⁰⁸ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

institucionais das comunidades. Em nível sinodal, as formações diaconais promovidas pela juventude parecem seguir a mesma linha. Em nível da execução das ações também é possível perceber uma diferença. Enquanto os grupos da OASE focam sua atuação em ações diaconais mais assistenciais, como na visitação, na promoção de brechós solidários, campanhas de agasalho, distribuição de cestas básicas, a Juventude ensaia iniciativas em outras perspectivas diaconais, como em projetos de reflorestamento, mobilizações em prol de direitos, ações de apoio a movimentos sociais, entre outros.

Para Isabella, que é ligada à Coordenação Nacional da Juventude (CONAJE), acredita que uma explicação, para a diferença no perfil predominante das ações diaconais assumidas pelos jovens, pode ser encontrada num ímpeto natural que faz parte da juventude, mas também nos processo de formação que ajudam esclarecer que diaconia não se resume a sua dimensão assistencial. A juventude “[...] é esse grupo que quer agir, que quer fazer coisas... e tem esses espírito de mudança, de transformação nato dentro de si né [...]”.⁵⁰⁹

[...] eu acho que é uma coisa tá muito intrínseca da juventude assim né, essa questão, e ao mesmo tempo eu acredito também que... justamente esses processos de formação sobre Diaconia e mostrar pra juventude que a Diaconia não é simplesmente um assistencialismo [...].⁵¹⁰

Ao mesmo tempo que a juventude se mostra aberta para trabalhar várias temáticas diaconais de caráter profético e transformador, existe um conjunto de temáticas que não é assimilada por ao parte dos grupos. Na compreensão de Isabella, muitos grupos de jovens que compartilham realidades rurais não estão dispostos a trabalhar temáticas que representam oposição a lógica do agronegócio, da monocultura e do latifúndio. “[...] é um bloqueio assim, tu não consegue mais (incompreensível), por que elas acham que tu tá contra o que elas estão fazendo. [...] então assim temos muitos bloqueios (incompreensível), a gente percebe bastante dificuldades em algumas questões”.⁵¹¹ Em outro momento da entrevista, a mesma pessoa entrevistada retoma o assunto:

[...] esses dias a gente estava numa reunião de planejamento, estávamos falando então da questão de uma produção agroecológica, etc e etc, e aí já chegou essa questão: “tá, mas como a gente vai trabalhar isso? Porque se a gente largar dessa forma já vai ter um bloqueio, o pessoal não vai se abrir pra conversar né”. E é bem

⁵⁰⁹ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵¹⁰ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵¹¹ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

isso assim, então é geral essa ideia assim, e de fato nesse tema assim da agricultura ele pesa bastante.⁵¹²

O bloqueio identificado por Isabella compromete o debate sobre temas importantíssimos para a diaconia comunitária na IECLB. Debates necessários em torno das contribuições da agroecologia, da produção orgânica, da alimentação saudável, da concentração agrária no Brasil, da democratização do acesso a terra,⁵¹³ do uso excessivo de agrotóxicos, enfrentam grandes dificuldades de serem assumidos pela JE.

Isabella suspeita que uma das explicações para o bloqueio em debates sobre os temas antagônicos à lógica do agronegócio tem a ver com a necessidade de autoafirmação dos jovens. “[...] as pessoas parecem que querem [...], precisam se firmar, se autoafirmar né, e aí elas usam essa questão da agricultura, do latifundiário aí pra isso né”.⁵¹⁴ Em todo caso, essa questão pontual precisa ser aprofundada por pesquisas posteriores.

Além do grupo temático que faz oposição à lógica do agronegócio, Isabella identifica outros grupos temáticos e públicos que as juventudes têm dificuldades em articular ações diaconais. Os grupos de JE encontram dificuldades em dialogar e manifestar sua solidariedade com a população em situação de rua e a população carcerária.⁵¹⁵ Na compreensão de Isabella, a dificuldade que os grupos de JE enfrentam para dialogar com esses públicos deriva da distância que os separa. Para ela, as juventudes não conseguem dialogar diaconalmente com “[...] essas questões que estão [...] mais longe, longe da nossa realidade econômica, falando enquanto pessoa da IECLB, mas não longe da nossa realidade social né [...]”.⁵¹⁶

Se a distância é um dos fatores que impede que a sensibilidade e a consciência diaconal dos jovens seja despertadas, logo a proximidade deverá ter o efeito contrário. Identificar os elementos responsáveis pelo distanciamento, articular iniciativas para superá-los, promover encontros intencionais dos jovens com tais públicos, são possibilidades interessantes para impulsionar a diaconia comunitária nesse contexto. Ou seja, neste contexto, a promoção de encontros intencionais entre os jovens com pessoas e públicos em situação de vulnerabilidade e sofrimento, é uma possibilidade extremamente promissora para a superação

⁵¹² ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵¹³ “E eu acho que é um tema delicado também a questão do direito a terra, do acesso à terra também, e aí entra na questão do agronegócio né, não tá desvinculado um do outro, mas eu acho que é um assunto difícil também ainda”. ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵¹⁴ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵¹⁵ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵¹⁶ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

de determinados estigmas e preconceitos e para o despertar da sensibilidade e consciência diaconal. Tal discussão será feita no próximo capítulo.

4.3.3 A DIACONIA ASSUMIDA PELOS MINISTROS E MINISTRAS

O presente tópico discute a importância que os ministros e ministras ocupam para o desenvolvimento da diaconia nas comunidades das IECLB.

A presente pesquisa consultou representantes das três principais agremiações na IECLB acerca da importância dos ministros e ministras ordenadas para o desenvolvimento da diaconia comunitária, em seus respectivos contextos. As respostas foram unânimes em considerar a postura do ministro ou da ministra, independentemente da ênfase ministerial, determinante, tanto para a dinâmica cotidiana dos próprios grupos como para o comprometimento deles com a diaconia comunitária.

Em relação à importância do ministro ou ministra ordenada para que os grupos de OASE desenvolvam ações diaconais, uma pesquisadora entrevistada que atuou por muitos anos na assessoria a grupos de OASE, afirmou o seguinte: “[...] se o pastor não tem uma visão diaconal, a OASE também não vai ter. Quer dizer o pastor, o líder né, os membros ainda olham muito para o pastor, o pastor ainda é aquela figura que é determinante. [...] É a liderança forte”.⁵¹⁷ Na mesma direção, vai a afirmação do representante da LELUT: “Sim, tudo, tudo! Mas é lógico, ele tem que puxar dentro da prédica, isso é possível, é só você querer, você tem que puxar para dentro da prédica o assunto diaconal”.⁵¹⁸ A representante da juventude destaca a importância do ministério ordenado para a própria existência e desenvolvimento dos grupos de JE: “[...] por mais que a gente não queira, o ministro e a ministra é um peça fundamental pro diálogo com o grupo né, tanto dos grupos da comunidade, quanto a gente via no CONAJE nos Sínodos né”.⁵¹⁹

As dezoito pessoas representantes da diaconia comunitária foram perguntados a acerca de como eles avaliam o comprometimento dos ministros e ministras ordenadas com a diaconia comunitária, o resumo das respostas pode ser visualizado na Figura 17:

⁵¹⁷ TAIANA, cf. ANEXO 7.

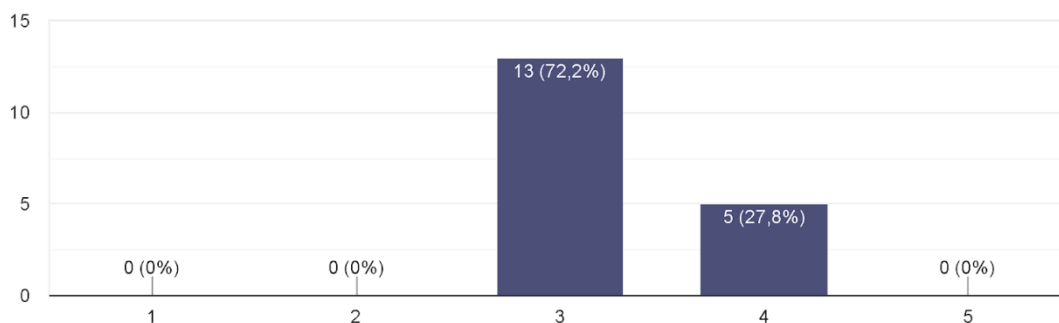
⁵¹⁸ RODOLFO, cf. ANEXO 5.

⁵¹⁹ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

Figura 17 - Comprometimento dos ministros e ministras com a diaconia comunitária

De 1 a 5, avalie o comprometimento dos/as ministros/as ordenados do sínodo com a diaconia comunitária.

18 respostas



Fonte: o autor

Conforme a Figura 17, a grande maioria dos representantes sinodais avaliaram o comprometimento dos ministros e ministras com a diaconia como “razoável”, enquanto que os demais a classificaram como “boa”.

Os representantes da Juventude e da LELUT avaliam negativamente a atuação dos ministros e ministras com a diaconia na atualidade. Para eles, um dos principais obstáculos que a diaconia comunitária encontra na atualidade está ligada à falta de comprometimento de muitos ministros e ministras com a diaconia. Em relação a isso, a representante da JE afirmou o seguinte: “[...] é uma queixa muito frequente assim, de falta de apoio de Ministros e Ministras para o trabalho com a juventude, pras ações da juventude [...]”.⁵²⁰ A afirmação do representante da LELUT segue a mesma direção: “Olha, eu acho o seguinte: se nós tivéssemos mentores obreiros como Jesus falou, e os apóstolos falaram, que fosse a frente, nós íamos conseguir muita colaboração, mas também esses também faltam”.⁵²¹

A percepção de que os ministros e ministras ordenadas deixam a desejar em termos que comprometimento com a diaconia é frequente nas memórias das reuniões anuais ordinárias do CONAD. Em 2011, participantes do CONAD registraram que a “falta de conhecimento e sensibilização de ministros e ministras e lideranças em relação a diaconia”,⁵²² é um dos elementos que dificultam um desenvolvimento maior da diaconia nas comunidades

⁵²⁰ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵²¹ RODOLFO, cf. ANEXO 5.

⁵²² IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da secretária de ação comunitária da IECLB. 2011.

da IECLB. A reunião de 2012 salienta essa mesma questão, além de frisar que é necessário um “envolvimento maior de ministros e ministras”.⁵²³ A memória de 2014 por quatro vezes aborda temas envolvendo diretamente a falta de comprometimento de ministros e ministras com temas relacionados a diaconia:

[...] o envolvimento dos ministros e das ministras. [...] Pouca colaboração e envolvimento de leigos e ministros e ministras; ministros e ministras não auxiliam na tarefa\formação. [...] o material para o Dia Nacional da Diaconia é pouco usado por ministros/as. [...].⁵²⁴

Na compreensão de Fernanda, a qual é diácona, existe uma espécie de concorrência ou má comunicação entre os ministros e ministras das diversas ênfases, o que acaba atrapalhando o desenvolvimento da diaconia nas comunidades:

Então, eu vejo assim: que tem... nas comunidades tá se refletindo diaconia e alguns materiais que a igreja prepara são trabalhados, mas também é... nem todos os ministros e ministras abraçam por que daí se pensa; " ah mas esse é um trabalho diaconal e não é da minha competência, né!" Ou então que: "se eu vou fazer isso porque a paróquia tem que contratar alguém que é do ministério diaconal pra fazer isso?".⁵²⁵

Além dos obstáculos descritos acima, algumas pessoas entrevistadas sustentam que a predominância do ministério pastoral frente aos demais ainda representa um dos principais entraves para o desenvolvimento da diaconia comunitária. “[...] ainda existe essa barreira: a visão muito pastorcêntrica”.⁵²⁶ Quando perguntado sobre as manifestações práticas desta visão o entrevistado responde: “uma delas é que não dá espaço para outros ministérios, não dá espaço para concretização dos outros ministérios, talvez entendam uma competição, que a gente quer chegar lá e competir no parquinho deles, mas não é bem assim a história né”.⁵²⁷ Na compreensão de Fernanda, há fortes indícios que os pastores e pastoras articulam as vagas ministeriais com o intuito de priorizar o ministério pastoral.⁵²⁸

Para Georg, um dos elementos que dificulta a assimilação de questões concernentes a diaconia pelos ministros e ministras de outras ênfases é uma lacuna na formação teológica. “A formação teológica que pastores, pastoras e catequistas tiveram até por volta do ano de 2000, não incluía explicitamente a formação diaconal. Resulta disso uma lacuna na formação

⁵²³ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da secretária de ação comunitária da IECLB. 2012.

⁵²⁴ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da secretária de ação comunitária da IECLB. 2014.

⁵²⁵ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

⁵²⁶ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁵²⁷ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁵²⁸ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

teológica [...]”.⁵²⁹ O testemunho da entrevistada Jaiane, a qual é pastora embora trabalha e pesquisa na área da diaconia, corrobora com o argumento de Georg:

[...] falando assim muito abertamente, porque eu fui pro trabalho ministerial completamente desconectada dos outros ministérios né, ainda que convivendo com colegas, ainda que reconhecendo mas... pouquíssima orientação ou construção de uma visão sobre a interseccionalidade desses ministérios e desses saberes, eu acho que nós falhamos muito (incompreensível). Acho que a construção foi super importante assim de vanguarda, agora nós não conseguimos enquanto igreja resolver a resistência e o pastorcentrismo né, muito forte [...].⁵³⁰

No entanto, o pastorcentrismo parece não ser o único problema que aflige o ministério diaconal, na compreensão do diácono Célio existem questões de ordem internas que representam empecilhos. O entrevistado faz uma autoanálise a respeito do comportamento do próprio corpo de diáconos e diáconas IECLB. Para ele, existe uma espécie timidez por parte das lideranças diaconais ordenadas, a qual representa um empecilho para um desenvolvimento maior da diaconia.

Nós somos muito tímidos nesse sentido também, nós podemos ir, continuar fazendo frente aquilo que uma época atrás aconteceu, por que não? nós temos um exemplo, uma comunidade lá, você já deve ter lido sobre Balsas, que a comunidade nasce de uma forma completamente diferente, ela nasce a partir de um projeto de horta comunitária e não só e não só gerou uma comunidade, Balsas vai além eu acho que consegue fazer com que um contexto todo aprenda que comer alface é bom né, e comer tomate é bom né (risadas), que, enfim, vai além, vai um pouquinho além. A gente tem medo de falar das coisas e por isso se cala de tudo, é... nós temos bom conteúdo, nós temos bons argumentos, mas na hora de fazer isso frutificar a gente ainda precisa avançar.⁵³¹

Os dados obtidos pelas entrevistas, análise de atas e questionários são unânimes em afirmar que os ministros e ministras ordenados, independente da ênfase, têm um papel fundamental para o desenvolvimento da diaconia comunitária. Tal papel nem sempre é assumido como poderia se esperar. No entanto, a constatação da centralidade dos ministros e ministras para a promoção da diaconia comunitária aponta para a necessidade de permanecer insistindo na proposta do ministério compartilhado. A diaconia comunitária na IECLB necessita de ministros e ministras que se dedicam especialmente à facilitação e a articulação da diaconia no horizonte do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Para a maioria das pessoas entrevistadas, a superação dos obstáculos ligados ao ministério diaconal ordenado passa pelo investimento na formação teológica, no esforço contínuo para superar os

⁵²⁹ GEORG, 2006, p. 215.

⁵³⁰ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁵³¹ CÉLIO, cf ANEXO 4.

problemas atuais que envolvem a proposta do ministério compartilhado e ainda no investimento na formação voltada para o sacerdócio geral.

4.4 O PERFIL DAS COMUNIDADES DA IECLB E A DIACONIA COMUNITÁRIA

Na compreensão da diácona Sissi Georg, a pergunta referente ao lugar e a importância que a diaconia ocupa na vivência comunitária precisa ser feita constantemente.

[...] somos motivadas e motivados a nos questionar sobre qual é o lugar e a importância da diaconia na nossa vivência comunitária. [...] Para responder a esta pergunta não precisamos permanecer tão somente no nível ideal, que, entretanto, já está bem difundido e aceito, ou seja, que a diaconia é uma dimensão essencial e inerente da vida comunitária. Dificilmente uma comunidade cristã não vai ter alguma expressão ou prática diaconal que possa ser descrita, apresentada ou compartilhada. Tais práticas são importantes e precisam ser valorizadas no âmbito comunitário.

A questão, porém, é em que medida estas práticas são efetivamente um compromisso apropriado, assumido e apoiado pela comunidade - ou são iniciativas de pessoas ou de grupos, ou ainda de profissionais pagos pela comunidade, mesmo diáconos diáconas e diaconisas, que assumem a tarefa em lugar da comunidade?⁵³²

De acordo com Georg, mais do que articular algumas ações diaconais esporádicas as comunidades são chamadas a terem na diaconia sua própria identidade comunitária. Quanto mais a diaconia representar um elemento medular na organização e articulação da vivência comunitária cotidiana, tanto mais a comunidade conseguirá se expressar diaconalmente no mundo. “A comunidade tem a tarefa de ser um contexto diferenciado, não somente por apresentar um discurso diferente, mas pela forma como vive a diaconia a partir da comunidade”.⁵³³

Pode-se recorrer a relatos a respeito das primeiras comunidades cristãs para perceber que o grande volume de ações diaconais que as mesmas protagonizaram esteve diretamente ligada a densidade diaconal existente em sua vivência comunitária cotidiana: “o cuidado praticado entre os membros da comunidade torna-se o distintivo da igreja cristã dos primeiros tempos [...]”.⁵³⁴ O biblista Ildo Bohn Gass afirma que para Paulo, “na comunidade cristã, não haverá diferenças culturais, religiosas ou étnicas entre judeus e gregos, nem diferenças econômicas ou sociais entre escravos e livres, e nem a discriminação de sexo entre homens e mulheres”.⁵³⁵

⁵³² BOCK, 2013.

⁵³³ GEORG, 2006, p. 226.

⁵³⁴ GAEDE NETO, 2015, p. 317.

⁵³⁵ GASS, Ildo Bohn. **As comunidades cristãs da primeira geração**. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005. p. 140.

As primeiras comunidades cristãs foram verdadeiras células de resistência no seu contexto. O entendimento de comunidade como corpo de Cristo, defendida pelo apóstolo Paulo, incluía a todos como partes do corpo, independentemente de sexo, idade ou posição social. Assim, as comunidades cristãs se distinguiam da sociedade, que era patriarcal e desconsiderava os pobres, escravos, doentes, órfãos e as mulheres. A comunidade cristã organizou uma rede de solidariedade, a qual foi a principal responsável pela expansão da fé cristã. Com sua organização, questionou o Estado, imprevidente e omissivo, e a estrutura geradora de exclusão vigente na sociedade de então.⁵³⁶

Se para a igreja dos primeiros séculos o grande volume de ações diaconais estava ligado à densidade diaconal em sua própria organização e articulação interna, o contrário também é válido. Ao pesquisar uma comunidade específica da IECLB, Sissi Georg identificou pouca expressividade diaconal. Para ela, a baixa expressividade diaconal na comunidade pesquisada estava ligada à ausência de um modelo de comunidade diaconal na qual os membros pudessem se inspirar.

Por falta de modelos de comunidades diaconais, as lideranças ainda não desenvolveram iniciativas diaconais, nem assumiram a responsabilidade por providências diaconais tomadas isoladamente por pessoas da comunidade.[...] O que aconteceu de diaconal na comunidade no período da minha inserção, em última análise, fazia parte do modelo de comunidade que se tinha. Este, integra a diaconia de assistência, que se expressa na promoção de campanhas em favor de uma causa específica (para os flagelados das chuvas, o Recanto Palmitinhos, o Abrigo Materno-Infantil), no culto anual de ação de graças com o Ofertório in natura, destinado para uma instituição diaconal. Desse modelo de comunidade também faz parte que o grupo de mulheres da OASE esteja envolvido com ações diaconais.⁵³⁷

Ao fazer uma análise geral sobre a existência de comunidades diaconais no âmbito geral da IECLB Sissi Georg conclui: “a IECLB, como um todo, carece de modelos de comunidades diaconais. Como igreja, ela tem uma caminhada relativamente recente na reflexão sobre a diaconia, e, por conseguinte, sobre comunidades diaconais”.⁵³⁸

Ao que tudo indica, existem elementos nos bastidores das comunidades da IECLB que atrapalham o desenvolvimento de uma comunidade mais diaconal. Segundo os dados obtidos pelas entrevistas, o principal desses elementos é a mentalidade clubista. Para Fernanda, existem grupos dentro das comunidades de fé da IECLB que sustentam e promovem uma perspectiva clubista de comunidade.⁵³⁹ Para Taiana, a mentalidade clubista ainda não foi superada pela IECLB:

⁵³⁶ GEORG, 2006, p. 225-226.

⁵³⁷ GEORG, 2006, p. 212.

⁵³⁸ GEORG, 2006, p. 212.

⁵³⁹ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

[...] as comunidades, os membros das comunidades, elas são muito satisfeitas com o status quo, né? [...] uma falta, falta de visão para fora também né, [...] por exemplo, “ah... o que a Irmã vai fazer? Cuidar dos pobres? Nós não temos pobres, os pobres são os negros, isso não é nossa responsabilidade”. Então essa visão né, [...] é a visão clubista né.. que tantas vezes é condenada, mas a gente não sai disso né... nós só trabalhamos para nós.⁵⁴⁰

Na compreensão de Georg, por trás da mentalidade clubista existe uma tensão medular: “observa-se que na percepção do ‘nós’ e do ‘vocês’ há uma tensão entre conservar a identidade e o sentimento de pertença do grupo e tornar o grupo um gueto, isolado e excludente”.⁵⁴¹ Georg lembra que quanto mais a comunidade se parecer com uma sociedade recreativa mais risco de se fechar em si mesmo ela tem. Evidentemente, que naturalmente, uma comunidade cristã convencional preserva várias semelhanças com um clube recreativo.⁵⁴²

Nem todos os aspectos que envolvem a semelhança entre a comunidade cristã e um clube recreativo atrapalham a missão da comunidade cristã no mundo. No entanto, existem alguns que comprometem sua missão diaconal no mundo. Georg identificou na comunidade por ela pesquisada que a prioridade central do presbitério estava ligada à administração dos bens da comunidade. “A prioridade é cuidar do patrimônio, fazer melhoramentos e investir nas instalações”.⁵⁴³ Há um zelo excessivo pelos bens da comunidade. “O esforço feito pelos presbíteros e pelas mulheres é determinado por essa preocupação. Providenciar, garantir e realizar a manutenção material da comunidade é o centro para o qual empenham seus esforços”.⁵⁴⁴ Ao passo que há um zelo excessivo com os bens da comunidade, os outros elementos e aspectos que envolvem a vida comunitária tendem a ser considerados secundários. A formação e os setores de trabalho, que deveriam ser prioridades, ficam em segundo plano, recebendo apenas os recursos que sobram.⁵⁴⁵ Para Georg, o excessivo zelo pelos bens da comunidade dificulta ou até mesmo impede o desenvolvimento de uma visão a respeito da realidade externa à comunidade.

⁵⁴⁰ TAIANA, cf. ANEXO 7.

⁵⁴¹ GEORG, 2006, p. 197.

⁵⁴² Entre elas destaca-se que nas duas sociedades há membros que pagam suas contribuições financeiras (conforme a comunidade os membros que não conseguem pagar são excluídos), as duas têm uma diretoria eleita pelos membros a qual assume a administração dos bens e sua melhoria, nas duas acontece o pagamento dos funcionários e das despesas gerais. Nas duas constituições os investimentos beneficiam de forma direta os membros (GEORG, 2006, p.199). “Isso tudo pode estar indicando que a comunidade tem suas peculiaridades, sua identidade, sua marca pessoal, sua história. Mas pode revelar também que ela ainda não é tão aberta e acolhedora como ela mesma pensa ser, havendo aspectos a repensar”. (GEORG, 2006, p.198). Sissi Georg identificou que a relação entre “os de dentro” e “os de fora” ficou menos evidente no contexto do grupo da OASE (GEORG, 2006, p.199).

⁵⁴³ GEORG, 2006, p. 195.

⁵⁴⁴ GEORG, 2006, p. 211.

⁵⁴⁵ GEORG, 2006, p. 211.

O estar centrado no zelo pela manutenção material da comunidade pode tornar-se dispensável e secundário o contato com o mundo externo. Observou-se que não há uma reflexão nem um engajamento social, nem se prioriza hospedar eventos de outros grupos organizados.⁵⁴⁶

O critério predominante que serve para avaliar se a atuação do presbitério foi boa ou ruim é econômico. Logo aquilo que não dá lucro é considerado secundário, não prioritário, e por isso projetos com esse caráter são suspensos, cancelados, ou executados de qualquer jeito. Dentro dessa mentalidade, a execução de iniciativas e projetos diaconais representam prejuízos para a comunidade. “A diaconia tem pouco lugar num trabalho que se orienta pelo autobenefício, por levar vantagem, porque a diaconia acontece na doação a fundo perdido, aquela que não trará vantagem financeira ou material alguma para o grupo doador”.⁵⁴⁷

Georg identificou ainda outros elementos ligados à mentalidade clubista em sua pesquisa. Um desses elementos é o que ela chama de ofertas-reembolso. “O dinheiro doado pela comunidade cultural foi aplicado, por via de regra, na própria comunidade”.⁵⁴⁸ Ou seja, a oferta que deveria ser uma ação diaconal concreta da comunidade, ao ser direcionada para a sua própria manutenção, perde o caráter diaconal. Para a autora, a destinação das ofertas para a própria comunidade, por vezes representa um elemento que frustra os ideais solidários das que pessoas que os cultivam:

Priorizar a destinação de verbas em benefício da própria comunidade pode deixar dúvidas naqueles que cultivam ideais solidários. Suzana, que passou a pertencer à IECLB após o casamento, referiu-se a isso na entrevista individual. Na ocasião, ela se perguntava se seus ideais solidários, de uma igreja mais acolhedora e engajada socialmente, não eram fruto de sua inexperiência de vida comunitária.⁵⁴⁹

Outro elemento que está ligado à mentalidade clubista é a compreensão de que quem deve se colocar a serviço são apenas as pessoas que ocupam cargos na comunidade, logo todas as demais devem ser servidas.⁵⁵⁰ Neste caso, a comunidade em geral vive uma excessiva dependência das lideranças que ocupam cargos, as quais geralmente se sentem sobrecarregadas. Tal ideia está alinhada com o fenômeno do pastorcentrismo, quando há uma excessiva dependência do pastor ou dos demais ministros e ministras ordenadas. O principal problema que envolve essas duas situações é que elas inibem o desenvolvimento do sacerdócio geral de todas as pessoas, elemento básico da diaconia comunitária.

⁵⁴⁶ GEORG, 2006, p. 211.

⁵⁴⁷ GEORG, 2006, p. 197.

⁵⁴⁸ GEORG, 2006, p. 196.

⁵⁴⁹ GEORG, 2006, p. 201.

⁵⁵⁰ GEORG, 2006, p. 201.

Diante desse quadro, que coloca a mentalidade clubista como um dos principais obstáculos para o desenvolvimento de comunidades mais diaconais, sobram perguntas e faltam respostas. A primeira questão que surge provém da convicção de que uma comunidade só conseguirá ter uma boa densidade nas ações diaconais se a diaconia efetivamente fizer parte de sua organização e articulação interna, e especialmente estar presente na sua vivência comunitária cotidiana. A comunidade precisa viver diaconia para praticá-la. A lógica colocada pelo evangelista Mateus através da frase “a boca fala do que o coração está cheio” (Mt 12.34) cabe integralmente nesta situação. No entanto, como é possível promover e construir comunidades mais diaconais?

A pesquisadora entrevistada Jaiane compreende que a construção de comunidades diaconais passa pelo estabelecimento de processo de formação em diaconia, aberto para toda a comunidade, no horizonte do sacerdócio geral.⁵⁵¹ Por sua vez, o plano de ação missionária da IECLB reconhece a importância da formação para a construção de comunidades atrativas, inclusivas e missionárias, quando considera a formação com um dos três eixos transversais da articulação da missão da IECLB.⁵⁵² A conclusão alcançada por Georg vai na mesma direção ao afirmar a formação como o principal instrumento para a construção de comunidades diaconais, porém, para a autora, a formação precisa agregar outras dimensões para além do nível teórico e racional.

A formação impulsiona a diaconia porque proporciona a reflexão, constrói a conscientização e promove a sensibilização diaconal. A formação diaconal é um processo contínuo, que abrange não apenas a formação teórica e racional, mas integra propositadamente a formação na forma de vivência e de troca de experiências. Todos – os membros, as lideranças e o clero – necessitam de formação diaconal.⁵⁵³

A proposta feita pela autora é de que a formação deva integrar em si as dimensões das vivências e experiências diaconais, uma vez que o processo de sensibilização e conscientização diaconal não está restrito apenas ao nível racional. A partir dessa proposta, suspeitamos que a promoção intencional de encontros entre a comunidade e membros com contextos de vulnerabilidade e sofrimento, entendido e articulado como eixo transversal de processos de formação, representa um horizonte extremamente promissor no contexto da busca pela construção de comunidades diaconais.

⁵⁵¹ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁵⁵² PINTO, Homero Severo (Org.). **Missão de Deus**: nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 05-82.

⁵⁵³ GEORG, 2006, p. 215.

4.5 PERFIL GERAL DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB

A investigação conduzida pela pesquisadora Sissi Georg durante a sua pesquisa de doutorado é uma das mais aprofundadas no campo da diaconia comunitária na IECLB. Durante a sua inserção de um pouco mais de dois anos (abril de 2000-agosto de 2002)⁵⁵⁴ numa comunidade específica da IECLB, a pesquisadora identificou dois tipos de ações diaconais: “essas ações tinham o caráter assistencial ou de cuidado de pessoas conhecidas em situações específicas”.⁵⁵⁵ As ações de caráter assistencial podem ser divididas em dois tipos: o primeiro tipo se caracterizou por não exigir vínculo prévio entre as pessoas doadoras e as assistidas, tampouco visou estabelecer um vínculo permanente e comprometido. Um exemplo são doações feitas às pedintes e à população em situação de rua. O segundo tipo se caracteriza pela não necessidade de um vínculo prévio, por outro lado houve uma manutenção do vínculo por um certo tempo, a qual se caracteriza em termos concretos pela repetição das doações. Nesse tipo, agrupam-se as doações da comunidade às instituições beneficentes. Já as ações de cuidado de pessoas conhecidas em situações específicas (segundo tipo) foram observadas pela autora no trabalho de visitação promovido pela OASE e na presença de membros do grupo nos sepultamentos de pessoas conhecidas.⁵⁵⁶

Sissi Georg identifica uma diferença entre as ações diaconais assumidas por indivíduos e pela comunidade:

As ações diaconais feitas pelos indivíduos aconteciam de forma imprevista, espontânea. As ações executadas por um grupo ou pela comunidade foram motivadas por alguém ou requeridas por uma instância (a organização OASE, a IECLB, o Departamento de Juventude da IECLB, a Prefeitura Municipal).⁵⁵⁷

Durante o período de sua inserção, a pesquisadora não identificou trabalhos diaconais contínuos marcados pela manutenção do comprometimento entre doador e receptor: “não foram verificadas ações diaconais contínuas e que se caracterizassem por um comprometimento entre doador e receptor”.⁵⁵⁸ Entre os motivos para a ausência de ações diaconais que pressupunham continuidade e comprometimento, a autora identificou a ausência de um trabalho organizado de visitação e o predomínio absoluto de ações diaconais

⁵⁵⁴ GEORG, 2006, p. 163.

⁵⁵⁵ GEORG, 2006, p. 212.

⁵⁵⁶ GEORG, 2006, p. 212-213.

⁵⁵⁷ GEORG, 2006, p. 214.

⁵⁵⁸ GEORG, 2006, p. 214.

assistenciais. “Essa última é necessária, embora a diaconia cristã pergunte pelas causas do sofrimento, da pobreza e de todas as situações difíceis com que se defronta”.⁵⁵⁹

Georg identificou a quase ausência de uma visão a respeito das demandas diaconais colocadas pela sociedade à comunidade cristã.⁵⁶⁰ Para a autora, a ausência de tal visão impediu que a comunidade conseguisse desenvolver iniciativas diaconais que ultrapassassem o perfil assistencialista.⁵⁶¹ Do mesmo modo, a comunidade tinha pouco conhecimento a respeito de suas próprias realidades internas: “enquanto a comunidade não perceber e se der conta das demandas diaconais internas, dificilmente será capaz de captar e envolver-se nas demandas que orbitam ao redor de seu centro”.⁵⁶² Ou seja, o desconhecimento a respeito da realidade de seus próprios membros é um fator que compromete o desenvolvimento de uma visão diaconal sistêmica, capaz de perceber as realidades sociais mais amplas.

A conclusão alcançada por Sissi Georg a respeito do perfil predominante da diaconia desenvolvida pela comunidade por ela pesquisada está alinhada com a conclusão da presente pesquisa a respeito da diaconia comunitária na IECLB. Para a maioria das pessoas entrevistadas, o perfil predominante da diaconia comunitária na IECLB ainda é assistencialista.⁵⁶³

A preocupação com o perfil assistencialista da diaconia comunitária aparece nas memórias das reuniões ordinárias do CONAD: “Onde estão nossas falhas no momento em que ‘os atendidos’ não fazem parte da nossa igreja?”⁵⁶⁴. Segundo as palavras de Jaiane “[...] o assistencialismo é muito forte né, eu acho que a prática diaconal comunitária ainda tá muito, ainda é muito assistencialista e nesse momento da pandemia o risco de retornarmos com ações assistencialistas é muito forte né [...]”.⁵⁶⁵ A avaliação de Fernanda segue a mesma direção de Jaiane: “[...] também temos uma visão bastante assistencialista né”.⁵⁶⁶ A percepção de Sabrina está de acordo com as demais:

Então aí, isso tenho refletido junto com algumas pessoas da área do serviço social, que eles também tão percebendo isso, o risco de voltar de novo ter um tempo de

⁵⁵⁹ GEORG, 2006, p. 214.

⁵⁶⁰ GEORG, 2006, p. 199-200.

⁵⁶¹ GEORG, 2006, p. 201.

⁵⁶² GEORG, 2006, p. 199.

⁵⁶³ Em relação a essa questão não houve dissensos.

⁵⁶⁴ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2014.

⁵⁶⁵ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁵⁶⁶ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

forte assistencialismo né. Assistência tem a sua razão de ser né, tem que responder à necessidade, mas a gente tem que ir além disso né...⁵⁶⁷

Para boa parte das pessoas entrevistadas, o perfil assistencialista que predomina nas comunidades combina com a predominância de uma visão e compreensão de diaconia como serviço e subserviência.

[...] a gente tem também uma visão sobre a diaconia que é uma visão muito ainda do serviço né, [...] de uma subserviência né, que acaba mantendo as desigualdades, que acaba mantendo as pessoas apoiadas, dependentes durante um tempo muito longo né. Eu acho que esse é um obstáculo da compreensão mesmo da diaconia que se instalou na vida comunitária né, que acaba realizando aí muitas ações de apoio e ao mesmo tempo também reproduzindo dependência e desigualdades né, trocar isso também não é uma coisa muito fácil mas extremamente necessária introduzir esses diálogos.⁵⁶⁸

Para Jaiane, a compreensão da diaconia como serviço subserviente compromete sua capacidade transformadora, servindo de forma direta e indireta para a manutenção de contextos de injustiça e sofrimento. Para ela e outras pessoas entrevistadas, as possibilidades da diaconia comunitária conseguir superar seu perfil assistencialista e ampliar sua compreensão, para além do serviço e subserviência, está ligada a sua capacidade de dialogar, refletir e articular temáticas ligadas a problemáticas sociais como a questão do racismo, o campo das violências, o consumo responsável, a economia solidária, a relação entre diaconia e direitos humanos, e a participação nos espaços de direitos.⁵⁶⁹ “[...] é importante a reflexão junto também com as políticas públicas, da questão dos direitos das pessoas né, e aí entra a questão da Diaconia profética, Diaconia política né, que vai perguntar pelas causas de que a pessoa está nessa situação”.⁵⁷⁰

Memórias das reuniões ordinárias do CONAD apontam na mesma direção. Na compreensão dos conselheiros, a diaconia comunitária deve “[...] promover dignidade para que as pessoas possam trabalhar sozinhas, ensinar a ‘pescar’; oferecer capacitação para renda própria; Aproveitar as oportunidades que o setor público oferece”.⁵⁷¹

Os dados colhidos afirmam que a diaconia comunitária na IECLB tem um perfil predominantemente assistencialista, logo seu principal desafio é desenvolver uma dimensão sistêmica capaz de conciliar o cuidado imediato com as pessoas e contextos em situação de

⁵⁶⁷ SABRINA, cf. ANEXO 2.

⁵⁶⁸ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁵⁶⁹ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁵⁷⁰ SABRINA, cf. ANEXO 2.

⁵⁷¹ IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2014.

vulnerabilidade e sofrimento com a atenção às estruturas, sistemas e lógicas promotoras dessa situação. Além disso, o fato da diaconia ser quase que exclusivamente compreendida dentro da dimensão do serviço subserviente *intracomunitário*, desafia as comunidades a perceberem as demandas diaconais provindas dos contextos extracomunitários, desenvolvendo a diaconia dentro da perspectiva de mediação.

Tendo tais dados como pano de fundo, sem almejar dar uma resposta definitiva para todas as problemáticas até aqui expostas, buscando apenas jogar alguns lampejos de luzes no contexto diaconal presente, o próximo capítulo explora o fenômeno do encontro dos membros e das comunidades com contextos de sofrimento e injustiça, como oportunidade para o despertar da sensibilidade e consciência diaconal nas comunidades da IECLB.

5 DIACONIA DO ENCONTRO:⁵⁷² O FENÔMENO DO ENCONTRO DA COMUNIDADE COM CONTEXTOS DE SOFRIMENTO COMO ACONTECIMENTO POTENCIALMENTE DESENCADEADOR DA SENSIBILIDADE E CONSCIÊNCIA DIACONAL

O presente capítulo faz uma última avaliação do envolvimento diaconal dos membros da IECLB, tenta identificar alguns elementos que facilitam o despertar diaconal dos membros e comunidade da IECLB, e, por fim, busca compreender e discutir a importância que o fenômeno do encontro de membros e da comunidade de fé com contextos e situações de sofrimento e injustiça representa para o processo de despertar diaconal na IECLB.

5.1 O ENVOLVIMENTO DIACONAL GERAL DAS PESSOAS MEMBROS DA IECLB

A partir da análise de algumas entrevistas e também dos questionários respondidos pelos representantes sinodais da diaconia pode-se constatar que o grau do envolvimento diaconal nas comunidades varia conforme o grupo comunitário analisado. Tal discussão foi feita no capítulo anterior, a qual concluiu que são as mulheres com mais de 55 anos que mais se envolvem com a articulação e execução de ações diaconais comunitárias. O que nos interessa neste tópico é analisarmos o envolvimento diaconal dos membros em geral na IECLB. Em que medida a IECLB pode ser considerada uma igreja diaconal? Qual é a porcentagem dos membros que se envolvem regularmente em ações diaconais? De que forma as pessoas membros da IECLB compreendem a importância da diaconia em sua vida de fé? Tais perguntas serão as balizas da discussão apresentada neste tópico.

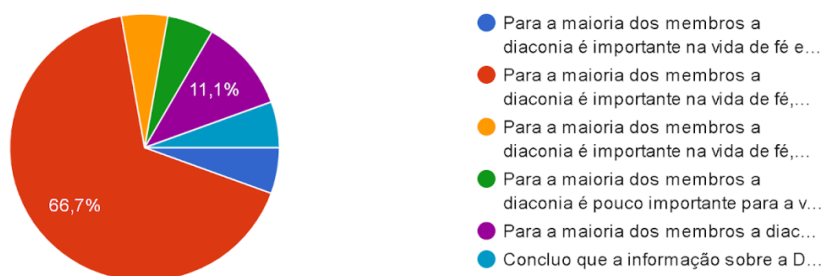
Alguns dados colhidos pelos questionários nos auxiliam na tarefa da compreensão acerca da importância que a diaconia tem para a vida de fé das pessoas luteranas. Ao serem perguntados, a respeito do nível de consciência e sensibilidade diaconal dos membros ativos

⁵⁷² O dicionário Houaiss da língua portuguesa apresenta dezesseis definições para o verbo *encontrar*. Destacamos os principais dentro do horizonte da compreensão desta pesquisa: *deparar, ficar frente a frente com, passar a conhecer, ir de encontro a; ter contato físico, ir ter com alguém, deparar com (algo ou alguém), percebendo seu estado, condição ou situação, vir a conhecer*. Por sua vez, a definição conceitual do substantivo masculino *encontro* que embasa nossa compreensão nesta pesquisa é a seguinte: *ato de encontrar(-se), de chegar um diante do outro ou uns diante de outros*. HOUAISS CORPORATIVO. Dicionário da língua portuguesa. 2021. **Site Houaiss**. Disponível em <<https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v5-4/html/index.php>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

nos seus respectivos sínodos, os conselheiros e conselheiras responderam o seguinte, conforme a Figura 18:

Figura 18 - Nível de consciência e sensibilidade diaconal dos membros ativos dos respectivos sínodos

Como você avalia o nível de consciência e sensibilidade diaconal dos membros ativos no sínodo?
18 respostas



Fonte: o autor

66,7% (12) dos conselheiros e conselheiras acreditam que “para a maioria dos membros a diaconia é importante na vida de fé, mas nem sempre a praticam”. Por sua vez, 11,1% (2) dos conselheiros e conselheiras acreditam que “para a maioria dos membros a diaconia não é importante para a vida de fé, e não se esforçam em praticá-la”. Os outros quatro conselheiros ou conselheiras afirmaram diferentes respostas.⁵⁷³

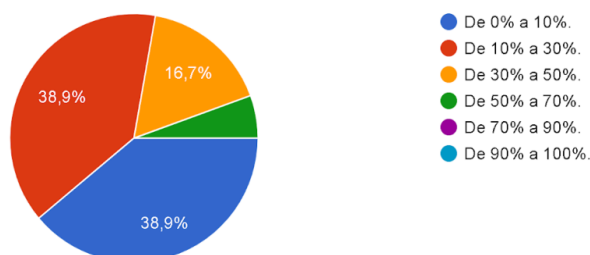
Os conselheiros e conselheiras também foram perguntados a respeito da porcentagem dos membros ativos que participam regularmente de ações diaconais em seus respectivos sínodos. As respostas podem ser visualizadas na Figura 19:

⁵⁷³ As demais definições foram as seguintes, cada uma delas afirmada por apenas um conselheiro ou conselheira: a) “Para a maioria dos membros a diaconia é importante na vida de fé e a praticam sempre que podem”; b) “Concluo que a informação sobre a Diaconia não chegam até os membros de forma clara e objetiva. A maioria dos Pastores só falam sobre a Diaconia de forma obrigatória”; c) “Para a maioria dos membros a diaconia é pouco importante para a vida de fé, mas de tempos em tempos auxiliam em atividades diaconais quando são chamados”; d) “Para a maioria dos membros a diaconia é importante na vida de fé, mas quase nunca a praticam”. <https://docs.google.com/forms/d/1TV-FQrZeCgzAqAsOFoV8Ta5aWpmdi-vigwQL4IE-cCM/edit#responses>

Figura 19 - Participação regular dos membros em ações diaconais

Na sua opinião, qual a porcentagem dos membros ativos nas comunidades que participam regularmente de ações diaconais? Assinale a alternativa correta.

18 respostas



Fonte: o autor

De acordo com os questionários, em 7 dos 18 Sínodos que formam a IECLB (38,9%), a porcentagem dos membros ativos que participam regularmente de ações diaconais é mínima, varia entre 0% a 10%. Em outros 7 Sínodos (38,9%) a porcentagem varia entre 10% a 30%. Em 3 Sínodos a porcentagem sobe, variando entre 30% a 50%. E por fim, em 1 Sínodo a porcentagem dos membros que se envolvem em ações diaconais regulares ultrapassa a metade dos membros ativos, variando entre 50% a 70%.⁵⁷⁴

A IECLB concebe sua missão a partir de quatro dimensões: evangelização, comunhão, diaconia e liturgia. Ou seja, a diaconia é compreendida e afirmada como uma das dimensões fundamentais da missão da IECLB no mundo. Assim como as demais dimensões da missão, a diaconia quer ser assumida por todas as pessoas chamadas a viver seu batismo nesta igreja, por tal motivo ela não está apenas sob responsabilidade das instituições diaconais e/ou ministros e ministras diaconais ordenadas. A práxis da diaconia é antes de tudo um compromisso proveniente do evangelho de Jesus Cristo, uma das obrigações de qualquer discípulo de Jesus Cristo: “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt. 20.26,28). O conceito luterano de sacerdócio geral de todas as pessoas crentes afirma justamente isso: A missão da Igreja é tarefa de todas as pessoas cristãs.⁵⁷⁵ A importância dada ao conceito de sacerdócio geral ou universal é tamanha que o próprio ministério compartilhado é

⁵⁷⁴ É importante frisar que tais porcentagens refletem apenas a opinião dos conselheiros dos seus respectivos Sínodos, por tal motivo servem apenas como indicativos.

⁵⁷⁵ PINTO, 2008.

compreendido na direção de estar a serviço do sacerdócio universal de todas as pessoas crentes.⁵⁷⁶

Se os indicativos apresentados acima retratam minimamente a realidade do comprometimento diaconal dos membros da IECLB, temos aí um problema de primeira importância. Se em quase 80% dos Sínodos nem 30% das pessoas membros participam regularmente de ações diaconais, então a vivência do sacerdócio geral, no que se refere à diaconia, está se mostrando demasiadamente limitada. Por um lado, o baixo envolvimento diaconal dos membros denuncia a dificuldade da IECLB em promover o ponto II de sua missão: “estimular a vivência evangélica pessoal, familiar e comunitária”.⁵⁷⁷ Por outro lado, dentro da perspectiva que a IECLB, é justamente “o convívio de pessoas por ela batizadas ou admitidas, [...] chamadas para viver seu Batismo”,⁵⁷⁸ dentro do entendimento que a Igreja é acima de tudo congregação de todos os crentes reunidos em torno da Palavra e dos sacramentos,⁵⁷⁹ o descomprometimento dos membros é também descomprometimento da IECLB com a diaconia. Com base nisto, os indicativos demonstrados acima apontam para uma limitação da IECLB em promover diretamente outros dois pontos⁵⁸⁰ de sua missão: “III - promover a paz, a justiça e o amor na sociedade; IV - participar do testemunho do Evangelho no País e no mundo”.⁵⁸¹

É desnecessário afirmar a importância de a IECLB procurar alternativas para a transformação deste contexto de negligência diaconal. Dois pontos são irrevogáveis neste horizonte: a) identificar os obstáculos postos ao desenvolvimento da diaconia comunitária, ou seja, compreender quais são os fatores responsáveis pela construção do quadro atual; b) identificar elementos que representam possibilidades de provocar o despertar diaconal de membros e comunidades. Os próximos dois tópicos são balizados por esses dois pontos.

⁵⁷⁶ IECLB. **Nossa Fé – Nossa Vida**: Guia da vida comunitária na IECLB. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 11.

⁵⁷⁷ IECLB. Constituição da IECLB. Documentos. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

⁵⁷⁸ IECLB, 2003, p. 05.

⁵⁷⁹ CONFESSIO AUGUSTANA. **A Confissão de Augsburg 1530-1980**: Confissão de Fé apresentada ao Invictíssimo Imperador Carlos V, César Augusto, na Dieta de Augsburg, no ano de 1530. São Leopoldo: Sinodal, 1980. p. 13.

⁵⁸⁰ Também no ponto I de sua missão (propagar o Evangelho de Jesus Cristo) a promoção da diaconia está implicada.

⁵⁸¹ IECLB. Constituição da IECLB. Documentos. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

5.2 OS OBSTÁCULOS DA DIACONIA COMUNITÁRIA NA IECLB

O presente tópico concentra-se na tarefa de apresentar e discutir os elementos que representam obstáculos para um maior desenvolvimento da diaconia comunitária na IECLB. O tópico não objetiva listar todos os obstáculos ao desenvolvimento da diaconia identificados, uma vez que vários deles já foram tematizados em tópicos e capítulos anteriores. Apresentamos aqui apenas aqueles que ainda não foram citados ou que ainda não receberam a importância devida.

A diácona Sissi Georg, ao pesquisar uma comunidade específica da IECLB no início dos anos 2000, identificou uma série de obstáculos à diaconia naquele contexto. A diácona nos oferece uma lista:

[...] o zelo prioritário pela manutenção material da comunidade, dispensar o envolvimento com causas sociais locais, a falta de modelos de comunidades diaconais, o estreitamento da ação diaconal se esta for feita e entendida tão somente na perspectiva assistencial, a dependência do acaso para vivenciar encontros com necessitados, a falta de formação diaconal para todas as pessoas, a proliferação - acidental ou consciente – do modelo de comunidade não-diaconal.[...] A estes, acrescentem-se outros entraves à diaconia: a frustração sofrida quando se está empenhado numa causa solidária [...], os preconceitos que depreciam os pobres e os julgam imerecedores da ação diaconal, a falta de estímulo e de encaminhamento concreto aos impulsos diaconais e a mentalidade de querer ser servido. A idéia de que a diaconia é algo secundário e transferível é um obstáculo para o engajamento de toda a comunidade, em especial, dos homens. O fato de os poderes públicos e as instâncias civis poucas vezes incluírem as comunidades cristãs entre seus parceiros de diálogo e de ação social também dificulta o florescimento da diaconia.⁵⁸²

As conclusões alcançadas pela pesquisadora foram fortemente influenciadas pela metodologia utilizada por ela. É importante lembrar que os resultados alcançados por uma pesquisa qualquer dependem em boa medida da metodologia adotada.⁵⁸³ A metodologia de Georg teve como base a sua imersão num contexto comunitário específico por um período de quase dois anos. O caminho metodológico adotado pela presente pesquisa é outro, de modo que não é possível checarmos e reavaliarmos todas as conclusões alcançadas por Georg. Mesmo assim, alguns obstáculos identificados por ela aparecem novamente em nossa abordagem: “o zelo prioritário pela manutenção material da comunidade” mentalidade clubista, “o estreitamento da ação diaconal se esta for feita e entendida tão somente na perspectiva assistencial”, “a dependência do acaso para vivenciar encontros com necessitados”, “a falta de formação diaconal para todas as pessoas”, “a proliferação - acidental

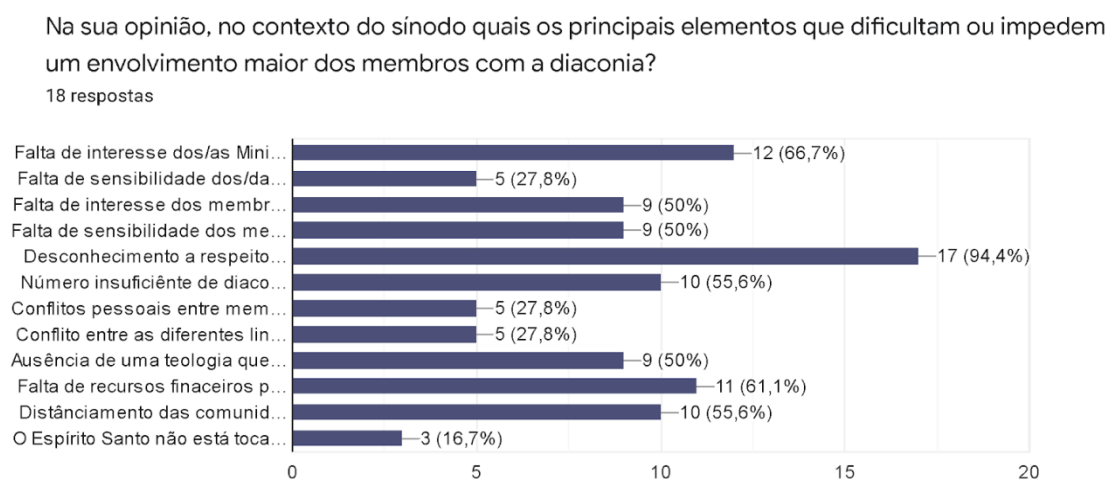
⁵⁸² GEORG, 2006, p. 216.

⁵⁸³ KAUFMANN, 2013. p. 56.

ou consciente – do modelo de comunidade não-diaconal”, “os preconceitos que depreciam os pobres e os julgam imerecedores da ação diaconal” e “a ideia de que a diaconia é algo secundário e transferível é um obstáculo para o engajamento de toda a comunidade, em especial, dos homens”.

Os conselheiros e conselheiras foram perguntados sobre os fatores que no contexto dos seus respectivos sínodos representavam obstáculos para um maior envolvimento dos membros com a diaconia. Um resumo das respostas pode ser visualizado na Figura 20:

Figura 20 - Elementos que dificultam ou impedem um envolvimento maior dos membros com a diaconia



Fonte: o autor

O principal obstáculo identificado por conselheiros e conselheiras de 17 Sínodos é o “desconhecimento a respeito da diaconia”. Em segundo lugar (12), aparece a “falta de interesse dos/as Ministros/as Ordenados/as com a diaconia”. Em terceiro lugar (10), aparecem duas situações como obstáculos: “o número insuficiente de diáconos e diáconas atuando no sínodo” e o “distanciamento das comunidades das realidades de sofrimento”.

As três primeiras situações elencadas acima preservam uma proximidade entre elas. É provável que a falta de conhecimento relacionado à diaconia esteja ligada à falta de interesse e comprometimento dos ministros e ministras ordenadas para com a diaconia, e também ao número insuficiente de diáconos e diáconas atuando nos respectivos Sínodos. Chama a atenção a percepção dos conselheiros e das conselheiras de que há um distanciamento das comunidades dos contextos de sofrimento, o qual é visto por eles como um obstáculo para um maior envolvimento dos membros com a diaconia. Ou seja, na

compreensão dos conselheiros e conselheiras a proximidade dos membros com os contextos de sofrimento é fundamental para que aconteça a sensibilização e o engajamento diaconal.

Os conselheiros e conselheiras foram perguntados a respeito do que “falta para que a diaconia tenha um desenvolvimento maior nas comunidades do Sínodo?”. O objetivo desse questionamento foi servir como complemento ao anterior. Segue o resumo das respostas na Figura 21:

Figura 21 - Elementos para um maior desenvolvimento da diaconia comunitária



Fonte: o autor

Em primeiro lugar, na compreensão de 15 conselheiros e conselheiras, os Sínodos precisam investir na “promoção de eventos de formação em diaconia de nível comunitário, paroquial e sinodal”. Ou seja, a formação em diaconia é vista como fundamental para a superação do desconhecimento relacionado à diaconia, o qual foi o principal obstáculo identificado pelos conselheiros e conselheiras. A formação já havia sido apontada como o grande elemento medular para a construção de comunidades mais diaconais no capítulo anterior. Em segundo lugar, na compreensão de 13 membros do CONAD, para que a diaconia tenha um desenvolvimento maior falta um “maior apoio dos/das ministros/as ordenados/as”, “cultos e celebrações comunitárias que enfatizam a importância da diaconia” e uma “aproximação das comunidades às realidades de maior sofrimento”.

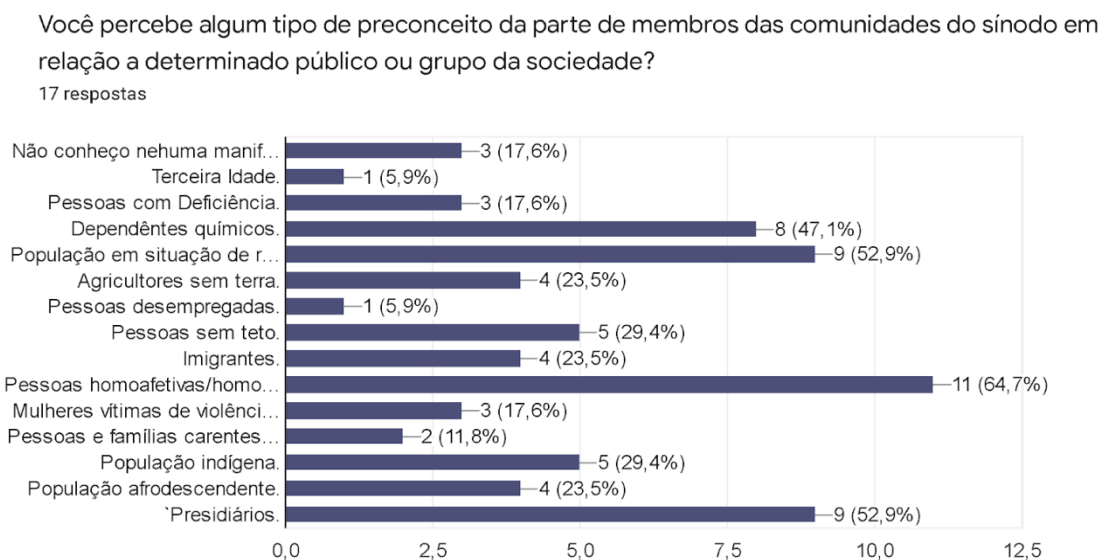
A exigência de um maior apoio dos ministros e ministras ordenados à diaconia comunitária está de acordo com a percepção de que há pouco interesse e envolvimento destes com a diaconia comunitária, a qual foi tematizada no capítulo anterior. Aparece novamente a questão da necessária aproximação das comunidades e membros às realidades de sofrimento

como pré-requisito para que a diaconia comunitária experimente um maior desenvolvimento, a partir da sensibilização e conscientização dos membros. E pela primeira vez aparece a proposta de construir celebrações na perspectiva da diaconia.

Além dos obstáculos diaconais e propostas pontuais elencadas pelos membros do CONAD, a presente pesquisa identificou outros obstáculos á diaconia comunitária, que habitam nos bastidores das comunidades de fé, os quais nem sempre são tão facilmente percebidos. Estamos falando dos estigmas, preconceitos e as variadas formas de discriminações, as quais desqualificam as pessoas da dignidade de serem todas filhas de Deus, feitas à sua imagem e semelhança.

Os conselheiros e conselheiras da diaconia foram perguntados a respeito dos públicos ou grupos pelos quais os membros da IECLB mais cultivam preconceitos. O resumo das respostas pode ser visualizado a Figura 22:

Figura 22 - Tipos de preconceitos dos membros luteranos



Fonte: o autor

De acordo com o questionário, o preconceito mais recorrente e intenso entre os membros da IECLB é direcionado à população LGBTQI+.⁵⁸⁴ A informação está de acordo

⁵⁸⁴ LGBTQI+ é o movimento político e social que defende a noção constitucional de diversidade cultural e sexual, e que busca mais representatividade de direitos para essa população constituída de lésbicas, gays, bussexuais, transgêneros, queers, assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão designadas de cis-heteronormativo representada pelo símbolo +.

com a percepção emitida pelos representantes dos três principais grupos organizados na IECLB.

Ao ser perguntado sobre o público pelo qual os membros da LELUT mais cultivavam estigmas e preconceitos, seu representante afirmou: “Com certeza os gay!”.⁵⁸⁵ Na mesma direção foi a resposta da representante da OASE:

Eu acho que a LGBT, mais do que a afrodescendentes. [...] Então essa para mim ainda é a mais, [...] mais latente, e a que mais tem que ser trabalhada [...] porque até é um tema... se você traz para as mulheres não é todas que aceitam, e a gente sabe que tem muitas “vós” e mães que sofrem com isso. Eu tenho casos que vieram chorando, sabe não sabia o que fazer como agir né, porque a gente só sente na pele quando bate na sua porta né, acontece com o outro não...⁵⁸⁶

A mesma percepção é compartilhada pela representante da JE: “[...] então eu acho que o primeiro deles e a gente vê muito em brincadeiras, e também lembra assim das histórias mais complicadas de Congrenagem por exemplo, é justamente o preconceito com a população LGBTQI+ [...]”.⁵⁸⁷

Até aqui é possível afirmar que, segundo a percepção dos membros do CONAD e dos representantes dos três principais grupos organizados na IECLB, o preconceito ao público LGBTQI+ é o principal existente nas comunidades da IECLB na atualidade. De acordo com as respostas fornecidas pelos membros no CONAD, depois da população LGBTQI+, o tipo de preconceito mais frequente e visível é canalizado para a população carcerária e a população em situação de rua.

Apesar do preconceito à população afrodescendente não aparecer entre os principais na consulta feita aos membros do CONAD, ele é bastante citado nas entrevistas feitas aos pesquisadores e pesquisadoras da diaconia. Para a pesquisadora Sabrina, o racismo está presente nas comunidades da IECLB: “[...] acho que o racismo está presente na IECLB, não tem..., não podemos negar isso né, isso é forte, a gente percebe isso em frases cotidianas né, ‘ele é brasileiro, mas é gente boa né’”.⁵⁸⁸ A análise de Taiana segue na mesma direção:

É, existem ainda ideias racistas... Eu me lembro quando eu ainda viajava para visitar os grupos de OASE, muito forte lá no interior de Santa Cruz, o Pastor disse: "E aqui o pessoal ainda diz: "die blau" e eles não têm acesso aos bailes, eles não podem ir aos bailes (incompreensível)". Assim, desprezo total por gente de outra raça. E eu acho que isso não se deixa erradicar tão facilmente, existe racismo sim. Nós... "eles

⁵⁸⁵ RODOLFO, cf. ANEXO 5.

⁵⁸⁶ IVÂNIA, cf. ANEXO 8.

⁵⁸⁷ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵⁸⁸ SABRINA, cf. ANEXO 2.

não merecem eles são preguiçosos", quer dizer muitas dessas ideias circulam aí nas cabeças dos membros: "eles não têm porque não querem".⁵⁸⁹

Para o pesquisador Célio, o racismo vem sendo paulatinamente superado nas últimas décadas no meio luterano, no entanto ainda mostra-se presente.⁵⁹⁰ Por sua vez, a representante da JE afirma que o fenômeno do preconceito e da discriminação à população afrodescendente se faz presente, ainda que de forma velada, nos contextos dos encontros promovidos pela JE. Para ela, a baixa participação da população negra nos encontros nacionais da JE é um indício de que o preconceito e a discriminação ainda atuam nos bastidores, gerando exclusão:⁵⁹¹ “[...] o racismo também é uma coisa que a gente ainda não chegou lá, eu acho que é uns dos assuntos que ainda precisam ser mais discutidos também em termos de diaconia né [...]”.⁵⁹²

Enquanto boa parte dos pesquisadores e pesquisadoras entrevistadas, e também da representante da JE, afirmam a existência de preconceitos e discriminação em relação à população afrodescendente, o representante da LELUT é categórico ao afirmar que isso não existe no contextos dos legionários:

Os afrodescendente... não existe mais isso, isso é conversa fiada, olha eu tenho amigos que são negrão aí, os cara diz: “olha quem são os preconceituosos são somos nós negão aí, não é vocês”. [...] Pois então... então não tem essa frescura, e os outros? E os outros descendentes aí, nunca vi os caras reclamar, xingar não sei o que, não... se impõe pela competência.⁵⁹³

A fala de Rodolfo possivelmente reflete uma das compreensões acerca da temática do racismo presente entre os homens da IECLB. Sua ponderação antes de ser entendida como uma análise referente à existência ou não do fenômeno do racismo entre os homens, representa uma expressão relativa a uma compreensão acerca do fenômeno que circula entre os homens que participam da LELUT. Para muitos homens, mas também membros no sentido geral, o racismo passa despercebido, não é reconhecido como um problema, primeiro porque um dos seus efeitos é justamente excluir a população afro-descendente da convivência social e comunitária. A população afrodescendente uma vez excluída dos espaços comunitários não é mais lembrada, tampouco o preconceito contra ela é reconhecido. A ponderação de uma

⁵⁸⁹ TAIANA, cf. ANEXO 7.

⁵⁹⁰ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁵⁹¹ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵⁹² ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁵⁹³ RODOLFO, cf. ANEXO 5.

pesquisadora ligada à Coordenação de Diaconia da IECLB apresenta um testemunho que desnuda esse fenômeno:

Nós tínhamos aí o processo de leitura de vários projetos no edital [...] e a gente tinha vários critérios de avaliação a partir dos documentos, né: PAMI, outras coisas [...]. E um, alguns assim me chamam a atenção: uma pergunta era se teria alguma formação, alguma ação para acolhida, para reflexão sobre respeito à diversidade étnica, cultural né, social. Praticamente nenhum edital, nenhum projeto, estava prevendo isso né... reflexão sobre relações justas de gênero, pouquíssimo também né. Ah... Acho que com isso demonstra também que a gente, a nossa herança étnica, ela ainda é muito forte né [...].⁵⁹⁴

Na compreensão de Sabrina, a herança étnica europeia portada pela IECLB é um dos elementos que dificulta a percepção dos membros sobre a questão do racismo. O ambiente de gueto étnico no qual viveram os antepassados luteranos possivelmente influenciou a preservação de posturas preconceituosas.⁵⁹⁵

Na atualidade, a Coordenação de Diaconia em parceria com o CONAD vem provocando debates e discussões sobre a temática. Também a direção da IECLB vem se manifestando com frequência desde 1990. A manifestação mais contundente foi a declaração “Deus não é racista” que afirma: “nenhum ser humano, por pertencer a outra raça, cultura ou sexo, é inferior ou menos valioso”.⁵⁹⁶

O preconceito a grupos e pessoas empobrecidas da população aparece no questionário aplicado aos membros do CONAD de forma pulverizada em outras categorias, como no preconceito aos moradores de rua, presidiários e pessoas sem teto. Alguns pesquisadores e pesquisadoras também atestam a existência do preconceito à população empobrecida entre as comunidades luteranas.

[...] pensando no trabalho em São Paulo com moradores, pessoas em situação de rua né, todo mundo admira aquele trabalho, mas agora quantos locais na nossas comunidades esse trabalho se repete né, é bonito lá longe né, mas eu quero sentar alguém do lado de alguém que não pôde tomar banho? que não está tão bem vestido né? aí entra a questão da comunhão né.⁵⁹⁷

A diácona Sissi Georg da mesma forma identifica o preconceito à população empobrecida como um dos mais intensos e visíveis na comunidade por ela pesquisada. “Os

⁵⁹⁴ SABRINA, cf. ANEXO 2.

⁵⁹⁵ ROELKE, 2006, p. 23.

⁵⁹⁶ BRAKEMEIER, Gottfried. Deus não é racista: Declaração da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 1992. **Luteranos**. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-multiculturalidade/deus-nao-e-racista>. Acesso em: 07 jun. 2021.

⁵⁹⁷ SABRINA, cf. ANEXO 2.

pobres são relaxados e ‘briqueiros’, isto é, revendem o que lhes é dado, embolsando, a seguir, o dinheiro. Se forem ajudados, serão sustentados seus vícios de fumar e beber. [...] Pobre é pobre porque não trabalha”.⁵⁹⁸

Na compreensão de um pesquisador entrevistado, a existência da lógica da meritocracia entre as comunidades e membros da IECLB é um dos elementos que sustenta e justifica processos de exclusão, preconceitos e discriminação direcionados as pessoas e grupos mais empobrecidos da sociedade.⁵⁹⁹ A ponderação de Taiana segue a mesma direção: “[...] os pobres né, como eu disse, aquelas frases que a gente conhece: "nós trabalhamos eles não trabalham", né, "o que eu tenho é porque eu conquistei com (incompreensível) com trabalho duro””.⁶⁰⁰ A justificativa é sempre a mesma: são pobres porque não querem trabalhar, são “vagabundos”, por isso não merecem a compaixão tampouco a solidariedade. Tal justificativa impede qualquer possibilidade de sensibilização e conscientização diaconal por parte dos membros e comunidades.

Além dos tipos de preconceitos citados acima, aparecem com menor importância nas entrevistas a manutenção do preconceito, discriminação e sistemas de exclusão aos povos originários,⁶⁰¹ aos dependentes químicos,⁶⁰² aos migrantes,⁶⁰³ às pessoas com menor grau de formação acadêmica,⁶⁰⁴ às pessoas jovens no contextos das comunidades de fé.⁶⁰⁵ Também é citada nas entrevistas a questão envolvendo a justiça de gênero e o machismo presente nas comunidades.⁶⁰⁶

⁵⁹⁸ GEORG, 2006, p. 202.

⁵⁹⁹ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁶⁰⁰ TAIANA, cf. ANEXO 7.

⁶⁰¹ “A questão indígena também, e principalmente aí em Comunidades pequenas na agricultura familiar a questão da disputa da terras né, vê eles como ameaça e não como pessoas criadas também a ‘imagem e semelhança’, então todo trabalho do COMIN aí é muitas vezes questionado”. SABRINA, cf. ANEXO 2.

⁶⁰² A memória da reunião ordinária do CONAD de 2013 cita a dificuldade das comunidades de fé com projetos dessa natureza, sua baixa participação, e a dificuldade de falar sobre este tipo de questão nos espaços eclesiais. IECLB. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2013. Para a pesquisadora Fernanda, a qual desenvolve trabalhos diaconais com dependentes químicos, por vezes os membros das comunidades têm medo de entrar em contato com esse público. FERNANDA, cf. ANEXO 1.

⁶⁰³ O preconceito em relação aos migrantes foi citado pela representante da JE e pelo pesquisador entrevistado Célio. ISABELLA, cf. ANEXO 6; CÉLIO, cf ANEXO 4. “[...] imigração a gente viveu bem presente aqui assim né, então [...] não é tão simples trabalhar nas comunidades esse olhar acolhedor, a gente tem que ser bem incisivo e falar que nós mesmos também somos imigrantes né, e ter paciência porque é outra língua, as pessoas não entendem, outra cultura e por aí vai... Tirar também, trabalhar essa visão de que pobre é bandido, que imigrante é bandido, que negro vai roubar, nossa assim tem várias coisas que a gente tem que ir trabalhando né”. FERNANDA, cf. ANEXO 1.

⁶⁰⁴ Citado por Fernanda.

⁶⁰⁵ Citado por Isabella.

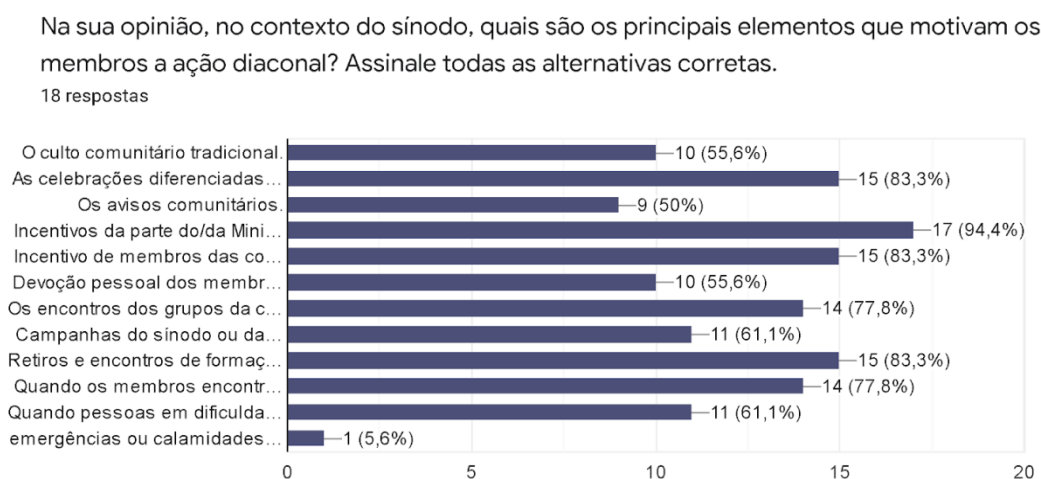
⁶⁰⁶ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

A realidade da diaconia comunitária na IECLB não é constituída somente por obstáculos e desafios, mas também por virtudes e possibilidades. O próximo tópico analisa as possibilidades, buscando compreender os principais elementos que motivam os membros à práxis da diaconia.

5.3 OS PRINCIPAIS ELEMENTOS QUE MOTIVAM OS MEMBROS PARA A AÇÃO DIACONAL

Os conselheiros e conselheiras do CONAD foram perguntados a respeito dos principais elementos que, em suas análises, motivam os membros do seu respectivo Sínodo para a ação diaconal. O resumo das respostas pode ser visualizado na Figura 23:

Figura 23 - Principais elementos que motivam os membros para a ação diaconal



Fonte: o autor

De acordo com as respostas, o principal elemento que motiva os membros para ações diaconais são os “incentivos da parte do ministro ou ministra ordenada”. Em segundo lugar, aparecem três categorias empatadas com 15 respostas cada uma: a) “as celebrações diferenciadas que enfatizam a importância da diaconia”; b) “incentivo de membros das comunidades”; c) “retiros e encontros de formação a nível paroquial e sinodal”. Em terceiro lugar aparecem duas categorias também empatadas com 14 respostas: a) “os encontros dos grupos da comunidade (Juventude, OASE, LELUT, etc.)”; b) “Quando os membros encontram pessoas que precisam de ajuda”. Por fim, ainda destacam-se duas categorias com 11 respostas cada uma: Campanhas do sínodo ou da secretária geral da IECLB” e “Quando pessoas em dificuldades aparecem na Igreja pedindo ajuda”.

A primeira constatação alcançada a partir das respostas dos conselheiros e conselheiras é que não existe apenas um fator motivador para a diaconia comunitária: são várias combinações possíveis que podem resultar em uma maior ou menor mobilização diaconal. As respostas diferentes dadas pelos conselheiros e conselheiras aponta também para o fato de que os fatores motivadores podem variar de Sínodo para Sínodo, de contexto para contexto.

Acima identificamos os oito principais fatores que, segundo os membros do CONAD, favorecem o despertar diaconal dos membros da IECLB. As oito pessoas entrevistadas pela presente pesquisa também foram indagadas acerca da mesma questão. As quatro principais respostas dadas por elas encontram-se no conjunto das oito categorias mais votadas pelos membros do CONAD. Segundo as pessoas entrevistadas, os principais elementos que motivam as pessoas ao engajamento em ações diaconais passam pelo incentivo dado pelos ministros e ministras,⁶⁰⁷ formação em diaconia,⁶⁰⁸ cultos e celebrações⁶⁰⁹ e quando acontece encontros ou contato direto dos membros com pessoas em situação de sofrimento.⁶¹⁰ Essa última categoria é a que aparece com mais força nas entrevistas, por tal motivo é a hipótese que balizará a discussão feita nos próximos tópicos. Antes disso, é importante discutir as outras três categorias citadas, a fim de descobrir a importância que o *incentivo dos ministros e ministras ordenados*, a *formação em diaconia* e os *cultos e celebrações* tem para a diaconia comunitária.

Já dedicamos um tópico no capítulo anterior⁶¹¹ para discutir a centralidade do ministério ordenado para um maior desenvolvimento da diaconia comunitária, por tal motivo não faz sentido repetirmos a discussão já feita anteriormente. Em todo caso algumas palavras relacionadas à temática dentro da perspectiva atual podem ainda ser ditas. A problemática envolvendo o ministério ordenado como um todo e também o ministério ordenado diaconal possivelmente seja uma das mais amplas e atuais discussões que a direção da IECLB vem se ocupando.⁶¹² Por um lado, tanto os membros do CONAD quanto os representantes dos

⁶⁰⁷ Categoria mais votada pelos conselheiros e conselheiras.

⁶⁰⁸ Terceira categoria mais votada pelos conselheiros e conselheiras com 15 votos (retiros e encontros de formação).

⁶⁰⁹ Segunda categoria mais votada pelos conselheiros e conselheiras.

⁶¹⁰ Essa categoria assinalada pelas pessoas entrevistadas é contemplada por duas categorias votadas pelos conselheiros e conselheiras (terceira categoria mais votada: “quando os membros encontram pessoas que precisam de ajuda”, e quarta categoria mais votada: “quando pessoas em dificuldades aparecem na Igreja pedindo ajuda”).

⁶¹¹ Tópico 3.2.3.

⁶¹² Ver o tópico relacionado ao ministério compartilhado no capítulo 2 da presente pesquisa.

principais grupos da IECLB⁶¹³ citam os incentivos providos dos ministros e ministras ordenadas como um dos métodos mais eficientes para a motivação diaconal. No entanto, quando o foco é a avaliação da atuação dos ministros e ministras em geral, eles avaliam negativamente: são fundamentais, mas não estão cumprindo seu papel como motivadores e motivadoras da diaconia. Os conselheiros e conselheiras responderam que na atualidade o envolvimento diaconal dos ministros e ministras é baixo, a ponto de elegerem a sua falta de interesse e envolvimento como um dos principais obstáculos colocados ao desenvolvimento da diaconia comunitária na atualidade.⁶¹⁴ Em última análise, a importância dos ministros e ministras ordenadas para o desenvolvimento da diaconia é reconhecido também pela direção da igreja, a proposta do ministério compartilhado sinaliza justamente isso e visa melhorar esse quadro, no entanto, conforme discutido no capítulo 2 a proposta enfrenta dificuldades na atualidade. A presente pesquisa entende que a superação dos obstáculos que impedem o ministério ordenado de contribuir mais com a diaconia comunitária passa por investimentos na área da formação teológica numa perspectiva diaconal para todos os ministérios, um esforço contínuo de superação dos entraves que impedem a viabilização da proposta do ministério compartilhado, ações e campanhas da parte de sínodos e direção da Igreja visando um envolvimento diaconal maior dos ministros e ministras e a viabilização de processos de formação na perspectiva do sacerdócio geral para que também os membros sintam-se mais empoderados para questionar o baixo envolvimento diaconal de ministros e ministras.

Os membros do CONAD reconheceram também a importância da formação para o desenvolvimento da diaconia comunitária, a qual também vai ao encontro de suprir um suposto *déficit* na área, o qual foi assinalado por eles como o principal obstáculo da diaconia comunitária.⁶¹⁵ O capítulo 3 já havia indicado a formação como o principal fator para a construção de comunidades diaconais. Boa parte das pessoas entrevistadas também assinalaram a questão da formação como central para que a diaconia comunitária se desenvolva mais.

Aí entra a questão da educação cristã contínua né, a questão da formação para o sacerdócio geral de todas as pessoas que creem né. E aí não só pra área da Diaconia mas também outras temáticas dentro da Igreja, porque na medida que as pessoas

⁶¹³ Isabella, Ivânia e Rodolfo.

⁶¹⁴ Conforme a tabela 15, o principal obstáculo identificado por conselheiros e conselheiras de 17 Sínodos é o “desconhecimento a respeito da diaconia”, em segundo lugar (12) aparece a “falta de interesse dos/as Ministros/as Ordenados/as com a diaconia”, também conforme a tabela 16, na compreensão de 13 membros do CONAD, para que a diaconia tenha um desenvolvimento maior falta um “maior apoio dos/das ministros/as ordenados/as”.

⁶¹⁵ Conforme tabela 15.

conseguem refletir né, saber o que que é diaconia, conseguir nomear que aquela visita que sempre é feita lá para pessoas doentes, para pessoas enlutadas, que isso é uma ação diaconal, é uma ação da igreja de ir ao encontro das pessoas, ou aquela ação de acolher no culto né, da questão da hospitalidade, conseguir nomear isso como ações diaconais isso vai fortalecer a Diaconia Comunitária né. Então passa muito realmente pela formação né, e formações amplas né, sobre o que [é] a diaconia né, até informações mais específicas né, visitação, perdas e luto né, o planejamento de ações diaconais né, então acho que passa muito realmente pela formação na área da educação cristã continua.⁶¹⁶

Na mesma direção, em sua pesquisa de doutorado, Georg identificou que um dos elementos indispensáveis para o desenvolvimento da diaconia comunitária é a formação. “A pesquisa social apontou para a necessidade da formação”.⁶¹⁷ Na compreensão de Georg, a formação precisa ser pensada e articulada tanto na perspectiva do sacerdócio geral quanto também para o ministério ordenado:

Algumas situações explicitaram-me a necessidade de formação e de formação sobre a ação diaconal, também para obreiros e obreiras da Igreja. O discurso correto e a intenção não são suficientes, quer entre membros da comunidade, quer por parte de obreiros. A sensibilização para a diaconia passa também pela formação.⁶¹⁸

O texto base do Plano de Ação Missionária da IECLB coloca a formação como um dos três eixos transversais para o desenvolvimento da missão da IECLB, a qual compreende a diaconia como uma de suas quatro dimensões.⁶¹⁹ Neste sentido, diante da constatação de que há uma carência em formação em perspectiva diaconal na atualidade e da afirmação de que a formação quer ser entendida com eixo-transversal, permanece o desafio da IECLB propor, manter e aperfeiçoar eventos e processos de formação diaconal na perspectiva do sacerdócio geral, das quatro ênfases do ministério ordenado e do ministério compartilhado.

“As celebrações diferenciadas que enfatizam a importância da diaconia”, foram assinaladas pelos conselheiros e conselheiras e citadas em algumas entrevistas como espaços privilegiados para a motivação diaconal. Possivelmente é consenso entre os membros filiados à IECLB que o ápice da vida comunitária é o culto cristão. Os documentos normativos afirmam isso, pois é lá o lugar por excelência que Deus serve a comunidade com sua Palavra, onde Deus encontra sua comunidade.⁶²⁰ A Palavra e os Sacramentos celebrados em comunidade impulsionam a igreja a continuar sua missão no mundo. Com a fé fortalecida, as pessoas cristãs sentem-se chamadas a serem sal e luz no mundo.

⁶¹⁶ SABRINA, cf. ANEXO 2..

⁶¹⁷ GEORG, 2006, p. 223.

⁶¹⁸ GEORG, 2006, p. 206.

⁶¹⁹ PINTO, 2008.

⁶²⁰ PINTO, 2008, p. 51.

Diante de tais afirmações, qualquer pesquisa que buscasse compreender quais são os elementos fundamentais para o despertar da consciência e sensibilidade diaconal da comunidade e de seus membros, evidentemente, deveria começar pelo culto cristão e demais celebrações comunitárias. Seria muito provável que o centro da vida de fé representasse também o grande fator desencadeador do processo de despertar da consciência e sensibilidade diaconal dos membros e da comunidade de fé. Foi justamente esta a pista seguida pela diácona Sissi Georg em sua pesquisa de doutorado.

A referida pesquisadora buscou identificar as consequências que os cultos comunitários representavam para a ação diaconal da comunidade. Sua expectativa inicial era que os cultos, quando construídos liturgicamente dentro de uma perspectiva diaconal, provocariam uma intensificação das ações diaconais daquela comunidade. Durante a sua inserção de pouco mais de dois anos, ela promoveu cultos regulares que enfatizavam a perspectiva diaconal; no entanto, a pesquisadora teve suas expectativas frustradas quando ao final de seu período de inserção percebeu poucas mudanças na densidade das ações diaconais. “Comparando as ações diaconais da comunidade como eram antes e ao final do período da inserção, observei que houve pouca intensificação das mesmas”.⁶²¹

A partir dessas observações, concluo que o culto teve um papel motivador, desafiador, formativo e reflexivo a respeito de questões diaconais, não tendo, contudo, o poder de transformar as atitudes das pessoas. Possivelmente o culto, assim como foi realizado, atingiu especialmente as pessoas que já manifestavam uma sensibilidade diaconal antes, confirmando-lhes que a solidariedade e a justiça fazem parte do plano de Deus. Mas, dificilmente, o culto, por si só, resultou em sensibilização diaconal para as pessoas que ainda não despertaram para a diaconia.⁶²²

As conclusões alcançadas por Georg não soam estranhas no campo da pesquisa em homilética. Ao refletir sobre as possibilidades da prédica em provocar transformações de posições, valores, convicções e padrões de atitudes pessoais, Nelson Kirst sustenta que “a prédica pode, antes de mais nada, contribuir para o equilíbrio existencial-emocional do ouvinte confirmando valores e convicções de fé”,⁶²³ no entanto, raramente a prédica resultará em “transformações ou complementações de convicções, valores e padrões de atitude”.⁶²⁴

⁶²¹ GEORG, 2006, p. 221.

⁶²² GEORG, 2006, p. 223.

⁶²³ KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 28.

⁶²⁴ KIRST, 2007, p. 25.

Diante disso, na compreensão de Kirst, “o principal efeito da prédica está no campo do equilíbrio existencial-emocional”.⁶²⁵

Na mesma linha de Kirst, Georg elenca os fatores que impedem que o culto seja um espaço que promova mais decididamente a sensibilidade e a consciência diaconal.

As convicções pessoais costumam ser consolidadas fora do culto, não sendo fácil modificá-las. Elas estão alicerçadas num sistema, firmemente construído e arraigado, através do qual a pessoa entende o mundo e o seu papel dentro dele. Uma prédica pode questionar esse sistema e propor uma mudança de atitude, mas, se depender do impulso único e breve da prédica, possivelmente a resistência interna à mudança se encarregará de boicotar o processo.⁶²⁶

Georg parece indicar que é mais fácil a realidade da comunidade espelhar o culto, do que o culto configurar a realidade da comunidade. “Apreende-se daí, que o culto verdadeiramente se torna diaconal no contexto de uma comunidade diaconal. O culto das primeiras comunidades, caracterizado pelo ágape, era diaconal porque as comunidades eram diaconais”.⁶²⁷

Afirmar que o culto isolado de outras atividades não é suficiente para a promoção da sensibilidade, consciência e ações diaconais não significa dizer que ele não contribuí em nada para que isso aconteça; pelo contrário, para Georg:

O culto é um dos espaços formativos da comunidade. Nesse sentido, ele indica, reforça e motiva para a tarefa diaconal. O culto deve ser propositivo, provocativo, desacomodador e questionador. O culto cristão conservará seu papel diaconal porque o Evangelho o exige.⁶²⁸

Diante disso, pode-se afirmar que o culto é mais um espaço e um acontecimento importante para a motivação diaconal dos membros, não podendo ser considerado o único. Ao agregar outros fatores de motivação diaconal suas chances de despertar a sensibilidade e a consciência diaconal nos membros possivelmente aumenta consideravelmente.

Uma categoria assinalada pelos membros do CONAD nos parece extraordinariamente interessante e promissora: trata-se da categoria “quando os membros encontram pessoas que precisam de ajuda”, que dialoga de forma direta com a quarta categoria mais votada: “quando pessoas em dificuldades aparecem na Igreja pedindo ajuda”. Essas duas categorias têm em comum o fenômeno do contato direto entre membros com

⁶²⁵ KIRST, 2007, p. 25.

⁶²⁶ GEORG, 2006, p. 224.

⁶²⁷ GEORG, 2006, p. 224.

⁶²⁸ GEORG, 2006, p. 224.

peessoas em situação de sofrimento. Nossa suspeita é que esse contato, que denominaremos de *fenômeno do encontro*, é um espaço e/ou acontecimento privilegiado onde acontece o despertar da sensibilização e da conscientização diaconal.⁶²⁹

5.4 O FENÔMENO DO ENCONTRO DA COMUNIDADE COM CONTEXTOS DE SOFRIMENTO⁶³⁰ COMO OPORTUNIDADE PARA O DESPERTAMENTO DIACONAL

Após constatar que o culto, quando concebido de forma isolada de outras atividades, não é capaz de transformar a mente e o coração das pessoas, Georg identifica um fenômeno que pode representar uma chave capital para o despertar da sensibilidade e consciência diaconal dos membros e comunidades. A pesquisadora levanta a suspeita de que o encontro direto de membros e da comunidade com pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento é um ingrediente fundamental para o despertar da diaconia individual e comunitária. Em

⁶²⁹ A afirmação fundamental de nossa tese está lastreada pelo conceito de *Interpelação*. Isso só nos foi permitido perceber ao final da análise dos dados das entrevistas, o que nos impediu de produzir uma consideração mais detalhada da teoria. No entanto, consideramos que isso também nos ajudou a impedir que olhássemos o objeto da pesquisa com lentes idealizadoras e talvez edificantes por demais. O conceito de *Interpelação* é bem conhecido na tradição teológica ocidental, sua conotação remete à perspectiva do chamado divino à ação diante da situação de sofrimento do *outro* (Ex 3.7). Karl Barth argumentou que é um *Totalmente Outro* a nos interpelar a decidir no Espírito, “Pois Espírito significa pertencer a Cristo e estar em sua pergunta e, por isso, em sua resposta, em seu não e, por isso, em seu sim, em seu pecado e, por isso, em sua justiça, em sua morte e, por isso, em sua vida”. BARTH, Karl; KOOL, Cornelius van der; TOLSTAJA, Katja. **A carta aos Romanos** (Segunda versão) 1922. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2016. p. 296. Também Bultmann afirmou que a *Interpelação* é o acontecimento em que a Palavra de Deus exige de cada pessoa resposta para que seja autêntica, e essa autenticidade tem a ver com o amor ao próximo, com a entrega ao conceito de tempo como ser, isto é, entre o nascer e o morrer o que nos caracteriza enquanto SERes é o *cuidado*, a forma compreensiva do tempo, que é sempre *futuridade*, daí ser a vida cristã a partir da *Interpretação* da Palavra de Deus chamada a *Ser Sempre Mais!*. BULTMANN, Rudolf Karl. **Demitologização**: coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 96-97. No contexto latino-americano, Dussel foi quem falou de uma *Interpelação ética* a partir do rosto do *outro-pobre* que se apresenta a nós a exigir ação aqui e agora considerando-se consequentemente a situação de continente colonizado em busca de sua autonomia como sociedade produtora de sua própria autodeterminação. DUSSEL, E. D. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo/Piracicaba: Loyola/Unimep, 1982 (Coleção Reflexão Latino-Americana, 3, I). p. 50.

⁶³⁰ A utilização da expressão *contextos de sofrimento*, ao invés ou conjuntamente com a utilização da expressão *peessoas em situação de sofrimento*, quer sinalizar que é possível que haja o despertar da sensibilidade e da consciência diaconal não só a partir do encontro da comunidade com pessoas necessitadas, mas também com contextos marcados por injustiças, como é o caso das questões envolvendo o meio ambiente. Neste caso, quando os membros defrontam-se com contextos marcados pela morte da flora e da fauna, com a poluição de rios, com o uso desregrado de agrotóxicos, entre outros, podem-se sensibilizar diaconalmente para a importância da preservação ambiental extremamente necessária para a sustentabilidade do planeta. Diante disso, a diaconia do encontro, a qual consiste na concepção do fenômeno do encontro como seu principal eixo-transversal, engloba em seu horizonte as várias dimensões da diaconia comunitária. Sobre as dimensões da diaconia comunitária ver: NORDSTOKKE, Kjell; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Diaconia em contexto**: transformação, reconciliação, empoderamento: uma contribuição da FLM para a Compreensão e a Prática da Diaconia. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2009.

suas palavras, “promover o encontro com os necessitados pode ser uma chave fundamental para a sensibilização diaconal”.⁶³¹

[...] a ação diaconal se concretiza mais facilmente se, somada à motivação interna, ocorrer o encontro com a pessoa necessitada. [...] O encontro com a pessoa necessitada e entre pessoas converte, transforma, motiva, humaniza, tanto para quem ajuda quanto para aquele que, nesse momento, é o ajudado. Essa é a via de mão dupla da diaconia.⁶³²

Pelo fato do fenômeno do encontro não representar o foco da pesquisa de Georg, ela não aprofundou a temática, apenas apresentou tal suspeita como hipótese que carecia de uma fundamentação mais sólida para se confirmar ou não. Por sua vez, a presente pesquisa seguiu a pista deixada pela autora após tomar conhecimento dos primeiros dados colhidos pela pesquisa social que embasa a presente pesquisa. A partir do momento em que as pessoas entrevistadas, e também os membros do CONAD através do questionário, foram afirmando que a proximidade, a comunhão, o encontro entre os membros com pessoas em situação de sofrimento, era um agente que despertava a sensibilidade e a consciência diaconal, fomos tomando consciência do grande potencial que a exploração deste fenômeno poderia ter para a diaconia comunitária na IECLB. As próximas páginas e tópicos mergulham nessa hipótese.

Quando perguntada sobre os elementos que motivam as pessoas à diaconia, a pesquisadora Fernanda afirmou: “eu vejo que é exatamente o contexto, a realidade das pessoas, que move, que mexe as pessoas pra diaconia né [...]”.⁶³³

A pesquisadora Jaiane, ao ser perguntada a respeito dos elementos que contribuem para o despertar diaconal nas comunidades, também afirma o fenômeno do encontro como a chave fundamental:

É a proximidade é o contato né, muitas pessoas nas comunidades nunca tiveram contato real com povos indígenas, nunca... não sabem o que é um quilombo, o que é uma comunidade quilombola, como esses direitos são reconhecidos né, não tem uma oportunidade de encontrar essas pessoas. Diaconia é encontro, passa pelas pelos nossos corpos né. Eu penso que a experiência que o COMIN teve por exemplo, de reunir mulheres indígenas e mulheres da OASE, é uma referência prática muito potente né de reconhecimento, de reconhecimento da diversidade, de reconhecimento da outra pessoa né na sua interculturalidade, assim como também esse trabalho realizado com as escolas luteranas né, a partir do projeto ‘Educação para a Solidariedade e Paz’, em que as escolas tem acesso a projetos que são executados pela Fundação, onde a estudante e a comunidade escolar como um todo encontra catadoras e catadores por exemplo em atividades, encontra lideranças indígenas, encontra mulheres na economia solidária, encontra o povo quilombola né

⁶³¹ GEORG, 2006, p. 205.

⁶³² GEORG, 2006, p. 205.

⁶³³ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

e consegue então ampliar a sua... a sua limitação imposta também pela sociedade dividida em classes né. Nós temos pouquíssima interação né com a diversidade e as comunidades eu acredito que tem um uma ... constituem um espaço muito importante de afirmação da diversidade [...].⁶³⁴

Também para Célio a experiência do encontro consegue algo que nenhuma formação, celebração ou discussão teórica é capaz de alcançar. A sensibilização diaconal tem muito mais chance no momento em que os membros estabelecem contato concreto com pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento. É nesse momento que a indiferença dá lugar a compaixão, a empatia e a solidariedade.⁶³⁵ Fernanda cita como exemplo os voluntários que participam de um programa de visitação coordenado por ela: “[...] a questão de doença também mexe muito com as pessoas, então os voluntários querem ajudar, querem levar uma palavra de conforto né, então é... eu acho que o sofrimento humano [...] motiva as pessoas pra ação, sabe, pra querer fazer alguma coisa”.⁶³⁶

Se por um lado a proximidade da comunidade com contextos de sofrimento funciona como um importante propulsor para a ação diaconal, o contrário também é válido. Georg observou que as campanhas diaconais feitas no período de sua inserção que propiciavam o encontro de pessoas e da comunidade com as pessoas assistidas tiveram crescimento. Por outro lado, as campanhas que confiavam à entrega das doações a terceiros foram enfraquecendo até a sua extinção. Desta forma a autora conclui: “observou-se que essa pode ser uma chave importante que explica por que algumas ações diaconais foram intensificadas a partir do final de 2001, e por que outras extinguiram-se”.⁶³⁷

A representante da JE suspeita que as realidades que são distintas daquelas vivenciadas pelos jovens são mais difíceis de serem assimiladas por eles, dificultando assim o processo de sensibilização e a conscientização diaconal. Isabella afirma isso ao falar sobre o contexto das migrações: “[...] mas assim, é um contexto que parece que não tá tão presente, daí a gente não enxerga tanto né [...]”.⁶³⁸ Isabella suspeita que o contexto permeado por privilégios sociais e econômicos, no qual vivem parte dos jovens da IECLB, é um fator que dificulta a empatia deles com os grupos e pessoas em situação de vulnerabilidade social.⁶³⁹ O mesmo argumento é utilizado pela pesquisadora entrevistada Sabrina: “E muitas vezes a questão passa pelas necessidades básicas né, então se é uma classe aí que não tem, tem todas

⁶³⁴ JAIANE, cf. ANEXO 3.

⁶³⁵ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁶³⁶ FERNANDA, cf. ANEXO 1.

⁶³⁷ GEORG, 2006, p. 214.

⁶³⁸ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

⁶³⁹ ISABELLA, cf. ANEXO 6.

as necessidades físicas básicas atendidas, ela vai passar menos, vai sentir menos no seu corpo né”.⁶⁴⁰ O pesquisador entrevistado insiste na mesma direção:

[...] falta a gente conseguir dialogar um pouco mais também e mostrar uma outra realidade que as nossas Comunidades de fato não estão acostumadas, e não condeno elas por isso, nunca foi ofertado diferente, [...] ou já foi mas elas não conheceram essa realidade de perto.⁶⁴¹

Georg nos ajuda a compreender esse fenômeno:

Possivelmente a ausência de ter experimentado um determinado sofrimento pode também contribuir para manter uma insensibilidade em relação a outros que padeçam dele. Assim, enquanto a pessoa não tiver tal experiência de vida, não será sensível para compreender a importância de um gesto solidário. Isto, aplicado à comunidade, poderia indicar, por exemplo, que a rampa dificilmente será feita enquanto os homens do Presbitério não forem idosos ou não tiverem idosos na família próxima ou pessoas com necessidades especiais e necessitarem da eliminação dos degraus na frente da igreja.⁶⁴²

No entanto, o contrário também parece ser válido. Na compreensão de Georg, experiências pessoais comuns quebram barreiras de isolamento, aproximam pessoas, e dessa forma despertam a empatia, a solidariedade e a sensibilidade diaconal: “a experiência da maternidade parece ser uma forte aliada que, associada ao encontro com as mães carentes, resulta na intensificação da ação diaconal”.⁶⁴³

A experiência pessoal parece ser um fator que humaniza, solidariza e sensibiliza a pessoa para uma ação diaconal que visa um grupo cuja experiência é similar. Isso se verificou nas ações “de mulher para mulher” e também na ação empreendida pela mulheres em favor das senhoras idosas. As mulheres eram cuidadoras de suas mães ou sogras idosas e essa experiência as solidarizou com outras pessoas de terceira idade que não podiam mais participar das atividades da comunidade.⁶⁴⁴

Ora, se a demasiada distância existente entre os membros e os contextos de vulnerabilidade e sofrimento é um elemento medular que impede o desenvolvimento da sensibilidade diaconal e conseqüentemente dificulta o progresso da diaconia comunitária, é fundamental que esse distanciamento seja superado. A análise relacionada aos preconceitos e processos discriminatórios existentes na IECLB nos mostrou que os muros que sustentam os isolamentos e a distâncias entre as pessoas não são apenas físicos, existem vários sistemas de exclusão, constituídos por elementos sociais, econômicos e culturais que precisam ser

⁶⁴⁰ SABRINA, cf. ANEXO 2.

⁶⁴¹ CÉLIO, cf ANEXO 4.

⁶⁴² GEORG, 2006, p. 218.

⁶⁴³ GEORG, 2006, p. 214.

⁶⁴⁴ GEORG, 2006, p. 217-218.

superados por uma diaconia do encontro. Por outro lado, as pontes que aproximam as pessoas, propiciando possibilidades de encontros transformadores, podem ser construídas por vários tipos de materiais, a experiência da maternidade, por exemplo, nos ensina isso: mães se sentem próximas de outras mães e por isso manifestam mais facilmente a solidariedade ao terem sua sensibilidade despertada por um sofisticado tipo de encontro mediado pela experiência comum.

Com base nisto, a diaconia é desafiada a identificar os muros que separam as pessoas, compreender quais são as estruturas, sistemas e lógicas que inviabilizam as possibilidades de comunhão. Por outro lado, o desafio é resgatar e recrutar os elementos que facilitam a convivência humana, desde as questões mais pontuais, promovendo encontros intencionais entre os membros com pessoas em situação de sofrimento e injustiça, trazendo para a comunidade testemunhos de imigrantes, pessoas em situação de rua, pessoas encarceradas, famílias desempregadas, até reflexões e discussões que ajudam os membros e a comunidade compreender a importância de promovermos uma convivência social inclusiva e acolhedora.

5.5 A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA DA DIACONIA DO ENCONTRO

A construção desta tese relacionada ao fenômeno do encontro aconteceu a partir da constatação empírica de que ele funciona como um método promissor para o despertar da sensibilidade e da consciência diaconal dos membros e das comunidades de fé filiadas à IECLB. Neste contexto, torna-se importante buscar nos testemunhos bíblicos e em referenciais da teologia subsídios que podem fundamentar melhor a tese do fenômeno do encontro, e ainda facilitar a sua articulação com aspectos da realidade atual da diaconia na IECLB, realidade esta povoada por desafios e possibilidades.

As sagradas escrituras estão repletas de narrativas acerca de encontros entre Deus e o seu povo. No Antigo Testamento, o encontro entre Deus e Moisés acontece por meio de uma sarça que arde em fogo sem ser consumida (Êx 3.1,22), já o profeta Elias encontra Deus no monte Horebe por meio de uma brisa tranquila e serena (1Rs 19.1,18), enquanto isso o personagem Jó encontra Deus em meio ao caos de sua vida, por meio de um redemoinho (Jó 38.1).

Durante a travessia do deserto, o tabernáculo era o sinal da presença de Deus que peregrinava junto com seu povo, nele se encontravam as tábuas da aliança dadas por Deus a Moises no Monte Sinai (1 Rs 8.9), era em torno dele que o povo se encontrava com Deus (Nm 10.33). Após a constituição da monarquia em Israel, o rei Salomão construiu o templo, o qual abrigou o tabernáculo (1Rs 8,1,13). Há nesse momento uma mudança importante na forma de encontrar Deus, se antes Deus estava entre o povo peregrino agora o povo precisa peregrinar até o templo para estabelecer comunhão com o sagrado. “Embora tivesse consciência de que Deus é muito maior que o templo, Salomão insistiu em afirmar que é para o templo que é preciso se dirigir para que Deus escute”.⁶⁴⁵ O profeta Natã, anos antes, havia alertado o pai de Salomão, o rei Davi, que Deus não queria uma casa para morar, pois seu lugar era no meio do povo (2Sm 7.4,7). Vários profetas enxergam no templo o símbolo de uma religião que ao se aliar ao poder tornou-se corrupta, por tal motivo os cultos (encontros entre Deus e o povo) são falsos (Jr 7.1,27; Am 4.4,5). “Com a construção do templo para YHWH e controlando seu culto, Salomão conseguiu a legitimação religiosa para justificar seus mandos e desmandos sobre o povo”.⁶⁴⁶

Jesus Cristo representa em si uma nova forma de se relacionar com Deus. Se no AT os encontros aconteciam mediados por fenômenos naturais, objetos ou lugares, em Cristo o próprio Deus se encontra com os seres humanos de forma direta. No encontro com a mulher Samaritana, Jesus explica que o encontro com Deus não depende de lugares específicos, como afirmava o rei Salomão (1Rs 8.29,30): “importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.24).

Por fim, é no discurso acerca do grande julgamento que nos é revelado o lugar por excelência onde Cristo quer ser encontrado: na comunhão com os crucificados e crucificadas do mundo.

[...] então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes verme. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te

⁶⁴⁵ GASS, Ildo Bohn. **Formação do Império de Davi e Salomão**. São Leopoldo: CEBI, São Paulo: Paulus, 2003. p. 47.

⁶⁴⁶ GASS, 2003, p. 47.

fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.⁶⁴⁷

Na compreensão de Hans Trein, Jesus estabelece uma identidade sacramental com as pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade e sofrimento.

O critério de julgamento está nas pessoas que não fazem parte, que estão fora, que não têm importância, ou, como escreveu o apóstolo Paulo, “Deus escolheu as coisas humildes do mundo e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são” (1 Coríntios 1.28). No discurso do juízo final, em Mateus 25, Jesus distingue entre salvação e condenação pelo critério da atenção ao sofrimento das pessoas excluídas. Portanto, o critério não é a espiritualidade abstrata, a religiosidade, a piedade de louvação! A identificação de Jesus com essas pessoas apartadas de uma vida “normal” é inequívoca: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (25.40). Jesus não está dizendo: “... é como se o tivesses feito a mim”! Não se trata de uma postura altruísta e moral, trata-se de identidade sacramental entre Jesus e as pessoas excluídas. Os pobres, excluídos, forasteiros, presos, nus [...] não são apenas um objeto do amor ao próximo, eles são o “sacramento” de Cristo, lugar e forma de sua presença. Cristo não está presente apenas dentro de um ambiente familiar, mas justamente na perturbadora “área do estranho”, na qual se encontram também as pessoas migrantes.⁶⁴⁸

Considerar as pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento como sacramentos de Cristo significa afirmar que por meio deles Deus se manifesta à igreja e ao mundo. Eles são os grandes comunicadores da palavra de Deus. Logo, a igreja não é portadora do sagrado, o encontro com Deus não é exclusividade do culto promovido por ela, mas um culto está ligado ao outro, ou seja, cultuamos Cristo dentro das paredes da igreja, no encontro litúrgico com Deus e a comunidade, e fora de suas paredes, no encontro sacramental entre a comunidade e os crucificados e crucificadas deste mundo: encontrá-los é encontrar a Cristo; esquecê-los é esquecer a Cristo.

A comunhão mística e irrestrita estabelecida por Jesus Cristo com todas as pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento confere à diaconia uma dimensão fortemente espiritual. Todas as vezes que as vítimas da sociedade são encontradas, o próprio Cristo também é. Logo, a diaconia do encontro é simultaneamente comunhão com as pessoas e com o sagrado. Neste contexto, fé, ação e revelação são parte de uma mesma experiência.

No campo das teologias que dialogam com o contexto da IECLB possivelmente é a Teologia da Libertação que mais vai se esforçar em refletir e traduzir tais percepções para o

⁶⁴⁷ A BÍBLIA SAGRADA, 1997.

⁶⁴⁸ TREIN, Hans. Migração: uma abordagem bíblica. In: **Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé**. 2017. Curso Online. Disponível em: <https://ava.est.edu.br/moodle/pluginfile.php/66538/mod_resource/content/3/Unidade%202.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2020. p. 07.

contexto latino-americano. Por isso, acreditamos que ela seja uma aliada no esforço de deixarmos ainda mais claro os fundamentos teológicos de uma diaconia do encontro.

Para vários autores, é justamente o reconhecimento do Cristo Crucificado em meio aos crucificados e crucificadas da sociedade, o contexto natal da Teologia da Libertação, e é isso que faz dela uma teologia profundamente diaconal.⁶⁴⁹ “Eu creio que a Teologia da Libertação nasce de uma experiência espiritual que brota do contato com a realidade, com os pobres, com a miséria do continente. Há como um sacudir- -se por dentro, um compreender que isto Deus não quer [...]”.⁶⁵⁰ O principal conceito que operacionaliza a percepção de Cristo entre as pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento é o conceito da *opção pelos pobres*.

Sem a noção da opção pelos pobres, a teologia da libertação perderia a dimensão da espiritualidade e da compaixão, que enxerga no sofrimento humano e da natureza o sofrimento do próprio Deus, revelado por meio de Jesus Cristo, que se coloca junto às pessoas em situação de exclusão, para redimi-las.⁶⁵¹

Para o teólogo Aquino Junior, tal conceito é o núcleo duro da TdL, sem o qual ela simplesmente deixa de existir. O referido teólogo esclarece no que consiste este conceito a sua abrangência no contexto desta teologia:

Podem-se enfatizar mais os aspectos socioeconômicos da pobreza; pode-se tomá-la num sentido mais amplo que abrange também as questões de gênero, etnia, raça, etc. ou tomá-la simplesmente como sinônimo de injustiça e opressão; pode-se estabelecer ou não uma certa hierarquização entre as diversas formas de opressão; pode-se até mesmo discutir se a relação Deus-pobres na teologia deve ser compreendida e formulada nos termos de “relação transcendental” (Sobrino) ou de “princípio primeiro e regente, e princípio segundo e regido” (Boff). De uma forma ou de outra, a “perspectiva do pobre” apresenta-se como algo constitutivo e central dessa teologia. A ponto de que se poderia dizer que, em última instância, a questão decisiva da TdL é sempre a mesma: e os pobres?⁶⁵²

O segundo pilar da Teologia da Libertação é a noção de pecado estrutural, que basicamente surge a partir da percepção de que existem estruturas, sistemas e lógicas responsáveis por produzir as misérias e quadros de sofrimentos vivenciados por pessoas e pelo planeta.

⁶⁴⁹ GAEDE NETO; STUMPF; OLIVEIRA, 2019, p. 565.

⁶⁵⁰ CODINA, Victor. Qual a raiz da Teologia da Libertação? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). **Teologia da libertação: novos desafios**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 58.

⁶⁵¹ GAEDE NETO, STUMPF, OLIVEIRA. 2019, p. 566.

⁶⁵² AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 95-96.

Paralelamente [...] surgiu a de “pecado estrutural” revelando que há estruturas sociais, econômicas, políticas ou culturais que são pecaminosas – produzem sofrimentos, opressões, o mal – pelo próprio funcionamento da sua lógica, quase que independente das intenções das pessoas envolvidas nestas estruturas.⁶⁵³

É possível identificar na junção desses dois conceitos, a saber o opção pelos pobres e a noção de pecado estrutural, a coluna vertebral dessa teologia. Esses dois conceitos oferecem importantes contribuições a diaconia latino-americana:

Esses dois fundamentos da teologia da libertação dialogam com desafios postos à diaconia pelo contexto latino-americano. O conceito de opção pelos pobres e seus desdobramentos não permite que a diaconia esqueça o seu fundamento inegociável, a saber, sua atenção às pessoas que sofrem. Por outro lado, o conceito de pecado estrutural e seus desdobramentos oferece à diaconia a possibilidade de identificar e articular formas de fazer frente às estruturas, sistemas e lógicas que empurram pessoas e a própria natureza para a situação de vulnerabilidade na atualidade.⁶⁵⁴

As contribuições do diálogo entre a Teologia da Libertação e a diaconia, no horizonte da fundamentação de uma diaconia do encontro são várias. Ao lembrar a diaconia do seu fundamento inegociável, que é a experiência de perceber nos contextos de sofrimento e injustiça o próprio rosto de Cristo lacrimado que clama por libertação, a TdL propõe considerar a perspectiva do necessitado como baliza para as ações diaconais. Essa mudança de perspectiva, que considera a pessoa necessitada um agente protagonista da transformação está firmemente arraigada no Evangelho: “que queres que eu faça?” (Lc 18.35,43), perguntou Jesus ao cego de Jericó antes de devolver a visão a ele. “As pessoas alcançadas pela diaconia deixam de ser apenas destinatárias ou receptoras e tornam-se, acima de tudo, protagonistas. Esse é um dos parâmetros norteadores da metodologia diaconal libertadora”.⁶⁵⁵

De igual modo, um encontro autêntico só pode acontecer entre pessoas que se respeitam e se interpretam como iguais em termos de dignidade. Neste sentido, uma diaconia do encontro, necessariamente, precisa promover processos de empoderamento com aqueles que estão do lado desfavorável da situação, além de pensar e articular processos de formação continuada com todas as pessoas envolvidas no processo, para que tenham consciência da realidade que habitam.

Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra. Os oprimidos, nos vários

⁶⁵³ MO SUNG, Jung. Pecado estrutural e as boas intenções. 2007. Adital. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=28977>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

⁶⁵⁴ GAEDE NETO, STUMPF, OLIVEIRA. 2019, p. 566.

⁶⁵⁵ GAEDE NETO, STUMPF, OLIVEIRA. 2019, p. 569.

momentos da sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem.⁶⁵⁶

Na mesma direção sinaliza a teóloga Sara Baltodano:

Um acompanhamento pastoral comprometido com as pessoas empobrecidas tem como objetivo que as pessoas cumpram o papel de agentes ativos que mudem sua própria situação de injustiça. O trabalho pastoral promove nas pessoas e colabora com elas nos processos de 'dar-se conta' de sua condição e estar prontas para lutar contra ela. Não se considera as pessoas como inválidas, incapazes, ignorantes ou impotentes. Ninguém tem o direito de expropriá-las de seu lugar como agentes transformadores da história.⁶⁵⁷

Se por um lado, o conceito da *opção pelos pobres* contribui para que a diaconia do encontro leve em conta a perspectiva da pessoa em situação de vulnerabilidade e sofrimento em seus processos de atuação, a considerando protagonista deles, o conceito do pecado estrutural aponta para o horizonte dos encontros entre a comunidade com os contextos de sofrimento e injustiça.

[...] o conceito de pecado estrutural afirma que o pecado se cristaliza em estruturas, sistemas e lógicas que escravizam o ser humano e a natureza; logo, é tarefa da diaconia identificar tais pecados estruturais e articular ações que visem à sua superação, sem perder de vista a consciência sobre seus próprios limites. Essa opressão patrocinada pelo pecado estrutural vai além do nível estrutural propriamente dito, pois envolve o ser humano em sua integralidade. Percebendo isso, desde o início a teologia da libertação sustentou que a libertação deveria levar em conta a dimensão integral humana.⁶⁵⁸

O conceito de pecado estrutural propõe que os encontros entre a comunidade com os contextos de sofrimento tenham um objetivo além da própria comunhão em si, mas que tenham a transformação das situações de injustiça e sofrimento como horizonte. Em termos gerais, a diaconia do encontro é uma construtora de pontes, a serviço da comunhão e da convivência humana, as quais quando vivenciadas sob a luz do evangelho promovem libertação e transformação.

⁶⁵⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 59. Percebe-se nessa obra a utilização de uma linguagem não inclusiva. Aos poucos, o pedagogo foi se dando conta da necessidade de adaptar a sua linguagem, é o que pode se perceber na edição de 2011 da obra *Pedagogia da Esperança*: Cf. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

⁶⁵⁷ BALTODANO, Sara. Rostos empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral**: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 200.

⁶⁵⁸ GAEDE NETO, STUMPF, OLIVEIRA. 2019, p. 569.

Pensar a diaconia do encontro como uma construtora de pontes é afirmar seu caráter de mediadora entre a comunidade com os contextos de sofrimento. Ela recupera a perspectiva de diaconia como mediação ao compreender que uma de suas principais funções é estabelecer relações externas à comunidade de fé, fazendo uso da comunicação, mobilidade e mediação entre grupos e setores *intra* e *extracomunitários*.⁶⁵⁹ Neste sentido, o diferencial da diaconia do encontro é o seu foco na promoção da convivência que agrega a diversidade, no fomento da comunhão autêntica entre os de dentro e os de fora, no movimentar-se dentro da perspectiva da inclusão, em suma, a diaconia do encontro é uma diaconia essencialmente comunitária ao apostar que é a comunhão que desperta a compaixão e a solidariedade.

Por outro lado, sua dimensão de diaconia como ação de serviço a partir da fé cristã continua sendo seu elemento motor, pois são justamente os fundamentos da fé cristã que a impulsionam a estabelecer relações de mediação. Diante disso, pode-se afirmar que a diaconia do encontro conjuga em si a perspectiva de diaconia como serviço e mediação.

Uma diaconia focada em construir pontes necessariamente precisa identificar e pensar estratégias para superar os obstáculos que impedem à viabilização da obra. Reconhecer o fenômeno do encontro como um lugar ou acontecimento privilegiado para a sensibilização diaconal significa afirmar a importância de superar as distâncias que separam as pessoas. As pessoas tornam-se estranhas umas das outras por diversas questões, cabe à diaconia comunitária se aliar aos processos de superação das barreiras responsáveis por isso. Tais distâncias nem sempre são constituídas por metros ou quilômetros, tampouco os muros são feitos a base de cimento, areia e pedras. Na atualidade, a maioria das distâncias e muros são construídos a partir de preconceitos, estigmas, injustiças sociais, econômicas e culturais.

Ao analisar o ministério de Jesus Cristo, é possível perceber como são frequentes as tentativas assumidas por ele que visam a superação de barreiras entre as pessoas. As atitudes estão sempre na direção de tornar próximo e familiar a pessoa que até então era vista como estranha. As comunhões de mesa superavam os obstáculos entre os “santos” e “pecadores”, as curas reinseriam as pessoas no convívio social, os diálogos com pessoas de outra nacionalidade quebravam as fronteiras culturais e geográficas.

Em diversas passagens do Novo Testamento, Jesus reconhece a fé de homens e mulheres que não faziam parte do povo escolhido de Israel. As palavras de um militar: “Senhor, não sou digno de receber-te sob o meu teto, mas dize uma palavra e o meu rapaz será curado” (Mateus 8.8; Lucas 7.6), provocou a expressão de

⁶⁵⁹ COLLINS, 1990, p. 77-95.

reconhecimento talvez mais famosa de Jesus: “Eu vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé” (Mateus 8.10b; Lucas 7.9b). Igualmente, na confrontação com a mulher cananeia (Mateus 15. 21-28), Jesus termina reconhecendo a grandeza de sua fé.⁶⁶⁰

A conclusão alcançada por Rodolfo Gaede Neto após realizar sua pesquisa de doutorado acerca das comunhões de mesa de Jesus segue na mesma direção: “sua hospitalidade gratuita liberta seus seguidores e seguidoras para o exercício do acolhimento, da hospitalidade, da partilha, da solidariedade, do enfrentamento das barreiras de discriminação e exclusão social, cultural, econômica, política e religiosa”.⁶⁶¹

As possibilidades de a diaconia promover encontros transformadores dependem da sua competência em superar os obstáculos e barreiras que os impossibilitam. O próximo subcapítulo vai buscar identificar as potencialidades da diaconia do encontro no horizonte de superação de alguns dos muros que impossibilitam os encontros entre os membros e as comunidades com os contextos de injustiças e sofrimentos.

5.6 AS CONTRIBUIÇÕES DO FENÔMENO DO ENCONTRO PARA A SUPERAÇÃO DE OBSTÁCULOS DA DIACONIA COMUNITÁRIA

Ao longo dessa pesquisa, foram identificados vários obstáculos que impedem ou dificultam o desenvolvimento da diaconia comunitária, desde obstáculos ligados à estruturação da diaconia comunitária até entraves conectados com elementos culturais, sociais e econômicos, os quais habitam os bastidores das comunidades luteranas. A exploração do fenômeno do encontro como eixo transversal da articulação da diaconia não promete responder a todos os obstáculos diaconais atuais. Mesmo que conseguisse realizar tal façanha o nosso contexto marcado pela transitoriedade⁶⁶² encontraria formas de apresentar novos obstáculos. Mesmo assim, torna-se oportuno compreender as possibilidades de diálogo entre a diaconia do encontro e alguns dos obstáculos diaconais até aqui elencados.

O objetivo assumido por este tópico é propor um exercício teórico visando compreender de que forma a diaconia do encontro dialoga com dois grupos de desafios postos à diaconia comunitária na atualidade, a saber, os desafios provenientes da mentalidade clubista e da existência de estigmas, preconceitos e discriminações presentes nas comunidades. A reflexão que segue não visa esgotar o assunto, apenas imaginar implicações da diaconia do encontro em diálogo com determinados desafios.

⁶⁶⁰ TREIN, 2017.

⁶⁶¹ GAEDE NETO, 2014, p. 214-215.

⁶⁶² BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-8.

Um dos maiores obstáculos postos ao desenvolvimento da diaconia comunitária da IECLB na atualidade é a mentalidade clubista, a qual foi debatida no capítulo anterior. Os desafios para a superação desse obstáculo são grandes e vários. Um dos principais é dar o passo na direção daqueles que estão fora do gueto luterano, seguindo o exemplo da Igreja Antiga, que não manifestou seu cuidado apenas às pessoas que faziam parte da comunidade, mas buscou socorrer as pessoas em situação de sofrimento e vulnerabilidade sem fazer distinção entre membros e não membros.⁶⁶³

Uma comunidade que é diaconal necessariamente rompe os seus próprios limites. Isso também implica uma superação da preocupação exclusiva da comunidade com a própria sobrevivência. Uma comunidade que vive como um gueto, exclui-se da participação na transformação social. As comunidades devem abrir-se, ter clareza sobre seu papel social e assumir seu lugar na construção de cidadania para todos.⁶⁶⁴

Em última análise, a diaconia do encontro é assim denominada porque considera o fenômeno do encontro como eixo-transversal de sua própria articulação. Ora, para ela é no encontro contextos de injustiça e sofrimento, com as pessoas em situação de vulnerabilidade, muitas das quais vivem nas periferias, nos bairros pobres, fora dos limites institucionais da comunidade, que se dá o encontro com Cristo, e todo encontro com Deus fora dos muros eclesiais é uma superação do espírito e da mentalidade clubista.

O segundo grupo de obstáculo, o qual foi trabalhado no início do presente capítulo, diz respeito aos estigmas, preconceitos e discriminações existentes no âmbito das comunidades da IECLB. Tais obstáculos são muros que impedem a vivência da comunhão, da solidariedade, da empatia, da compaixão, pois eles negam a dignidade de filhos e filhas de Deus de determinados grupos e pessoas. Conferem valores diferentes as pessoas conforme a cor da pele, a descendência, os grupo social que pertence, sua orientação sexual, seu poder aquisitivo, etc. Em todo caso, é improvável que uma comunidade se sensibilize diaconalmente com um grupo com o qual ela cultiva preconceitos.

A diaconia do encontro, por compreender o fenômeno do encontro como eixo-transversal de sua própria articulação, abre um leque de possibilidades para a superação de tais obstáculos, isto porque o encontro entre membros da comunidade com pessoas e/ou grupos vítimas de preconceitos representa uma oportunidade de superação dos rótulos e estigmas. Por exemplo, boa parte dos membros de nossas comunidades nunca entrou num presídio, nunca conversou com um presidiário, e mesmo assim o preconceito com os

⁶⁶³ HAMMAN, A. G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 79.

⁶⁶⁴ GEORG, 2006, p. 230.

presidiários aparece como uma dos mais latentes e recorrentes. Tal fato parece indicar que o distanciamento, o desconhecimento e o medo são ingredientes básicos para a manutenção deste preconceito. Logo, o encontro de membros com esse público favorece o conhecimento, a superação do medo, e principalmente, ao propiciar a comunhão, o presidiário deixa de ser simplesmente rotulado como um presidiário comum e passa a ser reconhecido enquanto sujeito, que tem nome, tem uma história, tem dores, amores, frustrações, alegrias, etc. Ou seja, a sensibilização torna-se muito mais possível quando os rótulos são trocados pelos nomes, quando as categorias são substituídas por histórias de vida, quando a distância é vencida pelo encontro que reconhece a dignidade e a individualidade de cada sujeito.

A representante da OASE apresenta um testemunho que ratifica os argumentos apresentados acima. Para ela, por mais que exista um preconceito muito enraizado direcionado à população LGBTQI+ nos grupos de OASE, quando a mãe percebe que seu filho ou filha se identifica como homossexual/homoafetiva, esse preconceito tende a ser revisto. “[...] a gente sabe que tem muitas ‘vós’ e mães que sofrem com isso, eu tenho casos que vieram chorando, sabe não sabia o que fazer como agir né, porque a gente só sente na pele quando bate na sua porta né, [quando] acontece com o outro não...”.⁶⁶⁵

Dados, informações, números, análises sociológicas, nenhuma dessas categorias tem um potencial tão grande para o despertar da sensibilidade diaconal quanto o encontro direto com as pessoas em situação de sofrimento. Por exemplo: a discussão teórica relacionada à problemática das migrações internacionais tem um potencial de sensibilização menor do que o testemunho em primeira pessoa de um ser humano que viveu e vive os dramas causados pelas migrações forçadas. O relato abaixo significa o testemunho em primeira pessoa de uma mulher migrante haitiana, a qual está no Brasil há alguns anos.

Eu morava na República Dominicana há vinte anos. Quando escutei da lei que abriu as portas do Brasil, o meu pai entrou no país. Eu consegui um voo para o Brasil, e meu marido veio seis meses antes de mim porque aqui tinha trabalho. Na República Dominicana não me davam trabalho – não dão trabalho aos haitianos. Saí do país com muitos problemas... São racistas. Eu estava vivendo lá e não conseguia amar. Estava vivendo sem casa, na rua, sem roupa. Eu gostaria de trazer minha mãe, mas ela não tem força. Se eu não trabalho aqui pra mandar dinheiro pra minha mãe, ela não tem nada. Falo com ela todos os dias. Eu ainda tenho outro filho lá... e tinha uma filha, também. Minha filha estava na República Dominicana, ia à escola com a filha do meu marido. Eu pedi visto para as duas para trazê-las aqui. Seis meses depois ela caiu no chão da escola e minha cunhada a levou ao hospital. Ela estava com anemia, ficou internada nove dias e melhorou um pouco. Depois passou muito mal e voltou pro Haiti. Faleceu uma semana depois que chegou no Haiti. Eu não posso ir ao psicólogo, chego muito tarde do trabalho e não tenho como ir depois.

⁶⁶⁵ IVÂNIA, cf. ANEXO 8.

Sinto muita dor no coração. Às vezes eu não quero comer, não quero dormir... É difícil. Mas meus colegas, meus amigos, são muito bons comigo. Eles oram comigo, me abraçam, me ajudam. Quando minha filha faleceu, cheguei ao trabalho e todos me abraçaram e disseram: “Tenha confiança em Deus, Ele vai te ajudar”. Me sinto muito bem aqui no Brasil. No hospital os pacientes, doentes com câncer, me ajudam a superar isso, me dão presentes, me abraçam, oram comigo... Não quero voltar pra lá, a República Dominicana. Eu digo a Deus muita obrigada por estar no Brasil.⁶⁶⁶

Como é possível perceber, um testemunho, mesmo que escrito, como esse relato em primeira pessoa do singular de Mona, tem um potencial de sensibilização diaconal como nenhuma reflexão teórica é capaz de propiciar. Os relatos de experiências são uma forma sofisticada da igreja vivenciar uma forma de encontro, quando o encontro físico não é possível.

O exercício teórico feito neste tópico demonstra que a promoção intencional de encontros entre pessoas que estão em lados opostos do muro é uma estratégia de superação. Quando vivências acontecem, quando comunhões são estimuladas, quando encontros são facilitados, a superação de rótulos, estigmas e preconceitos torna-se muito mais possível.

5.7 AS CONTRIBUIÇÕES DO FENÔMENO DO ENCONTRO PARA A EDUCAÇÃO CRISTÃ E A LITURGIA

Assim como o culto concebido de forma isolado não é capaz de despertar a sensibilidade e a consciência diaconal da comunidade, possivelmente, a exploração do fenômeno do encontro compreendido de forma apartada de outros elementos motivadores da diaconia também não resultará em processos de despertar da sensibilidade e consciência diaconal. Por tal motivo, é importante compreendê-lo sempre em diálogo com outras áreas, com outros elementos motivadores da diaconia. O presente tópico ensaia diálogos com duas áreas, as quais, segundo a pesquisa, são espaços estratégicos para o despertar diaconal: formação e diaconia.

5.7.1 O FENÔMENO DO ENCONTRO E A FORMAÇÃO

A diácona Sissi Georg identificou na comunidade por ela pesquisada que as atividades de formação diaconal ali desenvolvidas compreendiam exclusivamente a parte teórica, negligenciado assim a perspectiva das experiências e vivências diaconais. “A

⁶⁶⁶ ROSTOS DA MIGRAÇÃO. *Mona*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

formação diaconal, muitas vezes, compreende somente a parte teórica”.⁶⁶⁷ Ao que se observa, tal realidade citada por Georg não é uma exceção no contexto da IECLB. Vivências e experiências diaconais raramente fazem parte dos eventos de formação diaconal.

Ao analisar os processos de formação assumidos pela igreja dos primeiros séculos, percebe-se que a teoria e a prática diaconal eram partes essenciais na caminhada dos catecúmenos. Testemunhos da Igreja Antiga atestam uma relação indissociável entre formação teórica e vivências diaconais.

A Igreja Antiga inseria, propositalmente, a formação diaconal na instrução dos catecúmenos (os candidatos ao batismo cristão) a partir da vivência da solidariedade. Os catecúmenos participavam dos ágapes vespertinos, por exemplo, o que, entre outros, tinha o objetivo da catequese diaconal. Verifica-se aí um método pedagógico que parte da vivência e não da teoria. Nos ágapes, acontecia o encontro direto com os necessitados, uma vez que ali estavam viúvas, pobres, órfãos e viajantes que eram amparados pela comunidade cristã. Assim, esta comunidade era o lugar onde se aprendia sobre diaconia.⁶⁶⁸

O contato direto que o candidato ao batismo tinha com as pessoas em situações de sofrimento, as quais eram assistidas pela diaconia da comunidade, promovia uma formação baseada na comunhão de mesa e de vida, a qual desencadeava processos de sensibilização diaconal, conscientização, quebra de estigmas e preconceitos que separavam os de dentro e os de fora da comunidade.

O contato face a face com o excluído desencadeia a sensibilização e a conscientização diaconal. Ele pode colocar sob suspeita e desmantelar os preconceitos de que se nutre contra os necessitados, possibilitando que se dê o passo do discurso e da intenção para a ação diaconal.⁶⁶⁹

Diante do contexto atual, marcado pela negligência das vivências diaconais nos processos de formação diaconal, e pelos impulsos provindos dos testemunhos da igreja antiga, no horizonte do sacerdócio geral e do ministério ordenado, a apropriação do fenômeno do encontro nos processos de formação representa uma oportunidade de conjugar a teoria e a prática, de conjugar a sensibilização com a conscientização.

Nesse horizonte, o primeiro passo é inserir dentro do cronograma de retiros e atividades de formação momentos em que os participantes tenham a oportunidade de conhecer grupos e pessoas em situação de sofrimento e vulnerabilidade social, bem como contextos ambientais marcados pela negligência humana. Quando as pessoas se conhecem, os

⁶⁶⁷ GEORG, 2006, p. 215.

⁶⁶⁸ GEORG, 2006, p. 227.

⁶⁶⁹ GEORG, 2006, p. 227.

rótulos que garantem o distanciamento caem por terra. Neste contexto, quando possível com assessoria de profissionais do serviço social, podem-se articular caminhadas solidárias que levam os membros a conhecer quem são as pessoas que moram nas ruas, que se abrigam debaixo das lonas, que trabalham no sinal, que catam lixo, podem-se articular visitas a projetos diaconais, a ocupações urbanas, a acampamentos do Movimento dos Sem Terra, entre outros.

Quando o deslocamento não for possível, uma opção é trazer representantes de projetos diaconais, convidar representantes de grupos que são vítimas de estigmas e preconceitos, que estão em situação de vulnerabilidade e sofrimento, para participarem de determinadas atividades constituintes do retiro ou encontro de formação. Neste contexto, é possível pensar uma atividade desse caráter durante o processo de formação e propor atividades diaconais pontuais como tarefa posterior.

No contexto da formação voltado para o ministério ordenado, urge recuperar inserções de estudantes em contextos diferenciados, como já existiu no passado no âmbito da Faculdades EST. Propiciar a interação frequente de estudantes em contextos de vulnerabilidade social, em hospitais, presídios, projetos diaconais, entre outros, certamente facilitará um comprometimento maior desses com a diaconia, mesmo quando estes fizerem adesão a uma outra ênfase ministerial. Além disso, o fortalecimento da consciência social, a qual é estimulada nas inserções, irá contribuir para articulação de uma formação teológica mais comprometida com as realidades sociais do país.

As ideias expostas acima têm o objetivo de exemplificarem possibilidades práticas, sem querer, no entanto, aprofundar o assunto. Tal tarefa poderá ser assumida por pesquisas posteriores. O mesmo exercício será feito a seguir no contexto da liturgia.

5.7.2 O FENÔMENO DO ENCONTRO E A LITURGIA

Segundo Nelson Kirst, a “liturgia é o conjunto de elementos e formas (espaços, lugares, tempos, objetos, funções, gestos, fórmulas, histórias, instruções, olhares, símbolos e significados) através dos quais se realiza o encontro de Deus com sua comunidade”.⁶⁷⁰ Neste sentido, pode-se afirmar que a liturgia é o grupo de componentes do culto cristão. A liturgia foi mudando ao longo da história da Igreja, no entanto, é possível identificar dois elementos medulares, que fazem parte do culto cristão desde os primórdios do cristianismo até os dias

⁶⁷⁰ KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 110.

atuais, são eles: palavra e ceia. “Essa estrutura básica [palavra e ceia] do culto cristão é não só a mais antiga que podemos documentar, mas é também aquela que se manteve através dos tempos”.⁶⁷¹ Além desses dois elementos centrais, Anscar Chupungco lembra que o *espaço* ou *lugar* onde aconteciam os cultos é um terceiro elemento que se manteve ao longo dos séculos. “La sinagoga les proveyó la liturgia de la Palabra, mientras que la eucaristía era una comida sagrada que se realizaba en casa. Palabra, sacramento y hogar, son los tres elementos primordiales del primitivo culto cristiano”.⁶⁷² O lugar aponta para a comunhão que se formava em torno da palavra e da ceia do Senhor, diante disso, é seguro afirmar que o núcleo central do culto cristão é formado pela proclamação da Palavra de Deus, a celebração da Santa Ceia e pela comunidade reunida: “porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mateus 18.20).

A principal celebração litúrgica que a igreja dos primeiros séculos promoveu foram os ágapes, os quais podem ser definidos como refeições comunitárias diárias onde a comunidade celebrava a eucarística. “O ágape não era mero detalhe da vida litúrgica das primeiras comunidades. Ele era, isso sim, a própria forma do que hoje denominamos culto, a sua manifestação maior, organizada e prevista”.⁶⁷³ Na compreensão de Gaede Neto, a comunidade tinha duas intenções ao promover os ágapes: “alimentar as pessoas, especialmente as mais empobrecidas, e celebrar a Ceia do Senhor”.⁶⁷⁴

A partir do ágape, as comunidades saciavam pessoas famintas de pão e sedentas de comunhão, reuniam recursos para amparar pessoas que passavam necessidade, planejavam sua ação diaconal, organizavam a diaconia da adoção e a pastoral carcerária, mantinham o serviço de visitação e, não por último, forjavam o diaconato como ministério da igreja cristã. ⁶⁷⁵

O apóstolo Paulo, ao ficar sabendo que a dimensão solidária e diaconal do ágape estava sendo deixada de lado por conta a o es de pessoas movidas pelo ego s mo, adverte a comunidade duramente (1Co 11.17,34).

O descuido para com a dimensão comunitária e social do ágape resultou em divisão, desigualdade e até morte, pois, de uma parte, havia pessoas bem nutridas e s drias, de outra, pessoas mal nutridas e doentes. O problema ocorria quando pessoas abastadas,

⁶⁷¹ KIRST, 2011, p. 114.

⁶⁷² CHUPUNGO, Anscar J. Música litúrgica y sus marcos culturales en la época primitiva. *In*: FEDERA O LUTERANA MUNDIAL. **Diálogo entre culto y cultura**. Informes de las consultas internacionales Cartigny, Suiza, 1993 y Hong Kong, 1994. Genebra: Federación Luterana Mundial, 1994. p. 104.

⁶⁷³ GEORG, Sissi. Diaconia e culto cristão: uma unidade essencial com consequências para a vida das comunidades cristãs. **Tear**: liturgia em revista, São Leopoldo, n.18 , 2005. p. 10.

⁶⁷⁴ GAEDE NETO, 2015, p. 317.

⁶⁷⁵ GEORG, 2005, p. 10.

que não estavam condicionadas a horários fixos de trabalho, chegavam mais cedo aos ágapes, comiam e se fartavam e até se embriagavam; enquanto isso as pessoas subordinadas, sujeitas ao cumprimento de jornadas de trabalho, como servos, servas, escravos e escravas, ao chegarem aos ágapes, já não encontravam alimentos. Paulo entende que quando, na comunidade cristã, as pessoas mais pobres são prejudicadas, o corpo comunitário fica lesado na sua unidade.⁶⁷⁶

Essa breve introdução a respeito dos ágapes já nos permite constatar a relação indissociada entre liturgia e diaconia, desde os primeiros séculos do cristianismo. A comunidade dos primeiros séculos viveu, a partir da relação indissociada entre liturgia e diaconia, uma autêntica diaconia do encontro, a qual tinha na comunhão solidária entre as pessoas seu elemento medular. Nos cultos, a comunidade e as pessoas assistidas se encontravam para celebrar a fé e saciar a fome. O culto era o lugar por excelência da vivência, da comunhão, da partilha, do comprometimento de uns para com outros e principalmente do encontro transformador.

Os testemunhos da Igreja dos Primeiros séculos autorizam e animam a IECLB a pensar formas litúrgicas em perspectiva diaconal. A proposta desta pesquisa é que isso aconteça a partir da exploração do fenômeno do encontro da comunidade reunida com contextos de sofrimento e injustiças. Uma das formas de viabilização é por meio da incorporação de testemunhos pessoais de grupos discriminados e vulneráveis em partes da liturgia. Tais testemunhos têm o poder de possibilitar à comunidade perceber que as pessoas homoafetivas/homossexuais têm nomes, que os agricultores sem terra também choram, que os migrantes têm saudade de casa, etc e etc. Isto porque encontros transformadores só são possíveis quando os rótulos são trocados pelos nomes. Outro desafio irrenunciável é urgente recuperar a dimensão diaconal da ceia do Senhor, a qual foi sendo perdida ao longo dos anos.⁶⁷⁷

Outras possibilidades estão ligadas a promoções de outros ritos e celebrações além do culto cristão convencional. Neste contexto, Sissi Georg destaca a importância da IECLB recuperar a prática da unção dos enfermos:

No contexto protestante, também a unção dos enfermos tem sido negligenciada. Por falta dela, muitas pessoas procuram ritos que incluem a unção, o contato tátil, a

⁶⁷⁶ GAEDE NETO, 2015, p. 318.

⁶⁷⁷ Por décadas e décadas as comunidades cristãs vivenciaram a partir do ágape a possibilidade de reunir em uma mesma celebração a refeição e a santa ceia, no entanto, chegou um dado momento que ocorreu a separação da dimensão social e mística: “o ágape sem a eucaristia perdeu sua dimensão mística (sacramental) e a eucaristia sem o ágape perdeu a dimensão social”.⁶⁷⁷ GAEDE NETO, 2015, p. 318.

intercessão específica pelos enfermos em outros lugares que não as comunidades cristãs. Sendo ela uma legítima manifestação diaconal cristã, há que ser resgatada.⁶⁷⁸

Fica para a IECLB o desafio de recuperar celebrações que representam espaços solidários, de acolhimento às pessoas em situação de sofrimento e vulnerabilidade, de convivência, de encontro e comunhão. Espaços que sejam simultaneamente de celebração, formação e realização diaconal. Em suma, o horizonte aqui proposto é que se pense a articule atividades litúrgico-diaconais tendo como eixo-transversal a promoção contínua da convivência, da comunhão e de encontros transformadores para além dos limites institucionais da IECLB.

⁶⁷⁸ GEORG, 2006, p. 233.

6 CONCLUSÃO

Conforme já afirmado na introdução desta pesquisa, a tese principal aqui defendida não foi perseguida desde o início do doutorado, pelo contrário, o achado do *fenômeno do encontro* entre a comunidade com contextos de injustiça e sofrimento, como espaço/acontecimento privilegiado para o despertar diaconal, foi emergindo paulatinamente conforme o trabalho de análise da pesquisa social se desenvolvia. De alguma forma, fomos surpreendidos com o surgimento de tal tese, não esperávamos. Nosso objetivo inicial era fazer uma análise de conjuntura da diaconia comunitária, sem, no entanto, destacar ou aprofundar um tema específico. Conforme a pesquisa social foi se desenvolvendo, o fenômeno do encontro foi se mostrando extremamente promissor no contexto diaconal comunitário luterano. Por fim, acolhemos a oportunidade de perseguir a pista do fenômeno do encontro, mesmo já na fase tardia do processo da construção da tese. Nesse contexto, a tese principal ao mesmo tempo que oferece uma explicação para o atual quadro da diaconia comunitária na IECLB, ao sustentar que um dos obstáculos ao desenvolvimento da diaconia comunitária é a distância existente entre membros e comunidade com contextos de injustiça e sofrimento, representa uma proposta promissora no horizonte do despertar da sensibilidade e da consciência diaconal dos membros da IECLB. Por tal motivo, é possível afirmar que o achado do fenômeno do encontro nos permitiu irmos além dos objetivos iniciais da pesquisa, que consistia basicamente oferecer uma resposta a pergunta: Por que, em geral, a diaconia ocupa um lugar periférico na vivência das comunidades da IECLB? .

A hipótese inicial de que a diaconia tende a ocupar um lugar periférico nas comunidades da IECLB se confirmou. Foi possível concluir que, desde o período congregacional da IECLB até os dias atuais, o perfil predominante da diaconia comunitária articulada na IECLB passou por poucas mudanças. Seus traços principais continuam sendo marcados pelo assistencialismo, espontaneísmo, geralmente compreendida dentro da dimensão do serviço subserviente *intracomunitário*. É evidente que existem exceções, mas essas são suas marcas predominantes na atualidade.

Os fatores responsáveis por configurar o perfil predominante da diaconia comunitária na atualidade são muitos. Desde fatores ligados à história do povo luterano até elementos ligados à estruturação e organização da diaconia comunitária. Por tal motivo, foi necessário trabalhar na análise de conjuntura várias questões que estão indiretamente ligadas à práxis diaconal comunitária. A análise de conjuntura demonstrou que a IECLB não passou ilesa a sua

história centenária: A história de censura religiosa sofrida pelos imigrantes tanto em sua terra natal quanto no Brasil, os meios de transportes e de comunicação rudimentares à disposição das primeiras comunidades luteranas no Brasil, os choques culturais, o isolamento geográfico, linguístico e étnico em terras brasileiras, e ainda o cultivo de uma teologia pensada na Europa que pouco dialogava com os desafios diaconais do contexto brasileiro, são elementos que deixaram marcas na forma como as comunidades luteranas vivenciam a diaconia. Fatores responsáveis por configurar o atual quadro da diaconia comunitária podem também ser observados na própria estrutura da diaconia comunitária atual, especialmente nos problemas de representatividade existentes no CONAD, na ausência de conselhos sinodais em 8 dos 18 Sínodos da IECLB, nos impasses quanto ao desenvolvimento da proposta do ministério compartilhado, nos impasses existentes no contexto da formação teológica dos ministros e ministras ordenados em geral, na formação diaconal superior em diaconia, nas dificuldades encontradas pelas comunhões diaconais na atualidade, entre outras questões apresentadas no capítulo 2 dessa pesquisa. No entanto, a tese do fenômeno do encontro dialoga de forma direta com um terceiro grupo de obstáculos, os quais estão conectados à elementos culturais, sociais e econômicos, os quais habitam os bastidores das comunidades luteranas. A pesquisa identificou que o preconceito em relação à população LGBTQI+, à população afrodescendente, aos e às migrantes internacionais, aos presidiários, à população em situação de rua, à população empobrecida, entre outros, ainda é latente e frequente nas comunidades luteranas. A existência de estigmas, preconceitos e processos de exclusão e discriminação no interior das comunidades impede que estas sejam despertadas diaconalmente em direção a tais grupos e pessoas. A diaconia do encontro, ao promover pontes com pessoas e grupos vítimas de preconceitos, permite a superação dos rótulos e estigmas. Quando vivências acontecem, quando comunhões são estimuladas, quando encontros são facilitados, a superação de rótulos, estigmas e preconceitos torna-se muito mais possível: as pontes tendem a superar os muros.

O fato da diaconia ser quase que exclusivamente compreendida dentro da dimensão do serviço subserviente *intracomunitário* desafia as comunidades a perceberem as demandas diaconais provindas dos contextos extracomunitários, desenvolvendo a diaconia dentro da perspectiva de mediação. A exploração do fenômeno do encontro como eixo transversal da articulação da diaconia dialoga justamente com tais desafios. Ao se articular, a partir da promoção de encontros intencionais entre a comunidade e contextos de injustiça e sofrimentos, muitos dos quais são extracomunitários, é possível superar a mentalidade clubista que determina o perfil intracomunitário da diaconia comunitária na IECLB. O

fenômeno do encontro como eixo transversal da diaconia costura em si a dimensão da diaconia como serviço, ao servir concretamente as pessoas necessitadas, a dimensão da diaconia como mediação, ao construir pontes e possibilidades de comunicação entre a comunidade e as pessoas necessitadas, e a dimensão da espiritualidade, ao reconhecer nas pessoas necessitadas a presença do próprio Cristo.

Em última análise, é necessário reconhecer que a presente pesquisa carrega muitas limitações, algumas delas certamente serão apontadas pela banca de defesa, e outras, pelas próprias comunidades, através de suas vivências diaconais cotidianas. Boa parte destas limitações são frutos das opções que tomamos durante nossa caminhada. O fato do achado do encontro ter sido encontrado já na parte final da pesquisa impediu um diálogo aprofundado da tese principal com um maior número de referências teóricas. Estamos cientes disso. Mesmo assim, fica para outras pesquisas a possibilidade de aprofundar essa tese, propondo novos diálogos em novos contextos. Também as comunidades a partir de sua práxis diaconal cotidiana poderão ratificar ou rechaçar as teses apresentadas nesta pesquisa.

Evidentemente que a proposta trazida pela diaconia do encontro não resolve todos os problemas que constituem as realidades da diaconia comunitária nos dias atuais. Especialmente os obstáculos envolvendo a estrutura da diaconia comunitária não são diretamente alcançados por essa proposta. O terreno por excelência da diaconia do encontro é o coração das pessoas crentes, seu compromisso antes de tudo é um compromisso de fé, com um Deus que habita as periferias do mundo e que quer nos encontra lá, junto aos injustiçados e injustiçadas pela vida, aos pisoteados e pisoteadas pelo sistema, aos esquecidos e esquecidas em nossas orações ortodoxas. Sua preocupação maior é o encontro com Deus que se dá de forma sacramental nas pessoas sofridas, pois onde Deus encontra os crucificados e crucificadas a ressurreição vence a morte, e a vida triunfa de forma concreta, espalhando brilho nos olhos, sorriso no rosto, esperança nos pés, por meio do testemunho diaconal da igreja que celebra sua fé no encontro.

Lugares à margem

(Rodolfo Gaede Neto, 2020)

1. Fortalece a presença da tua igreja

Nos lugares criados à margem dos lugares:

À margem das estradas,

À margem das cidades,

À margem dos impérios,

À margem da História.

2. Tu conheces, ó Deus, muito bem estes lugares.

Na pessoa de teu Filho, tu mesmo os visitaste:

Abraçaste as crianças,

Acolheste as mulheres,

Deste ouvido ao clamor dos cegos,

Tocaste o corpo dos leprosos.

Agora envia o teu Espírito,

Encoraja a tua igreja a ir

Aos lugares onde tu já estás

E aí te servir.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Almeida Ferreira ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

ANIELLE et al. A História dos 79 anos da Casa Matriz de Diaconisas de São Leopoldo. **UNISINOS**. 2018. Disponível em <<https://medium.com/@diaconisas79/hist%C3%B3ria-da-casa-matriz-de-s%C3%A3o-leopoldo-e4226d2c1b06>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría**. São Paulo: Loyola, 2010.

ARMANI, Domingos; SCHMITT, Cláudia; CARVALHO, Isabel. IECLB Serviço de Projetos de Desenvolvimento. **Diagnóstico participativo do Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD) da IECLB: relatório geral: diaconia e desenvolvimento, identidade e perspectivas do gerenciamento de projetos na IECLB**. Porto Alegre: IECLB, 1999.

ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA. 60 anos. **Revista da ADL**. Afonso Cláudio: ADL, 2016.

_____. História. **ADL**. 2018. Disponível em: <<https://www.adl.org.br/historia>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BAESKE, Sibyla (Org.). **Retalhos no tempo: 100 anos da OASE**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BALTODANO, Sara. Rostos empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe**. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

BARTH, Karl; KOOL, Cornelius van der; TOLSTAJA, Katja. **A carta aos Romanos (Segunda versão) 1922**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEULKE, Gisela (Org). **Diaconia: um chamado para servir**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

_____. A história do ministério diaconal na IECLB. 2007. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/a-historia-do-ministerio-diaconal-na-ieclb>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

_____. A história do ministério diaconal na IECLB. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 47, n. 1, 2007.

_____. **Diaconia em situação de fronteira**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

BLIND, Sisi. **Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB**. São Leopoldo, 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009.

BOCK, Carlos Gilberto. Fortalecendo a diaconia comunitária em rede - 25 anos de caminhada da diaconia na IECLB. **Portal Luteranos**. 2013. Disponível em:

<<http://www.luteranos.com.br/conteudo/fortalecendo-a-diaconia-comunitaria-em-rede-25-anos-de-caminhada-da-diaconia-na-ieclb>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Teologia da Libertação no debate atual**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRAKEMEIER, Gottfried. Deus não é racista: Declaração da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 1992. **Luteranos**. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-multiculturalidade/deus-nao-e-racista>. Acesso em: 07 jun. 2021.

_____. Estrutura. **Portal Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estrutura>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

_____. O ministério compartilhado: Origem, História e Teologia. 2013. **Portal Luteranos**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/o-ministerio-compartilhado-origem-historia-e-teologia>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

_____. O ministério na IECLB - sua teologia e práxis. 2011. **Luteranos**. Disponível em <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/o-ministerio-na-ieclb-sua-teologia-e-praxis>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BRAKEMEIER, Ruthild. **O surgimento de um modelo de diaconato feminino, sua implantação no Brasil e perspectiva para o futuro**. 1998. 323 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998.

_____. **Um ramo na videira: a Casa Matriz de Diaconisas**. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

BRAKEMEIER, Ruthild; CREUTZBERG, Alfred M. [**Carta à direção da IECLB**]. São Leopoldo, 7 nov. 1991. Pasta Correspondência IECLB, Casa Matriz de Diaconisas, São Leopoldo, 1991.

BULTMANN, Rudolf Karl. **Demitologização: coletânea de ensaios**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

CASA MATRIZ DE DIACONISAS. Nossas Raízes – Aspectos Históricos. **Casa Matriz de Diaconisas**. 2019. Disponível em: <<http://www.diaconisas.com.br/irmandade>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CHUPUNGCO, Anscar J. Música litúrgica y sus marcos culturales en la época primitiva. In: FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Diálogo entre culto y cultura**. Informes de las consultas internacionales Cartigny, Suíza, 1993 y Hong Kong, 1994. Genebra: Federación Luterana Mundial, 1994.

CODINA, Victor. Qual a raiz da Teologia da Libertação? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). **Teologia da libertação: novos desafios**. São Paulo: Paulinas, 1991.

COLLINS, John N. **Diakonia: re-interpreting the Ancient sources**. New York: Oxford University Press, 1990.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE RIO GRANDE. Atitude de solidariedade em tempos de coronavírus. **Luteranos**. 2020. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/noticias/atitude-de-solidariedade-em-tempos-de-coronavirus>>. Acesso em: 04 maio 2021.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE TEÓFILO OTONI. Sobre Pandemia - Confecção de máscaras em Teófilo Otoni/MG. **Luteranos**. 2020. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/eventos/teofilo-otoni/sobre-pandemia>>. Acesso em: 04 maio 2021.

CONFESSIO AUGUSTANA. **A Confissão de Augsburgo 1530-1980**: Confissão de Fé apresentada ao Invictíssimo Imperador Carlos V, César Augusto, na Dieta de Augsburgo, no ano de 1530. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

CONSELHO DIRETOR DA IECLB. Diaconia Evangélica - Síntese e Proposta: Um posicionamento do Conselho Diretor da IECLB. **Portal Luteranos**. 1988. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/diaconia-evangelica-sintese-e-proposta>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

CONSTITUIÇÕES DO BRASIL. 2.ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1958.

COORDENAÇÃO DE DIACONIA. Dia Nacional da Diaconia – Retrospectiva. 2013. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/dia-nacional-de-diaconia-retrospectiva>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

DEMO, Pedro. **Praticar ciência**: metodologias do saber científico. São Paulo: Saraiva, 2011.

DREHER, Martin Norberto. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

_____. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

_____. O Novo Testamento escrito por homens, e a mulher na história da Igreja. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 30, n. 3, p. 273-287, 1990.

_____. Transformações do luteranismo brasileiro. **Estudos Teológicos**, v. 24, n. 1, p. 4-26, 1984.

_____. Vida religiosa consagrada no protestantismo brasileiro. **Estudos Teológicos**, v. 25, n. 2, p. 185-197, 1985.

DREHER, Scheila dos Santos. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. 2016. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

DUSSEL, E. D. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo/Piracicaba: Loyola/Unimep, 1982 (Coleção Reflexão Latino-Americana, 3, I).

FIGENBAUM, Ricardo. OASE muito mais que demais. **Revista da OASE - IECLB**, São Leopoldo, maio 2002.

FISCHER, Joachim. A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX. In: FISCHER, Joachim (Org.) **Ensaio Luterano**: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

_____. Identidade Confessional: lições da história. **Estudos Teológicos**, v. 43, n. 1, p. 29-42, 2003.

FLD. Estatuto da Fundação Luterana de Diaconia. **Site FLD**. 2020. Disponível em: <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Estatuto_FLD.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

_____. Incorporação do COMIN e do CAPA à FLD é aprovada em assembleia. **Site FLD**. 2017. Disponível em: <<https://fld.com.br/todas/2017/%E2%80%8Bincorporacao-do-comin-e-do-cap-a-fld-e-aprovada-em-assembleia/>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FLUCK, Marlon Ronald. **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**: início, missão e identidade. Curitiba: Calebe, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 44.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIEDRICH, Nestor Paulo. 60 anos da ADL. In: ASSOCIAÇÃO DIACÔNICA LUTERANA. 60 anos. **Revista da ADL**. Afonso Cláudio: ADL, 2016.

FROEMMING, Angela Brandalise. **Migração e identidade**: formação de comunidades evangélicas nas colonizações mistas de Três de Maio, Horizontina e Dr. Maurício Cardoso no século XX. São Leopoldo, 2009. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009.

FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. Retratação Pública. Site FLD. 2017. Disponível em: <<https://www.fld.com.br/blog/retratacao-publica/>>. Acesso em: 28 jan de 2019.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia na IECLB e na Faculdades EST**: um breve relato. Visita da delegação da Igreja da Noruega à Faculdades EST, 26 e 27 de agosto 2015.

_____. A Igreja veste avental. **Jorev Luterano**, ano 39, dez. 2010.

_____. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 55, n. 2, 2015.

_____. **Diaconia no contexto afro-brasileiro**: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

_____. Diaconia. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

GAEDE NETO, Rodolfo; STUMPF, João Henrique; OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. Diaconia e teologia da libertação: aportes para a construção de uma metodologia diaconal libertadora. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 59, n. 2, 2019.

GALILEA, Segundo. **Teologia da libertação**: ensaio de síntese. São Paulo: Paulinas, 1978.

GASS, Ildo Bohn. **As comunidades cristãs da primeira geração**. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Formação do Império de Davi e Salomão**. São Leopoldo: CEBI, São Paulo: Paulus, 2003.

GENEHR, Ana Paula; et al. **Juventudes e Pessoas Idosas**: uma continuação do Projeto Juventudes e Pessoas Idosas: livres para transformar o mundo. Porto Alegre: FLM/Secretária de Ação Comunitária da IECLB, 2020.

GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: EST/CRL, 2006.

_____. Diaconia e culto cristão: uma unidade essencial com consequências para a vida das comunidades cristãs. **Tear**: liturgia em revista, São Leopoldo, n.18, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teología de la liberación**: perspectivas. Lima: CEP, 1971.

_____. **Teologia de la Liberación**: perspectivas. Salamanca: Sígueme, 1972.

HAMMAN, A. G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulus, 1997.

HECHT, Dieter Fritz. **GRUPO ZERO UM – IECLB**: breve história do trabalho pastoral no Espírito Santo –Brasil (1969-1978). São Leopoldo: OIKOS, 2020.

HENNIG, Martin. Os auxílios de entidades evangélicas na Alemanha em prol dos evangélicos no Brasil, dos seus primórdios até o ano de 1900. In: FISCHER, Joachim. A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX. In: FISCHER, Joachim (Org.) **Ensaio Luteranos**: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

HERTEL, Hildegart (Coord.). **Planejando as ações diaconais da comunidade**: e como que se faz isso? Porto Alegre: IECLB-Departamento de Diaconia, 2001.

HOCH, Lothar Carlos. A diaconia na IECLB: o despertar da Igreja para um ministério esquecido. **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 1, 2005.

HOUAISS CORPORATIVO. Dicionário da língua portuguesa. 2021. **Site Houaiss**. Disponível em <<https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v5-4/html/index.php>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

IECLB. Constituição da IECLB. Documentos. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

_____. **Coordenação de Diaconia 30 anos.** 2018. Apresentação em Power Point disponibilizados pela Coordenação de Diaconia.

_____. Estatísticas da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil com base no ano de 2016. Apresentação de Power Poit. 2016. Consultado em: 07 abr. 2021.

_____. Juventudes e Diaconia: Livres para transformar o mundo. 2017. **Luteranos.** Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/juventude-evangelica/informativo-juventudes-e-diaconia>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. Manifestações da igreja: A Palavra da Igreja. 2017. **Portal Luteranos.** Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/manifestacoes-da-igreja>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. Manifestações da Igreja: a palavra da Igreja. **Luteranos.** Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/manifestacoes-da-igreja>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2010.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2011.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2012.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2014.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2015.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2016.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2017.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2018.

_____. Memória da Reunião do CONAD. Acervo da Secretária de Ação Comunitária da IECLB. 2019.

_____. **Nossa Fé – Nossa Vida:** Guia da vida comunitária na IECLB. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. **Primeira consulta de diaconia e ação social das Igrejas Luteranas:** serviço de projetos de desenvolvimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Linha Brasil, Nova Petrópolis, abril 1967. Porto Alegre: IECLB, 1967.

_____. Secretaria de Formação. **Manual para presbíteros e presbíteras n. 9:** visitação. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

_____. Subsídios para reflexão sobre o ministério com ordenação na IECLB. Grupo de Trabalho – Ministério Compartilhado, 2019.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Documentos Normativos nacionais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/documentos-normativos-nacionais-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil>>. Acesso em: 05 maio 2020.

_____. Constituição. 2010. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb->>. Acesso em: 05 maio 2020.

_____. Documentos Normativos nacionais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/documentos-normativos-nacionais-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

_____. Estatuto do Ministério com Ordenação. 2014. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb->>. Acesso em: 06 maio 2020.

_____. Estatuto do Ministério com Ordenação da IECLB. 2002. **Luteranos**. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb->. Acesso em: 31 mar. 2020.

_____. Nossa Fé – Nossa Vida. 2010. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/nossa-fe-nossa-vida->>. Acesso em: 06 maio 2020.

_____. Ordenamento Jurídico-Doutrinário. 2008. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/ordenamento-juridico-doutrinario-da-ieclb->>. Acesso em: 05 maio 2020.

_____. Regimento Interno. 2015. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/regimento-interno-da-ieclb->>. Acesso em: 05 maio 2020.

_____. XXXI Concílio Geral da IECLB - Relatório 2016-2018 - Conselho da Igreja, Presidência e Secretaria Geral. 2018. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/concilio/xxxi-concilio-geral-da-ieclb-relatorio-2016-2018-conselho-da-igreja-presidencia-e-secretaria-geral->>. Acesso em: 31 mar. 2020.

JANDREY, Carla Vilma. 21 anos do Programa Diaconia Inclusão. 2013. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/21-anos-do-programa-diaconia-inclusao->>. Acesso em: 12 jun. 2020.

JORNAL NACIONAL. Brasil chega a 400 mil mortes por Covid. **G1**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/29/brasil-chega-a-400-mil-mortes-por-covid.ghtml>>. Acesso em: 03 maio 2021.

_____. Brasil passa pela maior crise sanitária e hospitalar da história, diz Fiocruz. **G1**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/17/brasil-passa-pela-maior-crise-sanitaria-e-hospitalar-da-historia-diz-fiocruz.ghtml>>. Acesso em: 03 maio 2021.

KAUFMANN, Jean Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

_____. **Rudimentos de homilética**. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-livro, 1994.

McEVEDY, Colin. **Atlas de história medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MENEZES, Marilu Nörnberg; AGUIAR, Rogério Oliveira de. Diaconia institucional em movimentos de reforma. In: KUSS, Cibele (Org.). **Fé, justiça de gênero e incidência pública: 500 anos da reforma e diaconia transformadora**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2017.

MENEZES, Marilu Nörnberg; BOCK, Carlos Gilberto. Diaconia Institucional. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 2012, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 1, p. 610-620, 2012.

MO SUNG, Jung. Pecado estrutural e as boas intenções. 2007. Adital. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=28977>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MOVIMENTO ENCONTRÃO. História. **Site ME**. Disponível em: <<https://me.org.br/historia-2/>>. Acesso em: 02 maio 2019.

NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

_____. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.

_____. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.) **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

NORDSTOKKE, Kjell; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Diaconia em contexto: transformação, reconciliação, empodertamento: uma contribuição da FLM para a Compreensão e a Prática da Diaconia**. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2009.

PASTORAL POPULAR LUTERANA. Surge uma Pastoral Popular Luterana. **Site PPL**. 2017. Disponível em: <<http://pastoral.org.br/site/quem-somos/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

PINTO, Homero Severo (Org.). **Missão de Deus: nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

PISKE, Meinrad; GIERUS, Friedrich; LINDNER, Clovis Horst. **NOSSA HISTÓRIA** - Federação Sinodal inicia história da IECLB. **O Caminho**. 2009. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=70&cadernoId=7¬iciaId=3461>> Acesso em: 26 jan. 2019.

PRIEN, Hans Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil**: das comunidades teutoevangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

RICHTER REIMER, Ivoni. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres**: textos, interpretações e história. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2013.

ROELKE, Helmar Reinhard. **Construção da cidadania em comunidades luteranas na região serrana do Espírito Santo** – um desafio ético para a Igreja. Monografia de Especialização. São Leopoldo: EST, 2006.

ROSTOS DA MIGRAÇÃO. *Mona*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

SCHAPER, Valério Guilherme. **DIACONIA - O NOSSO "NEGÓCIO"**: Uma reflexão sobre horizontes. 2012. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/diaconia-o-nosso-neg-cio>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SCHLUPP, Walter J. **Vasos de barro ou Deus caça mesmo com gatos**. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1983.

SCHMIDT, Artur Gustav. **Diakonie im Kontext der Kirche**. Augsburg: FDL/ Verlag Augsburg, 1992.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005.

SCHNEIDER, Marcelo. A influência das questões candentes contemporâneas para a identidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 241-251, 2009.

SCHÜNEMANN, Rolf . 50 Anos da Criação do Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD). **Portal Luteranos**. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/50-anos-da-criacao-do-servico-de-projetos-de-desenvolvimento-spd>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

_____. **Do Gueto à Participação**: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

_____. História da Diaconia no Sínodo Sudeste. 2006. **Luteranos**. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-da-diaconia-no-sinodo-sudeste>> Acesso em: 16 de Jun. 2020.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. Tradução: Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SINNER, Rudolf Eduard von; MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. A contribuição da IECLB para a cidadania no Brasil. **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 1, 2005.

SP1. Primeiro anúncio de uma morte por Covid-19 no Brasil completa um ano. **G1**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/17/anuncio-da-primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-completa-um-ano.ghtml>>. Acesso em: 04 maio 2021.

STARNITZKE, Dierk. **Diaconia**: fundamentação bíblica, concretizações éticas. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013.

STEUERNAGEL, Valdir. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) rumo ao ano 2000. **Estudos Teológicos**, v. 36, n. 1, p. 82-93, 1996.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). **Teologia da libertação**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 1991.

TEIXEIRA, Helio Aparecido. **Antropofagia**: a public-idade cívica da prática social cristã. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

TREIN, Hans. Migração: uma abordagem bíblica. In: **Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé**. 2017. Curso Online. Disponível em: <https://ava.est.edu.br/moodle/pluginfile.php/66538/mod_resource/content/3/Unidade%202.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2020.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Entre dois reinos**: a inserção luterana entre os pequenos agricultores no sul do Brasil. Cascavel: Edunioeste, 2006.

WACHHOLZ, Wilhelm. **“Atravessem e ajudem-nos”**: a atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. “Se é permitido fugir diante da ameaça de morte”: Lutero e a epidemia da peste em Wittenberg. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 372-389, 2020.

_____. Luteranismo no Brasil: trajetórias e desafios. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. [180]-206, 2009.

WITT, Osmar Luiz. **Igreja na imigração e colonização**: a pregação itinerante no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

ANEXO 1: ENTREVISTA FERNANDA

(Entrevista realizada via videoconferência em 08 de Julho de 2020)

João: Olá!

Fernanda : Oi João...

João: Tudo bem Fernanda !

Fernanda : Tudo bem e você?

João: Está me ouvindo bem?

Fernanda : Tô ouvindo!

João: Perfeito! E como vão as coisas Fernanda , tudo bem?

Fernanda : Tudo joia, se adaptando né com essa nova realidade do COVID...

João: Exato!

Fernanda : Eu vou fechar aqui...

João: Perfeito!

Fernanda : As comunidade estão numa nova modalidade de atendimento de... é... de estresse também (risos)... porque às vezes eu preferia as coisas presenciais né, encontrar os grupos de forma presencial do que é fazer coisas virtuais né, porque isso também acaba cansando né...

João: Perfeito, saiu um estudo semana passada e o estudo afirma que essa modalidade de home office é mais é mais desgastante do que efetivamente a modalidade presencial porque não se tem essa troca de afetos sabe, e presencialmente tem um abraço, um conversa, a gente se reúne mais para as questões pontuais objetivas né, e é mais desgastante tudo isso.

Fernanda : É a gente tá sentindo isso assim né... mas agora assim até que tá melhor mas teve ali no começo, assim depois de um mês e meio, dois meses que a gente tava com muita coisa virtual, depois nós... muitas reuniões virtuais, aí nos remodelamos e colocamos um cronograma melhor pra as atividades né, e aqui algumas paróquias só que retomaram culto presencial, com aquele controle né dos 30% só e tal, mas agora já... hoje a noite até a gente vai reavaliar pelo menos aqui em Joinville porque os casos aumentaram... nossa

drasticamente, tá feia a situação agora de novo. Então eu nem sei se a gente não vai voltar atrás, algumas nem tinham retomado, algumas paróquias...

João: Sim, sim...

Fernanda : (incompreensível) aquelas que retomaram acho que algumas já vão voltar atrás de novo...

João: É um momento difícil... Oh Fernanda muito obrigado, gratidão por aceitar esse convite, por aceitar contribuir, você que tem uma importância fundamental na diaconia da IECLB e desde sempre assumiu esse protagonismo né na diaconia comunitária. E então você foi uma das das... nós identificamos dez pesquisadores e pesquisadoras no âmbito da IECLB que além de refletir sobre a diaconia comunitária tem um trânsito nas comunidades e você foi uma dessas e daí desses dez nomes nos sorteados cinco e você também ficou entre as cinco, ah então então por isso que nós estamos aqui nesse momento... então Ângela primeiro ponto: o objetivo da pesquisa é simples: é fazer um diagnóstico da diaconia comunitária na IECLB, ou seja nós queremos fazer uma análise de conjuntura né, identificando especialmente dois pontos: os limites da diaconia na IECLB mas também as potencialidades. E a partir daí identificar alguns elementos que estão nos bastidores né, que podem tá explicando uma série de questões que a gente está vivenciando na atualidade. Em termos burocráticos eu tenho que que... vou ter que pedir para você assinar o termo de consentimento mas isso eu tenho até julho do ano que vem e acredito que no meio desse período a gente vai ter algum encontro presencial do CONAD aí eu te... eu te peço pra você assinar esse documento presencialmente, para não ficar tendo trabalhos com Correios e assim por diante. Pode ser?

Fernanda : Pode ser... Se não der aí eu mando por Correios também...

João: Tranquilo... E mais uma questão, para fim de pesquisa e pra ser fiel também ao que você vai dizer eu preciso gravar essa entrevista...

Fernanda : (incompreensível)...

João: Não vai ao ar mas só para mim ser... pode ser?

Fernanda : Pode sim!

João: E também no termo de consentimento vai ter lá uma cláusula que os nomes das pessoas entrevistadas não serão ah... não serão ah... ou seja a gente vai trocar entendeu? os nomes

assim, então se você falar alguma coisa que uma pessoa não gostar... então pra não ter esse... essa possibilidade de de algum inconveniente né a gente... o seu nome não está sendo, na pesquisa não vai ser revelado, tá bem?

Fernanda : Tá aham!

João: Então Fernanda eu queria começar assim, como que começa a sua história com a diaconia, onde que começa tudo isso? Onde que a diácona Ângela nasce?

Fernanda : Ahh, isso é muito legal falar sobre isso, porque tem a ver com a ADL é porque... então você conhece um pouco lá o Espírito Santo né, não tinha assim muitas escolas (incompreensível) de Ensino Médio e tal, então eu terminei na escola agrícola a 8ª série, e aí já tinha duas irmãs na ADL e eu fui fazer o... a prova lá de ingresso...

João: Você nasceu aonde?

Fernanda : Eu nasci em Mata Fria que é Afonso Cláudio...

João: Pô bacana!

Fernanda :É... e aí eu fui para ADL fazer o curso e logo assim no começo eu não não me imaginava assim no ministério, isso não porque é eu sempre tive uma veia muito forte na música, né então eu tava bastante assim interessada nessa (incompreensível) da música e no trabalho com crianças, então eu já trab...eu já na comunidade já tinha envolvimento no culto infantil, ensino confirmatório, eu gostava dessa parte assim também de de de lecionar digamos assim, né. E aí depois vieram os estágios da ADL e ali que eu me confrontei mais com as situações de pobreza de... é... no caso o presídio em Afonso Cláudio a gente né fazia estágio lá, na APAE, no lar de idosos e isso começou a mexer bastante comigo assim, as situações de pobreza. É.. e daí eu comecei também a ficar em conflito assim: "Tá mais por que que eu quero estudar então diaconia pra ajudar as pessoas empobrecidas se aqui tem gente pobre, se eu conheço uns pomeranos aqui que tem dificuldade né"... Mas aí a pastora Marli, no meu estágio intermediário em Minas Gerais, ela me deu assim um impulso, aí ela falou assim: "Aí Fernanda faz.." (incompreensível) talvez eu vou ir pra EST fazer diaconia. "Vai Fernanda !" ela falou. E aí a Vera Nunes também que era diácona lá da ADL, ela falou assim: "Fernanda porque vou vai prorrogar um sonho?" Por que na época tinha uma vaga pra trabalhar com culto infantil na CEPa, e eu tava bem interessada nessa vaga, que seria logo no ano seguinte, assim que eu me formasse eu poderia assumir essa vaga. E daí a Vera Nunes

falou assim: "Porque que você vai trabalhar com culto infantil na CEPA e depois fazer diaconia, porque que você já não vai e faz tudo, te inscreve vão vocês..." Tinha o Bolth, Mônica, tinha seis que queriam fazer vestibular e fomos né...e...

João: A Vera na época era diretora da ADL?

Fernanda : É...

João: Em que ano que foi isso, que você se formou na ADL?

Fernanda : Eu me formei em 2001, é foi quando também eu fui para o vestibular, estudei 99, 2000, 2001, isso mesmo... 2002 entrei na EST... Então assim até chegar na ADL eu não sabia que tinha diáconos, catequistas na igreja né, e aí lá o meu leque ampliou, então até ali assim a figura é... de ministério que eu tinha era pastor, e o Siegmund Berger lá na minha paróquia e eu falava... ai eu não me identificava muito né, ele era muito bravo assim né, eu falava: "eu não quero ser brava assim... Por que entre os pomeranos tem muito isso: "pastor bom é aquele fala firme né", e eu não, eu ficava muito comovida com as situações de de sofrimento das pessoas né, e de pobreza, de da dependência em álcool por exemplo né, é muito entre os pomeranos também. E isso mexia bastante comigo (incompreensível) e aí essa parte da da educação que também mexeu bastante comigo, das crianças, dos jovens, é... e aí foi assim aquele impulso pela ADL e aí eu fui pra EST, então foram na verdade, assim a própria Vera, a própria Marli, né a Marcelia também na época diácona na ADL, que incentivaram (incompreensível). E aí assim na EST eu sempre me confrontava muito, por que daí eu vi que nós erramos poucos...

João: Fernanda você chegou na EST em 2002 ou 2001?

Fernanda : 2002.

João: Na época em que estava fervilhando a questão do ministério compartilhado né?

Fernanda : Tava, nós pegamos no auge assim, então era todo um movimento na igreja, tinha um folder, eu recebi na época uma folder da própria, da própria... do próprio departamento de diaconia, um folder da EST, tenho guardado até hoje assim, e era um um nossa um movimento, agora a gente não vê assim, nem na EST mais esse movimento, mas na época nossa era... tava muito legal assim, tanto na educação quanto na diaconia, a igreja tava refletindo bem mais o ministério compartilhado e tudo né. E ai também que afloraram mais os estudos né, então o professor Rodolfo com todas as publicações dele, a irmã Gisela, é... o

Kjell não fazia muito tempo que ele tinha lançado aquele o "fé em ação", então nós nós pegamos um momento da igreja assim que a gente foi contagiado por isso né... de abraçar esse ministério assim né, e o que hoje a gente não ve tão forte né, uma pena... E ai durante a formação eu me perguntava assim, ah porque daí eu via as limitações, os questionamentos, a própria igreja tentando definir afinal o que que a diaconia vai fazer, o que que é pastorado, o que que é educação, o que que é missão, e assim os próprios documentos normativos tiveram que daí ser adequados né. E eu nunca concordei assim muito com essas caixinhas né, por exemplo tá lá no Estatuto do Ministério com Ordenação que visitaçõ tá no pastorado mas como assim? É um dos pilares da diaconia né, sepultamento é uma das sete obras de misericórdia no Novo Testamento diáconos que faziam sepultamento, então eu entrava assim muito em crise.

João: Sim!

Fernanda : E na época também homilética não entrava no nosso currículo e eu falava: " mas como assim, se eu assumir um lar de idosos como diácona e tiver culto ou tiver meditações eu vou ter que saber fazer meditações, fazer cultos..." Então eu questionei e graças que o Nelson kirst fez como optativa pra nós, fizemos uma turma e todo mundo conseguiu fazer né, então eu era muito de questionar também nas aulas do Wachholz eu questionava assim: "Tá como como é diaconia então em Lutero, que que a nossa confessionalidade diz a respeito de diaconia?" então assim (incompreensível) via assim na formação muito questionadora assim, eu digo com vontade de descobrir né, tudo assim a respeito do que que é diaconia na igreja, mas nem sempre a gente recebeu o amparo né, então (incompreensível).

João: Perfeito, oh Fernanda te perguntar: Você você entra em 2002 na EST, ou seja no ano em que o ministério compartilhado efetivamente é assumido pelo EMO por exemplo, né naquele concílio em Santa Maria do Jetibá se eu não me engano, você já está nesse... você viu esse processo né, você é uma testemunha viva, onde que você acha que... como que começou a esfriar essa essa proposta assim, porque fervilhava em 2002 toda essa proposta, os olhos da igreja brilhavam, ah e tanto é que o grupo de vocês, você por exemplo, a Carla que também entrou um pouquinho antes de você eu acho né.

Fernanda : É...

João: É um grupo que assumiu muito isso né, viveu mesmo o ministério compartilhado, viveu o ministério compartilhado e ajudou a articular também o ministério compartilhado na igreja, onde que começa de esfriar assim? Por que que esfria essa proposta?

Fernanda : Pois é... eu também não não sei assim identificar exatamente né porque antes disso antes dessa formação ser na EST quem eram as protagonistas eram a ADL e a Casa Matriz né, então comunhão (incompreensível) com essa ida pra EST a própria, as próprias comunhões diaconais enfraqueceram né, então a Casa matriz ela também enfraquece, a própria COD... eu conheci a COD quando era aluna na ADL, meu Deus o que que era, era um movimento e assim articulava as coisas na igreja, as instituições diaconais e isso hoje assim é bem pequenininho né, a nossa comunhão diaconal e a própria Casa Matriz a gente vê, então: as comunhões diaconais também enfraqueceram com essa ida da formação pra EST né, então eu acho que antes até se formava mais gente com visão diaconal né, e... mesmo que fazia outra faculdade ou sei lá, do que depois, por que se eu olho esses é, acho que agora fazem quase 20 anos de ministério compartilhado, nem fiz as contas, é 98 foi aprovado no concílio de 98, 99 foi aprovado, tanto que ali o Geraldo, a Cátia, a Carla foram a primeira turma, e aí nesse tempo todo eu fiz as contas já, nesses quase 20 anos de ministério compartilhado acho que nós temos nem 20 pessoas ordenadas no ministério diaconal. Isso dá uma pessoa por ano... é muito pouco assim né, então a gente ganhou muito com essa formação da EST porque agora todo mundo é teólogo teóloga muito bom né, só que aí a nossa formação ela fica muito preparada pra comunidade apenas, e no meu caso era o que eu sempre queria, eu sempre me vi em comunidade né, mas ela ela prepara pra comunidade, pra o exercício na igreja, se você quer atuar em uma outra frente, uma instituição, às vezes você tem que procurar uma outra formação né...

João: Sim!

Fernanda : Então é eu vejo que a própria teologia em si, a procura de jovens por teologia também diminuiu né, no caso pastorado ou missão ou o que for né, assim eu vejo como um todo que tem um declínio de gente procurando pela formação teológica né, e eu acredito assim que faltou, na minha visão, é... em algumas gestões da igreja, da direção da igreja, uma maior... é... como é que eu vou falar, uma maior reflexão e abraçar de forma mais firme o ministério compartilhado, foi aprovado aí ali por uns quatro anos se trabalhou bem em cima disso, se delegou a formação pra EST e aí depois meio que ficou pendurado assim sabe, é... eu não senti assim um amparo muito forte e nem político em termos da direção da igreja assim

né e a gente tá herdando isso agora né. Nós continuamos nas comunidades com aquela visão é... pastorcentrica e infelizmente com esses novos tempos, é muito... comunidade muito machistas né. Nós vivemos aqui em Joinville, somos onze paróquias e apenas uma paróquia tem uma pastora, todos os demais são pastores, né então isso já é um reflexo e assim é Brasil a fora. E a própria diaconia está ligada a isso porque como é servir né, e sempre visto como um ministério inferior, então ela... ela não é tão reconhecida como o ministério entendeu, ela é mais vista porque ela não dá status, então ela é vista como: "Uai a gente faz diaconia se sobra dinheiro, a gente faz diaconia se tem tempo, a gente contrata um diácono se tem tempo né, ou se tem é... no caso um segundo campo e por aí vai né".

João: Perfeito!

Fernanda : Então eu acredito assim que teve o declínio tem a ver com a própria política na igreja, a própria articulação, os próprios concílios e enfim...

João: E... você toca num tema que me... muito interessante... você acredita que um dos... um dos elementos que dificultaram o desenvolvimento do ministério compartilhado é o machismo presente no corpo de ministros?

Fernanda : Ah eu acredito que sim, porque nós vivemos, quem é do ministério diaconal, catequético, missionário, nós já vivemos um preconceito né porque já não estamos no ministério pastoral e quando você ainda é mulher é pior ainda né, então é... as pastoras também sentem isso, mas como elas são pastoras elas estão num status maior do que diácona (risos). Né então é... infelizmente nós estamos caminhando a passos largos para trás, em algumas coisas na igreja, né assim é... minha luzinha vermelha já acendeu acho que uns dois anos atrás assim sabe, dois, três anos. Mas nesses onze anos de ministério ã... assim o preconceito é... foi uma coisa que eu tive que lidar sempre né....

João: Há uma espécie de corporativismo entre os pastores você acredita?

Fernanda : Não sei se é bem um corporativismo eu acho que é... mas que tem articulação tem né... isso a gente percebe assim, pra vagas por exemplo tem articulação. É... mas eu acredito que por que sempre se teve um status, isso acontece também com as pastoras né a partir do momento que as pastoras assumem o púlpito e daí agora os outros ministérios também podem assumir o púlpito, então a tendência é tirar né... Então tá se lidando com uma coisa nova que antes só pertencia ao pastor né e agora com os novos, as novas decisões, os novos modos

também de se viver sociedade né, na busca por uma maior igualdade, isso de certa forma atinge o ego né, o poder, a gente tá mexendo com o poder na verdade né.

João: Perfeito! Oh Fernanda agora indo um pouquinho além do ministério compartilhado mas analisando a diaconia como... comunitária como um todo, como você avalia o desenvolvimento da diaconia comunitária na IECLB nos últimos 20 anos, digamos nesse período em que você se dedica ao ministério diaconal assim? Como você avalia... uma retrospectiva né, olhando pra trás também tentando se localizar onde nós estamos hoje, nós estamos... onde que a gente tá crescendo onde a gente tá tá diminuindo, nesse sentido...

Fernanda : Então, olhando a nível de comunidades eu vejo que temos tido avanços, eu acho que as comunidades estão refletindo mais diaconia, tem muitos ministros e ministras refletindo mais diaconia em comunidade né. Hã... eu acredito que a questão de instituições, que antes eram um foco muito assim diaconia institucional e comunitária, mas antes as comunidades elas estavam mais firmes pra criar uma instituição por exemplo e hoje não, as comunidades estão muito preocupadas em manter o seu próprio funcionamento e atender essa demanda, essa estrutura que a igreja criou né, e antes eu acho que elas estavam um pouco mais ativas e proféticas em querer fazer: "Hã... tem muitas crianças órfãs nesse nessa localidade vamos criar uma instituição", né e isso tem, eu vejo assim a gente não criou mais muitas instituições sociais, diaconais, nos últimos anos assim né, é... por outro lado nós tivemos um aumento maior, e isso a igreja tem participação, dos municípios é... criarem os seus conselhos municipais e tudo né, e ali nós participamos, mas não são todas né, na maioria dos municípios as nossas comunidades não participam de nenhum conselho né seja... da assistência social não porque ela é bem limitada, mas assim tem vários outros conselhos, aqui por exemplo que nós participamos né: dos imigrantes, refugiados, fórum de mulheres, da criança e do adolescente, é... no próprio CRAS a gente participa bastante, então do idoso por exemplo. Todos os municípios tem idoso e as entidades religiosas podem participar e... e nós temos trabalho com idosos nas paróquias e não temos gente que vai lá participar: o que que o município está ofertando em termos da pessoa idosa né.

Então, eu vejo assim: que tem... nas comunidades tá se refletindo diaconia e alguns materiais que a igreja prepara são trabalhados, mas também é... nem todos os ministros e ministras abraçam por que daí se pensa; "ha mais esse é um trabalho diaconal e não é da minha competência, né!" Ou então que: "se eu não vou fazer isso porque com a paróquia tem que contratar alguém que é do ministério diaconal pra fazer isso." E assim em termos de

comunidade eu acho que a gente teve um melhora, mas não tão significativa também, porque se não nós teríamos um reflexo na própria procura por estudantes de diaconia né e a gente não tem esse reflexo...

João: Perfeito, oh Fernanda quais são marcos que você identifica, olhando retrospectivamente num contexto de quinze anos ou vinte anos, importantes que ajudaram no desenvolvimento da diaconia comunitária na IECLB hoje. Quais são os principais marcos que você identifica que foram importantes para um maior desenvolvimento ou foram importantes pra uma falta de engajamento né, quais são os fatores que articularam ou e também desarticularam a diaconia nesses quinze anos?

Fernanda : Eu acho que... assim as comunhões diaconais ficaram meio perdidas no meio disso, porque elas tem uma, elas tinham pelo menos uma forma de articulação muito grande né, um envolvimento muito grande, e elas tiveram esse protagonismo no começo do... quando foi criado o ministério compartilhado e depois elas ficaram de escanteio né, então ali acho que ali se perdeu um pouco, hoje até a gente se pergunta qual é a função das comunhões diaconais, eu por exemplo como diácona eu tô na COD por opção, assim né porque eu que conheço um pouco da história né, mas assim como ministra da igreja eu não tenho obrigação nenhuma, né porque... porque eu participo já das conferências sinodais (incompreensível) né então (incompreensível).

João: E porque que que elas deixaram de ser relevantes?

Fernanda : Porque elas foram... elas que buscaram esse reconhecimento do ministério compartilhado.

João: Sim!

Fernanda : A maioria hoje tá aposentada ou aposentando então nós... se hoje nós temos teologia foi graças a esse pessoal que batalhou por esse reconhecimento né, e agora sim nós somos poucos mas a gente também meio que se perde afinal o que que que é função de quem fazer na igreja e a gente não tem um amparo, essa estrutura que nós temos ela ela não é uma estrutura de ministério compartilhado, ela é um estrutura hierárquica que nós vivemos né, então os documentos eles não, não estão tão de acordo com o ministério compartilhado. É... eu não posso ser por exemplo... concorrer a um cargo de sinodal, então que ministério compartilhado é esse? Entendeu? então isso qualquer jovem que quer estudar desmotiva, então no começo assim um marcos, os marcos importantes que eu vejo, foi o envolvimento a

participação das comunhões diaconais e depois assim os próprios concílios tinham uma reflexão maior sobre diaconia... diaconia não mas assim do ministério compartilhado como um todo né. Ha... eu vejo que dentro da da... a própria secretária, o departamento de diaconia tinha uma voz mais ativa, era mais reconhecida, saiam bem mais publicações, a própria FLD acabou surgindo com essa, esse reconhecimento que tinha ali, tava dentro da estrutura da igreja. Isso foi no tempo do Kirchheim né, então ele valorizou muito assim, acho que foi no tempo dele um pouco antes. O departamento de diaconia em si surge antes né, na década de 80 ali, e ai depois vai enfraquecendo então a gente percebe assim que a própria estrutura da igreja não privilegia mais a diaconia né. E depois outros marcos eu não lembro assim de ter assim, uma conquista importante foi a formação dos conselhos nacionais né, o conselho nacional...

João: O CONAD?

Fernanda : O CONAD por exemplo né, mas ele também só funciona, e ele é bom, e tem ideias e pode contribuir, se cada sínodo tem um conselho sinodal de diaconia e isso funciona, ou seja daí cada sínodo tem que... tem a responsabilidade de refletir diaconia e isso não acontece né, então ah tem uma estrutura cada sínodo, assume uma função administrativa, pastor sinodal mesmo faz... é... o pastor sinodal faz muita função administrativa mas nos próprios sínodos é... eu vejo assim que acaba não acontecendo assim aquela reflexão diaconal como se deveria né. Eu vejo que, mesmo que com o avanço daquele documento da reflexão da educação cristã continua, a diaconia ela entrou dentro desse plano de educação cristã continua, eu lembro quando ele foi apresentado ainda era em 2006 se eu não me engano e tava na EST ainda... e eu não concordei porque eu entendi a proposta mas assim: diaconia é um ministério né, claro a gente fala assim educação cristã como um todo na igreja desde o batismo até a morte a gente está em constante formação, e que a gente tem que preparar pessoas também pra refletir diaconia, só que pra mim é como se então ela tivesse abaixo assim sabe, (incompreensível) eu não curti muito a ideia, isso eu lembro...

João: Perfeito.

Fernanda : Então eu vejo que ela ficou em segundo plano assim na... como um todo, no PAMI ela aparece um pouco mais, ela destaca de novo, é... e ai se incentiva que as comunidades tenham, desenvolvam uma visão diaconal, que uma das linhas seja... Eu uso muito o PAMI assim nas comunidades e falo: "olha uma (incompreensível) dimensões né do planejamento missionário é que as comunidades sejam inclusivas, sejam diaconais, missionárias, tarara...

então faz parte do ser igreja". Então o PAMI nesse sentido ela fundamenta e ajuda bastante né, então alguns documentos que foram lançados ajudaram mas ainda assim eu... é... eu acho que a gente enfraqueceu muito assim. Em 20 anos é muito tempo digamos assim pra... eu acho que a gente deveria ter tido um protagonismo maior nesse período né...

João: Ok, oh Ângela uma questão ainda que eu queria te perguntar: como que você avalia a representatividade dos conselheiros sinodais que tem acento no CONAD, você acha que eles efetivamente tem noção do que acontece nos seus respectivos sínodos em termos de diaconia? em termos gerais, quando não se tem esse conselho de... sinodal instituído?

Fernanda : Eu acredito que muitos sínodos, e é o que a gente vê, enviam pessoas que nem, nem tem nem entendem assim sobre diaconia ou que não tem envolvimento, então se envia alguém assim porque tem que ser enviado né, é por outro lado tem pessoas altamente preparadas e tudo, mas que também já tem uma carga tão grande de outras coisas né, funções acumuladas que daí não conseguem articular no sínodo tudo que precisa ser feito. Né então tem tem pessoas muito bem indicadas, preparadas, mas também: é sínodos que ainda não criaram um conselho sinodal de diaconia e que enviam também pessoas só pra tipo é... porque tem que ser enviado enviam alguém né: "Ah vai lá porque a gente tem que envolver depois". Né e, isso é uma pena, eu acho que não é só com o CONAD, eu acho que tem outros conselhos que acontece a mesma situação né.

João: Perfeito. Oh Fernanda agora aterrissando um pouquinho mais na prática sua também, a partir daquilo que você percebe na sua prática diaconal, na sua atuação diaconal também, a partir da sua experiência quais são os fatores que ajudam no despertar diaconal nas comunidades, assim quais atitudes que você acha que ajudam a desabrochar a diaconia nas comunidades?

Fernanda : Eu vejo que é exatamente o contexto, a realidade das pessoas, que move que mexe as pessoas pra diaconia né, então aqui em Joinville temos em torno de 350 voluntários nas diferentes frentes de diaconia, mas porque? e porque que, e nesse 5 anos que eu tô aqui porque que vem gente nova? porque eles se identificam com a causa, com a situação, querem ajudar né, e a diversidade daí de ações, você diz: "olha você pode atuar nisso, pode atuar nessa ação", e aí a pessoa escolhe onde ela quer... Está muito... eu vejo assim que a pessoa se identifica com o sofrimento do outro, se colocam no lugar do outro... tem a ver com a empatia, solidariedade, é... mas assim, também temos uma visão bastante assistencialista né então, por isso a importância da formação sempre, capacitação e não é só em termos de

seminários, também tem a ver com a própria pregação em si né, testemunho como igreja como um todo é de preparar as pessoas e falar que o outro não não é um depósito das minhas vontades, né dos meus egos e eu vou até onde eu quero e depois eu abandono a situação. E ao mesmo tempo então você tem que trabalhar, sim você tem um (incompreensível), você vai até determinado ponto, porque totalmente você não pode se envolver por sua própria saúde né, mas... e pra própria pessoa aprender a caminhar com as próprias pernas, por outro lado você tem que cuidar pra não criar uma situação é... de dependência né, de assistencialismo. E eu vejo assim nesses 5 anos mudou bastante coisa já, não sei se tem a ver daí com a formação que eu tive na EST né, porque a... eu cheguei assim... tinha pensamentos... a forma como muitas voluntárias falavam era bem mais dura assim, cruel até, de assistencialismo, hoje eu vejo um comprometimento maior né e uma preocupação em querer transformar, em querer ajudar. Então o voluntariado, a diaconia assim ela chama, a diaconia é ferramenta nossa... importantíssima na igreja, principalmente missão urbana: "Ha nós queremos começar um trabalho lá naquela região!", diaconia tem que tá junto. (incompreensível) "Ha queremos começar um ponto de pregação ali", tá mas vamos fazer só culto (incompreensível) ou o que nós queremos...o que nós temos a oferecer pra essa comunidade? Então ali a igreja ela só enriquece tendo um conhecimento diaconal e missionário né, não é só abrir a igreja lá, fazer pregação, e a realidade dessas pessoas como igreja... como é que a gente pode se envolver, como é que as mulheres estão vivendo ali, o que tudo tá acontecendo...? né, em termos de saúde, em termos de violência, é... questões raciais, preocupação com as crianças, é... parcerias daí com CRAS, com conselhos municipais, com instituições muitas vezes diaconal local. Né, aqui nós fazemos muita parceria, então a diaconia ela ela casa muito, ela enriquece a igreja na questão do voluntariado, da parceria, é... envolvimento nos conselhos municipais. Então as pessoas se solidarizam, a gente não pode falar assim que ninguém está sendo solidário porque não é, mesmo agora nesse tempo de pandemia a gente tá vendo muita solidariedade, e é uma grande preocupação principalmente com o que as pessoas vão comer né, o desemprego bate então assim ah... eu aprendi aqui em Joinville e que você tem que ter um olhar maior, um olhar integral: "Ha eu quero transformar a vida daquela pessoa, eu quero ajudar, quero acompanhar, eu me preocupo com as questões políticas", mas se eu tô vendo que ela não tem nem, faço visita eu vejo que a geladeira dela está vazia, como é que eu vou querer né assim fazer um outro trabalho ou continuar no trabalho? Então é bem aquilo lá que Jesus fala em Mateus é... 25, eu tem que ter a diaconia prática, você tem que avaliar o que precisa ser feito agora o que podemos fazer a médio prazo, a longo prazo, né você tem que definir ações. Então

aqui nós nós temos o acompanhamento e as ações emergenciais a médio prazo, a longo prazo e a gente tá sempre assim se desafiando: o que que mais nós podemos oferecer né. Indo muito ao encontro de instituições, um trabalho bem forte nas capelanias também, a questão de doença também mexe muito com as pessoas, então os voluntários querem ajudar, querem levar uma palavra de conforto né, então é... eu acho que o sofrimento humano é... tá em torno das pessoas, é motiva as pessoas pra ação sabe, pra querer fazer alguma coisa.

João: Então acredita que quando as pessoas percebem o sofrimento humano elas se solidarizam, e mais uma questão como que surgem esses voluntários né, qual a metodologia que tu utiliza pra despertar voluntários?

Fernanda : Olha nós divulgamos os trabalhos que existem mas às vezes vem gente assim até de outras igrejas ou que não tem igreja mas que se identifica com aquela situação e quer ajudar, e aí de novo nós como igreja temos que saber acolher e trabalhar com ela e dizer também: "olha é... aqui você", por exemplo na capelania né: "Você não vai forçar tua religião em cima dessa pessoa". Foi feito toda uma formação, não é assim que a pessoa vem, a gente já aceita e pronto, a gente tem que preparar ela antes de colocar ela na prática ou sempre colocar com outras pessoas né, você não envia ela pra fazer visita no hospital sem ter alguém que já tenha experiência junto né...

João: Perfeito!

Fernanda : E as próprias pessoas acabam encontrando a comunidade e ligam, deixam um recado e até profissionais assim é... liberais que: "olha eu tenho, eu sou assistente social mas eu gostei muito eu gostaria de ajudar", né então a gente tem muito disso. E isso...

João: A divulgação é feita nos cultos?

Fernanda : Não, assim, a gente divulga culto, grupos é... mas agora a gente tá assim trabalhando num projeto de comunicação, mas nós falhamos muito ainda na comunicação né. A maioria é por indicação dos próprios voluntários, porque uma pessoa acaba incentivando a outra né, uma amiga ou alguém assim, ou quando vê uma notícia... temos o nosso jornal né aqui, o "Joinville Luterano", esse também circula bem e as pessoas acabam vendo, e a maioria por indicação das próprias comunidades daí né. Mas o voluntariado é... uma acaba incentivando outra, ali é uma, é incrível assim, acho que é a melhor ferramenta né que a gente têm, é o próprio voluntariado que tem assim esse protagonismo, que chama, é bem bacana! Claro que a gente tem, já teve problemas com voluntários, isso também existe assim de ter

que trabalhar a... assim as questões de fé, de... principalmente quem vem de igrejas assim pentecostais, a gente tem que fazer um acompanhamento, e mas não é nem tanto na área da assistência social que é uma das nossas linhas aqui né, mas seria mais na parte da capelania, que daí os próprios hospitais nos pedem assim cautela né. Mas seria mais isso eu acho.

João: Perfeito! Oh Fernanda agora agora olhando para a diaconia em geral praticada no âmbito da IECLB, na atualidade quais são os fatores que você identifica que dificultam ou impedem um desenvolvimento ainda maior, o que que a gente precisa vencer como diaconia pra que a diaconia possa crescer ainda mais nas comunidades da IECLB?

Fernanda : Eu acho que...

João: O que atrapalha mesmo?

Fernanda : Aham... eu acredito que no momento assim falta articulação, né articulação entre... eu não digo nem dos próprios ministros ministras diaconais, mas a é... a igreja como um todo né, nós temos muitos muitas pessoas que estão no ministério pastoral, catequético, missionário, que estão em áreas diaconais e ali a gente também não percebe assim um um engajamento né... Então eu, o que eu sinto falta assim, e o que o que me sufoca se eu olho é essa estrutura que nós temos na igreja, né ela ela machuca, ela não abre muitas portas, ah... a questão de que nós não estamos tão bem articulados enquanto ministério e isso não se reflete então nas comunidades, nas instituições né. É... essa estrutura que nós temos ela também privilegia muito quem está em comunidade mas não quem está em instituições, então essas pessoas também não são ouvidas né de certa forma, e a gente... a própria Rede de Diaconia se a gente olha são mais de 90 instituições que a gente tem na igreja e nossos colegas que trabalham nessas instituições muitas vezes não estão na conferência ministerial né, então (Incompreensível). E a própria Rede ela não dá conta, ela não dá conta de articular e trazer tudo isso pra reflexão da igreja como um todo né. Ah... que mais, articulação pro ministério...

João: E o CONAD não não cumpre essa função de articulação?

Fernanda : Cumpre mas eu acho que ela é... ele, o conselho em si é limitado também sabe, porque cada um vai pra o seu sínodo e aí cada conselheiro tem que fazer ali o seu trabalho, e aí é tudo trabalho voluntário, e nós já temos outras funções, então acaba ficando assim muito: é... quando dá tempo então se faz né. É... eu acho que não não se articula como deveria, e eu acho que em termos de, assim... pra diaconia ser valorizada mesmo na igreja também uma uma postura política assim, decisões políticas na igreja deveriam ter sido tomadas no passado

e no presente. Né então, ha... claro assim nós acabamos fazendo tudo que é função (Incompreensível), mas não se diz claramente é... por exemplo nós podemos fazer... os documentos nos asseguram tipo assim: eu faço sepultamento na ausência de um pastor ou pastora. Na prática não acontece, porque a gente acaba fazendo né, mas o que que isso diz? né, o documento, documento é uma decisão política, né um manifesto, então eu vejo assim que no documento diz muita coisa, e isso passa pelo inconsciente das comunidades e como um todo né. Então hoje eu vejo assim que a gente tá muito desarticulado, o CONAD não dá conta, as comunhões diaconais cada uma tá na sua, é não temos mais muita gente refletindo diaconia né, então... e é uma pena porque isso pode se perder, principalmente se a gente pensa da igreja na cidade, é a diaconia tem muito a contribuir né, nossa se se perde o ministério é na igreja assim vai ser uma... uma buraco assim né, em termos até de cristianismo, se a gente olha né... E eu até penso mais adiante assim de que na formação teológica como um todo, todo mundo deveria sair da faculdade com um um um uma formação mínima em diaconia, sabe porque se vai trabalhar numa região carente, por exemplo numa periferia e tu não tem uma visão diaconal as pregações podem ser bem ruins pra esse contexto né assim...

João: Perfeito!

Fernanda : Ai a igreja fica na sua, ou seja, tu vai alimentar essa estrutura que nós temos, mas qual vai ser a transformação que essa igreja nesta localidade pode promover, ela só vai ser mais uma igreja mas ela provoca alguma transformação ali, ela se envolve nas questões sociais, políticas né, e é isso que nós estamos perdendo, nós não somos mais aquela igreja profética. Até tava falando com meu marido hoje sobre isso, eu falei assim: " Ha eu... eu sinto que a gente não tá sendo uma igreja profética como se deveria, como deveríamos ser". Acho que isso como igreja a gente tem que resgatar, a gente tá mais (incompreensível) do que falar, do que fazer, de enfrentar alguma situação, né e a diaconia ela não deve e ela não teme, ela tem a sua fundamentação muito clara e (incompreensível) e a igreja tem ela como nossa... ferramenta e a gente não tá sabendo usar ela. Né a gente não tá sabendo...

João: Concordo! Oh Fernanda tu acredita que existem elementos de nível cultural, social ou religioso que impedem o desenvolvimento da diaconia nas comunidades?

Fernanda : Eu vejo assim que a diaconia...

João: preconceitos, lógicas...

Fernanda : está presente em... ela pode estar presente né, tem que estar em qualquer lugar, porque assim estando num lugar mas, sendo um contexto mais privilegiado digamos assim, com um bom desenvolvimento social e um outro contexto com menos mas em ambos tem situações que precisam de transformação, né ali também existem sofrimentos em todo que lugar, e a... a diaconia... sim ela pode ser elitista, dependendo do local, né então nós temos comunidades que replicam esse assistencialismo e fica-se nisso. Então dependendo do espaço cultural, ou contexto social, eu acredito que tem a ver com o tipo de diaconia que se pratica né... Mas que ela... ela está presente e... ou deveria estar em todos os lugares sim, porque às vezes a gente acha assim a que só em contextos de pobreza é que ela deve estar. Ela tem que estar em todos os locais, também aquelas comunidades que não tem problemas financeiros, aquelas que estão (incompreensível) numa região rica da cidade elas tem que refletir, qual é o nosso trabalho diaconal? Ah aqui... Eu ouvi aqui em Joinville: "Ha nós aqui não não ajudamos com alimentos, não temos alimentos porque não tem pobre ao redor da igreja", eu ouvi. E daí eu disse: "mas o fato de não ter pessoas empobrecidas ao redor da igreja não significa que nós como igreja, como comunidade, não vamos nós articular pensando e tentando ajudar outros bairros ou até instituições que precisam de ajuda, então vamos nós nos mobilizar pra ajudar situações", e daí assim: "tá em termos de empobrecimento, mas quais são as outras situações de sofrimento que nós temos na comunidade ou aqui na redondeza?" E aí nós articulamos, aí conseguimos fazer vários trabalhos, nós vimos por exemplo que tinha pessoas idosas que não estavam indo mais nos grupos na tarde dos idosos por exemplo porque eles não tinham como ir, porque os filhos trabalhavam, né e eles não queriam pegar um táxi ou coisa assim. Criamos a Carona Solidária dentro da comunidade. Isso é um trabalho diaconal, né a comunidade se solidarizando com as pessoas idosas e articulando os voluntários pra isso, e assim outras coisas né que vão surgindo. Então...

João: Bacana!

Fernanda : Mas eu acho que é mais ou menos isso assim, ha... as questões culturais influenciam sim né, e muito...

João: (incompreensível) Quais são as principais que você identifica assim? Você tocou antes da questão do... que existe o machismo velado entre alguns pastores né da IECLB e além disso tem outros elementos, como o racismo, preconceito em relação a pobre, existe... tu percebe que há alguma coisa nesse sentido ou não, que atrapalha?

Fernanda : Sim, eu acredito em relação a pessoas empobrecidas, dependentes químicos, né nos temos um trabalho aqui então o medo de entrar em contato, comunidades aí tem a ver a questão cultural também: "não esse aí não". Ou então: "Ha a gente até tem o grupo aqui mas não vamos deixar de oferecer cerveja no nosso almoço", né então isso também já reflete uma coisa. Em relação as pessoas empobrecidas, dependentes químicos, em relação a mulher né, ah... essa questão é regional também dependendo o local dentro da própria cidade tem mais privilégio ou não né, é a questão de formação também, o nível de formação que a pessoa se encontra ela também causa essa discriminação né, raciais também, imigração, imigração a gente viveu bem presente aqui assim né, então é... não não não é... assim não é tão simples trabalhar nas comunidades esse olhar acolhedor, a gente tem que ser bem incisivo e falar que nós mesmos também somos imigrantes né, e ter paciência porque é outra língua, as pessoas não entendem, outra cultura e por aí vai... Tirar também, trabalhar essa visão de que pobre é bandido, que imigrante é bandido, que negro vai roubar, nossa assim tem várias coisas que a gente tem que ir trabalhando né. Aí uma vez aconteceu: "Ha então não porque realmente roubam porque realmente querem passar a perna", e aí você tem que fazer toda uma construção de novo. Então você está em constante formação e construção né, se você alimenta esse tipo de pensamento, aí você cria uma diaconia eletista, aí você vai escolher quem você quer servir né.

João: Perfeito. Oh Fernanda você acredita que há uma perspectiva sócio-política que predomina entre os membros da IECLB, e de forma geral e se sim, de que forma que isso... ou não, de que forma que isso tem a ver com a diaconia?

Fernanda : Uma perspectiva sócio-política? eu acho que a gente tá bem dividido assim na igreja né, no momento eu vejo que novamente algumas pessoas estão acordando se manifestando né, é talvez porque perceberam que dormiram (risos) no ponto assim né, mas a tendência é sempre, o que eu noto assim, que quando não se tem argumento aí se parte pra violência, pra pra agressões verbais, pra umas... pra pra discursos muito forçados assim de autoritarismo né. Mas eu acho que nós somos bem divididos na igreja talvez nós não sejamos mais aquela aquela igreja com visão sócio-política que nós já tivemos né, eu acho que hoje muita gente está neutra, que não não quer e não entende a igreja também como o papel político, na verdade acha que politica então tem a ver com com estado tem como questões sociais, não tem a ver com a igreja porque a igreja é espiritual né, então tanto questões sociais quanto políticas são delegadas pro estado e nós como pessoas cristãs não refletimos sobre isso. Então, é... eu acho que falta na igreja uma reflexão mais firme, mais clara né. E temos

temos experimentado agora nos últimos dois anos muitos discursos de ódio, acho que isso também afastou as pessoas né. Acho que foi tão... foi tão tenso assim tudo que algumas pessoas não querem mais conversar sobre isso e aí a gente tem que ir... argumentar de outra forma, resgatar de novo qual é o sentido.... é... político também da igreja, e nossa participação social né, que a gente não tá no mundo separado, o que que é que nós não nos preocupamos enquanto igreja apenas com a dimensão espiritual né. Eu acho que vem um trabalho bem grande assim de conscientização pela frente, na verdade até agora né a gente já... E eu sinto pelo menos aqui que algumas lideranças já estão assim acordando pra isso, tô tô feliz com isso assim né, porque é preocupante né.

João: Perfeito! ô Fernanda de que forma você... como você avalia o nível de de de sensibilidade e consciência diaconal da parte dos membros da IECLB, as pessoas em geral elas são sensíveis e conscientes e abertas a prática da diaconia ou é necessário despertar?

Fernanda : Eu eu vejo as duas coisas, eu vejo pessoas de comunidades extremamente sensíveis e você lança um trabalho diaconal, um projeto, uma ideia... nossa abraçam e vão e fazem, mas também temos grupos que são resistentes... que querem continuar como sempre foi, não aceitam um desafio, uma prática diferente, né então tem as duas coisas. E tá e muito muito muitos grupos assim eles tem uma visão clubista né então, acabam... e clube assim tem muito a ver com preconceito né, então é um pensamento muito fechado que se tem. É... mas no geral eu acredito que a IECLB como um todo é uma igreja sensível, né tudo que a gente já fez, já desenvolveu, a gente busca se colocar no lugar do outro né. Eu acho que talvez até já fomos mais igreja clubista do que (incompreensível) hoje é um pouco menos isso, só tem que cuidar pra não reforçar isso de novo, né trabalhar mais... o coletivo, o solidário, se perguntar que igreja nós queremos ser né. Então aqui em Joinville eu também tenho uma experiência muito diferente dos outros locais que eu trabalhei, Novo Hamburgo também foi bastante assim né... A gente tem uma inserção aqui muito grande no município, as comunidades tem... assim abraçam o trabalho diaconal, né aqui eu me sinto muito valorizada, sou reconhecida, é... e isso é uma coisa assim que eu nem imaginava encontrar assim né. E nem sei se existe em outra união paroquial o respeito e o apoio que se tem no trabalho diaconal como tem aqui, né. E eu acho um modelo muito bacana assim e as comunidades envolvidas né, envolvidas e vão (incompreensível) muito muito trabalho, bacana assim né. Mas tem tem locais que as paróquias não não aceitam, não fazem, não tem assim essa sensibilidade de é... de fazer alguma outra coisa assim para fora além dos muros da igreja.

João: Sim, entendo... ô Fernanda estamos na penúltima pergunta, só falta mais duas (risos) mas assim a penúltima é a seguinte: Como você avalia a relação entre as comunidades e as instituições diaconais de forma geral no contexto da IECLB?

Fernanda : Eu acho que tem um afastamento muito grande né assim... isto é histórico também porque as comunidades apressaram, criaram as instituições, a hora que estavam prontas deixamos lá, né e daí elas tem que se virar. Isto tem das duas, tem responsabilidade das duas partes, tanto da comunidade que então a criou instituição e agora deixa, ela que faz, e por outro lado as instituições também se isolaram e esqueceram a sua confessionalidade né, ou quem ajudou, enfim as a... porque cada uma uma tem legislações próprias, tem programas próprios, modos de caminhar próprios e esquecem da parceria né. E aí se tu não tem um ministro ou uma ministra dentro dessa instituição às vezes esse vínculo ele ele se perde né. Então eu vejo um afastamento bem grande...

João: Perfeito...

Fernanda : Já fomos bem mais acho que assim, esse formação antiga de diáconos, diáconas, diaconisas possibilitava né, agora é cada vez mais assim a instituição na sua e a igreja comunidade tem outros trabalhos né.

João: Perfeito, então Fernanda a última pergunta é... a oportunidade também de você dizer aquilo que você acha que é importante ainda, mas quais quais você identifica como os principais limites da diaconia na IECLB e também quais são as principais possibilidades, ou seja quais os pontos fortes e os pontos fracos que nós temos na diaconia comunitária na IECLB como um todo?

Fernanda : Como um todo? Eu vejo que, eu vejo assim que ela ela está amarrada uma estrutura hierárquica e isso isso não não ajuda né, então ela não está totalmente reconhecida como deveria, essa é uma das limitações e a outra questão... eu acho que ela ela tem a própria diaconia tá, não que se escondendo assim mas nos últimos anos eu vejo que... ela tem se refugiado, faltou protagonismo assim, a gente não..., tem ficado quietinho, daí faz o seu trabalho e tal e a gente não se articulou e não tem muita visibilidade né, a gente poderia ter bem mais visibilidade, então são os dois pontos que eu vejo assim negativos né, fracos... a gente não buscou ser muito visível e um protagonismo, e por outro lado é nós estamos amarrados numa estrutura hierárquica, querendo ou não mas é é isso, né (incompreensível) eu não vejo de fato o ministério compartilhado né quando você elenca quem pode o que né.

Então vejo isso assim né... (incompreensível) alguém assim, se tu fala: "não até aqui você pode ir que aqui não", né que que é que você vai incentivar, não vai né. Então aquele discurso que se fez "ah pastor pastora pode tudo e diácono não pode tudo", entendeu então quem é um jovem que vai sair lá das roça e sei lá da onde e vai falar: "não eu quero isso"? e a... e o ponto forte da diaconia que assim na igreja ela tem tudo pra contribuir é o seu caráter, a sua identidade, do servir porque ela agrega, ela chama, ela cativa qualquer pessoa não interessa a religião né, ela se identifica, ela fala não é isso mesmo, é o servir, é o ajudar é a solidariedade, é a empatia, né então e a isso, e ela tem isso muito forte, ela consegue mobilizar pessoas, recursos de uma forma como talvez nenhuma outra... como que a gente pode falar... não ministério mas assim, uma outra teoria, ou como a gente poderia falar, consegue né assim... Ela é bem mais integral, ela envolve desde a parte espiritual até o prático. Esse é o ponto forte dela assim, ela consegue mobilizar e sensibilizar as pessoas né, então é isso...

João: Então Fernanda muito obrigado pela sua disposição, pela sua contribuição sempre... suas contribuições são preciosas e muito obrigado mesmo mesmo e daqui uns dois meses, ou três meses eu vou enviar a sua entrevista escrita num papel, aí você vai ter que ter o trabalho de dar uma lida se efetivamente é isso que você disse né, então muito obrigado e que possa ter uma... bons momentos nesse momento difícil que a gente tá vivendo...

Fernanda : Sim, verdade... muito obrigada, qualquer coisa estou à disposição, se precisar de mais alguma coisa...

João: Tá bem muito obrigado, tchau, tchau!

Fernanda : De nada, tchau!

ANEXO 2: ENTREVISTA SABRINA

(Entrevista realizada via videoconferência no dia 02 de Julho de 2020)

Sabrina: Hoje é quinta né? (Incompreensível) Oi João!

João: Olá, boa tarde!

Sabrina: Boa tarde, tudo bem?

João: Tudo bem, graças a Deus, dentro das possibilidades (Incompreensível) que o isolamento nos coloca né.

Sabrina: Sim, sim... Você tá aqui em São Leopoldo ou tá no Espírito Santo?

João: Estou, estou no no aqui em São Leopoldo, mas semana que vem eu quero viajar para a casa dos meus pais pra fazer etapas de transcrição das entrevistas.

Sabrina: Aham. Hum. Bom trabalho. (Risos).

João: Da colheita da mandioca também que, aí ajuda né? (Risos).

Sabrina: Ajuda a desestressar, não ficar com as palavrinhas na na mente. (Risos).

João: Exatamente! O Sabrina, então... obrigado por aceitar o convite, por achar uma brecha nessa tua agenda tão... tão cheia né.

Sabrina: Tranquilo, desculpa pelas alterações, mas foi necessário.

João: Não, capaz! O... Sabrina, se a gente pudesse, eu proponho que a gente comece que gente faça a entrevista daí depois se você quiser conversar um pouco também sobre como as Comunidades estão assumindo a Diaconia nesse período de pandemia, [...]

Sabrina: Aham.

João: [...] a gente pode conversar um pouquinho sobre isso também. Eu também fiz um levantamento, quem sabe a gente pode tá construindo algumas coisas em conjunto.

Sabrina: Legal, sim, aham.

João: Então... ah... Sabrina, primeiramente queria só dizer algumas palavras em relação a minha pesquisa de forma geral... né. O meu objeto de pesquisa é a Diaconia comunitária e eu busco fazer uma análise de conjuntura, é basicamente isso, né. Ah. Para isso nós pensamos no primeiro momento em fazer uma análise documental de documentos publicados e documentos não publicados, né? [...]

Sabrina: Aham.

João: [...] Como as atas do CONAD, como alguns outros documentos aí, né, ah, cartas pastorais também que daí são publicados e também os documentos que já trabalharam alguns aspectos que tem a ver com a Diaconia comunitária na IECLB hoje, no entanto de 2000... me parece que o único documento que vai analisar de uma forma mais estrutural a Diaconia na IECLB é aquele diagnóstico participativo de 98 me aparece assim, daí o que nós temos depois são artigos né.

Sabrina: Isso, é do diagnóstico participativo daí surge a FLD como resultado em 2000 né.

João: É, exatamente! Então Sabrina... (Incompreensível) eu vou te mandar o termo de consentimento pelo e-mail, mas eu posso pegar a tua assinatura até acabar o doutorado, então eu tenho até julho do ano que vem, então eu posso levar isso presencialmente depois que passar essa pandemia se você aceitar, [...]

Sabrina: Aham.

João: [...] aí eu te envio uma cópia pra você ter... Mas em todo caso nós temos uma cláusula de anonimato. Então... ah... nós estamos coletando a entrevista de 5 pesquisadores, né, que você tá nesse grupo, que tem um trânsito em algum espaço. Nós achamos que é estratégico pra compreender a Diaconia na IECLB hoje. Quando a gente se referir ao que você vai dizer a gente vai sempre falar assim: "segundo o pesquisador" ah... né, [...]

Sabrina: Aham.

João: [...] sem expor os nomes. E... aí eu também preciso do teu consentimento para estar gravando essa nossa conversa, pra mim também ser fiel ao que você disse né ou não disse. E essa gravação fica apenas para fins da pesquisa e só eu e o meu orientador vai ter acesso a isso, pode ser? E se você quiser, obviamente, posso estar te mandando ela.

Sabrina: Tudo bem, consentido.

João: Perfeito, então Sabrina eu queria saber... ah... primeiramente como iniciou a sua caminhada com a Diaconia? Assim... como que, onde que inicia assim esse encantamento pela Diaconia, onde que começa né, onde que começa tudo isso?

Sabrina: Aham. Então, inicia através da minha participação enquanto adolescente jovem dos grupos de juventude na Comunidade né o... a Ministra, é um casal de Ministros na época, eles tinham uma compreensão muito interessante assim dá... o papel da Igreja na sociedade né. Então... e nos grupos né nos encontros de jovens então muitas vezes a gente também foi desafiado a olhar para a realidade local do município, e já tinham histórico assim que sempre no Natal então o grupo de jovens reunia brinquedos, alimentos, para distribuir nos territórios aí mais com necessidade e vulnerabilidade, por mais que era uma cidade pequena também tínhamos essa realidade.

João: Sim. Qual é a Comunidade, Sabrina?

Sabrina: Município de Ibirubá, aqui no Rio Grande do Sul, Comunidade de Ibirubá né! É uma Comunidade grande, em torno de mil famílias, Comunidade no centro né.

João: Sim!

Sabrina: E... então, ah... nós naquela época então também fomos ver umas experiências de arrecadação de alimentos né e de ir na casa das famílias e distribuir. Na outra ação que foi bastante marcante e eu não lembro como é que surgiu né, mas eu sei que no dia das mães, nós como grupo de jovens, também fizemos uma ação, então a gente escolheu um bairro do município né, fizemos vários cartões para o dia das mães de forma manual e nos organizamos e passamos de porta em porta para distribuir esse cartão né para as mães e como uma ação então da Comunidade Luterana, do grupo de jovens né, [...]

João: Sim.

Sabrina: [...] e até hoje eu lembro assim da emoção de algumas mães, do que elas era o momento que elas foram lembradas né, então muitas estavam sozinhas, tinham seus filhos longe né, então, quanto isso emocionava também as pessoas né. Então essa caminhada aí dentro da juventude né. Depois sim, na época não sabia que isso era Diaconia né, então ali no final do ensino médio então eu recebi na minha cunhada, que era estudante de teologia, ah... meu irmão também era estudante de teologia né no Ministério Pastoral, aquele o livro "Diaconia Fé e Ação" e o outro " Um Chamado para Servir" né, então ali eu fiquei sabendo

que que era Diaconia e consegui associar essas experiências e também foi através de uma outra literatura ah... que por acaso encontrei na casa do meus pais que contava a história de uma irmã católica que foi fazer missão na Índia, trabalha com crianças. [...]

João: (Incompreensível) Bacana.

Sabrina: [...] Então isso foi assim o despertando né, e aí sim já conhecia a Faculdade EST e tudo né, tentei fazer o ano bíblico diaconal, que era então na Casa Matriz, mas aquele ano a edição era no Espírito Santo na ADL, então me inscrevi pra fazer o curso de Gerontologia que ia acontecer na Casa Matriz, mas também não fui aceita porque eu só completava 18 anos na metade do ano. Então foi um ano assim de 98, foi eu tava rebelde né, me excluíram, mas com isso em 99 então eu vim para Faculdade EST, quando a formação diaconal já estava então junto a Faculdade EST né, então assim o despertar foi através do grupo de jovens né, Ministra e Ministro tendo esse olhar para a realidade local e conciliando né evangelho, fé, contexto né, um papel da Igreja.

João: Bacana! Sabrina então você chega aqui na EST num momento de transição né, [...]

Sabrina: Isso.

João: [...] que vai marcar inclusive a Diaconia hoje né, [...]

Sabrina: Isso. Aham.

João: [...] beleza, uma Diaconia que... que oferece a formação em duas instituições, ADL e Casa Matriz, daí passa pra uma instituição que vai oferecer então uma formação a nível superior. [...]

Sabrina; Isso.

João: [...] Você foi uma das primeiras... Diáconas formadas pela EST?

Sabrina: Ah... Não! A primeira Diácona formada pela EST foi a Arlete, porque ela já estava no curso de Teologia e depois migrou para o curso de Diaconia, então ela se formou em julho de 2003 como sendo a primeira no Ministério Diaconal, e eu me formei em dezembro, e meus outros colegas colegas em dezembro de 2003, mas quem entrou dentro dos moldes da formação do... que era chamado núcleo teológico comum, que era dois anos e meio né, de as cadeiras mais teológicas, aí depois a proposta era curso técnico né, na área de desenvolvimento de Comunidade ou gerontologia. Mas antes da gente ingressar com os

cursos técnicos assim, uma questão de duas semana, a gente foi informado que tinha mudado, então a gente sairia como bacharel em Teologia né. Então ali também foi outra crise assim né, que a gente entrou com uma proposta de formação e ela acabou sendo mudada no decorrer dos anos, e aí depois com isso então eu fui em busca do curso de enfermagem que acontecia na ISEP, também né, uma das primeiras turmas para vir suprir aquele desejo que era na área da gerontologia e geriatria né.

João: Pô bacana! Em todo caso você chega na EST com esse essa vontade efetiva de fazer Diaconia?

Sabrina: Isso!

João: Como é o caso de vários estudantes.

Sabrina: Aham. É eu até brincava assim: "chega um pastor na família né", (risos) e também nunca imaginei me imaginei nessa com essa questão da..., principalmente na área da pregação né, sou muito mais na área prática do fazer né, muito dessa experiência de articulação, de estar junto com as pessoas né.

João: Perfeito. Bacana, Sabrina! Atualmente, assim em termos gerais, qual a sua rotina assim de trabalho, assim o que que você faz no dia a dia na Coordenação de Diaconia?

Sabrina: Aham. É uma rotina bem administrativa né, então é muito a nível de articulação, gestão, formação e capacitação, publicação desculpa né. Então articulação é manter principalmente junto com Conselho Nacional de Diaconia né, ah... viabilizar ações a nível de Comunidade, acompanhamento também das instituições diaconais com a Rede de Diaconia. Gestão na questão de projetos né, então como Coordenação de Diaconia nós estamos junto com a equipe avaliadora dos projetos, dos editais que a Secretaria Geral abre, principalmente com olhar diaconal de avaliação das ações previstas pelas Comunidades e instituições. E na área de formação então possibilitando cursos, seminários né, pra pra reflexão na área da Diaconia ou temas específicos né, os últimos foram aí na área da pessoa idosa, inclusão da pessoa com deficiência. Alguns estão nos sonhos que precisam ser reajustados a nova realidade. E publicação de materiais, então tem dois fixos durante o ano que é um para o Dia Nacional da Diaconia e outra pra Semana da Pessoa com Deficiência e também articulando junto com o Conselho Nacional de Diaconia é a oração pro Dia Mundial de Oração pela Diaconia que é o dia 26 de cada mês. Então, a minha rotina é muito questão e-mails, agora muitos contatos via WhatsApp né, ah... telefone, ligações telefônicas são poucas, por que a

gente usa o recurso do WhatsApp mesmo né, que é uma forma também de de diminuir custos né, e... acho que praticamente (risos) é nessas quatro áreas aí que, e são muitas reuniões né, então é questão de articulação é muitas reuniões né.

João: Perfeito! É interessante né o advento do WhatsApp, e pegou tanto né o WhatsApp que as instituições estão usando em larga escala. De forma que às vezes, pelo menos eu sinto isso, e quando a gente liga mesmo sem avisar que a gente vai ligar parece que a gente está invadindo o espaço alheio né, (incompreensível) pelo menos eu tenho essa impressão né, ou seja, e uma vez não, você ligava dentro do horário comercial, hoje parece que não, bah... as pessoas nem atendem algumas né, [...]

Sabrina: Sim.

João: [...] tem que avisar que... parece que mudou um pouco isso.

Sabrina: Mudou. E e toda a questão também por e-mail né, a gente percebe que o e-mail ele já não é mais mais tão lido como era antes né, mais por uma questão de formalidade, para registro documental né, mas a comunicação ela flui pelas mídias né [...]

João: Perfeito.

Sabrina: [...] e a gente até manda um WhatsApp dizendo: "olha mandei um e-mail para você dá uma olhada lá". (Risos)

João: Verdade. Eu to percebendo isso na pesquisa também, os contatos né, muitas pessoas demoram uma, duas semanas para responder um e-mail, então você precisa até, quando é urgente, buscar um telefone no WhatsApp e dependendo se a gente é minimamente próximo da pessoa a gente tem esse direito ou não né..., o tempo das coisas. O Sabrina entrando um pouco agora minha temática específica ah..., como você avalia ah... o desenvolvimento da Diaconia Comunitária nos últimos nos últimos nos últimos 20 anos assim, desde o período em que você tá acompanhando a Diaconia, primeiro como estudante, depois em outras funções né, hoje mais na Coordenação de Diaconia, como você avalia assim? Ela tá (incompreensível) qual a impressão que você tem, estamos crescendo ou decrescendo, em quais setores?

Sabrina: Uhum. Eu acho que um período muito marcante aí da Diaconia foi os anos dois mil, no início ali né, teve todo um movimento que despertou várias vocações, até para formação diaconal, e lideranças comunitárias que foi o curso multiplicadores e multiplicadoras de Diaconia né, para isso também o então Departamento de Diaconia tinha uma pessoa para

coordenar esse projeto. Então ali foi um momento que muitas ações aconteceram, muitas pessoas se formaram né. Tinha uma... sabiam o que que era Diaconia e conseguiram articular o trabalho. Depois com toda a mudança do departamento para coordenação, redução de da equipe mesmo né, ah... algumas coisas não foi possível dar o mesmo acompanhamento, talvez e dá para dizer assim que teve uma uma desarticulação né, de algumas questões. Então aí se retomou depois a formação, ah... cursos, a mesma nova estrutura né sinodal, onde eu gostava que o Sínodo era responsável por a questão da formação. Mas depois se deu conta que não não tinha como ah... gerir todas as demandas né. E aí se viu de novo a necessidades que a Secretaria Geral oferecesse formação né, e articulasse isso, então teve um tempo aí de reajustes né. Ah... Teve agora agora últimos tempos um crescimento de novo né, uma articulação, e é importante acho que agora dentro dessa pandemia a gente percebe como a Diaconia tá na essência das Comunidades né. Então foi logo né, principalmente aí grupos de mulheres, a OASE né, que tem no seu tripé a questão do Serviço, prontamente, foram ao encontro de demandas né. Ah... O que eu percebo é que muito se está fazendo, mas muito pouco se está refletindo, e se dando nomeando isso como Diaconia né. Então a ação sempre esteve presente na Comunidade né, ah... sempre se teve a articulação alguma incidência né, para cuidar das pessoas, o que a gente não percebe é a questão duma nomeação disso como Diaconia, como uma e uma reflexão sobre isso né. Ah... então... digamos assim, nós estamos num bom momento para fortalecer a Diaconia comunitária, de nomear isso e ajudar na reflexão, e aí é o que a gente tem que ta atento porque no momento atual a gente tá tá percebendo assim que assistência né, que é uma das dimensões da Diaconia, a partir de Mateus 25, tá funcionando muito bem, só que a gente tem que cuidar para não cair no risco do assistencialismo né, do assistir as pessoas mas não se envolver, se comprometer com a realidade das pessoas, e aí é importante a reflexão junto também com as políticas públicas, da questão dos direitos das pessoas né, e aí entra a questão da Diaconia profética, Diaconia política né, que vai perguntar pelas causas de que a pessoa está nessa situação. Então aí, isso tenho refletido junto com algumas pessoas da área do serviço social, que eles também tão percebendo isso, o risco de voltar, de novo ter um tempo de forte assistencialismo né. Assistência tem a sua razão de ser né, tem que responder à necessidade, mas a gente tem que ir além disso né. Então eu acho que esse é o momento como como Igreja que a gente precisa tá refletindo articulando essa reflexão né então...

João: Esse parece que é um desafio que permanece ao longo dos anos né, na Diaconia comunitária né, porque ao mesmo tempo que a Diaconia institucional ela tem esse elemento

de organização né, por si, ela é organizada, e por isso é institucional, a Diaconia comunitária ela nasce daquilo que é espontâneo né, e o risco é sempre não dar esse segundo passo, né, olha. Bacana oh... Sabrina! E eu queria te perguntar assim ah..., de novo fazendo essa esse olhar retrospectivo de 20 anos atrás, quais foram os fatores que você avalia que foram fundamentais para o desenvolvimento que a Diaconia comunitária teve, quais foram os fatores se fosse fazer um linha do tempo né, quais são os fatores que foram determinantes, assim para o bem e para o mal também né, que ajudaram na articulação, mas também na desarticulação?

Sabrina: Acho que o fortaleceu foi essa questão da formação né, os cursos de formação Multiplicadores de Diaconia né, o Vida no Limiar da Morte né, que é uma outra área que fortaleceu bastante, que a gente vê que criou várias lideranças, e ainda há a saudade da formação como ela era realizada. [...]

João: Sim.

Sabrina: [...] Ah... Eu acho que também todo esse movimento ah... de reflexão que vem de fora né, via FLM, de documentos, o Diaconia em Contexto, acho que ele é um documento que marcou e ajudou bastante na reflexão. Ah... acho que o que assim desarticulou foi esse nosso processo enquanto Igreja de... de estruturação né, acho que vínhamos numa caminhada de Distrito, Regiões, depois Sínodos, daí tem uma área muito grande né, principalmente alguns Sínodos, as enormes distâncias. E agora a gente tá completando 25 acho, 25 anos dessa nova estrutura mais ou menos não to bem lembrada, e então assim é algum processo novo que ainda em muito está se estruturando, nem todos os Sínodos tem uma estrutura viável né, e isso tem fragilizada principalmente na questão de formação né, ainda mais no início tinha aquela compreensão que as coordenações, as diversas coordenações na da Secretaria Geral, não poderiam criar demanda de formação para os Sínodo né, mas responder a uma demanda né, uma solicitação. Só que a gente sabe que principalmente na área da Diaconia, inclusão, acessibilidade, você precisa sensibilizar, despertar para que tenha a demanda de formação, porque é um trabalho que a gente diz que é da margem né. E precisa dar visibilidade, e então, talvez eu acho que algo que acho... que fragilizou tudo isso foi essa nova reestruturação quanto Sínodo, enquanto Secretaria Geral também, que se faz necessário né, a gente tem que testar novas formas, mas também fragilizou, aí o processo que estava acontecendo né, bem forte porque no início eu lembro que com a Irmã Hildegart tinha todo um sonho que cada Sínodo tivesse um Conselho Sinodal de Diaconia, que fosse o guarda-chuva das ações do Sínodo né, alguns lugares isso foi viável outros não, outros não se

compreendeu, não tinha uma compreensão que a Diaconia poderia ser esse chapéu, ah... reunindo diversos setores né, não sendo apenas um trabalho de um setor, mas ser mais aquela Diaconia que tá no PAMI, que é a essência da Igreja, então que a OASE, LELUT, grupos de jovens, todos têm a função de diaconar né. Então acho que... nesse processo de estruturar algumas coisas foram se desarticulou, né.

João: O Sabrina, eu queria que tu refletisse sobre dois pontos: ah... os ganhos que nós tivemos quando o ministério compartilhado foi assumido, e segundo ponto, que você já tocou, que é a passagem do Departamento de Diaconia pra Coordenação, ah... só esses dois pontos se tu pudesse (incompreensível).

Sabrina: Tá! A questão do ministério compartilhado né, acho que... dá pra falar um pouquinho antes do ministério compartilhado, acho que lá quando se reconheceu a própria ordenação de Diáconos e Diáconas né, ah... pra quem já tinha formação na ADL ou Casa Matriz e depois fez o ajuste na formação né, então acho que ali se deu visibilidade a essa nova formação, ah... O ministério compartilhado, é uma boa pergunta sim, porque o ministério compartilhado é uma boa proposta, mas ele não teve implementação né, não teve nenhuma política para implementação, então quem divulgava Ministério Diaconal compartilhado foram as pessoas da minha época que saía com uma outra outra ênfase ministerial, então era a Sabrina chegando lá no seu PPHM dizendo que que era Diaconia, o que que era ministério compartilhado né. Para as Comunidades que tiveram ah... essa experiência de ter pessoas de outro ministério ter alguém do Ministério Diaconal com certeza isso fortaleceu a Diaconia comunitária né, a compreensão do papel da pessoa, liderança ali do membro na sua no seu papel de de de Diácono e Diácona também, mas ficou restrito a Comunidade que tiveram essa experiência, [...]

João: Sim.

Sabrina: [...] porque onde não teve ninguém de uma outra ênfase pois pois faltou a nível de Igreja uma política de implementação, de divulgação, de possibilidade que cada Comunidade pudesse ter além do ministério pastoral uma pessoa de outro ministério né. Tem lá uma moção que recomenda que a partir do segundo campo tem alguém do outro ministério né, mas isso é algo frágil né. Quanto a relação do departamento pra coordenação aí gente realmente teve uma perda de visibilidade, e de autonomia, e de empoderamento né, ah... porque departamento é o que a gente diz hoje que é uma secretaria né, tinha quase como status de secretaria. E então isso foi se fragilizou né, de uma equipe de 3, 4 pessoas passou ter uma

equipe de uma coordenadora de Diaconia, uma área da inclusão e outra voluntariado mas se juntou com juventude né, e hoje só temos realmente uma pessoa pra Diaconia e inclusão né. Então se foi reduzindo, uma porque o argumento que não a demanda mas é são áreas que precisa se criar demandas né, se sensibilizar para que realmente a Comunidade seja inclusiva, acessível, então ah... essa mudança para mim de departamento para coordenação fragilizou né, deixou de ter a visibilidade que tinha né, o protagonismo e o poder, o poder ser visto né, de estar presente né.

João: Então a principal justificativa para essa mudança é falta de demanda, foi a falta de demanda?

Sabrina: Hum... Na questão da inclusão sim né, mas antes da a extinção de todos os departamentos foi uma questão de questionamento de que equipe era muito inchada, muitas pessoas vinculadas a Secretaria Geral né, e porque os departamentos tinha muito autonomia, então precisaria ter um... todos precisavam estar mais vinculados, tá no mesmo caminho e muito naquela ideia que a Secretaria Geral é executora né, é a uma parte administrativa, e que responde o que a Direção da Igreja decide, e ai nessa época ali os departamentos já tinham bastante autonomia, então teve essa questão assim, equipe muito grande, muito autonomia, é mais uma função administrativa de execução. Então... (incompreensível) e porque também era uma realidade onde o Sínodo era responsável pela formação né, então também não se justificativa, não tinha porque ter um departamento né, pensando amplamente essa área, se era papel do Sínodo né. Só que hoje se comprova que isso não é uma realidade, o Sínodo não consegue desenvolver esse papel como talvez foi sonhado.

João: Então de alguma forma o surgimento do CONAD, que se eu não me engano, ele vai pensado em 2003, 2004, embora...

Sabrina: Ele surge em 2003, isso. Mas antes do CONAD, ...mas acho que antes do CONAD já tinha os grupos de trabalho vinculado ao departamento de Diaconia, então tinha grupo de trabalho na área da criança adolescente, na área da pessoa idosa, na área das instituições, que quase tinha o mesmo papel que o CONAD, mas eram por grupos de trabalho que também se reuniam, pra refletir, ver quais as demandas e propor ações. E depois então passou para o Conselho Nacional de Diaconia que tenta trazer esses temas específicos também e a ser a partir de Sínodos né, na área da inclusão da pessoa com deficiência, nós tínhamos o grupo de apoio nacional né, então formado por pessoas com deficiência ou pessoas ah... que refletiam na área e tinham experiência na área né, que também foi incorporado depois no Conselho

Nacional de Diaconia. Realmente o CONAD tem essa função então de dar, de ser o assessor de assuntos da Direção da Igreja nos temas da Diaconia né.

João: Perfeito, Ok! O Sabrina, então... agora atualizando nossa discussão, hoje em dia a partir da tua experiência, quais são os fatores que você acredita que são fundamentais para o despertar da Diaconia nas Comunidades, de uma forma muito geral assim, o que tu percebe que é fundamental hoje, que que ajuda na... nesse nesse desabrochar diaconal?

Sabrina: Ah... Aí entra a questão da educação cristã continua né, a questão da formação para o sacerdócio geral de todas as pessoas que creem né. E aí não só pra área da Diaconia mas também outras temáticas dentro da Igreja, porque na medida que as pessoas conseguem refletir né, saber o que que é Diaconia, conseguir nomear que aquela visita que sempre é feita lá para pessoas doentes, para pessoas enlutadas, que isso é uma ação diaconal, é uma ação da Igreja de ir ao encontro das pessoas, ou aquela ação de acolher no culto né, da questão da hospitalidade, conseguir nomear isso como ações diaconais isso vai fortalecer a Diaconia Comunitária né, então passa muito realmente pela formação né, e formações ah... amplas né, sobre o que que a Diaconia né, até informações mais específicas né, visitação, perdas e luto né, o planejamento de ações diaconais né, então acho que passa muito realmente pela formação na área da educação cristã continua.

João: Bacana, show! Atualmente Sabrina, quais são os grupos e temas que vem recebendo maior atenção, o que são prioridades da Diaconia comunitária na IECLB hoje que tu percebe? Quais são os grupos, idosos, jovens, sei lá, e quais são os temas assim, se tem um tema, agroecologia, sei lá?

Sabrina: Tá! Então aí, desde, eu vou me perder na data, acho que 2015, então o Conselho Nacional de Diaconia pegou o tema temática da pessoa idosa né, e refletiu aí sobre a questão envelhecimento populacional, mesmo envelhecimento na IECLB a partir das estatísticas, então, isso é um tema que tem que a Coordenação de Diaconia tem se ocupado, visitação sempre é um tema que está presente. Instituições diaconais, acho que toda atuação aí junto com da Rede de Diaconia né, junto com a FLD, é algo que tem ganhado cada vez mais visibilidade e a importância de dar esse acompanhamento que são todas as ações que vieram das Comunidades né, de um trabalho comunitário, que foi se organizando, foi institucionalizando, cumprindo toda uma questão de legislação e com isso às vezes foram se distanciando da Comunidade então a questão de reaproximar da Comunidade e desde 2015, 16. Também o tema da psicotraumatologia, dando uma formação via projeto da Alemanha

(incompreensível). E... então essa questão dentro da temática "cuidar de quem cuida" né, também tá voltada aí para profissionais e instituições de possibilitar um conhecimento para lidar com suas situações de stress, trauma para bem cuidar do público da sua instituição...né. [...]

João: Perfeito.

Sabrina: [...] E... aí junto a isso depois veio também mais uma outra técnica que é algo agora bem atual na técnica de redução de stress, o TRE.

João: Eu fiz esse curso...

Sabrina: Isso, que você conheceu! E isso são duas formações que hoje dentro do contexto atual elas são... essenciais né, então já tem todo uma uma ah... adaptação dessas técnicas, da possibilidade de formação pro forma virtual né, para poder cuidar das pessoas né. [...]

João: Perfeito.

Sabrina: [...] Então acho que muito nessa temática "cuidar de quem cuida", ah... pessoas idosas né, de como cuidar das famílias que cuidam, mas também como ah... acompanhar o público idoso que ainda é ativo né, como é que é envolver ele na missão da Igreja, ah... visitação né, e instituição diaconal né, ali tá então a área de criança e adolescentes né. [...]

João: Perfeito.

Sabrina: [...] Acho que resumindo assim.

João: Sim. O Sabrina, só uma questão que eu queria que você esclarecesse que é fundamental. Na IECLB, como funciona essa dinâmica de você perceber as demandas que vem da Comunidade, e ao mesmo tempo você propor discussões né, é... por exemplo, me parece essas essas todas essas prioridades que você disse a maioria delas são assumidas, são propostas para as Comunidades certo, ou seja, é quase como prioridades que a Direção, que a Coordenação de Diaconia elegeu que deve estar propondo para as Comunidades. Como que se dá essa relação assim, que é muito tênue, muito delicada.

Sabrina: Uhum. Sim, ah... a gente tem uma, assim, eu percebo uma enorme dificuldade de ouvir as demandas que vem das Comunidades né, o Conselho Nacional de Diaconia tem esse papel de ser a voz do seu Sínodo né, o que a gente percebe é que também uma fragilidade na questão dos próprios conselheiros e conselheiras né, de ter a noção do todo do seu Sínodo né,

e poder trazer as demandas do seu Sínodo né, muitas vezes o conselheiro a conselheiro ela é nomeado indicado pelo Sínodo porque se se está numa ação diaconal que a sua Comunidade desenvolve o projeto diaconal, e então envia essa pessoa para ser representante mas não dá condições ou capacidades pra ela tá realmente falando em nome do Sínodo, muitas vezes ela fala em naquilo que ela conhece e tem condições de acompanhar no seu Sínodo né. Então o que a gente percebe que o Conselho quer é pra ser a voz dos Sínodos, os Sínodos não estão fazendo uso né, não tão vendo ali o espaço deles colocarem a sua reflexão, as suas demandas, as suas críticas em relação a Diaconia na IECLB. Então aí eu vejo uma fragilidade né, de realmente a gente tá respondendo a demanda da Comunidade né. Algumas coisas vem, a gente consegue ali pincelar, perceber, mas não sei se porque tá meio ao nosso, o público na qual o Conselho é formado é uma geração diferente, eu sempre brinco assim, “tá se eu tivesse alguns jovens no Conselho Nacional de Diaconia talvez ia dar um ritmo diferente né”, mas é uma outra geração, é uma outra forma de de atuação né, então realmente os últimos tempos a gente conseguiu, uma uma questão foi bem resposta foi na área da inclusão da pessoa com deficiência, a questão da demanda sobre autismo né, e ali realmente vem da Comunidade: “olha nós estamos recebendo os jovens adolescentes com autismo no ensino confirmatório, e agora? Né... o que nós temos de material?” Então, essas, isso vem de duas três Comunidades e a partir disso então a gente organizou um seminário sobre autismo pra refletir, pensou material da semana da pessoa com deficiência sobre essa temática né. Então sempre que a gente recebe a demanda a gente vai ao encontro dela e busca responder, busca acompanhar, mas nem sempre isso vem tão diretamente né, então aí é realmente. E algumas temática a gente sabe também não vão vir. Né, que nem esse ano a gente como CONAD, a gente ia refletir sobre a questão do racismo, isso, a gente sabe que nas Comunidades isso acontece mas ninguém quer puxar isso e trazer como uma demanda, então ali você realmente tem temas assim que você precisa de formas de estar articulando pra que a reflexão aconteça né.

João: Perfeito! Você sabia Sabrina que essa é uma preocupação que eu tenho enquanto pesquiso, porque no fundo a minha tese ela, a base, a base dela é uma consulta, uma consulta ampla sobre Diaconia, e a grande questão é isso né, ou seja, teoricamente se eu fosse consultar os representantes sinodais da Diaconia, estaria tudo resolvido né, teoricamente eles saberiam tudo que tá se passando, consulto eles, faço uma (incompreensível) com cada um (corte) e acabou. Mas a grande questão é que isso não acontece, e aí vem a segunda questão, como que a gente faz essa consulta ampla né, [...]

Sabrina: Uhum.

João: [...] mas... eu acho que é preocupação de vocês também, ah... mas fica em fica nos bastidores uma hora (incompreensível) para buscar pesquisas. Ok, o Sabrina, ah... na sua opinião quais são os principais obstáculos que impedem ou dificultam o desenvolvimento maior da Diaconia nas Comunidades da IECLB hoje? Ah... Quais são os os obstáculos hoje que a Diaconia nas Comunidades a encontra para um desenvolvimento ainda maior?

Sabrina: Eu acho que um deles ah... é a falta do conhecimento né, realmente do que é a Diaconia né, todo um embasamento teórico, e e também da questão que somente boa vontade não é suficiente né, que tem que ter uma reflexão, um embasamento teórico, e acho que muito também é a característica nossa da sociedade do não se comprometer, não se envolver né. Tem pessoas que dão coração a alma pelo o trabalho né, mas são poucas as pessoas né. Então essa essa questão do não querer se envolver, não se comprometer, acho que uma outra questão porque é muito mais fácil você doar e não saber para quem ou pra onde vai e se manter distante né, e o trabalho diaconal não né, ele exige comprometimento, envolvimento né, e acho que isso isso dificulta um pouco né. Então a falta do conhecimento, a reflexão, a formação, e um pouco dessa nossa característica de sociedade do individualismo né, do não estar junto.

João: Perfeito. Ok. Ah... Você, você mesmo tava afirmando antes que existem coisas que a gente tem que propor, porque elas não vem à tona por conta própria, você acredita que tem alguns elementos que... quais são os responsáveis, assim, para que esse esse envolvimento maior de parte dos membros não aconteça, tem algum elemento que que não está funcionando, que poderia funcionar para resolver essa questão?

Sabrina: Ah... Pois é, agora eu lembrei ah... nós tínhamos aí o processo de leitura de vários projetos no edital [...]

João: Sim.

Sabrina: [...] e a gente tinha vários critérios de avaliação a partir dos documentos né, PAMI, outras coisas, e um, alguns assim me chamam a atenção que a é uma pergunta era se teria alguma formação, alguma ação para acolhida para reflexão sobre respeito à diversidade étnica, cultural né, social. Praticamente nenhum edital, nenhum projeto, estava prevendo isso né... reflexão sobre relações justas de gênero, pouquíssimo também né. Ah... Acho que com isso demonstra também que a gente, a nossa nossa herança étnica, ela ainda é muito forte né, ah... e aí a questão do envolvimento, do acolhimento das pessoas que são de outra etnia, de

uma outra classe social, ela exige bastante nas nossas Comunidades né. Ah... Tem alguns relatos instituições diaconais assim, porque sempre aquela questão "aí a Diaconia não traz novos membros né", não, não é esse o objetivo da Diaconia. Diaconia é promover vida digna, mas pode ter como consequência que a pessoa queira conhecer essa Igreja que está ali caminhando com ela, mas aí também assim eles eles conhecem aquela Igreja ali da instituição diaconal, que é acolhedora, que senta ao lado, que conversa, quando quando vai para o ambiente, realmente ali da Comunidade, do salão, da Igreja, elas são olhadas de uma outra forma. Né... Então essa essa distância entre nós e o eles né, a essa questão, a nossa herança étnica, ela não tem como negar ela é forte né, então isso isso dificulta muito também essa essa Diaconia comunitária que é... é um convite para conviver, para comunhão né, é olhar para aquela pessoa como um ser integral que ela precisa de cuidados sim, físico, emocional, social e também espiritual né. Então acho que isso... a gente tem um longo caminho pela frente ainda nessa, pra essa a Diaconia que vire vire comunhão também né.

João: Perfeito. O Sabrina você já tocou em alguns aspectos da da próxima pergunta, e ela vai no seguinte sentido, existe elementos, e quais são esses elementos de nível social, cultural ou religioso que impedem ou dificultam esse desenvolvimento maior da Diaconia na IECLB?

Sabrina: Sim, acho que um deles é essa compreensão aí, e a compreensão né, que não é correta, mas também ela vem muito com a preocupação da sustentabilidade das Comunidades né, é: "pra que ajudar os de fora se nós internamente temos muitos problemas?" Né? Sim, Comunidade precisa ser sustentável, tem membros da Comunidade que também tem necessidades, sim, elas precisam ser acompanhadas, mas é, acho que o nosso testemunho público né, acho que a Igreja no mundo, a Igreja na sociedade né, que olha para todas as pessoas né, então isso é algo assim que que dificulta também às vezes o trabalho diaconal comunitário, porque se quer ver também o resultado imediato né, e a gente sabe que isso não é possível né. E muito também essa questão assim da que a gente muitas vezes parte da nossa compreensão, do nosso modo de viver e não entende o modo de viver da outra pessoa né. Acho que a gente precisa viver aquilo que Jesus né: "que queres que eu te faça?" né, porque muitas vezes a nossa ação diaconal, ela parte da nossa compreensão, que aquela família lá precisa de tal e tal coisa e a gente vai e faz isso, e aí depois reclama que ela não fez bom uso ou ela não quis: "a viu eles realmente não queriam né", mas a gente não pega eles como sujeitos de direitos, de autonomia sobre sua vida né que tem dignidade, e tem direito de escolha, e dizer o que que eles querem. [...]

João: Perfeito.

Sabrina: [...] E aí de novo passa pela compreensão do como é o agir diaconal a partir de Jesus Cristo né, e aí é isso tem entra na questão social, ética, questões culturais, a cultura são diferentes né, então a gente não pode partir da nossa cultura pra julgar a outra cultura, mas tentar compreender, caminhar junto né.

João: Perfeito! Oh... Sabrina, você acredita que existem grupos sociais pelos quais membros das Comunidades e Paróquias da IECLB cultivam algum tipo de preconceitos?

Sabrina: Sim! Acho que toda a questão... ah... acho que o racismo está presente na IECLB, não tem... não podemos negar isso né, isso é forte, a gente percebe isso em frases cotidianas né, "ele é brasileiro, mas é gente boa né". A questão indígena também, e principalmente aí em Comunidades pequenas na agricultura familiar a questão do da disputa da terras né, vê eles como ameaça e não como pessoas criadas também a "imagem e semelhança", então todo trabalho do COMIN aí é muitas vezes questionado. Ah... E tem toda uma questão aí também de a nível de identidade sexual também né, algumas Comunidades é tranquilo, e a gente percebe pessoas LGBT participando né, outras não tanto, mas também a gente já tem uma reflexão assim, será que realmente o problema está na Comunidade ou tá nos Ministros e Ministras e lideranças né. Ah... Em relação a essa temática da LGBT né, mas sim, nós temos dificuldade, pensando no trabalho em São Paulo com moradores, pessoas em situação de rua né, todo mundo admira aquele trabalho, mas agora quantos locais na nossa Comunidades esse trabalho se repete né, é bonito lá longe né, mas eu... quero sentar alguém do lado de alguém que não pôde tomar banho, que não está tão bem vestido né, aí entra a questão da comunhão né, então...

João: Perfeito! E se e sem comunhão como você diz, não é Diaconia né?

Sabrina: Não é Diaconia, não é Diaconia, é a questão da comensalidade né, o sentar em torno da mesa, e partilhar o alimento, ideias...

João: Perfeito! O Sabrina uma pergunta difícil aqui... Há alguma perspectiva sócio-política que predomina nas Comunidades da IECLB, e se sim, qual a relação dela com a Diaconia? Tem uma...

Sabrina: Ah... João (risos)... Nós somos uma Igreja, acho que nós temos sim pessoas de classe baixa né, mas nós somos uma Igreja média alta né, acho que a gente não pode negar isso né.

Ah... e isso sim dificulta na questão da convivência né, ainda mais isso, às vezes aparece também na pergunta: "quantos desses vão se tornar membros né?" Então porque tá pautado na questão de do sustentabilidade, na questão econômica né, a Comunidade né, algumas tem o viés empresarial né, quem tá nas... aí no presbitério age da mesma forma como se estivesse gestando a sua empresa, mas nós também temos Comunidades então onde são pequenas famílias agricultoras né, de renda mínima né, e que daí tem toda a dificuldade de manter o trabalho da sua Comunidade e precisam de apoio de projetos missionários né. Então a gente tem as duas..., mas é mais forte média alta e com isso... porque ah muitas vezes eu também digo que a Diaconia pra ela nos envolver, nos comprometer, ela tem que passar por nós, tem que passar pro nosso corpo né, a gente (incompreensível) é a Diaconia aquela que caminha na poeira né, que suja seus pés né, e se eu não sou tocada, se eu não me vejo como sujeito da ação diaconal, não só como a pessoa que executa Diaconia né, mas alguém que também precisa da Diaconia em sua a vida, da Diaconia de Jesus, mas da Diaconia do irmão e da irmã que vem ao meu encontro quando eu to em fragilidade eu não consigo, né, me envolver, né. E muitas vezes a questão passa pelas necessidades básicas né, então se é uma uma classe aí que não tem, tem todas as necessidades físicas básicas atendidas ela vai vai passar menos, vai sentir menos no seu corpo né. Tem toda a dimensão da... emocional da fragilidade também né, mas isso se esconde muito fácil né, se cria máscara, se esconde para manter um status né. Mas então, eu acho que assim, como a classe ela pode contribuir muito para o desenvolvimento da Comunidade colocando os seus dons, seu tempo e seu tesouro a serviço, às vezes não ajuda, ter mais exclusão ainda né...

João: Perfeito, ok. Oh Sabrina, a penúltima pergunta aqui, ah... como você avalia a relação entre as Comunidades de fé e as Instituições Diaconais de forma geral assim, hoje?

Sabrina: Ah. Aham. Eu vejo que aí entre elas tem um elástico que tá bem espichado né, a questão do distanciamento né, precisa haver uma reaproximação, uma identificação novamente né, a Comunidade precisa reconhecer que aquela instituição diaconal lá ela nasceu de si, nasceu ali da Comunidade, de pessoas que se envolveram, que organizaram o trabalho né, e com isso a instituição foi se estruturando. Do lado da instituição ela precisa olhar para Comunidade e vê na Comunidade a sua origem né, e ao mesmo tempo ajudar a Comunidade a refletir sobre a Diaconia né, porque às vezes também o distanciamento da reflexão, principalmente na área dos direitos humanos, políticas públicas é enorme né, a instituição ela precisa ter essa reflexão né, porque ela está pautada em questões sociais, educacionais né, desenvolve políticas públicas né, e a Comunidade muitas vezes não tem essa reflexão, tá mais

na reflexão na vivência comunitária, na espiritualidade, na comunhão, liturgia, então tanto a instituição precisa reaprender a sua identidade diaconal, ali do culto, da comensalidade né, da sua espiritualidade, quanto à Comunidade precisa aprender da instituição a reflexão sobre direitos humanos e políticas públicas né. Só que hoje está um distanciamento onde o diálogo entre as partes é difícil, uma por questões ideológicas muitas vezes né, ou não se reconhecerem mais como parte de uma mesma história né, ou às vezes também estão tão próximas, a gente percebe instituições que não se estruturaram tanto né, na nível de políticas públicas, em responder políticas públicas e elas tem uma Diaconia muito assistencial né, e aí ela tá bem próximo à Comunidade porque também daí a Comunidade delega ali, e ali é nossa ação diaconal. “Eu ajudo”, é assim que eu terceirizo né, pra instituição diaconal, passo recursos né, apoio, mas é ela que faz a atuação. Outras a distância tá tão longa que a Comunidade não nenhum momento também se vê responsável também pela sustentabilidade daquela instituição né, acha que só poder público precisa dá conta por suprir as necessidades, né, financeiras. Então aí há um elástico onde algumas vezes está bem esticado, outras vezes já rompeu, então precisa ter essa reaproximação aí.

João: Perfeito: Você traz vários dados que ... (risos) muito bom, muito bom! Oh Sabrina, a última pergunta, quais... pra terminar a pergunta leva ao (incompreensível) da minha tese, (incompreensível) pelo menos, quais os limites e as possibilidades da Diaconia comunitária na IECLB hoje? Ou seja, quais são os principais, os principais limites, onde ela pode crescer ainda mais e quais também são seus pontos fortes, suas possibilidades, aquilo que ela dá testemunho?

Sabrina: Ah... responde por favor que o meu filho me interferiu aqui, eu perdi o início.

João: Ah, sim, beleza. Então, quais são os principais limites que você identifica na Diaconia comunitária na IECLB hoje, e quais também os seus pontos fortes, fazendo assim uma abordagem panorâmicas se fosse falar quais os pontos fortes e os pontos fracos da Diaconia na IECLB hoje?

Sabrina: (Silêncio) Acho que um dos fortes da Diaconia na IECLB que acho que é um, é um ganho, que a Diaconia está dentro do plano de ação missionária da Igreja como uma das dimensões né. Acho que isso da... garante né que cada Comunidade precisa no seu planejamento missionário refletir sobre o que que é Diaconia, né e prever ações para isso. O que a gente precisa é qualificar sua reflexão lá na base, quando estão fazendo planejamento né, porque muitas vezes a gente vê ações assim bem pouco refletidas ou só reafirma aquilo

que já a Comunidade já desenvolve né. Então, mas isso é um ponto forte né que dá., ah... potencializa a Diaconia na Igreja. Ah... Acho que algo que a gente precisa também fortalecer dentro da própria reflexão do ministério compartilhado né, acho que a partir aí que foi pro o concílio toda a discussão, se toda uma comissão que teve refletiu acho que de novo movimentou a questão da importância ou não do ministério compartilhado e o ministério diaconal, então isso eu vejo como uma oportunidade já agora de, a nível de ministério ordenado de fortalecer né, precisamos olhar pra formação para os ministérios né, que aí é uma fragilidade que que não tem nada muito claro hoje. Uma outra questão acho que a Secretaria de Ação Comunitária né, ela hoje, ela tem quase um papel como o Departamento de Diaconia tinha anteriormente, por mais que só temos a Coordenação de Diaconia, mas isso viabiliza uma interdisciplinaridade, e o tema também ele acaba sendo, agora me fugiu a temática, ou termo correto, ele perpassa né todas as demais coordenações né. Ah... fragilidade... fragilidade eu acho que essa questão da gente não ter realmente o contato direto com a Comunidade, e ter uma ausculta realmente de quais são as demandas né, então a gente precisa melhorar essa questão da comunicação, conselheiros com seu Sínodo, com a Coordenação de Diaconia né, melhorar essa comunicação interna que isso para mim hoje é uma, eu vejo como uma fragilidade né, tanto de repassar aquilo que o conselho refletiu, articulou, pensou né, quanto também poder ser a voz dos Sínodos, Comunidades né, aí precisa tentar uma formação né, a gente já tem refletido isso, já vários anos a questão de capacitar lideranças para atuação nos espaços estratégicos da Igreja né. E melhorar a comunicação como um todo na Igreja né, então isso sim, porque a gente mesmo assim percebe que várias ações que são realizadas nas muitas Comunidades não tem o conhecimento de tais ações né, então acho que a questão de formação, comunicação né, é uma das fragilidades.

João: Perfeito, show. Então Sabrina, a entrevista termina por aqui, te agradecer novamente pelo seu precioso preciosa preciosa entrevista.

Sabrina: Espero ter ajudado e não confundir mais ainda. (Risos).

João: É, mas acho que a boa contribuição ela confunde um pouco também né, que faz com que a gente busque novas respostas, um pouco mais coerentes do que a antiga, mas você coloca várias questões e várias pistas também, isso vai me ajudar muito. E muito obrigado então.

Sabrina: De nada.

João: Então, eu só vou terminar aqui a gravação que é da entrevista.

Sabrina: Sim!

ANEXO 3: ENTREVISTA JAIANE

Jaiane: Oi!

João: Olá Jaiane tudo bem?

Jaiane: Tudo e aí?

João: Tudo bem, graças a Deus, chovendo, um friozinho gostoso pra ficar em casa... Jaiane: É...

João: apesar de que já estamos meio enjoados né, dessa rotina de home office!

Jaiane: É... eu diria exauridas, que no campo do trabalho são muitas coisas, muitos desafios muitas coisas para organizar né a campo.

João: Estudos apontam também que a rotina do home office ela ela é mais desgastante porque não se tem essa troca afetiva que de alguma forma coopera para que o tempo passe, para que o tempo se dinamizado...

Jaiane: É... tem tudo isso envolvido...

João: Então Jaiane, muito obrigado pela... gratidão pelo seu pelo seu aceite, obrigado por aceitar partilhar um pouco das suas... perspectivas avaliativas também a respeito da diaconia comunitária e também da diaconia institucional. Eu te enviei o projeto de pesquisa então dispenso também maiores apresentações da proposta de pesquisa, no entanto basicamente nós estamos tentando fazer uma análise de conjuntura, (incompreensível) daquele diagnóstico participativo feito em 98 do antigo serviço de projetos né, que foi depois ... depois a FLD inclusive assumiu as suas funções né, a partir de 2000, mas naquele modelo a gente está pensando então um ... uma espécie de diagnóstico da diaconia comunitária na IECLB hoje... Que não tem como separar as duas coisas né, porque muitas das respostas para algumas questões da diaconia institucional estão na diaconia comunitária e muitas das questões, várias questões da diaconia comunitária estão na diaconia institucional. Então Jaiane se você me permite eu só queria dizer algumas questões a respeito das questões burocráticas do projeto, o termo de consentimento eu te enviei mas espero que tenhamos mundo após a pandemia então eu tenho até Julho do ano que vem para pegar a sua assinatura então te encaminho isso pessoalmente também...

Jaiane: Tá bem!

João: E também eu tenho que pedir permissão pra você, se você aceita ser gravada, então essa chamada de vídeo está sendo gravada, para fins de pesquisa mesmo então não vai ao ar de forma alguma. Pode ser?

Jaiane: Isso, pode sim!

João: Ok, então Jaiane eu queria que, teria como você me contar a partir de uma memória, como que se dá esse seu envolvimento maior com a diaconia na IECLB? Como que a Jaiane pastora vai se tornar uma das referências da diaconia na IECLB? Onde que começa tudo isso?

Jaiane: Começa com a Jaiane estudante de teologia, então durante o estudo de teologia junto com colegas estudantes nós sempre desenvolvemos uma uma ação política, diaconal. Na verdade começa na comunidade mesmo... na verdade começa na comunidade, na juventude. Eu lembro muito bem desse momento em que o nosso pastor trouxe o tema da pastoral urbana, então minha primeira ação diaconal política foi coletar água de um riacho lá no bairro da nossa comunidade para verificar as condições sanitárias e ambientais daquele espaço, então foi um movimento mesmo de ação diaconal ambiental, foi um olhar da interface da vida comunitária com a vida como uma todo né. Então, isso de certa forma já me colocou em movimento, então isso despertou também a vontade de estudar teologia. E... na faculdade de teologia também nós logo nos conectamos assim enquanto grupos de estudantes e fizemos... começamos a... um engajamento junto ao ASPA né, "Apoio Solidariedade e Prevenção a AIDS", eu fiz parte desse grupo junto com outras pessoas, que foram estudantes ali mobilizados, professoras (incompreensível), então começou ali e depois quando eu fui pra pro trabalho comunitário né, já no PPHM na paróquia de Centro de São Paulo foi também um processo de organização do trabalho com moradoras e moradores de rua (incompreensível).

João: Perfeito, ô Jaiane você vem de qual paróquia e em que ano que você entra na EST, que ano que você sai dela?

Jaiane: Eu entrei em 92 e sai em 98, eu sou da paróquia de Santa Cruz do Sul, comunidade apóstolo Paulo.

João: Perfeito.

Jaiane: É... então ali ali iniciou mesmo a minha, minhas experiências e a minha conexão com a diaconia como uma ação comunitária, política inserida né.

João: E aí o seu primeiro campo ministerial é em São Paulo?

Jaiane: Sim, foi o, foi durante, eu fiz o meu PPHM em São Paulo...

João: PPHM...

Jaiane: E ali também coincidiu a minha chegada com a chegada do novo pastor Frederico Ludvick, e foi um momento muito convergente em termos mesmo de identificar ali ao redor da igreja a população de rua e de que forma seria possível organizar esse trabalho inicialmente, de acompanhamento e de integração né. Então foi uma grande oportunidade que eu tive de trabalhar com a população de rua a partir da comunidade né, da paróquia. E depois eu fui enviada pra Belém, e aí Belém, Belém me encharcou de diaconia mesmo por conta da existência já de projetos sociais né apoiados pela cooperação internacional e pela existência já de uma comunidade que foi criada junto com a criação também de grandes movimentos sociais do norte do Brasil, como a Sociedade Paraense de Defesa de Direitos Humanos, o movimento pela libertação dos presos do Araguaia, o movimento ecumênico né, então uma comunidade jovem que foi criada ali no final da década de 80 também né. Junto com esse, com essa diversidade toda de pessoas e com população local né, com população paraense. Então eu entrei já me colocando muito num processo de aprendizagem, de como trabalhar principalmente com a ferramenta de projetos diaconais, com gestão, com captação de recursos né, (incompreensível) de projetos, com coordenação. Eu mergulhei na diaconia institucional mesmo a partir da paróquia de Belém. Tinha na época uma relação muito fluída da participação da comunidade, direto nos projetos, então pessoas da comunidade eram educadoras e educadores, voluntárias as vezes contratadas dependendo dos projetos, tinha uma mistura entre o público qualificado, a partir de uma busca ativa interna e um público interno. Nós sempre tivemos isso na paróquia de Belém como uma decisão também do próprio presbitério, no sentido de que o projeto deveria fazer sentido pra comunidade né. Então, (incompreensível) foram 13 anos né, foram 13 anos desse, dessa vivência com projetos diaconais e com muita espiritualidade diaconal, porque havia essa interlocução né, todos os projetos se reuniam, diferentes vezes durante o ano, a partir do calendário litúrgico. Havia de fato, um planejamento mesmo pra essa interface, pra essa vida pulsante (incompreensível).

João: Jaiane, a partir dos documentos um dos elementos dos bastidores ligados ao surgimento da Rede de Diaconia em 2012 é justamente a percepção de um certo afastamento das instituições diaconais das comunidades, ou seja o afastamento da diaconia institucional da

diaconia comunitária, então nessa realidade você percebeu efetivamente o contrário, um diálogo muito bacana e muito produtivo?

Jaiane : Eu vivi o contrário, eu vivi o contrário, de muita integração e também de tensões obviamente, porque as pessoas sempre fizeram muitas perguntas sobre a autoria, sobre a pertença, sempre tem essa preocupação institucional de que os projetos precisam pertencer, então é o desenvolvimento também de uma capacidade de desenvolver a autonomia das pessoas né e fazer também a atualização de projetos. Há projetos que encerram né, mas o trabalho diaconal não encerra, a perspectiva diaconal não encerra, né. Então eu vivi de fato uma experiência de muita integração né, de muita integração nesse processo. E a criação da Rede de Diaconia foi também um processo assim de muita percepção da própria Fundação, da própria FLD, porque foi a FLD que provocou a igreja para pensar o mapeamento das instituições diaconais, a relação entre as instituições diaconais, que existia pouquíssima na sua maioria não existia essa articulação em rede e o argumento fundante foi de fato o distanciamento não só das instituições diaconais com as comunidades e vice versa, mas da própria gestão da igreja em relação as instituições diaconais. Ouve um afastamento mais amplo que essas duas... essas duas... esses dois campos né, o afastamento foi também uma redução muito grande né da atuação do da do próprio departamento de diaconia né, eu penso que também a... essa estrutura da igreja de ser uma, de ter uma gestão muito provocada por demanda, demanda vindo das comunidades e dos sínodos né, acaba reduzindo também a a espontaneidade e a responsabilidade visionária da igreja de implementar e provocar processos né pra dentro, como uma orientação, como uma motivação é então... Ouve também assim um distanciamento por parte mesmo da da própria gestão né da igreja, que envolve sínodos, que envolve presidência, secretária geral sobre a diaconia, as instituições diaconais, a diaconia feita nos planejamento das comunidades, né os grupos comunidades.

João: Oh Jaiane , em termos da diaconia comunitária quais qual quais fatores que você acha que são fundamentais para compreender esse distanciamento? a falta de interesse dos membros, falta de motivação das lideranças eclesiais, quais são os fatores assim?

Jaiane : Eu acho que é muitas vezes uma fragilidade na liderança de quem coordena esses processos, uma fragilidade também até teológica eu diria porque a minha geração por exemplo não teve acesso a um estudo da diaconia né atualizado ou com uma uma relação entre diferentes ministérios né, então (incompreensível) o que aconteceu, o que favoreceu tem uma relação direta muito com o perfil das pessoas, eu acho que os casos de que ocorreram

avanços tem a ver com o perfil das pessoas que buscaram informações, que buscaram né formação, mas não necessariamente com aquelas que de fato tinham pouco conhecimento, pouca apropriação né do significado, da importância da diaconia como uma ação né da igreja. E ... eu penso que é mesmo uma das dificuldades é essa departamentalização né, tanto da educação cristã como da diaconia, como da missão, mas a diaconia ela (incompreensível) na relação mesmo no que diz respeito a provocar os afastamentos eu penso que há processos em que as experiências ocorridas não foram sistematizadas, as tensões não foram devidamente acolhidas ou mediadas, mais de habilidade né, as vezes rompimentos ocorreram por ausência de compreensão, de diálogo. Mais recentemente os rompimentos ou os afastamentos diríamos assim, ocorre muito por uma repetição rasa de compreensão sobre ONGs, sobre movimentos, sobre o que é da igreja o que não é da igreja né, sobre a dificuldade de ampliar uma participação mais diversa né, os medos que envolvem as questões do campo ecumênico e da diversidade religiosa, criam-se e aprofundam-se preconceitos por parte das comunidades quando elas não conseguem avançar também na perspectiva de uma fé com diversidade, com uma vivência comunitária firmada em direitos, então elas acabam olhando pras instituições diaconais né com dificuldades de compreender né sua atualização, seus avanços dos temas com os quais estão trabalhando. E são estranhamentos muito possíveis de serem reduzidos ou melhor compreendidos se nós temos pessoas capacitadas e também orientadas pra fazer né essa essa reconstrução.

João: No caso especialmente da IECLB os ministros ordenados ou esse grupo se expande além dos ministros e ministras ordenados?

Jaiane : Eu penso que tem muito, tem muita, envolve as lideranças dos presbitérios, envolve a governança da igreja sem dúvida né, e envolve também ministras e ministros que tem uma intervenção e uma autoridade muito reconhecida, né em termos das afirmações que fazem sobre a importância da missão, da diaconia né, a importância da educação cristã, a importância da juventude, isso é uma é uma é uma frente muito importante né. Se se ministras e ministros orientam seu trabalho na perspectiva mesmo de espaços democráticos né e de uma visão sobre a importância da diaconia farão com certeza um movimento crítico, que eu acho que é importante, e ao mesmo tempo de promoção de interfaces né, de apoio e de representatividade, de reconhecimento da importância das instituições diaconais e do trabalho da assim chamada diaconia comunitária, e principalmente a relação entre elas né, acho que esse reconhecimento das diferentes dimensões do trabalho diaconal na igreja é que necessita

de de de um maior diálogo né, por parte também do conjunto né das lideranças da igreja, lideranças de presbitérios, lideranças também ministras e ministros.

João: Oh Jaiane , ainda neste assunto você acredita que há um choque de perfil de diaconia também, um perfil mais profético de uma diaconia institucional e um perfil mais assistencialista de uma diaconia comunitária, que causa um certa dificuldade dos membros reconhecer aquilo que as instituições fazem como uma ação diaconal efetivamente como eles aprenderam na comunidade?

Jaiane: Olha eu às vezes tenho a percepção que há muito mais uma representação, uma repressão de lideranças no âmbito da igreja em relação a expressão de uma diaconia pública assim chamada profética ou política ou simplesmente uma diaconia que denuncia as desigualdades né? Por que denunciar desigualdades, porque denunciar violências produzem reações de repressão e de criminalização, de perseguição das instituições diaconais, né? eu penso que muita mediação é possível ser feito ser feita por pastoras e pastores sinodais, por ministras e ministros, por lideranças nas comunidades porque às vezes muitas vezes a gente tem experiência experiências contrárias daquelas que são ditas até por pastoras e pastores sinodais: "Ha no nosso sínodo esse é um assunto impossível de ser discutido", "essa é uma, esse é um projeto que vai despertar muitas reações contrárias não será compreendido", a nossa experiência é diferente. Nossa experiência é que as comunidades quando compreendem os processos elas se sentem muito incluídas e manifestam também muita muita adesão às propostas né... então a gente precisa de fato fazer uma grande reparação eu diria em relação a esse processo de criminalização sem embasamento contra as instituições diaconais né, reduzir isso e reparar, porque não condiz mesmo com a realidade, é um processo de muita produção de fake news sobre a diaconia e o seu papel, e é um processo também de de... que responde mesmo a essa esse contexto que nós estamos vivendo nos últimos anos né de de ... silenciamento né, das vozes que que corajosamente fazem a diaconia acontecer na perspectiva de de de impactar nas políticas públicas e de contribuir também para mudança de realidades né.

João: Perfeito Jaiane , depois a gente retorna a esse ponto que terá uma pergunta que vai nos conduzir novamente a ele, mas em termos gerais Jaiane como você avalia o desenvolvimento da diaconia comunitária e institucional na IECLB nos últimos 20 anos, a partir de 2000, a partir do momento que a FLD também surge, como se avalia esse processo, estamos avançando, retrocedendo em quais... em quais... em quais contextos, em quais aspectos?

Jaiane: É interessante o quanto a diaconia faz a volta e hoje tá realizando ajuda humanitária como realizou lá na década de 60 né, quando foi... no final ali da segunda guerra mundial quando o Conselho Mundial de Igrejas e Federação Luterana Mundial impactaram né sobre a própria vida da IECLB, no trabalho a pessoas refugiadas, né então hoje nós estamos fazendo também ajuda humanitária em tempos de pandemia pra todas as pessoas né, acesso a alimentação e ao mesmo tempo nós na Fundação estamos fazendo rodar essa relação entre diaconia transformadora né e ajuda humanitária, ou seja, fazendo uma opção mesmo pra que, aquilo que chega pras pessoas (incompreensível) não seja resultado de um assistencialismo né, mas faz circular a economia local, os empreendimentos da economia solidária, fazer economia circular também né com a compra direta de produtos agroecológicos e da agricultura familiar. Eu penso que nesse campo aí a gente tem muitos avanços né. Na diaconia institucional acho que os avanços mais perceptíveis para nós enquanto fundação desde 2000 é o processo agora recente de criação da Rede de Diaconia né, com apoio da Secretaria Geral tanto no âmbito da sustentabilidade da gestão, entrou na pauta com apoio da Federação Luterana Mundial. A FLD tem a... a FLD coordena esse processo do ponto de vista programático e financeiro né, eu penso que nós ainda temos um longo caminho para renovar lideranças dentro das instituições diaconais, isso ainda é uma realidade difícil de mexer, há muitas instituições diaconais ou ou ... associações né que são geridas de uma forma muito personalista, então no âmbito da gestão a gente precisa trabalhar mais a perspectiva mesmo da gestão democrática e da atualização de ferramentas né, na gestão. Eu penso que no encontro entre a diaconia institucional e as comunidades, ouve um avanço, pelo menos é o que nós sentimos na Fundação né, através da rede também há todo um uma construção de promover essa essa reaproximação né, eu penso também que inserimos também nesses últimos anos aí temas importantes pra pra diaconia, tanto via Conselho Nacional de Diaconia, quanto também o trabalho do departamento de diaconia junto com os conselhos sinodais, apesar de não estarem atuando de uma forma mais fortalecida né, alguns temas estão circulando mais né, tornando então a diaconia atualizada, a diaconia também precisa se atualizar assim como a teologia né, então eu acho que nesses últimos anos a gente avançou nessa perspectiva né.

João: Perfeito. Oh Jaiane, quais são os principais temas e públicos que você acredita que vem recebendo prioridade nos últimos anos, se você conseguir, primeiro a partir sempre da tua experiência, que é a diaconia institucional, embora você tem uma longa trajetória como você bem disse na diaconia comunitária, mas é sempre uma visão mais de fora quando o assunto é

diaconia comunitária, quais são os temas que você acredita que vem recebendo importância na diaconia institucional e também que você percebe na diaconia comunitária?

Jaiane : No âmbito da FLD, COMIN, CAPA as instituições diaconais viraram o grande tema pra nós, então acho que isso é potente né, elas estão na pauta e elas estão na pauta também da secretária-geral e do departamento de diaconia né, então elas estão fazendo aí de uma forma ou outra interfaces com a diaconia comunitária né. Para as instituições como um todo, acho que continua muito forte o tema da... dos direitos da juventude né, e das crianças e adolescentes né na perspectiva mesmo da assistência,... o tema da agricultura familiar né ainda mais porque a IECLB é uma comunidade uma igreja ainda com uma inserção rural muito grande, então o trabalho que o CAPA tem realizado nesses últimos anos é também né um trabalho de inserir mais conteúdos diaconais. E isso é uma... esse esse é uma debate que nós estamos fazendo com as próprias equipes né mais formação em diaconia transformadora, mais relação entre essa identidade diaconal e os temas né da agroecologia, da agricultura familiar, direitos dos povos indígenas, direitos dos povos e comunidades tradicionais, justiça de gênero, trabalho com catadoras e catadores né, enfrentamento do racismo, e principalmente no âmbito também do acompanhamento as mulheres e as juventudes no campo da agricultura familiar e da agroecologia, é o enfrentamento da violência de gênero e da dos preconceitos e discriminações e violências LGBTQI+, inclusive isso apareceu no nosso, na nossa avaliação do CAPA né, a última avaliação do CAPA foi de que havia aí uma necessidade de ampliar né essa narrativa do campo. E as equipes também tem trazido muito mais o interesse né de de de se apropriar dos conteúdos da diaconia né. Então a própria FLD também nesses últimos anos assumiu mais sua identidade diaconal né, então acho que esse é um grande avanço. Nós também assumimos mais a nossa identidade diaconal, estamos também fazendo mais formação né e estamos também fortalecendo os próprios espaços de governança pra compreenderem né que políticas públicas... política de incidência está amparado teologicamente pela diaconia né, então todas as políticas institucionais nos últimos anos, todas foram introduzidas a partir de uma narrativa teológica diaconal. Então acho que esse um grande avanço, nós precisamos obviamente aprofundar os processos, implementar mais, mas é muito interessante mesmo que essa espiritualidade da diaconia esta mais presente né. Isso nós nós construímos nos últimos anos.

João: Perfeito. Se eu não me engano é em 2010 acho que a FLD edita um, publica um edital e justamente pra amparar os projetos diaconais comunitários né, que até então ela não tinha né?

Jaiane : Isso, é isso veio também de uma avaliação institucional que a FLD fez né, de que... havia também muitas perguntas né, pela própria IECLB sobre o apoio a projetos da igreja né, o apoio as instituições diaconais né e foi também nesse processo de avaliação que a FLD iniciou né, tanto com editais pelo programa de pequenos projetos, que hoje o apoio as instituições diaconais é um edital anual né, o que acontece é que nós ainda recebemos poucos projetos, tanto de instituições diaconais quanto de comunidades né, ainda recebemos pouco pouco projeto. O que também é um indicativo de que é necessário na base né, garantir oportunizar nas comunidades formação diaconal né, formação diaconal comunitária acessível pra todo mundo.

João: Perfeito, você acha que esse é o a justificativa para que poucos projetos sejam enviados para a FLD, a falta de formação diaconal?

Jaiane : Eu acho que sim também, acho que essa é uma uma questão e a falta de ferramentas mesmo né, as as comunidades se sentem muito, sentem muitas dificuldades de atender ao formulário né, como resposta a essas dificuldades nós temos feito muitas oficinas né, e também as comunidades são sempre mobilizadas pra fazerem contato com a FLD e serem acompanhadas para um processo de elaboração de projetos, ou seja nós queremos muito apoiar né projetos das comunidades, muitas vezes fazemos busca ativa também né de projetos, isso também é possível. Até porque tem muitas experiências, há pessoas muito muito motivadas e comprometida com a diaconia mas que precisam de um apoio né pra transformar isso num projeto, pra também aprender a fazer a gestão de recursos e a coordenação de atividades né. Eu penso que a diaconia comunitária acaba muitas vezes criando uma barreira desnecessária em relação à captação de recursos, de programas de pequenos projetos, não se justificaria mais né esse tipo de argumento né, pelos avanços que nós já tivemos, pelos desafios da sustentabilidade das próprias paróquias e sínodos né, pelos esforços também que existem nesse campo aí da missão na perspectiva também de mobilização de recursos né, então não se justifica, eu acho que são outras questões também que impedem, que é a a a ... um distanciamento que ainda existe né e a ... e a quantidade enorme também aí de criminalização e de Fake News que continua circulando né...

João: Show! Oh Jaiane você citou vários temas e públicos que a FLD assume, como o público LGBTQ+, os povos indígenas, as populações originárias, que me parece.. que são temas que eu vejo pouco na diaconia comunitária né... não sei se você concorda comigo ou não, mas quais os temas que você identifica que as comunidades, que deveriam ser temas e públicos que a

diaconia deveria se atentar, que as comunidades tem dificuldade em assumir e por quê de onde provém essa dificuldade?

Jaiane : Eu acho que as comunidades tem pouquíssima oportunidade de receberem orientações e informações ou de fazerem debates sobre esses temas, é quase que um tabu né, é quase como um tabu é quase como que também lideranças, mesmo as mais recentes que vão pelas comunidades, não se sentem confortáveis pra fazer essas rodas de diálogo, pra introduzir esses temas que estão na comunidade, é torná-los visíveis, porque esses temas todos estão dentro das comunidades...

João: Quais temas que você identificaria que seriam os principais, quais são os principais temas e públicos que você acha que deveriam ser trabalhados nas comunidades?

Jaiane : Eu acho que todo o tema que envolve o racismo enfrentamento do racismo é um tema da sociedade brasileira que envolve principalmente as instituições majoritariamente brancas, é um tema que se reproduz né, que provoca imenso sofrimento né, é um tema naturalizado e a diaconia não pode se reduzir a a oferecer cestas básicas e não tratar desse tema, aprofundando ainda mais as desigualdades. O outro tema: todo o campo das violências das quais as pessoas estão submetidas e muitas extremamente implicadas, envolvendo inclusive situações de assédio moral e assédio sexual né no âmbito das próprias comunidades junto a pessoas que estão exercendo algum tipo de liderança nas comunidades. Então são temas extremamente relevantes, eu penso que já houve muitos avanços né, como a coordenação de gênero criada, como o PGR, como os próprios posicionamentos da OASE em termos de uma maior abertura pra pra tratar esses temas né. Eu penso que um outro tema importante também é o tema da do consumo responsável, do comércio justo é um tema da economia que que de fato tem aí uma possibilidade muito grande de de fortalecer a economia solidária na perspectiva de que as comunidades podem fazer compras a partir do comércio justo, daí isso é uma ação diaconal importante, entra o tema da economia que já foi inclusive tema e lema da IECLB né, então acho que é um tema bem importante mesmo o comércio justo e economia solidária. Eu acho que também todo... toda relação entre diaconia e direitos humanos, a gente precisa encontrar uma narrativa aí teológica pra conversar sobre esses temas, pra reduzir ai o desconhecimento, pra evitar que a diaconia e a... e os direitos humanos sejam colocados propositalmente e de uma forma irresponsável e em rota de coalisão, como se fossem âmbitos que não tem convergência. É muito essa lógica de colocar direitos humanos contra direitos humanos né que é uma lógica perversa, então a diaconia acho que também padece desse desse problema

né de de se colocar em rota de colisão, ou ser colocada eu diria, em rota de colisão com todo o debate sobre direitos humanos. Ela trás conteúdos teológicos a partir de Jesus Cristo que nos coloca numa possibilidade de fazer muitos diálogos compreensíveis pras pessoas das comunidades entenderem o porquê dos posicionamentos diaconais em relação ao tema do campos das desigualdades, é uma... a gente tem ai uma... um amparo a partir de nossa fé né, sempre será um testemunho de fé, sempre será uma afirmação de fé né, diaconia e direitos, então são temas ai que precisam ser de fato aprofundados. E todo campo mesmo né da importância da participação em espaços de de direitos né, seja conselhos, seja redes e fóruns, o quanto isso é importante pra o conjunto da sociedade e o quanto a igreja cumpre um papel importante de levantar a sua voz contra todas as violências e afirmar a justiça, afirmar a paz, né.

João: Show, ok ! Oh Jaiane , na sua opinião quais são os principais fatores que ajudam no despertar diaconal nas comunidades né? Quais são os elementos que ajudam esse a esse desabrochar diaconal, em termos práticos assim, a partir de sua experiência nas comunidades em São Paulo e Belém, também olhando de fora um pouquinho, e que que pode ser explorado para que as pessoas se sintam mais comprometidos e comprometidas com a diaconia?

Jaiane: É a proximidade é o contato né, muitas pessoas nas comunidades nunca tiveram contato real com povos indígenas, nunca... não sabem o que é um quilombo, o que é uma comunidade quilombola, como esses direitos são reconhecidos né, não não não tem um uma oportunidade de encontrar essas pessoas, diaconia é encontro, passa pelas pelos nossos corpos né. Eu penso que a experiência que o COMIN teve por exemplo, de reunir mulheres indígenas e mulheres da OASE, é uma referência prática muito potente né, de de reconhecimento, de reconhecimento da diversidade, de reconhecimento da outra pessoa né na sua interculturalidade, assim como também esse trabalho realizado com as escolas luteranas né, a partir do projeto educação para a solidariedade e paz, em que as escolas tem acesso a projetos que são executados pela Fundação, onde a estudante e a comunidade escolar como um todo encontra catadoras e catadores por exemplo em atividades, encontra lideranças indígenas, encontra mulheres na economia solidária, encontra o povo quilombola né e consegue então ampliar a sua, a sua limitação imposta também pela sociedade dividida em classes né. Nós temos pouquíssima interação né com a diversidade e as comunidades eu acredito que tem um uma ... constituem um espaço muito importante de afirmação da diversidade, do ponto de vista teológico, do ponto de vista ambiental também, a pauta ambiental é outra pauta também de fácil adesão né e de complexidade também porque ela vai trazer o socioambiental né, uma

pauta ambiental vai trazer pessoas, então ela é uma entrada também mais leve eu diria, ela é uma entrada fluída as pessoas estão preocupadas com desmatamento... elas querem plantar árvores né, e nesse processo todo trazer as pessoas (incompreensível) que são impactadas aí pelos grandes projetos, aí com isso atualiza, com isso conecta, com isso envolve então a gente como sujeito, e como sujeito a nossa responsabilidade né, nos processos ou enquanto igreja.

João: Show, a sua fala me lembra o conceito medular da teologia da libertação né que é o conceito da opção pelos pobres, que pressupõe justamente o encontro com o Cristo em meio aos crucificados e crucificadas do mundo e é justamente isso né, é... persiste né, a receita é a mesma...

Jaiane : É... é...

João: Oh Jaiane , na sua opinião quais são os principais obstáculos que dificultam ou impedem um desenvolvimento ainda maior da diaconia nas comunidades, hoje?

Jaiane : Eu acho que é o não reconhecimento da importância das instituições diaconais, o desconhecimento do trabalho das instituições diaconais. Da parte das instituições também uma fragilidade em termos de uma ação pensada pra dentro das comunidades ou também a perspectiva de intensificar a compreensão de intensificar o apoio e a conexão, quero dizer com isso que houve avanços mas ainda é um campo de muitas ausências né, e também tem outros fatores que independem das nossas tentativas de de de ação, de intervenção, de busca de parcerias né, que são os posicionamentos de lideranças em relação as instituições diaconais, lideranças que tem ai poder de influência e que tem um papel muito importante na condução né, das comunidades, dos sínodos e dos grandes temas né, então falta ainda visão né, falta muita visão.

João: Perfeito, você acredita que esses posicionamentos eles denunciam alguns elementos que estão nos bastidores das comunidades que são velados ou que são cultivados?

Jaiane : Sim, eu acho que são também os posicionamentos, eu acho que denunciam também né vozes que existem dentro das comunidades e silenciam outras vozes que pensam diferente, esse é o problema, a gente trabalha com poucos elementos, nós não temos por exemplo uma pesquisa de opinião no âmbito da IECLB, sobre qual é a percepção que as comunidades luteranas tem sobre determinados temas né, então nós não temos isso ainda muito muito presente, nós temos essa ideia né e também talvez essa essa esses números né, a partir de falas

de lideranças da igreja que o público luterano é extremamente conservador, mas eu não limito as comunidades a esse conservadorismo, eu tenho eu tenho eu tenho muita muita certeza de que há outras aberturas possíveis e que o público conservador é um público solidário né, e há um público também com muitas possibilidades de ampliar sua capacidade de percepção sobre a diversidade e sobre os direitos. O argumento do conservadorismo é um argumento que não pode ser estanque pra nós...

João: Perfeito, mas você acredita que há uma perspectiva sócio-política que predomina no âmbito das comunidades ou não?

Jaiane : Sim...

João: E de que forma isso influência a prática da diaconia? Influência ou não influência?

Jaiane : Eu acho que a prática da diaconia nesse contexto, principalmente que hoje nós estamos vivendo, precisa ser muito estratégica e ao mesmo tempo muito corajosa né, ou seja, em cenários de muita desigualdade aprofundada a diaconia se for, ou se silenciar né, tá dizendo muito sobre qual que igreja somos. Então é o papel da diaconia também permanecer como, permanecer atuando como uma igreja que se posiciona né, se posiciona mesmo na afirmação né de uma sociedade igualitária, mas... qual era a pergunta mesmo ... João?

João: A pergunta é isso, você tocou no ponto mas... há alguma perspectiva predominante em termos sócio... Há alguma perspectiva sócio-política predominante ou não? e qual é?

Jaiane : Sim eu acho que é o conservadorismo e ainda o assistencialismo, é muito forte né, eu acho que a prática diaconal comunitária ainda tá muito, ainda é muito assistencialista, e nesse momento da pandemia o risco de retornarmos com ações assistencialistas é muito forte né, então é um desafio muito grande agora que todas as ações aí de apoio de ajuda ou, como nós falamos, de ajuda humanitária sejam acompanhadas também de uma reflexão diaconal né, na perspectiva mesmo de direitos né de... é um direito as pessoas terem acesso a alimentação, nós não estamos fazendo uma ação solidária por elas não, é um direito. E ao mesmo tempo politizar essa solidariedade das pessoas né...

João: Perfeito, show! Oh Jaiane ainda a antepenúltima pergunta, existem elementos de nível social, cultural ou religioso que são obstáculos para um desenvolvimento maior da diaconia na IECLB, no âmbito comunitário?

Jaiane : Ah eu penso que tem sim, tem sim elementos no âmbito da vida das comunidades que funcionam como impedimentos, mas eu não vejo que são intransponíveis né, eu acho que nós precisamos fazer mais experiências primeiro pra conseguir acertar essa compreensão sobre os obstáculos né, as vezes eu penso que nós temos ai impedimentos muito a partir das da gestão mesmo territorial né da igreja e ali a gente tem também uma visão sobre a diaconia que é uma visão muito ainda do serviço né, da... e de uma subserviência né, que acaba mantendo as desigualdades, que acaba mantendo as pessoas apoiadas, dependentes durante um tempo muito longo né. Eu acho que esse é um obstáculo da compreensão mesmo da diaconia que se instalou na vida comunitária né, que acaba realizando ai muitas ações de apoio e ao mesmo tempo também reproduzindo dependência e desigualdades né, trocar isso também não é uma coisa muito fácil mas extremamente necessária introduzir esses diálogos. Eu às vezes fico um pouco impressionada né quando há mudanças em coordenações, em pessoas que estão atuando seja nos sínodos, mas que estão atuando diretamente com diaconia que elas estão reproduzido aí né perspectivas de 20, 30 anos atrás né, sem mudança né, eu acho que elas também (incompreensível) ali por parte do conservadorismo mas falta uns instrumentos pra fazer esses diálogos mais tensos que são provocados pela diaconia. Diaconia sempre vai trazer uma linha de tensão, porque ela vai fazer as perguntas né, e ela vai andar sempre um pouco a frente, então faltam pra nós também habilidades pra fazer esses diálogos mais tensos né, em relação ao papel da diaconia com os riscos que as pessoas imaginam que esse papel vai promover tanto no campo de receios de associações com partidos políticos ou como temas né mais mais tensos.

João: OK, ta bem! Mas beleza, se você fosse pra identificar então quais... mas quais são esses elementos que você acha que servem como impedimentos, mesmo que eu sei... a postura tem que ser uma postura de superação deles, mas quais são esses elementos que a gente precisa superar?

Jaiane : Eu acho que precisa superar a perspectiva da diaconia do serviço e da subserviência, que é muito forte né, que faz com que as lideranças diaconais nas comunidades falem muito pouco, sejam ainda na sua maioria mulheres, ainda sendo considerado um trabalho das mulheres nas comunidades, eu acho que essa essa diaconia e justiça de gênero né, uma diaconia feminista ou uma diaconia com justiça de gênero também ampliaria e fortaleceria a própria vida das mulheres nas comunidades né. Eu acho que a ausência dessa reflexão da diaconia é algo que precisa ser superado né, e a outra questão mesmo mesmo é a relação de negação da diaconia como uma ação pública da igreja né, estará ali diretamente implicada em

incidência né, a perspectiva da diaconia e da incidência é outra questão ainda muito difícil de compreensão no âmbito da igreja né, e ali nós precisamos ampliar os conteúdos teológicos né, nós na fundação decidimos pela criação de uma política de incidência e que está em processo de elaboração e uma das primeiras ações foi fazer uma formação com conselhos deliberativos sobre a fundamentação bíblica teológica da incidência né, então pra que a gente consiga também construir um um espaço de reconhecimento e de apoio institucional né (incompreensível), de defesa também né por parte dos espaços de governança...

João: Perfeito!

Jaiane : Então, acho que essas duas questões ainda são muito difíceis né, compreender a diaconia na perspectiva de justiça de gênero, e são muitas mulheres mesmo liderando né espaços diaconais, é uma maioria né, então ali sempre há uma baixíssimo reconhecimento das suas capacidades, principalmente quando elas constrói aí redes e articulações com outras organizações né, aí sim há todo o processo de estereotipar essas mulheres ou de diminuir suas capacidades é permanente né, e a relação da diaconia com o campo da incidência.

João: Show! perfeito! Só pra fechar aí um tema que a gente deixou em aberto antes, como você avalia a relação entre as comunidades de fé e as instituições diaconais, assim em termos gerais assim, de uma forma resumida?

Jaiane : Das comunidades de fé de uma forma ampla, ou você está falando das comunidades da IECLB?

João: A relação hoje existente na no âmbito da IECLB, com as comunidades, com a diaconia das comunidades e as instituições diaconais?

Jaiane : Eu penso que há experiências muito interessantes aí de reaproximação e de reestruturação, de apoios e vínculos, mas nós não temos como medir isso ainda né... acho que já a a a há alguns dados ai dos próprios relatórios da Rede de diaconia, talvez tu poderia buscar isso também um pouco mais com a Dirce, tu deve ter já buscado essas informações no próprio site da Rede de Diaconia né, agora as instituições diaconais tem um desafio imenso que é a sustentabilidade né, então que é a sua existência e nesse âmbito ai as comunidades precisam também se sentir mais responsáveis pelas instituições diaconais, assim como os sínodos né precisam acompanhar as instituições diaconais, e se sentirem também, se sentirem responsáveis por elas, reconhecerem que elas são são parte né, de os sínodos são parte de uma paróquia, ainda que haja estremecimentos ou ainda que haja alguns vazios, mas é necessário

recuperar essa essa ligação. E também a própria questão da formação diaconal que é uma discussão ampla que tá assim, uma... num momento muito difícil e preocupante. Isso tudo nos afeta, isso tudo afeta as instituições diaconais da da igreja, demais, demais, demais. Então trás pra nós ai uma insegurança muito grande né...

João: Perfeito! Uma palavrinha ainda Jaiane sobre o ministério compartilhado... sobre a atualidade dele...

Jaiane : Uma palavrinha João sobre o ministério compartilhado é ótimo, é ótimo (risos)... Aí... eu acho que... por exemplo na minha história diaconia me ajudou muito a ser menos pastor Centrica...

João: Sei...

Jaiane : Sabe... falando assim muito abertamente, porque eu fui pro pro pro trabalho ministerial completamente desconectada dos outros ministérios né, ainda que convivendo com colegas ainda que reconhecendo mas... pouquíssima orientação ou construção de uma visão sobre a interseccionalidade desses ministérios e desses saberes, eu acho que nós falhamos muito (incompreensível). Acho que a construção foi super importante assim de vanguarda, agora nós não conseguimos enquanto igreja resolver a resistência e a o pastorcentrismo né, muito forte...

João: Você acredita que há um corporativismo entre os pastores ainda hoje atuante?

Jaiane : Ah, acho que sim, acho que sim, acho que sim...

João: OK!

Jaiane : E há também uma uma compreensão muito cristalizada nas comunidades né, então a... e quando há ai abertura por parte de colegas de ampliar a representatividade dos ministérios muitas delas contam com a com o impedimento pro pro das próprias lideranças das comunidades né. E também nós não tivemos nesses últimos anos ai muitas experiências de ministras e ministros, catequistas e diáconas e diáconos que atuaram no campo com essa função né, a coisa é tão grave que elas foram pra pro pra pra campos de trabalho e atuaram como ministério pastoral né...

João: Sim...

Jaiane : Então a gente não não avançou muito sobre muito né então é uma pena ...

João: OK, esse não é o foco da minha pesquisa só pra fazer uma consulta né... então Jaiane a última pergunta que que leva justamente o tema da minha pesquisa, pelo menos o tema provisório, o título provisório dela, que você pode dizer o que você quiser... é quais limites e possibilidades da diaconia comunitária institucional na IECLB da atualidade? que você, que é uma pergunta que você pode dizer efetivamente aquilo que você acha que é necessário ser dito em termos de limites e possibilidades...

Jaiane : Acho que a diaconia é um campo amplo de possibilidades de engajamento por parte das pessoas das comunidades. Diaconia torna o evangelho de Jesus Cristo muito real, muito vivido, muito muito sentido né pra nossa fé, ela faz a conexão lá profunda mesmo: o sentir-se parte de uma comunidade e também de contribuir aí pros sinais do Reino de Deus e da sua justiça, e nós ainda estamos muito muito distantes de uma conexão litúrgica né, de uma conexão da na formação né das crianças, das juventudes, das próprias lideranças adultas dentro das comunidades pra pensar seus papéis a partir também da diaconia, né então existem muitas possibilidades, eu acho que a diaconia torna as comunidades muito vivas, muito ativas né, com muito sentido então... e ela e ela também tem uma contribuição muito importante pro conjunto da sociedade brasileira né, porque que ainda estão muito numerosas as organizações que atuam em diversos temas que são organizações religiosas que nasceram de comunidades, né tem pesquisa da PUC sobre isso por exemplo, em relação ao perfil das organizações não governamentais que atuam na sociedade brasileira, muitas são vinculadas a igrejas né, então a o papel da igreja ele continua sendo um papel muito relevante, mesmo mesmo controverso, e as organizações diaconais tem uma responsabilidade que precisam chamar pra si né, é de de poder dizer publicamente qual é o conteúdo da sua atuação no acompanhamento né a situações de desigualdade né. E ali é uma oportunidade também de falar da sua crença né, porque essa narrativa não pode ser desconectada, eu acho que isso, no momento que isso for desconectado isso vai nos apagar né. Então eu penso que o limite muitas vezes é pras instituições diaconais justamente o receio de que o conteúdo teológico e religioso acabe tomando um espaço tão grande e um espaço perigoso e desorganizado né, e aí com esses receios e essas inseguranças elas podem provocar um silenciamento e um apagamento de da identidade diaconal. De uma certa forma foi também que aconteceu com a FLD logo quando foi criada por que ela foi criada orientada pra que? Pra se capacitar na gestão de projetos, na resposta a grandes editais, capacitar equipe porque as equipes precisam de fato ter pessoas qualificadas né. Então essa montanha de trabalho de uma instituição que atua no campo da sociedade civil ela precisa vir acompanhada de uma atualização e de uma afirmação da

identidade diaconal religiosa. E esse é um desafio muito grande né porque nós temos poucas pessoas nas equipes com esse perfil, ou que sejam oriundas da IECLB, nós da Fundação fazemos busca ativa quando precisamos também contratar pessoas, seria ideal, o cenário ideal (incompreensível) consigamos sempre identificar pessoas com vinculação com os temas da diaconia pra trabalhar. Agora o desafio das instituições hoje no campo administrativo e na regulação da sua estrutura é muito grande e ainda as capacidades desenvolvidas pela igreja estão ainda muito abaixo né, daquilo que as instituições diaconais precisaram avançar, né então isso preocupa muito por conta da da da situação atual da formação diaconal, do distanciamento ainda presente né então, são limites muito grandes, são preocupações muito grandes, agora eu acho que avançamos muito na compreensão de que é importante articular as instituições diaconais com a diaconia comunitária, é importante promover debate de temas que são extremamente relevantes né, e consegui manter o apoio político e financeiro pra Rede de Diaconia por exemplo né, isso é um desafio muito grande né, o nosso desejo aqui como... a Secretaria Geral, o cenário ideal para a igreja seria que com o tempo a própria Secretaria Geral coloca a Rede de Diaconia dentro do seu orçamento né, que os sinodos coloquem as instituições diaconais dentro do seu orçamento, que as instituições diaconais também entendam né que esse assumir da sua existência passa pelo orçamento, passa pela ação planejada de atividades conjuntas né.

João: A mantenedora da Rede ainda é a FLD?

Jaiane : Sim, sim, porque a Rede tá no nosso trienal também, ou seja a Rede não é um projeto com todos os recursos né oriundos dessa parceria com a secretária geral, nós avançamos já com a apresentação de projetos por exemplo pro edital da secretária de ação comunitária, pro pra apresentação de projetos com a Igreja da Baviera, por exemplo (incompreensível), mas ainda a maior parte dos recursos tá no orçamento da FLD e não no projeto da Federação Luterana Mundial né.

João: Mas em todo caso o protagonismo exercido pela FLD é extremamente... chama muita atenção né, o trabalho protagonista da FLD no âmbito da IECLB é fantástico né...

Jaiane : Tu achas? (Risos)

João: Lindo e maravilhoso (risos)...

Jaiane : Diz mais sobre isso (Risos)...

João: Meus parabéns, a gente fica muito feliz quando tem uma instituição que chama pra si uma responsabilidade que nem é sua em termos institucionais né, mas que quer contribuir de uma forma eficiente... Jaiane , muito obrigado pela sua disposição, pela sua contribuição que sempre é preciosa e não está sendo diferente nesta pesquisa, nós estamos indo agora pra reta final, que é o momento mais decisivo da tese, e sua contribuição vai ser vai ser fundamental. Então muito obrigado mesmo e um abençoado período ai, que consiga viver e sobreviver com qualidade nesse período.

Jaiane : Brigada João, eu não tou no meu melhor dia hoje, mas talvez se eu lembrar de alguma outra questão ai eu posso te mandar também por e-mail, ou gravar alguma coisa, porque realmente hoje, ontem e hoje a gente teve muitas questões aqui e... a vida institucional tá fervilhando né então... Ontem eu fiquei em reunião até as sete e meia da noite, então das duas até as sete e maia da noite...

João: Meu Deus do céu...

Jaiane : então...

João: Mas justamente por isso eu agradeço que você conseguiu uma, uma brecha na sua agenda, que é extremamente cheia né, pra nos ajudar... Então tá bem Jaiane , tudo de bom viu...

Jaiane : Tá jóia João, a gente vai se falando, bom trabalho pra você, muitas bênçãos e que é muito importante que estás realizando uma pesquisa de doutorado sobre a diaconia comunitária e a interface com a diaconia institucional, esses dois grandes espaços eles precisam ser reconhecidos como diaconia né...

João: Sim, sim... Mas então tá bem, muito obrigado Jaiane ! Até mais...

Jaiane: Jóia, brigada, Tchou, tchau!

João: obrigado

ANEXO 4: ENTREVISTA CÉLIO

Célio : Oi João.

João: Boa tarde Célio, tudo bem?

Célio: Tudo certo, tudo bem, me desculpa, eu demorei um pouco para entrar, porque o meu, eu eu fui pelo Yahoo ali, mas o meu, eu pedi a primeira vez para entrar, aí ele diz: "não é mais possível participar dessa reunião". Aí eu fui tentar ver se eu conseguia, por outro meio ali, mas no fim não deu (incompreensível), eu tenho que pela segunda vez clicar de novo aí deu certo para entrar.

João: Hum! Que bom! Então Célio muito obrigado aí por acolher o convite.

Célio: Imagina!

João: Nós, acho que dispensa um pouco apresentação da pesquisa, tu já conhece né.

Célio: Sim, sim. Aham!

João: O objetivo, o objeto de pesquisa meu é diaconia comunitária, e o meu objetivo é fazer uma análise de conjuntura... dela, histórica e também atual.

Célio: Certo!

João: Para isso, nós nós nós estruturamos a pesquisa em quatro etapas, só para te recapitular um pouco, né.

Célio: Sim, tranquilo. Aham.

João: A primeira etapa é uma etapa de análise documental de documentos publicados e não publicados.

Célio: Certo!

João: A segunda parte, que agora por exemplo, é a entrevista à cinco pesquisadores que tem, ah, um bom trânsito pelas comunidades da IECLB, né, ou seja, nós elegemos dez pesquisadores pesquisadores que tenham um bom trânsito nas comunidades, e desses dez sorteamos cinco, e você foi sorteados.

Célio: Certo. Aham.

João: Ah, e aí a parte que vem depois, então eu vou entrevistar também três pessoas que são representantes legais dos três principais grupos da IECLB: a OASE, a LELUT e a JE.

Célio: Certo.

João: E por fim, então será aplicado um questionário aos 18 representantes sinodais que tem acento no CONAD.

Célio: Certo. Aham!

João: Então essa é a nossa estratégia de pesquisa de campo, quem sabe se der tempo, aí no final da pesquisa a gente vai tentar ou fazer uma consulta então a lideranças das Comunidades mesmo né. Vamos ver se vai dar tempo né... Em todo caso, ah, ah, eu peço permissão pra gravar então a nossa entrevista para fins apenas de consulta né [...].

Célio: Perfeito.

João: [...] para mim também ser fiel ah, ah, ah, as suas colocações e também eu vou precisar que você assine um termo de consentimento ao final, mas aí isso eu posso... tem até o final do doutorado pra pra tá tu tá assinando isso, então quando a gente se ver, aí você pode estar assinado isto, poder ser? Tranquilo?

Célio: Beleza, beleza!

João: Então, ah, o Célio eu queria começar esse momento a partir de, de, da questão mais pessoal assim, porque eu tava vasculhando alguns documentos da IECLB, e você desde 2012, você já tem uma presença enquanto estudante da diaconia né, e eu queria que você me contasse um pouco como como inicia ah, ah, a sua história com a diaconia, a partir de um olhar retrospectivo, onde que começa esse esse amor, essa..., pela pela pelo Ministério Diaconal.

Célio: Aham! É... eu acho que como a grande maioria do pessoal que entra na EST, é a gente entra quase sem saber ou desconhecendo que existe o Ministério Diaconal, e que, até a mesma palavra né, acho que foi super nova para mim, quando eu entrei na EST então em 2008. E naquela grade curricular, eu acho que tu pegou a mesma grade que eu do bacharelado, nós tínhamos a a a Diaconia e Cuidado no terceiro semestre. É... se eu não me engano era no terceiro semestre ou até segundo, posso estar... eu tenho que conferir esse dado. E ali eu fui conhecendo algo que para mim foi sendo parte da minha história de vida. Né, assim, eu

perceber o quanto que a presença de da igreja, das comunidades, é, das pessoas que ali, é, são membras junto faz a diferença, na na, pode fazer a diferença num contexto e na sociedade, pra mim foi bastante marcante, impactante. Porque a minha própria Comunidade da, naquele período foi descobrir com a professora Márcia Paixão que a minha Comunidade de origem, a Comunidade Bom Pastor de Novo Hamburgo, teve uma grande presença durante muito tempo, quando ainda era parte da Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo, todas as comunidades formavam ou a maior parte das Comunidades formavam a Paróquia, que era chamada Comunidade Novo Hamburgo, tipo a CEPA, né. Tinha a presença muito forte da atuação de Diaconisas, e e também de Diáconas, por consequência, então é por isso que a minha Comunidade tinha uma identificação tão forte também com a diaconia. Né, tinha inserção nos bairros a minha Comunidade de origem, não sei se tu conhece ali, mas ela é num bairro mais carente da cidade, o bairro Rondônia, de Novo Hamburgo e tudo isso eu fui descobrir quando eu fiz o componente curricular Diaconia e Cuidado, é e que também teve haver com a,a,a, presença do envio da Diácona Angela Lenke na minha Comunidade, né, então, foi todo um resgate histórico que eu precisei fazer pra me compreender e entender qual seria também meu papel do Ministério, ou é, a minha intenção com Ministério na Igreja, porque até então eu não tinha pretensão nenhuma de ir para Ministério da Igreja, né, porque eu não queria o formato tradicional Pastoral. Mas enfim, daí eu conheci a diaconia aí eu me encantei. É, e a presença eu acho que ela começa também a partir do momento em que eu disse esse esse sim pra diaconia, de que essa seria a forma como eu queria atuar como Ministro ordenado da Igreja, e eu encontrei no Ministério, meu espaço. Ainda que muitas vozes fossem contrárias a isso né, porque sempre tem aquele dilema da falta de vagas, sempre tem aquele dilema: " Ah não vai ter espaço"; "Ah tu vai ter que ser Diácono em funções pastorais, tu vai ter que ser...enfim". Apesar de, eu disse ainda que eu tenho que atuar em em Comunidade, ah realizando também funções pastorais, mas me vejo, me faz sentido o Ministério Diaconal porque para mim é uma forma concreta de atuar na vida, não que os outros Ministérios não sejam, mas é uma forma concreta de atuar, é nas necessidades da vida de uma forma bem concreta.

João: Enfim. Só uma questão Célio, você entra em que ano na EST?

Célio: 2008, eu entrei em 2008.

João: 2008... e se forma em?

Célio: 2012 bacharelado, e 13 na especialização pelo Ministério Ministério Eclesiástico, né.

João: Perfeito!

Célio: Eu sou da segunda turma do Ministério, da da do MEI.

João: Tu foi colega do Jaime também, da Pâmela... aquela turma... ou não?

Célio: Sim, eles são um pouco anteriores a mim, mas, é, mas sim eu convivi bastante com eles também.

João: Perfeito! E aí como que foi a sua trajetória até chegar, ah, nesse campo que você está hoje assim... e o Ministério?

Célio: É essa esse foi um outro desafio bem interessante porque o meu envio foi, então terminei em 2012 meu bacharelado, 2013 especialização, é meu envio foi para famosos funções pastorais né, como se diz, como o pessoal conhece. É... fui pra Paróquia de Pedro Osório, no no extremo sul Gaúcho, Sínodo, é, Sul Riograndense, e lá, assim, lá era uma Comunidade com características diaconais também. Muita gente com necessidade concreta, ..., projetos, realização de projetos que é uma coisa que nós tínhamos muito forte na grade na grade curricular do bacharelado, com ênfase em diaconia, também foi bastante necessário, mas ainda assim eu não tava contente eu queria eu queria algo que realmente fosse ao encontro da minha vocação diaconal. É..., depois disso eu saí de lá, fui pra, aí me candidatei a Pastoral Escolar né...em Novo Hamburgo, na IENH, é pensando que... é, teria um pouco mais de espaço pra, pra as questões sociais mas quando eu cheguei lá isso já tava muito bem estruturado né então é... no fundo eu não não teve não teve liga, não teve o encaixe, é como como eu gostaria. E no meio disso tudo surgiu a vaga do Sínodo em dezembro, ali novembro, dezembro de 2018 de assessor de diaconia no Sínodo Nordeste Gaúcho, é pro qual eu me candidatei, daí, é...fui eleito depois né. É... acho que isso, e foi uma vaga que foi construída pelo, isso é interessante, foi construída pelo pela Coordenação Sinodal da Diaconia.

João: Perfeito!

Célio: Então não foi algo, ah, que surgiu do dia para noite teve ter toda uma caminhada de convencer o Conselho Sinodal, de dizer para as pessoas no Conselho Sinodal de que a vaga é necessária, de que nós temos potencial para mais na área da diaconia, de ter alguém ali seria produtivo, convencer por A, mais B, mais C né, porque nem sempre é, a diaconia é tão convincente assim nesse sentido num primeiro momento, é... mas a Coordenação Sinodal da

de Diaconia do Sínodo Nordeste Gaúcho tem é... duas pessoas que são ordenadas também ao Ministério Diaconal [...]

João: Sim.

Célio: [...] E elas conseguiram então construir as pontes e e convencer o Conselho Sinodal para abertura da vaga. Acho que isso foi interessante também mencionar de que teve uma atuação, muito proativa da Coordenação Sinodal da Diaconia, muito bem organizada, diga-se de passagem, tanto que toda a Tenda da Misericórdia tudo mais, eram elas puxaram a frente ali, então elas foram abrindo campo pra que essa vaga pudesse ser aberta.

João: O Célio, teria como tu contar um pouquinho assim sobre... ah, a sua rotina nesse campo que você está, assim?

Célio: Sim. Aham.

João: E quais as suas atribuições, o que que você faz, como que é o seu dia a dia, como assessor de diaconia do Sínodo Nordeste Gaúcho.

Célio: Sim, ...é, ...então na verdade eu fico mais, é... agora nesse período é totalmente Home Office né porque as comunidades não estão acontecendo atividades, mas a rotina então é basicamente assim: é composta por, é, eu vou, pro Sínodo uma vez, ia pro Sínodo uma vez por semana pra as questões mais burocráticas e encaminhamentos, demais dias eu preparava materiais em casa ou coisa do tipo, mas o grande lance foi estar nas comunidades [...].

João: Sim.

Célio: [...] Né assim, marcar presença dia nacional da, é..., Semana Nacional da Pessoa com Deficiência da da da, que é o que o país então, calendário civil prevê e a igreja adota. É, então nós fomos, nós não tivemos só o Semana Nacional, nós fizemos uma rodada entre quatro pessoas, incluindo um estudante de teologia, Bacharel em Teologia que é cego, então nós fomos pelas comunidades em diversos grupos... é para falar sobre esse tema, então e convidar pra o Encontro Sinodal de Pessoas com Deficiência. Então não dá para dizer assim que tem uma rotina certa, o que dá para se dizer é que assim, é..., se marca presença nos grupos, né, assim eu faço muito contato com os colegas Ministros e Ministras, então pra marcar presença nos grupos, aproveitar temáticas diaconais que os grupos tenham dúvidas ou queiram aproveitar, vou até as comunidades e ali pra uma formação ou culto. Dá para se dizer que

acontece sempre, acontecia sempre isso toda semana, e o que seria o diferencial desse ano é que eu já terminei aquele pré-levantamento então[...].

João: Sim.

Célio: [...] de atividades diaconais, que (incompreensível) até pediu lá, e nós terminamos agora seria a hora de ir conversar, é com mais com grupos, não grupos, mas presbitérios, lideranças da Comunidade sobre a diaconia, seria uma formação mais sobre a diaconia, mas é quando nós íamos começar a pandemia encerrou tudo precocemente.

João: Perfeito.

Célio: E daí agora nesse nesse período, como tem sido a rotina da da assessoria de diaconia agora é motivar as campanhas, ah, em nível da de Sínodo[...]

João: Sim.

Célio: [...] é... pra ter uma diaconia atuante neste período de pandemia.

João: Perfeito! O Célio , eu sei que você é de uma geração mais recente, mais nova[...]

Célio: Sim.

João: [...] em relação a maioria dos Diáconos e Diáconas que que atuam hoje na na IECLB, mas eu gostaria de te perguntar como você avalia o desenvolvimento da diaconia comunitária nos últimos anos [...]

Célio: Certo.

João: [...] a partir da tua inserções também nas comunidades, mas também tentando, ah... tentando partir de uma visão mais estrutural, como você percebe, eu sei que você tá nos principais conselhos, participa ativamente, inclusive faz parte, representa os Diáconos nesse nosso grupo de trabalho em relação ao Ministério Compartilhado, né que está em andamento agora, como você avalia a diaconia comunitária nos últimos... digamos dez anos em que você tá atuando na IECLB?

Célio: Certo. Aham. Não..., acho que até dá pra dizer assim: dez anos atuando com o tema né, acho que foi desde 2010 que eu participei do primeiro CONAD, - Conselho Nacional de Diaconia - dali pra frente participei 2011, 12, 14 eu retornei também, então eu participei de

vários CONADs, ou de seminários relacionados. É, eu percebo assim que o tema da diaconia, eu acho que ele vem, a palavra diaconia ela vem fazendo mais conhecida [...]

João: Sim.

Célio: [...] pelas pessoas, já não é mais um mistério falar em diaconia, é... como era talvez dez anos atrás, né. Porque nós somos de uma de uma geração que passou a refletir mais sobre diaconia desde, e aí essas são suspeitas minhas né, assim não tenho nada embasado pra dizer mas [...]

João: Sim.

Dioanta: [...] é o que eu consegui perceber também através da minha pesquisa foi um pouquinho disso também, de que nós, ali de que quando passa pra EST a diaconia começa a ter mais reflexão sobre, né. Eu acho que talvez o Professor Rodolfo como ali um dos primeiros, primeiros não, mas o Kjell Norstokke já, depois o Rodolfo vai vai trazendo novos conceitos, novas é... novas discussões, mas o que antes se formava mais Diáconos, Diáconas e Diaconisas pra prática, aquela coisa de vamos fazer, vocês tem que ir pra campo, saiam daqui já iam direto para algum campo, quando passa tudo pra teologia, de certa forma acho que é positivo, porque se tem, se produziu mais conteúdo daí, eu acho que se teve interesse maior pela diaconia, embora não tanto quanto poderia, mas tu e eu sabemos bem disso né, é pouco material produzido, mas é a diaconia ganha esse espaço na reflexão [...]

João: Perfeito.

Célio: [...] por outro lado, perde um pouco de espaço na prática, é... porque enfim as mudanças de legislação, a mudança no currículo bacharelado por exemplo, eu como Diácono, ah se eu não tiver um serviço social eu não vou poder assumir alguma instituição, responder por ela legalmente né. Assim numa instituição, que ligado ao serviço social responder por ela legalmente... Então assim, eu vejo nesse sentido em termos de estrutura, se avanço em termos de reflexão [...]

João: Perfeito.

Célio: [...] as Comunidades começaram a conhecer mais o que que é a diaconia, ainda que talvez em nível muito, é... que tem que sair um pouco do assistencialismo [...]

João: Sim, sim.

Célio: [...] mas as Comunidades começaram a desenvolver o tema. Por outro lado, nós perdemos um pouquinho daquela, é... todo o viés mais mais prático mesmo... Talvez foi pra um extremo foi pra outro, fica nessa gangorra, talvez é hora de um equilíbrio.

João: Sim. E quais quais os fatores que você identifica que foram importantes nesses últimos anos para impulsionar a diaconia?

Célio: Quais fatores?

João: É. Desde 2000 pensando..., e você acha que foi importante para articulação, para uma maior incidência né, tanto para reflexão quanto na prática da diaconia na IECLB.

Célio: Aham... Hum... Ah. Um dos fatores que eu acho que é, sempre sempre o que vem de fora cutuca a gente um pouco mais né, o próprio fato de que a FLM começa a olhar para o diaconia com olhos mais, com com de insistir pra que a Igreja tenha então né diaconia precisa ser pauta de nossas, né das Igrejas filiadas, então, eu sei de relatos inclusive, sei que não é da IECLB mas por exemplo eu sei de Igrejas, é de colegas da África que chegaram e disseram: "bom tá aqui agora a FLM fala que, é agora a FLM tem um caderno que fala sobre diaconia", entrega pra o Bispo e diz: "e agora vai continuar negando que a gente tem que trabalhar ou vai sair da FLM?". Né! Então tem um pouco desse "aquilo que vem de fora", eu acho que esse é um dos fatores... Ah, os próprios, ah, colegas, os Ministros e Ministras, acho que esses é... começam a entender um pouquinho melhor a diaconia, por mais que não seja no Ministério Diaconal, mas, começam olhar para a diaconia, ainda que muito na dimensão de que não precisa teorizar tanto, né, ainda existe um pouco disso, mas sim a EST principalmente começa, a FLT também começa a olhar um pouquinho mais para diaconia e reconhecer que não é... uma, que diaconia não está ligada a um movimento dentro da igreja, como durante muito tempo se disse que tava ligada a PPL, por isso o Encontro não queria nem saber dessa palavra. É... Existiu durante um bom tempo, é..., esse eu acho que é um dos outros fatores, próprios colegas Ministros e Ministras, e a Igreja, acho que a Igreja começa a insistir mais, que essa palavra seria conhecida né. Uma reestruturação na Coordenação de Diaconia, sai do status de departamento virar uma pessoa só para uma coordenação, isso, de certa forma descentraliza, foi muito, foi excelente, acho que não tem o que dizer da atuação do da coordenação enquanto era Departamento de Diaconia, mas, tinha uma equipe muito bem estruturada né, chegando até 9 pessoas na equipe, chega a quase se tornar uma Secretaria. Tinha uma moção, não lembro em que ano que era, que queria, é... tornar um seminário nacional que queria provocar uma moção, é... para que fosse, que houvesse não só um

Departamento mas uma Secretaria da diaconia na Igreja, mas por outro lado, a partir do momento em que se descentraliza esse, toda essa equipe vira uma coordenação só, aí nasce o CONAD né? E nascem os Conselhos, e os Conselhos Sinodais de Diaconia, que eu não sei quantos eram, mas eu lembro que, até o último que eu participei, CONAD, acho que 15 Sínodos já tinham Conselhos Sinodais da Diaconia, alguma coisa nesse sentido. O que não era tão bem estruturado antes, né o que não era tão bem estruturado há tempos atrás e o CONAD também levou muito tempo pra ser, pra se estruturar da forma como ele tá hoje, né acho que ele leva pelo menos..., deixa eu pensar quando sai, sai de departamento vira coordenação 2007/2008 por ali mais ou menos foi criado o CONAD se eu não me engano, é... eu vejo um CONAD bem estruturado só partir de 2011/12 [...]

João: Sim.

Célio: [...] quando as pessoas já entendiam o que que tavam fazendo ali quais eram as propostas né, precisou talvez as pessoas participarem de um, dois, três, quatro CONADs pra a ideia pegar e e e e multiplicarem isso nos seus Sínodos também. E depende muito da visão do Pastor e da Pastora Sinodal, essa leva de Pastores e Pastoras Sinodais é uma leva muito mais jovem [...]

João: Sim.

Célio: [...] e que se preocupa com outros assuntos que não só a manutenção da Igreja, né, que se preocupa com a missão de uma forma integral, não só proselitista, falo de uma forma integral.

João: Perfeito! Então Célio, tu acredita que a passagem do Departamento de Diaconia para a Coordenação de Diaconia em 2006, se não me engano... é isso?

Célio: É por aí, por aí... quando muda mesmo de Departamento e vira a Coordenação, ali eu acho que é 2006 mas é a estrutura da SAC da Secretaria de Ação Comunitária ela é homologado em 2008.

João: Perfeito! Então você acredita que, evidentemente que vamos perder em termos de pessoas liberadas pra trabalhar na Secretaria Geral, mas a gente vai ganhar no sentido descentralizar o processo?

Célio: Sim. Sim.

João: Perfeito.

Célio: Isso eu senti quando, é... quando eu também conversei com algumas pessoas que vivenciaram pra pra... eu precisei, é conversar com algumas pessoas sobre os cadernos que foram lançados né, por ocasião de cada um dos Seminários Nacionais de Diaconia, porque para mim faltavam alguns pequenos detalhes ali que não tavam tão coerente no texto mas que precisei de alguma luz só para entender, é... e essas pessoas me fizeram compreender, uma pessoa especial, que me fez compreender que, que sim, que enquanto Departamento, estrutura organizada, acontecia muito mais coisas, porque afinal de contas mobilizava é... sete pessoas, depois mais duas só pra divulgação da diaconia na IECLB, então tinha... os seminários eram quase anuais né, então foi 95, 97, 98, 99, 2000, 2003, 2004 nesse sentido, é..., e depois a gente começa a perceber um espaçamento um pouco maior entre um e outro e nesse espaçamento parece que a estrutura se descentraliza também [...]

João: Sim.

Célio: [...] porque aí começam acontecer muito mais muito mais seminários, é... cursos como "Vida no Limiar da Morte", "Multiplicadoras e Multiplicadores de Diaconia", os CONADs daí nascem um pouco mais para frente ali. Então, sim, é... se perdeu em termos de de produção em nível e em maior nível né, e talvez um pouquinho em incidência pública também, mas aí tem que avaliar um pouquinho outros fatores aí que, no meio desse dessa história toda. Porque no primeiro Seminário Nacional de Diaconia foi feito, não primeiro não, o segundo que o tema era ah... terceira idade ele, a abertura do seminário foi feito no Shopping Neumarkt, no cinema do Shopping Neumarkt, em Blumenau né então, eram eram eventos muito maiores que envolveu muito mais pessoas também tinha muito a ver com o perfil da Irmã Hildegart Hertel que tinha essa essa voracidade nas ações dela e, quando muda pra Coordenação se perde um pouco disso dessa quantidade de eventos e a expressividade dos eventos mas se descentraliza a diaconia, né.

João: E você acha que esse essa de centralização ela foi ela foi pensada ou aconteceu de uma forma como uma consequência direta ou foi pensada mesmo essa?

Célio: Eu não consigo ver como pensada, eu consigo ver como uma uma consequência porque nunca era do, é... não era do perfil da Irmã Hildegart, não digo que era centralizadora também né, mas ela queria ver a coisa acontecendo de alguma forma [...]

João: Sim.

Célio: [...] então a intenção dela era que a diaconia se tornasse visível na estrutura central é... e que a partir disso fosse se multiplicando ações e isso aconteceu de fato né, eu acho que... o primeiro Seminário Nacional de Diaconia foi em 95, quer dizer, é o primeiro da gestão dela enquanto Diretora, ah... até ali já tinham se formado 1170 pessoas né, nos cursos que que ela fazia. É... e muitas outras envolvidas com voluntariado, ela queria que as pessoas das Comunidades conhecessem o que era diaconia e se envolvessem, se engajassem nesse voluntariado. É, toda a reestruturação da Igreja em Sínodos, saindo de Regiões e Distritos, também forçou um pouco disso porque ali tem uma mudança na chavezinha também, é... antes quando eram Regiões, Distritos Eclesiásticos existia, por mais que Igreja sempre teve o modelo Sinodal, mas a Igreja tinha um pouco mais de ingerência nas coisas. Então, não que seria de cima para baixo, mas tinha mais é... mais possibilidade de ir até os locais e falar diretamente com os Sinodais e propor mais coisas e um pouquinho além. O que a estrutura em Sínodos já não permitiu mais [...].

João: Sim.

Célio: [...] então os assuntos da Secretaria Geral chegarem até os Sínodos na verdade quem tem que pedir são os Sínodos, por exemplo, os assuntos ligados a diaconia. Quer formação em diaconia? Tem que vir lá do Sínodo, mandar uma carta pra Secretaria Geral, então tem todo um caminho novo a ser respeitado né.

João: Perfeito!

Célio: É... É... Isso.

João: Perfeito! Muito boa sua análise Célio ! E agora atualizando um pouco nossa reflexão né, ah... nos dias de hoje, ah... de uma forma muito geral, assim a partir de tua experiência também, a partir do que tu percebe em outros campos, em outras situações, em outras Comunidades, quais são os fatores que ajudam a despertar a prática diaconal nas Comunidades? Ah... Pode até utilizar também o momento em que nós estamos vivendo hoje né, é um momento muito extraordinário em termos históricos, no entanto quais são os elementos que ajudam a despertar isso?

Célio: Aham... É... Tá. É... Se eu parar para pensar assim... Claro que a... Eu sempre insisto um pouquinho que a..., sim a gente teve uma caminhada enquanto diaconia que foi muito da prática acho que os motivados também pela formação né, os Ministros e Ministras Diaconais que se formavam antes da EST tinham isso, iam pra campo como eu falei antes, é... depois

vem o período da reflexão, que eu acho que começa ali pelos anos 2000 e pouco com a mudança pra EST, mas eu sempre acho assim, isso trabalhei muito forte quando eu fui coordenador interino do programa Diaconia e Inclusão, motivado pela Diacona Carla também né [...].

João: Sim.

Célio: [...] A sensibilização. As pessoas começam a se tornar atentas quando existe sensibilização, quando elas começam a entender coisas básicas como a empatia, o colocar-se no lugar das outras pessoas. É... sempre quando eu faço uma assessoria, agora só para exemplificar isso né, uma assessoria usando sobre o tema pessoas com deficiência que pra mim é um dos grandes temas que eu carrego comigo, é... nenhuma dinâmica até hoje funciona melhor, e testei até várias, do que fazer as pessoas sentirem o que é não não poder usar os olhos para uma dinâmica, pra um momento, não poder falar por algum momento, não poder usar as pernas por algum momento. Então, é, esse tem sido o grande fator que eu percebo assim. Quando a gente pode falar agora nesse período de pandemia né que, ... a gente pode mencionar vários vários exemplos e falar várias coisas e tentar dizer pras pessoas: vocês tem que praticar diaconia, mas quando a coisa é concreta, quando a coisa é dizer assim olha o dado é esse vai ter gente passando fome, vai ter gente em situação de dificuldade vai ter gente necessitando né, esse sempre, essa sensibilidade, sempre convence mais as Comunidades a serem solidárias. E foi que eu experimentei um pouquinho no período prático também, no período (incompreensível) de Campinas já teve tinha um grupo de diaconia lá antes de eu ter começado o meu período prático mas quando eu, quando nós, envolvemos a Comunidade nessa nessa empreitada e perguntar para a Comunidade quem eles viam passando fome, quem eles viam com necessidade, era conhecido deles, quem quem a Comunidade poderia auxiliar a sair daquela situação né, quando a Comunidade começou a perceber que ao redor deles as coisas aconteciam, que não era só naquele mundo isolado e elitizado vamos se dizer, porque lá é uma Comunidade que as pessoas contribuem, tinha gente contribuindo com 1.200 por mês né, então, (risadas) então eles viviam, às vezes, no mundo da ideia, do ideal em que tudo é lindo, perfeito e maravilhoso, ah... Faltava aquele: "como é que eles vão perceber isso, como é que eles vão ter esse olhar sensível?" Então... esse aproximar eles da realidade sempre sempre é o que funciona mais, falando de prática então né.

João: Em que os membros se sentem... vivendo a situação da pessoa necessitada, de alguma forma.

Célio: Aham... Só uma... eu gostava muito de uma coisa que a professora Márcia Paixão falava, é... quando as pessoas começam a entender que não se faz diaconia só pra uma dieta na consciência né, pra... pra ajudar os pobres coitados que não tem tudo que eu tenho, aquela visão bem farisaica, a a visão muda a visão muda.

João: Perfeito, muito bacana. Ah, o Célio é possível perceber algum tema ou algum público que vem recebendo maior importância da IECLB, da diaconia da IECLB nos últimos anos? Pode dizer que... a IECLB tá tratando com carinho que esse público ou esse tema merece, assim. Quais são os públicos que são nossas prioridades hoje?

Célio: É, eu não diria nem hoje, eu acho que os públicos quase que se repetem, mas talvez o que mais tem ganhado visibilidade hoje, pela diaconia da Igreja, como estrutura central agora eu falo, é o tema da pessoa idosa né. É... Isso vai vai bastante do perfil da pessoa que tá coordenando também, acho que a Carla tem toda uma sensibilidade muito grande pra esse público da pessoa idosa, um envolvimento, um conhecimento na área também então a Diácona Carla que coordena, mas desde... 2014 quando a Carla assumiu no CONAD (incompreensível) tem tido bastante espaço pra o tema do envelhecimento então, nem não vou dizer da pessoa idosa mas do envelhecimento e dos cuidados que isso requer. Outro grande tema, aí eu acho que como uma consequência da Rede de Diaconia, é a violência contra crianças e adolescentes ou crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, esse é um outro grande tema que... mas esse é tratado em parceria com outras né, com outras instituições, por que boa parte das instituições ligadas à Rede de Diaconia da Igreja é... tratam desse tema são instituições é... que trabalham com o tema da Criança e Adolescente em situação de vulnerabilidade social.

João: Perfeito. E como você percebe esse tema nas Comunidades?

Célio: Nas Comunidades?

João: Isso!

Célio: Ainda falta um pouquinho, a gente ainda precisa avançar um pouco mais... sobre, agora falando especificamente do... das pessoas idosas né, não sei o quanto que as Comunidades aceitam o seu o seu perfil é de pessoas idosas.

João: Sim.

Célio: É... Acho que ainda precisa avançar um pouco mais, tem alguns casos aí que se tentou tratar sobre o tema das pessoas idosas nas Comunidades e "não quero tratar envelhecimento", "não é comigo essa história", "não quero me envolver com isso", então existe um pé atrás. Quando se trata de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade aí já é um pouco mais porque criança sempre sensibiliza. Aí eu esqueci de pessoas com deficiência também. Mesmo que nos últimos tempos se perdeu um pouco de espaço porque nós perdemos a coordenação, então... ou se acoplou duas coordenações ali, Diaconia e Diaconia e Inclusão virou uma só em 2014, mas esse tema sempre teve bastante espaço na estrutura central mas nem tanto na Comunidade, acho que a Comunidade ainda é devedora desse desse assunto das pessoas com deficiência.

João: Perfeito. Então pode-se dizer que essas prioridades elas são muito mais propostas pela Coordenação de Diaconia às Comunidades do que efetivamente as Comunidades assumem isso, ou não ou você percebe esses dois movimentos simultâneos?

Célio: Não, eu acho que sim, eu concordo, acho que é uma é uma proposta muito mais vinculada com a Coordenação de Diaconia, é... que que de certa forma não encontra a voz nas Comunidades, falta ainda um tino nas Comunidades pra isso. Mas a Juventude Evangélica como os futuros membros e membras da da Igreja, eles possuem esse olhar atento, tanto que agora, bom a última campanha da JE é: JE e Pessoas Idosas. Né, que é uma continuação da campanha juventude diaconia que iniciou em 2017, 16 na verdade foi lançado 17 foi implementado. Então a JE sim tem comprado as ideias [...]

João: Perfeito. (Incompreensível).

Célio: [...] e daí localmente executando as suas ações né. [...]

João: Sim sim.

Célio: [...] isso é fato, uma revista da JE foi "Inclusão da Pessoa com Deficiência", agora tem essa campanha "Juventude e pessoas idosas", é... isso.

João: Em 2017, Célio, inclusive você assessorou um encontro lá em... no interior de Santa Maria do Jequitibá.

Célio: Rio Possmoser!

João: Isso, exatamente! (incompreensível) e (incompreensível) que na época o projeto Diaconia e Juventudes, ou Juventudes e Diaconia, o objetivo mesmo era que cada JE desenvolvesse uma ação diaconal até dia 31 daquele ano, 31 de outubro, dia da reforma.

Célio: Isso.

João: E como e como que foi o saldo disso, o balanço assim, como vocês avaliaram isso?

Célio: Eu não tive tão envolvido nessa nessa parte da... eu tive envolvido mais no Sínodo da né, nós coletamos as ações do Sínodo. Mas sim teve um envolvimento bem grande é... nos Sínodos, agora em relação a isso acho que as JEs, as juventudes compraram a ideia onde tinha grupo organizado forte compraram as ideias. Eu lembro que na época eu tava na coordenação da orientação teológica do Sínodo, da JE do Sínodo Sul Riograndense, então veio muito as fotos assim e daí inclusive é... JEs que eram mais fracas, mais fraca no sentido de menor número né, é... eles fizeram parcerias com outras instituições. Então, se a proposta é ter, era fazer uma ação diaconal e eles não conseguiram por conta própria então foram lá e firmaram uma parceria com alguma instituição religiosa de Pelotas, eu lembro que teve um caso lá em Pelotas que fizeram isso, e foram lá e tornaram concreto e se somaram a uma ação. Acho que o saldo foi super positivo tanto que né a campanha continua agora dando nome aos bois agora "Juventude e Pessoas Idosas". Que reverbera agora no período de pandemia já começou super bem no sentido de que a campanha é é motivou as pessoas jovens pra que elas auxiliassem idosos e idosas pra que não saísse de casa nesse período de pandemia.

João: Perfeito! O

Célio, a pouco eu fiz uma pergunta pra você, "quais eram os elementos que despertavam a sensibilidade das pessoas para ação diaconal?" [...]

Célio: Aham.

João: [...] E agora tendo em vista que a minha tese é limites e possibilidades né, quais são os limites então, quais são os principais obstáculos que você, que você enxerga, que impedem ou dificultam ah... um desenvolvimento ainda maior da diaconia nas comunidades? Ah... É possível identificar?

Célio: Sim, um deles, sem me contradizer anteriormente, mas um pouquinho vai parecer talvez uma contradição, mas ainda é a visão muito pastorcêntrica da Igreja, né, no

levantamento que eu fiz, é tu deve ter visto lá que uma Comunidade mencionou que "não nós não temos diaconia aqui na Comunidade", é... então ainda se tem... uma visão de que não precisa, aquela visão muito clubista, aquela visão que talvez nem considera o passado histórico porque é nesse passado a gente vivenciou a solidariedade e a diaconia de forma espontânea né [...]

João: Sim.

Célio: [...] então... ainda existe essa barreira: a visão muito pastorcêntrica. É... Outra delas que eu experimento agora nas comunidades.

João: (incompreensível) Ah... Como que você vê isso na prática se concretizar, essa visão pastorcêntrica?

Célio: Sim, aham! Uma delas é que não dá espaço para outros Ministérios, não dá espaço para concretização dos outros Ministérios, talvez entendam uma competição, que a gente quer chegar lá e competir no parquinho deles, mas não é bem assim a história né. É... na prática... as Comunidades ainda tem uma preocupação muito grande... ah... por isso que eu disse antes "a sensibilidade é uma oportunidade né", a gente tem isso e consegue fazer, mas ao mesmo tempo enquanto não chega uma pessoa e começa esse caminho de sensibilizar ainda se tem aquela coisa "de que pra que que eu vou ajudar", "pra que que eu vou fazer para fora", "para que que eu vou levar a Igreja para fora dos muros", ou então é bem aquela coisa de "ah... [...]"

João: Sim.

Célio: [...] se isso não vai me trazer membro pra que eu vou investir na diaconia então". [...].

João: Sim.

Célio: [...] "Se isso não vai me ajudar a trazer dinheiro pra dentro da igreja, se isso não vai me ajudar a trazer novos membros ou se é para ser aqueles membros que vão contribuir com muito pouco para que a gente vai estar investindo nisso". Então ainda existe essa visão e é reflexo assim de uma..., não deixa de ser reflexo de uma visão pastorcêntrica de Comunidade em que a gente tem que manter aquela estrutura e continuar aquilo ali né, não precisa... (Risadas)... Que nem eu ouvi de um projeto de uma Comunidade lá, é com essas palavras né: "Há esses esses pobres sempre fazendo sempre trazendo problema para comunidade né", ou então outra vez eu escutei, é... eu daí eu fiz uma assessoria para sobre o tema pessoas com deficiência, e aí eu escutei: "não não não eu não preciso desse papel aí... eu tenho lá nossa

Comunidade não tem esse problema de deficiente" (Risadas). Então são coisas que a gente escuta e pensa: "putz né, esse precisa ser trabalhado, esse precisa ser..., mas tem que ser dito. Eu acho que eu falei um pouquinho do pastorcêntrismo mas tem muitos colegas quebrando essas barreiras. Então temos muitos colegas Pastores e Pastoras que tem um olhar diaconal bastante apurado e que fazem isso acontecer nas Comunidades.

João: Perfeito! Além do pastorcêntrismo você vê outros elementos que atrapalham?

Célio: É, sim! (Ruídos) Aquela, indo ao encontro do que eu do que eu disse né, essa visão de clube, é... as pessoas... é... que vivem num mundo meio a parte assim da realidade da vida e que acham e que têm uma visão de que: "a não se tá naquela situação é porque vagabundo né", "se tá naquela, é... se a família tá lá é porque né, se passa fome né não querem trabalhar emprego né... tem emprego tem para quem quiser.". Aí eu lembro que uma vez eu confrontei uma pessoa dessas, super no bom no bom tom, eu só olhei para ela e falei assim "bom então está condenando uma criança que não pediu para vir ao mundo junto e colocando ela no mesmo pacote como se ela fosse tudo aquilo que tu está dizendo que tu não tem certeza se aquela família realmente é dessa forma mesmo". Né, então... essa essa briga entre... de não saber os privilégios muitas vezes que as famílias tiveram, por serem brancas, heteronormativa e etc, e eles se balizam e a partir disso colocam eles como parâmetro para condenar outras pessoas, né. [...].

João: Perfeito.

Célio: [...] Eu acho esse eu colocaria como um elemento é... dificultador, mas que ao mesmo tempo a partir do momento que consegue confrontar, falta esse confronto, falta às vezes um pouco de ímpeto da nossa parte enquanto o Ministro, os Ministros ou Comunidade em geral, de confrontar e não exercer aquela diaconia profética né, aquela diaconia que faz o olhar um pouco além de denunciar, não precisa ir pra uma diaconia de guerra, uma diaconia Xiita, mas eu já fui meio Xiita uma época atrás (Risadas), mas é é é o diálogo falta a gente conseguir dialogar um pouco mais também e mostrar uma outra realidade que as nossas Comunidades de fato não estão acostumadas, e não condeno elas por isso, nunca foi ofertado diferente, [...]

João: Perfeito.

Célio: [...] ou já foi mas elas não conheceram essa realidade de perto.

João: Ok. Você ainda você ainda enxerga alguns outros elementos de nível social, você já traz um elemento que é de nível social e cultural parece, e do nível religioso que atrapalha, ou tu acha que... que não assim?

Célio: Ah... Hum... Talvez o religioso... sim né, no seguinte sentido, é... a gente enquanto Igreja já foi mais ativa nessas, nas questões frentes sociais, nos calamos muito nos últimos tempos isso é fato, eu falo enquanto Diácono também eu acabei fazendo isso em várias várias ah... ocasiões, é... mas enquanto silenciemos e deixamos de fazer frente ou deixamos... de criar novos projetos, acho que eu sempre volto aos projetos porque não deixa de ser, não deixa de ser Comunidade na raiz das coisas os projetos, muitos deles nasceram em Comunidades de fé, então enquanto nós deixamos de fazer isso outras outras Igrejas foram fazendo frente a isso e hoje nós temos medo de fazer isso porque nós podemos ser associados a igrejas evangélicas outras né, pelo medo de ser identificado a gente cai no no aspecto de: "não, nós não podemos ser proselitista, mas também ao mesmo tempo que nós dizemos não podemos ser proselitista às vezes a gente cruza os braços e fico esperando o mundo girar né. Então... é... talvez com esse amadurecimento da reflexão ao redor do assunto da diaconia dos últimos anos a gente consegue equilibrar um pouquinho essa balança né, aquilo que antes era só prática agora pode vir vir a ser não só reflexão mas pode ter as duas acontecendo, simultaneamente. E tem bons indícios disso, que isso é possível acontecer.

João: Falta essa disposição de darmos razão da nossa fé, daquilo que nos leva a agir, tu acha?

Célio: Sim, sim, sim... E não deixa de ser é... é... Eu lembro do fórum de, tu tava no Fórum de Missão, não lembro?

João: Não, não. Estava no Espírito Santo!

Célio: Há, tu estava no Espírito Santo, tá. Então ali no fórum foi falado várias vezes né: A pergunta tem sido: "Ha o que a diaconia trás, ou o que vai trazer para a Igreja?" Nós somos muito tímidos nesse sentido também, nós podemos ir, continuar fazendo frente aquilo que uma época atrás aconteceu, por que não, nós temos um exemplo uma Comunidade lá, que já deve ter lido sobre Balsas que a Comunidade nasce de uma forma completamente diferente, ela nasce a partir de um projeto de horta comunitária e não só e não só gerou uma Comunidade, Balsas vai além eu acho que consegue fazer com que um contexto todo aprenda que comer alface é bom né, e comer tomate é bom né (risadas), que, enfim, vai além, vai um

pouquinho além. A gente tem medo de não falar das coisas e por isso se cala de tudo, é... nós temos bom conteúdo, nós temos bons argumentos, mas na hora de fazer isso isso frutificar a gente ainda precisa avançar. Essas são palavras da Pastora Mariane naquele curso, Pastora Mariane Herart naquele curso "MQF", não sei se já ouvi falar, então ela faz uma análise da própria Igreja lá no curso né, que nós temos um excelente conteúdo, excelentes argumentos, excelente metodologia, mas na hora de expor e colocar na na na prática ali, no fazer acontecer, aí a gente se retrai um pouco, pelos medos que nós historicamente cultivamos.

João: O Célio, você identifica hoje, você sabe que nossa Igreja é uma Igreja de de de imigração, e é marcada por isso, mas ao mesmo tempo faz parte da nossa identidade, não nos envergonhamos disso mas ao mesmo tempo você sabe que tudo isso carrega uma série de estigmas, de preconceitos, e atualmente você identifica nas Comunidades alguns grupos sociais que são vítimas de preconceitos? Quais são esses grupos né?

Célio: Aham. É... Eu acho que quem mais sofreu nos últimos tempos foi a JE né, justamente por algumas mudanças, justamente por, e eu vou usar isso no bom sentido, porque eu li esses tempos num material lá que, até no material preparatório pra prova doutorado, que trair a tradição é fazer com que a tradição não morra.

João: Sim.

Célio: Eu vou ficar te devendo a fonte, depois eu prometo te mandar (risadas), esqueci agora eu acho que é o Zabatierro que fala isso. É, então assim eu acho que a JE por propor mudanças sempre foi alvo de alguns estigmas, é... por tentar quebrar com algumas coisas que historicamente sempre eram, acho que é o grupo tradicional, agora eu pensei nos grupos constituídos da Igreja, os tradicionais, porque porque a JE vai atrás e não tem mais medo por exemplo de ter contato com pessoas LGBTQs, de ter contato com pessoas negras, de ter contato com... ou de brigar para o seu espaço num num presbitério local, não cultivava mais tanto esses medos medos que as gerações anteriores cultivavam. É, outros grupos, sim eu acho que a gente teve vários, agora pensando grupos não tradicionais não históricos acho que a gente teve vários exemplos de pessoas que foram, é... que sofreram preconceito por conta de que ou eram imigrantes e tentaram se aproximar da Comunidade... De certa forma, vem se vencendo aos poucos mas pessoas negras também nas nossas Comunidades sempre foram vistas de uma forma diferente embora isso tenha sido vencido nos últimos tempos, é... meu pai por exemplo já não é da cor que se espera como imigrante né, então meu pai já é, já tem um pouco mais de melanina, mas foi super bem acolhido na Comunidade isso eu não posso

eu não posso falar nada. É... acho que é isso, acho que são esses assim, mulheres de certa forma, mas a OASE brigou por esse espaço né, a OASE conquistou um certo espaço, um certo respeito, tanto que se diz até hoje que se a OASE falir a Comunidade tá perdida.

João: Perfeito! E você... você vê alguma relação digamos quando a Comunidade mantém ainda cultiva um preconceito em relação ao público afrodescendente, você vê alguma relação com a diaconia, ou seja, esse preconceito dificulta a ação diaconal a esses grupos? Por exemplo, tu vai ver lá uma Comunidade que tem sérios sérias dificuldades com os os afrodescendentes né, mesmo assim a diaconia consegue vencer esse preconceito e consegue olhar de uma forma diferenciada para os negros e para as necessidades deles ou o preconceito representa um impasse... para as ações diaconais?

Célio: Acho... O que me veio, o que ocorreu agora pensando assim nesses casos que eu conheci foi de que não é não tem preconceito até o momento que não chegue tão perto, enquanto eu tô ajudando, tô auxiliando ok eu tô fazendo um... agora você, eu vou usar uma linguagem pejorativa então, aquele pensamento muitas vezes já eu tô ajudando os pretinhos lá né, então até o momento que não chega tão perto quando chega mais perto aí começa a desestabilizar uma estrutura já já fixada e que questiona todos os padrões de migração né. Acho que sim é uma barreira é uma barreira com certeza para ação por que ainda se cultiva esse esse ainda se cultiva esse essa Igreja elitizada branca, enfim, ainda se tem esse estigma infelizmente, mas por outro lado, nos exemplos que eu percebo também, quando acontece essa aproximação, eu sempre gosto de trazer os dois lados da moeda. Porque eu acho que é importante, quando acontece essa conscientização e essa aproximação, ah... e até mesmo protagonismo né de de pessoas afrodescendentes na Comunidade aí começa aí começa um processo diferencial né, começa um processo diferenciado, se tem contato se tem convivência, se percebe e é oportunidade muitas vezes para falar nesse assunto enquanto Ministro né, de dizer todas as coisas que precisam ser ditas, com jeito com certeza, acho que todas as coisas podem ser ditas desde que com o jeito, mas de oportunizar a reflexão de que não é isso que torna alguém menos ou mais, de que colocar esse assunto né da diversidade étnico-racial em pauta também na Comunidade.

João: Show. Então a diaconia é uma forma de introduzir temas que são...

Célio: Sim, sim, sim. É, eu sempre vou recorrer para minha pesquisa né porque é o que está mais fresco na minha cabeça, (risadas) mas nesse sentido o Departamento, a Coordenação de Diaconia sempre foi muito muito é... pró-ativo nesse sentido né, vários assuntos que antes

eram tabus agora são colocados em pauta: o tema da do HIV Aids, por exemplo, é um deles né, enquanto que a Igreja nem pensava em falar no assunto tava e o assunto também não era nem tão difundido na sociedade a Igreja já trazia isso pra assunto de de mesa, da mesma forma a diversidade étnico-racial embora tem ganhado espaço mais nos últimos anos.

João: Perfeito, ótimo. E já estamos chegando ao final Célio , mas tem um tema aqui bem quente, assim, você acredita que há uma perspectiva sócio-política que predomina nas Comunidades IECLB? Ah... E de que forma isso ajuda ou atrapalha, qual a relação que essa perspectiva, se é que tem, ela ela incide na prática diaconal?

Célio: Certo. É... Eu acho que a gente tendeu a olhar para as nossas Comunidades e perceber nelas algumas tendências, então a gente a gente tendeu olhar para as nossas Comunidades de fé e perceber nelas que só tem gente que pensa assim [...]

João: Sim.

Célio: [...] então: a maioria é tudo de direita ou né... ou eles pensam que o pessoal é comunista quem quem não pensa igual eles, mas eu acho que foi também alguma coisa que nós enquanto Igreja, é... não, como é que eu vou dizer, a gente não aprendeu talvez a fomentar o contrário, a olhar o contrário também, a buscar onde estão essas vozes de resistência, é... então eu diria que assim, pode parecer que nós tenhamos né uma uma tendência política muito forte que pende mais para o pensamento de direita. Mas também nós não conseguimos até agora empoderar o outro lado que pensa mais o social. E tem também pessoas que vão se dizer lá, agora... enfim, vou dizer isso, que até votaram em Bolsonaro talvez nas últimas eleições colocando como a esperança para o seu país, mas que na essência quando tu vai conversar e perguntar e tentar entender ela tem um pensamento muito diferente, que eu não sei porque porque tiveram aquela opção política mas que na sua prática destoam disso também [...]

João: Sim.

Célio: [...] talvez falta de informação, talvez falta de alguém que incentivasse elas a pensar diferente, então eu ainda to relutando em crer que a gente tenha tão claro assim um lado escolhido. Mas sim é uma barreira é uma barreira e eu não digo que é uma barreira para que as ações diaconais aconteçam nas Comunidades, mas a partir do momento em que... se olha e se percebe tem bastante gente com tendência é... a um pensamento mais, que vai mais ao encontro de um estado mínimo de direitos né... se a gente pode assim dizer. Isso vai

reverberando porque a partir do momento que entra no poder alguém que pensa assim as parcerias que poderão ser estabelecidas já se dificultam os temas assim já tem que ser tratado com mais cautela porque as pessoas vão reproduzindo pensamentos de quem está no poder. Então tudo precisa ser repensado e remoldurado, mas eu não quero eu não quero afirmar e dizer que nós temos um pensamento assim predominante. Acho que falta nós olharmos para os contextos e e aprender também a fomentar outros outros tipos de pensamentos.

João: OK. Perfeito! O Célio , a pouco você disse que um dos elementos fundamentais para a gente conseguir despertar a diaconia nas Comunidades passa pela sensibilização e nesse sentido agora se encaminhando para o final, de uma forma geral, como você avalia a o nível de consciência e sensibilidade diaconal dos membros da Igreja?

Célio:

Sim! Um velho jargão, acho que se tem no meio luterano, acho que por influência da da imigração com certeza é aquela coisa né tem que trabalhar, é o trabalho. É o pensamento do trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, então acho que existe existe sim uma sensibilização, é... pra sensibilização para o cuidado, existe uma sensibilidade existe sim,...mas eu acho e talvez eu diria que ainda falta eles compreenderem que eles não precisam cobrar isso tanto de si mesmos também. Né... É uma, sei lá se uma pregação, ou a fala, ou diálogo, ou a formação, o que falta para as pessoas aprenderem que não precisam cobrar isso de si mesmos para também não cobrar de outras pessoas que elas reproduzem simplesmente esse modelo. É... Mas sim tem muita abertura, tem muita sensibilidade, existe muita sensibilidade apesar desse pensamento de que o trabalho, agora vou ser bem duro no que vou dizer, apesar desse pensamento de que o trabalho liberta né, apesar de, a gente herdou um pouquinho disso com certeza, não tem como ter dúvida, mas as Comunidades são acolhedoras quando elas entendem o que elas estão acolhendo, quando elas compreendem do que se trata né. [...]

João: Perfeito.

Célio: [...] Acho que nesse sentido assim como Ministro eu não posso dizer o contrário, fui muito bem acolhido em todos os lugares onde eu onde eu atuei.

João: Show. Perfeito. É que no fundo essa meritocracia que você traz né, ela faz parte de nossa história porque quando os primeiros imigrantes chegaram aqui ou eles trabalhavam ou morriam de fome, e isso foi passado de pai para filho, e para o bem ou para o mal faz parte de nossa história.

Célio: É, e a leva de imigração que vem depois da Segunda Guerra ou durante a Segunda Guerra vai trazer um pouquinho consigo infelizmente de pensamentos é... nazistas vamos dizer assim, de... daquela coisa rígida que ou trabalha ou morre, ou tu é isso né, não pode se misturar, casal não pode casar com outras, uma pessoa não pode casar com outra, de outra etnia e assim por diante.

João: Perfeito.

Célio: (Incompreensível).

João: Sim. Pra fechar a a entrevista, um resumão daquilo que você queria dizer ainda em relação entre quais são os limites e quais são as possibilidades, pontos fortes, da diaconia na IECLB hoje assim?

Célio: Aham! É... eu acho que, eu vou começar pelas possibilidades, acho que a possibilidade que se evidencia na história também né, eu... vamos partir de dados concretos, é a proatividade da diaconia em trazer à tona temas que antes eram tabus, e a forma como se conseguia trazer esses temas para os grupos e para encontros e formações e seminários. Eu sempre gosto de exemplos, às vezes acho que até me torna cansativo dando exemplo, mas teve um seminário de diaconia por exemplo que uma pessoa soropositiva foi palestrante, teve um seminário de diaconia que duas profissionais do sexo foram palestrantes, isso causou um rebuliço dos mais dez né, (risadas) então dá para se dizer né, mas por outro lado não se teve medo de levar isso adiante, não se teve medo de provocar, não se teve medo de enfrentar. Talvez esse período que a gente vive agora e de reflexão sobre a diaconia tá servindo para embasar aquelas práticas que que antes aconteciam né, que antes era praticamente muita muita prática e menos reflexão. Talvez a gente chega num período que a gente consiga voltar a ter isso com muito mais reflexão e conseguindo levar adiante novos temas e novos desafios muito mais bem fundamentados e muito mais é... com maior possibilidade de diálogo né, contextualizando as ações, enfim. Então acho que essa é uma grande potencialidade, acho que isso é uma grande possibilidade, os temas que nós trazemos sem e trazer ele sem medo como já foi feito num passado não muito distante né. [...]

João: Show.

Célio: [...] É, os limites acho que ainda é o desconhecimento... embora já se avançou muito mas precisa se avançar mais ainda é o desconhecimento e talvez eu diria assim que a gente não soube explorar ainda como Igreja, é uma... é uma crítica ao mesmo tempo uma é uma

possibilidade. Acho que um dos nossos limites é o quanto que a gente consegue quebrar essas barreiras que foram sendo construídas ao longo do tempo, barreira cultural, a barreira de uma... a barreira social né assim também eu acho que precisa ser quebrada, ...o quanto nós precisamos nos adaptar a essas mudanças né. Se eu paro para pensar no tema das pessoas com deficiência qual é a Comunidade que vai querer serrar um banco no meio para os cadeirantes poderem sentar onde quiser? Qual é a comunidade que vai aceitar sem medo alguém que a cidade inteira sabe que tem... que que é portadora do vírus da Aids né? Então acho que são essas barreiras que aos poucos a gente precisa ir quebrando para para potencializar mesmo, porque que eu digo isso, porque essas pessoas também tem muito a oferecer né, essas pessoas se elas virem a compor algum grupo de apoio diaconal em Comunidade, elas tem muito a oferecer porque elas sabem o que que é viver aquela situação, elas conhecem um contexto que elas vivem, elas sabem muito bem como atuar. Então, potencialidade, os temas que nós podemos trazer ao mesmo tempo as dificuldades, as barreiras que nós precisamos quebrar para conseguir fazer esses temas irem adiante nas Comunidades.

João: Perfeito. Show Célio, muito obrigado do fundo meu coração, foi um (incompreensível) bater um papo contigo né.

Célio: Valeu mesmo. É bom fazer isso nesse período de quarentena que a gente fala com pouca gente de fora (risadas).

João: Que Deus te abençoe também na... nesse, iniciando agora o doutorado e terminando o mestrado, né?

Célio: Sim, sim. Amém. Muito obrigado!

João: (Incompreensível) terminar o mestrado é um desafio muito grande, Deus te de tranquilidade, serenidade, para viver esse momento.

Célio: Amém, obrigado. E para ti uma excelente pesquisa ainda, e uma boa reta final aí, que Deus te dê sabedoria nessa reta final.

João: Valeu Célio , muito obrigado viu.

Célio: Valeu João. Um abraço, tchau tchau.

ANEXO 5: ENTREVISTA RODOLFO

João: Oh... Rodolfo, então assim, eu eu vou eu vou fazer uma pergunta as perguntas [...]

Rodolfo: Vai, vai lá, vai lá, vai lá [...]

João: [...] Aí depois a gente conversa mais sobre outros aspectos, eu vou te fazer uma proposta no final pra gente fazer um texto [...]

Rodolfo: [...] Sim, esse aí não posso te dar porque tenho só esse aí.

João: Então a pergunta de antes né, quais são os tipos de iniciativas diaconais que você percebe entre os grupos de homens hoje?

Rodolfo: Sim, por exemplo [...]

João: Hoje assim.

Rodolfo: [...] Sim, vou falar, por exemplo, aqui cada grupo escolhe. A gente não dá uma diretriz, a gente dá uma diretriz nacional, no sentido que cada um, cada grupo é pra procurar o nicho que ele pode atingir na sua Comunidade. Então assim, aqui por exemplo, é fortemente porque temos aqui um asilo. Então todo trabalho aqui o grupo faz isso acontece e envolve com isso toda a Comunidade pra o serviço diaconal e em cima de... faz promoções, faz culto lá né, reúne as pessoas, convida pra ir lá, etc e tal né, esse troço assim, faz a festa de São João com os velho lá, e aquele troço tudo assim, então aqui. Isso é um [...]

João: Sim!

Rodolfo: [...] Por exemplo, em Ijuí onde eu vim, e eles aqui copiaram de lá, eu era Presidente lá quando eles for lá, lá em Ijuí é a mesma coisa, só que aqui eles fazem... aqui pra manter aquele negócio nós fazemos cinco promoções por ano para manter (incompreensível) negócio. Não sei como é que vai ficar esse ano. Cinco promoções, nós fizemos bife na chapa e um "Homens na cozinha", uma promoção chama-se "homens na cozinha". Nós fizemos negócio, lá vem todo mundo querer ir lá para ver que os homem na cozinha (risos) vão inventa, é sucesso.

João: Eu participei uma vez... é.

Rodolfo: E aí então pra sustentar, em Ijuí o grupo também faz o serviço dele todo destinado pro asilo de Ijuí que tem lá. Só que lá eles fazem uma... também se envolvem o grupo todo

com a Comunidade, eles fazem a Comunidade toda se envolver e, inclusive a sociedade então, fazem uma festa anual lá que que de a última deu 180 mil de lucro, mas é com rifa. Eles vão lá primeiro cantar o Juiz, expõe ao Juiz o trabalho pra ver se ele não tranca o pé pra poder fazer essa rifa de carro né, porque não pode.

João: E aí parte desse valor é destinado ao asilo?

Rodolfo: Não, é totalmente.

João: Totalmente.

Rodolfo: A LELUT pega 10%, pra porque a LELUT precisa também caixa pra se manter, pra manter as coisas, pra ir mandar os cara para fora porque se você ainda que o cara vai, por exemplo, num seminário desses, nós tinha o penúltimo lá em Itapema. Pô cara pra ir pra lá não é fácil, se o cara é pra pagar a passagem, a estadia de dois dias, duas noites lá, e mais comida e tudo o cara não vai! Não dá! E o pessoal de lá também não pode custear isso, é impossível, ainda mais em Itapema uma Comunidadezinha pequeninha que é, (incompreensível). Então o grupo, daí eles fazem esses troços, nós já tivemos, por exemplo, em Brusque Santa Catarina o grupo lá, só que agora faliu, mas serve pra exemplo, eles tinham feito em convênio com a prefeitura uma uma uma Kombi transformada em clínica dentária.

João: Pô que bacana.

Rodolfo: Entende? Mas aí não [...]

João: Aí essa Kombi ela ia...

Rodolfo: [...] Ela se deslocava pras vilas, certas vilas, né [...]

João: Com a população empobrecida?

Rodolfo: [...] Mais aí pra manter isso era muito custoso né. Depois trocou o prefeito ele achou que isso não precisava, e sabe como que é, meteu política no meio não deu certo, tiveram que parar. Mas assim vai indo, por exemplo, o núcleo de de (incompreensível) de Não-Me-Toque é um núcleo que investe fortemente pra não deixar quebrar Escola Evangélica que tem lá, que é de primeiro grau né, ele eles estão atrás daquilo lá e fazem aquilo, atuam fortemente ali. O grupo de, o grupo eu chamo de grupo mas (incompreensível) não é, é nome, é núcleo, esse negócio de grupo e nome só pra te dizer, isso é uma sugestão do Pastor Presidente na época é Kirkheim, porque já chamava os a OASE de grupos, então ele ele assim enfatizou muito de

nós criar nomes que não fosse iguais, pra distinguir. Por isso que nós também... nós chamávamos os nossos encontros nacionais de fórum, mas é que a Igreja fazia fóruns na época, então ele não queria. Daí nós dissemos: "Bom! Nós temo reunidos aqui porque nós fizemos seguinte, cada vez quando se elege uma Diretoria nova da IECLB, nós da Diretoria Nacional da LELUT, marca um dia pra ir lá uma manhã inteira conversar com os cara". O que fizemos também com esses aqui, fizemos lá já. Toda toda vez nós fizemos isso, aí ele sugeriu de fazer convenção, a convenção é um nome importante, por exemplo, famosa convenção de Genebra e outras (incompreensível) de convenção, por isso então nos transformamos. Só que nós pedimos autorização e fizemos isso aprovar em ata de contar os números dos fóruns que tinha.

João: Sim, sim, ah sim.

Rodolfo: Não começamos com a convenção número 1, então era o fórum número 6 que nós ia fazer e a convenção número 6.

João: Oh, bacana, show.

Rodolfo: E assim vai indo, então tem tem muitos assim os grupos fazem, tem uns que não tem assim específico, mas é que diz no estatuto e no regimento diz o objetivo: Número 1: "ser auxílio de retaguarda da Comunidade", porque o objetivo primordial, embora ali você viu na Diaconia e na Missão, diz em cima, pois o objetivo primordial da LELUT sempre foi, por isso que eu te li aquele primeiro nome ali, de ajudar para que a Palavra pudesse ser pregada e mantida. Aliás isso isso a gente copiou [...]

João: Então a missão principal é visar a sustentabilidade da Comunidade não deixar a Comunidade morrer.

Rodolfo: A Comunidade e depois um outro objetivo número 1, o principal objetivo número 1, além da Comunidade é auxiliar nos projetos missionários da IECLB, ali entra na parte espiritual também.

João: Sim, sim!

Rodolfo: Entende? E... é que dizer, nós somos assim que nem a OASE, a OASE é um grupo de retaguarda pra manter ajudar na sustentabilidade, porque lá na Bíblia, você sabe que lá pelas tantas o troço foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo e lá pelas tantas os apóstolos também se reuniram e fizeram um grupo de retaguarda né pra ajudar [...]

João: Atos 6 né?

Rodolfo: [...] Pra organizar o troço e tal, etc e tal, né?

João: Chamar pessoas para Diáconos outras pessoas pra pregar a Palavra.

Rodolfo: Uns iam já antes lá né, e os outros ajudavam, uns pra comida outros pra essas coisas todas, então baseado nisso, em cima disso também coisas feitas né a gente chamou pra cá. Só pra te dizer eu fui pregador leigo [...]

João: Bah, que bacana.

Rodolfo: [...] durante uns quantos anos já, o tempo que faltava pastor ainda né.

João: Aqui em Estância Velha mesmo ou em outros lugares?

Rodolfo: Não, não, lá lá lá em cima na Serra, Três de Maio, Horizontina.

João: Oh Rodolfo, e quando você, digamos assim, você chega num grupo né e você levanta a ideia de fazer uma ação diaconal digamos: "Ah vamos ajudar lá as famílias que foram supostamente atingidas por uma enchente né".

Rodolfo: Certo, já fizemos.

João: Isso, e eu vou te perguntar: Os homens acatam isso ou...

Rodolfo: É... com muita dificuldade, muita dificuldade. Em Ijuí nós conseguimos, não que eu seja o cara, não, Jesus sabe que eu não quero ser, mas eu tava lá como presidente. Tinha uma enchente grande no Uruguai e nós ficamos sabendo de uma cidade lá que foi devastada mesmo lá no Uruguai. E nós fizemos uma campanha, a gente, eu tinha uma vantagem eu era gerente da Caixa Federal, então eu tinha um trânsito muito bom assim nas emissoras de rádio, lá tinha três, quatro emissoras de rádio né, então eu ia lá os caras me entrevistavam e pá, e fazia, e pa pa pa, e a gente falava, fazia campanha, tinha três jornais e botava no jornal tudo de graça em cima do troço né, e nós (incompreensível), nós pedimos angariar... nós não conseguimos botar tudo em cima de uma F-4000, tivemos que botar uma F-4000 e mais uma Kombi para levar alimentos e o que precisa, travesseiro, cobertor sei lá, e fomos levar pra lá né, em Porto Lucena, se não me engano foi Porto Lucena. Os caras ficaram tão gratificados com nossa chegada lá, e daí nós... eu não fui junto, eu não pude ir porque eu tinha que

trabalhar na Caixa, eu não tinha como justificar na Caixa minha ausência lá pra fazer esse troço, daí os caras íam.

João: Mas o grupo pegou junto?

Rodolfo: Pegou junto, o grupo pegou junto, o grupo pegou junto nesse negócio, existe até hoje por causa disso, o jantar do peixe, porque os caras lá né, morando em cima do rio né, depois quando passou tudo, eles pensaram mas esse grupo que melhor nos atendeu, o que mais fez por nós, ficaram aqui o dia inteiro e não sei o que e tá, tá, tá, conviveram lá de Ijuí, nós queremos agradecer. Como nós vamos agradecer com esses caras? E daí um dia eles entraram em contato com o Pastor disseram que eles queriam agradecer com peixe, porque lá eles pescam, naquele tempo tinha dourado, hoje não tem mais dourado, mas tem outro tem piava né. (incompreensível) eles trouxeram duas caixas cheio de piava, nós não sabia nem o que fazer com esse troço tudo, pra agradecer. [...]

João: Olha só que bacana.

Rodolfo: [...] É o que eles tinham lá, e era o produto deles, coisas mais linda do mundo e depois o peixe, o símbolo do Cristianismo né. Trouxeram o troço pra lá e a gente fez. Daí a gente vendeu, daí fomos pra rádio de novo noticiar que tinha peixe pra vender, que foi doado e pa, pa, pa, etc, então nós vendemos uma parte e outra parte tinha dois caras que era (incompreensível) metido a cozinheiro, os dois são primos, sugeriram: vamos fazer o seguinte, vamos ficar uma parte e vamos tocar no congelador e vamos fazer um jantar do peixe. Em cima do troço fizemos, existe acho que mais de 20 anos.

João: Olha só.

Rodolfo: O jantar do peixe por causa desse negócio.

João: Olha só, então a Diaconia que criou todo um... né.

Rodolfo: (incompreensível) esse foi o legítimo serviço diaconal, então essas funções... Existem em outros lugar que os caras fazem, assim, por exemplo, lá em Santa Catarina a gente não tem lá tanto contato, mas é... mas eu fui o cara que introduziu lá em Santa Catarina, eu fui 500 mil vezes lá, para Santa Catarina, pagando do bolso, com comissão do seguro para ir para lá, e então lá por exemplo, às vezes ajudam manter um coral, ajudam... o núcleo de Ijuí, além daquele troço que tu faz ali, nós fazíamos o jantar das mães e dos pais, e daí sabe como é, é tudo com bolo cheio, é bastante coisa, daí vem as mulheres junto né. Dia das mães

enfeitamos o negócio, cantamo pra as mães, e daí eles trazem os filhos e não sei o que, outra gente que quer vir também pode vir pa pa e daí a gente né lá, é como é pra as mães tá todos os homens de coração mole, aí fincava a faca um pouco mais né (risos). E aí o que sobrava de comida, lá em Ijuí tem duas instituições, uma que cuida com jovens drogados, ex drogados, esses cara assim de periferia lá pa pa pa lá fora, e uma de meninas né, que não eram, não são drogadas, mas meninas abandonadas mantidas pela Igreja ah... não são da nossa Igreja mantidas, e daí a gente também auxiliava esses cara, com aquilo que entrava e eventualmente sobras assim né, porque a gente considera sempre pra ficar no caixa 10% né. Então se tinha dinheiro a gente até doava dinheiro, ou alguma coisa que precisava, por exemplo, uma Comunidade lá de Rondônia, um Pastor de lá um dia entrou com pedido, ele precisava comprar um retroprojeto, entrou com o pedido para nós né, etc e tal, e disse que ele um tinha computador né, mas faltava o retroprojeto, Comunidade pobre lá, bom Rondônia né que que há de ser lá. Que que nós fizemos nós não doamos nada para fora sem passar pelo Pastor Sinodal, porque tu sabe como é hoje em dia existe muito malandro muito sem vergonha, até Pastores, desculpe, mas em tudo que é profissão tem os caras, isso não existe, e já existiu desde lá Deus criou só dois e já deu problema né (risos). Né (incompreensível) é danado... Falando nisso, o senhor que é Pastor mas não fez ainda o... ou já fez?

João: É eu vou... na real, eu eu faço doutorado, fiz o doutorado primeiro antes de ir pra Comunidade, mas eu poderia ter sido enviado já.

Rodolfo: Ah ta, ta, ta, mas tu já fez prático aquele?

João: Eu vou fazer o ano que vem, acabo o doutorado.

Rodolfo: Tá, mas então como Pastor... quem tem mais culpa é a Eva ou é o Adão?

João: Uma boa pergunta, depende da perspectiva, depende da perspectiva.

Rodolfo: (incompreensível) não pra o gaúcho, pros... eu pergunto isso volte e meia pra os gaúchos por aí, volte e meia, ainda agora faz poucos dias perguntei para os caras, "ah... é por causa da Eva que nós estamos sofrendo, porque não sei o que (incompreensível)... mas lá no paraíso já começou a Eva lá (incompreensível). Digo, não senhor, a culpa não é só da Eva, a Eva olha para mim tem uns 25% de culpa só, digo pra o gaúcho macho quem tem culpa é o homem, é o Adão, porque ele tinha que ser macho o suficiente e dizer: "Eva não, Deus disse não, e nós não vamos comer, pronto, tá acabada a história!". Aí os caras só fica coçando a

cabeça e uns dizem: "e tu sabe que eu acho que tu tens razão mesmo e tal, pelo menos vamos dividir então, vamos dividir porque o Adão podia dizer: 'não', mesmo que ela chegasse até ele né".

João: Não é porque em última análise foi ele que fez a cagada.

Rodolfo: Então quer dizer é as duas coisas.

João: Exato. Oh... Rodolfo tu falou assim, narrou de uma forma bonita um monte de ações diaconais aconteceram especialmente em Ijuí né, o grupo de Ijuí.

Rodolfo: É porque eu tive mais tempo lá né, mas em outros lugares por exemplo, em Panambi (incompreensível), em Panambi o grupo de lá, sabe aquele negócio que tem... Como que chama? É um órgão, não é alcoólicos anônimos é é uma coisa parecida com alcoólicos anônimos, eles têm lá... vamos chamar de alcoólicos anônimos, é uma coisa mantida pela Igreja Batista também, esses caras atuam muito nessa área. Uma área que eles têm lá de 6 ou 7 hectare e lá eles recolhem os caras fumante e perdido assim também, alcoólicos anônimos também, mas o nome é um pouco diferente. E lá, Panambi ajuda muito lá, é eles arrecadam fundos aí vão lá visitar o grupo, de preferência eu sempre recomendo que é para visitar o grupo não só o presidente, é pra visitar o grupo in loco na entidade, quando os caras estão reunido para que os que estão lá enxerguem o negócio.

João: Tu acha que isso motiva ainda mais para pessoa continuar ajudando?

Rodolfo: Motiva.

João: E vou te fazer mais uma pergunta, quais são os elementos que você acha que ajuda a motivar as pessoas a praticar o bem, a fazer o bem pelas pessoas, pela experiência que tu tem?

Rodolfo: Então eu vou te responder com uma outra coisa, lá em Ijuí tinha um Pastor Alвори Ahlert...

João: Conheço.

Rodolfo: Conhece ele? Ele foi sete anos Pastor lá, um grande cara, fui amigo de peito dele, é inteligente pra burro, por isso que ele tá lá na universidade, agora tava muito doente não sei se ele se recuperou ou não, mas ele tava diz que tava feio de vida o homem, mas é um cabeça que (incompreensível). Aí, quando ele veio eu tava lá naquele período todo, a Comunidade, a

Igreja estava lotada de membros nos cultos. A LELUT era bem mais forte, certo, e quando ele foi embora né, talvez os cultos eram talvez 60% do que o inicial daquela vez, e a LELUT mais ou menos também corresponde. Aí eu perguntei um dia pra ele: "Pastor nós somos amigos, somos amigos ou não somos diz pra ele?", "somos pelo amor de Deus!", me abraçou, "somos mas pelo amor de Deus você, se eu não sou amigo de ti então de quem que eu vou ser amigo?". "Então eu vou fazer uma pergunta, mas sem querer encrenca" disse pra ele: "como é que um pastor se sente ao sair de uma Comunidade depois de 7 anos?" e coloquei essa posição. Sabe o que que ele respondeu: com duas lágrimas na vista. Porque melhor cara que esse é difícil ter, sabe pregar, sabe atingir, é que o bicho homem é danado pra reunir. Tu não reúne homem sem ter comida, eu sei disso de mim, tu tem que ter comida e ainda tem que ser razoável porque senão ainda eles reclamam. Outra, em Panambi tinha um Pastor que já morreu agora né, ele não permitia de jeito nenhum que lá se... que se bebesse lá... eu tenho muita restrição com bebida porque eu não não... tenho problema de saúde, não posso beber cerveja, mas mesmo assim eu não ia beber, talvez eu tenho problema de não beber por não ter bebido a partir dos 14 anos, eu sou... Aí, o cara lá é radicalmente não permitia cerveja, só refri, a Legião quando eu assumi de presidente eu tava 6 anos em Ijuí de gerente, de Ijuí não de Panambi, 6 anos, 6 anos [...]

João: 6 anos.

Rodolfo: [...] de gerente, 5 eu fui presidente da LELUT lá, e conheci LELUT lá sabe, conheci e eu perguntava mas porque... tinha 18 cara quando eu entrei de presidente, hoje tem quase 100, é o núcleo mais atuante, de mais gente que vem, que eu conheço do Brasil todo: 100. Porque é uma vergonha que tu vai, por exemplo, aqui tem 1500 família aqui, e tem 27 legionário homens, e ainda que aqui é subgêneros aqui, eles só vem com as mulher, é o único lugar do Brasil. Então tu... é uma dificuldade, eu vivo dizendo com todos os Pastores, eu vivo dizendo isso pra (incompreensível) o Nestor Friedried, ex presidente era... vamos chamar sim meu Pastor, eu fui presidente da Paróquia em Horizontina quando era Pastor lá, lá no fundão em Maurício Cardoso, eu disse pro Nestor, digo: "Nestor, como é que nós... a Igreja tem que mudar o discurso, a Igreja tem que mudar". "Mas como mudar o discurso?", Eu digo: "Não, não é não é sair da verdade da Palavra, mas tem que achar uma maneira diferenciada de pregar, de ver, de tocar os cara, a gente não consegue...eu digo a gente porque eu fui pregador leigo cara, eu fui instrutor de ensino confirmatório, eu fui professor de de de ensino religioso na escola e etc e tal, tinha juventude não sei o que. Nós não conseguimos tocar o coração desses cara, e esse que é o maior problema, isso se reflete na na na LELUT, a LELUT não

crece em primeiro lugar porque os Pastores não fazem força, isso tá líquido e certo, isso nós falamos inclusive nos seminários e na convenção foi dito de novo por outro cara lá, que os pastores diz assim né: "eu já tenho serviço que chega, vão ainda criar uma LELUT?" Mas a LELUT existe pelo contrário, ela existe para ser [...]

João: Para dar suporte, pra ajudar.

Rodolfo: [...] Pra dar suporte para ajudar, né por exemplo aqui... e isso também se faz em muitos outros lugares, mas quando tem culto a gente convida, quando tem culto, tem um culto aqui nós conseguimos introduzir o seguinte por sugestão da LELUT: cada reunião tem um responsável pela recepção, pra cuidar do preparo da Igreja, pra fazer... indicar duas pessoas fazer leitura né, arrumar as flores.

João: Isso da LELUT?

Rodolfo: Da LELUT, não cada departamento. Então numa reunião nós sugerimos, uma vez é a LELUT, uma vez é a OASE, uma vez é a JE, outra vez é o grupo de da Culto Infantil, aqui não tem ido... casais reencontrastes não tem aqui, e nos outros lugares onde tem casais reencontrastes então é eles, assim por rotina. Isso é muito legal né, e fazer também, não sempre o Rodolfo ir lá na frente lê (incompreensível), porque eu fui professor, já dá pra ver que eu gosto de falar né, e coisa então eu leio fácil e coisa, (incompreensível). Eu sei lá em Panambi tinha o o ... quando eu fui eleito presidente na última vez eu escolhi um cara lá que era mecânico, o tal de Palvino Karlh era muito meu amigo, vinha na Legião, eu fui lá convidei o cara, (incompreensível) "ele não não não não não não e não e Deus os livre", eu abracei o cara digo: "não, você é meu amigo ou não é?", "sou!", digo então tu vai ser vice presidente. Depois eu fui, entrementes, eu fui transferido pra Ijuí né, mas eu já sabia mais ou menos que ía ser transferido, aí fiquei só meio ano lá, aí eu fui transferido e ele, como diz o ditado: "se cagou tudo". Fui falar com ele e ele disse: "Não Rodolfo, eu vou renunciar", "não Palvino, tu não vai você tem a capacidade que você não sabe que tem, digo eu vou fazer o seguinte..." [...]

João: Só faltava motivação.

Rodolfo: [...] "Eu vou vir seis meses na reunião, seis meses de Ijuí à Panambi pra reunião. "Tu faz isso?", "digo venho porque você... e você vai dirigir esse troço, e se tem alguma coisa que pode ser diferente eu vou sugerir", "mas isso eu quero" diz ele: "me ajuda". Pois olha o cara

foi os melhores presidentes lá, foi reeleito, foi depois indicado para ir para Alemanha num convênio que nós tínhamos...

João: Só faltava alguém pra ele mesmo [...]

Rodolfo: É, é...

João: Então Rodolfo, uma pergunta você acha que os, a atuação dos Pastores é fundamental então para que a LELUT tenha sucesso? E eu vou te fazer mais uma pergunta, você acha que a atuação deles, eles são importantes também para que a... os grupos de LELUT também percebam a importância da Diaconia, ou não?

Rodolfo: Sim, tudo, tudo! Mas é lógico, ele tem que puxar dentro da prédica, isso é possível, é só você querer, você tem que puxar para dentro da prédica o assunto diaconal. Tá certo que os cara indicam ali no livrinho os textos, mas você não precisa ficar basicamente, porque eu que sou ouvinte e fui pregador, e sou ouvinte que sento lá, para o ouvinte meu caro Pastor, não interessa muito saber essas histórias de como era antigamente, porque o Salomão fez isso fez aquilo, caiu no pecado ou depois e sei lá, o outro casou e fez tal coisa não sei o quê... Claro, citações são necessárias, não tem como você não não escapar do troço né, por isso que eu admiro, tem certas Igrejas que acha isso muito mais fácil, porque eu... tem os evangélicos lá, eles dizem: "na nossa Igreja não se bebe e não se fuma!", pronto é mais fácil dizer que não, do que conscientizar... Né?

João: Perfeito!

Rodolfo: Então tem uns que só usa o Novo Testamento, tem Igreja que o que vale é o Novo Testamento, é mais fácil, porque... e não faz a invocação muito dessa coisa lá atrás, ele não entende, a gente tem dificuldade, eu tenho porque a gente não estudou esses anos todos que nem vocês, é lógico que não, eu fiz o meu curso de de de... [...]

João: De Pastor leigo?

Rodolfo: Não, não... Diaconia não, como é que é esse curso de... quais são os quatro tipos de... [...]

João: Catequese.

Rodolfo: Catequese, de catequese que eu fiz foi nas férias, né. Três anos né sempre... e daí ali que a gente fez, fiz dois de de de conhecimento biblio... de Bíblia também né, mas mesmo

assim a gente não sabe o troço, tu tem que, quando tu começa a ler, quando eu leio um textozinho lá na frente, aí eu começo a ler no começo do capítulo e mais uns dois três lá diante pra mim me entrosar melhor, então isso... tem que ser mais o discurso tem que ser mais atualizado e tem que ser mais enfático, tem que ser mais enfático, porque aqui na Comunidade Pastor, nós temos 1500 famílias e tem mês que não tem dinheiro pra pagar os Pastor. Agora também convenhamos, aqui tem duas Comunidades, embora tenha 1500 famílias tem duas Comunidades só, e tem dois Pastor, isso é um absurdo, isso é absurdo, quando tem lugar na IECLB que não tem Pastor e precisava e não sei o que né. Tá certo tem esse problema lá de casados Pastor e Pastora tinha que ser proibido né (risos). Não, isso é brincadeira. Mas então, o problema é que atingir o cara Pastor, atingir o cara, e depois muito muito assim né... eu sou um cara que quando pregava lá em cima de vez em quando eu baixava a voz como se ficasse quieto né, de repente eu batia com a mão em cima do troço lá que chegava pular os caras pa.

João: Perfeito. Oh... Rodolfo, eu só queria... já chegamos...

Rodolfo: Tem lugar eu fui independente, só pra terminar, independente, só pra responder a sua pergunta, Independência eu fui duas vezes, os cara lá queriam fazer LELUT, meu irmão mora lá, ele era presidente da Paróquia, mas quando eu fui ele já não era mais, mas ele me deu força e (incompreensível), o povo queria, até o Prefeito tava lá. Uma Comunidade pequena, tinha quase 50 pessoas quando eu fui lá falar, todo mundo me conhecida também: "ah o Rodolfo vem cá falar, vamos lá fazer uma janta, e o Rodolfo vai falar duas", os "não, nós queremos fazer esse troço", duas vezes. O Pastor disse, não eu não quero esse negócio (incompreensível) dizia em alemão, eu já tenho suficientemente que chega serviço, e não tem até hoje. Então isso existe, existe hoje ainda em alguns lugares. E outros lugares lá em... na abrangência dos caras de Curitiba, que dominam lá com aquele discurso lá do... [...]

João: Do Enconção?

Rodolfo: Do Enconção! Esses cara lá são contra a LELUT, porque eles descobriram o seguinte, e a MEUC é meio contra. Por que? Porque eles são contra? Porque se eles vão ser a favor de nós que discurso eles tem ainda pra eles também atuar? Uma LELUT verdadeira atua no espiritual e no diaconal, mas fortemente no diaconal, e justamente o diaconal que também falta para fortalecer o espiritual, porque tem aquela coisa lá né, muito. Antigamente a Igreja começou como? Pelo, pelo material e depois a construção de escolas, igrejas, e aí começou a se desenvolver mais o espiritual, embora claro que tinha fundamentação espiritual atrás disso, eu sei... Mas daí depois começou a se pregar muito: "não, a parte material essa coisa diaconal

vamos supor, ela tem que vir pelo espiritual!", seria o certo, porque toda pessoa tocada, convencida... Hoje a nível nacional, a nossa preocupação número 1, com os homens da LELUT é: espiritualizar os homens. Esse é o nosso objetivo administrativo, por por já vários anos, a ênfase, por isso que nós fizemos a LELUT, a convenção nacional em cima do espiritual, e sempre é convidado, nós temos um acordo... palestrante mor é Presidente da IECLB ou quem ele indicar quando não pode. Né, só trabalho em cima disso, pra mostrar que que nós temos ali não só no papel a parte espiritual e a diaconal ela acontece mais ou menos em cada Comunidade, com menos ênfase, com mais ênfase.

João: Isso depende, pra ter mais ênfase na Diaconia ou menos ênfase na Diaconia, é da motivação do Ministro ordenado, do Pastor?

Rodolfo: Eu acho.

João: E além disso quais...

(Interupção)

Rodolfo: Porque sim ele, mas os caras vão dizer: "tu acha que eu vou entrar num troço desse que o Pastor é contra?". Mas se o Pastor fala em todos os lugares que o Pastor entrou em contato comigo: "Rodolfo tu não pode vir aqui?" Porque o único cara que a Brasil, que a nível de Brasil, que faz essas palestras que vai, sou eu, não tem outro, por enquanto né. Então fui eu, daí em todos os lugares onde o Pastor me ligou: "diz Pastor, Rodolfo tu não podia vir aí fazer uma palestra sobre LELUT?" Em todos eles tem núcleo funcionando, e dos bons, uns dos bons. Porque eles sentem: "pô, o Pastor é a favor". [...]

João: Tá apoiando.

Rodolfo: [...] Tá apoiando, e eu vou fundo, eu vou no (incompreensível) no meu falar eu toco na profundidade, eu falo de verdade, ali em Teutônia outro dia eu pedi para o Pastor que tava lá, o baixinho, não me lembro mais agora o nome dele. Daí eu disse para ele: "tu tem, onde é que eu vou falar?", "por aqui", diz ele. Digo então: "me bota uma cadeira aqui, forte!", "mas porque essa a aqui não tá forte?", digo: "não, essa aqui pode quebrar, porque eu preciso fazer um negócio, aí eu preciso de uma cadeira forte, e a mesa também (incompreensível)". Porque tem horas que eu falo com os cara né, comigo não tem ninguém que dorme, tem hora que os caras tem... tinha 50 cara lá, de repente eu vi que tinha uns lá meio... de repente de repente eu tava parado em cima da mesa... (risos) eu trepo em cima da mesa e começo a gritar com os

caras, não tem quem não acorda. Nós fizemos convênio com a LELUT, com a Juventude, porque ali que tá o outro outro foco, que nós temos que pegar, e agora nós conseguimos fazer uma parceria, nós fizemos um projeto em parceria... [...]

João: Aqui, aqui na Paróquia?

Rodolfo: Não, a nível nacional.

João: A nível nacional.

Rodolfo: Projeto... fala lá com a... como que é... [...]

João: Martina.

Rodolfo: [...] Com a Martina, nós assinamos esse acordo, onde não tem LELUT a juventude... e tem juventude eles é pra ajudar a criar uma LELUT, e onde não tem juventude a LELUT é pra ajudar a criar uma coisa...

João: Que bacana cara... que baita parceria.

Rodolfo: Nós temos um... esse projeto foi lançado na última convenção nacional, coisa prática, isso pra mim faz parte do serviço diaconal.

João: Perfeito. Oh... Rodolfo, você disse que o Pastor tem que tocar no coração das pessoas pra despertar.... [...]

Rodolfo: Tentar né.

João: [...] Tentar né, você acha que se o Pastor não fizer isso dificilmente as pessoas se engajam numa... pra ajudar o próximo?

Rodolfo: Com certeza. Qual é, o qual é o sentido, qual é o sentido? Porque que o cara não vai na Igreja, essa história ali ele já falou mil vezes, não mas mas traz essa mesma prédica com uma coisa atual, uma coisa... de vez em quando o Pastor tem que xingar. Ele não pode ser aquele cara: "ah... porque não sei o que". Eles preferem, a maioria, preferem lá em cima do altar, largar indireta política e coisa, pra o que? Pra afastar o membro... e isso que é o erro de muitos Pastores, eu sei por que a minha mulher tem WhatsApp né, eu não tenho, quando tinha o negócio das eleições aí do Bolsonaro e do Lula eu sei dos envolvimento que teve. Eu sei dos troço que deu, nós tínhamos um grupo de WhatsApp onde nós, da diretoria e os coordenadores sinodais, se se comunicavam grupo fechado, aquele negócio lá, por causa

dessa política né, que um Pastor e o marido de Pastora e começaram a jogar política no troço, desmanchou o grupo. Cada um tem o direito de ser ou ter seu partido político, larga isso da Igreja, não tem nada que ver, não tem nada que ver, um é... e até porque que partido existe no Brasil, com 50 partidos existentes, 32 lá comandando, existe um partido que tu pode dizer, quem é centro, quem é direita, quem que é lá... (incompreensível) Não dá pra nem dizer... e ainda vão brigar por causa disso? Isso é bobagem.

João: Tá certo!

Rodolfo: Então, se o Pastor diz: aqui não tem LELUT nós vamos criar uma LELUT. Mas o que que é LELUT? Oia mais ou menos eu sei, mas eu posso chamar um cara aqui. Outro dia eu fui lá em Rondon, no Paraná, lá no Alvori, fiz uma palestra lá, mas não oficializada. E o que que eu queria te dizer é o seguinte: onde o Enconção atua tem muito grupo de homem se reunindo, muitos nós sabemos, talvez tem mais grupo de homens se reunindo, grupo de homens ou talvez mesma quantia do que núcleos da LELUT, porque nós temos só 61 oficializados, tem que fazer um requerimento, o Pastor tem que assinar, o presidente da paróquia tem que assinar, pedido tudo direitinho pra não...

João: Mas porque que tu acha que o Enconção é tão contra o a LELUT? Qual a justificativa pra isso?

Rodolfo: Porque eles têm medo que daí eles não podem mais comandar o espetáculo. Claro, eles não querem.... eles são contra, o nosso vice-presidente foi lá no encontro que eles tinham lá em Curitiba, eu não pude ir porque eu tinha outro encontro aqui, lamentei muito não poder ir, mas como ele morava perto lá ele é de Massaranduba - SC, ele foi lá... (incompreensível) oia, ele foi lá passou o dia com os caras, não produziu um fruto, o dia inteiro e numa convenção que eles tinham sobre todos os grupos de homens dos troço lá. Porque os dirigentes maiores que são os Pastores desses grupos fanáticos nesse troço lá não abrem, eles não querem. Pô se os caras da LELUT vão aí eles olham de repente nos regulamentos e coisa: "(incompreensível) esses caras vão atuar do jeito que diz aí". Mas qual é o, que discurso nós vamos ter para nós ainda ter o nosso troço? (incompreensível) então uma Igreja que é, uma é um troço, um grupo não pode ser entrave para o outro, eu vivo dizendo nas minhas palestras. Uma vez nós tinha um problema em Santa Cruz, a OASE não queria deixar instalar LELUT, me acredita? (risos) Porque lá em Santa Cruz uma coisa tradicional, antiga, pioneira do troço né, forte... Igreja forte, Comunidade forte lá, mas os cara tinha cada peleia, cada encrenca... Eu fui duas vezes lá, pra apaziguar o troço, pra dizer pra os cara. Eu perguntei para os cara,

quando comecei eu disse, citei o (incompreensível) aquele, o texto, a minha saudação é aquela: "amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Fiz a minha saudação, a primeira pergunta que eu fiz pra os cara lá, era Comunidade, mulher e tudo reunido lá. Porque eu quando vou lá dar um discurso pra fundar, discurso é modo de dizer, quando quero fundar um núcleo eu não quero só os homens, os homens que estão interessados, pra esses eu não preciso falar, eles já estão convencidos, eu quero que o Pastor convite a Comunidade toda no Culto e manda vir a mulherada, os filhos, quem tiver, e quantos já aproveitaram, eles fizeram almoço né, e daí de manhã faz um culto mais curto um pouquinho né, foi feito por exemplo em Capanema, foi feito isso né. E depois a gente se reunia no salão. E eu fui falar, de repente os caras disseram: "tá na hora do almoço", eu disse pra os churrasqueiro: "oh... desculpe, mas ergue a carne porque eu não tô pronto", brincadeira, eu sou muito brincar, sabe de brincar: "ergue a carne que não tô pronto", aí eles dão risada e coisa. Ali fizemos o núcleo, então a coisa,... tem que haver uma sinergia Pastor, uma sinergia.

João: Sim, sim, sim!

Rodolfo: Uma sinergia, lá até que nós conseguimos convencer os cara pra... lá em Santa Cruz, para eles poder fazer. Aqui ainda temos um problema, a OASE daqui é dona de tudo, porque aqui é diferente, aqui é como se os empregados fosse os dono e o dono fosse empregado. Porque aqui tem uma quadra inteira, com o pavilhão grande em cima, bonito, organizado, bonito não sei se tu conhece, tem tem a residência do Pastor com dois pisos.

João: A residência eu conheço...

Rodolfo: Seguradora... tem ali a secretária, tudo esse negócio... é tudo da OASE, com estatuto registrado, já tinha antes que veio aquela onda agora de os estatuto. Isso, eles já tinham estatuto do tempo de antigamente, antes da Comunidade, Comunidade não se mexeu a OASE foi lá se mexeu, a OASE aqui tem uma casa, a OASE aqui tem tem um apartamento, o carro que tem na Paróquia é da OASE né. Aí tu não pode fazer nada ali, tu tem que primeiro te ajoelhar na frente da OASE e pedir: "escuta por gentileza, vocês nos emprestam o salão pra nós poder usar para fazer um troço?". Mas isso não tem cabimento numa Comunidade um troço desses, fica tudo chaveado: as louças tudo chaveado. Daí eles vão lá quando nós queremos fazer um janta, tem cinco por ano (incompreensível). Aí eles vão lá e tiram, contam tantas facas, tantos não sei o que, tantos não sei o que, contam tomam nota tudo direitinho, depois vão lá receber. Mas vá pra os quinto dos infernos, mas onde que se viu uma coisa dessas Pastor? Mas isso é Comunidade?

João: São as contradições né.

Rodolfo: Mas isso, por isso que as coisas não funciona, por isso que não funciona. A OASE aqui tem 30, tinha de 1500 famílias, 1500 famílias tinha que ter o que? Umas 400 mulher, tem, não tem mais 100, porque as outras diz: "eu não vou lá, porque as véia mandam e desmanda e fazem, a gente não pode dar nem um palpite nem nada, nem não sei o que", (incompreensível). E por que não fazer? Em Ijuí tem OASE normal, tempo que eu tava lá tinha quinhentas e poucas, comunidade também tem ao redor de 1300 membros, famílias. Tinha a OASE das alemoas, dos alemão, que a mulher do Kierkein, agora me lembre do nome que morreu, o cara que não deixava tomar bebida bebida alcoólica né. Aí a mulher do Kierkhain fala alemão e sabe... ela dirigi as 80 e poucas que são de alemão, e daí de repente quando eu casei fiz o movimento, a minha aí era de outra Igreja e não fala alemão e nada e daí: "porque não fazer uma OASE de noite?" No começo tinha 3, 4, mas Jesus não disse: "onde dois ou três estiver reunidos estarei com eles?" Hoje tem, não sei mais certo, mas entre 20 e 30, a OASE noturna. Mas porque não faz uma OASE noturna? Já não tem grupo de... lá ainda tem os casais reencontrastes né, então ali, a nossa Igreja ela, eu fico... [...]

João: Falta esse sentimento de pertença né, de unidade.

Rodolfo: Eu fico loco, porque no começo quando eu comecei a viajar, fazer negócio, tinha um milhão quinhentos mil, agora tem... O cara me pergunta quantos membros nós temos no Brasil? 786 mil, pô cara a metade.

João: Oh... Rodolfo, te perguntar agora, não só os homens da LELUT, mas também tua opinião em relação aos homens em geral da Igreja, você acredita que, em termos gerais, eles se interessam pela Diaconia ou poderiam se interessar mais? São comprometidos ou não são?

Rodolfo: Olha, eu acho o seguinte: se nós tivéssemos mentores obreiros como Jesus falou, e os apóstolos falaram, que fosse a frente, nós íamos conseguir muita colaboração, mas também esses também faltam. Então a gente como Igreja Pastor, não consegue nem tocar o suficiente os chamados obreiros. Vamos olhar certo o que diz na Bíblia, como tem... como devia ser escolhido uma diretori... o presbitério! Se nós queremos escolher o presbitério como diz lá nós não vamos nós não vamos ter diretoria mais, porque os caras que podiam ser não aceitam, e como é que o cristão pode negar quando for convidado ser do presbitério, negar ser da diretoria. Que argumentos ele tem como cristão? Aí eu pergunto: ele é cristão ou não é? A

minha palavra final, a hora que tu terminar eu quero dizer ainda. Quando tu tem mais perguntas aí?

João: Tem, tem, tem mais umas três.

Rodolfo: Vamo lá, vamo lá, vamos lá...

João: Você acredita que há elementos culturais, econômicos ou religiosos responsáveis por dificultar ou impedir um desenvolvimento maior da consciência diaconal das pessoas, dos homens especialmente?

Rodolfo: Elementos?

João: Culturais... até políticos, religiosos que serve como inibidor, um inibidor de dessa consciência né, desse da pessoa perceber a importância da Diaconia.

Rodolfo: Eu entendo que o trabalho... foco que nós estamos fazendo na LELUT da espiritualização do homem é o começo do troço. Quanto mais nós vamos conseguir conseguir espiritualizar os homens, tanto mais nós vamos atingir eles na cultura, e tanto mais atingidos na cultura, a partir da espiritualização, nós vamos produzir os efeitos. Por isso que tanto a gente tem esse negócio, porque antes dessa nova era da LELUT nós não tínhamos ali na Missão, era só Diaconia, porque hoje não pode ter nenhuma reunião sem ter um estudo bíblico. Nem sempre é um estudo bíblico, aqui nós até conseguirmos isso, só que daí se exagera, e aí outro erro, outro erro. Você tem que ir na LELUT pra poder desenvolver a Diaconia, conseguir atrair mais legionários, mais membros pra ser legionários, porque a sinergia, a união faz a força né. E como, e aí você não pode num grupo de LELUT, você só fazer estudo bíblico, toda reunião estudo bíblico, estudo bíblico. Você vai começar com uma mensagem é óbvio, você vai fazer oração, você vai cantar, mas não toda vez estudo bíblico, lá de repente faça uma, traz um cara da uma palestra, por exemplo, na quando é na época de fazer declaração de renda, eu fazia isso muito lá em Panambi, e repetia até em Panambi e Ijuí, chama um cara que é super esperto em declaração de renda, todo mundo fica interessado. Outra vez traz um médico que é... eu trouxe lá um cara mas encheu... mas tem que fazer propaganda: "vai vim um médico falar de próstata, de câncer na próstata". Pô não teve um homem que ficou em casa e uns vieram juntos, me lembro lá em Ijuí, tem dois caras que ficaram legionário por causa disso, eles vieram no troço e gostaram, quer dizer você tem que entrar, por isso que eu digo: a espiritualização entra dentro da cultura do troço. Tu tem que unir, tu tem que achar o meio... eu sou muito da teoria do meio termo Pastor.

João: Do equilíbrio.

Rodolfo: É... mas também não, tem outros caras lá que... por exemplo, em Joinville tem só meia dúzia de gato pingado ainda. Sabe porquê? Porque lá os cara (incompreensível) diz assim: "Rodolfo quando é que tu vai lá pra ver... jogar bocha". Eles dizem bocha, jogar bocha, aí se reúnem, jogam bocha e fazem uma oração na hora da mesa ali só pronto, não esse não é o objetivo. Uma vez lá em Horizontina inventaram de querer jogar baralho, e até o Pastor entrou, vinham mais cedo pra sentar na mesa e jogar baralho. Eu disse: "não é recomendado." Como era Pastor eu não disse: "não pode!", "não é recomendado."

João: Mas ao mesmo tempo tem grupo que faz isso, que se reúne.

Rodolfo: Você pode fazer, não é porque eu sou contra o baralho, fazem um jogo de baralho, mas não faz na reunião da LELUT meu caro, aí que tá a diferença, você tem que saber selecionar o troço. Tu entende Pastor?

João: Para que o grupo não perca o foco né.

Rodolfo: Exatamente Pastor, gostei da sua...

João: Oh... Rodolfo, queria te perguntar ainda, você acredita que... e é possível observar dentro dos grupos de homens da IECLB a existência de preconceitos em relação a algum grupo social? Algum grupo que aí a gente cultiva, alimenta preconceitos, e quais são esses grupos?

Rodolfo: Não digo grupo social.

João: Publico...

Rodolfo: É... tem muito preconceito, e eu tenho sofrido muito com isso é a questão de gênero. Isso é muito forte nos grupos da LELUT, muito forte, os cara me botaram contra a parede na última vez quando nós tínhamos uma Assembleia, porque a Assembleia é com os Coordenadores Sinodais e Diretoria, e disseram pra mim: "vê se escolhe um palestrante que não venha falar de gênero", porque essa questão de gênero se distorceu, e ainda a Igreja é infeliz, me bota um departamento, e inclui no nome do departamento a palavra gênero. Usa um outro jeito, mas não usa esse troço que complica, também isso a gente tem que pensar, a exemplo do nosso nome, depois que nós começamos a chamar LELUT cara, ô só vai... não

tem mais ninguém, ninguém mais fala que aquilo é legião de diabo, de não sei o que e não é evangélico, é LELUT, pronto.

João: É a forma como se coloca as coisas, né?

Rodolfo: Exato, tem tudo haver, então a coisa não é tão fácil assim, mas também não é difícil. É também pensar um pouco que querer, é ser mais prático, porque a IECLB Pastor, ela é teórica demais, ela é uma Igreja muito sábia, muito estudada, é uma Igreja, pra mim é a melhor porque eu tô nela né (risos), com conceituação, com troço fixo. mas eu te digo uma coisa: se Lutero levantasse hoje, e viesse ver a IECLB no Brasil aqui, será que ele não ia fazer uma contrarreforma?

João: Uma boa pergunta.

Rodolfo: Por que vamos ver, vamos ver a fundo. Eu não li todos os livros do Lutero, eu li alguma coisa, mas vamos ver a fundo o que Lutero falou, o que que ele quis, o que ele projetou. Como que as Comunidades vivam vivem dentro disso? "Ah eu sou Luterano, eu sou Luterano!" Eu não sou por exemplo contra dançar, que nós tinha uma Pastor aí, lá em Panambi que era contra a dança, ele dizia: "eu não posso dançar porquê...", digo: " mais porque que não pode dançar?" "não, se eu vou dançar", diz ele: "tu ta abraçando tua mulher e ta olhando para a mulher do outro.". Mas que cabeça é essa? E a minha mulher não está olhando também pra outro homem? Tem isso também ele pensa. Pô, mas vem cá, então o que falta? Espiritualizar as pessoas, para não ter esse conceito, que o próprio Pastor tem... eu sou contra esse bailes de forró dessas porcarias, eu nem vou em baile, se era pra mim arrumar (incompreensível) uma esposa em baile eu não teria até hoje, mas também não sou contra. Beber cerveja de coisa, lá em Panambi, tinha 18 na época, hoje tem quase 100, porque quando eu fui presidente na terceira reunião que eu disse eu avisei pra eles: "a partir da próxima reunião vocês podem, vai ter cerveja pra beber." Aí eu disse para os cara: "eu disse beber cerveja e não tomar cerveja."

João: (risos) São coisas bem diferentes, né.

Rodolfo: "Eu espero que nos próximos 30, 40 anos não saia nenhum legionário daqui de dentro tonto, que dissá bêbado, eu disse. Com força, com determinação, que que custa você sentar e tomar uma cerveja com teu amigo, nós temos, nós não queremos ensinar a beber. Jesus não disse nunca que não era para beber, ele não fui lá transformou água em vinho, para

os cara continuar a festa? Ele disse em algum lugar que... ele falou de beberisses né? Não vós deis a beberisses, isso foi falado várias vezes.

João: O excesso é condenado...

Rodolfo: Aí que tá. O que mais?

João: Oh... Rodolfo, em relação ao público... aos gays, aos negros, a população afrodescendente, quais quais são os grupos ainda que tu acha que são os...pelos quais os... não só os legionários, mas os homens em si cultivam mais preconceitos?

Rodolfo: Com certeza os gay!

João: Os gay...

Rodolfo: Os afrodescendente... não existe mais isso, isso é conversa fiada, oia eu tenho amigos que são negrão aí, os cara diz olha quem são os preconceituosos são somos nós negão aí, não é vocês. Né, os afrodescendentes não tem problema nenhum e até porque se fosse assim preconceito de raça então tinha... no Brasil não tem só negro minoritário, até que os negros depois de nós são majoritário acho.

João: A maioria da população.

Rodolfo: Pois então... então não tem essa frescura, e os outros? E os outros descendentes aí, nunca vi os caras reclamar, xingar não sei o que, não, se impõe pela competência. Né agora...

João: Além dos além dos gays tem mais algum público que você percebe?

Rodolfo: Não, acho que não. Os gays e as lésbicas, mas as lésbicas podem não aparecer, porque as lésbicas já tinha, antigamente tinha, talvez antes que os gays né, e não aparecia, né? É mais, é mais sutil o troço né, mais né...

João: Uma última pergunta um pouco mais mais mais polêmica, mas ela precisa ser feita, tu acha que há uma, alguma perspectiva sócio-política que predomina entre os homens da IECLB, ou não?

Rodolfo: Entre os homens? Sócio-política? Não só penso como tenho certeza, porque isso eu notei, eu não sabia isso, eu notei agora na última eleição. Cara! Os cara me telefonaram, mas esse tal de Rodolfo também não nasci ontem né, eu consegui não me envolver, a sorte foi que eu não tinha WhatsApp, então meu número tá no WhatsApp, usam o WhatsApp da mulher

pra me dar as vez recados e coisas assim. Mas eu consegui não em envolver, porque eles queriam de qualquer jeito me envolver.

João: Em que sentido, por que?

Rodolfo: Não, pra me manifestar politicamente.

João: Pra qual lado?

Rodolfo: Nunca tive, eu tive proposta na minha vida profissional, a gente sabe como gerente de banco (incompreensível) ocupa um certo nível né... queira ou não queira tu tem... mas ai eu fui convidado por vários partidos pra ingressar, não quero. Partido político não me serve, porque no partido político primeiro lugar você tem que ser mentiroso, porque quem não sabe mentir né, não não logra progresso na política e quem disse que é político e diz que não mente já tá mentindo de novo, isso é líquido e certo né. Então, porque inclusive... talvez a liderança maior, tirando fora os Pastor, a liderança maior da IECLB é... são os piores.

João: As lideranças da de Porto Alegre ou das Comunidades?

Rodolfo: Não, não, as lideranças comunitárias em geral, onde eu atuo como LELUT.

João: São piores em que sentido?

Rodolfo: Na última eleição foi a manifestação anti Lula né, e aí por sua vez eu recebi [...]

João: Anti Lula?

Rodolfo: [...] É... anti Lula... anti Lula, e ai eu recebi outra vez as lideranças não... e aí e os Pastores pelo contrário...

João: Pró Lula...

Rodolfo: Pró Lula... inclusive em cima... quem tem um pouco de inteligência, e sabe pegar coisa... tem gente aqui na Igreja, aqui na nossa Comunidade, inclusive tem três que saíram da LELUT por causa da política, porque o Pastor tentou impor na marra que tinha que votar no Lula, e nas manifestações e redes sociais. Isso não pode existir... na Comunidade tem gente que não vai mais no culto por causa desse troço.

João: Então pode ser...

Rodolfo: Pastor tem que pensar que lá na minha freguesia tem gente dos 52 partidos existentes no Brasil, e não pode... tem que cuidar no tempo de política, principalmente nas suas nas suas interpretações da Palavra, porque você tem como cuidar isso... é só você... porque tudo na vida é assim, se você quer ter uma tendência para puxar o tapete de um (incompreensível) etc, e tal né.

João: Então em termos gerais a tua, a tua, a sua intuição e é mais que intuição é quase que uma certeza é que entre os Pastores predomina uma perspectiva pró Lula...

Rodolfo: Socialista, socialista, não Lula, socialista.

João: Socialista. E entre os membros, a maioria deles...

Rodolfo: A liderança, principal liderança que ocupa cargos com certeza menos. Tem gente claro, isso aí...

João: E são conservadores daí ou não, o outro lado?

Rodolfo: Mais ou menos, conservadorismo, pela experiência, pelos caras que tão ali nas lideranças, são os caras que tem 50 anos, 60 anos, 40 ano, eles viveram um tempo profícuo de de de conservadorismo pra ser conservadorista, então por isso também né, então eu acho que...

João: E de alguma forma isso atrapalha a Diaconia por que causa, igual você disse, muita briga, muita confusão, muito conflito.

Rodolfo: Claro, nós tivemos, nós tivemos depois da eleição, aqui na LELUT tem acho que 5 que saíram da LELUT, eles não disseram alguns que era por causa da política, mas uns quantos... dois eles disseram convictamente, que saíram por causa disso, que eles não compactuam com uma Igreja que é declaradamente socialista, eles disseram. Mas que também a Igreja fosse ter feito isso né, mas existe essa tendência. E eu não sei porque cargas da água isso é tão forte entre vocês lá da da EST, é muito forte né, eu sei também que o socialismo verdadeiro, o socialismo verdadeiro ele encaixa no cristianismo né, agora se você vai querer que o capitalismo se encaixa, é óbvio que não né.

João: Ok!

Rodolfo: Nós temos que conviver com isso né Pastor.

João: Exatamente, exatamente.

Rodolfo: Por que nós não conseguimos conviver sem grana né, e a gente tem que ter jogo, a gente tem que ter jogo de cintura nisso.

João: Todo mundo tem que comer né.

Rodolfo: Eu fui professor, não, eu fui nomeado declaradamente no tempo da ditadura, era um tal de Arena não sei se tu lembra disso e sabe.

João: Pela história...

Rodolfo: É, tinha a tal de Arena e tinha a tal de MDB, daí os cara... como foi um delegado de ensino quem me nomeou para lá, os cara me taxaram que eu era da Arena, que eu era um dos cara que... revolucionário vamos supor, nem que a gente não fosse. Mas fui lá naquela Comunidade, lá tinha duas Comunidades uma era dos militares e outra era os contra. Arena, MDB e o cara me nomeou no... como diz, professor lá e depois diretor, lá onde era os cara do PMDB e os cara... e todo mundo que tava lá: "(incompreensível) esse cara vai incomodar, esse cara é da Arena declaradamente.", embora talvez pela vivência bonita que a gente teve, meu pai, meus irmãos e eu naquele tempo, a gente não fosse contra. Eu sou contra a ditadura, acho ditadura de qualquer tipo... sou contra. Mas o período em que a gente viveu foi de... foi muito bom, foi bom, a gente conseguiu comprar as coisas, tanto meu pai que era agricultor, meu outro irmão trabalhava na prefeitura, meu outro era agricultor, eu era professor, não tinha problema quem era direito, quem era justo, quem era honesto, quem era trabalhador, quem não se envolvia nem... eles não incomodavam ninguém, eles não mataram ninguém (incompreensível), claro mataram, hoje eles matam por dia mil e... agora morrem de Coronavirus, mas matam 2000 por dia. Em todo período dos militares foi morto 400 e pouco então (incompreensível). Não é o caso... o problema dos militares é que depois de 10 anos que tava no auge da... eu tenho até uma revista guardada ali: "Seleções do Readers Digest", onde diz: "o milagre brasileiro", escrito lá depois (incompreensível) os militar deviam ter largado troço, e não ficado no poder, mas aí vem aquela parte humana né, aquele capeta lá que né,

João: A mosquinha azul!

Rodolfo: Do poder, de gostar do poder, esse que foi o erro.

João: Mas Rodolfo, eu tô muito muito contemplado por tudo que você disse me ajudou bastante, vai nos ajudar muito né e muito obrigado... Eu posso parar gravação já então? Você deseja falar algo ainda?

Rodolfo: Eu quero encerrar, eu quero encerrar a gravação... o encerramento que eu faço nas minhas manifestações dos grupos e coisas assim quando principalmente vou fundar grupo: "Meus caros irmãos legionários, ...vamos ter, não só abrir a janela do coração para Jesus espiar para dentro, abram o cora... abram a porta para que Jesus possa entrar". O nosso membro faz isso, ele abre a janela para Jesus dar uma espiada, ele deixa Jesus dar uma espiada, mas falta ele abrir a porta para Jesus entrar.

João: Perfeito! E pra que isso aconteça o que que é necessário hoje, que tu acha?

Rodolfo: Pegarmos juntos, nós que sabemos... eu não digo: "eu sei!", espiritualizar, trabalhar na espiritualização (incompreensível), seja no campo que for. E ser mais enfáticos nesse negócio, e quando lá tem muitas palavras, porque o Pastor diz assim, as vez eu troco palavra com o Jair aqui, digo "Pastor não diga 'nós deveríamos, nós deveríamos fazer isso, nós deveríamos fazer aquilo, nós deveríamos' não existe deveríamos". Pra Deus existe deveríamos?

João: Nós temos...

Rodolfo: Pra Deus não existe, ou é ou não é. Né? Então, você tem certeza daquilo que Ele disse, que nós deveríamos, então diga nós temos que fazer isso, porque Jesus disse, porque o Apóstolo Pedro disse, o que o Apóstolo Paulo disse, porque Deus disse, pronto! Na lata, pra pegar, e não "nós deveríamos". É muito mole, as nossas pregação tem que ser mais [...]

João: Incisivas...

Rodolfo: [...] tem que ser mais enfáticas, mais direcionadas e deixar a política de fora (incompreensível), trabalha apoliticamente que você vai ver, eu fiz isso lá naquele lugar onde trabalhei lá. Não me envolvi em política nenhuma, não fiz nada, os mais fanáticos cara que me chamaram primeiro de não sei o que, depois era os cara que me aplaudiram.

João: Exatamente. Mas então é isso aí, eu vou encerrar a gravação então.

Rodolfo: Por mim pode encerrar.

ANEXO 6: ENTREVISTA ISABELLA

João: Alô, boa noite!

Isabella: Boa noite. Finalmente, me desculpa (incompreensível) confusão (incompreensível).

João: Capaz, muito obrigado Isabella, então, por achar uma brecha nessa tua agenda tão tão cheia né.

Isabella: Magina, capaz!

João: Isso ai..., então Isabella, a ideia dessa nossa conversa é identificar a sua perspectiva avaliativa a respeito de como a Diaconia acontece nos grupos de JE né. Ah, nós fizemos uma série de oito entrevistas, a cinco dessas entrevistas com pesquisadores da Diaconia na IECLB e três com as pessoas que são representantes legais dos três principais grupos que existem na IECLB: a OASE, LELUT e a JE, né. E que bom que você também topou a... mesmo que você já não é mais coordenadora... coordenadora da JE. Mas que bom que você topou porque você tem uma caminhada mais mais longa e um conhecimento maior a respeito dos bastidores que fazem parte da realidade da juventude luterana. Então, muito obrigado novamente e queria também te falar que eu vou pedir para você assinar o termo de consentimento também, porque faz parte da burocracia da pesquisa.

Isabella: Uhum, tranquilo.

João: (Incompreensível) você sabe muito bem disso como que é essas questões legais e se Deus quiser vai ter mundo ainda pós pandemia né e posso te... Você tá trabalhando Secretaria Geral agora né?

Isabella: Sim, aham... desde maio.

João: Pô bacana, aí eu te levo pessoalmente, ou a gente combina por e-mail. Tá bem?

Isabella: Aham.

João: Então Isabella, a primeira pergunta é qual a importância que a Diaconia tem para os grupos JE? Como você avalia essa relação?

Isabella: Uhum, ah... bom... a juventude, a gente acho que é tem esse... dá pra dizer né que que é motivada sempre a partir da ação né, isso não só na juventude da Igreja da IECLB, mas num todo né. Juventude é aquela faixa etária da vida que o pessoal quer sempre fazer alguma

coisa, se mobilizar, enfim. E eu acho que nesse sentido então a a gente via muitas ações acontecendo, não só na juventude né, mas em todas as comunidades né. Mas então falando de juventude né, muitas ações sociais acontecendo né e por isso também a gente teve esse... start assim, uma luz né, de estar trabalhando de Diaconia com a juventude né, porque a gente via que muitos grupos de JE mobilizado pelos Ministros e Ministras. Enfim a comunidade onde os grupos estavam fazendo ações que, dizendo que eram Diaconia ah... sem refletir sobre isso né, e ao mesmo tempo outros grupos então fazendo ações muito interessantes que podemos dizer que então é... de transformação de fato, dizendo Diaconia né, mas sem saber o que elas eram né. Qual é a motivação... então essa foi uma das nossas motivações assim trazer essa discussão sobre o que é Diaconia pra dentro da Juventude né, e eu acho que então essas coisas assim casaram né, a gente vê esse movimento da Juventude tão importante pra dentro da Igreja também né, e só faltava ainda essa reflexão né. Então era uma das nossas... foi uma das nossas nossas intensões quando a gente trouxe esse assunto pra ser discutido nessa campanha né, que a gente já também ouviu falar por aí: "Juventudes e Diaconia" né, então foi por aí, e a gente... nós vimos então que foi muito interessante essa daí né. Enquanto pessoas pessoas cristãs também, a importância de saber o porquê nós fazemos Diaconia né. E nesse sentido então trabalhar isso com a juventude, visto que ela é esse grupo que quer agir, que quer fazer coisas... e tem esse espírito de mudança, de transformação nato dentro de si né [...].

João: Sim!

Isabella: [...] então nesse sentido assim.

João: Perfeito. Oh Isabella, e qual foi o saldo daquele especificamente do projeto "Juventudes e Diaconia"?

Isabella: Então... pra eu te dizer com mais certeza eu vou precisar olhar ali nas minhas coisas, depois posso te passar assim certinho, foi feito um levantamento com números e tal... Mas... é porque essa campanha ela iniciou em 2015, e a gente caminhou com ela mais ou menos então até 2017 por aí, né 2018, o Congrenaje de 2018 foi mais ou menos o fechamento dela né. Nós fizemos (incompreensível) uma formação a nível nacional com jovens de todos os Sínodos né, nossa intenção era trabalhar com a juventude de todos os Sínodos, englobar a juventude de todos os Sínodos, apenas um Sínodo que não participou dessa formação a nível nacional né. Então a gente pode dizer que os outros dezessete Sínodos foram alcançados né, pelo menos uma pessoa. Alguns Sínodos com uma, duas pessoas e outros (incompreensível) como foi o caso do Sínodo Espírito Santo né. Ah... então começamos por aí né, trabalhamos com pessoas

de dezessete Sínodos da IECLB sobre o que é Diaconia, o que é motivação então da Diaconia né, e a nossa nosso objetivo principal era, como essa campanha ela era relacionada com os 500 anos da reforma né, (incompreensível) buscando que todos os Sínodos dá IECLB né, (incompreensível). E aí a maioria dos Sínodos então voltou... as pessoas que vieram pra formação voltaram para seus Sínodos (incompreensível) seminários de formação a exemplo desse mesmo que nós realizamos nacionalmente né. Então motivaram as comunidades que pensassem junto, que não só o grupo de jovens (incompreensível), mas a comunidade como um todo em conjunto, também ações diaconais. E aí nós tivemos, (incompreensível) foram muito bem nessa e outros daí também (incompreensível) de grupo de jovens né, a gente sabe que é sempre bastante instável entre altos e baixos né, mas alguns Sínodos então desenvolveram ações muito interessantes né, e outros Sínodos não avançaram tanto, mas assim a gente tem, daí como te disse antes, tem um número assim que a gente fez um levantamento, eu posso ver isso pra ti. Ah... mas o que pode, a gente pode afirmar é que, ao menos (incompreensível) a nossa parte que que era levar a Diaconia para os Sínodos (incompreensível) das juventudes nós conseguimos alcançar... (incompreensível) [...]

João: Perfeito!

Isabella: [...] (incompreensível) que foi um pra lançamento de campanha e outro para o final (incompreensível) instrumento de avaliação (incompreensível) e partilha dos resultados e também celebração depois né.

João: Show, bacana. Oh Isabella e quais são os principais temas e públicos preferidos da da Juventude Evangélica?

Isabella: Então, ah..., logo depois dessa campanha "Juventudes e Diaconia" veio o Congrenaje né: "Vida digna nosso compromisso", né. Motivado não só por essa campanha, ela ajudou claro, mas por todo o contexto que nós estávamos vivendo naquele período, achávamos que não podia piorar, mas né, (risos) e ali nós fizemos alguns levantamentos de temáticas interessantes. (Incompreensível) os painéis (incompreensível). Esses temas eles foram escolhidos pelo CONAJE na época, né. E o CONAJE então é a representação nacional da juventude né, teoricamente de todos os Sínodos ali né. Ah (incompreensível) nós trabalhamos a questão por exemplo, saneamento básico, direito a água né, ah... direito e acesso a comunicação (incompreensível) também né, o direito a terra, a questão então também (incompreensível). Mas assim, pelo que nós (incompreensível) desenvolvendo (incompreensível) materiais né, justiça de gênero e

então a questão da violência contra a mulher é um tema pertinente né, agora também tava (incompreensível) em alta a questão, tem uma nova campanha, a questão justiça ambiental também né, (incompreensível) com a pessoas idosas, e nessa campanha juventudes e pessoas idosas que é também um segmento da campanha "Juventude e Diaconia" né. Nós vimos bastante que ações nesse sentido assim, então de cuidado com a pessoa idosa e olhar pra pessoa idosa, tanto para a pessoa idosa (incompreensível), com esse cuidado então não simplesmente também fazer uma boa ação atual, uma assistência né, mas de fato algo que acrescente, transforme a realidade da pessoa idosa né, onde ela estiver. Então foram temas bastante pertinente assim, e que eu acho que acabaram por marcar bastante esses últimos anos na juventude da IECLB.

João: Perfeito! Oh Isabella, quando a gente caminha por aí, pelos interiores da IECLB e o que mais tem na IECLB é interior né, (risos) a IECLB é uma Igreja de interior, e a gente percebe que a Diaconia que é promovida pela OASE por exemplo, ela é diferente da Diaconia que é promovida pela JE. Por exemplo, a questão ambiental eu nunca vi até hoje um grupo de OASE assumir uma um projeto diaconal a... que de plantar árvores por exemplo né, e nos grupos de JE é um dos temas preferidos né, ou seja, parece que esses temas que exigem uma visão mais sistêmica, que (incompreensível) uma perspectiva diaconal mais profética, a JE tem mais facilidade de assumir do que os outros grupos dentro da IECLB né. Você você tem como nos dar uma luz: o porquê disso? Há uma formação por trás ou faz parte desse ímpeto juvenil?

Isabella: Eu acho que as duas coisas né, eu acho que... que nem a gente já comentou na primeira pergunta né, eu acho que é uma coisa tá muito intrínseca da juventude assim né, essa questão, e ao mesmo tempo eu acredito também que... justamente esses processos de formação sobre Diaconia, e mostrar pra juventude que a Diaconia não é simplesmente um assistencialismo, não tô dizendo que a OASE faz né, mas que que essa que a Diaconia de fato ela busca essa transformação, essa emancipação das pessoas, e que a Diaconia também não é... é ação também, mas (incompreensível) não é simplesmente (incompreensível) lá fazer, mas orar é uma ação né diaconal também. A questão então essa que tu me mostrou né do profetizar, do falar isso também é Diaconia né, então eu acho que perceber que essas formas todas são formas da gente contribuir é uma coisa que a gente busca, lutou e continua lutando com a juventude, eu acho que ajuda né, nesse sentido assim da gente percebe como que a gente pode fazer a diferença, acho que... Então é um mix das duas coisas assim né.

João: Sim! Isabella, quais são os elementos que ajudam..., que motivam a juventude a fazer Diaconia? É a pregação, os discurso, é a Secretária Geral, o que você identifica que são elementos que ajudam o despertar diaconal na JE luterana?

Isabella: Eu acredito que muito assim, e falo também da minha própria experiência assim né, são os espaços por onde a juventude circula dentro da Igreja né, tanto no âmbito comunitário nos nossos grupos, quanto também então a âmbito nacional né, acho que são espaços aonde isso essa reflexão ela é muito estimulada né, nesse sentido. Quero acreditar também que a pregação nesse sentido de... desse olhar cristão sempre na pra pessoa necessitada, enfim, pra situações de injustiça também. Então, mais aí é âmbito mais comunitário né, mas eu sinto isso assim daí, que nem eu disse, então falo por mim também né, a mudança de perspectiva de visão que a gente tem, dependendo dos espaços aonde a gente circula né, e a juventude a gente sabe que é um público assim muito, que pega as coisas assim por osmose né. Da onde eu estou aquele pensamento a gente vai construindo, vai conversando, vai dialogando e vai formando as minhas opiniões também né. Então eu acho que... que disso assim desses espaços a gente consegue consegue esse olhar da juventude né, não sei se respondi bem.

João: Perfeito. E quais são os principais espaços hoje que você percebe essa (incompreensível) motivação?

Isabella: Ah..., alguns dos nossos encontros sinodais né, a gente percebe, principalmente dos Sínodos que tem então uma identidade uma identificação ainda mais mais presente da teologia da libertação. Então eu acho que... nesses encontros sinodais a gente vê né, bastante esse diálogo, e também é proximidade. Então cada vez mais (incompreensível) coletivos formados a partir de então de lideranças ou pessoas de nossa Igreja né, tanto questões mais recentes como o Inclusão Luterana por exemplo, também (incompreensível) mais históricas, a própria PPL né. Eu acho que, (incompreensível) de formação assim, aonde a gente encontra esses grupos presentes são os mais assim com quais a juventude tem contato.

João: Perfeito! E por outro lado Isabella, quais são os elementos que dificultam ou atrapalham um desenvolvimento ainda maior da Diaconia entre a juventude?

Isabella: Eu acho que é justamente esse... um pouco desse desse olhar mais fechado ou dessa desse distanciamento assim de que... enfim, que vai desde das vezes do bloqueio de Ministros e Ministras né, de não trazer essa temática pra dentro do grupo, ou as vezes de trazer não, digamos de forma errada, mas de forma incompleta talvez, ou ou a partir da sua visão mais

pessoal ou não sei, e é eu acho um pouco isso, então essa questão desse bloqueio às vezes do grupo não consegui olhar pra fora né muito. [...]

João: Sim!

Isabella: [...] E eu acredito também um pouco da própria visão pessoal das pessoas né, porque assim como a ... o nosso contexto brasileiro, a IECLB está no contexto brasileiro, então essas mesmas visões que nós temos na nossa sociedade nós temos dentro da IECLB né, e nos mais determinados ah... níveis de lideranças né. Então eu acho que é um pouco isso, que acaba interferindo também assim.

João: Sim! Ah... tendo em vista que a IECLB ainda é um Igreja que que luta ainda contra os pastorcentrismo né, nós temos lideranças religiosas que centralizam bastante o poder, e você acredita que... qual a importância dos Ministros e Ministras ordenados para motivar a juventude a fazer Diaconia?

Isabella: É, não só no fazer Diaconia mas num todo assim, por mais que a gente ah... sempre esteja falando do protagonismo da juventude da importância de (incompreensível), a gente, que nem tu diz, a gente sabe que o pastorcentrismo existe, está presente, é uma realidade muito mais frequente do que a gente gostaria né... E pra quebrar isso é difícil, dos dois lados né, as vezes tanto do meio (incompreensível) fazendo as coisas, as vezes nem está percebendo que está centralizando tudo quanto por parte da juventude né, que as vezes encontra esse bloqueio ou que as vezes é acomodada em excesso. E nesse sentido assim a juventude ela, como eu disse também antes né, ela ela vai por altos e baixos, então às vezes a gente pega grupo de muita liderança, que querem fazer as coisas (incompreensível) frente, e às vezes a gente tem grupos um pelo jeito das pessoas que é mais acomodado né, ou (incompreensível) jovens muito jovens né, que ainda tem uma caminhada (incompreensível). Então eu acho que é um pouco disso, desse misto de a juventude tá em altos e baixos, não é todo grupo que vai conseguir levar as coisas adiante, não é todo grupo que (incompreensível) enfim. E aí acaba tendo os ciclos assim né porque... aí percebe que sim, por mais que a gente não queira o Ministro e a Ministra, é um peça fundamental pro diálogo com o grupo né, tanto dos grupos da comunidade, quanto a gente via no CONAJE nos Sínodos né, é uma queixa muito frequente assim, de falta de apoio de Ministros e Ministras para o trabalho com a juventude, pras ações da juventude, (incompreensível) ou de realizar fim né. Então, é, por mais que a gente estimule o protagonismo da juventude a gente sabe que isso também é um pouco natural

assim né, as vezes não tem como a gente lutar contra (incompreensível) as lideranças e o protagonismo né.

João: Perfeito. Oh Isabella, como você avalia ah... o nível de consciência e sensibilidade diaconal da juventude, assim de modo geral. Ah... assim as as os jovens, eles são propensos, ou seja, você já respondeu a parte dessa pergunta antes né, mas eles já são propensos a a agirem de forma diaconal? Ou não?

Isabella: Eu acho que sim, é, resta ter a questão do estímulo né, tanto em... na ação de fato quantos na reflexão, que eu acho que precisa vir primeiro né... É justamente essa questão assim né: a juventude ela quer fazer né, às vezes falta então essa questão um pouco de orientação. E e o que a gente sente sentiu sente falta é de fato um pouco ainda, mas isso é pode-se dever a inúmeros fatores tantas vezes a gente pega um pouco de... a juventude bem mais nova. Enfim, (incompreensível) reflexão ainda precisa ser mais estimulada né, mas justamente essa questão de... da transformação né que às vezes, por exemplo, agora nessa campanha então anterior: com as pessoas idosas a gente sentia: "Ah... a gente fez uma ação diaconal, foi lá no lar de idosos e fez uma visita, aí tocou umas músicas", mas ficou por isso mesmo né... Então..., essa questão é a questão do estímulo né, a gente sente que precisa ter um estímulo constante e ao mesmo tempo né, que nem eu também relacionado com aquela questão de antes né, e nesses espaços então que a gente vai sendo estimulado, estimulada, vai construindo essas nossas ideais, e vai querendo cada vez mais contribuir de alguma forma com nossos dons, dentro da Igreja, fora da Igreja, dos clubes da Igreja né, pra de fato gerar essa mudança aqui que a gente espera né.

João: Perfeito, bacana! Oh Isabella, você acredita que existem elementos econômicos, culturais e sociais que atrapalham esse despertar diaconal da juventude?

Isabella: Complexo.

João: Questões sociais, estruturas sociais né... presentes na sociedade, existe ou não existe, e quais?

Isabella: Sim! Primeiro né, a nossa juventude da IECLB, assim é, assim como toda a IECLB que era e ainda é em muitos lugares conhecida como a Igreja dos alemães né, a nossa juventude é é... são pessoas, é formada por pessoas jovens, na sua maioria com muitos privilégios né. Então... e ali já começam muitas questões sociais assim que a gente sente que primeiro (incompreensível) fazer as pessoas perceberem isso né. Que a realidade delas é

muito diferente da maioria das pessoas do Brasil né. Então é ali já é um passo muito importante assim, quando que a gente busca também trabalhar né. Eu já tive também em vários encontros também fazendo... representando a juventude e às vezes a gente chega aí (incompreensível) só de (incompreensível), e aí só de então chegar já tentam, já ficam olhando assim: "ah... essa gente não sabe os privilégios que tem e tudo mais", mas (incompreensível) justamente é o que a gente tenta né... a gente sabe mas, é (incompreensível) e mostrar isso para as outras pessoas né, ainda mais as pessoas jovens que estão então com toda essa cabeça assim: "a terra plana que a gente espera né", pra receber essas ideias né. Então ali a gente já começa né, então é claro assim, existem muitas muitas convenções sociais, muitos preconceitos, que impedem isso, porque pra tu perceber que a outra pessoa é aquela pessoa próxima da qual tu precisa auxiliar, tu precisa reconhecer ah... os teus privilégios e tudo mais né, e ali a gente já esbarra em muitos, em muitos bloqueios assim né, em muita gente que não quer, não consegue enxergar isso, e acha que não é necessário. Então... sim com certeza... Um caso muito interessante por exemplo é... sempre com as famílias... com jovens que trabalham com a agricultura por exemplo, quando a gente vai trabalhar a questão de uma alimentação é... então da questão da soberania alimentar, de uma agricultura agroecologia que valoriza os princípios da agroecologia, as pessoas que (incompreensível) do agro, que nem são grandes agros, mas acham [...]

João: (Incompreensível)

Isabella: [...] elas já pensam: "mas meu Deus (incompreensível) falando isso elas não sabem o que estão falando, porque porque se a gente não plantar dessa forma não vai ter comida", e etc e etc. Ali a gente já encontra uma outra (incompreensível) assim, é um bloqueio assim, tu não consegue mais (incompreensível), por que elas acham que tu tá contra o que elas estão fazendo. Então (incompreensível) foi um caso ali do Congrenaje por exemplo, do painel sobre (incompreensível), que a gente falou sobre então também da questão dos agrotóxicos né, nos fluxos de água enfim né e aí... então assim temos muitos bloqueios (incompreensível), a gente percebe bastante dificuldades em algumas questões.

João: Sim. Uma vez Isabella, eu fui uma vez, não foi ano passado, fui assessorar um evento da juventude lá em Igaporã, foi no Paraná. No primeiro momento era uma turma de umas... uns 35 pessoas... Não, mais minto... umas 80 pessoas, mas daí dividimos em grupos pra trabalhar sobre... o tema da Igreja daquele ano era "economia, política e sociedade" [...]

Isabella: Igreja, economia e política.

João: [...] Exatamente... E era bem entre o primeiro turno e segundo turno da eleição do Bolsonaro né, tema extremamente delicado... Cada um foi se apresentar dos participantes, aí um lá, um loco lá, falou: "Eu moro aqui, não sei o que, e sou latifundiário", (incompreensível) dos latifundiários de uma forma pejorativa né (risos). Ou seja, é com orgulho né... Acho que hoje na IECLB entre os jovens falar em... contra os agrotóxicos é quase um tema proibido.

Isabella: Sim!

João: (Incompreensível) falar o pessoal cai em cima, entendeu? Aí você não consegue trabalhar tema mais nenhum.

Isabella: Uhum, a gente tá... perdão pode falar.

João: E eu penso que ao mesmo tempo que existem um protagonismo muito bacana na juventude pra alguns temas, ao mesmo tempo entre os jovens me parece que essa questão especialmente do agro né, do agro é pop, agro é top, agro sei lá o que que é... é... ah... um conservadorismo maior entre a juventude, a juventudes do que até mesmo entre as faixas mais maduras da população assim, entre os... público adulto e o público idoso, não sei se é uma percepção minha só.

Isabella: Não, não... É, eu partilho dessa dessa opinião também... Eu ia comentar que a gente agora então né... essa campanha Juventudes e Diaconia ela se desmembrou em várias né, então em cada... a cada dois ou três anos a gente tá... e agora então tá encerrando essa Juventudes e Pessoas Idosas e a gente tá indo pra essa de Juventudes e Justiça Ambiental, socioambiental, o nome não tá definido ainda né. Ah... e aí esses dias a gente tava numa reunião de planejamento, estávamos falando então da questão da de uma produção agroecológica, etc e etc. E aí já chegou essa questão, tá mais como a gente vai trabalhar isso? Porque se a gente largar dessa forma já vai ter um bloqueio, o pessoal não vai se abrir pra conversar né. E é bem isso assim, então é geral essa ideia assim, e de fato nesse tema assim da agricultura ele pesa bastante. Claro né, a IECLB como tu disse né, é um Igreja com... na uma realidade bastante rural, então... mas sei lá eu não sei nem explicar esse fenômeno assim, mas eu acho... as pessoas parecem que querem se... precisam se firmar, se autoafirmar né, e aí elas usam essa questão da agricultura, do latifundiário aí pra isso né.

João: (Risos) Exato! Então Isabella se tu pudesse nomear quais são as principais estruturas que você acha que atrapalha o olhar diaconal assim? Com tranquilidade, com paciência né, desde as questões de etnia né e até as questões mais econômicas assim...

Isabella: Eu acredito que é... o perfil né, da nossa, das nossas pessoas com as quais a gente trabalha. Ah... ele é mais difícil justamente por isso assim né... Justamente por essa carga cultural que muitas pessoas carregam né, das suas famílias, do seu contexto, enfim. Então eu acredito que por aí assim a gente tenha um bloqueio... uma dificuldade bastante grande assim, de fazer as pessoas olharem pra além de seu contexto né... E aí nominando, sempre é difícil nomear assim [...]

(Risos)

Isabella: [...] Mas é, é, é...

João: A meritocracia, você acha que é um problema, o racismo, há ou não há?

Isabella: Sim! É... é que quando eu penso nessa nesse contexto da Igreja as coisas já vem parece que automático né assim, e por isso que nomear é difícil... mas ah... sim é essa esse conceito então da da da meritocracia ele ele atrapalha sim, ah... o racismo também também e é uma coisa que a gente ainda não chegou lá, eu acho que é uns dos assuntos que ainda precisam ser mais discutidos também em termos de de Diaconia né, esse olhar a gente trabalhou no... ah... foi um dos temas do Congrenaje também, foi a questão da imigração né. Então..., mas assim, é um contexto que parece que não tá tão presente, daí a gente não enxerga tanto né, mas ah... sim. E então também, obviamente, a questão da nossa nossa da nossa sociedade patriarcal né, do machismo também, que dificulta a gente, tá falando por exemplo de ações diaconais em termos de justiça de gênero. A gente também encontra eu acho que bastante dificuldade ainda nessa questão também, quando a gente fala não só na violência então contra mulher mas também na questão com as pessoas idosas, com pessoas com deficiência e com crianças né, as violências como todas, violências domésticas, nesse caso que principalmente as que eu mencionei... ah.

(Interrupção)

João: Seria isso?

Isabella: Acho que por aí sim.

João: Show! Oh Isabella, você acredita que quais são os públicos que a nossa juventude tem uma dificuldade maior de desenvolver ações diaconais?

Isabella: É, eu acho que essa questão, essas questões que estão mais (incompreensível), mais longe, longe da nossa realidade econômica, falando enquanto pessoa da IECLB, mas não longe da nossa realidade social né... a gente viu assim que as ações diaconais dos nosso... propostas então elas giraram mais em torno dessa questão ambiental, dessa questão com as pessoas idosas, daquela questão com famílias. Então com mais (incompreensível) famílias carentes, mas por exemplo, com pessoas em situação de rua a gente não conseguiu dialogar, a gente percebeu que a juventude não foi adiante né, apesar da nossa Igreja ter um projeto muito bacana lá em São Paulo, não sei agora como está toda essa questão depois que o templo veio abaixo né, mas... e a gente sabe que o grupo de lá dialoga bastante nesse sentido, mas assim em termos de mais Sínodos a gente não viu né, muito nesse sentido. Ah... eu acho que se fosse elencar um seria por exemplo essa situação ali, das pessoas em situação de rua.

João: Perfeito! E quais são os temas que a juventude tem dificuldade? Nós já conversamos sobre um né, anteriormente, que é justamente a questão do agronegócio, do agronegócio que parece que (risos) que é tenebroso assim.

Isabella: Sim!

João: E além do agronegócio assim, você acredita que existe alguns temas a gente não consegue avançar?

Isabella: Sim! Eu acho que um outro tema que nós também trabalhamos na questão do "Vida Digna nosso Compromisso", foi a questão ah... nós falamos agora, eu lembrei da juventude carcerária. Não só a juventude mas a população carcerária né, e é eu estava até hoje de tarde ainda trabalhando num material e aí usei aquela cruz das sete obras de misericórdia né, e aí estava lembrando do "estava preso e foste me visitar", e eu acho que é um tema bem delicado, não só com a juventude, mas é pra nossa sociedade brasileira como um todo né, tá pensando nisso. E eu acho que é um tema delicado também. A questão do direito a terra, do acesso à terra também, e aí entra na questão do agronegócio né, não tá desvinculado um do outro, mas eu acho que é um assunto difícil também ainda. Por mais que a gente ache esteja mais resolvido entre a juventude e por mais que a gente seja o tema que a gente mais trabalha, a questão ah... questões de gênero a gente ainda precisa avançar também eu acredito (incompreensível). E aí (incompreensível) é acho que é por aí assim.

João: Show! Oh Isabella, ainda sobre isso, quais são os preconceitos que você percebe que são mais latentes na juventude, e esses preconceitos são direcionados para, para quais grupos assim de pessoas?

Isabella: É sempre um pouco deprimente falar isso né, porque a gente pensa que a gente tá avançando tanto, mas daí se a gente olha para os preconceitos que a gente vive são as vezes, são mesmos aqueles que acha que já tá bem resolvido né. Ah... então eu acho que o primeiro deles e a gente vê muito em brincadeiras e também lembra assim das histórias mais complicadas de Congrenagem por exemplo, é justamente o preconceito com a população LGBTQI+, eu acho que cheguei lá na sigla certa, e eu acho que é assim, é o principal. Gostaria de não mencionar também a questão racial, ah... porque a gente não vê muito né, mas é justamente porque a gente não vê essa população, a população negra no caso que é a maioria, nos nossos encontros de nível nacional, por exemplo, né. A nível local e comunitário a gente não consegue falar muito né (incompreensível), mas a nível nacional por exemplo né, então eu acho que... e é o o eu acho queo que tá mais presente na nossa realidade assim né.

João: Perfeito. Eu sempre... tem um tem um autor cubano que escreve sobre isso, que o último último escoderijo dos preconceitos são justamente as piadas né, das piadas. E é efetivamente isso né, por exemplo, ah... fácil fazer uma análise por exemplo das piadas que circulam entre entre o nosso povo né. E aí eu tenho... posso te garantir, pelo menos as juventudes eu conheço né, que 80% é envolvendo o negro assim, que é bah, absurdas as piadas ainda, aquelas piadinhas né: "só pode ser coisa de preto", e envolvendo a questão, sempre insinuando que a outra pessoa é isso ou aquilo né, (incompreensível) 80% das piadas que circulam ainda envolvem esses dois temas né.

Isabella: Sim! E é um pouco também por essa questão de que ah... talvez, ou discussão não chegou, ou a discussão não entrou, ou né, essa questão de que a gente precisa sempre estar repensando, problematizando e levando essa discussão, às vezes quando a gente acha que: "ah não a gente já falou muito sobre isso não precisa, o pessoal já tá", mas sempre tem que levar de novo, principalmente por causa que a juventude é cíclica né. Então o que a gente quer trabalhar com esse público, quer formar, quer informar e formar e trabalhar com esse público né, e contribuir na sua formação enquanto enquanto pessoa, enquanto pessoa cidadã, é sempre tem que estar trazendo de novo né, por mais que tu acha que já esteja batido ou não né... E aí também foi um pouco do nosso medo quando a gente trouxe até a questão da Diaconia: "ah...

mais o pessoal vai se interessar, o pessoal vai... já não já não sabe?", não o pessoal não sabe, o pessoal precisa, temos que ter essa discussão de novo presente né. Então eu sempre digo assim quando eu vou fazer uma fala, quando eu fazia né, falas em (incompreensível) na questão do CONAJE né: "a gente não consegue chegar em todos os grupos, apesar da gente ter essa ponte e a nossa ponte é com o Sínodo". Com as realidades, com as demandas dos contextos sinodais, mas a gente não consegue chegar em todos os grupos né, então o nosso meio promover o protagonismo da juventude é justamente a formação, e trazer estes subsídios, recursos para a formação né, pra se trabalharem nos grupos e tudo mais né. Então isso é uma coisa que o CONAJE vem prezando muito nos últimos anos assim né, trazer esses assuntos para discussão e ajudar, contribuir na missão da Igreja dessa forma né, formando pessoas jovens não só pra dentro das comunidades como lideranças de suas comunidades, mas também para fora da Igreja né.

João: Perfeito, show! Oh Isabella, a gente está se encaminhando para o final, a gente vai adentrar um outro tema que é se há alguma perspectiva sócio-política que predomina entre a juventude da IECLB?

Isabella: Olha, é que as vezes... é como tudo né, como as redes sociais a gente vive numa bolha né, então do meu ponto de vista eu poderia te dizer que ah... uma coisa, mas a gente encontra bastante resistência. Então, e aí eu não sei assim, não conseguiria afirmar se há uma predominância mais de posicionamentos, de ideias então relacionadas ao posicionamento mais de esquerda ou mais de direita. É difícil dizer assim... a gente fica muito... a questão que nos une então é a necessidade de levar então oh... a esse amor de Deus por todas as pessoas, isto, esse pensamento nos une, mas aí por exemplo quando a gente vai tratar de determinadas pautas, ou levar mais pra quem é esse amor de Deus para todas as pessoas, aí algumas coisas se dividem né. Então daí a gente vê que sim, tem interferências políticas, é é posicionamento político nessas reflexões também, mas assim dizer se há uma predominância é difícil, eu acho que é bem equilibrado, só que talvez as pessoas tenham se identifiquem mais com a direita por exemplo, elas não estejam tanto em cargos de liderança talvez a nível nacional ou sinodal, elas fiquem mais nos seus grupos né, trabalhando para si e acabam não indo né, nesses espaços aonde algumas decisões são tomadas né. Mas é uma visão bem pessoal minha assim, sem embasamento, sem muito embasamento né.

João: Perfeito. Isabella era isso, obrigado viu, novamente por tudo. [...]

Isabella: Imagina. [...]

João: [...] A sua é a última entrevista desta série [...]

Isabella: Sim também o tempo que eu demorei (incompreensível) (risos).

João: [...] Isso, eu aproveitei inclusive pra tirar... nos últimos dois meses eu estava no Paraná, na casa dos meus pais, aí eu aguarde tranquilo a sua (incompreensível). Iria tirar férias igual entendeu, aí deixei para entrevistar a Isabella após as férias, e que bom que deu tudo certo, foi muito bacana bater um papo contigo, muito esclarecedor, e é isso aí, desejo sucesso para você nessa nova etapa, Deus te abençoe.

Isabella: É estou só esperando agora, eu já era para ter me mudado para Porto Alegre em março, a gente já tá aí... porque a sede continua trabalhando a distância né, então sem perspectiva nenhuma né, ai ainda tô aqui.

ANEXO 7: ENTREVISTA TAIANA

João: Então Taiana, se tu pudesse tá contando pra nós ah... como como iniciou a sua história com a Diaconia assim, a partir de uma retrospectiva biográfica mesmo, onde que despertou o seu interesse pra estar atuando nessa área e dedicando sua vida mesmo né... porque a sua vida é... não tem... se fosse separar a Diaconia da Taiana não tem como né... [...]

Taiana: Não tem como.

João: [...] as duas coisas são indissociáveis. Quando que começa isso assim, você tem como identificar isso?

Taiana: Eu falo pela máscara mesmo?

João: Oi?

Taiana: Falo pela máscara mesmo?

João: Pode ser, pode ser...

Taiana: Então tem que articular bem né? (Risos) Bom, Ah..., a minha promessa na confirmação foi muito consciente né: "eu quero servir a Deus", né, [...]

João: Sim.

Taiana: [...] "eu quero dedicar a minha vida a Deus", eu só não sabia quando (incompreensível). Mas daí meio logo eu me deparei com Irmãos lá no ginásio Martin Luther no no internato, e eu pensei "ah... existe a possibilidade de ser Irmã, né Diaconisas, porque Pastora eu não queria ser.

João: Sim!

Taiana: Então isso tava muito claro para mim. Bom eu não tinha muita ideia o que que era uma Diaconisas, mas isso, essa ideia foi amadurecendo, mas alguma coisa já estava clara que seria né, servir! Também não sabia... ah... mesmo interpretar bem esse tema, mas ingressei então com 20 anos né.

João: Vinte anos?

Taiana: É.

João: Isso foi em que ano?

Taiana: Cinquenta e nove.

João: Cinquenta e nove.

Taiana: É, é com 14 praticamente eu tinha decidido, escrevi a minha mãe que eu quero ser Diaconisa, e só com 20 então aquilo tinha amadurecido bem né.

João: Ok. Era o Pastor Droste na época? O Pastor das Diaconisas aqui?

Taiana: É, eu ainda peguei o Raspe.

João: O Raspe.

Taiana: É, aham!

João: E você nasceu aonde?

Taiana: Cachoeira do Sul.

João: Cachoeira do Sul.

Taiana: É... meu pai Alemão, tinha ido para Alemanha com a família, era eu nenê e meu Irmão Gottfried, ele tinha 2 anos, e aí veio a guerra e ficamos presos lá, [...]

João: Hum.

Taiana: [...] e quando voltei eu tinha nove.

João: Nove anos?

Taiana: E lá no internato do Martin Luther tinha essas duas Irmãs que não eram Irmãs dessa casa né [...]

João: Sim!

Taiana: [...] Eram outras Irmãs, mas eu pensei: "seria uma forma de servir a Deus."

João: E você chega na década de 60 aqui?

Taiana: É... É daí eu ainda tava no pré-teológico, depois no Colégio Sinodal.

João: Sim!

Taiana: E eu já vinha aqui dar umas aulas de harmônio. (Risos)

João: Você foi uma uma uma uma personagem importante na... hum... em todo o processo de criação do Seminário Bíblico Diaconal que teve em 73 ali, você ajudou a pensar?

Taiana: Não. É, não, é... bom, eu tinha, como aqui não tinha nem curso de catequese as mulheres (tosse) as mulheres, quer dizer, a faculdade ainda não aceitava mulheres né, [...]

João: Sim.

Taiana: [...] então como é que eu ia me formar como religiosa né, então as aulas aqui eram muito precárias é... o Pastor Raspe vinha uma vez por semana e a gente decorava uns hinos e era isso né praticamente, [...]

João: Sim.

Taiana: [...] (risos) tá, então eu pensei eu preciso fazer algum curso se eu quero ser professora, então precisa ser a matéria Ensino Evangélico, [...]

João: Sim.

Taiana: Eu falo pela máscara mesmo?

Taiana: [...] porque alemão, em inglês, porque eu queria fazer línguas, isso cada um pode lecionar, mas eu preciso de uma outra formação. Aí eu fui pra Alemanha, e ali tem um curso tinha um curso de (incompreensível), e aí eu frequentei durante alguns meses esse (incompreensível), [...]

João: Sim.

Taiana: [...] quando voltei aqui eu pensei: "tá eu vou ajudar a montar um curso aqui"[...]

João: Sim.

Taiana: [...] mas o Pastor Droste não me deu chance, (risos) aí eu fui pra Fundação Evangélica, fiquei dois anos lá lecionando Ensino Evangélico, Alemão e Inglês, mas daí eu já tinha feito a faculdade aqui na Unisinos, naquela época não era Unisinos, era Faculdade de Ciências e Letras, pois é, e um dia era reservado, isso era uma condição da Casa Matriz, que um dia por semana eu ia ficar aqui na Casa Matriz, eu vim aqui uma vez por semana para ajudar a lecionar as Irmãs jovens, porque naquela época, como eu escrevi no livro, a formação

no interior era muito precária, então aqui as Irmãs jovens que vinham, as moças, elas faziam o curso de admissão ao Ginásio (risos) e eu lecionava então né, essas matérias de admissão.

João: Sim, sim. Bacana.

Taiana: É... e depois da... Fundação Evangélica, aqueles dois anos foram muito sofridos para mim, eu não tinha... ah...[...]

João: Iniciando também uma jornada, né?

Taiana: É é... eu não tinha muita firmeza... e os alunos faziam comigo o que queriam (risos), por isso sofrido, e Ensino Evangélico eu praticamente também não tinha um bom preparo, aqueles... na Alemanha a gente estudava a Bíblia e fazia exegese, essas coisas, mas não aprendia a como lecionar né.

João: Sim!

Taiana: Tá, era (incompreensível) era diferente do que lecionar numa escola... bom, mas depois desses dois anos a OASE me chamou, eu fiquei 13 anos na Coordenação de grupos de OASE da Região Eclesiástica IV, e ali eu me realizei e também cresci né, também ali no início eu era muito insegura mas... [...]

João: Era um trabalho de articulação e formação?

Taiana: [...] É, é. Eu era responsável também para... edição do roteiro de trabalho das mulheres.

João: Sim!

Taiana: E preparava os Congressos ah..., tinha Congressos Regionais, Distritais e também participava da OASE Nacional... Então ali eu fui aprendendo, fazendo... aprendendo ao fazer, né.

João: Imagina. E toda e também tendo que tendo que trocar ideias com Pastores e com a Direção da Igreja também, essas?

Taiana: É... tinha um Pastor orientador né, que primeiro era o Droste né, que ajudava então na realização dos Congressos.

João: Um antigo conhecido seu já, assim, você já conhecia ele né?

Taiana: Sim, conhecia daqui né, da Casa Matriz né.

João: Feito! E aí após esse trabalho de orientação da OASE você foi designada para qual campo, assim?

Taiana: Bom, daí a Casa Matriz me chamou pra ser Diretora, mas... o que também ajudou me edificar e crescer dentro do meu Ministério eram as visitas as Comunidades né [...]

João: Sim!

Taiana: [...] Primeiro eu fazia tudo de ônibus ou os Pastores me levavam pras diferentes OASE, os grupos, mas depois eu tinha um carro, viajei por toda a região aí, naquela época. (corte).

João: Ah...Só uma questão a Região Eclesiástica IV era compreendia o estado do Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina.

Taiana: A metade, a metade. [...]

João: A metade.

Taiana: [...] É, aham. A Região IV era mais a parte sul, ela ia de Porto Alegre pro leste até São Pedro do Sul. [...]

João: Sim.

Taiana: [...] E ali, mais para o norte era a Região III, Arroio do Tigre, o último reduto da Região, e ia até Pelotas né.

João: Uma Região relativamente grande né.

Taiana: [...] É uma grande região né, e eu viajei muito né, porque cada Distrito, eu acho que eram 8, não me lembro mais agora, tinha o seu Congresso... e eu sempre dirigia os Congressos né.

João: Imagino! Foi um momento riquíssimo assim né, assim como experiência também né?

Taiana: É escolhia... escolheram o tema, elaborar o tema, preparar colaboradores, líderes de grupos, então, isso isso esse era o meu trabalho né.

João: Oh Taiana, antes que a gente continue na sua biografia.

Taiana: (Toce) Acho que eu tenho que... dá uma parada, aí eu vou ter que uma vez tomar um gole de água.

João: Fica à vontade.

(Pausa)

Taiana: Quer uma água também?

João: Eu aceito, Ruthild.

Taiana: (Incompreensível).

João: Sem pressa...

(Pausa)

João: São Pedro do Sul era... não é a cidade onde que o Lothar nasceu, o Lothar Hoch?

Taiana: Não sei.

João: Acho que é... Quanto tempo que foi pra... quanto tempo que você desenvolveu essa função?

Taiana: 13 anos.

João: 13 anos.

Taiana: (Risos) É, é eu era bastante jovem quando comecei né, a minha insegurança era muito grande, então alguém uma vez das senhoras disse: "ah a senhora já melhorou bastante". "Como assim", eu disse, " a senhora já não fica mais tão vermelha".

João: Eu fico pensando Taiana porquê... eu atuei um tempo na ADL, na Associação Diacônica Luterana, lá no Espírito Santo, muito novo também e eu me coloco no seu lugar né, como é difícil ser um docente, uma docente quando você não tem uma autoridade ainda, você não tem experiência né.

Taiana: É... Bem isso.

João: Você tem quase a idade dos alunos, e (risos) é tão difícil, mas eu fico pensando, essa outra atribuição sua, ela também exigia muita maturidade né.

Taiana: É... orientar outros né, quando a gente mesmo precisava ainda de orientação. Pensando assim retroativamente eu hoje faria muita coisa diferente, mas ali foi um tateando né... e as as OASE né, você vai ainda ter uma entrevista com OASE, né.? [...]

João: Sim, sim!

Taiana: [...] Mas elas eram muito conservadoras né, Diaconia era uma palavra desconhecida, elas tinham seus grupos, o Pastor vinha fazer estudo bíblico, também tomavam chá e, arrecadavam dinheiro, pra pra daí comprar uma louça. (Corte). (Incompreensível).

João: Era na década de 70 isso, 80 que você foi?

Taiana: É, sim!

João: Oh Taiana, ah.... Eu lembro que você escreveu não sei onde, porque você já escreveu muita coisa muita coisa boa, e eu lembro que uma citação sua, sobre os membros da IECLB na década de 70, e você dizia que apesar de que, por exemplo, a nível estrutural, a nível nacional a IECLB começa a ter alguns posicionamentos progressistas a partir da década de 70, né. Provocada um pouco pela pressão externa da FLM, por exemplo. Mas ainda você dizia na década de 70: os membros são extremamente conservadores assim, não tem essa consciência de que é necessário, ah... é necessário a igreja fazer o papel dela na sociedade brasileira né, provocar transformações sociais, se preocupar com as questões sociais. Não se tem essa ideia ainda por parte dos membros, né?

Taiana: É... Meu pai como Pastor né... ele se incomodava com as reuniões dos presbíteros, só homens né, e o assunto era dinheiro, era o salário do Pastor, e contribuição pra Comunidade, e quase só né, e as mulheres, elas não tinham acesso ao dinheiro, a carteira era do marido, do homem. E, e elas tinham, isso foi uma conquista delas, aquele dinheiro da venda dos ovos, então também nos grupos de OASE tinha muita discussão sobre a contribuição pra OASE né, porque, por exemplo, eu eu eu recebia um salário, e aquele salário, aquelas viagens, a gasolina, etc, a OASE tinha dinheiro pra comprar um Fusca. Então ah..., as mulheres contribuía, mas sempre era uma briga, uma briga porque elas não tinham muito dinheiro. E assim esse essa limitação né, o que que é a mulher, a mulher deve ficar em casa e quietinha, o homem tem a palavra, tá isso era muito forte, e então o meu objetivo também o que eu perseguia com meu material que elas comessem ah... também contribuir, a dar opinião, principalmente dar opinião, eram muito quietas as mulheres né. Por exemplo, lá na Picada Café, minha mãe, quando o meu pai faltava, a minha mãe dirigia o grupo de OASE, e aí uma

vez uma senhora disse: "ah como é bom quando o Pastor falta porque aí ah... esposa do... a "frau pfarrer", a gente tá mais à vontade com ela". (risos) Assim elas ficavam quietinhas, eu me lembro que as vezes eu eu provocava uma discussão, mas quietas, quietas não saiam de si, é... isso é um espelho do que acontecia em casa, e a mulher fazia Diaconia na própria família, pronto!

João: E te perguntar, depois a gente volta um pouco, e você... isso mudou hoje? Você analisando, eu sei que você já não está mais tanto nas Comunidades, quando você, como você esteve uma vez, mas você acha que mudou em termos estruturais a situação ou você acha que a mulher ainda...

Taiana: Sim, sim, a mulher sim...! Também ela tinha pouco estudo, isso influenciava muito, ela mal e mal sabia escrever o nome, né, tinha listas de assinatura onde a gente via: "coitada né!", e a gente sabe também das Irmãs como elas vinham para cá, com pouquíssimos estudo, isso influenciava que elas não pudessem ser tão independentes... e isso hoje, que a mulher tem mais estudo, isso ajudou muito... mas também eu acho que a mentalidade do homem para com a mulher, acho que isso... há muita muita discussão, houve muita discussão que fez com que isso mudasse um pouco... [...]

João: Perfeito!

Taiana: [...] Inclusive no interior, mas no interior era mais difícil do que na cidade.

João: E a IECLB sempre foi uma igreja de interior né, em termos gerais né?

Taiana: Sim!

João: Oh Taiana, uma coisa que sempre me deixou assim com uma com muitas dúvidas e de uma forma meio que curioso, porque voltando ao tempo, voltando um pouco, em 38, segundo as informações históricas que nós temos, numa Assembleia da OASE foi decidida a construção da Casa Matriz né. Então em termos históricos assim a que é a responsável pela criação da Casa Matriz é OASE, certo? Ao mesmo tempo você diz que as mulheres na década de 70, ou seja, 30 anos depois da criação da Casa Matriz, ainda eram muito acanhadas tinham pouca participação no cenário público né, que refletiam né a situação que elas viviam nas suas casas, como que se deu esse esse esse processo da criação da Casa Matriz assim pela OASE, quem que teve, quem que articulou isso, porque eu acredito que devem ter pessoas que articularam, provocaram a OASE para criar.

Taiana: Sim. É... sempre houve lideranças né, e quem ajudou muito a criar nesse Congresso foi a presidente da OASE, que é uma esposa de Pastor, então algumas esposas de Pastor eram líderes, muito líderes, e elas cutucavam então né, mas era também mais dos centros maiores, não era gente bem do interior, mas as "frau pfarrer" eram alemãs né, a Frau Strotmann que era presidente da OASE, era uma esposa de Pastor alemão.

João: Que já eram pessoas mais...

Taiana: E se reconhecia a importância de cuidar de doentes né, porque aí, pois é, a saúde como é que tava né. É... Precisava de gente que que sabia ajudar na hora do nascer, do parto, e aí as Irmãs alemãs ajudaram a mostrar isso, olha a gente pode aprender isso, não precisa ser a vizinha a única que vai ajudar no parto, isso no interior era muito acentuado né, nem todo parto tinha desfecho feliz né, mas também outras doenças né, tinha que (incompreensível), médicos também não tinham, então nós precisamos de Diaconisas, e isso foi divulgado que nós precisamos de de Diaconisas que entendem de enfermagem, de obstetrícia e também educação de crianças pequenas né, esse foi o foco.

João: Esse era o foco.

Taiana: Esse não era meu foco, (risos) quando eu decidi ser Diaconisa não queria ser enfermeira de jeito nenhum, (risos) é... eu eu queria ser educadora.

João: Educadora, perfeito... E só ainda ainda uma pergunta nessa questão, ah... como que você avalia historicamente a relação da Casa Matriz com a OASE, com as OASE's, como que se dava esse apoio, tinha esse apoio ou a Casa Matriz criou a... ou... desculpa, ou a OASE criou a Casa Matriz em 38, 39, e depois a Casa Matriz teve que seguir vida própria, ou teve esse apoio regular, assim?

Taiana: Durante alguns anos o apoio foi essencial dos grupos de OASE, financeiramente né, mas também ah... houve uma... um entendimento de que as duas, Casa Matriz e OASE se complementam né, porque a OASE é espontânea, ah... é a Diaconia espontânea e a Diaconia profissional. A profissional precisa da Diaconia espontânea pra apoiar né, isso foi desde o início muito acentuado e a Casa Matriz também procurou as OASE, sempre essa ligação né.
[...]

João: Sim.

Taiana: [...] Então a Casa Matriz teve acento no no na Diretoria Nacional... A a a Diretora da Casa Matriz era, fazia parte da Diretoria Nacional da OASE, até que num Congresso ou numa Assembleia, aí isso foi questionado: "porque a Casa Matriz tem representação e os outros não?" Eu ainda defendi, mas aí caiu por terra.

João: Sim.

Taiana: "Não, não precisa porque outros grêmios também também não estão representados. E aí parou assim a a consciência de que de que as duas coisas se complementam.

João: Se complementam, perfeito! E te perguntar, ah... você disse que, a pouco, você disse que a Diaconia praticada pelas mulheres da OASE, em sua maioria, estavam restritas ao ambiente doméstico né, ah... como você caracterizaria, caracterizaria a Diaconia na IECLB até a década de 80, 90 ali que parece que vai ter uma... a maioria das Diaconisas estava, a Diaconia estava voltada pro pra área da saúde né, e pra área da educação, e quem que fazia Diaconia na IECLB até 80, por aí?

Taiana: (Incompreensível) Eu acho que [...]

João: Além da Casa Matriz?

Taiana: [...] O termo Diaconia ele saiu da área única da saúde né, [...]

João: Sim.

Taiana: [...] inclusive as as Irmãs, elas procuraram outros campos, mais o corpo social, só que ah... o número de Diaconisas sempre foi tão reduzido, e o perfil, ah... faltava, um, faltava Diaconisas pra desenvolver outros perfis né, tinha a a Irmã Guerda, por exemplo, ela também fez curso de enfermagem mas ela disse: "não, eu não quero ficar trabalhando no hospital, eu quero ir pras novas áreas de colonização." Eu não sei se chegou a ler isso (incompreensível)?

João: Conheço.

Taiana: É, mais assim nós tínhamos poucas Irmãs, que tinham uma visão diferente, mas a vocação de muitas Irmãs... ainda, acho que anteontem uma Irmã disse assim: "Pois é a minha vocação foi eu queria trabalhar com pobre isso nunca deu certo." Então ela foi pra um hospital porque os hospitais reclamavam muito esse profissional [...]

João: Sim.

Taiana: [...] e depois quando se... se multiplicaram as escolas de enfermagem e as as Irmãs ficaram ficaram supérfluas, vamos dizer assim, não precisavam mais entrar nos hospitais. E uma outra pioneira foi a Irmã Hildegart que também disse: "eu não... eu vou pra", ela foi transferida para Novo Hamburgo, mas ela disse: "eu não preciso ficar nesse trabalho de fazer injeção nas casas, dar banho nos idosos, isso outras pessoas podem fazer", e ela queria incentivar outras pessoas a assumir isso, "e eu vou liderar outros serviços", e assim surgiu o Centro Cristão Feminino, foi a partir da Irmã Hildegart, ela disse: "nós temos que ver aonde que estão as Irmãs... as as mulheres que têm filhos e são rejeitadas pelos pela família, nós temos que criar um espaço pra essas mulheres". [...]

João: Sim.

Taiana: [...] Se a Hildegart ainda estivesse hoje vivendo ela provavelmente ia abrir outros campos. É, ela também fez isso quando trabalhou no Departamento de Diaconia, é... mas poucas pessoas têm essa visão, é... mais ampla... E nós sempre nos reesentimos de Irmãs que tivesse uma uma visão mais mais ampla, uma... iniciativas também né. Hoje tá tá tão diferente, nós temos um outro sistema de de de sustentação das Irmãs né e elas tão indo pras Comunidades porque não existe formação diaconal, elas tão em funções Pastorais, nós temos algumas Irmãs em funções Pastorais que na verdade não queriam isso, queriam a Diaconia, mas elas precisam também cuidar do seu sustento. [...]

João: Sim, sim.

Taiana: [...] E assim elas não fizeram opção, elas não puderam dizer: "mas eu quero uma coisa diferente, que nem a Guerda, eu quero ir para as novas áreas". Aí não dá, quem é que me paga? Então pra Guerda foi possível isso.

João: Você acredita... eu lembro porque não sei se você escreve isso ou uma outra pessoa mas acho que foi você que disse que..., vamos voltar lá no início do século 20, você pega a OASE da Alemanha né, que vai criar que vai criar uma Casa Matriz para enviar Diaconias aqui para o Brasil, se não me engano é 1908 isso.

Taiana: É é 8 foi... sim aham, aí foi criada o grupo de mulheres e... 900...

João: 1909?

Taiana: É... aí foi...

João: Perfeito, aí primeiro é criada a cada matriz em Münster e depois Witt... passa pra Wittemberg...

Taiana: Isso...

João: Então, a ideia inicial não era enviar Diaconisas para o Brasil para... ajudar na área da saúde em termos específicos né, na questão do parto né. (Incompreensível).

Taiana: Hospital, né.

João: Hospital... mas também tinha, me parece, uma vontade muito grande de que essas Diaconisas pudessem atuarem nas Comunidades da Igreja pra multiplicar a Diaconia, certo?

Taiana: Pra multiplicar e... [...]

João: E fomentar e formar e...

Taiana: [...] E praticar, praticar a Diaconia, no interior né...

João: Sim... mas ao mesmo tempo, se vamos pegar lá em 1913, quando a primeira Irmã chega aqui né, se vamos pegar os números né, os números... os primeiros números a metade das das Diaconisas estão trabalhando nas Comunidades e ai você vai pegar em 38, por exemplo, apenas 10%, ainda estão em Comunidades e as outras estão em hospitais né... Ai eu te peço assim, não tem um elemento... ligado ao ao fato de que parece que as Comunidades não sentiam a necessidade de praticar Diaconia mesmo assim?

Taiana: Essa é uma boa pergunta... é porque também deviam dar sustento, né [...]

João: Sim.

Taiana: [...] e como no interior era... a questão dinheiro era sempre muito problemático né, [...]

João: Sim.

Taiana: [...] "pagar uma pessoa para trabalhar aqui, fazer o quê?" quer dizer, "nós não temos tantos doentes", a não ser que a região seja grande que ela vai atender né. Mas esse esse era um ponto né, porque as instituições elas... então ela tinham como pagar uma profissional, né.

João: Sim, perfeito, perfeito, ok! E vai acontecer a mesma coisa com as com as Diaconisas formadas pela Casa Matriz, assim me parece, né? Ou não? A grande maioria? (Incompreensível).

Taiana: Que ela não vai para as Comunidades? É... a não ser para uma Comunidade maior que nem Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, Santa Cruz, né. Ali realmente as Irmãs foram pra Comunidade, pra Comunidade, trabalho comunitário.

João: Perfeito. Em todo caso me parece que até a década de 70 a Diaconia na IECLB é vista como algo meramente pra dentro para dentro das demandas da própria Comunidade né, não se tinha consciência de fazer Diaconia para fora da Comunidade. [...]

Taiana: Ah... Sim.

João: Pra fora do gueto comunitário, né?

Taiana: É, é, é isso era um pensamento muito, muito distante. [...]

João: Muito distante, né.

Taiana: [...] É, e a própria compreensão de Diaconia né, [...]

João: Sim.

Taiana: O que que é? Eu acho que hoje existe uma consciência maior de a necessidade desse desse setor Diaconia. Mas as Comunidades estavam contentes com o Pastor, com a pregação e deu né. [...]

João: Sim, sim.

Taiana: Desde que tem ensino confirmatório, e os ofícios, tamos servidos né... "O que que a Irmã vai fazer aí? Nós fizemos o que ela... o que nós gostaríamos que ela fizesse?", mesmo precariamente, mas esse precário não, não existia, nós fizemos do nosso jeito e dá, né, se acostumaram a viver assim.

João: Perfeito! Oh... tentando atualizar um pouco agora Taiana, você... a partir de 98 a formação em Diaconia é centralizada na EST, né?

Taiana: A partir de [...]

João: [...] 98 se não me engano.

Taiana: [...] 2000, aí começa na EST, antes era aqui.

João: É, é, é 2000, em 2002 então oficialmente, digamos antes já, é, ah, são ordenados e com direitos iguais, os Diáconos e Diáconas, né, na IECLB, ah. Você percebe alguma, como você avalia o desenvolvimento da Diaconia após esses momentos assim, você acha que a Diaconia em termos gerais olhando né, ela cresceu, se desenvolveu, ou ficou mais limitada? Essas mudanças assim, você acha que quais foram as consequências dela na prática, assim?

(Silêncio)

Taiana: É..., é um pouco como eu disse a pouco, as Irmãs... as Comunidades, os membros das Comunidades, elas são muito satisfeitas com o status quo, né? [...]

João: Sim.

Taiana: [...] uma falta, falta de visão para fora também né, [...]

João: Sim, sim.

Taiana: [...] por exemplo, "ah... o que que a Irmã vai vai fazer? Cuidar dos pobres? Nós não temos pobres, os pobres são os negros, isso não é nossa responsabilidade". Então, essa essa visão, né, [...]

João: Sim.

Taiana: [...] nós só estamos... é a visão clubista né.. que tantas vezes é condenada, mas a gente não sai disso né... nós só trabalhamos para nós. E e depois assim, "é suficiente o que nós fazemos em termos de Diaconia". Nós tivemos aqui na Casa Matriz um curso "Multiplicadores da Diaconia" né. Tá o que foi a pergunta? O que fazem os grupos? "Ah... nós fizemos muita coisa, nós fazemos brechó", quase todos os grupos aqui fazendo brechó. E o que é feito com esse dinheiro do brechó? "Ah... e aí a gente faz, a gente faz ranchos e distribui, e faz campanha de agasalho". Quer dizer, nós temos um trabalho onde a gente olha para os pobres, mas é muito assistencialista, né. [...]

João: Sim, sim!

Taiana: [...] Totalmente, mesmo em Porto Alegre, (incompreensível) um grupo que podia, podia olhar mais longe, mas não.

João: Tem essa dificuldade pra ultrapassar esse esse esse limite né, do assistencialismo.

Taiana: É, é, falando mais uma vez na Irmã Hildegart, quando ela começou com o trabalho no bairro ela mesmo foi visitar o bairro, e viu a falta total de infraestrutura, não tinha canalização, não tinha luz elétrica naquele bairro. "Tá que que nós vamos fazer?". Mas então ela tinha um dom que era conquistar voluntárias, ela fazia estudo bíblico e ela abria a cabeça: "nós temos que fazer uma coisa aqui nesse bairro". "Tá, o que?" "Tá, nós vamos juntar o pessoal e vamos perguntar o que que vocês querem?". Ah bom, primeiro não queriam nada, acostumados né. [...]

João: Sim.

Taiana: [...] Então essa mentalidade é, é, é, "eu não preciso de ajuda de vocês" é, é, mas com o trabalho, com as mulheres, começando pelas mulheres, depois elas traziam as crianças, "pois é nós não deveríamos fazer alguma coisa com as crianças?", surgia uma creche, alfabetização, cursos. Hoje o bairro Roselândia é um bairro bem desenvolvido, a iniciativa foi da Comunidade de Novo Hamburgo né... Mas isso precisa alguém abrir a cabeça.

João: Sim. Oh... Taiana, esse trabalho no bairro Roselândia, que você cita isso no seu livro né, que reuniu lá mais de cem voluntários né, trabalho que é um parâmetro em termos nacionais assim, para o trabalho da IECLB hoje, ele foi feito por... tinha uma Comunidade lá naquele bairro que assumiu isso, ou uma Comunidade de fora do bairro que assumiu esse trabalho na Roselândia?

Taiana: Não, foram as as as voluntárias que fizeram com que a própria Comunidade despertasse para "nós queremos alguma coisa diferente", "nós queremos luz elétrica aqui", "nós queremos um saneamento básico".

João: As pessoas daquele bairro mesmo?

Taiana: Não! Os voluntários, é... despertaram o pessoal do bairro, mas essa foi a estratégia. Nunca assim, "bom nós queremos ajudar vocês", mas: " Mas, vocês não querem isso ou aquilo?", despertar a vontade de de de ser diferente...

João: Sim, sim, perfeito!

Taiana: É, então, mas precisa alguém ter essa visão do que que é Diaconia, o trabalho diaconal não é "eu despejo alguma coisa em cima de vocês," e isso era muito, é ainda muito nos grupos de OASE né... "É ... nós fazemos isso e é suficiente", e aí se os Pastores ou os

líderes da Comunidade, ou sei lá, o presbítero, não despertam uma outra vontade vontade aí não acontece nada.

João: Perfeito. Então, então aa a Diaconia, o despertar da Diaconia depende de ter alguém que motive? Você acredita... (Interrompido).

Taiana: É por isso a importância do ministério né... o Ministério Compartilhado foi criado, mas ainda tem muita gente que diz, mas pra que? Pra que o ministério diaconal? É simples, nós precisamos de líderes, líderes que aprenderam que Diaconia não é dar pronto.

João: Perfeito, perfeito. Então, se, digamos que, nós sabemos que o que predomina ainda, a mentalidade que predomina na IECLB é a mentalidade clubista em termos de eclesiais, nós sabemos também que o pastorcentrismo infelizmente ele ele é muito presente na IECLB. Então se se a Diaconia ainda ela é muito... em termos de membros me parece que são poucas as..., em termos de porcentagem de membros que se envolvem com a Diaconia nas Comunidades a a a porcentagem é baixa ainda, concorda comigo? Então a falha é das das das lideranças também que que que que não... que não trabalham isso, que não consideram a Diaconia importante, pode-se afirmar?

Taiana: Sim, sim... É o tipo de reunião, bom a OASE eu acho que também é um... grupo que não avançou, ficou à idade média muito alta né, faltaram boas líderes dentro das dos grupos de OASE também né. Porque a OASE sempre foi um motor dentro da Comunidade, mas se a OASE só se reúne pra fazer estudo bíblico e e e café então... aí falta então.

(Silêncio)

João: Ok. Você acha que é possível é possível pensar Diaconia historicamente na IECLB sem a OASE? (Silêncio) Se não fosse a OASE em que pé a Diaconia na IECLB estaria, será assim?

Taiana: É, acho que aí, aí acho que zero né, porque eu não sei como é o trabalho dos homens, eles eles dizem que é paralelo a OASE, mas a OASE ainda tem outro estilo né do que esses encontros dos... eu não quero julgar porque eu não conheço. [...]

João: Sim.

Taiana: [...] Eu acho que a mulher ainda hoje é importante, mas... se o Pastor não tem uma visão diaconal, a OASE também não vai ter. Quer dizer o Pastor, o líder né, as os membros ainda olham muito para o Pastor, o Pastor ainda é aquela figura que é determinante.

João: Sim, sim, é a liderança né.

Taiana: É a liderança forte.

João: E as vezes espera a motivação dessa liderança pra assumir alguma coisa ou não assumir.

Taiana: (Imcompreensível) É, eu sei pelo meu pai né, o meu pai não não incentivava para a Diaconia, fazia o estudo bíblico, aquilo era importante, mas fora disso nada, ele também deveria ter recebido incentivos pra inovações, mas de fato no interior é assim. (Interrompido)

João: Mas aí a falha será que está no processo de formação, também?

Taiana: Sim!

João: Dos Ministros.

Taiana: O Pastor é o acadêmico, e aprende a fazer prédicas.

João: Ok. Só pra gente terminar aqui essa partezinha aqui. Ah... então assim, Taiana, avaliando assim, pegando os últimos 20 anos, quais foram os fatores que aconteceram no âmbito da Diaconia que impulsionaram a Diaconia assim positivamente, você acha na IECLB? É possível identificar aí alguns, coisas que ajudaram?

Taiana: Nós tivemos líderes, Pastores, que foram, receberam grande impulso da teologia da libertação né, o que... eu sempre digo: a visão né, a visão para os necessitados e as estruturas que oprimem e marginalizam né, e aí falta reflexão por parte dos líderes, mas alguma coisa eles conseguiram passar, repassar. A teologia da libertação ela ela perdeu força, aí também acho que houve exageros e aí por isso oposição né, se tivessem, ah ... se se aqueles líderes... houve muita polarização né, se aqueles líderes tivessem sido mais cuidadosas, e fazer as suas propostas mas não de uma forma tão radical, acho que teriam, nós teríamos ido melhor, mas assim aquilo quebrou então né, que eles botaram para quebrar: ou você é falso político ou evangelical, e parece que não tinha nada no meio né. Eu sei que meu Irmão foi o Pastor Presidente justamente no auge do conflito né e ele era muito criticado por estar em cima do muro.

João: Década de 80 ali foi...

Taiana: É, é, na verdade ele não tava em cima do muro, mas ele teve que se defender contra alguns radicalismos né, e inclusive dos dois lados né.

João: É interessante porque, pegamos a década de 80, ao mesmo tempo que surge um movimento identificado com a teologia da libertação que é a PPL, por exemplo, perdeu muita força, mas surgiu em 84, vai surgir também o Movimento Encontrão né, que representa a teologia Norte Americana, que faz fazem oposição.

Taiana: Sim, infelizmente né, podiam se se se fecundado mutuamente né, (risos) mas não aconteceu isso. Mas sua pergunta qual foi?

João: Quais foram os fatores que [...]

Taiana: Que ajudaram?

João: [...] impulsionaram. Então a teologia da libertação foi uma que em termos gerais ajudou?

Taiana: Sim, sim. Inclusive a mim né, é, é eu me lembro que eu me opus a esse radicalismo né, até que alguma coisa me convenceu também... mas eu fui vítima também desse radicalismo, eu não queria isso né.

João: Sim.

Taiana: Ver só a estrutura e se nós quebrarmos essa, ou mudarmos essa estrutura, então vai ficar tudo bom? Então a gente via muita muito ódio, entre as partes né. E aí eu não queria acompanhar isso né.

João: Ok.

Taiana: Não sei se foi só a teologia da libertação, acho que teve também outras influências né.

João: Então você acredita que a teologia ela é fundamental pra despertar a Diaconia?

Taiana: Sim! É, infelizmente Lutero não ajudou muito né (risos), porque na época dele é a "reta doutrina, a reta doutrina" e isso foi muito acentuado também na teologia, então sempre essas... ah... o estudo da teologia agora vamos estudar Barth, agora vamos estudar não sei

quem, e sempre há o que que era é certo né na teologia: "a reta doutrina", e isso até hoje né, se tivesse sido um pouquinho mais diaconal, as análises né, teria ajudado.

João: É que Lutero parece que ele tenta combater justamente a teologia das obras né, ele tem medo um pouco de explorar.

Taiana: É... de que as obras sejam usadas para [...]

João: Em busca da da própria salvação né.

Taiana: [...] É, existe esse perigo, mas...

João: Taiana, e o Ministério Compartilhado, surtiu o efeito que esparrávamos ou não?

Taiana: Ainda não chegamos lá, isso foi decisão de Concílio e não chegou nas Comunidades né. E se nós não conseguirmos despertar de novo uma formação diaconal que ajuda as Comunidades a realmente serem, terem práticas diaconais, ou ... não é prática... primeiro vem a consciência diaconal, de que não é possível crer sem colocar em prática o que eu quero, ou o que eu creio. É, isso isso também é Lutero. Lutero disse: oh... não é, não dá para separar fé e obras, mas isso não foi entendido, e a história da igreja assim como é descrita nos livros não ajuda, porque se tu lê um livro de história eclesiástica, em alemão, não tem quase, não tem nada de Diaconia, é só análise da da da verdade teológica né. Então um (incompreensível) aparecem a margem, não aparecem no centro, a Diaconia na Alemanha sobreviveu até hoje mas não integrada na Igreja, e isso eu desejo que aconteça ainda a integração da Diaconia na estrutura eclesiástica, isso é de suma importância nesse Ministério Compartilhado, nós temos que segurar o ministério compartilhado e não achar que o Ministério Pastoral cobre tudo, nós precisamos do Ministério como como uma formação de lideranças que tem uma visão diaconal e ajuda as Comunidades a serem diaconais, ao lado das da espiritualidade, quer dizer, existe uma espiritualidade diaconal também né, que é a vivência prática no cotidiano né, e eu tenho a desconfiança, eu não conheço muito bem o trabalho comunitário hoje, mas às vezes eu escuto "aham", louvor, louvor e é só, quer dizer (incompreensível) eu não posso fazer esse julgamento porque eu não conheço, mas é muita euforia em termos de... uma espiritualidade da cabeça, do coração, cabeça e coração, mas sem a o envolvimento prático.

João: Você acha que esse é um dos elementos que está atrasando o processo de assimilação do Ministério Compartilhado pelas pela Igreja?

Taiana: Pelas Comunidades? Tenho desconfiança que sim.

João: Perfeito! Ah... Taiana, quais são os os grupos e temas que que as Comunidades estão priorizando na atualidade assim pelo que tu observa, que são prioridades pra a igreja hoje?

Taiana: Pois é, isso que eu não sei responder, porque eu não vivo. [...]

João: Sim, sim.

Taiana: [...] eu to aqui, sou membro da Comunidade de São Leopoldo, mas eu não vivo a... Comunidade. A Comunidade de São Leopoldo tem muitos grupos, mas parece que é cada um pra si. [...]

João: Sim, sim.

Taiana: [...] Não existe uma uma complementação entre os grupos, e eu sei que a os grupos de mulheres né, elas tem um "setor assistência", mas não é suficiente o que, quer dizer aqui não tá certa a palavra suficiente, é... não deve ser resumido a Diaconia aquilo que que elas fazem. Elas deviam também olhar um pouco como praticam a Diaconia.

João: Perfeito. Você já tocou em dois temas, que pra mim, que respondem um pouco essa pergunta em relação aos principais obstáculos que impedem ou dificultam o desenvolvimento maior da Diaconia nas Comunidades na IECLB. Você falou que falta que lideranças ordenadas digamos assim assumam [...]

Taiana: (Incompreensível)

João: [...] a Diaconia com prioridade, e também a questão da espiritualidade né, além disso. [...]

Taiana: Ordenado tem haver com reconhecimento, só, não é um status ou coisa assim, que eu não vejo, mas um reconhecimento da importância desse setor né, é desculpa, mas eu fixei agora nesse na palavra ordenado.

João: [...] É. Voltando assim, quais são os os elementos que você acha que, os principais elementos que atrapalham o desenvolvimento da Diaconia nas Comunidades hoje, onde que onde que a pedra aperta o sapato, onde o que que nós tínhamos que resolver para que a Diaconia pudesse desabrochar?

Taiana: Eu acho que é a dificuldade de eu praticar a Diaconia, é mais fácil falar do que fazer [...]

João: Sim...

Taiana: [...] E, é o "know-how" os membros não tem, "tá eu sei que tem pobres aí, a gente devia fazer alguma coisa", mas não sabe como. Aqui nós tivemos uma Irmã jovem que hoje ela é Diácona, em São Paulo, a Irmã Schraumann, ela foi Irmã aqui e não se contentou também em não fazer nada, ela começou um trabalho de base, e usou então esse trabalho de bairro para fazer a sua monografia e coisa assim. Aí eu sempre pensei ficamos ali, a Irmã saiu, nada mais foi feito e eu sempre tenho a consciência quando falam: "pois é a Casa Matriz, centro diaconal, o que nós temos fazendo?" Nós não temos olhando pro bairro, fazendo nada, nós temos ajudando nossos funcionários aqui, temos um lar que precisamos sustentar que não é nada fácil. Gostaríamos que esse lar fosse assim um exemplo de Diaconia, de respeito à dignidade das pessoas até o final. Então é isso que nos ocupa, com as poucas forças que nós temos, nós não temos muitas forças, as nossas Irmãs estão fora e o que nós podemos fazer... são também Irmãs aposentadas aqui né, não não vai longe, então nós não podemos fazer começar um trabalho de bairro. E aí fica consciência né: nós deveríamos, mas não fazemos. E o mesmo acho que acontece com os membros da Comunidade São Leopoldo: "pois é nós deveríamos, mas como? Quem começa? Quem organiza?", a organização.

João: Beleza. E aí liderança você acredita?

Taiana: É o Ministério... alguém, por exemplo, em vez de contratar mais um Pastor contratar uma vez um Diácono ou uma Diaconisa lá onde não existe quase ninguém, quer dizer, nós estamos bem bem precárias em termos de pessoas, aí não podemos sonhar muito alto, mas se se a Comunidade de São Leopoldo contratasse alguém do Ministério Diaconal e mexesse com a Comunidade ia dar certo, mas não tem uma liderança que vai na frente.

João: Perfeito, fosse alguém que fosse articular.

Taiana: Articular, isso.

João: Perfeito, em termos de elementos sociais, culturais e religiosos, presentes nas Comunidades, o que que tu acha que atrapalha mesmo a prática da Diaconia? Existe algum elemento cultural que atrapalha ou religioso, religioso você já disse a questão teológica também né, mas a nível cultural, social, o que que atrapalha aí? É possível identificar alguma coisa?

Taiana: É, existem ainda ideias racistas... Eu me lembro quando eu ainda viajava para visitar os grupos de OASE, muito forte lá no interior de Santa Cruz o Pastor disse: "É aqui o pessoal ainda diz: "die blau" e eles não têm acesso aos bailes, eles não podem ir aos bailes (incompreensível)". Assim desprezo total por gente de outra raça. E eu acho que isso não se deixa erradicar tão facilmente, existe racismo sim. Nós... "eles não merecem eles são preguiçosos", quer dizer muitas dessas ideias circulam aí nas cabeças dos membros: "eles não têm porque não querem".

João: Meritocracia né?

Taiana: É... e não veem o círculo vicioso, eles não aprenderam, por isso violência gera violência, então pra quebrar uma vez esse esse aí precisa de pessoas que abrem a cabeça, se não isso não muda.

João: Então existem preconceitos que atrapalham?

Taiana: Tem, tem.

João: Em relação aos negros você disse?

Taiana: Também sim... os pobres né, como eu disse, aquelas frases que a gente conhece... "nós trabalhamos eles não trabalham", né, "o que eu tenho é porque eu conquistei com (incompreensível) com trabalho duro".

João: Sim!

Taiana: Então isso isso acho que ainda é bem forte.

João: Perfeito. Voltando, só atualizando uma, você escreveu em 75 que existia a maioria dos membros da IECLB, a maioria tinha uma perspectiva conservadora, ah... em termos de sociedade também, você... isso pode se aplicar ainda hoje, a maioria dos membros, há uma perspectiva política que predomina ainda no interior da IECLB, que ajuda ou atrapalha a Diaconia?

Taiana: Política? (risos).

João: Política não no sentido partidário, entendeu? Perspectiva de visão de mundo, de de conservadora ou... você acredita que há uma perspectiva que predomina ou não? (Silêncio)

João: É possível afirmar que a maioria dos membros são conservadores, ou são progressistas?

Taiana: É... só pensando no barulho que deu aqui com a Renata (incompreensível) quando nós tivemos o culto... estavas presente no culto?

João: Eu ouvi o barulho só (risos).

Taiana: 80 anos né, barbaridade.

João: Eu só ouvi o barulho mesmo.

Taiana: Só ouviu o barulho é... pois é são alguns elementos, não é todo mundo, mas eles são fortes, eles são muito influentes: "ah... ela usou a oração para para fazer política partidária". Não foi! Ela ela fez aquela oração pensando em certas em certos problemas brasileiros, mas não foi partidário, mas logo é interpretado assim. Né, "ela ela é petista, (incompreensível), se ela fala assim". Então isso é forte.

João: E tem interferência com a prática da Diaconia será ou não?

Taiana: Tem..., tem sim.

João: Perfeito, quer tomar uma água? Faltam só duas perguntinhas.

Taiana: (risos) Não, tá bom.

João: Beleza. Ah... como você avalia o nível de... duas palavras chaves: consciência e sensibilidade diaconal. Essa sensibilidade diaconal pelas pessoas que sofrem. Como você avalia essas duas coisas no geral assim da IECLB hoje? As pessoas são sensíveis às dores ou sofrimentos, e são conscientes?

Taiana: A sensibilidades gera consciência né, não é uma consequência da sensibilidade, se eu não sou sensível... é, mídia tenta sensibilizar né.

João: Mas as pessoas por si só elas são, elas tendem a ser sensíveis ou não?

Taiana: Se eles tendem? (Silêncio). Aí a fé tem que mexer as pessoas né, de eu não só pensar em mim. Se eu só penso no meu pão de cada dia, e descubro que é o nosso pão de cada dia, que eu preciso pedir, acho que é muito "meu pão de cada dia" que as pessoas perseguem né?

João: Na IECLB também?

Taiana: É, e quanto mais necessidade passam... também não dá pra dizer, as vezes são as pessoas que mais necessidades passam que também são sensíveis para a dor do outro. São perguntas difíceis... eu só posso responder por mim. (Risos).

João: Fica fica livre... E só mais ainda uma aqui e daí uma pra fechar. Você está numa instituição hoje né, e tem a sua história muito ligada a uma instituição que é a Casa Matriz e a OASE. Mas como você avalia a relação existente entre as Comunidades da IECLB e as instituições da IECLB? Há uma distância grande e há comunicação?

Taiana: Entre as Comunidades e a [...]

João: E as instituições., diaconais né.

Taiana: [...] Aham. Foi comentado num Congresso que, Congresso não, numa Assembleia Sinodal aqui, nós temos muitas instituições de crianças na grande Porto Alegre, elas surgiram motivadas pelas Comunidades, mas as Comunidades se retiraram. Isso isso é muito forte, não não persistiram no seu compromisso com essas Comunidades, acharam que deviam ser agora independentes, nós damos um chute inicial e agora se virem. Acho que aí falta falta mais afinidade, mais senso de responsabilidade para com... [...]

João: Das Comunidades.

Taiana: [...] ou também até de de conhecimento né, isso foi comentado naquele Congresso, né naquele naquela Assembleia. Nós temos que falar, nós temos que divulgar o que que são essas instituições, quais são as necessidades que elas têm,. As pessoas não sabem: "ah é ah". Ah... tem tantas crianças que precisam de mamadeira por dia, "não sabia", assim.

João: Desconhecimento.

Taiana: É, realmente a distância é muito grande.

João: Perfeito. Então pra fechar Taiana, ah... o trabalho, nosso trabalho no doutorado, ele busca evidenciar dois elementos que são: os limites da Diaconia na IECLB e as possibilidades. Pra a partir daí a gente conseguir fazer um planejamento pé no chão né. Então pra fechar a entrevista assim tem alguma coisa ainda que você quer dizer em relação aos principais limites que que você acha que a igreja deveria se preocupar em relação a Diaconia, os principais limites, as principais dificuldades e depois... mas também as possibilidades os pontos fortes que nós temos. Pode se fixar só nos limites agora e depois...

Taiana: Eu acho fundamental nós pensarmos na importância das lideranças, a formação diaconal. É, até nós chegamos ao mesmo nível né de Ministério... Ministério... o nível de formação acadêmica, mas eu acho que as Comunidades até fazem cursos pra pro pessoal... é é ou até a Igreja faz cursos de liderança, mas não é suficiente, precisamos de cursos... E aí uma uma pessoa que toma realmente essa essa frente, quando a Casa Matriz foi fundada também precisou de pessoas líderes que tomassem a frente. E isso não vai funcionar se nós não temos uma liderança que que tome a frente e e e pensa "nós não vamos chegar a lugar nenhum se nós não investirmos nisso".

João: Sim...

Taiana: O limite eu vejo ali nas pessoas. É um certo círculo vicioso, não temos lideranças, não vamos criar lideranças, não criamos lideranças e não vamos ter! Isso.

João: Perfeito. E nesse processo o Ministério Compartilhado ele tem uma importância, uma um papel fundamental ou não?

Taiana: Sim, é, de novo, eu faço parte de um pequeno grupo, quem lidera isso é o Dionata. o Dionata faz parte do GT que a Igreja convocou no Concílio, agora o Dionata não é a pessoa ideal pra articular. Ele é muito lento ele... eu escrevi para ele: "nós estamos patinando", ele respondeu "nós, não, nós não estamos patinando", e eu acho que sim (risos). Agora tamo na fase de ah... fizemos uma vídeo conferência e começamos a fazer uma pesquisa. Elaboramos um texto pra pesquisa nas Comunidades, acho que aquele texto não saiu ainda... E devia tá pronto essa pesquisa, e não sei mais o que, o modelo de curso devia estar pronto pro concílio. E eu pensei eu vou me reunir com a Silvia Genz e uma vez cutucar (incompreensível), ela também não articula né, e pra ver se a gente não empurra esse carro.

João: Perfeito. Então esse é o principal limite que você acha, a ausência de lideranças que.

Taiana: É no momento sim.

João: Que articulam, que fomentam.

Taiana: Eu acho que as Comunidades tem boa vontade, e a palavra Diaconia não é mais desconhecida, ela circula, mas as Comunidades não sabem como fazer Diaconia, como praticar.

João: Perfeito.

Taiana: Aí quando a Casa Matriz foi fundada o foco era saúde e criança pequena. Nosso seminário tinha três focos: era idosos, crianças pequenas e Comunidade, assistente comunitário, são bons focos, mas se perdeu, a EST não forma.

João: A formação está em crise.

Taiana: Tá.

João: Perfeito. E ainda, os... quais são as possibilidades tu acha, assim, os pontos fortes que a gente pode elencar na IECLB, que tem coisas bonitas acontecendo né, tem algumas coisas devem ser destacadas?

Taiana: Eu acho que a Rede de Diaconia foi uma boa invenção (risos), isso surgiu [...]

João: Em 2012.

Taiana: [...] é, eu acho que antes ainda já ouve assim a alguns indícios no Departamento de Diaconia, aí também Irmã Hildegart tentou reunir os diversos, as diversas iniciativas né, setores (incompreensível), e depois disso desembocou então numa organização chamada Rede de Diaconia, e eu acho que tem boas lideranças ali. É e eu tenho o WhatsApp da Rede de Diaconia, tem boas lideranças, mas poucas se manifestam, eu também não me manifesto, é porque é tão limitado o recurso do WhatsApp, é muito limitado, agora com a pandemia claro, para tudo né. Mas é uma possibilidade de a partir da Rede de Diaconia ser sermos mais ativos. Só que assim, se a gente considera as diversas as diversas setores que participam da Rede então são as instituições, por exemplo, também o, como se chama, que trabalha com drogaditos a o Cilene.

João: É Cerene.

Taiana: É Cerene, é uma área que me interessa como isso deveria progredir né.

João: Sim!

Taiana: Mas cada setor é tão sozinho... e uma reunião por semestre não não ajuda, devia ter vínculos entre. Aí tem a FLD, eu acho que ela sabe articular bem, a Kuss, aí a [...]

João: Cibele.

Taiana: [...] Cibele, mas alguns setores: indígenas, CAPA, estão no foco, mas aqui também, eu tô no na na no Conselho Diaconia do Sínodo né, agora parou, mas nós tivermos assim

bons, boas ideias, o Labes tá dentro disso também, mas o grupinho também muito frouxo tudo. E aí dissemos assim, tem uma organização que se chama AVIDI que reúne os as instituições de idosos, também uma uma união, um reunião por ano, não é nada, se realmente querem se frutificar mutuamente, não tem conexão entre eles né. É contada as suas dificuldades e fazer propostas assim né, e devia haver uma organização que reúne as instituições de crianças, de que seja só aqui no Sínodo, seria uma possibilidade, isso nós já falamos, que nós deveríamos ter uma articulação entre as instituições de adolescentes. Eu acho que a CEPA até tem, até reúne as instituições de Porto Alegre, mas acho que também não assim que elas se ajudam, e aí nós somos assim, o Labes ele embarcou muito nisso, as lideranças que nós já tivemos em termos de Diáconas, a nossa Irmã Heide trabalhou numa instituição, tinha a Leila Schwingel numa outra. Então tinha lideranças que que sabiam o que o que é IECLB, hoje tem lideranças que não sabem isso. Então falta alguma coordenação. Isso seriam possibilidades de fortificar -se, o Labes tem uma experiência tremenda né, em termos de... não, o Labes não, o Bock.

João: É que tem o Carlos Gilberto Bock e o Carlos Eduardo Bock.

Taiana: É, o Carlos que agora é Sinodal.

João: Carlos Eduardo.

Taiana: Trabalhou lá na na na ABEFI, a experiência que esse homem tem em termos de instituição para crianças é incrível, devia haver um meio de de de ajudar-se mutuamente, mas isso não tem.

João: Então está bem acho que é isso.

Taiana: Não acabou a bateria?

João: Não, graças a Deus que não (risos).

ANEXO 8: ENTREVISTA IVÂNIA

João: Estou te ouvindo muito!

Ivânia: Tais me ouvindo muito bem?

João: Sim!

Ivânia: Aí então vou deixar o o microfone de ouvido (risos).

João: Perfeito, perfeito! Você está me ouvindo bem?

Ivânia: Estou ouvindo bem sim, aham!

João: Perfeito! Então Ivânia muito obrigado, minha gratidão por sua participação, ah... sua participação é muito importante para nossa pesquisa. Essa pesquisa é ela é financiada pela Igreja da Noruega, e tem como apoio a Secretaria Geral. E o nosso objetivo é fazer uma análise de como a Diaconia hoje é assumida pelas Comunidades né.

Ivânia: Sim.

João: É uma análise aprofundada, por isso nós temos várias etapas, a pesquisa analisa todos os documentos, tudo aquilo que nós temos publicado em termos de Diaconia e quando a gente analisa os documentos e a história também, a gente percebe que a OASE tem um papel fundamental, que a OASE... sem a história da OASE que é belíssima e você é testemunha disso né, é difícil imaginar como estaria a Diaconia na IECLB hoje, porque as mulheres, elas assumiram o protagonismo desde muito cedo né, e hoje a OASE é um é um orgulho pra IECLB, ter um grupo tão bem organizado, tão bonito, tão tão massivo né. A OASE tem em quase todas as Comunidades, não sei como como que você avalia assim, quantos grupos de OASE que tem no Brasil hoje, tem uma estimativa sobre isso?

Ivânia: Temos, temos sim! Olha eu não não posso te dizer assim se é 1192 ou 93, mas redondo 1200 grupos, pelo seguinte, é que grupos em língua alemã tão fechando tá. [...]

João: Sim!

Ivânia: [...] Então nesse momento eu não sei se fechou mais algum né, mas assim redondo são 1200 grupos e nós somos 26 mil mulheres pagantes. Isso quer dizer o que? Nós tamo... talvez nós sejamos 30 mil mulheres, porque nós ainda temos mulheres que não pagam né, então quando a gente pede pra elas nos mandarem assim ó: "qual é o número né?" Aí elas colocam

só as pagantes e eu tô trabalhando que seja todas, independente se elas contribuem ou não, são mulheres que participam. [...]

João: Sim.

Wilhermina: [...] A gente pode dizer o que? Vamos... 28 mil mulheres.

João: Sim... pô perfeito... É mui é mui é muita coisa né?

Ivânia: É muita coisa, é muita coisa. E depois nós temos assim uma alegria muito grande, que eu também participei dessa jornada, um Sínodo não tinha grupo de OASE, é o Sínodo da Amazônia, e eu estive lá quando foi formada então a OASE Sinodal do Sínodo Amazônia.

João: Que bacana, que bacana.

Ivânia: São, então a gente vê o comparativo né: eles têm agora três anos e nós temos o grupo em Blumenau e tem 117 anos, então você nunca pode comparar né o... por exemplo, lá o Nordeste ou Norte com o Sul, não tem como, de maneira nenhuma isso é né... também culturalmente né...

João: Sim, sim... é que a IECLB é uma Igreja do Sul né.

Ivânia: Sim.

João: Se nós analisamos hoje, por exemplo, dos 18 sínodos, 11 deles estão na região sul...

Ivânia: Sim.

João: Então acredito que o número das OASE's também no Sul é muito maior, né.?

Ivânia: Muito maior, muito maior, aham.

João: Perfeito.

Ivânia: Também o número assim de participantes né, por exemplo, o Vale do Itajaí é o Sínodo com maior número de grupos de OASE, e o maior número de ... eu não sei de mulheres, mas de grupos de OASE é, depois vem o Norte Catarinense, Santa Catarina.

João: Sim.

Ivânia: Nem é Rio Grande do Sul né, então ir por exemplo, o Sínodo vale do Itajaí é um Sínodo pequeno, aí também né, vê a comparação com, não tem como sabe.

João: Sim, perfeito! Oh... Ivânia, então a nossa nosso objetivo aqui é apenas bater um papo. Então como você percebe a prática da Diaconia entre os grupos da OASE né, basicamente é isso, então assim, nem se preocupe muito oferecer dados históricos, é mais mesmo a sua opinião em relação a como as mulheres hoje na IECLB se envolvem com ações diaconais. Eu estou fazendo um levantamento das ações diaconais nesse período de pandemia também, vou apresentar... vai ter uma reunião do CONAD, eu acho no sábado pela manhã...

Ivânia: Sim, sim, eu participo também, a OASE participa.

João: Isso... Aí eu vou apresentar esse levantamento, é interessante perceber sabe Ivânia, que é a OASE de novo que tá carregando sabe, a Diaconia na IECLB nesse período de pandemia né.

Ivânia: Está, está realmente. Ah... e tem uma coisa sabe João, João Henrique, o que aconteceu? Começou a pandemia, começaram as máscaras, em nenhum momento a OASE Nacional entrevi, disse assim: "olha vocês vão agora trabalhar com máscara". Não! Elas de livre iniciativa começaram a fazer as máscaras e distribuíram de de de diversas maneiras, fizeram varais onde penduraram assim sabe, aí o povo poderia pegar, aí depois chegou o momento de ajudar ah... aí trocava uma máscara por 1kg de arroz, aí fizeram as cestas básicas. Então foram entregue as cestas básicas para as famílias que estavam necessitando, isso foi do Norte do Brasil ao Sul, sabe não houve assim: "olha vocês tem que começar assim", cada uma por si começou, trabalhou, batalhou e então aí depois elas foram colocando, por exemplo, uma costurou 5.000 máscaras, e não é assim que aquela que costurou deu o tecido, a linha, não! Outra forneceu linha, uma forneceu tecido, a outra forneceu elástico, sabe assim, é o trabalho diaconal da OASE: é aquele olhar lindo, diaconal das mulheres da OASE tá!

João: Sabia Ivânia que eu estava estava... estou fazendo todo um levantamento das daquelas ações que foram publicadas nos sites, nos grupos de facebook né.

Ivânia: Sim, aham.

João: E aí eu fiquei até meio emocionado né, porque eu sou paranaense, meus pais moram em Capanema, e as famílias todas né envolvidas né, mulheres lá do interior do Espírito Santo né, [...]

Ivânia: Sim.

João: [...] interior aqui do Sul sabe. A família toda ali envolvida né, é tão bonito é tão lindo né, e eu acho como você se... deve se sentir bem também você fazendo parte disso né, um grupo que envolve tantas e tantas mulheres, que a maioria delas você nem conhece né, acredito né, a grande maioria (incompreensível).

Ivânia: Não, a grande maioria eu não conheço e eu vejo assim um carinho muito grande. E nós, na semana passada, nós tivemos uma vídeo conferência, aí Pastora Márcia Blasi deu e... ah... pra cada uma Sinodal falar, então elas vieram com questões de OASE, questões que eu nem tenho gerência João Henrique, como é que eu vou opinar se dentro de uma Paróquia a OASE pode voltar a se encontrar, isso é questão do Ministro ou da Ministra com o grupo de OASE do Sínodo e jamais com... IECLB, e jamais com a OASE Nacional, mas elas querem a minha opinião. Então isso também me deixa assim bastante... eu vejo assim que o contato é recíproco né, assim de... o diálogo né.

João: Sim, perfeito! Oh... Ivânia, então quando você circula pelas pelos grupos né, você disse que já esteve na no Amazonas também...

Ivânia: Estive, estive... Amazonas, Brasília.

João: Quais são os tipos de Diaconia que mais frequentes que você vê que as mulheres se envolvem, não só nessa época de pandemia, mas também antes?

Ivânia: É, sim, no dia a dia né? Então às vezes eu visito o grupos de OASE, aconteceu em Brasília, então elas fazem a comparação com o Sul: "ah porque lá eles têm o hospital, porque lá tem não sei...", aí eu coloco assim: "mas vocês fazem o quê, qual é a ação diaconal?", "ah... nós fazemos visitação, nós oramos quando pedem oração, nós fazemos enxoval de bebê, ah... nós levamos cesta básica", eu disse: "mulheres do meu Brasil aí está a Diaconia pura". Sabe, então elas acham que como nós aqui em Timbó temos um hospital, elas também teriam que ter lá, mas isso aconteceu em outro momento, isso hoje em dia não é mais viável, a mesma coisa o cuidar da criança né, ah... por exemplo, nós iniciamos um jardim de infância quando aqui a companhia Hering... as mães foram trabalhar. Lembra na época de de 60, 50, as mulheres começaram a trabalhar fora? Aí elas não tinham como, onde deixar suas crianças [...]

João: Sim.

Ivânia: [...] aí começou a OASE, carregando areia, etc e tal. As mulheres da OASE começaram o jardim de infância. Hoje em dia um jardim de infância coordenado pela OASE só tem um, que é aqui Blumenau, Itoupava Seca, porque ah... não é coordenado, seria assim mantenedora, onde que a OASE era mantenedora né, porque isso... a demanda da da da por exemplo, que é exigido num Jardim de Infância, nós não temos mais competência. Ele tem que ser acoplado numa escola né.

João: Sim, sim, perfeito.

Ivânia: Não sei se estais me entendendo?

João: Entendo sim, perfeito... Porque também surgiram isso justamente pela ausência do estado, né?

Ivânia: Exato, muito, muito.

João: "O estado não está presente então nós temos que fazer alguma coisa". O estado tá um pouco mais presente do que uma vez né, então não faz mais sentido também manter alguns projetos.

Ivânia: Exato... e também nós não temos porque é exigido muito né, você tem que ter além como nós tínhamos uma professoras, você tem que ter toda toda uma assessoria grande, um né, então a gente por exemplo, o nosso jardim de infância nós demos para uma escola, a escola Barrão.

João: Sim, perfeito.

Ivânia: Assim que funcionou né.

João: Perfeito, e essa Diaconia comunitária mesmo, assim, Ivânia, de visitação, qual o tipo de ação que você acha que é mais que mais acontece nos grupos da OASE pelo Brasil, assim, quais ações que elas estão focadas?

Ivânia: É não... não é só visitação a membros da Comunidade, primeiramente é isso, isso a OASE, apesar dela ter iniciado para ajudar o seu semelhante, para fora, tá acontecendo que muitas vezes é mais dentro da Comunidade, porque também há uma outra realidade, a Comunidade também precisa né, então, mas elas não visitam só entre si, elas visitam instituições tá, elas por exemplo, houve uma visita muito grande aqui em Blumenau na cadeia, na, é no presídio.

João: (Incompreensível).

Ivânia: Sim, sim... uma ação diaconal muito bonita. Então..., dependendo né, de da instituições de drogados né, então a gente vai lá pergunta o que necessita, aí nós levamos, vai o Ministro junto né, e trabalhamos, isso não quer dizer que vai o grupo todo, mas cada um dentro da sua possibilidade.

João: Perfeito, ok! E qual a porcentagem de participação assim dessas ações diaconais?

Ivânia: Essa essa porcentagem eu não saberia dizer.

João: Não precisa falar exatamente, mas assim a maioria se envolve? Ou a maioria não se envolve?

Ivânia: A maioria se envolve, não se envolve talvez pessoalmente. Por exemplo, "ah tá, nós vamos visitar fulana de tal, eles estão com dificuldade de comprar remédio". Não é que a pessoa vai junto visitar, mas ela auxilia na compra do remédio.

João: Perfeito.

Wilhermina: Então existe várias maneiras de auxiliar, lógico, como em todo lugar né, existe pessoas que também não cooperam né, então...

João: Aí não tem o que fazer.

Ivânia: Mas isso eu diria que é um mínimo, o mínimo.

João: Perfeito. E existem grupos também pelo Brasil que não são tão comprometidos assim com a Diaconia ou tu acha que a maioria dos grupos tem tem essa consciência da importância da Diaconia (incompreensível)?

Ivânia: Tem, é tem. É um trabalho grande que nós estamos fazendo, porque agora eu até... eu uso sempre o termo: "Comunhão, Testemunho e Serviço, e Diaconia", porque elas quando iniciou agora na IECLB, aonde que cada Sínodo tem o seu Departamento de Diaconia então elas dizem: "mas o que é Diaconia?" ela (incompreensível) claro que ela vai muitas vezes além de um grupinho de OASE que nem sempre tem, porque também é assim sabe João Henrique, você vai visitar a pessoa, não é só visitar e nunca mais voltar, você tem um comprometimento se você diz: "logo nós voltaremos, nós temos que voltar", e se nós temos um comprometimento de orientar a pessoa, de repente ela tem uma dificuldade de ir ao SUS

né, nós temos esse compromisso. E é isso que a OASE Nacional tá fazendo, então nós estamos assim fazendo oficinas, seminários, voltados para isso, de orientação também né.

João: Perfeito, show!

Ivânia: Não sei se respondi ou que?

João: Não, respondeu, respondeu... E eu queria te perguntar ainda, quais, na prática assim, do trabalho com a OASE, ah... qual a melhor forma de motivar elas pra ação diaconal? É...

Ivânia: A motivação?

João: (Incompreensível) motivam as pessoas pra para a Diaconia, na sua opinião?

Ivânia: Olha, a gente percebe quando vem mulheres, agora recentemente uma enviou, isso ano passado, ela se sentiu acolhida né, tava lá um grupo que ouviu ela, escutou ela, que foi buscar ela em casa pra que ela retornasse e com isso, com esse gesto, dela ter sido acolhida, servida, ela automaticamente: "não, eu quero ajudar, o que eu posso fazer?"

João: Perfeito.

Ivânia: Então, é, né. E uma preocupação nossa atualmente é de nós também ouvirmos a participante da OASE, porque muitas vezes ela está lá, ela ela tá auxiliando, mas ela também quer ser ouvida.

João: Sim!

Ivânia: E esse olhar diaconal nós temos que ter, nós temos que perceber que aquela pessoa lá tá quietinha no canto né. E isso isso, esse trabalho nós estamos fazendo e aí a gente motiva, busca palestrantes, a gente exempli... dá exemplos né. Então... daí também vem aquele carinho sabe, aquele amor né... é um termo que eu gosto muito: "olhar diaconal", é aquele sabe assim, aquele olhar amoroso para com a sua companheira né, assim que tá ali do lado que tem dificuldades, e com isso a gente também gera que... vamos para fora, vamos auxiliar fora né.

João: Show, que bacana. No fundo é esse amor que acolhe.

Ivânia: Que acolhe, aham.

João: E que motiva para a pessoa servir.

Ivânia: Sim, sim, aham!

João: É esse abraço que fortalece, que motiva a pessoa; interessante...

Ivânia: Eu até vou te dar um exemplo assim João Henrique, eu não sei se entra na tua pesquisa.

João: Sim, sim...

Ivânia: Há três semanas atrás eu recebi uma carta, escrita punho, com uma cruz de crochê dentro: "querida amiga Presidente Nacional da OASE, eu sei que você está no no no... também não pode sair, tem um marido bastante doente, duas cunhadas hospitalizadas", e aí ela botou assim: "o que eu posso fazer por ti, enquanto tu não me disseres o que eu posso fazer por ti eu tô te mandando essa carta carinhosa". Quando a gente só manda e-mails, só manda por Whats, ela mandou pelo Correio. Vê que coisa linda.

João: Lindo, lindo, que bacana.

Ivânia: Né, então são situações né.

João: Bah, muito massa. Ah... perceber que aquela pessoa escreveu a punho mesmo né.

Ivânia: A punho, a punho, fez questão né...

João: Lindo. Sabia que são pequenos gestos, mas que são gestos tão bonitos e que nos fazem tão bem né.

Ivânia: Faz muito bem. E isso ela não fez não somente para mim, mas ela fez pra turma dela toda da OASE, sabe? Então elas tão interligadas né, porque nós temos pessoas jovens na OASE sim, nós temos bastante grupos de OASE noturnos, mas nós também temos muitas pessoas idosas, então todas estão no grupo de risco sabe, então aí é que é né. (Risos)

João: Perfeito, não tinha me dado conta disso, embora é algo...

Ivânia: Sim, sim. Mas é algo que a gente tem que se aperceber né, porque.

João: Então Ivânia, a gente sabe que nem tudo é flores né, nem tudo são flores.

Ivânia: É, nem tudo.

João: Aí quais... que dificultam, que atrapalham o trabalho diaconal da OASE hoje, dos grupos de OASE?

Ivânia: Eu não vejo que algo atrapalha, eu vejo as vezes pessoas desmotivadas, mas agora no elas atrapalhar não vejo, sinceramente eu não não não eu não sei em outras regiões, mas isso eu não percebo aqui onde é que eu tô mais... Claro é uma coisa assim que que quando você vai visitar o grupo, você é recebida com honras e tal, você não percebe isso né, mas eu acredito que não haja nada que que dificulte, o que pode de repente dificultar como eu falei, a questão de idade, e também para jovens que vão né, nos grupos, elas trabalham fora, então elas não tem aquela possibilidade de participar. Isto eu vejo como uma dificuldade sim, seria assim o mais... [...]

João: A agenda cheia né.

Ivânia: [...] Agenda cheia sim, porque se trabalha fora, a noite tem que cuidar também filhos, família né.

João: Sim.

Ivânia: Não dá pra... Uhum...

João: Oh... Ivânia, quando você anda... viaja por aí, também a experiência que você tem no seu próprio grupo... Você mora em Blumenau né?

Ivânia: Eu moro em Blumenau é.

João: Feito. Como você avalia assim o nível de consciência e sensibilidade diaconal das participantes da OASE assim. As pessoas elas elas são sensíveis para para a dor da pessoa para qual elas ajudam?

Ivânia: São, são, e muito, e muito. Sabe isso é uma coisa assim que que me chama muito atenção, essa sensibilidade sabe, de de de e também assim até vivenciar isso muitas vezes junto, é claro que às vezes nós não percebemos né a questão da violência contra a mulher, já aconteceu de terem grupos de OASE né, que aconteceu a violência e a gente não percebeu, mas quando percebeu, aí veio então de de de de... como a gente auxiliar essa mulher... aí todas entraram, todas tiveram uma sensibilidade que... né de de de caminhar junto com elas, que Blumenau é um reduto muito grande de violência contra a mulher.

João: É?

Ivânia: Muito, muito mesmo.

João: E você percebe também esse tipo de violência no resto do Brasil assim também, ou você ouviu relatos de participantes da OASE que sofrem?

Ivânia: Sim, sim! Ah... um relato muito grande até foi feito por uma das nossas coordenadoras no Espírito Santo, sabe, ali também elas quiseram ajudar, mas a pessoa não se deixou ajudar, então também tem esse lado né, então sabe o que que é João Henrique, a cultura. Porque a cultura europeia, a cultura alemã, é cabeça dura sabe, ela é teimosa, e não permite que a gente né, entre dentro da casa e ajude, isso também tem influência.

João: Sim, perfeito. É uma... e ainda mais em contextos de interior como tem no Espírito Santo.

Ivânia: Interior! Interior! A gente aqui em Blumenau já não é mais tanto, que Blumenau cresceu muito, então não tem mais aquele interiorzão né, como tem o Espírito Santo, e né.

João: Sim! Perfeito. Oh Ivânia, Ivânia, ah... você acredita que existem elementos da cultura, elementos da sociedade, que estão presentes entre as mulheres que dificultam esse esse despertar delas pra Diaconia, ou não que... como eu posso dizer... que impede que ela se sensibilizam, existem alguns elementos presentes assim? Como você trouxe um agora, por exemplo, a cultura europeia né.

Ivânia: Uhum, uhum. É o único que me me... porque se eu vejo também, tu tens uma outra pergunta ali em relação até a... como que era a pergunta agora que eu não me lembro, ali né, econômicos, religiosos, elementos culturais, religiosos né, então eu não vejo econômicos e religiosos não... Não vejo, a não ser fatos que aconteceram na IECLB né de de a gente sabe, aquela vez que aconteceu né de de de a Igreja separar, presidentes sinodais saíram da nossa Igreja, foram né, mas assim a única coisa que eu vejo que elementos culturais de repente sim.

João: Quais por exemplo?

Ivânia: Não, é essa questão né, tu tem a cultura que tu não pode ser ajudada. E aí: "não eu tô em dificuldade, eu não tenho o que comer, mas eu não dou o braço a torcer de pedir um pedaço de pão". Isso tem, tem sim.

João: Que é quase como aquele orgulho né que.

Ivânia: É um orgulho sim, é um orgulho do do do vamos dizer do Alemão né, (risos), cultura germânica né.

João: Ok. Oh... oh Ivânia, quais são os grupos que que ... presentes na sociedade, ou seja, com quais os públicos na sociedade que os grupos de mulheres hoje da IECLB possuem maiores dificuldades em desenvolver ações diaconais? Ah... e temas também né, por exemplo, um que você já disse que a questão da violência contra mulher, porque é um situação complicada e exige uma certa formação né, por mais que se tenha boa vontade muitas vezes falta, nos falta instrumentais pra conseguir agir de uma forma eficiente naquela situação né, porque às vezes não tem como você entrar dentro da vida da pessoa e viver por ela e, né. [...]

Ivânia: Exato, agora essa.

João: [...] (Incompreensível) mas além (incompreensível), além desse público qual outro você acha que as as OASE's tem dificuldade em trabalhar e que deveriam estar trabalhando?

Ivânia: Olha, eu acredito que isso tem mudado bastante, porque eu posso te dar assim um exemplo bem concreto: São Paulo, centro de São Paulo. Quando nós estivemos lá né, quando até houve o problema com a Igreja tal. Ah... o que essas esse trabalho, o que essas mulheres da OASE fazem com as pessoas que moram na rua, em outras épocas isso não acontecia, isso é um trabalho que tá acontecendo agora, onde é que elas estão se envolvendo, conversando com essas pessoas, e o que acontece quando você tem a frente disso um Ministro, uma Ministra, que puxa isso sabe que que, como é que eu vou dizer... motiva né. E outra coisa que eu vejo também que tá acontecendo cada vez mais, estão entrando em vilas e favelas, o que também não acontecia. Um exemplo aqui aconteceu na e na praia Balneário não, a outra lá em Itapema, os haitianos como eles foram recebidos. Onde é que dentro da Igreja houve até aula de de de língua portuguesa, eles aprendessem a língua portuguesa, era uma coisa que não acontecia. Agora esse envolvimento porque a mulher também sabe, ela tá se esclarecendo mais, quem diria que uma senhora de 70, 80 anos iria um dia usar um celular. Né então ela tá, porque ela quer dialogar com os netos, então ela também vai se aprimorando. Isso também nós temos assim conversado bastante em forma de de de seminário, até porque para a gente avançar. Aonde aqui dentro de uma cidade... a Pastora Márcia Hiller é aqui de Blumenau, ela faz parte de uma comissão na prefeitura e junto com esse problema de mulheres agredidas né, ela entrou como uma Pastora, mas ela está motivando uma turma pra que como isso eles também trabalham. [...]

João: Perfeito...

Ivânia: [...] Aí entra muito a motivação Ministerial, sabe do Ministro e da Ministra, porque as nossas mulheres elas aqui ainda, você vê né 2020: "há se o Pastor não vem dá OASE eu não vou", tá porque elas confiam, elas gostam, né o nosso Pastor o Anderson tem 30 anos ou 32 não sei, mas pra elas, até pra vovó de 80 aquilo é ... sabe? A gente acha... é uma coisa linda de ver... O quanto a IECLB, dentro na EST, tem que trabalhar isso com os Ministros os novos que entram, aquele carinho que elas esperam por eles na paróquia sabe, isso também acho muito bonito, né de...

João: Bacana. Oh Ivânia, ainda sobre... um pouco sobre isso ah é possível observar dentro dos grupos de mulheres a existência de preconceitos em relação a algum grupo social? Quando eu falo em grupo social assim como, públicos né, por exemplo, o preconceito uma vez era muito forte o preconceito em relação as pessoas afrodescendentes, aos negros né... pessoas de cor minha mãe falava assim né. [...]

Ivânia: Ah sim, a minha também (risos).

João: [...] E se houve também a questão dos preconceitos em relação a migrantes também, embora nós somos descendentes disso. Qual aí, qual o preconceito que tu acha que ainda precisa ser vencido?

Ivânia: Olha, é, é, esse preconceito ainda existe em qualquer grupo. A gente sabe que existe, às vezes ele tá lá escondidinho, mas existe né, a gente tem trabalhado bastante isso, porque nós somos "imagem e semelhança de Deus", nós não podemos né... e eu vi assim grupos falar também sobre homofobia e tal né, que eu percebi... eu vou ser bem (incompreensível)... assim um grupo de OASE que agora eu também sou presidente: nós temos caso de mulheres né, que no caso uma dela é lésbica, para nós não fez diferença nenhuma, jamais foi comentado, faz parte da diretoria, é uma pessoa fantástica. Agora eu já escutei em outros grupos comentários... mas aí são pessoas pessoas isoladas, não é grupo que ainda tem dentro desse aquele aquele preconceito, sabe, de de o tanto assim que a gente também não via mais antigamente, você não via uma pessoa de cor, né afro dentro da Igreja luterana, era muito difícil, mas temos bastante aqui. E como também eu vi um outro exemplo bonito, eu vi quando eu estive em São Paulo, lá nos 120 anos de Rio Claro, aquele grupo de "hipónico", como que é? japoneses... é hipónico como se diz?

João: É, isso...

Ivânia: É... um grupo de OASE de japoneses, dá pra você (risos)... tavam lá juntos cantando conosco, a coisa mais né... Então tá mudando, sim tá, mas isso não quer dizer que não exista, não podemos fechar os olhos pra isso.

João: Quais são os grupos, quais são que mais sofrem com isso? São os... a população afrodescendente, a população LGBT? O que que (incompreensível).

Ivânia: Eu acho que a LGBT, mais do que a afrodescendentes. A gente vê na própria IECLB né João, né, de nossos Ministros né, que que a gente sabe que não tem possibilidade... tá sofrendo lá, mas não tem possibilidade de..., porque por uma Paróquia vai ser aceito, mas pela outra não, a gente sabe, é isso. Né, então essa para mim ainda é a mais, [...]

João: Mais latente.

Ivânia: [...] mais latente, e a que mais tem que ser trabalhada.

João: Perfeito. E além desses dois grupos assim, qual que você acha que ainda... além dele (incompreensível), público LGBT tem outro grupo tipo imigrantes como que tu...

Ivânia: Não, não, porque até os haitianos foram muito bem recebidos né, então esse eu não vejo, eu vejo mais o outro lado... porque até é um tema se você traz para as mulheres não é todas que aceitam, e a gente sabe que tem muitas “vós” e mães que sofrem com isso, eu tenho casos que vieram chorando, sabe não sabia o que fazer como agir né, porque a gente só sente na pele quando bate na sua porta né, acontece com o outro não...

João: Perfeito. E o grupo de OASE justamente para muitas mulheres é única... é um grupo de terapia né.

Ivânia: É um grupo de terapia...

João: Que elas vão desabafar, que elas vão contar aquilo, as suas tristezas, as suas alegrias.

Ivânia: Aham, e elas esperam por aquele momento né, porque às vezes é a única saída delas também né...

João: Sim!

Ivânia: É de de de onde é que elas podem lá de repente sentar e tomar um café com amiga né.

João: Isso, isso.

Ivânia: Eu sempre... eu não digo café... eu digo a mesa de comunhão, porque nesse nesse momento que tu... Isso aprendi com Pastor Nelson Weightngner, eu sou uma grande líder é justamente por causa dele né.

João: É?

Ivânia: (incompreensível) Se você vai pra mesa do café, nesse meio tempo, muitas vezes você senta de um lado da sala, tu não conversa com amiga lá, porque ela senta lá. Esse é um problema da OASE que a gente nunca vai resolver, cada um tem sua cadeira cativa tá (risos). Então, mas na mesa do café: "oi como tu tá, como é que vai, como é que tão teus filhos?", e coisa e tal. Tu sempre tens um diálogo, então isso isso também é de de de suma importância né, aí tu vai para mesa da comunhão né.

João: Você sabia que, ah... eu também já andei bastante pelo Brasil, trabalhei na ADL no Espírito Santo um tempo.

Ivânia: Ah sim, aham!

João: (incompreensível) Vim do Paraná.

Ivânia: Tu sabes quem perguntou pra por ti queria saber quem era, é a Mônica Euvagner, que é a catequista que tá junto, ela disse que não te conhecia porque ela é lá do Espírito Santo, ela também tava na ADL.

João: Aham. Sim, pode ser.

Ivânia: Acho que (incompreensível) casal, o Anderson e a Mônica, não lembras deles né?

João: Não, é que são tantos Pastores sabe (incompreensível).

Ivânia: É verdade, não, não tem como assim... como eles acham que eu também tenho, elas acham que eu também tenho conhecer todos os Pastores no Brasil, mas não conheço.

João: Eu queria dizer que não é todas as pessoas que conseguem por exemplo ter um acompanhamento de um psicólogo né, para a maioria das das dos membros da IECLB o principal espaço de terapia são os nossos grupos.

Ivânia: Sim, sim!

João: É ali que eles tratam os problemas que (incompreensível) muitas pessoas tratam com psicólogos, não é no grupo (incompreensível) isso que é muito bonito. Então assim, a contribuição terapêutica da OASE também em relação aos membros, as membras é simplesmente gigantesca, não tem nenhuma pesquisa sobre isso, mas é lindo perceber isso né, ali é o lugar que elas se abrem, que os problemas são refletidos né.

Ivânia: Aham. E elas esperam já sim né, principalmente as idosas, as mais novas não, aí é um pouquinho (incompreensível), mas as idosas esperam: "aí tu não vai me dar aquele abraço", e de repente em casa nem sempre ganha né (risos).

João: Falta só duas perguntinhas ainda Ivânia. E essa é um pouco mais polêmica assim, você acredita que há uma perspectiva sócio-política que predomina entre as mulheres da IECLB, na atualidade?

Ivânia: Olha, eu não vejo, eu não vejo mesmo, ah... porque eu acho que quando a vida é respeitada tá, e você tem um cuidado com a vida, e o bem estar com a vida né, isso não acontece. Eu não vejo de maneira nenhuma que uma perspectiva... sabe de de de... já já aconteceu de querer assim mais não... eu não deixo.

João: É que ultimamente se tem muita, teve muitas brigas nas redes sociais né, sobre questões políticas bobas, e que acabaram causando muitas rupturas né. Então por isso que a gente tá consultando também né essa...

Ivânia: Sim, sim, sim... A não ser num, de repente que eu não tenha visto né, mas assim que eu, não.

João: Perfeito, ah... Ivânia você acredita que há alguma relação da predominância dessa perspectiva com o exercício da Diaconia presente nos grupos da OASE? Não né, porque você disse que que que...

Ivânia: Não, porque as mulheres né, é, é, é... o cuidado da vida e a prevenção da vida, e Diaconia é cuidado com a vida né.

João: Perfeito, esse é o imperativo, perfeito, show. Ivânia, eu te agradeço imensamente, e queria te perguntar se tem (incompreensível), acha que seria importante a gente, a pesquisa tomar conhecimento, que você gostaria de falar ainda.

Ivânia: Não, eu até tava olhando aqui o que eu anotei, alguma coisa de repente não né, mas tudo isso que eu ah... que eu anotei nós conversamos, assim até no diálogo foi foi melhor do que né, porque às vezes a gente tem assim muitas frases prontas né, e nem consegue, não consegue dizer o que é realmente a OASE né, mas pelo que eu vi aqui tá tudo tudo dentro do do do que eu anotei.

João: Perfeito! Então muito obrigado em nome da do pessoal que tá tá por trás, ano que vem essa pesquisa será apresentada no CONAD, tem tem uma tese aí. O Mauro de Souza pediu pra mim também escolher uma forma para ta disponibilizando os resultados pra a toda a IECLB, então... mas vai sair só em julho do ano que vem, é o prazo final para a finalização desse trabalho né. Por uma questão burocrática eu preciso que você assine aquele termo de consentimento que eu te mandei.

Ivânia: Eu mando pra ti pelo correio?

João: Não precisa, não precisa, porque eu tenho até julho do ano que vem, daí possivelmente a gente vai se ver numa reunião do CONAD, aí nessa reunião eu peço pra você assinar.

Ivânia: Pode, pode, se não eu mando por Sedex.

João: (Incompreensível) não tem por que.

Ivânia: Pra mim é tranquilo, eu também queria dizer para ti João Henrique, tem um filho chamado Henrique, meu caçulinha, tava aqui me assessorando né, se tu precisares de mais alguma coisa, se de repente eu não contemplei assim a pergunta como gostaria, ou qualquer coisa, fica, olha, a vontade, podes me consultar, estou aí para ajudar tá, essa é a função.

João: Muito obrigado pela preciosa contribuição sua, e te parabenizar pelo importante trabalho que você vem desenvolvendo a frente da OASE Nacional, você é uma das grandes lideranças da Igreja e a gente fica muito feliz em ter uma liderança da sua dimensão assim que é exemplo pra tantas mulheres nos rincões dessa Igreja.

Ivânia: Eu até vou te dizer uma frase que me mandou pelo Whats o Pastor Sinodal Sudeste, aí ele assistiu a live, aí depois ele botou: "Ivânia você me representa!" eu fiquei muito feliz sabe... (risos). E depois também João Henrique, a nos 120 anos né, deu trabalho, mas foi muito bonito. As 4500 mulheres aqui no... na Vila Germânica.

João: Eu acompanhei pelos meios digitais, fotos e vídeos né, e foi lindo, histórico, foi histórico!

João: Ivânia, tudo de bom, fica com Deus, e que Deus te de muita, continue te dando muita sabedoria e que ilumine os seus passos.

Ivânia: Igualmente pra você!

João: (Incompreensível) Um tanto quanto sombrios, mas que vai passar também.

Ivânia: Ai, eu espero que passe, um abraço bem grande.

João: Valeu, abraço.